Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação

Francisco Gomes Vilanova

Instruir a mocidade e espalhar a luz: imprensa escolar como estratégia de formação dos estudantes no Piauí (1930 - 1948)

Rio de Janeiro
2022

Francisco Gomes Vilanova

Instruir a mocidade e espalhar a luz:
imprensa escolar como estratégia de formação dos estudantes no Piauí (1930 – 1948)

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Área de concentração: Instituições, Práticas Educativas e História.

Orientador: Prof. Dr. José Gonçalves Gondra

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

V696 Vilanova, Francisco Gomes.
Instruir a mocidade e espalhar a luz: imprensa escolar como estratégia de formação dos estudantes piauienses (1930 – 1948) / Francisco Gomes Vilanova. – 2022.
400 f.

Orientador: José Gonçalves Gondra.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação

1. Imprensa escolar – Teses. 2. História da educação – Teses. 3. Escolarização – Piauí – Teses. I. Gondra, José Gonçalves. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

bs CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Francisco Gomes Vilanova

Instruir a mocidade e espalhar a luz:

imprensa escolar como estratégia de formação dos estudantes piauienses (1930 - 1948)

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Área de concentração: Instituições, Práticas Educativas e História.

Aprovada em 15 de março de 2022.

Orientador

_____

Prof. Dr. José Gonçalves Gondra
Faculdade de Educação – UERJ

Banca Examinadora:

_____

Prof. Dr. Bernard Schneuwly
Universidade de Genebra – UNIGE

_____

Profa. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro
Universidade Federal do Piauí – UFPI

_____

Prof. Dr. José Claudio Sooma Silva
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

_____

Profa. Dra. Marcia Cabral da Silva
Faculdade de Educação – UERJ

Rio de Janeiro

2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, razão maior da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A construção de uma tese é resultado de uma teia de colaborações, e chegou o momento de agradecer àqueles que contribuíram para a sua conclusão, reconhecendo a importância que tiveram ao longo dos quatro anos de curso. Durante esse tempo recebi apoio de muitas pessoas especiais, a quem, correndo o risco de esquecer um ou outro, quero, aqui, externar minha gratidão.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pela saúde, sabedoria e sustentação necessária para cumprir as atividades exigidas durante esta caminhada.

À minha família: meus irmãos e irmãs, primos, primas, sobrinhos e tios, e à minha avó Santana e meu avô Neca (*in memoriam*) pela torcida e motivação.

À minha mãe, Dona Maria e ao meu pai, Seu Sebastião, que sempre fizeram questão de demonstrar amor, respeito e orgulho pela minha trajetória pessoal e profissional. Obrigado, minha mãe e meu pai, por ter me ensinado o valor da escola e da educação.

Aos meus filhos, João Victor, Isaac Rubem e Maria Helena, motivos das minhas batalhas diárias na tentativa de lhes oferecer sempre o melhor de mim.

À minha noiva e amada Natália Simeão, pelo companheirismo, carinho, paciência e o amor que me dedica todos os dias. Obrigado pelas leituras dos textos, sempre seguidas de elogios. Obrigado pelo sorriso aberto, pelo incentivo e por fazer meus dias sempre mais felizes. Você é parte fundamental deste trabalho. Obrigado por sempre segurar a minha mão.

À Dona Socorro e ao Sr. Francisco Simeão, futura sogra e sogro, por terem se tornado minha segunda família, pelo cuidado diário, pelas boas conversas, piadas e risadas de todos os dias, por ouvirem minhas angústias e sempre me tranquilizarem com uma palavra de conforto. Não tenho como retribuir tanto amor e carinho.

À Dona Elza e Carlos Resende, Célia e Kele, pela acolhida no Rio de Janeiro.

Aos amigos Júlio Cezar, Eduardo Fontoura, Daniel Henrique e Paulo Almeida, com quem dividi boas conversas, risadas e momentos de lazer durante minha estadia no Rio de Janeiro.

Às minhas queridas amigas, professoras Taimária da Cruz Batista, Carina Pires e Maria da Cruz (Cruzinha) Alves Barbosa, pelo constante carinho, apoio e torcida durante o curso.

À Universidade Federal do Piauí, por ter me concedido afastamento integral das minhas atividades docentes durante os quatro anos do curso de doutoramento.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), pelo investimento na minha formação como pesquisador e apoio financeiro, fundamental para minha estada no Rio.

Aos funcionários do Arquivo Público do Piauí, especialmente a Jesus Nunes, pela disponibilidade, empenho e gentileza durante as visitas e pesquisas realizadas na instituição.

Ao amigo, Prof. Dr. Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti, pelo encorajamento e apoio para que eu me aventurasse em terras cariocas para a realização deste sonho num momento bastante delicado da minha vida.

Aos amigos do Núcleo de Educação, História e Memória (NEHME) da Universidade Federal do Piauí pelo carinho.

Aos amigos pesquisadores do Núcleo de Ensino e Pesquisa e História da Educação (NEPHE), com os quais tive o prazer de conviver: pesquisadores de iniciação científica, mestrandos, doutorandos e doutores competentes que pesquisam, produzem e colaboram constantemente para o campo da História da Educação. De modo muito especial, agradeço aos amigos Paulo Rogério Sily, Vinícius Vieira, Felipe Lameu, Andrés Laínez, Luana Goulart, pelo convívio mais próximo nas diversas atividades que compartilhamos. Com vocês aprendi e aprendo a cada encontro.

À minha querida amiga e também doutoranda Ana Carolina Rozendo Ferreira dos Santos, pela parceria nas disciplinas, na produção de artigos e pelas boas e profícuas conversas.

Um agradecimento especial à minha querida amiga Maria Solange Rocha da Silva que, junto comigo, deixou o conforto do lar para se aventurar no sonho do doutoramento no Rio de Janeiro. Obrigado pelo compartilhamento das alegrias e também das aflições que experimentamos nessa caminhada.

À coordenação do ProPEd, sempre solícita e disposta a ajudar na providência dos documentos semestralmente solicitados pela UFPI.

Às professoras doutoras Ana Chrystina Venâncio Mignot, Márcia Cabral da Silva e Sonia de Oliveira Câmara Rangel pelos debates, ensinamentos e reflexões teórico-metodológicas transmitidas nas disciplinas ministradas na linha de pesquisa Instituições, Práticas Educativas e História.

À profa. Dra. Edigleide Clemente pela leitura cuidadosa da síntese desta pesquisa e pelas críticas realizadas durantes as atividades do nosso Seminário de Pesquisa.

Ao Prof. Dr. Bernard Schneuwly (Universidade de Genebra) e à Profa. Dra. Márcia Cabral da Silva que se dispuseram a participar do exame de qualificação em que colaboraram

com reflexões e sugestões preciosas para o aprofundamento da pesquisa e da escrita da versão final desta tese e também por terem aceitado participar da banca examinadora na defesa do presente trabalho. Estendo esse agradecimento ao Prof. Dr. José Cláudio Sooma Silva (UFRJ), à Profa. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro (UFPI), à Profa. Dra. Aline de Morais Limeira (UERJ/UFPB) e à Profa. Dra. Jane Bezerra de Sousa (UFPI), que também compuseram a banca examinadora da tese. Tais avaliadores contribuíram com interessantes reflexões e sugestões que colaboraram de forma significativa para o refinamento da pesquisa.

Para finalizar, de modo muito especial, quero registrar minha gratidão, admiração, respeito ao meu orientador, Professor Dr. José Gonçalves Gondra, pela orientação competente, paciente e segura, por ouvir e entender minhas aflições. Encontrei nele um orientador e um amigo, sem o qual, talvez, não tivesse conseguido chegar até aqui. Sou seu fã como professor/pesquisador e como homem. Obrigado por tudo!

RESUMO

VILANOVA, F. G. *Instruir a mocidade e espalhar a luz:* imprensa escolar como estratégia de formação dos estudantes no Piauí (1930 - 1948). 2022. 400f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

O presente estudo elegeu como questão central de pesquisa a imprensa escolar piauiense, privilegiando jornais e revistas produzidos por escolas e órgãos de representação de estudantes no período compreendido entre 1930 a 1948. O interesse pelo tema deriva de uma espécie de originalidade, já que se trata de problemática ainda pouco explorada na historiografia da educação no Estado, indício, por sua vez, do funcionamento do campo da história da educação, das tradições locais e do pouco investimento e interesse em relação a esse tipo de fonte. O recorte cronológico foi definido considerando as fontes mobilizadas na pesquisa. Assim, o marco inicial corresponde à publicação do jornal *A Luz* – editado pelos alunos do Liceu Municipal Florianense, na cidade de Floriano – PI, a partir de 1930. Já o marco final foi definido em razão do jornal *Renascimento*, produzido pelo Centro Estudantal Parnaibano, de Parnaíba, com edições analisadas até 1948. O objetivo da pesquisa incidiu em investigar o processo de composição da imprensa escolar no Piauí focalizando na análise dos seus enunciados como estratégia de formação dos estudantes, no período em questão. A pesquisa foi norteada pelas seguintes indagações: o que levou estudantes e escolas a produzirem jornais e revistas no Estado? Como este material foi organizado? Que agenda foi privilegiada pelos responsáveis pelo periodismo escolar? De que modo este tipo de material ajuda a compor as reflexões a respeito da história da educação local? Como tratar e operar com esse tipo específico de documentação? Do ponto de vista teórico-metodológico, o estudo se encontra amparado nas postulações da História Cultural, cujas abordagens têm contribuído para ampliar os campos e possibilidades de pesquisa, métodos e fontes, em que as publicações seriadas têm se apresentado como um campo vasto para indicar meios de se compreender aspectos de contextos educacionais do passado. A operação de análise dos jornais e revistas escolares produzidos nas cidades de Teresina, Floriano e Parnaíba foi desenvolvida a partir de uma dupla dimensão: como objeto e fontes da pesquisa. O trabalho foi complementado com outras fontes acionadas ao longo da pesquisa, entre as quais: relatórios de interventores, periódicos locais e nacionais, estatísticas, imagens, biografias, livros, artigos, dissertações e teses. Por meio desse *corpus* documental, analisa-se o contexto sociocultural e educacional do período em estudo, discutindo o processo de desenvolvimento local e a expansão da rede escolar por intermédio da implementação de estruturas físicas, profissional e pedagógicas adequadas ao seu bom funcionamento. Os resultados alcançados indiciam que os periódicos integravam um conjunto de práticas culturais das escolas e a sua produção foi intensificada em decorrência dos debates e propostas educacionais evidenciadas no período e na documentação consultada. Deste modo, a pesquisa demonstra a presença e a participação de estabelecimentos de ensino e organizações estudantis na construção de veículos informativos de diversas atividades associadas à escolarização, política e propagandas. Assim, esta pesquisa deu visibilidade e alternativas para se discutir possibilidades e limites do protagonismo escolar estudantil, um exame dos traços da circulação de projetos distintos e de usos estratégicos específicos destinados a formar a mocidade estudiosa nas escolas e cidades em que circularam.

Palavras-chave: Imprensa Escolar. História da Educação. Escolarização no Piauí.

ABSTRACT

VILANOVA, F. G. *Instructing youth and spreading the light:* school newspapers as a strategy of formation of students from Piauí (1930 – 1948*)*. 2022. 400f. Thesis (Doctorate in Education) – Faculty of Education, State University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

The present study has the Piauí school press as its main topic. The sampling was composed by newspapers and magazines produced by schools and organisms for students' representation in the period between 1930 and 1948. The interest of the author on this theme drift of a sort of originality, since this work deals with a kind of problem still unexplored in the historiography of the State Education field, what reveals, aspects of the history of education, local traditions and how investment is created in relation to these types of sources. The chronological cut was defined taking into consideration the sources found for the research. Thus, the starting period of analysis corresponds to the year of publication of the newspaper *A Luz* – edited by the students of Liceu Municipal Florianense" in the city of Floriano - PI, from 1930 on. Yet the final period of analysis was defined by the publication of the newspaper *O Renascimento*, which was produced by the Parnaiba Student Center, from Parnaíba, with the editions analyzed up to 1948. This research aimed in investigating the process of composition of the school press in Piauí, focusing on the analysis of its statements as a strategy for the formation of students, in the period in question. The research was guided by the following questions: what led students and schools to produce newspapers and magazines in State? How were these materials organized? Which topics were privileged by those who were in charge of producing school journalism? How did this type of material helped to compose reflections about the history of local education? How to handle and operate with this specific type of documentation? From a theoretical-methodological point, this study is supported by propositions of the Cultural History, whose approaches have contributed to expand the fields and possibilities of research, methods and tools towards the analysis of periodical publications, which has been shown to be a *bonafide* source and way to understand aspects of the educational context of the past. The analysis of the school newspapers and magazines produced in the cities of Teresina, Floriano and Parnaiba, was carried out considering a double dimension: the materials were at the same time objects and sources for the research. The work was complemented with other material that were being added during the research path, including: intervenors reports, local and national newspapers, statistics, images, biographies, books, articles, dissertations and thesis. Based on this documental corpus, I analyzed the sociocultural and educational context of the period under study, exploring how the processes of local development could be related to the expansion of the school network through the availability of buildings, professional and pedagogical structures, which would guarantee a proper functioning to them. The results indicate that newspapers were part of a set of cultural practices in schools and that the intensification of their production was a result of the increasing debates and educational propositions that were in evidence in that period, based on the consulted documents. In this way, this research attests the presence and the participation of educational institutions and student organizations in the construction of informative medias related to various activities, be it, schooling, politics or advertisements. So, this research presents alternatives to discuss the possibilities and the limits regarding to the student protagonism, identified by the examination of some found particular traces that circulated within distinct projects and also, showed specific strategic uses that aimed to form the scholarly youth in the schools and cities in which these periodicals circulated.

Keywords: School Press: History of Education: Schooling process in Piauí.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Floriano, Parnaíba e Teresina em destaque no mapa do Piauí 18
Figura 2 – Localização de municípios piauienses com ocorrência de periódicos escolares entre 1883 – 1930 50
Figura 3 – Jornal *A Mocidade Piauhyense* (1884) 52
Figura 4 – Amostra de jornais da Primeira Exposição de Imprensa Escolar, no Rio de Janeiro (1933) 65
Figura 5 – Capa e página de seção do livro *Jornais Escolares* de Guerino Casasanta 73
Figura 6 – Modelos de grupos escolares construídos no Piauí na década de 1930..... 90
Figura 7 – Liceu Piauiense, inaugurado em 1936 93
Figura 8 – Mosaicos de imagens com aspectos da cidade de Teresina 107
Figura 9 – Reportagem da revista *Diretrizes* sobre os incêndios em Teresina 112
Figura 10 – Anúncio da navegação aérea no Piauí 120
Figura 11 – Vista panorâmica da praça Pedro II em festividade cívica em meados de 1939 122
Figura 12 – Jornal *A Escola,* edição n.5, de 15 de maio de 1936 136
Figura 13 – Edifício da Escola Normal Oficial de Teresina, inaugurado em 1924 138
Figura 14 – Edição n.1, de *O Ginásio* (1933) 142
Figura 15 – Edição n.1, de *Zodíaco* (1943) 145
Figura 16 – Prédio onde funcionou o Ginásio Dr. Demóstenes Avelino, fundado em 1942 147
Figura 17 – Jornal *Gente Nova,* edição de 8 de junho de 1946 148
Figura 18 – Painel de jornais escolares de Floriano da década de 1930 152
Figura 19 – Edições dos jornais *Clarim* (1940) e *Renascimento* (1946) 163
Figura 20 – Jornal o *Estímulo* (1938) 170
Figura 21 – Jornal *Era Uma Vez* (1938) 172
Figura 22 – Jornal *Escolar Teresinense* (1940) 174
Figura 23 – Jornal *A Estrela* (1946) 179
Figura 24 – Campanha para filiação ao Centro Estudantal Parnaibano 216
Figura 25 – Chamada do CEP sobre os problemas da nação 218

Figura 26 – Matéria em homenagem às datas cívicas do mês de novembro 231
Figura 27 – Capa de *Renascimento* dedicada ao Dia do Piauí 234
Figura 28 – Competição esportiva nas comemorações do 5º aniversário do Ginásio Leão XIII 243
Figura 29 – Matéria sobre as rainhas dos estudantes de Teresina e Parnaíba 247
Figura 30 – Painel de revistas escolares piauienses das décadas de 1930 -1940 253
Figura 31 – Revista *Educação* (1936) 258
Figura 32 – Revista *Primícias Literárias* (1938) 261
Figura 33 – Revistas *4 de Outubro* (1936) e *Geração* (1945) 263
Figura 34 – *Raios de Luz*, de 4 de outubro de 1940 268
Figura 35 – Capa e folha de rosto de *Panorama Estudantil* 270
Figura 36 – Aspecto do Ateneu Piauiense/Ginásio Leão XIII em dia de festividade cívica 274
Figura 37 – Fachada do Ginásio Leão XIII 274
Figura 38 – Primeira edição de *Voz do Estudante* (1940) 275
Figura 39 – Edição n.13 da revista *Zodíaco* 278
Figura 40 – Edição de *Piauí Novo* em comemoração aos 94 anos do Liceu Piauiense 289
Figura 41 – Aspectos das festividades do 5º aniversário do Ginásio Leão XIII 295
Figura 42 – Títulos de artigos de *Voz do Estudante* sobre a Independência do Brasil 302
Figura 43 – Edição de *Zodíaco* de 7 de setembro de 1944 em homenagem ao Dia da Pátria 307
Figura 44 – Capa e nota de abertura da sexta edição de *Zodíaco* (1944) em homenagem ao Presidente Getúlio Vargas 315
Figura 45 – Homenagens ao interventor federal Leônidas Melo 322
Figura 46 – Apresentação de *Zodíaco*, pelo professor Amandino Nunes ao interventor Leônidas Melo 328
Figura 47 – Painel fotográfico com exposição de realizações do governo Leônidas Melo 331
Figura 48 – Anúncio do Colégio Sagrado Coração de Jesus (1939) 334
Figura 49 – Página de *4 de Outubro* dedicada a poetas piauienses 352
Figura 50 – Valores dos anúncios comerciais de algumas revistas 360
Figura 51 – Anúncios comerciais extraídos de revistas escolares 362

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Catálogo de periódicos escolares produzidos no Piauí, de 1883 à 1930	49
Quadro 2 –	Edições, locais e datas das Exposições de Imprensa Escolar	70
Quadro 3 –	Elevação gradual dos índices de matrícula no ensino primário no Piauí (1930-1935)	87
Quadro 4 –	Relação de prédios escolares construídos e em construção até 1935	89
Quadro 5 –	Matrícula em cursos normais no Piauí em 1936	95
Quadro 6 –	Rede escolar piauiense em 1938	96
Quadro 7 –	Catalogação de jornais escolares piauienses entre 1930 e 1948	132
Quadro 8 –	Jornais escolares produzidos em Teresina nas décadas de 1930 e 1940	135
Quadro 9 –	Edições consultadas do jornal *Zodíaco*	146
Quadro 10 –	Jornais escolares das cidades de Floriano e Parnaíba	150
Quadro 11 –	Edições do jornal *Renascimento* (1946 – 1948)	166
Quadro 12 –	Periódicos de escolas primárias de Teresina	168
Quadro 13 –	Conteúdo do jornal *Era Uma Vez* (1938)	172
Quadro 14 –	Conteúdo do jornal *A Estrela* (1946)	180
Quadro 15 –	Matrículas no ensino Primário no Piauí (1931 – 1934)	189
Quadro 16 –	Oferta de matrículas no ensino Primário no Piauí (1935 – 1942)	189
Quadro 17 –	Revistas escolares piauienses das décadas 1930 e 1940	256
Quadro 18 –	Edições da Revista *Voz do Estudante*	276
Quadro 19 –	Características da Revista *Zodíaco*	288
Quadro 20 –	Datas comemorativas e homenageados em *Zodíaco*	305

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CADES	Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário
CEC	Centro Estudantal Cearense
CEP	Centro Estudantal Piauiense
CEP	Centro Estudantal Parnaibano
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
DEE	Departamento Estadual de Estatística
DEIP	Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda
DIP	Departamento Imprensa e Propaganda
FADI	Faculdade de Direito do Piauí
FAPERJ	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
IEB	Instituto de Estudos Brasileiros
NEPHE	Núcleo de Ensino e Pesquisa em História da Educação
ProPEd	Programa de Pós-Graduação em Educação
SAAT	Sociedade Amigos de Alberto Torres
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

	REVISTAS APARECERAM, JORNAIS CIRCULARAM: NOTÍCIAS INTRODUTÓRIAS	15
1	**ARES DE CIVILIDADE NO PIAUÍ: IMPRENSA ESCOLAR, EDUCAÇÃO E PROGRESSO**	44
1.1	**Primeiras notícias em torno da escrita periódica escolar**	44
1.2	**Movimento em torno da imprensa escolar**	57
1.2.1	As Exposições de Imprensa Escolar	63
1.2.2	*Jornais Escolares*, de Guerino Casasanta	72
1.3	**Modernização da rede escolar no Piauí**	83
1.4	**Imprensa e progresso local**	101
1.5	**Notícias de civilidade**	116
1.6	**A intensificação da imprensa escolar**	125
2	**ESTÃO FUNDANDO JORNAIS, ESTÃO ESCREVENDO!: JORNAIS ESCOLARES, CARACTERÍSTICAS E DEBATES**	129
2.1	**Notas sobre os jornais**	131
2.1.1	Jornais escolares no ensino secundário em Teresina	135
2.1.2	Periódicos escolares em Floriano e Parnaíba	149
2.1.3	jornais escolares no ensino primário em Teresina	167
2.2	**Notícias de jornais**	182
2.2.1	Instrução e escolas	183
2.2.2	Professores e ensino	195
2.2.3	Estudantes em cena	204
2.2.4	Exaltando a Pátria	220
2.2.5	Valores morais	237
2.2.6	Esportes	240
2.2.7	Rainha dos estudantes	244
2.2.8	Humorismo	248
3	**A PUBLICAÇÃO DE UMA REVISTA SEMPRE TRAZ PROVEITO: REVISTAS ESCOLARES E SEUS ENUNCIADOS**	253
3.1	**Aparecimento e caracterização**	256
3.1.1	Revistas normalistas	257

3.1.2 Revistas liceístas 262
3.1.3 Revistas parnaibanas 267
3.1.4 Revistas dos novos educandários 271
3.2 **Conteúdos em revista** 281
3.2.1 Demandas educacionais 281
3.2.2 Escolas celebradas 288
3.2.3 Heróis da Pátria e construtores da nação 297
3.2.4 Culto aos governantes 314
3.2.5 A condição feminina 333
3.2.6 Passeios, férias e memórias da terra natal 342
3.2.7 Escrita literária 349
3.2.8 Imprensa e anúncios comerciais 359
UMA PAUSA NAS NOTÍCIAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA 364
REFERÊNCIAS 372

REVISTAS APARECERAM, JORNAIS CIRCULARAM[1]: NOTÍCIAS INTRODUTÓRIAS

Instruir a mocidade e espalhar a luz: imprensa escolar como estratégia de formação dos estudantes piauienses (1930 - 1948) é o título da tese de doutoramento que entrego, para a apreciação do leitor, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Nela, discuto o processo de composição da imprensa escolar no Piauí e os aspectos de sua contribuição para a formação de parte dos estudantes locais no período em questão.

O interesse por essa temática resultou das minhas visitas ao Arquivo Público do Piauí[2] durante a preparação para pleitear o doutoramento. Naquele momento, o objetivo era coletar fontes sobre os desdobramentos da atuação da Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES) no Piauí. Nessa busca tive contato com a revista *Escola Secundária*, criada por essa Campanha para servir de instrumento de formação e auxílio didático para os professores. Conversei com uma funcionária da instituição sobre a existência de periódicos semelhantes nos acervos da instituição e, ainda que a resposta tenha sido negativa, fui informado que duas revistas – *Voz do Estudante* e *Zodíaco* – continham conteúdo voltado para educação piauiense, assim como alguns jornaizinhos de escolas.

Sem perder tempo, pedi para ver essa documentação que, prontamente, me foi disponibilizada. Disposta sobre a mesa, separei os envelopes e comecei a verificar o conteúdo das caixas que guardavam as revistas. Em uma delas, encontravam-se quatro edições de uma revista, junto a um amontoado de páginas soltas, muitas das quais corroídas pela ação do tempo, enquanto, na outra, estavam os números de *Zodíaco*, encontrados em melhores condições. Comecei a folhear tais números e, a cada página que passava, o fascínio aumentava. Depois de examinar algumas edições, voltei-me para os envelopes dos jornais e comecei a consultá-los. Quando os abri, deparei-me com pequenos jornais associados às escolas e organizações estudantis, cuja maioria se encontrava em avançado estado de decomposição. Meu interesse foi imediato e logo me apressei em fazer anotações, fotografar e a buscar documentação congênere nos catálogos da instituição. Foi o início de uma saga

[1] Fragmento extraído do texto de apresentação da edição inaugural da revista *Voz do Estudante* publicada em 30 de dezembro de 1940.
[2] Instituição pública estadual responsável pela guarda do acervo documental da memória histórica do Piauí. Conta com documentos oficiais, hemerográficos, além de acervos pessoais sob a custódia do Estado.

desafiadora que me inquietava e, à medida que desvelava um ou outro exemplar, percebia que "a imprensa exerce sobre o pesquisador um fascínio especial" (CAPELATO, 1988, p.23).

As visitas intensificaram-se no intuito de coletar mais material. Contudo, boa parte dos periódicos elencados encontrava-se lacrados e indisponíveis para consulta. As revistas, salvo as condições anteriormente mencionadas, estavam em melhores condições. Ainda assim, o acervo era composto apenas de números avulsos. Para dar uma ideia, das oito revistas com as quais tive contato, cinco tinham apenas um exemplar; uma delas tinha dois e, duas, um número maior. Portanto, estava diante de uma documentação descontínua e lacunar, sob o risco de desaparecer devido à ação do tempo e a falta de política de conservação desse material, pois vale frisar que os acervos do Arquivo Público do Piauí ainda não foram digitalizados[3] o que dificulta as consultas a esses documentos e os coloca sob o risco de desgaste, devido ao manuseio.

Segundo De Certeau (2013, p.47), "toda pesquisa historiográfica se articula a um lugar de produção socioeconômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação, uma categoria de letrados, etc". Diante disso, na condição de professor da área de história e pesquisador do campo de história da educação, enxerguei a necessidade de estudar esse tipo específico de impresso, vislumbrando, assim, contribuir para que os registros contidos nesses periódicos pudessem, de algum modo, ganhar visibilidade. Isso me levou a submeter uma proposta de pesquisa de doutoramento com o objetivo de analisar essa documentação, que foi aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, para ser realizada no quadriênio 2018-2022.

Levada a cabo, a proposta deu lugar a esta tese, que elegeu como questão central a imprensa escolar, privilegiando jornais e revistas produzidos por escolares e órgãos de representação de estudantes do Piauí (1930 e 1948). O recorte temporal foi demarcado considerando o período de produção e circulação dos periódicos examinados, iniciando com o jornal *A Luz*, de Floriano, lançado em 1930; encerrando-se com *Renascimento*, de Parnaíba, com números examinados até 1948. Acerca dessas balizas é importante lembrar que elas não podem ser vistas como pontos estáticos, pois "não é possível taxar um início ou um fim para o problema estudado, mas apenas estabelecer recortes para organizar as reflexões" (BORGES, 2008, p.77).

---

[3] Uma pequena parte do acervo da instituição foi digitalizada por meio de um projeto Memória do Jornalismo Piauiense desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação (NUJOC), vinculado a Universidade Federal do Piauí, que mantém esse acervo disponível na página <http://memoriadojornalismopi.com.br/>.

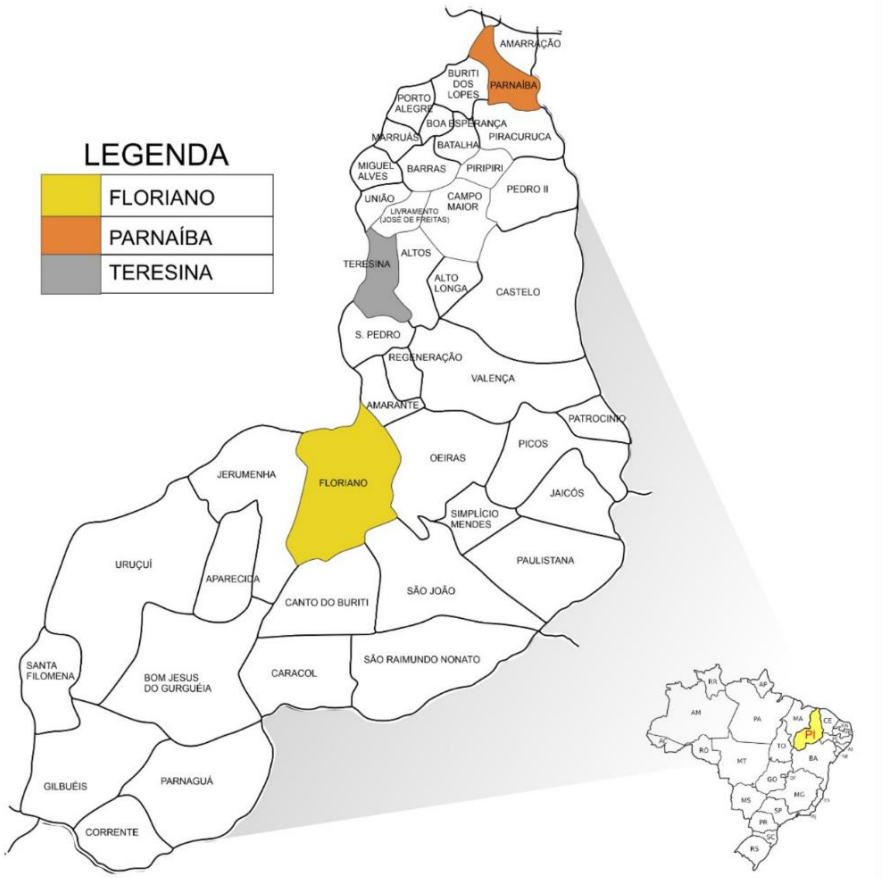
O título da tese faz referência a termos muito frequentes nas fontes, porquanto muitos periódicos anunciavam que buscavam contribuir para a instrução, combater o analfabetismo e disseminar a luz do conhecimento. O sentido de mocidade foi associado aos estudantes em fase de escolaridade, sobretudo a partir do ingresso no ensino secundário. O estudo de Silva (2009) sobre a concepção de mocidade no ensino secundário em Alagoas no século XIX, também faz alusão à compreensão do termo em meados do século XX. Segundo ela,

> Tal noção de mocidade repercute no sentido que a escolaridade vai ganhar no atendimento aos moços, especialmente, para os quais se entende a escola como "redenção", investindo-se nela um desejo de amoldamento da "natureza selvagem" do jovem. Nesse processo, em que um saber sobre o sujeito jovem, seu corpo e suas paixões, é consolidado e investido nos processos educativos, as diversas dimensões existenciais vão sendo entregues à responsabilidade dos liceus e internatos. A entrada no ensino secundário termina marcando um ritmo de entrada na própria adolescência. No século XX esse processo vai continuar e multiplicar as responsabilidades escolares, com a educação sexual, educação para cidadania, educação vocacional, etc. (SILVA, 2009, p.56).

Por seu turno, o subtítulo anuncia a premissa de que a produção e os discursos postos em debate nos periódicos serviram de estratégia de (auto)formação dos estudantes piauienses no período estudado, considerando a "importância deste instrumento [...] prende-se com as características do campo educativo, uma vez que é através deste *media* que se manifesta a maior parte das 'vozes', dos projectos, dos anseios e das realidades dos diversos actores" (NÓVOA, 2002, p.11, grifos do autor).

A delimitação espacial contemplou a cidade de Teresina, capital do Estado, e as cidades de Parnaíba e Floriano. A definição desses lugares decorreu por circunstância da disponibilidade de um acervo documental que me permitiu analisar aspectos de jornais e revistas associadas a escolas e estudantes desses lugares. Vale assinalar, porém, que essa delimitação não implica dizer que a produção de periódicos dessa natureza limitava-se a esses locais, pois apenas revela que essa solução foi tomada considerando a localização de uma documentação mobilizada no trabalho. O mapa a seguir define a localização dos três municípios que compõe os lugares de produção e circulação dos periódicos mobilizados como objeto/fontes desta pesquisa.

Figura 1 – Floriano, Parnaíba e Teresina em destaque no mapa do Piauí.



Fonte: O autor, 2022.

Do ponto de vista historiográfico, a pesquisa sobre a imprensa escolar no Piauí inscreve- se no campo da história da educação como vertente da imprensa pedagógica, uma vez que os periódicos têm se revelado como fontes de grande potencial para esse campo, em decorrência das postulações da História Cultural que passaram a propor a ampliação das possibilidades de pesquisa do campo educacional. “O alargamento do território do historiador foi espetacular. A disciplina multiplicou seus objetos ao mesmo tempo em que ela não parava de tomar emprestado as abordagens e os interesses das ciências sociais” (REVEL, 2010, p.260). Darnton (1986, p.14) enfatiza que essa abordagem deve ser vista por meio de uma perspectiva etnográfica, na qual o historiador “[...] estuda a maneira como as pessoas comuns entendiam o mundo”, sugerindo um deslocamento de interesses de estudos para as histórias dos processos relacionados aos grupos sociais formados por pessoas comuns.

Essa ampliação tem contribuído para ressignificar as problemáticas e contornos dos campos, métodos e fontes de investigação. Renovação que também tem provocado mudanças “seja em seus contornos teórico-metodológicos, seja na ampliação de seus objetos e fontes”

(LOPES; GALVÃO, 2010, p.31). Nesse movimento, os historiadores foram acionados a interpretar o passado da educação a partir de diferentes olhares, valendo-se das mais variadas fontes documentais, entre as quais a imprensa que passou a ocupar um lugar privilegiado. Sobre esse ponto de vista, Bastos argumenta que,

> Seguindo os postulados teóricos da História Cultural, no contexto da expansão do conceito de documento, percebe-se que esses impressos vêm conquistando espaço na historiografia. Os historiadores passam a se interessar por esses artefatos que, durante muito tempo, guardavam valor apenas como objetos memorialísticos. Estiveram, assim, negligenciados por um modo de entender a História que privilegiava as grandes estruturas e as metas narrativas. (BASTOS, 2015, p. 22).

Martins e Luca (2018, p.17) reforçam essa posição, ao defenderem que "a Nova História Cultural faz da reconstituição da cultura letrada no país - diga-se, de boa parte das publicações periódicas - um dos temas eleitos da historiografia acadêmica", especialmente as especializadas nesse campo educacional, popularizada como imprensa pedagógica. Sobre as possibilidades de investigação desses dispositivos, Bastos (2002) assevera que

> [...] A imprensa pedagógica – instrumento privilegiado para a construção do conhecimento, constitui-se em um guia prático do cotidiano educacional e escolar [...], a partir da análise do discurso veiculado e a ressonância dos temas debatidos, dentro e fora do universo escolar. Prescrevendo determinadas práticas, valores e normas de conduta, construindo e elaborando representações do social, a imprensa pedagógica afigura-se como fonte privilegiada de estudo: jornais, boletins, revistas, magazines; feita por professores para professores, feita para alunos por seus pares ou professores, feita pelo Estado ou outras instituições como sindicatos, partido, associações e Igreja. Sua análise possibilita avaliar a política das organizações, as preocupações sociais, os antagonismos e as filiações ideológicas, as práticas educativas e escolares. (BASTOS, 2002, p.173).

O estudo está situado num período que se estende por todo o governo de Getúlio Vargas e alguns anos posteriores à sua queda. Portanto, essa época foi balizada por um conjunto de transformações políticas, econômicas, sociais e culturais que visavam promover o desenvolvimento, de forma articulada entre todas as regiões do país. Durante esse período, o Piauí foi governado por dois interventores que estabeleceram uma administração característica pela continuidade de ações, posto que Landri Sales (1931 – 1935) e Leônidas Melo (1935 – 1945) foram aliados fiéis ao chefe da nação. O coronel Landri Sales foi nomeado interventor federal pelo governo revolucionário e "chegou a Teresina, no dia 16 de maio de 1931, e tomou posse no mesmo no dia 21 do mesmo mês" (GOVERNADORES, 1993, p.113), permanecendo no cargo até os primeiros meses de 1935. "Leônidas Melo governou o Estado, constitucionalmente, de 3 de maio de 1935 a 10 de novembro de 1937, a

partir dessa data, transformou-se em interventor federal" (GOVERNADORES, 1993, p.127), indicado por Vargas, permanecendo no poder até 1945. Com o fim do Estado Novo foi iniciado o processo de democratização e, nessa fase, o Piauí elegeu o médico José da Rocha Furtado para o governo local para o período 1947-1951.

Durante os dois primeiros governos, alinhados ao projeto de desenvolvimento do governo federal, o Piauí experimentou significativas mudanças que buscavam superar a condição de atraso pelas quais o Estado há muito tempo padecia. Isso fez com que alguns investimentos fossem direcionados para um programa de estruturação que beneficiava as principais cidades, entre as quais Teresina, Parnaíba e Floriano. A pavimentação de ruas, construção modernos prédios públicos, reformas de praças, arborização, jardinagem e iluminação dos ambientes públicos, estradas, pontes, comunicações e a chegada do rádio visavam promover o melhoramento visual e estabelecer ares de civilidade nesses lugares. Junta-se a isso a ampliação das opções de lazer e cultura, como, por exemplo, o cinema e os espaços de evento que promoviam novas opções nos ambientes citadinos.

Nesse conjunto de coisas, a educação também recebeu atenção especial por parte do poder público, que promoveu um relevante plano de expansão e modernização[4] da malha escolar através da construção de edifícios escolares na capital e nas principais cidades do Estado. Os "grupos escolares" piauienses foram construídos para racionalizar o ensino primário através da oferta de um espaço com estrutura adequada para o funcionamento das atividades escolares. Foi nesse contexto que se intensificou a produção dos periódicos considerados aqui como documentos/monumentos, pois, de acordo com Le Goff (1990, p.470),

> O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa.

Os periódicos escolares acionados das cidades de Teresina foram os seguintes: *A Escola* (1933 – 1943), *O Ginásio* (1933), *Educação* (1936); *Era Uma Vez* (1938), *O Estímulo* (1938), *4 de Outubro* (1938), *A Luz* (1939), *Primícias Literárias* (1939), *Escolar Teresinense* (1940), *Voz do Estudante* (1940-1943), *A Estrela* (1946), *Geração* (1946), *Zodíaco* (1943-1947), *Gente Nova* (1946-1947), *Piauí Novo* (1949). De Floriano foram analisados: *A Luz*

[4] Neste estudo o termo modernização é utilizado a partir das concepções de Foucault (2000) como uma derivação de modernidade, designação também acionada, compreendida como um conjunto de traços característicos de uma época e, conforme Le Goff (1990), marcada pela ruptura de determinadas tradições do passado, através do estabelecimento de novos modelos estabelecidos em distintos aspectos.

(1930 – 1932), *Estudante* (1931), *Voz Estudantal* (1936) e *O Astro* (1937). Os periódicos de Parnaíba foram: *Clarim* (1939-1940), *Panorama Estudantil (1939),* Raios de Luz (1940) e *Renascimento* (1946). A relevância desse material pode ser constatada nos argumentos de Magaldi e Xavier (2008), quando argumentam que:

> A utilização desse material nas investigações científicas desenvolvidas no campo da educação tem ganhado relevo, entre outras razões, pela ampla variedade de publicações que oferecem a representação de um universo social multifacetado, pela potencialidade da captação dos debates e ações no campo educacional no momento mesmo em que se processavam e pela possibilidade de promover o acesso do pesquisador a diferentes vozes e diferentes diagnósticos acerca das questões educacionais. Além disso, é importante destacar a disponibilidade deste tipo de material que, destinado à circulação ampla, se encontra acessível em arquivos pessoais, institucionais e em bibliotecas. Isso, porém, não significa que periódicos e impressos de modo geral estejam preservados de forma adequada e duradoura. (MAGALDI; XAVIER, 2008, p. 10).

Nesta pesquisa, esse conjunto de jornais e revistas foram mobilizadas como objeto e fonte de análise e receberam a designação de "imprensa escolar", por se tratar de periódicos produzidos em escolas, estimulados por seus professores e, de maneira especial, pelos estudantes e suas associações. A utilização desse termo se apoia no argumento de que, "mesmo sendo periódicos produzidos pelos estudantes devemos considerar que tais escritas não expressam um pensamento autônomo, pois são vinculados a uma instituição, que de alguma forma exerce o controle e vigilância no que está sendo publicado" (BASTOS, 2015, p.25). Além disso, o uso dessa expressão também decorreu em razão das "Exposições de Imprensa Escolar", com edições realizadas no Rio de Janeiro (1933), Minas Gerais (1935) e Espírito Santo (1936). Tais eventos foram organizadas pela Sociedade de Amigos de Alberto Torres (SAAT)[5], que reunia jornais e revistas de escolas de todas as regiões do país, com o objetivo de manter um intercâmbio entre as escolas e acompanhar o desenvolvimento da instrução no país. Portanto, recorri ao emprego de uma denominação utilizada no período cronológico definido neste trabalho.

Ao buscar estabelecer a classificação dos periódicos, em "jornais" ou "revistas", apropriei-me de questionamentos utilizados por Gondra (2015) sobre a diferença entre revista e jornal: "Poderia a forma, conteúdos e periodicidade fornecerem a base para uma taxonomia adequada e estável para aquilo que se imprime? Tais indicadores seriam suficientes para distinguir a multiplicidade das formas da palavra impressa?" (GONDRA, 2015, p.103). No caso desta pesquisa, esses marcadores serviram para estabelecer uma separação dos

[5] As Exposições de Imprensa Escolar e a Sociedade de Amigos de Alberto Torres (SAAT) são discutidas, de forma mais detalhada, em seção do primeiro capítulo desta pesquisa.

periódicos, considerando especialmente sua forma e conteúdo. Luca (2017, p.4) colabora com essa discussão, argumentando que,

> Não é a presença ou ausência de certos elementos invariáveis que define a natureza da publicação, mas a análise articulada dos objetivos, conteúdos e estruturação interna, relações entre o textual e o icônico, bem como suas formas de utilização e sentidos adquiridos no interior do periódico. Tais características, associadas ao perfil dos responsáveis diretos e dos colaboradores é que permitem discernir o lugar ocupado pela publicação, seja na história da imprensa, seja na relação aos demais veículos contemporâneos.

Diante desse argumento, é importante observar que jornais e revistas possuem significados muito próximos, uma vez que as revistas são uma derivação dos jornais e, por muito tempo, ambos se mantiveram próximos na forma e no conteúdo (CAMARGO, 2003; MARTINS, 2008). A dificuldade em separar o gênero revista fica evidente, quando Martins (2008, p.46) expressa que "mais difícil é contrapô-la ao jornal, com periodicidade assídua, geralmente diária e muito semelhante no formato, sobretudo quando a revista se apresenta com páginas soltas, *in folio*".

Recorri ao modo como Mott *apud* Gondra (2015, p.107) definiu as revistas "[...] como um *panfleto* costurado ou grampeado, usualmente com uma capa, contendo material de leitura diversificado, publicado com alguma regularidade e uma forte conotação de entretenimento". Com a maioria dessas características (capa dura, páginas costuradas/grampeadas, conteúdo de caráter cultural educativo) foram classificados os periódicos *Educação* (1936), *4 de Outubro* (1938), *Primícias Literárias* (1939), *Panorama Estudantil* (1939), *Raios de Luz* (1940), *Voz do Estudante* (1940-1943), *Geração* (1945) e *Zodíaco* (1943-1947), constituindo a série de revistas estudadas.

Por outro lado, foram classificados como jornais, os panfletos de circulação periódica produzidos de maneira menos sofisticada, quero dizer, sem capas, com pequeno número de páginas, impressos em páginas dobradas. Entre eles encontram-se: *A Escola* (1933 – 1943), *O Ginásio* (1933), *Era Uma Vez* (1938), *O Estímulo* (1938), *A Luz* (1939), *Escolar Teresinense* (1940), *A Estrela* (1946), *Gente Nova* (1946-1947), *Piauí Novo* (1949). *A Luz* (1930 – 1932), *Estudante* (1931), *Voz Estudantal* (1936) e *O Astro* (1937, *Clarim* (1939-1940), e *Renascimento* (1946). Esses periódicos carregavam algumas características através das quais foi possível classificá-los como jornais, que, seguindo o ponto de vista de Cohen (2018), divulgavam conteúdo de notícias imediatas relacionadas aos interesses e as disputas de determinados grupos sociais. Quanto à utilização dessas publicações como objeto e fonte de pesquisa no campo da história da educação, Rodrigues (2010) argumenta que

> O uso de jornais e revistas como fonte na pesquisa historiográfica teve seu prestígio validado há mais tempo na preferência dos pesquisadores da História. No caso da História da Educação muitos têm se dedicado ao estudo dos impressos que circulam na comunidade educacional e mais especificamente junto ao público escolar. (RODRIGUES, 2010, p.311-312).

A relevância dessas fontes ocorre por permitirem evocar experiências do passado cujos relatos e opiniões foram possíveis de serem preservadas. Para Sousa (2020, p.18), "as páginas dos jornais e revistas descortinam um tempo e promovem um mergulho na memória, nos fatos que determinaram esse universo educacional". Nóvoa (2002) auxilia a compreender a emergência, a importância e o papel da imprensa como artefato de interpretação do passado, afirmando:

> A análise da imprensa permite apreender discursos que articulam práticas e teorias, que se situam no nível *macro* do sistema, mas também no plano *micro* da experiência concreta, que exprimem desejos de futuro ao mesmo tempo que denunciam situações do presente. Trata-se, por isso, de um *corpus* essencial para a história da educação, mas também para a criação de uma outra cultura pedagógica. (NÓVOA, 2002, p.11).

As pesquisas sobre imprensa pedagógica[6] têm se destacado como um campo fértil no campo da história da educação. A partir do final do século XX, foi possível perceber uma significativa mobilização de estudos em várias partes do mundo. "O interesse pelo conhecimento e a sistematização de informações acerca dos periódicos especializados em educação tem ocupado pesquisadores de vários países nos últimos tempos" (CATANI; BASTOS, 2002, p.5). Jornais, revistas, boletins e outros periódicos relacionados à educação passaram a ser vistos como documentos de elevado valor para compreender variados aspectos do passado educativo, despertando a preocupação de muitos pesquisadores em localizar e sistematizar acervos com a finalidade de auxiliar na análise das experiências que registraram.

Segundo Biccas (2008, p.23) "a sistematização de informações sobre os periódicos já tem uma longa tradição e percurso em países da Europa". A respeito dessas iniciativas, merece destaque as pesquisas sistematizadas anteriormente por Pierre Caspard (França, 1981-1991) e Maurits de Vroede (Bélgica, 1973-1987) e o trabalho dos grupos de estudos liderados por Antônio Nóvoa (Portugal, 1993), que organizaram repertórios de imprensa educacional em seus países. Segundo Nóvoa (2002),

[6] A utilização dessa expressão baseia-se nas pesquisas de Catani e Bastos (2002) e Gondra e Nery (2018).

> A imprensa revela as múltiplas facetas dos processos educativos, numa perspectiva interna ao sistema de ensino (cursos, programas, currículos, etc.) mas também no que diz respeito ao papel desempenhado pelas famílias e pelas diversas instâncias de socialização das crianças e dos jovens. A imprensa constitui uma das melhores ilustrações de extraordinária diversidade que atravessa o campo educativo. (NÓVOA, 2002, p.13).

No Brasil, esses estudos repercutiram e foram apropriados por pesquisadores do campo da história da educação. Com isso, periódicos educacionais têm sido cada vez mais valorizados resultando na realização de pesquisas que contribuem para a consolidação dessa área. A circulação das discussões sobre a temática em questão tem ocorrido por meio da organização de coletâneas que reúnem resultados de pesquisas que têm se aventurado a explorar os mais diversos tipos de periódicos de caráter educativo. Na década de 1990 Sousa e Catani (1994) Gondra (1997) realizaram estudos explorando a imprensa pedagógica como objeto e fonte, destacando sua importância para a compreensão de aspectos do universo educacional. Entre as produções dessa natureza, *Educação em Revista*, organizado por Catani e Bastos (2002) reúne estudos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros dedicados a esse debate. Ao refletir sobre esse tipo de estudo, as organizadoras pontuam que

> A imprensa educacional [...] é um excelente observatório, uma fotografia da ideologia que preside. Nesta perspectiva torna-se um guia prático do cotidiano educacional escolar, permitindo ao pesquisador estudar o pensamento pedagógico de um determinado setor ou de um grupo social a partir da análise do discurso veiculado e da ressonância dos temas debatidos, dentro e fora do universo escolar. (CATANI; BASTOS, 2002, p.5).

As discussões trazidas por essa obra serviram para impulsionar o interesse de pesquisadores pela temática, que passaram a divulgar outros estudos, dando luz a pesquisas que elegeram impressos periódicos educacionais como fonte e objeto privilegiado, em distintas investigações no campo da história da educação. A obra organizada por Schelbauer e Araújo (2007) serve de exemplo para esse caso. Segundo eles, "a coletânea em pauta privilegia o período entre o final do século XIX e os anos 80" (SCHELBAUER; ARAÚJO, 2007, p.5) envolvendo resultados de investigações sobre jornais de São Paulo, Rio de Janeiro, Uberlândia-MG, Uberaba-MG, Taubaté-SP, Paraná, Rio Grande do Sul e Portugal.

Outra contribuição para esse debate foi organizada por Magaldi e Xavier (2008) que reuniram estudos de pesquisadores que priorizaram investigações sobre periódicos no campo educacional. Referindo-se ao uso dessa produção, as autoras discutem o lugar que a imprensa educacional tem ocupado no campo da história da educação, pela diversidade de temas, pelo

debate educacional e pela acessibilidade desses documentos em arquivos públicos e privados (MAGALDI; XAVIER, 2008).

As jornadas de estudos sobre imprensa pedagógica promovidas na Espanha[7] e suas vertentes, coordenadas por Díaz (2013, 2015, 2018), têm representado um ponto de relevo a respeito da temática, tendo congregado pesquisadores de vários países chamados a pensar sobre as diversas possibilidades de investigação relacionadas à temática. As publicações das pesquisas realizadas no evento colocaram em evidência os interesses de pesquisadores de vários países da Europa e das Américas, especialmente do Brasil, reverberando a importância que o tema tem ocupado no meio acadêmico.

Mais recentemente, Nery e Gondra (2018) tomaram a iniciativa de observar aspectos do debate sobre imprensa pedagógica em uma perspectiva transnacional, de modo a pensar como tem se desencadeado os estudos sobre o tema, por meio de contribuições de pesquisadores de alguns países da Ibero-América. Neste caso, os organizadores convocaram pesquisadores de Portugal, Argentina, Uruguai, Honduras e Brasil, para discutir os contornos que a imprensa pedagógica tem ganhado nesses países, buscando produzir uma reflexão sobre sua produção em diferentes populações e tradições.

Deve-se destacar também a ocorrência de uma acentuada produção de estudos no âmbito de boa parte dos programas de pós-graduação das universidades brasileiras. Resultado de pesquisas bem recentes, essa coletânea oferece uma amostra expressiva das singularidades com que os autores operam com essa documentação, exploram as suas potencialidades, apontam para a ampla circulação das revistas especializadas no campo da educação, considerando as condições de produção, destinatários, prescrições e seus impactos na racionalização da pedagogia e profissionalização do magistério nos diferentes países analisados. Para os organizadores, Nery e Gondra (2018),

> A imprensa pedagógica tem se constituído uma matéria para *outros possíveis*. Por meio deste tipo de documentação e *artes de fazer* bem determinadas se pode repensar e problematizar as relações entre política e educação, as articulações com os públicos que configuram, os cruzamentos entre agentes culturais, movimentos pedagógicos e projetos sociais, as associações entre as tecnologias de ensino "novas" ou "renovadas" e a formação política e estética de professores/as e alunos/as e, por fim, a configuração de estratégias de afirmação e legitimação de disciplinas e corporações profissionais." (NERY & GONDRA, 2018, contracapa).

[7] Nestas jornadas destaco três produções: *Prensa pedagógica y patrimonio histórico educativo* (2013); *La prensa pedagógica de los escolares y estudiantes. Su contribuición al patrimonio histórico educativo* (2015) e *La prensa pedagógica de los professores. Su contribuición al patrimonio histórico educativo* (2018).

Um balanço realizado por Galvão, Moraes, Gondra e Biccas, sobre a "Difusão, apropriação e produção do saber histórico", publicado na *Revista Brasileira de História da Educação*, sistematiza a produção dos estudos presentes em 14 números dessa revista, entre 2001 e 2007. Os resultados indicam que

> A imprensa é o quarto tipo de fonte mais utilizado nos artigos analisados: aproximadamente 19% dos trabalhos a utilizam como principal documento e em cerca de 20% deles ela é referida como fonte complementar. Nesse conjunto, é privilegiada a imprensa pedagógica, que aparece como fonte predominante em metade dos casos do conjunto. Esses trabalhos examinam, predominantemente, jornais e revistas destinados à formação de professores. (GALVÃO; MORAES, GONDRA E BICCAS, 2008, p.208).

Os dados demonstram a potencialidade e o lugar que a imprensa pedagógica tem ocupado em estudos no campo da história da educação, tanto no Brasil quanto em outros países. Como se pode notar, os estudos e debates relacionados à imprensa pedagógica têm chamado a atenção de pesquisadores. Neles, há uma predominância de estudos de periódicos produzidos por instituições, professores ou por agências do poder público.

Com relação à imprensa escolar, é importante destacar que, no recorte temporal delimitado, a produção de jornais e revistas era estimulada pelos educandários de todo o país. Para Martins (2008, p. 314), "ao lado da produção, que se pretendia profissional, ressalta a considerável produção periodística por iniciativa de escolas públicas e particulares, em especial, de seu corpo docente, discente e de grêmios escolares". Esse tipo de produção, relacionada diretamente a instâncias escolares e seus sujeitos, foi designada nesta pesquisa como *imprensa escolar*, ou seja, jornais e revistas estimulados pelas escolas e produzidos por seus agentes e instituições, entre os quais professores, estudantes, grêmios e centros estudantis.

Considero essa produção como uma vertente da imprensa pedagógica, pelo fato de seu conteúdo estar direcionado às distintas experiências ocorridas nas escolas e articuladas à sociedade a que se integra. Era, portanto, "uma produção dirigida, no sentido de uniformizar os conhecimentos, com ênfase na construção dos símbolos do poder republicano, na força do Estado, na reverência as datas cívicas". (MARTINS, 2008, p. 314). De acordo com Bastos (2015, p.26), "o estímulo à elaboração de um jornal escolar buscava dinamizar a ação educativa e estimular a participação do aluno". Isso indica que as escolas e estudantes do Piauí estavam articulados ao movimento de produção de impressos escolares de amplitude

nacional como se pode notar nas "Exposições de Imprensa Escolar[8]", realizadas na década de 1930 nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo, que reuniram jornais revistas escolares de todas das regiões do Brasil.

Bastos (2013, 2015) tem colaborado de maneira significativa para refletir sobre os investimentos realizados por pesquisadores interessados na investigação relativa à imprensa escolar e estudantil. Ela organizou um dossiê intitulado *"Escritas estudantis em periódicos escolares"*, publicado na *História da Educação* (*Online*) em 2013, reunindo pesquisadores brasileiros, com colaborações argentinas e espanholas, que desenvolveram estudos sobre imprensa escolar/estudantil. Em 2015, ela elaborou ainda um importante balanço da produção da imprensa escolar estudantil no qual teceu considerações que ajudam a compreender a carência de estudos que elegem a imprensa estudantil como objeto de pesquisa. Segundo ela, "Quando se adentra no campo da pesquisa historiográfica dos impressos estudantis, produzidos pelos e para os alunos, os estudos são raros tanto para o Brasil como para outros países da América Latina, em que foi possível consultar pesquisadores da área (Chile, Argentina, México)" (BASTOS, 2015, p. 23).

Argumenta ainda que, "para o Chile não localizamos nenhum estudo sobre periódicos estudantis". Ainda assim, há indícios[9] de "uma significativa produção de periódicos escolares, iniciativa das autoridades educacionais ou de estudantes" (BASTOS, 2015, p.23). Sobre a Argentina, Silvia Finocchio, em *Un tesoro inexplorado: los periódicos escolares em la Argentina* realizou um levantamento de 13 periódicos escolares produzidos entre 1913 a 1917, salientando que "não há pesquisas específicas sobre eles" (BASTOS, 2015, p.24). No México, em uma tese de doutorado intitulada *Niños redactores e ilustradores de periódicos. Un acercamiento a las producciones escolares en la escuela nuevoleonesa posrevolucionaria,* Norma Ramos Escobar, focou na análise de três periódicos escolares publicados na década de 1920.

Bastos (2015) fez um interessante mapeamento da produção de jornais e revistas dessa natureza, dividindo-a pelos níveis de ensino primário, secundário, escola normal e universidade. Argumenta que, "entre as instituições estimuladas a serem criadas, desde as primeiras décadas do século XX, destacam o jornal escolar, elaborado pelos alunos, como atividade de sala de aula ou extraclasse, a maioria produzido no interior dos grupos

[8] As exposições de imprensa escolar são discutidas de maneiras mais detalhadas ´mais a diante, no primeiro capítulo da pesquisa.

[9] Esses indícios foram encontrados em estudo desenvolvido por Jorge Rojas Flores, em 2004, intitulada *Moral Y Práticas Cívicas em los niños chilenos* (1880 – 1950) que em seu capítulo 14 – *Las organizaciones estudantis* menciona um conjunto de periódicos elaborados por iniciativas dos alunos. (BASTOS, 2015).

escolares". (BASTOS, 2015, p.25). Do ponto de vista acadêmico, as pesquisas que contemplam essa abordagem, mesmo tendo avançado nos últimos tempos, ainda se mostram bastante tímidas. Essa condição pode ser exemplificada a partir do estudo de Aguiar e Assis (2020), que fizeram um levantamento sobre "Impresso jornalístico estudantil nas produções científicas em educação" entre 2002 e 2017. Segundo as autoras, o objetivo era "identificar as produções científicas sobre impressos jornalísticos estudantis no Brasil, com ênfase em estudos que trazem estes suportes como fonte principal e/ou objeto de estudo" (AGUIAR; ASSIS, 2020, p.2).

A busca foi realizada no portal de periódicos da CAPES[10], na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e resultou apenas na localização de seis dissertações defendidas entre 2009 e 2016: *O Necydalus: um jornal estudantil do Atheneu Sergipense (1909 – 1911)*, de Vidal (2009); *Psiu! Fermento!*: *pastoral da Juventude e imprensa estudantil nos anos 1980 a 1990*, de Vieira (2014); *Organização e imprensa estudantil no Instituto de Educação Sud Mennucci (1925 – 1954)*, de Schweter (2015); *O Porvir, jornal literário e recreativo*: *propriedade de uma associação de estudantes do Atheneu Sergipense (1874)*, de Rodrigues (2016); *Organização e imprensa estudantil no Colégio de São Luiz e Liceu Maranhense*: *processo de formação de uma elite letrada (1949-1958)*, de Aquino (2016); *Jovens e política na imprensa estudantil*: *o periódico "O Julinho" (Porto Alegre/RS 1960)*, de Biazzetto (2016).

Além disso, aponta as temáticas centrais que cada uma delas aborda, seguida do levantamento de artigos mapeados no Portal de Periódicos da CAPES, constando pesquisas publicadas em conceituadas revistas do campo da educação e da história da educação. "Nos artigos, percebe-se a predominância de uma análise centrada na materialidade do impresso, sua produção, ciclo de vida, na importância das fontes e na caracterização das instituições às quais são vinculadas, adentrando uma análise mais descritiva que analítica" (AGUIAR E ASSIS, 2020, p.9). Essas produções procuram dar lugar de destaque e protagonismo às vozes dos estudantes expressas em suas escritas, concluindo que

> [...] a maioria dos trabalhos relacionam os discursos dos estudantes veiculados nos impressos, com a cultura escolar, outro dado evidente é a utilização dos pressupostos da Nova História Cultural, delimitando ou não a corrente teórica. [...] também é notório um grande esforço por parte de pesquisadores brasileiros vinculados ao campo da História da Educação, em escrever a história da educação, das instituições escolares e sua cultura, por meio do olhar dos estudantes, privilegiando e colocando em evidência o uso de jornais estudantis, jornais escolares, impressos pedagógicos

[10] O referido portal encontra-se disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br>.

> ou as outras designações que essas fontes e/ou objetos recebem. (AGUIAR E ASSIS, 2020, p.12).

Importante destacar outras pesquisas sobre a escrita periódica de estudantes que não foram elencadas no balanço em questão. É o caso de *Gatos Pelados x Galinhas Gordas:* desdobramentos da educação laica e da educação católica na cidade de Pelotas (décadas de 1930 a 1960), tese de doutoramento de Amaral (2003). Neste estudo, a autora analisou aspectos que sustentam as diferenças ideológico-educacionais e o clima de disputa existente entre os alunos de duas das mais antigas instituições escolares na cidade de Pelotas: o Colégio Gonzaga, de ensino católico e o Colégio Pelotense, de ensino laico, criado pela Maçonaria (AMARAL, 2003). Os estudos de Giana Amaral tornaram-se importantes referências nas pesquisas que privilegiam a temática em questão, os quais têm colaborado para a ampliação desse debate.

O estudo intitulado *"No mundo das normalistas:* as representações da futura professora nas páginas das revistas Instituto e Normalista (1941-1953)", de Souza (2007), é outro trabalho que explora impressos escolares. Nesse caso, discute as representações do magistério nas décadas de 1940-1950, tendo como fonte as revistas escolares, produzidas no Instituto de Educação do Rio de Janeiro.

A imprensa estudantil liceísta na Primeira República (1907-1930), de Furtado (2016), "apresenta os discursos dos alunos liceístas nos jornais estudantis maranhenses no período de 1907 a 1930 a fim de identificar e analisar as táticas de apropriação dos discentes expressas nas notícias publicadas" (FURTADO, 2016, p.6), além de buscar compreender as representações sobre as práticas pedagógicas recorrentes no ensino secundário, durante o período delimitado para a análise.

Imprensa Estudantil e Práticas de Escrita e de Leitura: a Revista O Estudo (Porto Alegre/RS, 1922 a 1931) é o título da dissertação elaborada por Fraga (2012). O estudo centra-se em analisar a revista *O Estudo,* do Grêmio de Estudantes da Escola Complementar/Normal de Porto Alegre, entre o período de 1922 a 1931, e na discussão das práticas de escrita e de leitura das alunas através da revista.

Em *O Movimento estudantil acadêmico e a imprensa estudantil no Maranhão* (1930 – 1950), Costa (2014) discutiu o movimento estudantil a partir da análise de discursos veiculados em periódicos editados por estudantes universitários de instituições da capital maranhense.

A imprensa estudantil no Colégio Pedro II dos anos 1930: vozes dos estudantes secundaristas", de Hauer (2015) na qual é estudada a imprensa estudantil produzida no

Colégio Pedro II, durante os anos 1930. O foco é a análise de um conjunto de periódicos que circularam entre 1930 e 1939 (*Pronome, O Arauto, Ciências e Letras, O Atalaia, Muirakitan, Vetor* e *Ateneu*) disponíveis nos acervos documentais da instituição;

Mais recentemente, inscreveram-se nessa área, a tese *A educação intelectual, moral e física no jornal escolar O Aprendiz:* Escola Técnica de Salvador (1944-1947), de Santiago (2017); a dissertação *Entre pedras e papéis:* da Escola Normal ao Instituto de Educação, identidades delineadas na construção de sua sede e nos periódicos estudantis *Pharol* (1880-*1881) e O Tangará (1953-1957),* de Baptista (2019) e a tese *A imprensa escolar no Paraná:* práticas escolares e cultura cívica no Estado Novo (1939-1942), de Zanin (2020), concluída no Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, na qual o autor investiga a *Imprensa Escolar*, um conjunto de jornais escolares paranaenses, que traziam em suas edições textos diversos escritos por professores e estudantes.

No Brasil, de certa maneira, parte da produção de periódicos escolares foi motivada por instituições de ensino, a partir de apropriações das técnicas de escrita livre de Freinet, cujas ideias contribuíram para a renovação pedagógica, propondo um conjunto de práticas que pensadas como forma de dinamizar a rotina da sala de aula. Entre elas, encontra-se aula-passeio, texto livre, livro da vida, autoavaliação, correspondência interescolar, ateliê e a imprensa escolar através da elaboração e impressão de jornais escolares. A respeito de suas técnicas, o teórico afirma:

> Oferecemos aos educadores com dificuldades nas suas aulas utensílios e técnicas constantemente experimentados, susceptíveis de lhes facilitar o trabalho pedagógico. Dizemos-lhes: eis o que fazemos com estes instrumentos, consoante estas técnicas, eis o que conseguimos, eis o que ainda não dá resultado, eis o que nos encanta. (FREINET, 1975, p.44)

Com relação à elaboração de jornais na escola, o educador acreditava que essa técnica estabelecia um conjunto de vantagens. Segundo o autor,

> Por meio do texto livre, da imprensa e do jornal, vamos buscar, não aos livros mas à vida e ao trabalho dos homens, os próprios fundamentos da cultura a promover; falemos a linguagem do meio, aproveitemos a experiência tão rica hoje de um mundo cujo ritmo pelo menos devemos seguir se não o soubermos preceder — e isso deveria ser, no entanto, o verdadeiro papel de uma educação que preparasse as crianças, não para o passado ou para o presente, mas sim para os amanhãs que terão de enfrentar e dominar. (FREINET, 1974, p.51).

A elaboração de jornais escolares estava entre as técnicas propostas por Freinet para a escola moderna. Essas concepções contribuíram para a disseminação da utilização dos

periódicos nas escolas, especialmente a partir da década de 1930. No entanto, desde meados do século XIX, há registro da ocorrência de jornais produzidos por alunos em suas escolas. No caso do Brasil, se tem notícia de que, em diversas partes do país, estudantes, professores e escolas utilizaram a imprensa como um meio de produção de saberes, espaço de divulgação de ideias e de atividades desenvolvidas nos estabelecimentos de ensino.

Um bom exemplo dessa produção referente ao século XIX pode ser encontrado em Literatura Infantil Brasileira[11], de Arroyo (2011), que dedica um capítulo do seu livro à análise da "imprensa escolar e infantil", em que discute a ocorrência desse tipo de publicação em São Paulo, Amazonas, Pará, Maranhão, Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Arroyo (2011) destacou jornais e revistas que compuseram a imprensa escolar e infantil cujo início da circulação remonta à primeira metade do século XIX e se estende até o final daquele século. No caso do Piauí, Arroyo (2011, p.200) comenta que "o movimento da imprensa escolar e infantil foi muito reduzido" e cita o jornal *A Mocidade Piauhyense*, datado de 1883, como sendo o primeiro jornal escolar publicado no Estado, assim como aponta os estudos de Pinheiro Filho (2017). Lima (2020) e Lima e Alves Sobrinho (2020) se dedicaram à análise desse impresso.

Bastos (2015) debruçou-se sobre os estudos voltados para jornais e revistas de autoria estudantil como objeto e fonte de pesquisa. Segundo a autora, "o período de produção e circulação de periódicos estudantis em todos os níveis, situa-se entre as décadas de 1930 a 1960" (2015, p.36). Afirma, ainda, que as escolas de ensino secundário foram as responsáveis pela intensividade da produção no período:

> No ensino secundário a produção é numericamente mais expressiva, pois também o número de impressos desse nível de ensino é quantitativa e qualitativamente mais significativo. Como são mais estruturados, publicados pelos grêmios estudantis, permitem analisar as redes de sociabilidade que estabelecem com outras escolas e colégios, pela prática de divulgação dos impressos que recebem por permuta. (BASTOS, 2015, p.37 – 38).

A falta de preservação desses artefatos ajuda a explicar o reduzido número de pesquisas desenvolvidas sobre a imprensa escolar e estudantil. Para a autora, "a produção de pesquisa abarca um universo muito pequeno. Isso pode ser resultado da pouca conservação

[11] Importante salientar que, ainda que a mencionada obra indique elementos da literatura e imprensa infantil e escolar no Brasil a partir de meados do século XIX, de modo geral, suas informações devem tomadas com cautela, uma vez que o próprio autor reconhecia as limitações de seu estudo, uma vez que sua elaboração ocorreu através da coleta de análise de fontes variadas a respeito o tema, inclusive apoiadas em memórias e na tradição oral.

que esses documentos tiveram por parte das escolas e dos órgãos de conservação do patrimônio educativo" (BASTOS, 2015, p.37). Dessa forma, "o mapeamento de acervos, bem como sua organização e conservação tem exigido um grande esforço dos pesquisadores em geral e, especialmente, dos brasileiros que tem que superar os limites quanto ao próprio acesso as fontes" (BICCAS, 2008, p.23). Mesmo contendo uma diversidade de informações e inúmeras possibilidades de pesquisa, a falta de conservação tem dificultado o acesso a esse tipo de documentação. Amaral (2002) complementa o argumento, quando destaca que esse problema tem ocorrido

> provavelmente pela inconstante periodicidade, dificuldade de acesso ou, quem sabe, por questões relativas à "qualidade" dos textos que são produzidos, os impressos estudantis não têm recebido a devida atenção dos pesquisadores, embora sejam, também, uma fonte de pesquisa em potencial. (AMARAL, 2002, p.123).

A relevância dessa documentação, a ameaça da sua degradação e a tímida produção de estudos sobre a temática me permitiram formular uma aproximação com a "relação do historiador com o vivido, quer dizer, a possibilidade de fazer reviver ou de ressuscitar um passado". (DE CERTEAU, 2013, p.27). Considerando esses pressupostos e o lugar social que ocupo, na condição de piauiense e pesquisador do campo da história da educação, comecei a observar a produção de estudos sobre imprensa escolar em âmbito local e, através de um levantamento das pesquisas realizadas em nível de pós-graduação, verifiquei que, na historiografia da educação piauiense, a temática permanece quase inexplorada, resultado de uma tradição local do campo que prioriza outras fontes e temas, negligenciando a análise dos periódicos em questão. Essa situação foi decisiva para a iniciativa de dedicar minha pesquisa de doutorado ao tema.

Em um levantamento realizado nos Programas de Pós-Graduação em Educação e Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, não foram identificadas, em âmbito local, pesquisas que explorassem as discussões acerca da temática em questão, pois "a produção científica acadêmica em relação à imprensa, no Piauí, ainda é muito incipiente" (SOUSA, 2020, p.28). No programa de Pós-Graduação em História do Brasil, a dissertação de Farias (2015) que resultou no livro *Em busca da Geração Perdida*, em um de seus capítulos, dedica-se a analisar apenas a produção literária de três jovens estudantes – integrantes de uma geração de intelectuais, contidas nas revistas *Voz do Estudante, Geração e Zodíaco*. No Programa de Pós-Graduação em Educação localizei somente a pesquisa de Soares (2018), na qual discutiu educação e a sociedade da cidade de

Codó – MA, por meio de um jornal intitulado *A Escola*. Outra contribuição recente trata-se do livro de Sousa (2020), que analisa as *Instituições escolares no Piauí em páginas dos jornais (1961-1971)*.

Lopes (2016) e Lima (2020) fizeram ligeiras aproximações com estudos sobre o tema. O primeiro discutiu o lugar do jornal e da revista escolar nos projetos educativos das escolas e sua importância para a escrita da história das instituições escolares, enquanto a segunda analisou o jornal *A Mocidade Piauhyense* como parte da cultura escolar no Piauí. Esses casos indicam que os estudos sobre imprensa periódica escolar têm sido pouco explorados na historiografia da educação piauiense, permanecendo lacunar, seja como objeto de pesquisa ou mesmo como fonte. Esse posicionamento pode ser averiguado em um interessante estudo de Costa Filho e Baptista (2021) sobre "Os caminhos da história da educação no Piauí" no qual fez um balanço da produção acadêmica relacionada à história da educação, em que se observa a ausência de investigações voltadas a explorar a imprensa pedagógica e suas vertentes, dentre elas, a imprensa escolar à qual se dedica o presente estudo.

Diante da série de jornais e revistas coletadas, pude inferir que, nas décadas de 1930 e 1940, estudantes e escolas do Piauí, na capital, Teresina, e em Parnaíba e Floriano, recorreram à imprensa como um veículo que auxiliava as escolas por meio de um conjunto de informações, além de introduzir certo doutrinamento e modelagem da classe estudantina. No caso de Teresina, dia após dia, chegava às mãos dos leitores, jornais, folhetins e revistas que divulgavam o que, naquele momento, repercutia no âmbito da escola, bem como em escala regional, nacional e transnacional. Ao lado da "grande" imprensa local, surgiu uma quantidade significativa de publicações escolares vinculadas às associações e órgãos de representação de classes.

A partir desse movimento, procuro estabelecer uma compreensão de que a escrita periódica fazia parte da cultura escolar nos estabelecimentos de ensino das cidades delimitadas no estudo. Cultura escolar aqui é compreendida a partir das proposições de Julia (2001) cuja definição leva em consideração as normas e práticas mobilizadas para transmitir os saberes relacionados ao processo de escolarização. Na definição empregada pelo autor, ele dizia:

> Para ser breve, poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o

> corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores. Mas, para além dos limites da escola, pode-se buscar identificar em um sentido mais amplo, modos de pensar e de agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades, modos que não concebem a aquisição de conhecimentos e de habilidades senão por intermédio de processos formais de escolarização. (JULIA, 2001, p. 10-11).

Essa definição corresponde às diversas práticas, costumes, valores e experiências cotidianas manifestadas por alunos e professores dentro das escolas. As problematizações levantadas por Julia (2001) receberam influências das premissas de Chervel (1990), que propunha uma análise da história das disciplinas escolares procurando percebê-la em um sentido amplo e complexo, abrangendo os saberes instaurados na escola. Ao analisar sua proposta, Vidal (2005) pontua que Chervel,

> advogava a capacidade da escola para produzir uma cultura específica, singular e original. [...] Para ele, a instituição escolar era capaz de produzir um saber específico cujos efeitos estendiam-se sobre a sociedade e a cultura, e que emergia das determinantes do próprio funcionamento institucional. (VIDAL, 2005, p.26).

A respeito do conceito de "Cultura Escolar", também compartilho da posição de Denizot (2021), quando postula que a definição [de André Chevel], de fato, trata da questão da "escola" na "cultura escolar", pois especifica claramente a relação semântica que o adjetivo estabelece com o substantivo do qual depende: trata-se de uma cultura produzida pela escola e não de uma cultura na ou da escola. Não é que a escola deve ser pensada em total independência da sociedade global na qual está inserida; mas deve ser pensada como uma instituição autônoma, com propósitos específicos (ensino e aprendizagem), uma história específica (que não é a de outras instituições dedicadas à aprendizagem), formas específicas (quer seja chamada de "forma escolar" ou "disciplina escolar"), conteúdos e práticas específicas. Estas características da escola podem ser influenciadas pela sociedade, tanto quanto podem influenciá-la, e uma análise da cultura de uma sociedade não pode prescindir da análise de uma cultura da escola. (DENIZOT, 2021).

Do ponto de vista historiográfico há a necessidade de problematizar os mecanismos de funcionamento da escola, como suas normas, experiências e práticas experimentadas em um determinado período. Julia (2001, p.11) levantou o seguinte questionamento: "Dispomos, hoje, de instrumentos próprios para analisar historicamente esta cultura escolar?" O questionamento referia-se às dificuldades de pesquisarem-se as práticas escolares devido à falta de conservação de documentos que poderiam conter suas marcas, ao longo do tempo. Mesmo diante dessa limitação, enfatiza que "sem dúvida, não devemos exagerar o silêncio

dos arquivos escolares. O historiador sabe fazer flechas com qualquer madeira" (JULIA, 2001, p.17).

No caso deste trabalho, a imprensa escolar incidiu em objeto e fonte, permitindo percebê-la como artefato da cultura escolar e como registros de aspectos das experiências de estudantes e professores dos espaços delimitados no estudo. Em certa medida, a pesquisa associa-se aos interesses de uma parcela de historiadores dedicados aos estudos da cultura escolar os quais "[...] se dedicam a investigar principalmente os impressos pedagógicos e sua importância como estratégia de difusão de modelos e ideias pedagógicos, analisando também as práticas de apropriação a que tais objetos culturais estão sujeitos". (FARIA FILHO *et al*, 2004, p.150).

Nesta pesquisa, as escolas e suas instituições, como os grêmios estudantis e centros culturais, enxergam na imprensa um espaço de exercício da escrita e estímulo às letras, além da difusão dos valores considerados necessários para suas formações. Essas condições levaram o Piauí a testemunhar o desenvolvimento da uma produção de periódicos nas escolas que se constitui em um repertório valioso sobre as práticas, normas, cultura, valores e aspirações dos estudantes, configurando-se, "nessa perspectiva, um guia prático do cotidiano educacional e escolar" (BASTOS, 2013, p. 21); elaborado a partir das lentes de alunos, alunas e outros agentes que transitavam nos mais distintos espaços da escola e dos lugares onde viviam, construindo redes de comunicação e sociabilidades a partir da formação individual e coletiva, cujos rastros são revelados pelo que se veiculava nesses impressos.

De posse de um catálogo desses impressos e com base nas questões assinaladas, a investigação foi norteada pela seguinte questão: de que maneira a imprensa escolar colaborou para a formação da mocidade estudiosa piauiense no período em estudo? Buscando responder essa indagação e para o desencadeamento da pesquisa, estabeleci, como objetivo central, investigar o processo de composição da imprensa escolar no Piauí, focalizando a análise dos seus enunciados como estratégia de formação dos estudantes, entre 1930 e 1948.

Com o intuído de alcançar esse horizonte, estabeleci os seguintes objetivos específicos: a) discutir como a imprensa escolar foi se configurando no Piauí a partir das dimensões político-educacionais no período em análise; b) examinar a produção de jornais e revistas escolares nas cidades de Teresina, Floriano e Parnaíba, considerando seus lugares e os níveis de ensino os quais se vinculavam; c) analisar os discursos educacionais transmitidos nos periódicos, buscando percebê-los como instrumentos destinados a auxiliar na formação dos estudantes piauienses. Com base nas questões formuladas, procuro sustentar a tese de que a produção de jornais e revistas escolares, permeada pelos seus discursos, pode ser

considerada uma estratégia importante na orientação e desenvolvimento dos estudantes piauienses entre os anos 1930 e 1948.

Do ponto de vista metodológico, a operação de realização da pesquisa tem mobilizado os periódicos escolares em uma dupla perspectiva:

> Ao serem tomadas simultaneamente como fontes ou núcleos informativos para a compreensão dos discursos, relações e práticas que as ultrapassam e as modelam ou ao serem investigados, de um ponto de vista mais interno, se assim se pode dizer, quando então configuram-se aos analistas como objetos que explicam em sim modalidades de funcionamento do campo educacional. (CATANI; BASTOS, 2002, p.7).

O levantamento da documentação ocorreu nos acervos do Arquivo Público do Piauí, da Hemeroteca Digital[12] da Biblioteca Nacional e da Memória do Jornalismo Piauiense[13]. No primeiro caso, as restrições impostas pelo isolamento provocado pela Pandemia da Covid-19 prejudicaram, consideravelmente, o processo de coleta documental pelo fato daquela instituição ter permanecido fechada até julho de 2021. Por esta razão, parte considerável das fontes utilizadas foi recolhida na fase anterior ao isolamento. Diante deste quadro, fez-se necessário redirecionar determinados pontos do trabalho para viabilizar a sua construção. O desafio posto foi ter condições de produzir esta pesquisa no contexto de restrições que se estabeleceu. Os outros dois espaços foram lugares de busca e reunião de parte da documentação acionada na pesquisa.

Os arquivos das instituições de ensino, que serviram de agências produtoras da imprensa periódica escolar, também foram consultados[14]. Porém, foram poucos os resultados obtidos nesses estabelecimentos. Esse processo de mapeamento segue as orientações de Luca, quando sugere que "o primeiro passo é **localizar a fonte** numa das instituições de pesquisa e

---

[12] A página da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional encontra-se disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Os acessos a esse domínio ocorreram entre 2019 e 2021.

[13] Segundo consta em sua página, o Projeto Memória do Jornalismo Piauiense nasceu da necessidade de democratização do acesso aos periódicos por parte dos pesquisadores e comunidade em geral. Além disso, na ideia inicial já havia o intuito de preservar a memória e contribuir para a história do campo da comunicação, assim como, da sociedade, a partir do fomento a pesquisas científicas, com a facilitação do acesso às fontes hemerográficas. O Projeto Memória do Jornalismo possui o patrocínio da Universidade Federal do Piauí (UFPI), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O lançamento da plataforma digital possibilita ao pesquisador consultar jornais, revistas e almanaques do século XIX e XX em qualquer lugar, por meio deste site, configurando assim, um meio de democratização e acessibilidade aos interessados em pesquisar a imprensa piauiense. Seu acervo encontra disponível no endereço < http://memoriadojornalismopi.com.br/> e as coletas nesse domínio ocorreram entre 2019 a 2011.

[14] Neste caso, me refiro especialmente ao Colégio Estadual Zacarias de Góis (Liceu Piauiense), Colégio Sagrado Coração de Jesus (Colégio das Irmãs), Colégio São Francisco Sales (Colégio Diocesano) e Instituto de Educação Antonino Freire (antiga Escola Normal).

averiguar as condições oferecidas para consulta" (LUCA, 2008, p.141, grifos da autora). Essa operação parte da concepção de que "conhecer a história através da imprensa pressupõe um trabalho com método rigoroso, tratamento adequado de fontes e reflexão teórica. Sem esses ingredientes corre-se o risco de repetir para o leitor, aliás sem o charme do jornal, a história que ele conta" (CAPELATO, 1988, p.23).

Neste esforço, um dos problemas enfrentados foi a descontinuidade das fontes, situação que dificultou o processo de organização e operação com o material, condição com que outros pesquisadores também se depararam ao trabalhar com a imprensa seriada. "A aludida falha nas séries periódicas determinou o tratamento circunstancial das mesmas, limitando-se ao material encontrado" (MARTINS, 2008, p.19). Essa situação consiste em uma condição constante dos arquivos e, devido a ela, o historiador precisa levantar questões para suprimir certas ausências documentais. Farge (2009, p.58) enfatiza que "o arquivo não é uma reserva na qual se sorveria por prazer, mas é permanentemente uma falta. [...] ele cria vazio e falta que nenhum saber pode suprir. Utilizar o arquivo hoje é traduzir essa falta em questão, é antes de mais nada despojá-lo". Deste modo, como pensar o jornalismo escolar diante de séries lacunares? Que sentido produzir a partir do que foi localizado? Como tratar a documentação com seus achados e seus vazios? Se o arquivo também se constitui em lugar de falta, como lidar com o existente?

As lacunas existentes provocaram uma permanente insegurança no tratamento das fontes. Contudo, uma das soluções mais adequada para operar com aquele conjunto de coisas foi, em um primeiro momento, classificar os periódicos em duas séries: a primeira constituída pelos *jornais* e a segunda composta pelas *revistas*. Para a análise desse material optou-se por uma aproximação com os estudos de Darnton (1990), no que se refere ao circuito de comunicação, que sugere uma compreensão dos impressos a partir de perspectiva mais ampla, de modo a permitir olhar o material como um todo, considerando as fases e sujeitos envolvidos. Grande parte dos estudos desse autor são relacionados ao antigo regime francês e contemplam importantes discussões sobre a história dos meios de comunicação, privilegiando a produção e circulação de impressos

Esta acepção parte de uma visão holística sobre a produção e circulação de livros e, por derivação, de outros impressos, como jornais e revistas, os quais estão inseridos numa rede de interesses que envolve desde editores até os leitores. Nesse sentido, "Circuito de comunicação que vai do autor ao editor (se não é o livreiro que assume esse papel), ao impressor, ao distribuidor, ao vendedor, e chega ao leitor" (DARNTON, 1990, p.111, grifos do autor). O autor ainda argumenta que, para a compreensão dessas etapas, elas devem ser

analisadas a partir das suas relações como as diferentes condições e contexto aos quais estão inseridas, pois "A história do livro se interessa por cada fase desse processo e pelo processo como um todo, em todas as suas variações no tempo e no espaço, e em todas as suas relações com outros sistemas, econômico, social, político e cultural, no meio circundante". (DARNTON, 1990, p.111).

Em certa medida, as proposições de Darnton constituíram importantes chaves de análise dos jornais e revistas mobilizados neste trabalho. Contudo, a utilização das sugestões desse autor no exame dos livros e, nesse caso, por derivação dos periódicos, necessitou de algumas adequações devido às limitações das fontes. Luca (2008) também foi acionada para ajudar compreensão de que não é possível estabelecer um modelo adequado para aplicar ao estudo dos periódicos. Ela elucida que "a variedade da fonte de imprensa é enorme e as suas possibilidades de pesquisa são amplas e variadas. Assim, não é viável sugerir um procedimento metodológico ou mesmo técnicas de pesquisa que deem conta de tantas possibilidades" (LUCA, 2008, p. 141). Nos procedimentos que a autora sugere como inspiração inicial, estão os seguintes pontos: encontrar as fontes e constituir uma longa e representativa série, atentar para as características de ordem material, caracterizar o material iconográfico presente, caracterizar o grupo responsável pelo impresso, identificar os principais colaboradores, identificar o público a que se destina, identificar as fontes da receita, analisar todo o material a partir da problemática escolhida. (LUCA, 2008).

No que se refere à constituição e estudo dos seus ciclos de vida, Gondra (1997) recomenda que seja observado o lugar de produção, periodicidade, seções, regularidades, interdição e instabilidades, interrupção e continuidade. Para ele,

> o ciclo de vida do periódico aqui em estudo deve ser compreendido no interior de uma rede de interesses, marcado por soluções de ruptura e continuidade, em que a manutenção da ordem é um marcante signo que orienta a opção por uma ou outra alternativa" **(**GONDRA, 1997, p. 391).

No entanto, é preciso destacar, conforme dito anteriormente, que a escassez de números da maioria dos periódicos dificultou esse tipo de análise. Ainda assim, essa documentação mostrou-se rica em sua diversidade, o que exigiu operá-la com cuidado, considerando que "estudar periódicos é possível notar que não se constituem simples recipientes de textos e imagens, a serem decifrados. Trata-se de formas específicas da cultura impressa da modernidade, cuja complexidade e relevância os torna um problema a ser enfrentado". (GONDRA, 2018, p. 77).

Os impressos mobilizados para olhar os modos como colaboraram para a formação dos estudantes piauienses foram tratados, ao mesmo tempo, como fonte e tema da investigação porque "o próprio jornal tornou-se objeto de pesquisa histórica". (LUCA, 2008, p. 118). Junta-se aos jornais, as revistas que, pela diversidade do seu conteúdo, se constitui, segundo Martins, como

> Fonte preferencial para pesquisas de teor vário, a revista é gênero de impresso valorizado, sobretudo por 'documentar' o passado através de registros múltiplos: do textual ao iconográfico, do extratextual – reclame ou propaganda – à segmentação, do perfil de seus proprietários Aquele de seus seguidores. (MARTINS, 2008, p.21).

A descontinuidade e a ausência de números para a composição de uma série "completa" a ser analisada foi uma marca presente na coleção constituída. Nesse sentido, "o trabalho com o arquivo e seus vazios implica em "uma errância por meio das palavras de outro" (FARGE, 2009, p.119). Neste sentido, trata-se de uma construção com marchas e contramarchas, exigindo um interrogar constante dos documentos, porque é preciso se dar conta de que o arquivo "oferece rostos e sofrimentos, emoções e poderes criados para controlá-los" (FARGE, 2009, p. 94). Como tal, convida o historiador "a manter-se longe do arquivo-reflexo onde se colhem apenas informações e do arquivo-prova que conclui demonstrações, como se esgotasse de uma vez por todas o material" (FARGE, 2009, p.118). Esse conjunto de operações possibilita sentir o gosto do arquivo, no qual a falta, o descontrole, a errância fazem parte, o que não retira a necessidade de operar-se com rigor, precisão e planejamento, inclusive, para localizar as lacunas, os vazios, que devem integrar o quadro das inquietações do pesquisador.

Além dessas fontes, a construção da pesquisa exigiu a utilização de outros documentos que auxiliaram no entendimento das temáticas abordadas. Jornais de grande circulação, autobiografias, memórias biográficas, mensagens governamentais, relatórios de instrução, censos demográficos estão entre os documentos mobilizados nesse feito. Com o cruzamento dessas fontes, procurei observar o papel da imprensa escolar nesse período, dar-lhe visibilidade e inscrevê-la no campo da imprensa educacional, bem como no debate da história da educação local.

Postas na mesa a coleção de periódicos e as fontes complementares, foi necessário fazer escolhas para a construção de uma escrita que interpretasse aspectos do passado escolar e educativo contemplados naquelas páginas. Operar essa documentação com o objetivo de dar um sentido lógico e estabelecer um olhar sobre determinados aspectos do passado de escolas,

professores, estudantes tornou-se um desafio e uma insegurança permanente na estruturação da tese. Nessa operação foi preciso dialogar com De Certeau (2013), quando orienta que olhar o passado e construir sua história depende de uma operação minuciosa. Ele diz que:

> Em história, tudo começa com o gesto de *separar*, de reunir, de transformar em "documentos" certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em *produzir* tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto. Este gesto consiste em "isolar" um corpo, como se faz em física, e em "desfigurar" as coisas para constituí-las como peças que preencham lacunas de um conjunto, proposto *a priori.* (DE CERTEAU, 2013, p.69).

As disciplinas cursadas no Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro contribuíram para a ampliação do meu repertório teórico-metodológico acerca da temática, particularmente: “Estudos Avançados em História da Educação II”, ministrada por José Gonçalves Gondra; “Escola, Memória e Cultura Escrita”, com Ana Chrystina Venancio Mignot; “Tópicos Especiais: Impressos, práticas, cultura escrita e história da leitura: contribuições de Roger Chartier, Robert Darnton e Michel De Certeau”, ministrada pelas professoras Márcia Cabral da Silva e Ana Chrystina Venancio Mignot; “Impressos, Imprensa Pedagógica e História da Educação”, com Márcia Cabral da Silva e Sônia de Oliveira Câmara Rangel.

Adiciono a essa relação, de modo muito especial, as atividades dos “Seminários de Pesquisa”, desenvolvidas junto ao Núcleo de Ensino e Pesquisa em História da Educação (NEPHE) sob a coordenação do professor José Gonçalves Gondra. O referido núcleo foi um lugar permanente de discussões e aprendizados, onde foram realizados estudos que contemplavam o tema em debate, além de outros que possibilitaram enxergar diferentes modos de operação de temas, objetos e fontes de estudo. Foram encontros de uma riqueza imensurável em razão da presença de um grupo de pesquisadores dedicados à história da educação que colaboraram de forma significativa, com críticas e sugestões durante este e outros estudos postos em discussão.

Os pesquisadores do NEPHE têm produzidos estudos que contemplam a imprensa educacional como objetivo e fonte de pesquisa. Serve como exemplos, os estudos mais recentes de orientações do Professor Dr. José Gonçalves Gondra. Entre eles cito duas interessantes teses: “*Escola como campo de batalha:* Impressos, Formação de Professores e Psicologia da Educação em Moçambique *(1969–2010)”*, de Niuaia (2019), que fez um estudo dos saberes sobre aprendizagem de crianças em idade escolar publicados nas Revistas

Pedagógicas *O Nosso Posto, Jornal do Professor* e *Contacto*, destinadas à formação em exercício de professores primários de Moçambique e *Vosso nome será: luz, civilização e progresso!: o* impresso La Instrucción Primaria e o espinhoso apostolado do ensino em Honduras (1895-1903), de Laínez (2021), em que problematizou a emergência estratégica do impresso *La Instrucción Primaria* como resultado de uma agenda oficial da Direção Geral de Instrução Primária de Honduras, entre 1895 e 1903. Essas pesquisas entregaram interessantes debates sobre os periódicos analisados e ainda permitem perceber distintos modos de operacionalização com as fontes acionadas.

Alguns estudos serviram de referência para a organização e estruturação deste trabalho. Examinei dissertações e teses que versavam sobre imprensa, imprensa pedagógica e escolar que pudessem auxiliar nas escolhas realizadas e soluções encontradas. Destaco, por exemplo, o livro *Revistas em revista*, de Martins (2008), resultado de sua tese de doutoramento, no qual analisou as revistas ilustradas brasileiras que circularam entre o final do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX. Examinou revistas científicas, pedagógicas, esportivas, femininas, religiosas infantis, etc., buscando enxergar aspectos da cultura impressa e o papel social que ocupava no período.

Outra colaboração foi o estudo *A imprensa pedagógica no Rio de Janeiro:* os jornais e as revistas como agentes construtores da Escola (1870 - 1919), de Teixeira (2016), que privilegiou o processo de composição e desenvolvimento da imprensa pedagógica na cidade do Rio de Janeiro no período compreendido 1870 a 1919, discutindo os enunciados de conjunto de jornais e revistas voltados para as questões de educação e ensino.

Esses estudos me ajudaram a pensar nas escolhas realizadas para o desenho do presente trabalho. Verifiquei que a maioria dessas pesquisas opera com uma série formada por coletâneas de jornais e ou revistas através das quais procuravam estabelecer interlocuções acerca de suas problemáticas e proposições, pois "o material é criado por ações combinadas, que o recortam no universo do uso, que vão procurá-lo também fora das fronteiras do uso, e que o destinam a um reemprego coerente". (DE CERTEAU, 2013, p.69-70).

Olhando esses exemplos e tomando-os como modelos, resolvi operar com a classificação dos periódicos em duas séries (jornais e revistas), tentando notar o papel da imprensa escolar na formação dos estudantes piauienses através do seu processo de composição e dos conteúdos que imprimiam. Procurei ainda lançar um olhar sobre outras cidades piauienses cuja imprensa de escola se fez perceber.

Neste caso, analisei também periódicos que circularam nas cidades de Floriano e Parnaíba que experimentaram brisas de civilidade por meio dos avanços e desenvolvimento

local. Dessas cidades, tive acesso a alguns jornais que ajudaram a entender como a imprensa foi se forjando nos espaços escolares como atividade extraclasse que servia de canal de comunicação entre a escola, seus sujeitos e a comunidade, e também como espaço protagonizado por estudantes e divulgador de suas posições acerca dos mais diversos assuntos postos em debate.

Do ponto de vista de sua organização, o estudo encontra-se estruturado em três capítulos. No primeiro, intitulado "Ares de civilidade no Piauí: imprensa escolar, educação e progresso", analisei como a produção da imprensa escolar foi se configurando no Piauí, estabelecendo uma compreensão das dimensões político-educacionais como parte de um projeto de expansão da instrução, do combate ao analfabetismo e do progresso local. Destaco algumas notas sobre as primeiras notícias acerca da escrita periódica escolar no Piauí, o movimento em torno da imprensa escolar, a modernização da rede escolar piauiense, a imprensa e representação do progresso piauiense e a efervescência da escrita periódica escolar no Estado.

No segundo capítulo, denominado "Estão fundando jornais, estão escrevendo!: jornais escolares, características e debates", examino o processo de composição de um conjunto de jornais de Teresina, Floriano e Parnaíba e o conteúdo de suas páginas, buscando olhar a difusão de instrumentos metodológicos auxiliares nas atividades escolares e na formação da mocidade estudiosa. Discuto, ao longo do capítulo, o periodismo escolar no ensino secundário em Teresina, a educação e formação nos jornais da capital, os periódicos escolares em Floriano e Parnaíba e seus enunciados, a imprensa escolar primária nos grupos escolares da capital e suas abordagens.

Por fim, no terceiro capítulo, "A publicação de uma revista sempre traz proveito: revistas escolares e seus enunciados", discuto a produção e os enunciados de um conjunto de revistas de Teresina e Parnaíba, explorando os aspectos da composição e do seu caráter educativo. Em um primeiro momento, discuti os meandros do aparecimento e as suas características, agrupando-as a partir de suas vinculações institucionais e ou alinhamento temáticos para, em seguida, examinar os modos como um conjunto de enunciados que propagavam contribuíram para a formação escolar, cívica e cultural da mocidade estudiosa piauiense.

O trabalho realizado procurou dar conta de uma lacuna na historiografia da educação piauiense, com foco na imprensa escolar, termo adotado ao longo deste estudo, na medida em que recobre a complexidade no processo de produção, impressão, circulação e arquivamento deste material. O processo de elaboração, bem como as etapas subsequentes, mobilizou não

apenas estudantes, mas também agentes escolares, tais como professoras/es, diretoras/es, inspetores/as, bem como comerciantes etc. Escolas, dirigentes e professores estimulavam a elaboração, participavam da editoração, definindo os conteúdos que deveriam ser imprimidos. Assim, procuravam apoio do poder público e do comércio local que viam, nas páginas de jornais e revistas, uma vitrine para divulgar seus produtos e serviços.

Ao definir um recorte temporal, com base no problema e na documentação constituídos, indico certa possibilidade de compreensão deste tipo de impresso específico, entrecruzando com cenário de crescente nacionalismo, repressão e controle dos impressos; bem como dos debates doutrinários a respeito da educação e da pedagogia, condição para compreender a difusão de determinados enunciados na imprensa escolar.

Por fim, com o esforço e investimento realizados, em um cenário de crise sanitária global, com efeitos visíveis nas possibilidades de pesquisa, como já assinalado, o estudo realizado permite inferir que os impressos escolares foram produzidos visando criar um ambiente de comunicação regulado, dispostos a interferir no curso da vida da classe estudantil do Piauí, cujo detalhamento o leitor encontra nas folhas que se seguem.

1 ARES DE CIVILIDADE NO PIAUÍ: IMPRENSA ESCOLAR, EDUCAÇÃO E PROGRESSO

> Além do ensino devemos empregar, no Piauí, também os meios de vida modernos, adotados nas grandes cidades, passados alguns anos eis que teremos um exemplar e moderno meio de vida.
>
> *José P. T. Caddah*

No argumento expresso no fragmento acima, publicado no jornal *Gente Nova*, de novembro de 1947, *José Caddah* sugeriu que fossem feitos investimentos em ensino e na modernização das cidades piauienses. Esses dois fatores contribuíram para o desenvolvimento local e para a produção de periódicos escolares no Piauí. Considerando essas questões, neste capítulo, busquei explorar como a imprensa escolar foi se configurando no Piauí a partir das dimensões político-educacionais no recorte temporal desta pesquisa, priorizado o debate e as ações voltadas para modernização e expansão da rede escolar as marcas do progresso experimentadas nas cidades de Teresina, Parnaíba e Floriano, amplamente disseminadas na imprensa.

Para compreender a composição dessa imprensa, foi necessário fazer um recuo no tempo com o objetivo de analisar os registros de sua ocorrência em momentos anteriores aos anos 1930. Adentrando as duas décadas seguintes, busquei observar as ideias e o movimento em torno da imprensa escolar instalada no Brasil, estabelecendo a compreensão de que a circulação de jornais e revistas no Piauí estava integrada a uma rede de produção de periódicos nas escolas de distintas regiões do Brasil. Assim, a partir de agora convido os leitores e leitoras a revisitar a história da educação, nesse período, em parte do Piauí, para a qual se volta a minha análise das questões mencionadas.

1.1 Primeiras notícias em torno da escrita periódica escolar

As notícias sobre as primeiras manifestações da escrita periódica escolar remontam a 1832 e dão conta do surgimento de *O Piauiense*, considerado por Pinheiro Filho (2017), como o primeiro jornal publicado em Oeiras, então capital da província do Piauí. Daí em diante,

outros impressos de notícias foram, gradativamente, circulando na região, ao longo do século XIX. Rego (2001) informa que durante os anos 1830 ainda surgiram *O Correio da Assembleia Legislativa* e, em 1939, *Telégrafo* (1839), de caráter oficial e político, com o objetivo primeiro de manter a opinião pública a favor do governo e das ações do Visconde da Parnaíba, no Episódio da Balaiada[15] (RÊGO, 2001, p.50). Poucos anos depois, ganha destaque a atuação de Lívio Lopes[16], responsável por publicar algumas folhas de notícias com destaque para *O Liberal Piauiense* (1945). Ainda "dirigiu e redigiu *Aucapura* (1950), e *Augus Piauiense*, em Oeiras; *Patuléia* (1958); O *Consiliador Piauiense* (1857), além de colaborar em muitos outros". (PINHEIRO FILHO, 2017, p.36-37).

Rêgo (2001) e Pinheiro Filho (2017) ainda dão conta de outros jornais da província. *Eco Liberal* (Oeiras - 1849), *O Oeirense* (1854), *A Ordem* (1854), *Liga e Progresso* (Teresina – 1963). Conforme Pinheiro Filho (2017), o primeiro jornal a circular na nova capital, Teresina[17], foi *A Ordem*, cujas informações indicam que tinha boa feição, com publicações sobre a vida política e social piauiense, o que foi possível ver que este "já não era um impresso destinado somente a dar publicidade aos atos oficiais, ou criticar estes atos. Preocupava-se inclusive em agradar aos seus leitores" (PINHEIRO FILHO, 2017, p.46).

Ao produzir uma discussão sobre o ponto de vista político, Rêgo (2001) classifica os jornais piauienses entre monárquicos e republicanos no transcorrer do Segundo Reinado e, de

[15] A balaiada foi um uma revolta popular ocorrida no Maranhão entre 1838-1841. O nome da rebelião faz uma referência a uma considerável parcela dos participantes do movimento formada de cidadãos agricultores pobres que trabalhavam artesanalmente como fazedores de balaios. A revolta ocorreu contra as precárias condições que aquela população vivia e os desmandos cometidos pelo governo e disputas entre a elite local, tendo como motivação o recrutamento forçado para servirem no corpo de Artilharia da Marinha, no serviço de Cavalaria do Exército e no serviço da Armada. Após a imprensa maranhense empreender intensa propaganda contra o recrutamento, os rebeldes entraram em conflito contra as tropas oficiais nas imediações da cidade de Caxias, tendo sido reprimidas pelo coronel Luís Alves de Lima e Silva, que mais tarde receberia o título de duque de Caxias. Segundo Claudete Maria Miranda Dias, a revolta contou com importante participação dos sertanejos piauienses que se rebelaram contra a prática do recrutamento considerado "espantalho da população". Para maiores informações ver: DIAS, Claudete Maria Miranda. Balaios e Bem-te-vis: a guerrilha sertaneja. 2 ed. Teresina, Instituto Dom Barreto, 2002.

[16] Lívio Lopes Castelo Branco Silva nasceu em 11 de setembro de 1813 em Campo Maior – PI e faleceu em 1869 em Parnaíba. Foi militar político, revolucionário e jornalista. Ao lado dos rebeldes, participou da Balaiada assumindo postos de comando em Caxias – MA e depois de fracassar nas negociações pelo fim da luta, refugiou-se no Rio Grande do Norte e Paraíba. Após a anistia retornou ao Piauí e elegeu-se deputado provincial por duas legislaturas e passou a dedicar-se intensamente ao jornalismo, tendo dirigido e colaborado com jornais da época. (GONÇALVES, 2003).

[17] A primeira capital do Piauí foi a cidade de Oeiras que se manteve nessa condição até meados de 1852, quando ocorreu a transferência da sede administrativa da província para a chamada Vila Nova do Poti, que recebeu a designação de Teresina, em homenagem à Imperatriz D. Teresa Cristina. O movimento de transferência foi liderado pelo Dr. José Antônio Saraiva, baiano de Santo Amaro, nomeado para o cargo de presidente da Província do Piauí através da Carta Imperial de 19 de junho de 1850. Partidário da mudança da capital para as margens do rio Parnaíba, em local que facilitasse a comunicação com outros pontos da nação, rapidamente mobilizou uma frente em favor do deslocamento e, mesmo tendo sofrido um intenso processo de disputas e resistência, efetivou a transferência para o novo local e oficializou o início das atividades administrativas na nova capital em 16 de agosto de 1952.

maneira competente, analisa as tensões e o caráter ideológico que continham. Além disso, revela a importância que a imprensa tomava naquele contexto, o que justifica o contínuo aparecimento de jornais. Segundo ela, o estilo dos jornais piauienses do século XIX era caracterizado pela agressividade de suas panfletagens que, em vez de "dialogar" promovia um "apedrejar" (RÊGO, 2001). Porém, mesmo diante do agravamento dessa tensionalidade a partir de 1860, a autora afirma que,

> [...] o jornalismo literário começa a florescer no Piauí. Ainda na década de 1870, verifica-se a existência de pequenos jornais de cunho puramente literário, com destaque para *O Papyro*, que com Domenico Zampieri e Lívio Druso como redatores, e David Caldas, como colaborador. Outros periódicos de natureza similar disputam o espaço com grandes jornais como *O Arbusto*, *A Floresta*, *A Sensitiva*, *O Prometheu*, *A Bala*, dentre outros. Nos anos 80, os folhetins invadem, definitivamente, os jornais maiores, como *A Época* e a *Imprensa*, registrando a marca da poesia e da literatura no jornalismo piauiense, fato que, a exemplo da imprensa nacional, é comum até meados do século XX. (RÊGO, 2001, p.78-79, grifos nossos).

Neste contexto em que a imprensa literária começou a ganhar corpo no Piauí, também emergiram as notícias do surgimento da escrita periódica escolar no Estado, o que justifica a necessidade de recuar no tempo para dar conhecimento sobre a produção desses periódicos, produzidos por agentes escolares, especialmente alunos dos poucos estabelecimentos de ensino existentes[18]. Esse recuo não teve o intuito de demarcar a origem desse tipo de imprensa. Consistiu apenas em procurar entender o lugar que esses impressos ocupavam na organização e formação dos estudantes piauienses. Nesse intento, as perguntas formuladas foram as seguintes: quais os periódicos produzidos? Que agentes estiveram envolvidos na sua elaboração? Quais motivações levaram a essas iniciativas? Esses impressos estão preservados? O que apresentavam seus enunciados? Na tentativa de encontrar respostas para tais indagações, pude notar que foram poucos os vestígios que permaneceram sobre esses artefatos, uma vez que,

> No Piauí, por sua vez, é possível afirmar que houveram [sic] publicações de revistas e de jornais escolares nesse período, porém, não é possível definir o início dessa prática na imprensa local em virtude das dificuldades de acesso aos documentos e jornais estudantis, nem sempre localizados em arquivos públicos ou particulares em condições de pesquisa ou identificados/catalogados. (LIMA, 2020, p.37).

[18] Foi muito reduzido o número de escolas de ensino secundário existentes no Piauí até o final do século XIX. As principais instituições eram: Liceu Piauiense (1845), Escola Normal (1864) e o Colégio Nossa Senhora das Dores (1882), estabelecimento particular. Devido a deficiência da instrução pública, aulas particulares de educação primária e secundária foram constantes desde a metade do século XIX em Teresina e no interior da província. (QUEIROZ, 2017).

Mesmo diante da escassez documental, alguns estudos dão notícia da ocorrência de jornais com características escolares do final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. O jornal *A Mocidade Piauhyense,* que circulou entre 1883 e 1885, é considerado como um dos primeiros periódicos produzidos em ambiente escolar no Piauí. Ao se referir a esta folha, Arroyo (2011, p.200), argumenta que "a mais antiga publicação da imprensa escolar e infantil no Piauí foi A *Mocidade Piauiense*, de 1883, um pequeno jornal literário e noticioso redigido por uma associação de estudantes do Colégio Nossa Senhora das Dores[19] de que não há maiores informes". O mesmo jornal foi citado em uma relação de periódicos organizada por Pinheiro Filho (2017), que ainda menciona vários outros noticiosos congêneres de Teresina e várias outras cidades entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX. As edições disponíveis[20], foram estudadas por Lima e Alves Sobrinho (2020, p.233-234) que afirmam "[...] se trata também de um jornal escolar ou estudantil, uma vez que pertencia ao Colégio Nossa Senhora das Dores".

Havia um consenso de que o mencionado jornal figura como um dos primeiros periódicos escolares no Piauí. A partir desse impresso, há indícios de outros periódicos editados em escolas, por e com a colaboração dos estudantes. O estudo de Celso Pinheiro Filho (2017)[21] – *História da imprensa no Piauí*, registrou a história da edição, produção e circulação dos periódicos no Estado entrelaçada à conjuntura política, econômica e sociocultural, a partir de um minucioso trabalho investigativo, em que se debruçou sobre os documentos do Arquivo Público do Estado para construir uma narrativa sobre o panorama da imprensa desde sua fase mais remota, ainda nos tempos imperiais, quando, em 1832, surgiu na capital da província o jornal *O Piauiense*, considerado por Rego (2001) como primeiro jornal do Piauí.

Ao prefaciar a terceira edição do livro *História da Imprensa no Piauí*[9], de Pinheiro Filho (1997), Paulo Machado enfatiza que o seu autor "confirma a tese de que o jornal impresso é fonte histórica considerável e estratégico veículo difusor de ideias políticas, com

[19] Segundo Queiroz (2017, p.37), o Colégio Nossa Senhora das Dores foi "inaugurado a 1º de maio de 1882 e funcionou regularmente pelo menos até 1889. Era uma escola particular situada em Teresina que oferecia "instrução primária e secundária para alunos de ambos os sexos, funcionava como internato, semi-internato e externato" (p.17).

[20] As edições de número 15, de 31 de julho de 1894 e, o número 30, de 30 de setembro de 1985, encontram-se disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

[21] Celso Pinheiro Filho foi "Advogado, jornalista, político e escritor. Membro da Academia Piauiense de Letras, exerceu diversos cargos da administração pública no Piauí e outros estados. Foi prefeito de Porto Velho (Rondônia)e prefeito de Teresina em 1946. Opositor de Vargas, foi preso e enviado para cumprir sua reclusão em um presídio na Ilha de Fernando de Noronha. Entre suas publicações destaca-se: História da imprensa piauiense (1973), Soldados de Tiradentes (1975), Nogueira Tapeti (1990), Ensaios sobre Hermínio e Teodoro Castelo Branco e José Coriolano de Sousa Lima. (GONÇALVES, 2003).

participação decisiva na formação de estruturas de poder e na consolidação de ideologias". (MACHADO, 1997, p.7). Ao longo da obra, Celso Pinheiro Filho destacou os jornais que circularam na capital (primeiro em Oeiras[22] e, depois, em Teresina) e também nas cidades do interior[23] do Piauí, tendo encontrado evidências da publicação de periódicos escolares. Tomando por base esse trabalho, foi possível notar evidências da imprensa periódica escolar desde o final do século XIX.

Considerando que o citado livro inaugurou as pesquisas sobre história da imprensa local, procurei identificar de que maneira a imprensa periódica escolar e estudantil aparecia na obra. No exame realizado foram encontrados indícios de jornais dessa natureza catalogados com informações sucintas que ajudaram a entender o processo de elaboração e dos lugares de circulação desses impressos[24]. O critério adotado para classificá-los ocorreu a partir da descrição estabelecida pelo autor, bem como a presença de elementos que os identificassem como produzidos por alunos ou entidades de representação da classe escolar.

Entre os mencionados estavam: *A Flor* (1883) e *Sabiá* (1898) do final do século XIX. *O Livro* (1901), *A Ideia* (1902), *Liberdade* (1903), *O Amigo do Povo* (1904), *O Lírio* (1909), *O Aspirante* (1909), *Piripiri* (1909), *Cidade de Luz* (1910), *O Riso das Crianças* (1910), *Letra* (1911), *O Lépido* (1912 – 1914), *O Mensageiro* (1915), *O Porvir* (1917), *Cruzada* (1921), *O Livro* (1918 – 1924)[25]. O livro *Literatura, imprensa e vida literária em Parnaíba*, de Ciarlini (2016) também auxilia nessa discussão ao sugerir a ocorrência de um jornal produzido por estudantes ainda no final do século XIX. De acordo com o citado autor,

> Apesar de os anos de 1930 representarem um marco para o surgimento das primeiras agremiações literárias, é curioso observar dois fatos que antecederam esse conjunto: o primeiro, o surgimento de um órgão de imprensa vinculado à classe estudantil em Parnaíba, que se dá em abril de 1898 com o periódico *O Rouxinol*. (CIARLINI, 2016, p.128).

Essa lista de periódicos de Parnaíba ainda foi ampliada com o auxílio de Lopes (2016), cujo destaque foi dado ao jornal *A Pátria*, definido por ele como "órgão oficial do colégio "19 de outubro", de Parnaíba, que teria circulado nos anos 1920. Mesmo tendo notícias desses

[22] Oeiras foi elevada a capital da Capitania do Piauí em 1718. Porém, essa condição só foi efetivada 40 anos depois, em 1758, quando D. José I, nomeou o Coronel de Cavalaria João Pereira Caldas como primeiro governador do Piauí (REIS, 2009). Oeiras permaneceu como capital até 1852, quando se deu a mudança para Teresina que permanece até os dias atuais.

[23] Parnaíba, Floriano, Campo Maior, José de Freitas e Piripiri.

[24] Entre as páginas 219 a 242 há uma "relação dos jornais produzidos no Piauí, desde de 1932" até a data de sua primeira edição, 1972. (PINHEIRO FILHO, 2017, p. 219 – 242).

[25] Importante destacar que, salvo raras exceções, não há notícias da existência dos jornais elencados na obra História da Imprensa no Piauí, de Celso Pinheiro Filho.

impressos, a falta de conservação provocou seu desaparecimento, inviabilizando qualquer tipo de análise sobre eles. Para um melhor detalhamento, o quadro 1 elenca nomes, locais, responsáveis e ano das edições desses boletins no período que se estende entre 1883 a 1930.

Quadro 1: Catálogo de periódicos escolares produzidos no Piauí, de 1883 à 1930

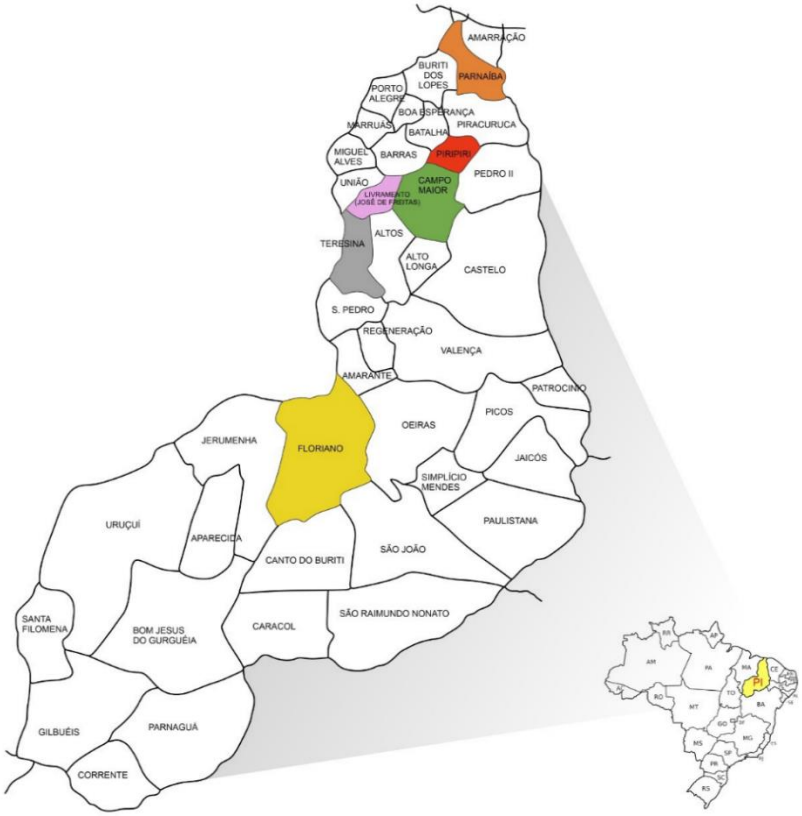
CIDADE	JORNAL	ANO	VINCULAÇÃO
TERESINA	*A Flor*	1883	Literário. Pequeno formato. Redigido por jovens estudantes.
	A Mocidade Piauhyense	1883-1885	Órgão dos alunos do Colégio Nossa Senhora das Dores, de Miguel de Sousa Borges Leal Castelo Branco. Tip. d' O Semanário.
	Sabiá	1898	Pequeno jornal de estudantes. Propriedade de Lauro Pinheiro (irmão de Celso, João e Breno Pinheiro). Colaboração de Nei da Silva. Bimestral. Tipografia d'O Piauí
	O Livro	1901	Literário. Propriedade de Antônio Lemos. Redator: Pedro Brito. Circulava aos sábados.
	A Ideia	1902	Redigido por alunos do Liceu, entre os quais Celso Pinheiro e Arimatéa Tito.
	Liberdade	1903	Edição única tirada por alunos e professores do Liceu, em comemoração à data da Independência do Brasil. Colaboração de João Soraine, Manoel Saraiva de Lemos, Joel Oliveira, Simplício Mendes, José Faustino, Álvaro Freire e Adolfo Alencar.
	O Amigo do Povo	1904	3º deste nome. Órgão do grêmio literário "Davi Caldas", de estudantes do Liceu.
	O Lírio	1909	Redação dos alunos do Liceu.
	O Aspirante	1909	Jornal de estudantes. Redatores: Polidoro de Abreu e João Neves.
	Cidade de Luz	1910	Revista do grêmio literário "Raimundo Correia", do Liceu Piauiense. Redator: Pedro Rodrigues da Cunha. Colaboradores: Mardoqueu Marques, Cid Campelo, Lindolfo Monteiro e Esmaragdo Ramos.
	Letra	1911	Revista Literária do grêmio "Euclides da Cunha", de alunos do Liceu.
	O Lépido	1912-914	Literário, redigido por estudantes do Liceu, entre os quais: Mardoqueu Marques, Damas Fernandes, Luís Oliveira e José Auto de Abreu.
	O mensageiro	1915	Órgão do Congresso Estudantal de Letras, sob a direção de João Marques da Costa, Nereu Bastos e Raimundo Veloso.
	O Porvir	1917	Órgão do Colégio Bento XV, de monsenhor Cícero Nunes, na Rua de Santo Antônio.
PARNAÍBA	*O Rouxinol*	1898	Órgão de imprensa vinculado à classe estudantil, em Parnaíba.
	A Pátria	1921	Órgão oficial do colégio "19 de outubro", em Parnaíba.
FLORIANO	*O Livro*	1917-1924	Mensário do Colégio "24 de Fevereiro". Trazia como dístico a frase de Raul Pompéia: "Vais encontrar o mundo, disse meu pai à porta do ateneu. Coragem para a luta". Até o 14º número saiu em pequeno formato, sendo então aumentado. Dirigia o Colégio o Ver. Pe. Lindolfo Uchôa. Entre os colaboradores do jornal, estão: João Leão Padilha e Lourival Evelin Vieira.
JOSÉ DE FREITAS	*O Riso das Crianças*	1910	Jornalzinho manuscrito, redigido pelos alunos do professor Marques, entre os quais: Mardoqueu Marques, Manoel Jacó Gaioso e Almendra, Francisco Pires de Castro, Antônio e José de Almendra Freitas. Saíram 30 números.

			Baurélio Mangabeira ajudou, fazendo ilustrações.
PIRIPIRI	*Piripiri*	1909	Literário e noticioso. Redigido por alunos do Instituto Arcoverde, sob a direção do Pe. Antônio Bezerra de Menezes. A Revista Alvorada, de Teresina, anunciando o aparecimento, dizia: "O novo colega é redigido corretamente e oferece leitura bastante variada.
CAMPO MAIOR	*Cruzada*	1921	Literatura, Arte, Religião e Ciência. Órgão do Ateneu Santo Antônio.

Fonte: dados organizados a partir das informações de Pinheiro Filho (2017)

A relação expõe 12 jornais e duas revistas em Teresina, acompanhada de mais seis jornais que circularam em outras cidades do Estado. Esta concentração na capital pode ser compreendida pela sua confluência econômica, social, cultural e educacional, o que provocava uma maior demanda por escolas e, consequentemente, essas instituições protagonizaram o movimento da produção periódica escolar. O mapa a seguir destaca os municípios com ocorrência dessas publicações entre o final do século XIX e meados de 1930.

Figura 2 – Localização de municípios piauienses com ocorrência de periódicos escolares entre1883 – 1930



Fonte: O autor, 2021, a partir de informações de Pinheiro Filho, 2017.

Primeiro, Pinheiro Filho (2017) explica que o estudo não se constitui como obra acabada e que, embora tenha feito um minucioso e exaustivo trabalho de garimpagem nos acervos do Arquivo Público do Piauí, esclarece que sua pesquisa "Não é obra perfeita. Fica sujeita a críticas e correções, que aceitamos prazerosamente" (PINHEIRO FILHO, 1997, p.212). Segundo a relação, no final do século XIX, os jornais *A Flor* (1883), *A Mocidade Piauhyense* (1883 – 1885), *Sabiá* (1898) e *O Rouxinol* (1898) foram editados por estudantes, enquanto *A Flor* e *Sabiá,* não constava a filiação institucional.

Seguindo Pinheiro Filho (1997, p.224), *A Flor,* foi um jornal "Literário [de] pequeno formato, redigido por jovens estudantes". Já sobre o *Sabiá* (1898), além de mencioná-lo como um jornal de estudantes, produzido bimestralmente na Tipografia d'*O Piauí*, anunciava que era de "Propriedade de Lauro Pinheiro (irmão de Celso, João e Breno Pinheiro)". Colaboração de Nei da Silva" (PINHEIRO FILHO, 1997, p.228). Quanto ao *O Rouxinol* (1898), sabe-se apenas que era um órgão de imprensa elaborado por estudantes de Parnaíba. Dos órgãos da imprensa escolar noticiados na fase final do Império e início da República, foram localizados dois números do jornal *A Mocidade Piauhyense*, sendo a edição de número 15 publicada em 31 de julho de 1894 e, o número 30[26], de 30 de setembro de 1985.

De "propriedade do Colégio Nossa Senhora das Dores" e "redigido por uma associação de estudantes", os dois números do jornal *A Mocidade Piauhyense* foram, recentemente, analisados por Lima (2020) e Lima e Alves Sobrinho (2020). O referido colégio iniciou suas atividades em 1º de maio de 1882 e funcionou de forma sistemática até 1889 e "se constituiu no protótipo de colégio particular no Piauí nas décadas seguintes [...]. Colégio de instrução primária e secundária para alunos de ambos os sexos, funcionava como internato, semi-internato e externato" (QUEIROZ, 2017, p.37). Era de propriedade de Miguel de Sousa Borges Leal Castelo Branco[27] que, além de professor e político, teve atuação ativa na imprensa local redigindo importantes periódicos, o que permite deduzir que isso pode ter colaborado para a criação de um periódico em sua escola.

[26] Este número encontra-se quase totalmente ilegível, sem condições para análise do seu conteúdo.

[27] Miguel de Sousa Borges Leal Castelo Branco nasceu em Campo Maior – PI no dia 15 de junho de 1836 e faleceu em Teresina a 22 de abril de 1887. Foi professor, jornalista, político e biógrafo. Foi professor de Francês e Retórica do Liceu Piauiense. Fundou e dirigiu o Colégio Nossa Senhora das Dores. Considerado como um dos grandes jornalistas piauienses, desenvolveu intensa atividade na imprensa local. Redigiu entre outros periódicos: *Liga e Progresso, Imprensa, Aurora Teresinense* e *Revista Mensal*. Entre as obras que publicou estão: Apontamentos biográficos de algumas piauienses ilustres e de outras pessoas notáveis que ocuparam cargos de importância na Província do Piauí (1878); Guia dos argumentadores nas escolas primárias; Apontamentos para a sinopse da Província do Piauí; Novíssima reforma eleitoral; A reparação de uma clamorosa injustiça e Almanaque piauiense (ed. 1879, 1880, 1881 e 1883). (GONÇALVES, 2003).

Figura 3 – Jornal *A Mocidade Piauhyense* (1884)

PIAUHY. QUINTA FEIRA 31. DE JULHO DE 1884. THERESINA.

ANNO II NUMERO 15

A MOCIDADE PIAUHYENSE.

JORNAL LITTERARIO E NOTICIOSO.

PROPRIEDADE DO « COLLEGIO DE NOSSA SENHORA DAS DORES ».

Redigido por uma Associação de Estudantes

Publica-se uma vez por mez, ou mais, sempre que for possivel. Assignaturas, 55000 por anno, ou 35000 por seis mezes: pagamentos adiantados.

Expediente do Director.

O proprietario e director do Collegio de N. S. das Dores, com o fim de prevenir abusos, pede aos parentes ou correspondentes dos alumnos internos do mesmo Collegio, o obsequio de fazerem por escripto, sempre que o não poderem pessoalmente os seus pedidos para as visitas ou passeios dos Collegiaes seus parentes ou correspondidos, ás casas de suas residencias ou sobre qualquer outro assumpto que diga respeito ao mesmo estabelecimento; visto como, desta data em diante, não poderão ser attendidos os simples recados verbaes sobre os assumptos acima mencionados, maxime aquelles cujos portadores possam ser considerados suspeitos.

Pedo tambem a todas as pessoas que tiverem filhos frequentando as aulas do Collegio, o especial obsequio de satisfazerem no começo de cada mez, sem a menor falta, a importancia das respectivas mensalidades, a fim de que possa occorrer com a promptidão e regularidade necessarias ás despezas do mesmo estabelecimento.

A MOCIDADE PIAUHYENSE.

Theresina 30 de Julho de 1884.

Os exames de preparatorios

Tiveram lugar nesta cidade nos dias 14 á 16 do corrente mez os exames geraes de preparatorios exigidos para os cursos superiores do Imperio, cujos trabalhos correram com a necessaria regularidade, sob a inspecção do illustrado Sr. Dr. Augusto Colin da Silva Reis, mui digno Delegado interino do Inspector geral da instrucção publica da Corte.

As mesas examinadoras compostas em sua totalidade por cavalheiros intelligentes e vantajosamente habilitados nas diversas materias que tiveram de examinar, procederam em seus julgamentos com o maior criterio e imparcialidade, fazendo a todos os examinandos a devida justiça.

Procedam sempre assim os dignos examinadores, que desapparecerão, sem duvida, os abusos que, talvez a lamentavel benevolencia, senão culposa condescendencia, tem infelizmente introduzido entre nós, fazendo-nos assim, repetimos, e desapparecerão com certeza os *precedentes* de exames, o em vez de mesquinhos ignorantes e pretenciosos, teremos sempre que se tratar de exames de preparatorios, uma legião de mancebos estudiosos disputando na arena das lettras os louros da victoria, que só se conquistão por meio da intelligencia e da mais seria applicação aos estudos.

Das diversas inscripções havidas para os exames de preparatorios, de que ora nos occupamos, resultaram 26 approvações das quaes 15 foram conquistadas por alumnos do Collegio de N. S. das Dores, subdividindo-se as restantes, por diversos alumnos do lyceu e d'outras aulas de instrucção secundaria existentes nesta capital.

Ainda desta vez portanto cabe-nos a grande satisfação de congratularmo-nos com o illustre proprietario e director do mesmo Collegio e seus intelligentes e assaz zelosos professores pelo triumpho que acabam de obter, e fazemos da coração os mais sinceros e fervorosos votos para que o referido Collegio continue a prosperar, tendo longos e venturosos annos de existencia.

Ao Exm. Sr. Dr. Emigdio Adolpho Victorio da Costa, illustrado e mui digno administrador da provincia, seja-nos igualmente permittido a honra de levantarmos, com a maior effusão d'alma, um brado de louvor, pelo zelo e inexcedivel interesse com que tem S. Exc. tratado, entre nós, de tudo que diz respeito a instrucção publica, e mais particularmente pelo acerto de suas nomeações para as bancas geraes dos exames de preparatorios, de que nos occupamos, no que á muito para desejar-se que se preste S. Exc. imitado, nos vindouros annos, por aquelles que o tiverem de substituir no governo da provincia.

Relação dos alumnos da aula de instrucção primaria do Collegio de N. S. das Dores que foram julgados habilitados no sinestre de Janeiro a Junho proximamente findo, a saber:

1 Alfredo C. de Sousa Brito.
2 Alfredo Gonçalves dos Santos.
3 Amadeu Cesar Barbemaque.
4 João Henriques dos Santos.
5 Jose Ferreira Castello Branco.
6 Luiz Maria Pereira da Silva.
7 Pedro Gonçalves Pereira.

Relação dos alumnos internos, semi-internos e externos do Collegio de N. S. das Dores, que prestarão exames de diversos preparatorios e foram approvados no mez de Julho que se findo, a saber:

Portuguez

1 Abelardo de Sousa Martins.
2 Alexandre Lustosa da Cunha.
3 Antonio d'Azevedo e Silva.
4 Aristides de Moura Reis.
5 Evandro E. de Sousa Lima.
6 João C. da Rocha Cabral.
7 Onofre da Silva Mourão.

Francez

8 Antonio d'Azevedo e Silva.

Fonte: *A Mocidade Piauhyense*. ano 2, n. 15. Teresina, 31 jul.1884. Disponível em: <http://memoriadojornalismopi.com.br/admin/search-params/>. Acesso: 15 de julho de 2019.

A edição de 31 de julho de 1884, de *A Mocidade Piauhyense,* contém quatro páginas com conteúdo diverso, voltado para vários aspectos escolares. Algumas informações relevantes foram exibidas em sua primeira página como o valor da assinatura (55000, ano e 35000, por seis meses). Comunicava ainda que o jornal "publica-se uma vez por mês, ou mais, sempre que for possível" e estava estruturado da seguinte forma: Expediente do diretor, seguido de três seções temáticas: seção histórica, seção poética e seção de notícias. Em seu expediente, o diretor da escola solicitou que os pais ou responsáveis encaminhassem solicitações escritas para visitas e passeios. Em seguida encontra-se uma matéria sobre "Os exames preparatórios" na qual, em tom de celebração, professores e alunos do colégio foram elogiados pelos êxitos obtidos, conforme pode ser notado no fragmento a seguir:

> Das diversas inscrições havidas para os exames de preparatórios de que ora nos ocupamos, resultaram 26 aprovações das quais 15 foram conquistadas por alunos do Colégio de N. S. das Dores, subdividindo-se as restantes, por diversos alunos do Liceu e de outras aulas de instrução secundária existentes nesta capital. Ainda desta vez, portanto, cabe-nos a grande satisfação de congratularmo-nos com o ilustre

> proprietário e diretor do mesmo Colégio e seus inteligentes e assaz zelosos professores pelo triunfo que acaba de obter, e fazemos de coração os mais sinceros fervorosos votos para que o referido Colégio continue a progredir, tendo longos e venturosos anos de existência. (OS EXAMES, 1884, p.1).

Ao mesmo tempo que informava, o enunciado da matéria promovia uma propaganda do colégio, que procura reafirmar sua eficiência legitimando seus agentes, professores, direção, doutrinas adotadas, corpo de saberes, o caráter confessional em um ambiente de concorrência. Nota-se, portanto, que, no limite, trata-se de uma propaganda que busca consolidar o estabelecimento no campo educacional teresinense.

Os alunos aprovados nesses exames foram elencados por disciplina, dentre as quais destacam-se o português, francês, latim, aritmética e geografia. Na seção histórica dessa mesma edição, foram noticiados alguns traços biográficos de Raymundo Alves da Fonseca[28]. A matéria trata do percurso de formação sacerdotal que culminou com o seu ordenamento como vigário da freguesia de Nossa Senhora das Dores, em 1867. Além disso, trata de sua trajetória e atuação no magistério exaltando suas qualidades, inteligência e competência nos cargos que ocupou. Era, pois, uma maneira utilizada pelo jornal para reafirmar a qualidade dos professores do Colégio Nossa Senhora das Dores e sua relação com a igreja.

Na seção poética publicou-se um poema intitulado "Ceará: sociedade libertadora" que, em versos, homenageia aquela província pela iniciativa tomada de libertar seus escravos[29]. Enquanto que a seção de notícias abordava um conjunto de informes sobre temas do cotidiano escolar como bailes, exames, matrículas, passeios, partidas, regressos, entre outros. Para Lima (2020, p.41),

> Outro ponto importante de discussão que se faz presente nas páginas de *A Mocidade Piauhyense* refere-se à cultura escolar, normas da instituição e métodos pedagógicos. Sobre este aspecto, a seção "Expediente" e a matéria "Os Exames Preparatórios" registram parte das práticas escolares e de controle que sinalizam para as condutas e comportamentos desejáveis por parte da instituição de ensino na década de 1880.

A edição examinada não deixa dúvidas de que o fio condutor da folha estava voltado, predominantemente, para os assuntos escolares. Do total da pauta, cerca de 70% trata das

[28] Raymundo Alves da Fonseca (Jerumenha – PI, 1842 – São Luís – MA, 1884) foi sacerdote, professor e jornalista destemido. Ordenou-se sacerdote pelo Seminário de Santo Antônio (MA). Chegou em Teresina em 1866 como vigário da Paróquia de Nossa Senhora das Dores. Em São Luís foi vice-reitor do seminário em que se ordenou e foi também professor de Filosofia do Liceu Maranhense. Como jornalista fundou, em São Luís, *A Nação* que defendia a Igreja Católica contra os renovadores de Recife. (GONÇALVES, 2003).

[29] A abolição da escravidão no Ceará foi laureada por decreto provincial no dia 25 de março de 1884 (MARTINS, 2011).

temáticas relativas ao ambiente e rotinas da escola. Contudo, a falta de outros números impossibilitou uma análise mais densa de seu conteúdo, editores, colaboradores e de outros fatores que levassem a um entendimento mais detalhado do seu processo de elaboração, circulação e consumo (DARNTON, 1990; LUCA, 2008). Daí não se poder afirmar se o impresso foi pensado pelos alunos ou pelo proprietário da escola, se foi pensado como dispositivo de formação e/ou como veículo disseminador dos assuntos de interesse dos escolares. O certo é que *A Mocidade Piauhyense* foi uma das primeiras iniciativas no campo da imprensa protagonizada pelos jovens estudiosos do Piauí.

Os demais periódicos elencados foram editados nas primeiras décadas do século XX, tanto na capital, quanto em outros locais do Estado. As transformações ocorridas no Piauí deram-se de forma mais acentuada no âmbito da capital que, à época, experimentava as mudanças do cenário urbano da cidade, levando à adoção de novos hábitos como indicativos para seu processo de civilização. O teatro, a poesia, a música, os bailes dos salões marcavam uma distinção para homens e mulheres que tinham acesso ao universo da cultura e das letras. "O 'progresso', materializado em inúmeras inovações utilitárias – que, embora não fossem apropriadas pela grande maioria da população, não deixava de indicar os novos rumos e promessas da Civilização e de gestar novas formas de pensar e de sentir [...]" (QUEIROZ,1998, p. 32-33). Os passeios públicos, a música, e as festividades cívicas, "quase sempre envolvendo estudantes secundaristas" (QUEIROZ,1998, p.60) anunciava os novos comportamentos da sociedade teresinense do início do século XX.

Nesse cenário de mudanças, os periódicos escolares que circulavam em Teresina estavam, de algum modo, integrados aos estudantes do Liceu Piauiense. Como se pode conferir no quadro 1, *A Ideia, Liberdade, O Amigo do Povo, O Lírio, Cidade de Luz, Letra* e *O Lépido* estavam entre as folhas de notícias produzidas por estudantes liceístas. O predomínio de uma imprensa vinculada ao Liceu Piauiense resultou da sua importância no contexto educacional do Estado. Segundo Queiroz (2017, p.13) "A primeira escola pública de instrução secundária no Piauí foi o Liceu Piauiense, hoje Colégio Estadual Zacarias de Góes, criado pela Lei Provincial n. 198, de 6 de outubro de 1945" quando a capital do Piauí ainda era a cidade de Oeiras[30]. A transferência do colégio para Teresina, se deu no contexto da mudança da capital em 1852.

[30] A cidade de Oeiras fica localizada no sul do Piauí, a uma distância de 313 km da capital, Teresina. Foi o primeiro núcleo urbano em terras piauienses instalado nos anos de 1670 como Freguesia de Nossa Senhora da Vitória na região do vale do riacho da Mocha. Em meados de 1712 foi elevada à categoria de vila, passando a ser chamada Vila da Mocha. Nessa mesma década, em 1718, O Piauí teve suas terras desmembradas do Maranhão, tornando-se independente. A Coroa portuguesa deu ordens para que a Capital se instalasse na Vila da Mocha,

Na nova capital, a escola passou por uma série de limitações com relação ao seu funcionamento. Foi instalada em casas alugadas e em condições consideradas inadequadas para o ensino. A falta de um prédio próprio, por sua vez, também provocava constantes mudanças de local de suas atividades, conforme pode ser observado no fragmento a seguir:

> O Liceu, no princípio, funcionou nas casas particulares dos professores. Para alojá-lo em prédio próprio, o Dr. Albuquerque iniciou em [18]56 a construção de um edifício 'ao lado da Matriz'. Mas, três anos depois, 'o Liceu funciona com regularidade, porém em casa pequena, pouco própria e até pouco decente, por ser nuns pequenos quartos da insignificante casa comprada para o Palácio'. Em [18]60 ainda é esta a situação. Em [18]62, ele estará em outra casa, porém não ao lado da Matriz. (CHAVES, 1998, p.29, grifos do autor).

Embora tenha sofrido alterações em seus serviços devido à falta de professores qualificados ou mesmo pelo baixo número de matrícula, até 1881 "o Liceu era o único estabelecimento de instrução secundária existente na província" (QUEIROZ, 2017, p. 14). Diante disso, pode-se afirmar que até aqueles idos, a escola teria sido a instituição que congregava os jovens estudantes secundaristas da capital e de outros recantos da então Província, em concorrência com as escolas particulares e aulas avulsas para os exames preparatórios. Nas primeiras décadas do século XX, embora aquele educandário ocupasse um lugar de relevo na oferta de ensino, já sofria a concorrência de estabelecimentos privados, pois, "nos primeiros anos do século XX, a oferta de instrução secundária particular em Teresina se expandiu muito, não só em colégio como em aulas particulares, visando aos exames parcelados. O Liceu não monopolizava essa instrução, apenas a aplicação dos exames" (QUEIROZ, 2017, p.20).

Do ponto de vista de sua periodicidade, os anos que demarcam a existência de cada uma das publicações indicam que eles tiveram um ciclo de vida efêmero, com reduzida quantidade de edições, fato que contribui para que a localização de seus números se tornasse uma tarefa mais complexa. Mesmo diante da ocorrência de uma significativa quantidade de produção, a falta de contato[31] com esses documentos inviabilizou uma análise mais detalhada dos seus enunciados, restringindo-se apenas a noticiá-los.

Além de Teresina, em outras cidades do Piauí há notícias de impressos de natureza escolar. O jornal *Piripiri* (1908) era redigido por alunos do Instituto Arcoverde localizado na

---

situação que só se cumpriu em 1759 com a chegada de João Pereira Caldas nomeado como primeiro governador da província. Oeiras permaneceu como capital até 1852, quando houve um processo de transferência da sede do governo para a Vila do Poti, hoje Teresina, atual capital do Estado. (CHAVES, 1988; NUNES, 2007).

[31] A busca por esses documentos encontra-se em andamento. Contudo, até o momento, não obtivemos êxito nas consultas realizadas no Arquivo Público do Piauí, principal instituição guardiã da memória documental do Estado.

cidade que carrega o mesmo nome do jornal. Segundo o autor, o periódico era dirigido pelo Padre Antônio Bezerra de Menezes[32], o que indica que a escrita do seu conteúdo era supervisionada por professores e demais dirigentes da escola. Na cidade de José de Freitas[33], em 1910 foi lançado o jornal *O Riso das Crianças*, que era um "Jornalzinho manuscrito, redigido pelos alunos do professor Marques, entre os quais: Mardoqueu Marques, Manoel Jacó Gaioso e Almendra, Francisco Pires de Castro, Antônio e José de Almendra Freitas" (PINHEIRO FILHO, 1997, p.131). Ainda conforme o autor, circularam 30 números do jornal com ilustrações de Braurélio Mangabeira. Assim como a maioria dos jornais mencionados, não foi possível localizar até aqui nenhum dos seus números[34].

O Ateneu Santo Antônio, da cidade de Campo Maior[35], foi o lugar de produção de outro periódico, *Cruzada*, difundido naquele lugar em 1921, do mesmo modo que os estudantes da Parnaíba daquela década fizeram circular *A Pátria*, que, pelos motivos já levantados, não dispõe de maiores informações, além de uma nota que registra o recebimento de um número do jornal por outra folha congênere.

> Recebemos o 3º número da *A Pátria* – órgão oficial do Colégio 19 de outubro que, em Parnaíba obedece à direção do ilustrado Dr. Edson Cunha. Bem impresso e com artigos bem traçados. *A Pátria* virá prestar um benefício muito grande a causa da instrução. Almejamos uma vida bem longa e repleta de triunfos a colega, com quem, satisfeitos, permutaremos. (A PÁTRIA, 1921, p.2).

O Livro, talvez o caso mais interessante para se observar, considerando que seria este periódico o que registrou o maior número de exemplares. Porém, durante a fase de coleta, essa documentação não foi disponibilizada, por se encontrar em avaliação dos arquivistas do seu lugar de guarda, o Arquivo Público do Piauí. Para uma melhor compreensão daquela folha, se estabeleceu um diálogo com um ligeiro estudo de Lopes (2016) que teve o impresso como um dos seus objetos de análise.

Segundo esse autor, *O Livro* circulou entre 1917 até, pelo menos, 1924, período em que se registrou a ocorrência de seus exemplares. Definia-se como "Mensário do Colégio 24 de Fevereiro", da cidade de Floriano, no sul do Estado. "Órgão do colégio, ele será o

[32] Padre Antônio Bezerra de Menezes era professor do Instituto Arcoverde, em Piripiri.
[33] Antiga Vila do Livramento, a cidade de José de Freitas foi fundada em 1878 e fica localizada na região centro-norte do Estado, a uma distância de 48 km da capital.
[34] O principal lugar de consulta foi o Arquivo Público do Piauí, considerado principal guardião da memória local. Outras entradas foram realizadas os acervos da Biblioteca Nacional disponíveis na Hemeroteca Digital < http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em 28 de agosto de 2019, e nos arquivos do domínio da Memória do Jornalismo Piauiense, disponível em <http://memoriadojornalismopi.com.br/>. Acesso em 28 de agosto de 2019.
[35] A cidade de Campo Maior fica localizada na região centro-norte do Estado, a 84 km de distância da Capital, Teresina. Foi elevada a município e distrito em 1761 e instalada em 1862.

transmissor de novos ensinamentos aos nossos caros discípulos, que em suas comunas só encontrarão estímulos novos para as conquistas grandiosas do saber". (*O LIVRO*,1917, p.1). Fundado em 1916, o referido colégio era uma instituição privada confessional católica, dirigido pelo Padre Lindolfo Uchôa, que, conforme anunciava, funcionava na forma de internato, semi-internato e externato (LOPES. 2016). Segundo o mesmo autor,

> O jornal "O Livro" procurava explicitar a excelência da ação pedagógica da escola. Essa, somada às condições físicas de sua instalação, constituem-se em elementos, considerando a existência de internato, importantes para o convencimento da clientela sobre a qualidade da Escola. Em um estado onde as escolas funcionavam em prédios adaptados, era necessário procurar um que viesse a satisfazer as condições de uma escola de seu porte, conquistando a confiança dos pais. (LOPES, 2016, p.101, grifo do autor).

Com relação ao seu conteúdo, predominavam assuntos relacionados a três eixos: educação, religião e social, tendo, cada um deles, as suas diversas derivações. Além de alunos e professores, recebia a colaboração de homens de letras e agentes públicos, que tinham assuntos convergentes com os interesses do impresso e da escola.

As primeiras notícias sobre a escrita periódica escolar, que remontam ao limiar do século XIX para o XX e avançam para primeiras décadas deste último, permitem inferir que havia o interesse dos estabelecimentos e seus sujeitos em tornar visível, por meio de jornais e também de revistas, as ações desenvolvidas nas escolas, assim como motivá-los a participar ativamente das questões sociais em voga naquele presente. A imprensa constituía uma ferramenta para exercer a cidadania, expor posicionamentos e promover sujeitos, agendas, ações e instituições. Foi durante as décadas posteriores (1930 – 1940) que se registou certa efervescência dessa produção e foi o contato com parte do acervo existente que resultou na elaboração do presente estudo.

1.2 Movimento em torno da imprensa escolar

Entre os principais impulsionadores da imprensa periódica escolar encontra-se o francês Celestin Freinet, que, através da obra *O Jornal Escolar*, materializa sua técnica, em que via nesse dispositivo um instrumento didático. A técnica foi sendo disseminada a partir de meados dos anos 1920 e, a partir dessa época, jornais e revistas passaram a ser utilizados como técnicas de ensino na França e por outras partes do mundo. Vale pontuar que o jornal escolar era apenas uma das atividades propostas pelo educador, posto que ele foi responsável pela elaboração de várias práticas para serem desenvolvidas junto a seus alunos.

Freinet desenvolveu com seus alunos um conjunto de práticas pedagógicas voltadas para a cooperação que tinham como horizonte aproximar a aula e a escola da vida do aluno, cuja aprendizagem deveria partir de suas motivações e da sua realidade em que estava inserido, pois "os estudantes deveriam produzir e criar seus próprios instrumentos pedagógicos, seus materiais didáticos, elaborados a partir de suas experiências, necessidades e suas vivências dentro e fora do convívio escolar" (MARTINS; REBELO, 2020, p.5). A aula-passeio era sugerida como uma alternativa fundamental para aproximação da escola com a realidade; a livre expressão era estimulada por meio de vários suportes como a fala, a escrita, a música, a pintura, o teatro etc. Os ateliês de artes eram utilizados como espaços de criação onde os alunos tinham a oportunidade de desenvolver suas habilidades.

Além disse, o trabalho também era utilizado como técnica de ensino, em que os alunos desenvolviam atividades de marcenaria, jardinagem e cuidados com as hortas. Complementando essa perspectiva, Cambi (1999) sintetiza a concepção de escola estabelecida por Freinet na seguinte forma:

> Freinet desenvolve a sua concepção da escola como "canteiro de obras", na qual o trabalho resulta humanizado e efetuado num clima de empenho e colaboração. No centro do trabalho escolar estão o "texto livre", escrito pelo estudante "quando tem desejo de escrever e conforme o assunto que o inspira", como esclarecia um adepto de Freinet, embora preparado e estimulado por conversações e trocas de experiências, e a "tipografia", que permite a criação de um jornalzinho de classe e a comunicação com o exterior (a família, as outras escolas etc.). E predominantemente em torno do "jornalzinho" que se desenvolve a atividade da classe e ele motiva até a aprendizagem de técnicas de aritmética e de contabilidade e exercícios sobre elas. (CAMBI, 1999, p.524-525).

Ao tratar a escola como um canteiro de obras, o teórico lançava mão de um conjunto de práticas que deveriam promover um processo educativo através de atividades caracterizadas pela cooperação e que desenvolveriam o protagonismo e a autonomia do aluno. Essas atividades deveriam ser socializadas com outras escolas, família e comunidade. O jornal escolar e a correspondência interescolar foram usadas como mecanismos de comunicação entre as práticas desenvolvidas na escola e a comunidade.

O jornal escolar foi, dessa forma, uma entre tantas outras práticas desenvolvidas pelo educador, passando a ser utilizada amplamente por escolas da Europa e de outras partes do mundo. Segundo Legrand (2010, p.16),

> O desejo de comunicar transformará o estudo do entorno em observação meticulosa, com a finalidade de transmitir algo a pessoas estranhas àquele entorno. Além disso, identifica-se e cria-se o meio técnico capaz de viabilizar essa comunicação, vale dizer, a *imprensa escolar* e a *linogravura*. Estudo do entorno, imprensa, jornal e

> correspondência escolares tornar-se-ão instrumentos primordiais de uma revolução pedagógica. (LEGRAND, 2010, p.16).

Muito embora as concepções do teórico tenham colaborado para a propagação da produção periódica escolar, não se pode perder de vista que a ocorrência de periódicos editados por agentes escolares já existia antes dos pressupostos de Freinet. Tomo como exemplo o fato de que, antes desse período, havia notícias de periódicos em escolas europeias, brasileiras e mesmo piauienses.[36] Serve como exemplo o livro *Literatura infantil brasileira*, no qual Arroyo (2011) dedica um capítulo à imprensa escolar e infantil e nele elenca jornais de vários estados brasileiros, impressos entre meados dos séculos XIX e a primeira metade do século XX. Entre esses, menciona "a mais antiga publicação da imprensa escolar e infantil no Piauí [que] foi *A Mocidade Piauiense*, de 1883[37]" (ARROYO, 2011, p. 200). Também foi possível identificar várias referências a jornais escolares e infantis no Piauí, elencados na *História da imprensa no Piauí,* de Pinheiro Filho (2017). Seguindo este mesmo prisma, Bastos (2015, p. 25) pontua que, "para o ensino primário, podemos assinalar que, desde a segunda metade do século XIX, encontram-se referências de jornais infantis e escolares".

Como se pode notar, antes da disseminação das ideias de Freinet voltadas para a imprensa escolar, circularam periódicos escolares em vários estados do Brasil, assim como no Piauí. Isso implica dizer que, para ele, nem todos os jornais produzidos em escolas estavam associados aos seus pressupostos pedagógicos. Ele toma como referência de jornal utilizado como prática educativa o *Correio da Escola*, publicado após a Primeira Guerra Mundial na Bélgica. A respeito dessa produção que teria lhe servido de inspiração, ele afirma que

> [...] só reconhecemos um «antepassado»: é a realização, depois da guerra de 1914-1918, pela Escola Decroly (Bélgica) do Correio da Escola, impresso na própria escola, segundo uma fórmula que exploramos e divulgamos. Tal filiação, de resto, não surpreenderá ninguém que saiba tudo o que devemos ao Dr. Decroly, que foi, sob muitos aspectos, o nosso inspirador. Além deste precedente — que até agora continuou a ser o único — não temos conhecimento, quer em França quer no estrangeiro, de nenhuma experiência semelhante ao Jornal Escolar, tal como o realizamos. (FREINET, 1974, p.10).

Importante destacar que nesta pesquisa não tenho a intenção de levantar uma discussão sobre o "mito da origem" desse tipo de periódico. Porém, algumas questões merecem atenção. Então, vamos a elas! Freinet (1974) destaca o *Correio da Manhã*, da Escola Decroly, como

[36] Parte dos periódicos piauienses podem ser encontrados no quadro 1 que elenca os jornais escolares produzidos no Piauí entre 1883 a 1930.

[37] Foram localizados dois volumes desse jornal disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=816167&pagfis=0>. Acesso: 01 jul. 2021.

modelo para a formulação de suas técnicas. Por isso, ele argumenta que não há evidência de periódicos semelhantes anteriormente. Levado a cabo, isso implica dizer que o teórico francês considerou apenas aquela experiência como introdutória do que propagou, que se tornou conhecido como técnicas Freinet, as quais, de acordo com Legrand (2010), partiam da necessidade de a criança sair dos limites da sala de aula para observar as experiências vividas no entorno da escola e no meio em que ela vive. Dessa forma,

> De volta à sala de aula, recolhem-se dessa observação os reflexos orais, tendo em vista a criação de textos, que serão corrigidos, enriquecidos e constituirão a base para a aprendizagem das habilidades básicas tradicionais necessárias ao aperfeiçoamento da comunicação. (LEGRAND, 2010, p. 15-16).

Entre 1925 e 1927, Freinet participou de uma série de congressos em que lançou ao debate a importância da expressão livre entre os alunos, abordando os modos de aplicação na produção de material impresso nas escolas, resultando na propagação de sua pedagogia que tinha, entre seus elementos, a elaboração de revistas e jornais impressos. A técnica postulou os benefícios obtidos, quando o aluno passa a adquirir conhecimento através da experiência e observação do seu meio. O interesse dos alunos resultou na proposta de "texto livre, que é a expressão natural inicial da vida infantil no seu meio ambiente normal" (FREINET, 1974, p.8). Sobre esse tipo de escrita e sua divulgação através dos jornais escolares, Legrand argumenta que:

> Freinet bem cedo ampliou e enriqueceu esse estudo, acrescentando duas dimensões complementares: por um lado, deu atenção aos testemunhos individuais dos alunos desejosos de compartilhar com seus colegas acontecimentos importantes, e daí surgiu o texto livre; por outro lado, surgiu o jornal escolar, a ser distribuído entre as famílias, e, sobretudo, a correspondência interescolar, pela qual uma escola comunica a outras o essencial desses testemunhos individuais, escolhidos de forma democrática em sala e editados coletivamente para sua comunicação. A comunicação, que equivale à socialização, torna-se instrumento por excelência do acesso à escrita. (LEGRAND, 2010, p.15-16).

Segundo esse autor, a utilização do texto livre no meio escolar, precisaria submeter-se a dispositivos que possibilitassem a sua aplicação porque "Esta técnica da expressão livre, da observação e da experiência pressupõe, no entanto, a criação de novos utensílios de trabalho que lhes dão simultaneamente o alimento e o objetivo" (LEGRAND, 2010, p.8). O jornal escolar fazia parte do complexo de técnicas pedagógicas desenvolvido por Freinet que visava promover o desenvolvimento de atividades realizadas de forma cooperada, buscando estimular a criatividade e autonomia dos alunos por meio de textos livres "realizados e

impressos diariamente segundo a técnica Freinet e agrupados, mês a mês, numa encadernação especial, para os assinantes e os correspondentes" (FREINET, 1974, p.12).

O livro *O Jornal Escolar* configura-se como um manual de propaganda da utilização dessa técnica nas escolas. Nele encontra-se um roteiro de orientações sobre o processo de elaboração, que toma como questão central a indagação: "como realizar o jornal escolar?" Com base nesta indagação, o teórico enfatizava as características de diversos tipos de jornais e os distintos modos como podem ser produzidos na escola, entre os quais o jornal manuscrito, policopiado, limografado e impresso, que submetido a conjunto de regras, apresenta "a vantagem histórica de abrir uma nova via de conhecimento da criança e de prática pedagógica de que o futuro mostrará a fecundidade". (FREINET, 1974, p. 24).

Quanto ao conteúdo, sugere-se que o ponto de partida deva ser o de despertar o interesse das crianças por meio de textos livres e que "seria desejável que um periódico conseguisse chegar a ter uma certa ordem nos textos e nos estudos, classificados em rubricas ou por centros de interesse, com sumário e editorial, documentários, contos, vida local, jogos, etc" (FREINET, 1974, p.25). Mas, nas experiências que seguiram essa forma, "o jornal não era tanto um utensílio escolar e pedagógico" (FREINET, 1974, p. 25). O dispositivo proposto não deveria ter forma e estrutura definida, com colunas e temas pré-definidos. Ao contrário, deveria ficar livre à iniciativa dos alunos, despertados pelo interesse em divulgar suas expressões sobre sua realidade. O autor, contudo, chama a atenção para o fato de que "os nossos textos livres não são apenas produções espontâneas. Existem em função da vida da classe, dos pedidos dos correspondentes, da preocupação que devemos ter em fazer um jornal que interesse os leitores, infantis ou adultos" (FREINET, 1974, p. 25).

Quanto à expansão desse movimento, o teórico argumenta que o jornal escolar proposto pela técnica discutida foi se ampliando rapidamente por vários países da Europa, com destaque para Itália, França, São Marino, Bélgica e Holanda. Além desses países, cita ainda jornais dinamarqueses, noruegueses, suecos, gregos considerados por ele "uma vanguarda do nosso movimento nos países que a distância e a língua tornam mais dificilmente influenciáveis" (FREINET, 1974, p. 40). Do lado de cá do Oceano Atlântico, elenca Cuba e, especialmente, o México como adeptos da técnica com desencadeamento do movimento por toda a América do Sul onde esses dispositivos foram denominados "periódicos escolares".

Diante dessas ponderações, conclui-se que a propaganda da técnica Freinet proposta em *Jornal Escolar* repercutiu em vários países da Europa e nas Américas Central e do Sul e, evidentemente, no Brasil. Ao longo desse estudo, não foram localizadas pesquisas acerca de periódicos escolares elaborados sob a perspectiva exclusivamente da técnica do educador

francês. Porém, segundo argumenta Zanin (2020), as publicações escolares e estudantis também foram motivadas por essas ideias, na medida que, "para este educador, o jornal seria um meio da Escola Nova[38] para vincular o meio escolar e o meio social, fazendo com que pais e comunidade se interessassem por aquilo que acontecia no interior das escolas" (ZANIN, 2020, p.40).

O caráter propagandista de *O Jornal Escolar* e sua disseminação por outros países transformou-o em importante divulgador da imprensa escolar que, numa perspectiva mais ampla, influenciou instituições a elaborarem esses dispositivos como parte do programa escolar ou extraescolar que foram protagonizados por estudantes, cuja escrita, controlada ou não, noticiaram e deram voz e visibilidade aos assuntos de seu interesse, do mesmo modo que colaboraram para estabelecer valores inseridos em projetos de formação das instituições a que eles pertenciam.

Isso não implica dizer que todos os jornais que surgiram seguiram o modelo propagado pelo educador francês. Contudo, as notícias acerca da elaboração de jornais em determinados educandários estimulavam outros a aderirem a essa iniciativa, ainda que de formas distintas. Vale assinalar, portanto, que a imprensa escolar desenvolvida no Brasil e, mais especificamente, no Piauí, recebeu influência do movimento de propagação da produção de jornais escolares desencadeado em eventos como as Exposições de Imprensa Escolar discutidas mais adiante.

Ainda que a confecção de jornal tivesse que obedecer a um conjunto de diretrizes para adequar-se à técnica Freinet, a ideia de produzir periódico na escola ganhou diferentes contornos e sua influência resultou na elaboração desses dispositivos a partir dos interesses de escolas, estudantes, bem como de outros agentes. Portanto, mesmo acreditando que as ideias do educador tenham influenciado significativamente a produção desses dispositivos no Brasil e, mais especificamente no Piauí, não se pode afirmar que foram elaborados à luz de suas

[38] Importante destacar que neste trabalho compreende-se Escola Nova como as ideias de um grupo de intelectuais educadores que visavam promover a revitalização do processo de ensino e das políticas educacionais contrapondo-se ao modelo escolar tradicional predominante até as primeiras décadas do século XX. Nesse particular, vale pontuar ainda que até o final da década de 1920 não havia um consenso acerca das discussões sobre os métodos e saberes escolares propagados por parte dos adeptos das ideias do movimento, tornando-o bastante heterogêneo e espaço de tensões e disputas de interesses políticos-educacionais. Isso quer dizer que, a adesão de intelectuais e educadores aos princípios Escola Nova não significava que pertenciam à mesma rede de ideias, devido ao caráter heterogêneo do movimento. Um bom exemplo disso, aqui no Brasil, foi a necessidade de os adeptos dessas ideias terem se articulado em um movimento que procurava harmonizar as diferentes posições dos seus partidários, o que culminou com a divulgação de suas ideias por meio da publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932.

orientações. A dimensão tomada pela imprensa escolar no Brasil pode ser percebida através das exposições de imprensa escolar realizadas em alguns estados, na década de 1930.

1.2.1 As Exposições de Imprensa Escolar

A influência que a produção de jornais e revistas escolares exerceu sobre a cultura escolar nas instituições de ensino no Brasil pode ser enxergada através da realização de Exposições de Imprensa Escolar que reuniram periódicos produzidos por escolas e estudantes de diferentes níveis e modalidades de ensino de diversos estados brasileiros. Os três primeiros eventos ocorreram nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo nos anos de 1933, 1935 e 1936, respectivamente. A organização ficou a cargo da Sociedade Amigos de Alberto Torres (SAAT). Essa Sociedade foi fundada em novembro de 1932, no Rio de Janeiro, e congregava um grupo eclético de homens públicos e intelectuais seguidores das ideias do seu patrono. Nesse sentido,

> [...] entre seus fundadores e primeiros associados, encontramos o nome de Juarez Távora, Barbosa Lima Sobrinho, Humberto de Campos, Edgar Roquette-Pinto, Oliveira Viana, Rafael Xavier, Raul de Paula, Heloísa Torres [filha de Alberto Torres], Roberto Marinho, Félix Pacheco, entre outros. (SANTOS, 2015, p.218).

As ideias de Alberto Torres[39] tiveram forte influência no meio político e social na década de 1930 através da SAAT. Consagrou-se como político e homem público na cena fluminense, tendo ocupado os cargos de deputado estadual e federal e governador do Estado do Rio de Janeiro. Também foi Ministro do Supremo Tribunal Federal e Ministro das Relações Exteriores. Paralelo a esses cargos, atuou como escritor e jornalista, colaborando com diversos jornais da imprensa carioca. A Sociedade estabeleceu como balizas de suas ações algumas das principais concepções defendidas por Alberto Torres. De acordo com Pinho (2007, p.169),

[39] Segundo os dados biográficos disponíveis na página do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), Alberto de Seixas Martins Torres nasceu em 26 de novembro de 1865 em Porto de Caixas – RJ e faleceu no dia 29 de maio de 1917 no Rio de Janeiro. "Formou-se em Direito pela Faculdade de São Paulo (1886). Como estudante colaborou na imprensa, lutando em defesa de dois ideais: a abolição do cativeiro e a República, depois vitoriosos. No novo regime, foi deputado federal pelo Rio de Janeiro, ministro do Interior no governo de Prudente de Morais, presidente de Estado do Rio de Janeiro em (1/1/1898 – 31/12/1900) e, pouco depois, ministro do Supremo Tribunal Federal, cargo em que se aposentou, em 1909, por motivo de saúde. Afastado da vida pública, pôde dedicar-se à leitura, à pesquisa e à arte de escrever. Foi nessa época que o notável sociólogo produziu algumas de suas obras maiores: *Vers la Paix*, *Le Problème Mondial*, O problema Nacional Brasileiro; A Organização Nacional; As Fontes da Vida no Brasil. Ansioso pela grandeza da pátria, formulou um projeto de revisão constitucional, promovendo ampla e nobre campanha nacionalista, a que dedicou os últimos anos de sua vida". Disponível em: https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/adsmtorres.html. Acessado em 25 mar. 2022.

> foi uma associação civil bastante ativa, organizada e, ao que tudo indica, poderosa, cujo objetivo era tanto divulgar as idéias do Mestre, como realizar ações diversas que contribuíssem para a nação. Para tanto, promoviam reuniões, palestras e debates sobre questões como educação rural, agricultura, imigração, nacionalidade, trabalho, conservação da natureza e problemas da seca no Nordeste. Indo além do plano do discurso, mobilizavam-se em várias direções, envolvendo-se principalmente em atividades relacionadas ao ensino rural, grande tônica da organização.

A preocupação com a educação e com o ensino ocupava um lugar especial nos discursos e ações da organização, o que permite inferir que o interesse em realizar as exposições de imprensa escolar tinha o propósito de observar o progresso educacional das escolas e o desenvolvimento do ensino , pois "A Sociedade Amigos de Alberto Torres mantém com cerca de 400 grupos escolares do Rio e dos Estados constante correspondência, na qual procura despertar o interesse das crianças pela vida intelectual, enviando-lhes pequenas histórias, contos, fábulas, pensamento, etc." (A PRIMEIRA, 1933, p.3).

A "Primeira Exposição de Imprensa Escolar" ocorreu nas dependências da Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro e teve sua abertura em 20 de dezembro de 1933. O evento foi amplamente noticiado na imprensa. A edição do *Correio da Manhã*, daquele mesmo dia se referiu ao evento da seguinte forma:

> A Sociedade dos Amigos de Alberto Torres inaugura hoje, quarta-feira, às três horas da tarde no salão pedagógico da Biblioteca Nacional a "Primeira Exposição de Imprensa Escolar". Compareceram mais de 400 jornais vindos do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Distrito Federal, Estado do Rio, Bahia, Sergipe, Pernambuco e Ceará. Havia uma série de lindas pastas enviadas por Grupos Escolares, Escolas Profissionais, Escolas Superiores, para guardar os respectivos jornais. A Exposição ficará aberta até o dia 30 deste mês, quando então será conferido pela comissão julgadora dois prêmios. Um, o "Tesouro da Juventude" para o melhor e mais interessante jornal; outro, um bronze da Escola Profissional Masculina de São Paulo, à pasta mais artística. O Estado que comparece com maior número de jornais é Minas Gerais que enviou cerca de 300. (PRIMEIRA, 1933, p.12).

Observe-se que a Exposição recebeu jornais escolares de vários estados brasileiros, com destaque para Minas Gerais, cujos periódicos enviados alcançaram cerca de 300 exemplares. Além disso, também chama a atenção a ocorrência de publicações de distintos níveis e modalidades de ensino, o que revela que o periodismo escolar figurava entre as práticas regulares da cultura escolar de parte das instituições de ensino daquele período.

Figura 4 – Amostra de jornais da Primeira Exposição de Imprensa Escolar, no Rio de Janeiro (1933)

A PRIMEIRA EXPOSIÇÃO DE JORNAES ESCOLARES QUE — SE REALIZA NO BRASIL —

Sua inauguração, hontem, na Bibliotheca Nacional, por iniciativa da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres

Um recanto da exposição de imprensa escolar, hontem inaugurada

Fonte: *Correio da Manhã*, ano 33, n.11.982, p.3, Rio de Janeiro, 21 dez. 1933.

A imprensa também tratou de noticiar a premiação oferecida aos melhores jornais, escolhidos por comissão responsável designada para esse fim. O *Correio da Manhã*, de 7 de janeiro de 1934 detalhou os jornais agraciados com os prêmios oferecidos, conforme a transcrição a seguir:

> Examinando os quatrocentos e seus jornais, a Comissão chegou ao seguinte resultado:
> **Impressos – em número de 221**
> PRIMEIRO LUGAR: Prêmio Imprensa Escolar (Uma salva de bronze cinzelada, oferecida pela Escola Profissional Masculina do Braz – São Paulo), conferido ao *Ideal da Escola* da cidade de Prados, Minas Gerais.
> SEGUNDO LUGAR: Prêmio Roquette Pinto, oferecido pelo Diretor do Museu Nacional, conferido ao O Brasileiro, da cidade de Presidente Alves – Estado de São Paulo.

> SETE PRÊMIOS OFERECIDOS PELO *TICO-TICO*, conferidos aos seguintes jornaizinhos:
> *Yô-Yô* – cidade de Cataguazes – Minas Gerais;
> *O Jornal de Brinquedo* – Niterói – Estado do Rio;
> *19 de Dezembro* – Curitiba – Paraná;
> *O Risicler* – Caldas – Minas Gerais;
> *Caixotinho* – Campanha – Minas Gerais;
> *A Abelha* – Nepomuceno – Minas Gerais;
> *Vida Infantil* – Belo Horizonte – Minas Gerais.
> QUATRO PRÊMIOS – Exemplares das *Memórias* de Humberto de Campos.
> *A Boa Vontade* – Gimirim – Minas Gerais;
> *Página Infantil* – Belo Horizonte – Minas Gerais;
> *O Novo Jornal* – Belo Horizonte – Minas Gerais;
> *O Blindado* – Itanhandu – Minas Gerais.
> **Manuscritos – em número de 180**
> PRIMEIRO LUGAR: Prêmio Alberto Torres – Biblioteca de 18 volumes de *Tesouro da Juventude* conferido ao *Semeador* da Escola Rural Modelo Annibal Falcão – Recife – Pernambuco.
> SEGUNDO LUGAR: Prêmio Noraldino de Lima – oferecido pelo Secretário de Educação de Minas Gerais conferido ao *O Estudante*, da Escola Vila-Nova – Sergipe.
> SETE PRÊMIOS oferecidos pelo *Tico-Tico*, conferido aos seguintes concorrentes:
> *A Escola* – Areado – Minas Gerais;
> *O Trabalho* – Petrópolis – Estado do Rio;
> *O Escolar* – Ferros – Minas Gerais;
> *Arauto* – Curitiba – Paraná;
> *O Estudante* – Santa Cruz do Escavado – Minas Gerais.
>
> CURSO SECUNDÁRIO
> **Impressos – em número de 55.**
> Prêmio Humberto de Campos – exemplares da *Memória* autografados pelo grande escritor;
> *Traço de União* – Curso Jacobina – Distrito Federal;
> *A Oficina* – Instituto Parobé – Porto Alegre – Rio Grande do Sul;
> *A escola* – Escola de Aprendizes de Artes e Ofícios – Fortaleza – Ceará;
> *O Meu Jornal* – Curitiba – Paraná;
> *O Cruzeiro* – São Salvador – Bahia;
> *O Guará* – Belém – Pará; (PRIMEIRA, 1934, p.7, grifos da autoria).

Diante dos resultados apresentados, pela amostra dos premiados, é possível perceber que a produção de periódicos escolares ocorria em muitas regiões do país. O espaço onde a exposição foi realizada, o interesse da sociedade, do meio político e a repercussão que ganhou, indiciam a importância adquirida pela temática proposta pelo evento. Um evento da mesma natureza fez parte da programação da II Semana Ruralista do Brasil realizada em Ponta Nova, Minas Gerais. O evento foi organizado também pela SAAT e contava com um amplo programa educacional com curso para criação de museus escolares, curso de artes, exposição de trabalhos manuais realizados por alunos e uma exposição de imprensa escolar, que a edição do *Jornal da Manhã*, de 5 de outubro de 1934, assim noticiou:

> Foi inaugurada ontem com grande brilhantismo a 1ª Exposição da Imprensa Escolar, no Grupo Escolar José Miranda, do município de Ponta Nova [MG]. Contribuiu o Estado de Minas Gerais com 300 jornais estudantinos, com a colaboração dos cursos

> primários, todos dirigidos por professores e diretores dos grupos escolares. em um esforço verdadeiramente notável achavam-se expostos manuscritos, mimeografados e impressos jornais com a colaboração exclusiva de alunos dos cursos primários, contribuindo igualmente os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Bahia, Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Sul e o Distrito Federal com jornais ilustrados. Os alunos do grupo escolar José Miranda, em manuscrito, apresentaram um jornal dirigido pelo diretor se. Maurício Mucci Daber, sendo redatores os alunos Agostinho Rodrigues e Leandro Xavier Barreto com a colaboração de todos os alunos do grupo. (A INAUGURAÇÃO, 1934, p.5).

A Primeira Exposição de Imprensa Escolar inaugurou uma série de três edições organizadas pela SAAT. Conforme anunciado na imprensa, a segunda edição estava prevista para acontecer em dezembro de 1934, na cidade de Belo Horizonte. Segundo foi noticiado,

> De 20 a 27 de dezembro próximo, a Sociedade de Amigos de Alberto Torres realizará a 2ª Exposição de Imprensa Escolar do Brasil, com o apoio do governo de Minas Gerais, cuja capital foi escolhida, porque a Estado montanhês foi o que apresentou maior número de jornais na 1ª exposição do ano passado no Rio de Janeiro. Haverá diversos prêmios valiosos oferecidos pela Sociedade de Amigos de Alberto Torres, pelo Governo de Minas Gerais e por outras entidades. Os colégios interessados em participar do certame podem, desde já, enviar coleções de jornais publicados este ano, bem como uma pasta para guardar os mesmos. A exposição abrangerá os jornais de escolas primárias, das escolas normais, dos ginásios e das escolas profissionais. Os jornais poderão ser manuscritos, datilografados, mimeografados e impressos. Como todas as iniciativas realizadas por aquela Sociedade, a exposição terá cunho exclusivamente brasileiro, não interessando imprensa em línguas estrangeiras. (2ª EXPOSIÇÃO, 1934, p.7).

A imprensa noticiou a aguardada exposição enfatizando os motivos que culminaram com a escolha de Minas Gerais para sediar a segunda edição do certame. O principal motivo teria sido em virtude de aquele Estado ter apresentado a maior quantidade de periódicos na edição anterior. Destacou ainda a distribuição de prêmios e fez chamadas para as escolas interessadas em participar. Contudo, a programação prevista foi adiada para o mês de fevereiro de 1935.

> De 3 a 9 de fevereiro próximo realizar-se-á, em Belo Horizonte, a segunda Exposição de Imprensa Escolar promovida pela Sociedade Alberto Torres. Mais de 1.000 jornais escolares já foram remetidos para aquele certame, dos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná, Espírito Santo, Bahia, Sergipe, Pernambuco, Paraíba do Norte, Ceará, Paraná e Distrito Federal. A Exposição está dividida em três seções: Escolas Primárias, Normais e Ginásios e Escolas Profissionais. Os jornais da Escola Primária são impressos, datilografados ou manuscritos. Das outras seções são todos impressos. (SEGUNDA, 1935a, p.11).

Conforme foi noticiado, as previsões para a segunda edição da Exposição eram de que seus resultados fossem mais expressivos que a anterior. A programação prevista para os dias de evento constava das seguintes atividades:

> Dia 3 – Abertura da Exposição no salão nobre da Escola Normal pelo Sr. Noraldino Lima, secretário da Educação. Palestra sobre o assunto pelos srs. Rafael Xavier, Floriano de Paula e Raul de Paula.
> Dias 4,5 e 6 – Palestras sobre vários aspectos da imprensa escolar pelos professores Geraldo Lucas, Guiomar Maria de Medeiros, Guerino Casasanta, Mário Casasanta, Oscar Guimarães, Amélia Matta Machado, Baptista Santiago, Mário Matos e Ema Giodoro.
> Dia 7 – Conferência do ar. Mário Cunha sobre imprensa escolar em Minas.
> Dia 8 – Sessão de cinema para os alunos dos 3º e 4º anos dos grupos de Belo Horizonte.
> Dia 9 – Sessão de cinema para os alunos do 1º e 2º anos dos grupos de Belo Horizonte.
> Os filmes que serão exibidos são os seguintes: As Escolas de Agricultura de Viçosa e Piracicaba; a Semana Ruralista de Ponta Nova; A Serra Dourada em Goiás; A cultura da laranja em São Paulo; A sericicultura e sementes oleaginosas. (SEGUNDA, 1935b, p.7).

Essa ampla programação foi confirmada na divulgação das atividades desenvolvidas, ao longo do certame, contemplado com conferências a respeito da importância da elaboração do jornal escolar nas instituições de ensino em seus diferentes níveis e sua utilização como recurso educativo. Nesse sentido,

> A exposição não se limitou aos jornais e revistas expostos a que se pode acrescentar um grande número de lindas pastas para os jornais. Houve um trabalho paralelo intenso em prol das atividades do jornal na escola e da Sociedade Alberto Torres. Os professores Geraldo, Lucas, Oscar Guimarães, Aníbal Matos, Carmem Melo, Guiomar Maria de Medeiros, Floriano de Paula, fizeram para grandes auditórios, conferências sobre temas educativos de grande interesse para a escola primária, em particular. Como se deve organizar o jornal escolar, os jornais escolares em Minas, a proteção à natureza através do jornal escolar, e ilustração do jornal escolar, o clube agrícola e o jornal, foram os assuntos das conferências. (SEGUNDA, 1935c, p.10).

A segunda edição da Exposição foi marcada pela demonstração do lugar que os periódicos escolares estavam ocupando no meio nas escolas. A apresentação de mais de 1.000 exemplares das distintas regiões do Brasil inscrevia aquela produção como uma prática escolar disseminada em grande parte do país. A expressividade daquela edição abriu caminho para que a SAAT planejasse um novo evento previsto, inicialmente, para acontecer em março de 1936 em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. "É o terceiro certame dessa natureza que aquela sociedade organiza e que, a julgar pelo sucesso que os anteriores obtiveram, deverá de certo revestir-se de muito brilhantismo" (UMA EXPOSIÇÃO, 1935, p.5).

Mesmo o *Correio da Manhã* de 2 de agosto de 1935 tendo noticiado a previsão da realização do evento para Porto Alegre, a edição de 13 de dezembro daquele mesmo ano anunciava a realização do terceiro evento em março de 1936 em Vitória, no Espírito Santo. A referida edição, noticiava que

> Realizar-se-á em março de 1936 na cidade de Vitória, a Terceira Exposição de Imprensa Escolar organizada pela Sociedade dos Amigos de Alberto Torres. A SAAT que tem em mira, deste modo, animar o intercâmbio de ideias e o espírito de cordialidade, que vem desenvolvendo com êxito entre a juventude colegial de todo o Brasil, tem mais essa oportunidade de tornar públicos, os progressos e os felizes resultados dessa campanha destinada a estimular e orientar os colegiais nas ideias que fazem progredir o sentimento da nacionalidade. (TERCEIRA, 1935, p.7).

Com relação às inscrições de periódicos para aquela terceira edição, havia uma expectativa muito positiva em virtude da grande quantidade de material que a organização estava recebendo.

> Diariamente vem a SAAT recebendo jornais e revistas colegiais de todos os Estados, verificando, assim, o êxito feliz da sua campanha pela imprensa infantil nas escolas brasileiras, como meio de intercâmbio de ideias espírito de cordialidade, cooperação nacional e sentimento de brasilidade, despertando a atenção infantil para os maus importantes problemas pátrios e os meios de solucioná-los. [...] Os jornais ou revistas devem, impressos ou manuscritos, ter um bom aspecto e ser trabalhado exclusivo de alunos. Pelos jornais e revistas recebidos até agora, e intenso entusiasmo que, por esse concurso demonstram colegiais de todo o país, pode-se prever o extraordinário sucesso que alcançará a 3ª Exposição de Imprensa Escolar da SAAT. (TERCEIRA, 1936a, p.3).

A Terceira Exposição de Imprensa Escolar efetivou-se em abril de 1936, tendo sido inaugurada no dia 15 e se estendendo até o dia 20 daquele mês, promovendo uma grande integração de experiências acerca das produções de jornais e revistas de escolas de diversos estados brasileiros. Uma notícia sobre o início das atividades, a finalidade do evento e os estados participantes dizia o seguinte:

> A Sociedade dos Amigos de Alberto Torres efetuará em Vitória, Espírito Santo, de hoje a 20 do mês corrente, a III Exposição de Imprensa Escolar. A Imprensa Escolar, presta-se às finalidades da escola ativa, desenvolvendo o espírito de iniciativa, o sentimento de nacionalismo, de cooperação, de cordialidade, não só entre alunos da mesma escola, como entre crianças de várias escolas, de todos os estados do Brasil, por meio do intercâmbio desses jornais e revistas, órgãos de Grupos Escolares, Escolas Normais, Ginásios, Escolas Rurais e Clubes Agrícolas. Para a III Exposição de Imprensa Escolar, a SAAT receber, dos Estados de Minas Gerais, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Ceará, Maranhão, Goiás e Pará, grande quantidade de jornais e revistas escolares, procedentes de Grupos Escolares, Escolas Normais, Ginásios, Escolas Profissionais, Clubes Agrícolas. (III EXPOSIÇÃO, 1936, p.8).

A programação não se limitava à exposição de jornais e revistas. Incluía também festividades, visitas a clubes agrícolas, grupos escolares, reuniões, conferências, inaugurações de bibliotecas e excursões a distintos pontos da cidade de Vitória. Essa programação era acompanhada de grande público, entre os quais estudantes, professores, intelectuais e

políticos que prestigiaram o evento. Do mesmo modo que as primeiras, aquela edição ofereceu uma vasta premiação aos jornais submetidos ao certame, considerando os níveis e modalidades de ensino. Para se ter uma ideia,

> A Sociedade dos Amigos de Alberto Torres instituiu para os melhores jornais e revistas apresentados, os seguintes prêmios: Escolas Primárias: 1º prêmio Alberto Torres – 1:000$0000. 2º - um pequeno prelo. 3º - um mimeógrafo. Para escolas normais, uma coleção de livros e o mesmo prêmio para escolas profissionais. Dois prêmios para revistas: curso primário e curso secundário. Cada estado receberá um prémio para o seu melhor jornal escolar, oferecido por outro estado. (III EXPOSIÇÃO, 1936, p.8).

Alguns estados também se mobilizaram para premiar seus melhores jornais na exposição. "Num gesto expressivo de solidariedade e apoio educativo da SAAT, o governador de Goiás premiará com 500$000 o melhor jornal escolar do seu Estado. É este um exemplo digno de ser imitado pelos demais Estados do Brasil" (TERCEIRA, 1936b, p.2). De modo semelhante, "O governo do Estado do Espírito Santo instituiu um prêmio de 500$000 para o melhor jornal da Imprensa Escolar, feito exclusivamente por alunos, de acordo com o parecer da comissão julgadora" (III EXPOSIÇÃO, 1936, p.8).

Não se tem notícia da participação do Piauí nas duas primeiras Exposições de Imprensa Escolar. Porém, o Estado é mencionado na terceira edição, de 1936. A edição de 20 de fevereiro de 1936 do *Correio da Manhã* destacou que, para a terceira exposição a ser realizada em Vitória, no Espírito Santo "[...] tomarão parte os seguintes estados: Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, Distrito Federal, São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Goiás" (TERCEIRA, 1936b, p.2). Por esta informação, é possível inferir que o Piauí estava inserido em uma rede de produção de periódicos escolares que se expandia por todo o país. Nesse movimento, essas exposições foram fundamentais na divulgação das experiências relacionadas à produção periodista nas escolas. O quadro 2 detalha os locais e datas que aconteceram das edições das exposições em questão.

Quadro 2: Edições, locais e datas das Exposições de Imprensa Escolar

EDIÇÕES	LOCAL	DATA
Primeira Exposição de Imprensa Escolar	Rio de Janeiro – RJ	20 dezembro de 1933
Segunda Exposição de Imprensa Escolar	Belo Horizonte – MG	3 de fevereiro de 1935
Terceira Exposição de Imprensa Escolar	Vitória – ES	14 de abril de 1936

Fonte: *Correio da Manhã* (1933 – 1936).

As três edições da Exposição, ocorridas no Rio de Janeiro (1933), Minas Gerais (1935) e Espírito Santo (1936), reuniram uma quantidade expressiva de jornais e revistas de escolas de diferentes níveis e modalidades de ensino de escolas de estados de várias regiões do Brasil. Certamente, a cooperação, a troca de experiências e as correspondências entre as escolas, professores e estudantes participantes colaborou para consolidação do movimento em torno da imprensa escolar nas escolas do país, como foi o caso do Piauí, onde se verificou, ao longo do período em estudo, uma circulação expressiva de jornais e revistas escolares.

Na década seguinte, circulou na imprensa notícias de exposições da mesma natureza organizadas por outras entidades. Um desses casos foi tratado na edição de 11 de outubro de 1945 do *Diário de Notícias* que publicou uma matéria relativa à inauguração da Primeira Exposição de Imprensa Escolar dos colégios do Rio de Janeiro, realizada nas dependências da Associação Brasileira de Imprensa. A publicação dizia o seguinte:

> Está marcada para o dia 13 do corrente [outubro] a inauguração da Primeira Exposição e Imprensa Escolar, a realizar-se no Salão da Associação Brasileira de Imprensa. A Exposição, que está sob o patrocínio de intelectuais e altas autoridades do ensino, visa mostrar ao público os jornais publicados pelos estudantes dos colégios desta capital. Pela primeira vez o público terá ocasião de conhecer esse campo de atividade intelectual dos nossos escolares. Uma nota de grande atração será, sem dúvida, o *stand* onde serão expostos os jornais antigos, publicados por alunos de colégios já extintos, redigidos muitos deles por estudantes que depois abraçaram destacada projeção na vida pública do país tanto no Império como na República. A Comissão Organizadora, da qual faz parte os professores J. C. Raja Gabaglia e Reinado Astos vem recebendo o apoio dos estabelecimentos de ensino que farão representar-se nesse curioso certame. (PRIMEIRA, 1945, p.8).

Importante destacar que o anúncio chamou o evento de “Primeira Exposição e Imprensa Escolar”, desconsiderando o fato de que, em 1933, ocorrera no Rio de Janeiro o primeiro evento dessa natureza, que contou com a apresentação de jornais e revistas de vários Estados brasileiros. Ainda assim, o evento promovido em 1945 dá a perceber que a produção periódica se mantinha ativa nas escolas fluminenses. Esta situação também foi percebida em outros estados, como o Rio Grande do Sul, onde, em 1947, foi realizada também uma exposição dessa mesma natureza, conforme informou a edição do *Jornal do Dia*, de 18 de outubro daquele ano. Segundo a notícia,

> Foi inaugurada, ontem, com a presença de altas autoridades a Exposição de Imprensa Escolar do Instituto de Educação, iniciativa da cadeira de Instituições Escolares do Curso de Administração. Este certame teve a cooperação das várias regiões escolares de diversos estados. A exposição acha-se aberta diariamente das 9 às 11 e das 14 às 16 horas, com exceção de quintas-feiras e sábados à tarde. (EXPOSIÇÃO, 1947, p.5).

A ocorrência desses acontecimentos, ao longo das décadas de 1930 e 1940, em diferentes estados com números consideráveis de jornais e revistas de distintas escolas, níveis e modalidades de ensino oriundos da Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Paraíba do Norte, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe demonstrava que essa prática mobilizava as populações escolares por meio de atividades cooperadas entres os grupos que se dedicavam a propagar impressos. As três edições da Exposição organizadas pela SAAT foram responsáveis pela cooperação entre escolas de diferentes regiões do país, com base nas experiências compartilhadas acerca da produção de jornais e revistas cujos resultados foram socializados nos eventos realizados no Rio de Janeiro, em Minas Gerais e no Espírito Santo.

As exposições escolares podem ser consideradas, portanto, espaços de mobilização e disseminação da imprensa escolar, o que oferece certa medida de sua importância para o desenvolvimento e formação dos estudantes da escola primária, secundária, normal e profissional. Com isso, a elaboração de jornais e revistas nas escolas piauienses estava integrada às mobilizações que inscreveram a imprensa escolar como um importante recurso da cultura escolar das inúmeras instituições às quais pertenciam, postas à mostra nas Exposições de Imprensa Escolar.

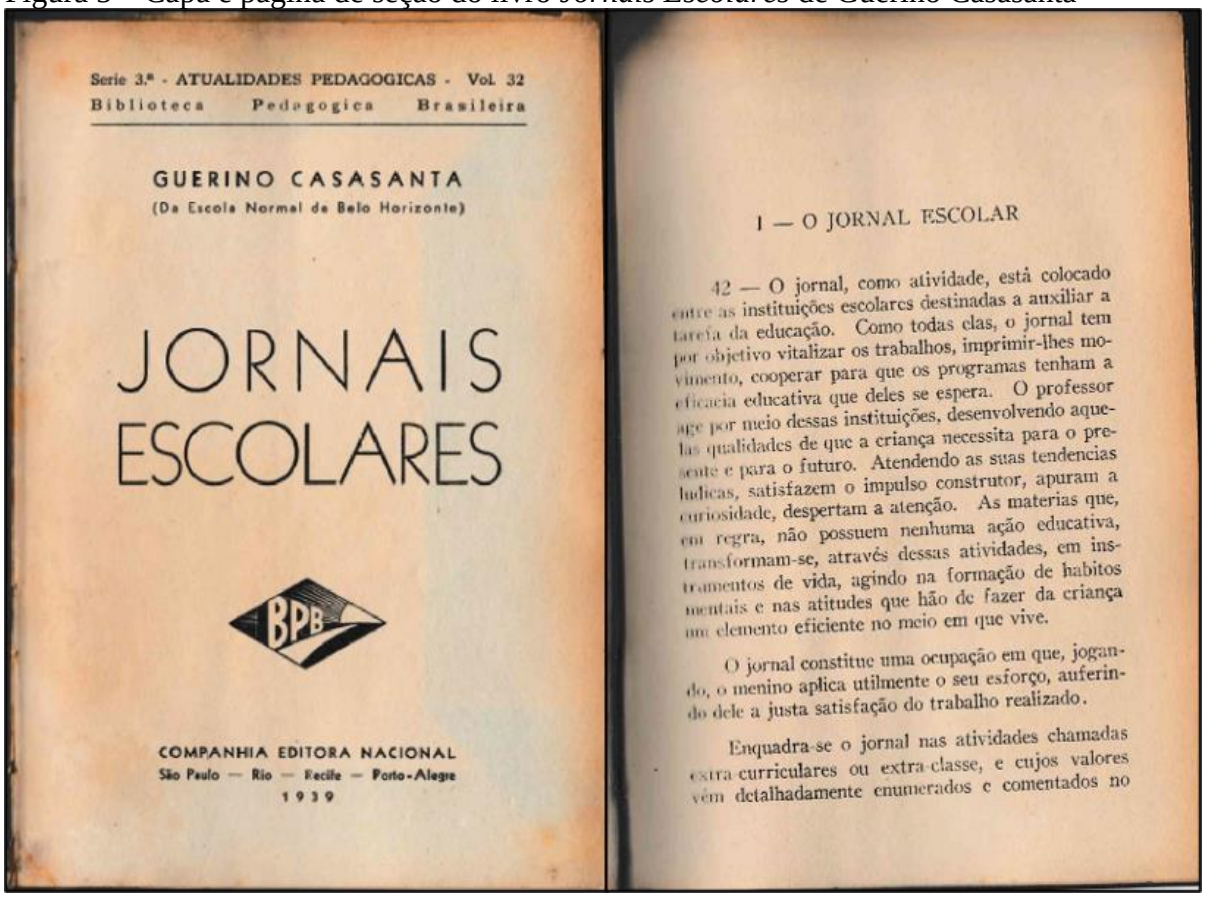
1.2.2 *Jornais Escolares*, de Guerino Casasanta

O livro *Jornais Escolares*, de Guerino Casasanta, pode ser considerado uma das principais referências a respeito da produção desses veículos no Brasil durante o período deste estudo. O livro foi o volume 32 da série "Atualidades Pedagógicas – Biblioteca Pedagógica Brasileira", coordenada por Fernando de Azevedo[40], editado em 1939 pela Companhia

[40] Segundo informações do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), Fernando de Azevedo nasceu em 1894, em São Gonçalo de Sapucaí - MG e faleceu em 1974, em São Paulo. Educador, sociólogo, administrador, escritor e jornalista, bacharelou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1918. Em 1920, começou a ensinar na Escola Normal, ingressando também no jornalismo. Redator, crítico e ensaísta de O Estado de S. Paulo, organizou e dirigiu, em 1926, o inquérito sobre a arquitetura colonial e o sobre a instrução pública em São Paulo, iniciando campanha por uma nova política educacional e pela criação de universidades no Brasil. De 1927 a 1930, foi diretor geral da Instrução Pública do Distrito Federal, onde projetou e realizou a reforma de ensino que leva seu nome. Fundou, em 1931, na Cia. Editora Nacional, a Biblioteca Pedagógica Brasileira, incluindo a série Iniciação Científica e a vasta Coleção Brasiliana. Foi redator e primeiro signatário do Manifesto dos pioneiros da Educação Nova, em 1932. Em 1933, ocupou o cargo de diretor geral do Departamento de Educação de São Paulo, realizando profunda reforma consubstanciada no Código de Educação. Foi relator do anteprojeto e do projeto de decreto-lei que instituiu, em 1934, a Universidade de São Paulo, onde ocupou cargos docentes e administrativos até 1960. Recebeu vários prêmios e distinções. Publicou dezenas de obras – algumas precursoras – de conteúdo sociológico, educacional e cultural, destacando-se Princípios de sociologia, A cultura brasileira e

Editora Nacional, A obra resultou de um inquérito produzido pelo seu autor sobre os jornais escolares de Minas Gerais, quando ele ocupava a função de Inspetor de Ensino daquele Estado.

Figura 5 – Capa e página de seção do livro *Jornais Escolares* de Guerino Casasanta



Fonte: Arquivo digital do autor, 2021.

A publicação de *Jornais Escolares* teria resultado na atuação de Casasanta durante a "Exposição de Imprensa Escolar", especialmente a edição realizada em 1934, em Belo Horizonte – MG. O autor esteve entre as figuras mais atuantes e representativas nas edições daquele evento. Proferiu conferência na primeira edição realizada no Rio de Janeiro, em 1933 e, naquela ocasião, na condição de Inspetor Geral de Ensino de Minas Gerais, destacou a importância dos jornais escolares naquele estado, elucidando o seguinte:

> Além de outras atividades extracurriculum que se multiplicaram em todo o Estado, cumpre salientar o aparecimento de numerosos jornais infantis, cujos valores educativos não são necessários encarecer. Através de 400 jornaizinhos estamos

Sociologia educacional. Tomou posse na Academia Brasileira de Letras em 1968 e na Academia Paulista de Letras em 1969. Informações disponíveis em: <https://www.ieb.usp.br/fernando-de-azevedo/>. Acesso:15 fev. 2022.

> obtendo um vasto intercâmbio entre os vários estabelecimentos escolares e assim vamos atingindo o nosso propósito de interessar todos na solução do problema educacional. (A EDUCAÇÃO, 1934, p.5).

O pronunciamento revela a importância que Casasanta dispensava aos jornais elaborados nas escolas mineiras, cujo expressivo número encontrava-se à mostra na Exposição de 1933. Na segunda edição realizada em Belo Horizonte, em 1935, Casasanta continuava figurando entre os principais nomes do evento. Conforme a programação, ao lado de outros nomes, ele proferiu palestras sobre vários aspectos da imprensa escolar. Pode-se inferir, portanto, que o livro foi resultado dos investimentos do autor nos debates sobre a importância da Imprensa Escolar para o desenvolvimento da educação.

O livro foi estruturado em nove seções que servem de roteiro para elaboração de jornais escolares. As duas primeiras priorizaram as concepções que fundamentavam o desenvolvimento desse tipo de atividade, amparadas no novo pensamento educacional, sobretudo, nos aspectos psicológicos da criança, propondo diferentes práticas que lhes servissem de estímulo. Depois disso, evidenciou resultados da investigação realizada nas escolas mineiras, dando destaque para as questões aplicadas e algumas respostas obtidas. As demais seções apontam os caminhos necessários para a elaboração de um jornal escolar, assim como os elementos que o compõem. Versa sobre os seus tipos, níveis de ensino, motivações, vantagens, estrutura, material, títulos, capas, conteúdo, seções, conténs de notícias, colaboradores, leitores, correções, valores, além de outras informações que serviam de orientação para sua produção.

No período em que *Jornais Escolares* foi publicado, o Brasil vivia uma fase de fortes debates no campo educacional reverberados na influência de pensadores como Claparède, Dewey, Ferrière e no brasileiro Lourenço Filho, Casasanta filiava os jornais escolares como parte dos pressupostos defendidos por esses teóricos, segundo os quais o aluno deveria ser tratado como agente ativo e centro do processo de ensino. Para isso, era fundamental o desenvolvimento de atividades que despertassem o interesse e o prazer do aluno em realizá-las. Para o autor, o olhar sobre o aluno e o professor sofreu uma espécie de deslocamento de eixo. Segundo ele,

> houve uma mudança de valores: o aluno começou a ser o centro das preocupações da escola, lugar que era antes, ocupado, exclusivamente, pelo professor. E, por esse motivo, uma nova vida, mais bela e mais encantadora, veio enriquecer e ampliar o ambiente escolar. O mestre não caiu do seu pedestal e da sua dignidade: ao contrário, porque se tornou mais compreensível à criança, interpretando-lhe as necessidades, atendendo a seus anseios, passou a ser um ente justamente querido e respeitado. (CASASANTA, 1939, p. 12).

Essas mudanças levaram a uma renovação pedagógica, uma vez que se buscou atender o interesse dos alunos. O autor destaca que os jogos e brincadeiras com recursos aplicados adequadamente geravam resultados satisfatórios. Além dos jogos, o desenvolvimento da leitura e da escrita estava entre as atividades que mereciam atenção da escola. Para Zanin (2020, p. 43), “em todo momento há o reforço de que a construção dos periódicos funcionaria como um jogo, uma brincadeira para os estudantes, e a participação ativa das crianças seria fundamental”. Essas inovações no pensamento educacional foram responsáveis pelo conjunto de transformações na educação, que no Brasil, ganharam maior força a partir das décadas de 1930, introduzindo mudanças políticas e pedagógicas na estrutura educacional brasileira com o intuito, entre outras coisas, de promover a universalização e gratuidade do ensino, assim como elucidava diferentes concepções que favorecessem um ensino mais ativo, centrado nas condições do próprio aluno, sujeito da aprendizagem. O contraponto à tradição escolar, por parte dos adeptos do movimento, pode ser percebido na argumentação de Vidal (2000), quando focaliza que,

> Na constituição de um discurso renovador da escola brasileira, a "Escola Nova" produziu enunciados que, desenhando alterações no modelo escolar, desqualificavam aspectos da forma e a cultura em voga nas escolas, aglutinadas em torno do termo" tradicional". Era pela diferença quanto às práticas e saberes escolares anteriores que se construía a representação do "novo" nessa formação discursiva. Operavam-se, no entanto, apropriações do modelo escolar negado, ressignificando seus materiais e métodos. (VIDAL, 2000, p. 497).

Um interessante estudo elaborado por Schwartzman, Bomeny e Costa (2000) intitulado “Tempos de Capanema” formula uma explicação sobre o movimento que ajuda a compreendê-lo sob os seus desdobramentos no Brasil, situando os interesses que priorizavam a partir das posições políticas e pedagógica. Para esses autores,

> O movimento da Escola Nova, *sem* se constituir em um projeto totalmente definido, estruturava-se ao redor de alguns grandes temas e de alguns nomes mais destacados. A escola pública, universal e gratuita ficaria com sua grande bandeira. A educação deveria ser proporcionada para todos, e todos deveriam receber o mesmo tipo de educação. Ela criaria, assim, uma igualdade básica de oportunidades, a partir da qual floresceriam as diferenças baseadas nas qualidades pessoais de cada um. Caberia ao setor público, e não a grupos particulares, realizar esta tarefa; pela sua complexidade e tamanho, como também pelo fato de que não seria o caso de entregá-la ao facciosismo de setores privados. Este ensino seria, naturalmente, leigo. Sua grande função era, em última análise, formar o cidadão livre e consciente que pudesse incorporar-se, *sem* a tutela de corporações de ofícios ou organizações sectárias de qualquer tipo, ao grande Estado Nacional em que o Brasil estava se formando. Além

> desses grandes princípios e objetivos, o movimento pela educação nova incorporava, de forma nem sempre sistemática, uma série de princípios pedagógicos que se afastavam da transmissão autoritária e repetitiva de conhecimentos e ensinamentos, e procurava *se* aproximar dos processos mais criativos e menos rígidos de aprendizagem. Finalmente, havia uma preocupação em não isolar a educação da vida comunitária, fazendo com que seu aspecto "público" não significasse, necessariamente, sua vinculação e dependência em relação a uma burocracia complexa e distante. (SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 2000 p.70-71, grifos dos autores).

Educação pública, universal e gratuita constitui-se na base do movimento que visava promover a expansão da escola para todos os segmentos sociais. No entanto, a preocupação de seus idealizadores transpunha o caráter político-estrutural da educação. Em maior ou menor dimensão, essas ideias se expandiram por todo Brasil a partir dos anos 1920 e, especialmente, nas décadas seguintes, associadas às transformações do período:

> A partir da década de 1930, no entanto, os componentes ideológicos passam a ter uma presença cada vez *mais* forte na vida política, e a educação seria a arena principal em que o combate ideológico se daria. Muitas das ideias então em voga vinham sendo gestadas desde décadas anteriores, e encontraram sua expressão mais acabada no início da década de 1940. (SCHWARTZMAN, BOMENY E COSTA, 2000, p.69).

Em virtude das alterações no contexto social, a educação ganhou destaque no debate político, já que ela passou a ser compreendida como instrumento fundamental para o desenvolvimento, a modernização e o progresso da nação. Pensando dessa forma,

> Com a construção da nova ordem social mudou as formas de pensar, as ideias passaram a se fundamentar na razão e na capacidade da autonomia humana, um novo ideal de homem foi propagado, demandando-se uma nova educação. Todo um ideário em relação a uma nova educação, para um novo homem dos tempos modernos foi formulado e expresso através da Pedagogia Moderna. [...] o movimento pela educação nova incorporava, de forma nem sempre sistemática, uma série de princípios pedagógicos que se afastavam da transmissão autoritária e repetitiva de conhecimentos e ensinamentos, e procurava *se* aproximar dos processos mais criativos e menos rígidos de aprendizagem. (MARTINS, 2009, p. 34).

No bojo dessas discussões, defendia-se também a renovação dos princípios pedagógicos, buscava-se substituir o ensino tradicional/autoritário por métodos mais dinâmicos, centrados na figura do aluno. As concepções do movimento estavam associadas às postulações de Claparède, Ferrière, Dewey, segundo os quais

> Estas concepções expressavam uma tendência individualista, focavam-se no desenvolvimento dos indivíduos, considerado o ponto de partida para a organização

> da escola, que deveria estar voltada para a dinâmica do ensino, para os processos de aprendizagem e os métodos do trabalho escolar ((MARTINS, 2009, p. 28-29).

Essas ideias provocaram um forte movimento de renovação da educação que, de diferentes formas, causaram consideráveis mudanças na estrutura educacional brasileira. Essas mudanças ocorreram, sobretudo, por meio de reformas nos sistemas da estrutura educacional da maioria dos estados da federação. No entanto, não se pode perder de vista que o movimento da Escola Nova se configurou como lugar de disputa, em que diferentes projetos foram postos em tensão. A adesão às ideias em voga também sofreu fortes tensões junto aos setores mais tradicionais. Nesse sentido,

> No jogo político de que se valeram os educadores e políticos da educação para implementação das propostas reformistas, os debates em torno da correta acepção da Escola Nova demarcaram as fronteiras entre inovadores e tradicionalistas. Assim, a adesão aos princípios da Escola Nova nem sempre implicou o pertencimento a uma mesma rede. (MIGUEL; VIDAL; ARAÚJO, 2011, p.2).

A respeito da heterogeneidade de pensamento que se constituía na rede de seguidores dessas abordagens, Vidal (2013, p.581) enfatiza que "a própria noção de grupo coeso e, nessa medida, do personagem coletivo pioneiros passou a ser questionada, bem como o foi a unidade dos princípios da Escola Nova". A mesma autora aproveita para detalhar alguns aspectos que sinalizam a diversidade de posicionamentos e interesses que se aglutinavam-se em torno do movimento. Dessa forma,

> [...] a Escola Nova evidenciou-se como fórmula, com significados múltiplos e distintas apropriações constituídas no entrelaçamento de três vertentes: a pedagógica, a ideológica e a política. No que tange ao primeiro aspecto, a indefinição das fronteiras conceituais havia permitido que a expressão Escola Nova aglutinasse diferentes educadores — católicos e liberais — em torno de princípios pedagógicos do ensino ativo. No segundo caso, a fórmula oferecera-se como meio para a transformação da sociedade, servindo às finalidades divergentes dos grupos em litígio. Já na terceira acepção, tornara-se bandeira política, sendo capturada como signo de renovação do sistema educacional pelo Manifesto e por seus signatários. (VIDAL, 2013, p.581).

Repare que, mesmo mediante posicionamentos distintos, os debates inspirados nessas concepções se propagaram e inspiraram intelectuais, que passaram a compor a administração pública e, aliados a setores políticos, defendiam a reformulação da educação. Nos diversos estados da federação, essas concepções promoveram alterações na estrutura de ensino e nas práticas pedagógicas (MIGUEL; VIDAL E ARAÚJO, 2011). Em decorrência dos inúmeros debates e tensões ocorridas no Brasil acerca dessas reformulações da educação, as décadas

pesquisadas transformaram-se em um período de significativas mudanças. Em face desse contexto, no Piauí, houve apropriações dos debates em favor da educação, o que resultou na defesa da "necessidade de desenvolver uma educação integral como forma de reverter a situação atual da sociedade, considerada de "doença", de "peso morto", "curar o mal" da população que nas representações da elite intelectual piauiense se encontrava alheia às questões nacionais" (MARTINS, 2009, p. 63).

Para Martins (2009), a divulgação das ideias, no Piauí, ocorreu através de algumas estratégias adotadas por intelectuais entusiasmados por aqueles discursos reformadores, que lançavam possibilidades de superar a condição de atraso da educação local. Entre as estratégias de propagar as ideias, a autora destaca:

> a) A princípio a Escola Normal Oficial foi escolhida como o lócus de divulgação do ideário da Escola Nova no Piauí;
> b) Modificações na legislação de ensino, adequando-a aos ideais da Escola Nova;
> c) A permanência de muitos reformadores em cargos públicos [...];
> d) Promoções de palestras;
> e) Exposições escolares;
> f) Produções escritas divulgadas em jornais, livros e revistas locais;
> g) Ampla circulação de textos produzidos nos vários estados brasileiros, o que pode ser comprovado através dos discursos dos reformadores piauienses. (MARTINS, 2009, p.71-72).

Considerando que a Escola Normal estava entre os espaços de divulgação daquelas ideias, os periódicos escolares ali produzidos deixam pistas das concepções de inovação do pensamento educacional, que foram difundidas naquela instituição e apropriadas por seus estudantes. Nessa perspectiva, cabia ao professor desenvolver atividades que contemplassem o interesse dos alunos por essas práticas. Entre elas estariam os jornais escolares, que seriam desenvolvidos em sala de aula, com a orientação do professor, como atividade auxiliar na prática da leitura, escrita e divulgação de assuntos relacionados à escola e ao interesse dos alunos. Para o autor, "o jornal, como atividade, está colocado entre as instituições destinadas a auxiliar a tarefa da educação. Como todas elas, o jornal tem por objetivo revitalizar os trabalhos, imprimir-lhes movimento, cooperar, para que os programas tenham a eficácia educativa que deles se espera" (CASASANTA, 1939, p. 37). Do mesmo modo que Freinet, destaca que as experiências com jornais escolares não era uma inovação e, "sem entrar em indagações mais minuciosas, vemos que, na Itália, há mais de meio século já existiam eles". (CASASANTA, 1939, p. 38).

Para ter-se uma ideia da profusão dessas publicações, Casasanta menciona que, em 1933, compareceu a uma exposição de imprensa escolar com mais de 500 títulos de todas as

partes de Minas Gerais. Isso demonstra que a produção de periódico fazia parte da cultura escolar daquele período. Mesmo a afirmação sendo referente àquele estado, a ocorrência de periódicos escolares também se dava em muitos outros estados. Só para citar um exemplo, no Rio de Janeiro foi realizado um inquérito, cujos resultados foram divulgados em edições da *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, de 1942.

Casasanta aponta uma relação de valores que motivaram a elaboração de um jornal escolar, destacando que esse tipo de periódico promovia a cooperação, estimulava as iniciativas e promovia a união entre seus membros. Entre os valores elencados, destacou ainda que:

> As atividades escolares, como aliás todas as atividades sociais, requerem estímulo e incitamento. A publicidade é um meio de êxito e sucesso. O jornal escolar pode manter vivas as atividades, incentivando o entusiasmo entre os alunos, levando-os a empregar nelas todo o esforço e toda a atenção; o jornal une a escola à sociedade, pondo-a constantemente a par de sua vida e de suas realizações. Estabelece, assim, um entendimento recíproco, interessando o povo na obra escolar; o jornal leva aos pais, aos ex-alunos e a todos as notícias da escola. Mantem-se, dessa forma, sempre vivo o interesse daqueles que viveram na escola e cujas notícias lhes são particularmente gratas; as notícias da vida escolar, de suas iniciativas e atividades, suscitarão iguais procedimentos a outros estabelecimentos. (CASASANTA, 1939, p. 40).

Por esses fatores, entende-se que os jornais escolares, enquanto atividade escolar, entusiasmava, unia, informava e noticiava a vida escolar para a família e a população interessada no assunto. Portanto, a produção de um jornal da escola representava a ampliação da comunicação entre a escola, seus agentes e a sociedade. Além desses fatores, esse tipo de veículo também era responsável por outros importantes benefícios, visto que ele "estabelece o intercâmbio entre as escolas; registrar a história da escola; propagar a escola, atraindo para ela o interesse da população" (CASASANTA, 1939, p. 41).

Um outro ponto interessante diz respeito aos diversos tipos de jornais elencados. Segundo o autor, havia uma variedade de tipos de jornais escolares e suas características que poderiam ser produzidos pelos alunos nas escolas, entre os quais: jornal falado, jornal lido, jornal no quadro negro, jornal cartaz, jornal manuscrito, jornal mimeografado e jornal impresso. Essa variedade indica que escolas, professores e alunos teriam um leque de possibilidades no uso dessa técnica, mesmo sem ou com poucos recursos, era possível organizar um desses tipos de jornais em ambiente escolar.

De todos esses tipos, o jornal impresso foi se impondo sobre os demais e, graças à sua materialidade, foi o que mais resistiu à ação do tempo, permitindo, quando localizado, visitar nuances do contexto em que estava inserido. Para se ter uma noção do predomínio do jornal

impresso sobre os demais, Casasanta afirma que, na exposição de jornais escolares de 1933, dos cerca de 500 periódicos listados, mais ou menos 400 eram impressos. Sobre esse tipo de jornal, Casasanta afirma que:

> O tipo de jornal mais vulgarizado é o jornal impresso. [...] O jornal impresso desenvolve grandemente a vida da escola, pelas atividades que os alunos têm de executar dentro e fora dela. O ideal seria que a iniciativa, partindo dos alunos, se desenvolvesse através de um projeto, método que é, como sabemos, rico de associações úteis. Por meio dele, o jornal escolar daria ensejo a variados estudos, observações e pesquisas, que centuplicariam o seu valor. (CASASANTA, 1939, p. 72).

Um aspecto bem interessante abordado sobre o jornal impresso é que, caso houvesse um periódico de maior circulação no lugar, ele poderia aparecer inserido neste dispositivo. "O jornal escolar pode ocupar um espaço no jornal da localidade. Terá, então, uma forma de 'seção'. Mediante prévio acordo, os estabelecimentos de uma cidade poderão manter uma seção na qual serão inseridas as notícias da vida escolar" (CASASANTA, 1939, p.71). Orienta, porém, que esse tipo de seção deveria ter a participação dos alunos na sua organização.

Para o autor, a prática de elaboração de jornal escolar não se restringiu ao ensino primário. Sua produção foi recorrente no ensino secundário, no ensino normal, em escolas noturnas e também em estabelecimentos de assistência social. Com relação à produção de noticiários no ensino normal e secundário, o autor argumenta que,

> As nossas escolas normais e ginásios cultivam com carinho, os jornais. Tratando-se de alunos adiantados, já com a personalidade formada, a motivação e outros problemas de fundação e manutenção de jornal, assumem aspectos diferentes. Propriamente, aqui, as atividades surgem, como que concretizando as necessidades da classe. O papel do professor será o de companheiro, para coordenar os movimentos, dirigindo-os com tacto e habilidade. A ação é toda ela da classe porque o jornal constitui um fim. O movimento é submetido ao pensamento, a satisfação é intelectual e moral. (CASASANTA, 1939, p.83).

Pelo inquérito realizado foi verificado uma maior autonomia na produção dos jornais de escolas normais e ginásios. Por se tratar de níveis de ensino mais elevados, a responsabilidade dos professores estaria reduzida à função de parceiro na produção dos noticiosos, que serviriam de espaço para divulgação das atividades e informes acerca da vida escolar. No caso do ensino normal, ainda "deverá proporcionar ensejo a excelentes lições de metodologia, partindo do ponto fundamental de que a atividade isolada é atividade perdida" (CASASANTA, 1939, p.83). Os resultados obtidos na pesquisa desse mesmo autor, realizada

em 1934, destacam que, dos 411 jornais escolares listados, obteve resposta de 328. Através das informações coletadas pode ser verificado o ciclo de vida e sua periodicidade.

> Dos 328 que informaram, 158 contam menos de 1 ano e 170 são mais idosos, isto é, já estão com a sua vida mais integrada no ambiente escolar. Desses 170, 88 contam 2 anos de vida, 31 três anos e 51 mais de 3 anos. Segundo a periodicidade, 57 eram semanários, 241 mensários, 5 anuários e 25 de publicação indeterminada. (CASASANTA, 1939, p.92).

Como se pode notar, boa parte dos jornais escolares tinham vida efêmera, sendo que, mesmo aqueles que conseguiam maior consolidação, tiveram tempo de existência limitado a poucos anos. A maior parte dos jornais mantinha periodicidade mensal, uma pequena quantidade semanal e alguns tiveram periodicidade indeterminada. O sistema de impressão daqueles jornais também chama a atenção na análise. Foram registrados 109 escritos a mão e 192 em tipografias, dos quais 15 em mimeógrafos e 12 em máquinas de escrever e, dos 328 analisados, 297 publicados com 4 páginas. (CASASANTA, 1939). Essas características o ocorriam a partir das condições e experiências da equipe responsável pela elaboração de cada jornal. Talvez as características dos jornais escolares de Minas Gerais possam ser utilizadas para ilustrar as condições desse tipo de atividade que ocorriam por outras partes do Brasil, como no Piauí, onde foi possível verificar certas semelhanças, entre as quais, o curto ciclo de vida, uns com periodicidade mensal, outros indefinida etc.

A quarta seção é seguida de um roteiro de elaboração de um jornal em que são sugeridas seções, fontes de notícias, títulos, assim como a composição de diretoria e repórteres responsáveis. Argumenta que era preciso ter em mente que o jornal era do aluno e não do professor. Este último utiliza-o como mecanismo pedagógico para desenvolver um conjunto de habilidades através da elaboração do dispositivo de imprensa. Orienta ainda que o jornal deveria se dedicar a divulgar as notícias da escola e que “as notícias, certamente, não podem ser feitas com a mesma perfeição, em todas as classes. Depende do seu adiantamento, de que o jornal é o retrato” (CASASANTA, 1939, p.99) e esclarece que o jornal elaborado com função educativa deve ter todos os seus aspectos voltados para este fim. Por isso, a estética de sua forma teria forte impacto no interesse dos seus leitores. Portanto,

> [...] se o jornal escolar visa um fim, e um fim total, que é a educação do menino, claro está que a sua apresentação material é importante. [...]. O jornal não será, e nem poderá ser, uma obra de arte. O que se exige dele é um mínimo de bom gosto, que é possível alcançar. Tem-se, pois, à mão mais um meio educativo, que deverá ser usado. (CASASANTA, 1939, p.124).

Produzido de forma atrativa, os noticiosos precisavam atender aos interesses educativos da escola e, principalmente, dos alunos. Por essa razão, o autor sugere a articulação do jornal com outras atividades educativas nas instituições escolares. Daí, as práticas desenvolvidas, por exemplo, em bibliotecas, clubes de leitura, excursões poderiam ser registradas e divulgadas nesses jornais como forma de estimular a prática da escrita, o gosto pela leitura e todos os outros benefícios proporcionados pela utilização do jornal escolar, visto como técnica eficaz para desenvolver as múltiplas potencialidades do aluno. Diante da importância da obra, "certamente o livro *Jornais Escolares* inspirou e orientou o trabalho de muitos professores com os jornais da Imprensa Escolar" (ZANIN, 2020, p.48) e, mesmo não sendo possível avaliar o nível de influência das proposições de Casasanta, assim como o de Freinet, muitos dos elementos presentes em sua obra, também, podem ser percebidos na produção de periódicos escolares no Piauí, como pode ser ilustrado através de um texto encontrado na revista *Zodíaco,* que orientava como um jornal com características educativas deveria ser elaborado.

> [...] para que o jornal do estudante preencha completamente essa grande finalidade educativa, é preciso sair da rotina, preenchendo feitio mais dinâmico e mais social. Não deve limitar-se a divulgação de textos literários mais ou menos descritivos. É preciso abrir secções de variadas reportagens, visando: - o intercâmbio cultural e efetivo da classe, dentro e fora do educandário; o melhoramento da saúde e dos métodos pedagógicos; o processo moral e material do lugar; animando a manutenção ou estimulando a criação de organizações estudantis, como jogos esportivos, concursos intelectuais, pelotões de saúde, orfeões, escotismo, etc. acompanhar com interesse as realizações particulares ou oficiais, que visem o progresso da terra, a educação do povo, o levantamento cívico da população (festas e congressos cívicos, campanhas sanitárias e educativas, concursos de robustez infantil, etc.). Entrevistar pessoas ilustres ou membros do governo, indagando-lhes dos planos ou realizações em seus diferentes setores, de atividades profissional. [...] Cabe ao diretor manter o jornal do seu educandário em constante ascensão moral, tudo encaminhando para um fim educativo, higiênico e altruístico. (LIMA, 1944, p.24).

Perceba que muitas das sugestões imprimidas associavam-se às concepções freinetianas e aos roteiros de Casasanta (1939). Fica, portanto, evidente que, o movimento em torno da produção de impressos escolares se constituiu em uma rede que se instaurou a partir de influências de educadores, de agentes públicos e de sociedades organizadas que enxergavam na elaboração de periódicos nas escolas um importante instrumento de desenvolvimento da educação. Porém, cabe dizer que, embora se acreditando nessa influência, a maioria dos periódicos analisados possuíam suas peculiaridades, marcados por características próprias.

2.3 Modernização da rede escolar no Piauí

Desde a década de 1920, o debate sobre os problemas educacionais figurava na agenda do governo piauiense. Discutia-se a necessidade de ampliação da rede escolar e a realização de reformas que promovessem um ensino de melhor qualidade que pudesse superar as precárias condições em que se encontrava até aquele momento. Buscava-se, dessa maneira, empreender a modernização da escola piauiense que, por aquela época, ainda se encontrava marcada por um conjunto de limitações que, entre outros aspectos, incluía a falta de estrutura física adequada para o funcionamento das atividades escolares, falta de formação docente e baixos índices de matrícula.

A modernização da rede escolar perpassa essas questões e, no caso piauiense, a construção da prédios escolares foi tomada como símbolo de ruptura com o atraso. Foucault auxiliar na compreensão, quando argumenta que se tenta "caracterizar a modernidade pela consciência da descontinuidade do tempo: ruptura da tradição, sentimento de novidade, vertigem do que passa" (FOUCAULT, 2000, p.342). Essa perspectiva foi tomada para demarcar os investimentos na estruturação do campo educacional e na revitalização dos espaços citadinos como uma forma de transpor as escassas condições percebidas até aquele contexto. Le Goff (1990, p.167) complementa nessa compreensão, ao enfatizar que "a consciência da modernidade nasce do sentimento de ruptura com o passado". Aliando-se a esse ponto de vista, o sentido de modernidade discutido neste trabalho questiona como as transformações educacionais, culturais, urbanas, políticas e econômicas empreendidas com o objetivo de estabelecer e promover alterações estruturais podem romper com condições retrógradas do passado.

Diante das limitações educacionais percebidas naqueles idos, a educação foi gradualmente ocupando lugar de destaque na agenda do poder público, em razão da necessidade de tomada de medidas efetivas para a promoção sistemática e progressiva da educação piauiense no curso do tempo. De acordo com Marinho (2008, p. 30),

> A situação existente decorria do fato de que a educação escolar no Piauí ainda não tinha sido instalada efetivamente pelos poderes públicos. Sua implantação era processada de forma lenta, com avanços, mas também retrocessos que poderiam ser visualizados em problemas como a ausência de professores qualificados e a falta de estrutura básica para o funcionamento das pouquíssimas escolas que existiam no estado. O fato é que persistia o atraso na consolidação e expansão da instrução pública no Piauí, sendo interesse do então governador, conjugar forças para solucionar o problema educacional. (MARINHO, 2008, p. 30).

No início dos anos 1920, o então governador do Piauí, João Luiz Ferreira, preocupado com as precárias condições da instrução no Estado, sugere uma reformulação no ensino e, por meio de mensagem, comunicou, à casa legislativa do Estado, a sua proposta. Ele justifica a medida tomada, dizendo que "impressionado com a decadência do nosso ensino, nomearei dentro em breve uma comissão de pessoas reconhecidamente capazes para perscrutarem as causas dessa decadência e apontarem o meio prático de conjurá-la". (PIAUÍ, 1921, p. 48). Na composição da referida comissão estavam membros da Sociedade Auxiliadora da Instrução do Piauí, entre os quais Mathias Olympio de Mello, João Osório Porphírio da Motta, Pedro Borges da Silva, e o capitão Manoel Raymundo da Paz Filho. O trabalho realizado resultou na publicação de *A Instrução Pública no Piauí, em 1922.* Esse relatório anunciava as condições nas quais a educação piauiense se encontrava, identificava seus problemas e sugeria possíveis soluções. De forma resumida, o documento identificou como principais problemas do ensino público piauiense:

> I – Inobservância dos dispositivos do regulamento, donde;
> a) Faltas na sua direção;
> b) Ausência de fiscalização;
> c) Impreparo técnico de grande parte do professorado;
> d) Falta de formação de espírito profissional do professorado.
> II – Falta de prédios para funcionamento das escolas e de material escolar.
> III – Intromissão indébita de interesses estranhos à instrução na escolha de elementos por ela responsáveis. (A INSTRUÇÃO. 1922, p.18).

Diante dos problemas identificados como causadores da ineficácia do ensino público do Estado, enxergavam na qualificação de professores e a construção de edifícios escolares uma das soluções o problema. Através dessas medidas seria possível promover, em parte, modernização, oferta e qualidade para o ensino. Se na década de 1920 houve a preocupação em discutir as condições nas quais as instruções públicas piauienses se encontravam, propondo sua modernização, foi na década de 1930 que ocorreu uma intensificação das medidas voltadas para a expansão e modernização da malha escolar através, principalmente, da política de construção de grupos escolares. Esses edifícios se constituíram na principal política de ampliação da oferta de ensino primário espalhada pelo Estado. Um dos principais estudiosos sobre o assunto no Piauí afirma que

> O grupo escolar era criado, majoritariamente, pela junção das escolas isoladas existentes no lugar, ou pela junção das escolas existentes e a criação de mais algumas; mais raramente, pela sua criação pura e simplesmente. Predominava, contudo, o modelo de junção das escolas existentes. Assim, os grupos escolares eram criados, primeiramente, como escolas reunidas, sendo estas, então, a etapa

> primeira, e muitas vezes duradoura, da constituição de um grupo escolar, embora não fosse necessária (LOPES, 2006, p. 87).

Veja que a edificação de grupos escolares no Piauí aconteceu em forma de agrupamento de escolas isoladas em um único espaço, com arquitetura moderna e apropriada às condições de ensino. Segundo Lopes (2001), a política de implantação dos grupos escolares no Piauí foi iniciada com a criação do Grupo Escolar Miranda Osório, em Parnaíba, em 1922. O autor considera o período de criação do referido estabelecimento, até o ano de 1930, como a fase de "implantação e consolidação do modelo de grupo escolar". Dessa forma, "não mais somente a capital, mas o interior ia tornando-se também espaço para a implantação de inovações educacionais e modernização da rede escolar" (LOPES, 2001, p.150). Mas, durante as duas décadas seguintes, período no qual está situado este estudo, houve um impulso ainda maior na educação piauiense. Tal impulso se deu, inicialmente, no ensino primário, através da construção dos grupos escolares e ou ampliação de escolas na capital e em outros municípios. Em seguida, nos investimentos do ensino normal, que buscou promover a formação e qualificação dos professores para atuar, de maneira moderna e inovadora, nesses estabelecimentos de ensino.

O governo varguista, que se estendeu de 1930 a 1945, foi caracterizado por um conjunto de transformações que procuravam empreender medidas, capazes de superar o caráter agroexportador, intensificando o processo de industrialização e modernização do país. Nesse empreendimento, o governo teve que enfrentar forças opostas, que o levaram a adotar uma progressiva postura centralizadora e autoritária durante as três fases do seu governo (Provisório, Constitucional e Estado Novo). Melo (2020, p.59) sintetiza esse período da seguinte forma:

> O governo Vargas, no período definido para essa análise, apresentou como um dos seus traços a implementação de um plano de organização/centralização de Estado e de desenvolvimento da sociedade. Colocou em funcionamento uma proposta de administração pública que teve como finalidade reduzir as distâncias entre governo central e estados-membros, através da instalação e da expansão de serviços públicos nas áreas de educação, saúde, infraestrutura e cultura.

Para consolidar esse projeto de modernização e desenvolvimento, logo na sua primeira fase, o governo tratou de nomear interventores estaduais para formar a base de sustentação do seu projeto de governo. Para interventor federal no Piauí, foi nomeado o coronel cearense

Landri Sales Gonçalves, empossado no dia 21 de maio de 1931, permanecendo no poder até o início de 1935[41]. Entre os compromissos que tinham pela frente,

> Os interventores, como executores locais do projeto de governo varguista, tinham a função de reestabelecer o equilíbrio político alterado com a Revolução de 1930. Esses gestores, além de procurarem estruturar a máquina administrativa local, nomeando pessoas de confiança para a condução de serviços chaves nesse processo, também, colocavam em funcionamento os mecanismos de fortalecimento do espírito pátrio nacional. (MELO, 2020, p.60-61).

Na chefia do Estado, Landri Sales dedicou esforços no projeto de melhoramento das condições de diversos setores que moviam a sociedade piauiense, desde o setor agrícola até aqueles responsáveis pela modernização, como indústria, transporte, comunicação e educação. Sobre esta última, incrementou a política de edificação dos modernos grupos escolares.

> No campo da educação, o governo Landri Sales conseguiu dotar o Piauí de uma pequena rede escolar, construindo cerca de 25 escolas. Isto foi possível graças à forma de governo centralizada. As despesas com a construção eram divididas entre o governo estadual e os governos municipais. [...] Em Teresina, podemos citar como exemplo a construção do Grupo Escolar Domingos Jorge Velho, construído nesse esquema, inclusive inaugurado por Getúlio Vargas, quando esteve aqui na Gestão de Landri Sales. A construção da atual sede do Liceu Piauiense foi iniciada também neste período. (GOVERNADORES, 1993, p.116)

Além de impulsionar a expansão da rede escolar, o governo de Ladri Sales, também, demonstrou preocupação em melhorar a qualidade do ensino através do patrocínio de cursos de aperfeiçoamento para representantes da classe. Além disso, ainda no plano educacional, havia uma orientação para a aplicação de atividades educativas voltadas para a formação da identidade cívica, exaltando a história da pátria através da evocação do seu passado heroico, sua organização política, da atuação de seus líderes, da valorização do trabalho, da cultura (MELO, 2020). Essa perspectiva vai reverberar diretamente nos discursos imprimidos na imprensa escolar, conforme será discutido nos capítulos seguintes.

Landri Sales ficou à frente da interventoria do Estado até 1935, sendo substituído pelo médico Leônidas de Castro Melo, eleito via Constituinte estadual em 22 de abril e empossado em 3 de maio de 1935. Alinhado às posições da administração anterior, da qual tinha feito parte, ocupando cargos de diretor do Liceu Piauiense, da Escola Normal, até se tornar Secretário Geral do Estado. Leônidas Melo governou o Piauí seguindo imposições do governo federal, com um estreitamento de relações que se intensificou ainda mais pelo apoio prestado

[41] Para maiores informações sobre o governo de Landri Sales, consultar: NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *A Revolução de 1930 no Piauí*: 1928-1934. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

ao golpe de 1937, período em que se instalou o Estado Novo, que o manteve no cargo de interventor até outubro de 1945.

Assimilando as características estadonovistas, seu governo foi marcado pela propaganda do programa de desenvolvimento, que se refletia nos investimentos, nas medidas de estruturação e modernização e ainda colaborava para o progresso local, integrado ao projeto de desenvolvimento do país. Essas ações repercutiam na imprensa oficial, nos jornais de "grande circulação" e periódicos escolares, que também serviam como veículo de legitimação das ações do poder público. Ao mesmo tempo, as ações do Estado Novo, espelhadas nas medidas da interventoria local, tinha o papel de intermediadora entre o governo e sociedade. Nessa perspectiva, "o efeito visado no Estado Novo era a conquista do apoio necessário à legitimação do novo poder, oriundo de um golpe" (CAPELATO, 2009, p.78).

Com relação às medidas desencadeadas pelos interventores no campo educacional, elas foram encontradas em alguns documentos oficiais, como os relatórios de governo apresentados à Assembleia Legislativa do Piauí, muito embora esses registros necessitem ser problematizados, por se constituírem em "modos de instaurar reconhecimento" (CATANI, 1995, p.79) através das ações legais institucionalizadas. Ao mesmo tempo que prestava contas à sociedade, esses relatos procuram elevar o prestígio dos interventores. Em um desses documentos, Landri Salles fez um balanço das atividades que desenvolveu entre 1931 e 1935, e comemorou a evolução da rede escolar no Estado. Segundo ele, "o número de estabelecimentos escolares foi acrescido de 123, ou seja de 124,2%, ascendendo, presentemente, a 222, com 377 classes" (PIAUÍ, 1935, p.37). Esses dados correspondem à rede escolar primária que, à época era ofertada em escolas singulares, escolas reunidas e nos grupos escolares, conforme os dados da amostragem seguinte:

Quadro 3: Elevação gradual dos índices de matrícula no ensino primário no Piauí (1930-1935)

ANO	**1930**	**1931**	**1932**	**1933**	**1934**	**1935**
MATRÍCULA	7.397	11.101	14.922	16.054	20.638	26.000

Fonte: Piauí (1935, p.32)

Com relação à oferta de matrícula, segundo dados oficiais presentes no mesmo relatório, em 1930 encontravam-se matriculados um total de 7.397 alunos, enquanto em 1935, esse número foi elevado para um total de 26.000 alunos matriculados, o que corresponde a um crescimento de 10,5%, em 1930, para 32,05%, em 1935, do número de alunos em idade escolar matriculados nas redes de ensino estadual, municipal e privada. Outra característica

marcante é que a maior parte desses alunos se encontravam matriculados nas escolas das zonas urbanas de Teresina e dos municípios espalhados pelo Estado. Além do caráter estrutural, há indícios de uma preocupação com a inovação do ensino por meio do aparelhamento didático-pedagógico das escolas. Nesse aspecto, o governador Landri Sales destaca sua preocupação com a distribuição de material didático e mobiliário para os alunos e escolas. Segundo ele,

> [...] é de salientar que a nenhuma [escola] deixa de ser fornecido o material didático suficiente à distribuição gratuita pelos alunos pobres que as frequentam, e todas vem sendo providas do necessário e adequado mobiliário. Para isso, mantém o Almoxarifado Geral do Estado, grande depósito de livros, quadros murais e objetos de ensino [...]. O mesmo zelo dedica o governo ao ensino particular, subvencionando várias escolas. (PIAUÍ, 1935, p.37-38).

Os investimentos na qualificação e formação do professorado foram exemplificados através do custeamento das despesas de curso de aperfeiçoamento para uma turma de professoras em Minas Gerais, visando melhorar a qualidade do ensino ofertado. Segundo Nascimento (2015, p.69) o "Landri Sales, através do Diretor de Instrução, que selecionou currículo das melhores alunas do curso normal, já contratadas pelo governo, em número de seis, e as enviou para Belo Horizonte", com o objetivo de adquirir novos saberes metodológicos que pudessem ser aplicados no Piauí.

Com relação ao corpo docente primário, o Piauí contava, em 1935, com um total de 206 professores diplomados (com formação normal) e 219 professores leigos (sem formação). Esses últimos atuavam, sobretudo, em escolas singulares localizadas em zonas rurais. A expansão da rede escolar era impulsionada através da execução do projeto da estruturação e modernização, que ocorria com a construção de grupos escolares, "não só conserva nas melhores condições de asseio os já existentes, como executa, de colaboração com os municípios, um extenso plano de construção, pelo Estado inteiro, elevando-se o número dos já concluídos, em vias de acabamento e em edificação, a 24" (PIAUÍ, 1935, p.38). Além dessas escolas, encontrava-se em avançada construção na capital, Teresina, o prédio do "Lyceu Piauhyense, de caráter monumental, majestoso e imponente, por ser, sem dúvida um dos melhores estabelecimentos, no gênero, no norte do país". (PIAUÍ, 1935, p.38). Com relação a esses estabelecimentos, foram listados os prédios construídos, inaugurados e em vias de acabamento e em construção, conforme dispostos no Quadro 4:

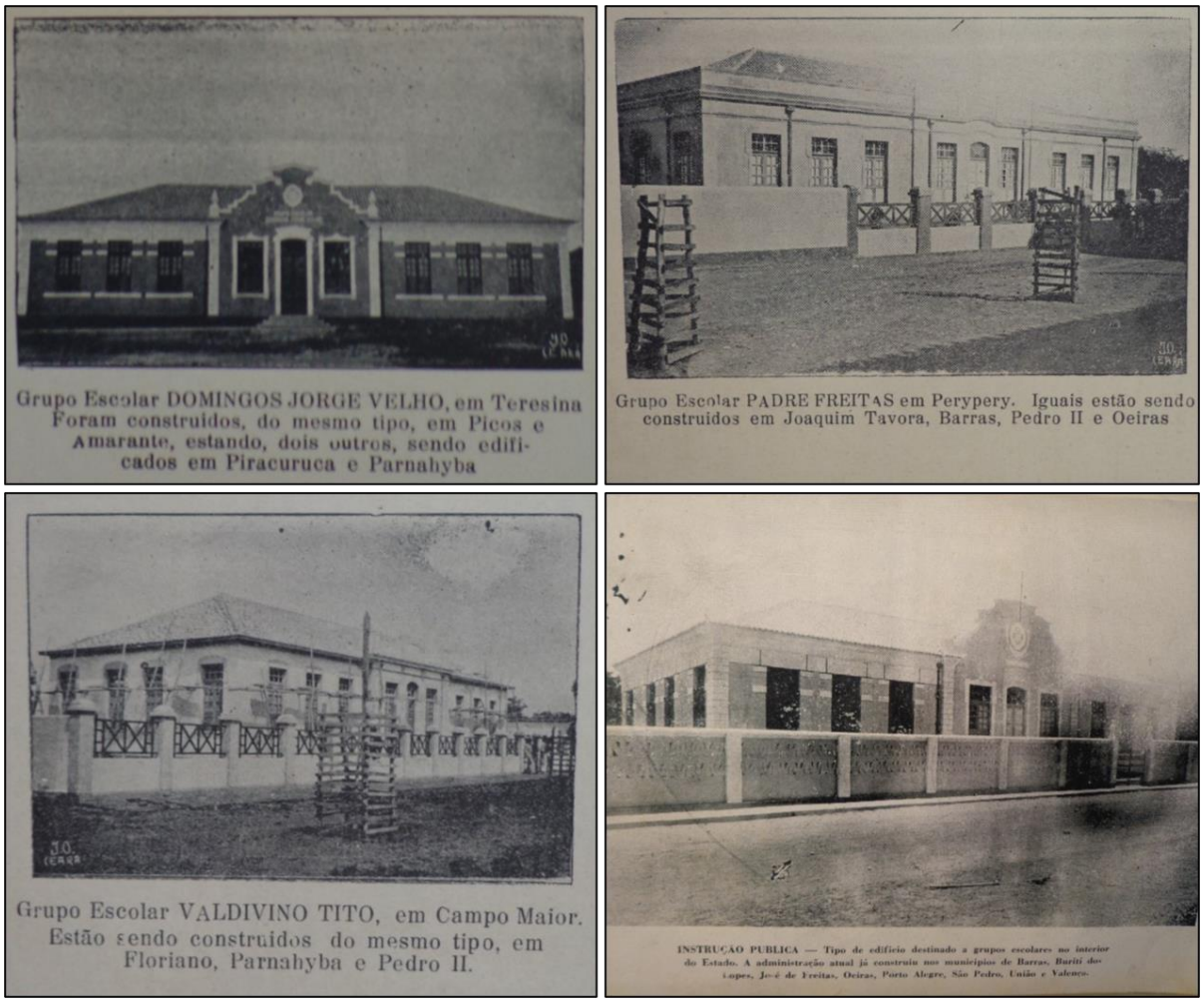
Quadro 4: Relação de prédios escolares construídos e em construção até 1935

FASE	PRÉDIO ESCOLAE E LOCALIDADE
Construídos e inaugurados	1 grupo escolar em Teresina 1 grupo escolar em Picos 1 grupo escolar em Campo Maior 1 grupo escolar em Peripey 1 grupo escolar em Amarante 1 grupo escolar em Miguel Alves 1 escola agrupada em David Caldas 1 escola agrupada em Batalha 1 escola agrupada em Dr. Sampaio 1 escola agrupada em Poty Velho 1 escola agrupada em Valença
Em vias de acabamento	Lyceu Piauhyense em Teresina 1 grupo escolar em Barras 1 grupo escolar em Joaquim Távora 1 grupo escolar em Piracuruca 1 grupo escolar em Pedro II 2 grupos escolares em Parnahyba 1 escola agrupada em Castello 1 escola agrupada em Bom Jesus 1 escola agrupada em São Raimundo
Em construção	1 grupo escolar em Floriano 1 grupo escolar em Oeiras 1 escola agrupada em Belém

Fonte: Piauí (1935)

Observando essa relação de prédios escolares, verifica-se a execução do projeto de expansão da rede escolar, visto que parecia que estava no horizonte do poder público a modernização do ensino, não apenas na capital, mas também nos municípios de diferentes regiões do Estado. A construção de grupos escolares e escolas agrupadas com modelos arquitetônicos similares tinha o propósito de favorecer o melhoramento das condições de ensino. Esse modelo também apareceu no relatório, como se pode observar na figura 6.

Figura 6 – Modelos de grupos escolares construídos no Piauí na década de 1930



Fonte: Piauí (1935; 1938)

As legendas dos grupos escolares, Domingos Jorge Velho (Teresina), Padre Freitas (Piripiri) e Valdivino Tito (Campo Maior), dão conta da execução de um tipo modelar de edifícios escolares, cujo padrão foi construído em várias cidades do Piauí, assim como mostra o quadro posto anteriormente. Esse modelo carregava a ideia de ruptura com o anacronismo e a ineficácia que prevaleceu durante o período anterior. Ele representava a preocupação do poder público com a difusão do ensino e a valorização da educação como parte da engrenagem. Isso tiraria o Piauí da sua condição de atraso, e o colocaria na rota do desenvolvimento integrado ao progresso da nação. Com relação ao ensino secundário, até aquele ano de 1935, o panorama mencionado no relatório dá conta dos estabelecimentos que ofertavam esse nível de ensino, assim como aspectos de seu aparelhamento. Segundo o documento:

> Interessa-se, fortemente, pela instrução secundária. Na Escola Normal Oficial abre à frequência dos alunos a Biblioteca João Luiz Ferreira; subvenciona o Ginásio e a

> Escola Normal, o Curso de Comércio e o Colégio Nossa Senhora das Graças, de Parnaíba; a Escola Normal de Floriano, a que fornece laboratórios de ciências físicas e naturais; o Ginásio São Francisco de Salles e o Colégio Sagrado Coração de Jesus, em Teresina. (PIAUÍ,1935, p.38).

Observa-se que, enquanto o poder público adotava um conjunto de medidas voltadas para a ampliação do ensino primário, o ensino secundário mantinha seu caráter restritivo a uma pequena parcela da sociedade, que desfrutava de condições para investir em uma formação mais elevada dos seus entes. O governador, em poucas linhas, elencou os estabelecimentos desse nível de ensino que, àquele momento, estavam limitados a Teresina, Parnaíba e Floriano.

Deve-se destacar que, durante o período em estudo, o ensino secundário passou por um importante processo de organização. Segundo Veiga (2007), no início dos anos 1930, a Reforma Francisco Campos estabeleceu, pela primeira vez, o currículo seriado e a frequência obrigatória. Além disso, unificou os cursos secundários do país, acompanhados através de inspeção federal. "A lei instalou dois ciclos de ensino secundário, o fundamental, com duração de cinco anos, e o complementar, com disciplinas específicas necessárias para o ingresso em alguns cursos superiores [...]. o ciclo complementar deveria ser oferecido anexo aos cursos superiores" (VEIGA, 2007, p.291). Em 1942, o ministro Gustavo Capanema empreendeu uma nova reformulação desse nível de ensino que resultou na Lei Orgânica do Ensino Secundário, instituída pelo Decreto-lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942. O decreto determinava que,

> Art. 2º O ensino secundário será ministrado em dois ciclos. O primeiro compreenderá um só curso: o curso ginasial. O segundo compreenderá dois cursos paralelos: o curso clássico e o curso científico. Art. 3º O curso ginasial, que terá a duração de quatro anos, destinar-se-á a dar aos adolescentes os elementos fundamentais do ensino secundário. Art. 4º O curso clássico e o curso científico, cada qual com a duração de três anos, terão por objetivo consolidar a educação ministrada no curso ginasial e bem assim desenvolvê-la e aprofundá-la. No curso clássico, concorrerá para a formação intelectual, além de um maior conhecimento de filosofia, um acentuado estudo das letras antigas; no curso científico, essa formação será marcada por um estudo maior de ciências. (BRASIL, 1942).

Nota-se, que de acordo com a reforma, o ensino secundário foi dividido em dois ciclos, compreendidos entre curso ginasial e curso clássico e científico, e cada um seria ministrado em dois tipos de estabelecimento de ensino. O primeiro ciclo deveria ser ministrado nos ginásios, enquanto os colégios, além de oferecer o curso ginasial, também seriam destinados aos dois cursos do segundo ciclo. Essa organização foi mantida até 1961, quando foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/1961). "Para o

ministro Capanema, o ensino secundário era o nível de ensino por excelência, destinado a formar os futuros cidadãos em sua consciência patriótica. Educar para a sociedade foi interpretado como educar para a nação" (VEIGA, 2007, p.292).

No Piauí esse nível de ensino era restrito a uma pequena parcela da população e sua maior oferta concentrava-se na capital. Sua presença em Parnaíba e Floriano demonstra a relevância desses municípios no norte e sul do Estado. Também esclarece que o ensino secundário privado era auxiliado pelo poder público por meio de incentivos financeiros para seus estabelecimentos. Isso revela que, dada a inoperância do poder público em ampliar o ensino secundário, os educandários particulares tinham importante contribuição para a formação da mocidade piauiense. Contudo, Marinho (2008) alerta que a oferta de ensino secundário supria a demanda existente nos primeiros anos da década de 1930. Segundo ela,

> É importante observarmos ainda que, segundo o interventor do Piauí e o diretor geral da instrução pública, no início da década de 1930, as poucas escolas de ensino secundário existentes estariam atendendo às necessidades da população. Ainda que não sejam disponíveis dados específicos sobre o assunto que permitiriam avaliar melhor a situação, isso pode significar que uma parcela muito reduzida de piauienses terminava o ensino primário e prosseguia os estudos no ensino secundário. (MARINHO, 2008, p. 49).

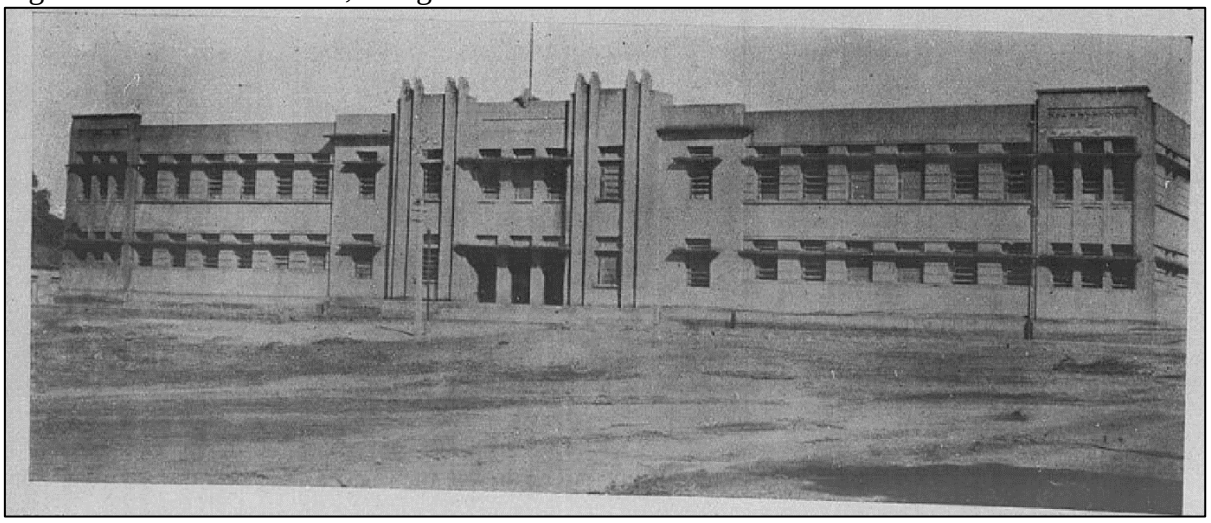
No Relatório de governo de 1936, o Interventor Federal Leônidas de Melo anunciava detalhes do considerado imponente prédio do Liceu Piauiense, recém-construído em Teresina e apontado como a principal representação do ensino secundário no Piauí. Segundo ele, o Liceu Piauiense

> É, como edifício, sem dúvida alguma, o mais importante do Estado. Não temos informações de nenhum Liceu do Norte tão suntuoso como o nosso. Não lhe falta nenhuma das modernas exigências da técnica. Ocupa um invejável terreno de 8.820ms. A área do prédio é de 900 m², sendo toda a estrutura de concreto armado. O que possui o edifício de mais notável é certamente o auditório que tem um pé direito de 9ms. e uma área de 100m². a capacidade é para 436 assistentes, podendo receber poltronas de frisas, como os mais modernos cinemas do Rio. É artisticamente estucado, com cabine para cinema, palco, etc. Além do *hall* de entrada e sala de congregação há sete salas para aulas teóricas e 4 gabinetes para estudos experimentais. Dependências confortáveis destinadas à administração, como sejam: Diretoria, Inspetoria, Secretaria, Arquivos, etc. Boas salas para leitura de professores, palestras de alunos, grêmios, etc. o serviço de iluminação foi cuidadosamente distribuído e contém 400 globos dos mais modernos. O reservatório d´água tem capacidade para 8.000 litros. (PIAUÍ, 1936, p.17-18).

Os detalhes descritos sobre o Liceu Piauiense mostram que os edifícios escolares eram construídos racionalmente para oferecer aos mestres e estudantes as condições necessárias ao desenvolvimento das atividades programadas. Esses prédios possuíam dependências com

dimensões amplas, arejadas e bem iluminadas, subdivididas em salas de aula, auditório, laboratórios, gabinetes de leitura, arquivos e salas administrativas, além de contar com um abastecimento de água necessário para garantir as condições de higiene dos ocupantes daquelas instalações.

Figura 7 – Liceu Piauiense, inaugurado em 1936



Fonte: *Ilustração Brasileira*, ano 20, n.81, Jan. 1942.

A descrição serve, portanto, para explicar que a construção dos edifícios escolares visava modernizar a educação piauiense, tomando como modelo a estrutura física das escolas que obedecia a uma padronização pensada como forma de possibilitar melhores condições de ensino. No mesmo relatório, Leônidas Melo mostrou sua preocupação com a causa do ensino, pedindo ao Presidente Getúlio Vargas atenção para a condição do professorado, que, embora tivesse seu trabalho considerado como fundamental para o progresso do Estado e da Nação, não gozava do reconhecimento necessário, resultando numa classe marginalizada que vivia em condição de penúria. Ele reconhece a importância do trabalho docente, argumentando que "nenhuma função exige maior dedicação, maior esforço. Nenhuma lhe excede em importância. O professor é o obreiro da nossa cultura, da nossa formação intelectual. Está no professor a grande força orientadora do destino de nosso Estado" (PIAUÍ, 1936, p.19).

Mesmo reconhecendo a importância do ofício docente e, ainda, com o desencadeamento de medidas de melhoria da estruturação e oferta de ensino por todo o estado, reclamava-se que a remuneração percebida não era suficiente para que o professor tivesse condições dignas de trabalho e suas limitações eram reconhecidas pelo próprio interventor, que lamentava a condição do professorado, dizendo que:

> Entre nós, porém, apesar da relevância do mister, é o funcionário humilde, pobre, esquecido, vivendo numa obscuridade entristecedora. Tao grande é o seu desconforto que, se o espírito não é forte, em curto tempo o ânimo lhe faltará. Nem se quer pode, para prazer mínimo, acompanhar a evolução da disciplina ou ciência que abraça, porquanto o vencimento que percebe diariamente mal lhe basta para um minguado almoço. Como adquirir livros, obras, iluminação? Contrasta com a suntuosidade dos edifícios de ensino, a penúria dessa classe de abnegados. Refiro-me a professores secundários e primários. Haverá maior devotamento que o de nossas professoras? Manhã cedo, e já estão no labor quotidiano e nobilitante. Algumas, para alcançar os seus grupos, têm de vencer, a pé, enormes distâncias. O que percebem não lhes permite o conforto do transporte, sob pena de ficar desfalcado o pão do mês. (PIAUÍ, 1936, p.19-20).

As condições reconhecidas pelo interventor revelavam um nítido contraste entre a política de modernização da educação e a condição dos seus agentes de ensino. A exposição dessas condições, naquele momento, foi utilizada como forma de justificar para a Câmara Legislativa do Piauí, a intenção daquele governo de conceder pequeno soldo à classe professoral. Dizia Leônidas: "Desejo, pelas razões expostas, conceder pequeno aumento à remuneração do magistério" (PIAUÍ, 1936, p.20).

Interessante que esse mesmo relato foi publicado em edição especial do *Diário Oficial*, organizada pelo Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP)[42], de 3 de maio de 1942, em comemoração ao aniversário de governo do Interventor Leônidas Melo. Naquela edição o relato recebeu o título de "Situação social do professorado piauiense", que parecia servir para justificar um incentivo salarial proporcionado por aquele governo, construindo assim uma imagem de uma administração também comprometida com o bem-estar da classe professoral. Ocorre, porém, que a publicação de 1942 indicava que a situação da classe pouco tinha sido modificada.

Naquele relatório, as condições de trabalho dos professores da capital e de outras localidades foram tratadas de maneira bem distintas. Enquanto na capital os professores desfrutavam de alguns privilégios relacionados à aquisição de materiais didáticos, como

[42] O Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP) foi criado por meio do decreto-lei n. 319, de 8 de novembro de 1940, subordinado à Secretaria Geral do Estado e ao Departamento Nacional de Imprensa e Propaganda (DIP). Na sua origem, o DEIP compreendia a divisão de imprensa, propaganda e obras gráficas, bem como a divisão de radiodifusão e diversões públicas. O referido órgão ocupou o lugar da Imprensa Oficial do Estado, criada em 1910, como responsável pela divulgação das ações do poder público estadual através do *Diário do Piauí*, substituído, posteriormente, pelo jornal *O Piauí* (1915). Em 1931, esse último deu lugar ao *Diário Oficial*, que, no final da década de 1930, passou por um processo de modernização de suas instalações e equipamentos para se converter no referido Departamento, tornando-se responsável pela propaganda oficial do governo, através do seu principal periódico, *Diário Oficial*, e de outros veículos e eventos que o patrocinavam, com o objetivo de construir uma imagem positiva dos chefes do Estado e da Nação. Sob essa perspectiva, o órgão atuou até meados de 1945. Para compreender melhor a atuação do DEIP, ver: DIÁRIO OFICIAL. Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (edição especial). *Diário Oficial*. ano 12, n.95, Teresina 3 maio 1942.

manuais, compêndios e revistas, que lhes permitiam melhores condições pedagógicas, fora da capital as condições de ensino mostravam-se adversas. As dificuldades encontradas transformavam sua motivação em um fardo marcado pela falta de energia e gosto pelo ofício docente, sendo que "todas as qualidades exigidas para a mestra primária, lhe vão fugindo, pouco a pouco, reduzindo-a a uma completa indiferença ao ideal da profissão ardorosamente abraçado" (PIAUÍ, 1936, p.21). Um dos destaques fazia referência à oferta de ensino normal na capital e em outros municípios. Teresina, Parnaíba e Floriano foram as cidades responsáveis pela oferta dessa modalidade de ensino, promovendo a ampliação da formação de professores para atuarem no ensino primário. O quadro 5 sintetiza os índices de matrículas nos estabelecimentos dessas cidades.

Quadro 5 – Matrícula em cursos normais no Piauí em 1936

CURSO NORMAL	MATRÍCULA
Escola Normal Oficial de Teresina	230
Escola Normal do Colégio Sagrado Coração de Jesus	119
Escola Normal de Floriano	45
Escola Normal de Parnaíba	56

Fonte: Piauí (1936)

Formar professores e construir escolas consistia em ampliar a rede escolar através da oferta de mais escolas, mais professores e mais matrículas. A capital possuía dois cursos de formação normalista que recebiam estudantes da capital e de várias cidades do Estado. Porém, outros centros, com relativo desenvolvimento, passaram a compor a rede de oferta de formação normalista fora de Teresina, com uma escola normal no Norte (Parnaíba) e outra no sul (Floriano), estendendo as possibilidades dessa formação para aqueles estudantes que não tinham condições de migrar para Teresina. Enquanto isso, no ensino secundário, foram registradas as matrículas de 1936, onde constava Lyceu Piauhyense (404 alunos), Gymnasio Parnahybano (167 alunos) e Gymnasio São Francisco de Salles (125 alunos), sem maiores informações sobre professores, métodos e condições de ensino.

A oferta de cursos normais era acompanhada de política de expansão da rede escolar através da construção de edifícios escolares. Além do Liceu Piauiense, alguns grupos escolares tiveram sua construção concluída, como foi o caso daqueles edificados em Barras, Piracuruca, Pedro II e Parnaíba, além do Grupo Escolar Padre Sampaio em José de Freitas. Na mesma proporção, testemunhava-se a construção de escolas agrupadas em Regeneração, Aparecida, Santa Filomena e Boa Esperança. (PIAUÍ, 1936).

O esforço em estruturar a rede escolar mostrava uma tentativa do poder público em superar as condições arcaicas que predominaram até as décadas anteriores. A aposta em escolas modernas e na formação normalista fazia parte do discurso de modernização da escola piauiense, ao mesmo tempo que procurava inscrevê-la na rota do progresso, integrando-a ao projeto de desenvolvimento pregado pelo governo federal. Melo (2010) sintetizou esse cenário educacional da seguinte forma:

> Os idos de 1930 e 1940, tempo de mais grupos escolares, de belos prédios construídos com a finalidade de pôr em ação os ideais republicanos e as lições aprendidas pelas normalistas na velha Escola Normal Oficial de Teresina, que formou as professoras encarregadas de desarmar meninos e meninas, era tempo de acreditar que a educação salvaria o homem da ignorância, que tiraria o homem do atraso e das trevas, que as cidades devem estar aptas para este novo tempo e para este novo homem, as cidades também devem ser belas, onde o padrão de estética e de urbanidade começa a exigir dos arquitetos e engenheiros, traçados mais modernos, com linhas menos rijas, a arquitetura invade o tempo histórico adotando seus novos elementos que comporão a modernidade prometida. (MELO, 2010, p.48).

De acordo com o relatório de governo, do ano de 1938, a rede escolar primária encontrava-se em funcionamento em 265 estabelecimentos de ensino, quatro educandários de ensino secundário e mais quatro instituições de ensino normal. O quadro 6 sintetiza a rede escolar piauiense no ano mencionado.

Quadro 6: Rede escolar piauiense em 1938

ENSINO PRIMÁRIO	ENSINO SECUNDÁRIO	ENSINO NORMAL
27 grupos escolares 23 escolas agrupadas 52 escolas singulares 163 escolas nucleares	Liceu Piauiense Colégio São Francisco de Sales Ginásio Parnaibano Ginásio de Piracuruca	Escola Normal Oficial Curso Normal do Colégio Sagrado Coração de Jesus Escola Normal de Parnaíba Escola Normal de Floriano

Fonte: Piauí (1938, p.86-87)

Merece ser esclarecido que, além desses estabelecimentos, era muito comum o funcionamento de aulas avulsas ministradas especialmente pelos mestres-escolas nos lugarejos mais distantes e isolados, onde, muitas vezes, o ensino oficial não chegava[43]. Outro ponto que chama atenção nos dados foi que, mesmo diante dos esforços que empreenderam numa política de expansão da malha escolar nunca vista até então no Estado, os números indicavam que o percentual de oferta de ensino ainda era pequeno.

[43] Um bom exemplo para ilustrar essa situação são as memórias de Antônio Sampaio sobre os mestres-escolas na região de Esperantina, no norte do Estado. O pequeno livro foi publicado em 1996. Para saber mais, ver: SAMPAIO, Antônio. Velhas escolas – grandes mestres. Teresina: COMEPI, 1996.

Para ter-se uma ideia, os dados oficiais divulgados no Relatório do interventor Leônidas Melo, dirigido ao presidente Getúlio Vargas, destacavam que, em 1937, a rede escolar obteve um total de 32.383 alunos matriculados no ensino primário, 847 alunos no ensino secundário e 504 alunos no ensino normal. O número de alunos matriculados na rede escolar primária correspondia apenas a 3,7% da população, enquanto os matriculados no ensino secundário e normal correspondiam a um número minúsculo. Isso demonstra que os níveis de ensino subsequentes ao primário eram ocupados por uma pequena parcela da sociedade que podia se dedicar à instrução. Para mostrar uma ideia dessa restrição, dados do IBGE compilados por Lopes (2021) apontam que, até 1946, havia 14 estabelecimentos de ensino secundário no Estado, sendo nove na capital e cinco em outros municípios.

Em 1942, uma edição especial do Diário Oficial, organizada pelo DEIP fez uma extensa análise dos sete anos daquele governo. De igual modo, no ano seguinte, no oitavo ano de gestão do interventor (maio de 1935 – maio de 1943), ele foi homenageado com a publicação de um livro intitulado *A administração Leônidas Melo no Piauí*, que, além de relatar as suas realizações, buscava promover a sua imagem de interventor.

Do ponto de vista da educação, o referido livro diz que "as questões de ensino mereceram, desde o primeiro dia, o mais carinhoso interesse ao atual Interventor no Piauí" (A ADMINISTRAÇÃO, 1943, p.33). Destaca também os investimentos aplicados na causa da instrução e comemora os avanços, mencionando que, em 1937, o Estado ocupou, proporcionalmente, posição de destaque nacional no crescimento do número de matrículas no ensino primário e, mais uma vez, lança luz sobre a construção dos edifícios escolares em vários municípios do Estado. Segundo consta,

> O governo Leônidas Melo edificou Grupos Escolares em Amarante, Barras, Floriano, José de Freitas, Oeiras, Parnaíba, Pedro II, Piracuruca, Valença, Porto Alegre, São Pedro, União e Buriti dos Lopes. [...]. Além disso, foram construídas Escolas Agrupadas em Bom Jesus, Belém, Aparecida, Boa Esperança, Santa Filomena, Canto do Buriti, Luís Correia, Regeneração, Parnaíba, Gilbués, Socorro, Patrocínio e Corrente. (A ADMINISTRAÇÃO, 1943, p. 33).

Durante aquele governo, assim como no anterior, o maior símbolo de investimento na educação estava nos esforços empreendidos na edificação de escolas, visando ampliar a oferta de ensino primário. Como foi dito em linhas anteriores, o crescimento festejado ainda representava pouco no universo da população piauiense, cujo percentual de analfabetos e de pessoas fora da escola ainda era predominante, pois, segundo o Censo de 1940, apenas cerca 15% da população piauiense era alfabetizada, enquanto 84% declararam que não sabia ler e nem escrever.

Cabe salientar que esses dados devem ser olhados com certa cautela, uma vez que os critérios que definiam se uma pessoa era ou não alfabetizada talvez não dimensionassem com precisão a relação que a população tinha com a leitura e a escrita. Para um melhor entendimento sobre essa questão, é preciso considerar que durante a década de 1930 os censos definam a condição de "alfabetizado" ou "não alfabetizado", questionando se o cidadão sabia assinar o nome. A partir da década de 1940 passou-se a questionar se sabia ler e escrever um bilhete simples. (SOARES, 2010). Cabe, então, questionar: dizer que sabia ler e escrever era o suficiente para comprovar se a população tinha esse ou aquele domínio? As repostas obtidas eram verdadeiras? Esses questionamentos servem para enxergar a dificuldade de obter-se um retrato preciso da realidade através dessas estatísticas. Isso implica dizer ainda que os percentuais divulgados poderiam apresentar consideráveis variações, uma vez que, em muitos casos, assinar o nome poderia não determinar a relação que se tinha com a leitura e a escrita.
Logo, as estatísticas presentes nesse estudo carecem de um olhar cuidadoso e questionador acerta dos dados apresentados. A começar pelos números do governo Leônidas que indicavam um crescimento considerável nos cinco primeiros anos de sua administração, conforme expressos abaixo:

UNIDADES ESCOLARES	1935	1936	1937	1938	1939	1940
Grupos Escolares	34	34	44	54	54	58
Escolas Agrupadas	39	35	32	46	43	53
Escolas Singulares	237	316	338	417	420	424
Corpo docente	499	566	664	756	789	817
Matricula Geral	25.532	28.426	32.383	35.316	37.689	39.882
Frequência média	14.712	17.667	21.197	23.199	24.035	25.25[illegible]

Fonte: *Diário Oficial*, edição especial DEIP, 1942, p.57.

Entre 1935 e 1940, o número de escolas, corpo docente, e o número de matrículas quase dobrou em todos os aspectos. Nesse ponto, Gil (2007) ajuda na compreensão acerca do uso das estatísticas oficiais como forma de estabelecer uma relação de poder sobre os grupos sociais por meio da construção de uma imagem representativa de suas ações que simbolizavam uma realidade adequada. Portanto, as estatísticas apresentadas sobre a evolução do ensino primário piauiense entre 1935 e 1940 foram obtidas através de levantamentos do

governo e divulgadas na imprensa oficial também como forma de legitimar o programa educacional empregado.

O aumento do número de escolas, do corpo docente e do número de matrículas era um demarcador dos avanças alcançados no campo do ensino. Porém, quando se observa a frequência média dos alunos, não se ver tantos motivos para se comemorar, considerando que dos 39.882 alunos matriculados, havia uma frequência de apenas 25.255. Daí, se enxerga a necessidade de questionar as razões do elevado número de alunos matriculados que não frequentavam a escola, resultando em derivações de pesquisas que podem contribuir para o debate. Minha pretensão é apenas alertar para a necessidade de observar que os números oficiais são carregados de intencionalidades, com vistas a legitimar o lugar dos governantes.

O ensino secundário é outro ponto que despertou a atenção, no que diz respeito ao baixo índice de matrícula, sendo que, em 1941, contava apenas com a lamentável marca de 1.585 alunos (MARINHO, 2008). De acordo com esta mesma análise,

> Isso pode ser resultado de uma demanda pequena para a expansão do ensino secundário, revelando que um pequeno contingente da população chegava a esse estágio de ensino, mas também reforça a ideia e que a prioridade na educação da época era promover a alfabetização dos piauienses no ensino primário. (MARINHO, 2008, p. 54).

As informações relacionadas à pequena oferta de ensino secundário, ao longo das décadas de 1930 e durantes os anos 1940, sugerem que este nível de ensino se restringia a uma camada privilegiada da sociedade que habitava a capital e algumas das cidades que experimentavam certo avanço urbano, econômico e cultural, como Parnaíba e Floriano. Dessa forma, “como um dos problemas relativos à expansão do Ensino Secundário, temos o do acesso, que não se limitava apenas ao número de unidades escolares existentes, mas às condições necessárias à frequência a essas escolas para os diferentes grupos sociais” (LOPES, 2021, p.115). Observa-se que a ausência de ações voltadas para a expansão dessa modalidade de ensino se dava pelo fato de que os poucos educandários que existiam eram suficientes para suprimir a demanda do período, considerando que a maioria dos estudantes era forçada a interromper a vida escolar com a conclusão do ensino primário. Por conta dessas condições, o governo se limitava a conceder auxílio financeiro às instituições existentes, como foi registrado no livro comemorativo que elencou alguns dos estabelecimentos contemplados com benefícios do poder público. Nesse sentido,

> Semente em 1941, o governo arbitrou subvenções ou auxílios às seguintes entidades de educação ou culturais: Instituto Santa Teresinha, de Floriano; Ginásio Municipal, de Piracuruca; Colégio Nossa Senhora das Graças, de Parnaíba; Colégio Sagrado Coração de Jesus, de Teresina; [...] Academia de Comércio do Piauí, Ateneu Piauiense; Colégio São Francisco de Sales, de Teresina; Centro Operário Barrense; Colégio Sete de Setembro, de Santa Filomena; Colégio São Raimundo Nonato [...]. (A ADMINISTRAÇÃO, 1943, p.36-37).

A expansão do ensino secundário recebeu um importante impulso no final da década de 1940, quando, no governo de José da Rocha Furtado, foi instituído o ensino noturno nas escolas públicas da capital, especialmente devido a uma grande demanda formada por aqueles que eram obrigados a interromper os estudos para ingressar no mercado de trabalho. Segundo o governo, "o Colégio Estadual do Piauí construído para 250 alunos, teve em 1948, no curso diurno 403 estudantes e desde 1947 vem funcionando seu curso noturno, com uma matrícula superior a 300 alunos [...]" (PIAUÍ, 1949, p.3).

Com relação ao ensino secundário, seus estudantes também gozavam de respeito e prestígio social, formando um grupo que tinha participação ativa na cena cultural do Estado. Organizavam eventos diversos, geralmente com apoio do governo. Movimentavam a vida escolar, associavam-se em grêmios escolares, em centros estudantis, fundando jornais, revistas e utilizando esses canais para exercitar liderança e intelectualidade por meio de manifestações escritas, que contemplavam os mais variados assuntos. Parecia ainda prevalecer a cultura de tempos anteriores de que "a instrução primária pretendia cumprir um papel civilizador e a instrução secundária se destinaria a formar a elite ilustre e ilustrada" (SILVA, 2009, p.6).

Por ocuparem nível de escolaridade considerado elevado numa sociedade que ainda travava uma batalha ardorosa contra o analfabetismo, os estudantes secundaristas tinham forte representação entre a mocidade piauiense, sobretudo, a partir das ideias que emitiam, fossem elas no plano educacional, literário, político e social. Para isso, utilizava a imprensa como meio de visibilizar e lançar ao público leitor as posições que defendiam. Mesmo diante dos avanços, também se observaram posições que faziam contraponto aos discursos otimistas sobre as condições educacionais. As queixas aconteciam pela falta de medidas efetivas que contribuíssem para a solução dos problemas recorrentes, como as expressadas por Manoel Paulo Nunes, que dizia:

> [...] diante do quadro lamentável de misérias resultantes da nossa completa deficiência no terreno da Educação, um imperativo geral se impõe à consciência de todo o educador, é, de modo absoluto, aos futuros dirigentes do país: - a cruzada da educação. É que, quando a preocupação máxima tem sido atualmente o problema da educação em massa, no Brasil, quase que nada se tem feito de importante nesse

> sentido. Entravado por reformas constantes, que mais tem servido para estadear a vaidade de nomes, do que para imprimir novos e melhores cunhos à formação do povo, o organismo educacional reclama a todo o instante as medidas mais elementares. (NUNES, 1946, p.1).

É diante desse contexto educacional que muitas escolas de nível primário e secundário protagonizaram o movimento de criação de jornais e revistas no Piauí, dando corpo àquilo que resolvi chamar de imprensa escolar piauiense.

1.4 Imprensa e progresso local

A expansão da rede escolar, através da construção de edifícios escolares fazia parte do projeto de modernização do Piauí que procurava integrar-se de maneira mais consolidada à unidade nacional. A ideia era, portanto, promover maior civilidade através de escolas e de um conjunto de obras que modificaria aspectos das principais cidades do Estado. A imprensa foi um dos principais canais de difusão das transformações pelas quais o Estado atravessou nas décadas de 1930 e 1940. A imprensa destacava aspectos da modernização, experimentados em sua estruturação urbana, com obras públicas edificadas com o objetivo exibir as mudanças que o colocavam na rota do progresso, integrando-o à unidade nacional.

Até a década de 1940 o Estado contava apenas com 47 municípios, cuja população concentrava-se, principalmente nas zonas rurais, sendo que a maioria dos centros urbanos não chegava a alcançar 10 mil habitantes. As cidades de Teresina, Parnaíba e Floriano estavam entre as mais habitadas principalmente devido ao seu fluxo comercial que as inscrevia entre as principais cidades piauienses. Portanto, o Piauí, mesmo possuindo uma população que, ao final da década de 1940, atingia cerca de 1 milhão de habitantes, seus domicílios ainda eram predominantemente localizados em áreas rurais. Assim, as experiências de modernização eram restritas a algumas cidades com maiores índices populacionais e que tinham como vitrine a capital, Teresina.

A construção de praças, avenidas, hospitais, escolas, pontes e estradas estava na composição da agenda do plano de modernização que procurava superar as condições precárias da estrutura da capital e de suas principais cidades, levando a aspectos de civilidade por aqueles lugares. Essas mudanças passaram a ser anunciadas na imprensa com a intenção de apresentá-las como resultado de um novo momento que rompeu as precárias condições vivenciadas nas décadas anteriores. A nova fase era notada não apenas em âmbito local. Os veículos de imprensa de outros estados e, mais especificamente, do Rio de Janeiro,

divulgavam os avanços verificados no Piauí. Uma notícia publicada em um periódico maranhense atribuía "o progresso do Piauí" aos efeitos benéficos da Revolução de 1930, que resultou no assento de Getúlio Vargas no poder e a administração comprometida do governador Landri Sales. O comentarista escreveu:

> Como já haver tempo bastante para volvermos nossas vistas aos efeitos causados pela revolução de 1930 [...]. A instrução no Piauí tem se desenvolvimento extraordinariamente, o governo daquele Estado, primando pela moralidade pública, cercando seus governados de justiça que lhe é peculiar, equilibrando o orçamento do Estado, estimulando o povo ao trabalho enfim, correspondendo de uma maneira brilhante e confiança que lhe depositou o Exmo. Sr. Chefe do Governo Provisório da República e mais ainda do povo Piauiense que contam na pessoa do seu Interventor um verdadeiro sonhador de belas iniciativas em prol da terra que governa. Quem conheceu Teresina, a Capital do Estado, antes da revolução de 30 volvendo hoje ao Piauí ficará estupefato diante do assombroso progresso que se tem desenvolvido com a administração do atual governo naquele pedaço do Brasil. Sinto como nacionalista que o sou, verdadeiramente feliz por ter a convicção indelével que na minha pátria ainda existem homens que não se deixaram corromper pela politicagem malévola, como seja, a pessoa inconfundível do Exmo. Capitão Landri Sales Gonçalves que, [...] como governo, tem sabido dar provas de bom senso pautando pela boa ética moral todos os seus atos, impondo-se pelo critério de justiça e patriotismo. Eu saúdo aos meus patrícios do Piauí por terem a felicidade de possuírem a frente dos destinos de sua terra um homem de têmpera de lutador pelas boas causas como se tem revelado o atual governante do Piauí. (NUNES, 1934, p.7).

Durante o governo do interventor Landri Sales teve início um conjunto de ações com vistas a promover melhorias em setores estratégicos do Estado. A chegada do progresso vinha acompanhada de um conjunto de obras que alteraram aspectos da estrutura urbana, como pavimentação de ruas, construção de praças e pontes. Foram contemplados serviços de saúde e comunicação com a construção de hospitais e modernização dos Correios e Telégrafos. De igual modo, a modernização do ensino estava inserida no projeto de desenvolvimento percebida através da construção de modernos prédios escolares. A começar pelas mudanças dos espaços urbanos, Marinho (2008, p.35), referindo-se às transformações na capital do Piauí nos anos 1930 e 1940 destaca que

> As reformas de locais públicos de grande circulação, como praças e avenidas do centro da cidade, foram símbolos desse processo que contribuíram para transformar a paisagem urbana, a qual era embelezada e recebia traços modernos incorporados ao novo cotidiano da cidade e de seus habitantes. (MARINHO, 2008, p. 35).

Em outro estudo que versa sobre o processo de modernização de Teresina, Nascimento (2001) toma a capital para observar as transformações dos seus espaços como signos de civilidade e destaca que entre as décadas de 1930 e 1940 a cidade experimenta alterações das feições de suas ruas, praças, avenidas, nas comunicações, educação e transportes. Nesse

processo, a imprensa dava destaque às mudanças, reverenciando os agentes do poder público que as conduziam. Na fase inicial do governo do interventor Leônidas Melo, os avanços experimentados foram relatados na imprensa em um noticiário da seguinte forma:

> O Piauí vive no momento, uma época próspera e feliz. Dos pequenos Estados da federação, é dos que mais se pode orgulhar. Superiormente governada, aquela unidade do extremo Norte marcha para a sua completa emancipação econômica. A administração do Governador Leônidas de Melo constitui, além de um magnífico exemplo de honestidade e trabalho um índice de admiráveis realizações. (O PIAUHY, 1937, p.3).

A imagem que se tentava construir sobre o Piauí era a de um Estado que engrenava na direção da modernidade. Os títulos de algumas matérias da imprensa nacional davam conta de retratar um estado que se modernizava em favor de sua efetiva integração à unidade nacional. Entre os títulos noticiados que sugerem a face próspera do Estado encontram-se: "No caminho das realizações"; "O Piauí expande e melhora os seus meios de transporte"; "Piauí em marcha ascendente"; "O Piauí marcha com a vanguarda do progresso brasileiro"; "O Piauí trabalha e prospera" e "O progresso do Piauí". Inserido nessa orientação, a realização de obras era amplamente difundida na imprensa, encarregada de divulgar os feitos públicos. Se observa também um forte interesse em promover as transformações do Estado em âmbito nacional, constatada através de inúmeras matérias que circularam em jornais e revistas de outros Estados, especialmente no Distrito Federal – Rio de Janeiro.

No início da década de 1940, os anúncios desses avanços foram propagados de maneira mais intensa dando legitimidade ao projeto modernizador encabeçado pelos agentes do poder público, naquele momento, chefiado pelo interventor Leônidas Melo. A propósito do seu nome, era tratado com entusiasmo, atribuindo-lhe a responsabilidade pelas transformações em cursos naquele momento. Nesse mesmo ano, uma edição da *Gazeta de Notícia* do Rio de Janeiro, anunciava as obras públicas que estavam sendo desenvolvidas e seriam inauguradas no Piauí conforme se pode ler:

> Foram criados, pelo governo Leônidas Mello, dezenas de centros de saúde, em várias cidades no Estado e, a 1º de janeiro próximo, será inaugurado o Hospital de Teresina, o mais moderno e complexo de todo o Norte. Na mesma data serão concluídos o novo Mercado Público de Teresina e o edifício da Biblioteca Estadual. No que toca à instrução, o Piauí ocupa, segundo dados estatísticos recentemente divulgados, o primeiro lugar quanto ao crescimento relativo nas matrículas nas escolas primárias. Quanto aos transportes, os progressos rodoviários do pequeno Estado são dignos de nota. Em breve, será entregue ao tráfego um novo trecho da estrada Teresina-Parnaíba, linha tronco do Estado, de grande importância econômica, visto ligar o centro do Piauí ao seu maior mercado exportador – a cidade

> de Parnaíba, a 18 quilômetros do mar, um dos empórios comerciais do Norte. (OBRAS, 1940, p.7).

Naquele momento, a reestruturação urbana e o aparelhamento do Estado através de obras públicas simbolizavam o progresso que se desejava alcançar. Escolas, hospitais, estradas e outras realizações eram noticiadas, por contribuir para a integração dos distintos pontos do Estado e avançar na superação do atraso. “Desde 1931, ano em que assumiu o governo, o capitão Landri Sales, até os nossos dias, não cessa o Estado de progredir em todos os setores, de aumentar sua produção exportável, o seu comércio com o exterior e com o próprio país, a sua rede rodoviária, os seus recursos de saneamento, educação etc”. (O PIAUÍ, 1941, p.15). A revista *Nação Brasileira*, por exemplo, dedicou nove páginas de uma edição de 1942, para apresentar as obras realizadas pelo seu governo, com destaque para as transformações ocorridas na Capital, Teresina e em Parnaíba. Na ocasião, a revista procurava exaltar a figura do interventor como responsável pelos avanços registrados.

> Integrado perfeitamente na orientação política e econômica que o Presidente Vargas imprime ao Estado Novo, o Piauí é da Federação Brasileira uma das regiões que primeiro vibrou aplaudindo a nova política e a necessidade de uma remodelação geral para o País, como se verifica para o bem de toda nacionalidade. (O ESTADO, 1942, p.13).

A revista destaca obras de estruturação dos espaços, assim como os avanços econômicos no campo educacional da capital e da cidade de Parnaíba, símbolos de desenvolvimento no Estado. Esses empreendimentos foram atribuídos a um governo chefiado por um “moço de ideais elevados, sinceramente amigo de sua terra e de seu povo, o dr. Leônidas Melo honra a ação conjunta dos governos regionais, na grande união para a felicidade nacional, que tão sabiamente é garantida pelo Chefe Nacional, o presidente Vargas” (O ESTADO, 1942, p.13). Celebra o novo panorama experimentado em um dos entes mais distantes da federação, destacando que “O Piauí de hoje é uma expressão feliz do surto renovador do Brasil dentro do Estado Nacional”. (O ESTADO, 1942, p.16).

Um bom exemplo do que estava em debate pode ser notado na revista *Ilustração Brasileira* que apresentou Teresina como “cidade moça”, por se tratar de uma capital que ainda não havia alcançado o seu primeiro centenário. A referida página anota elogios ao interventor Leônidas Melo e ao prefeito Lindolfo do Rego Monteiro[44] definindo-os como

[44] Médico, professor e político, Lindolfo do Rego Monteiro foi nomeado prefeito de Teresina em 01 de fevereiro de 1936 e permaneceu à frente do poder municipal até 11 de novembro de 1945, portanto, durante todo o período do Estado Novo, alinhado política e ideologicamente com o interventor Leônidas Melo e o governo federal. Foi um dos principais responsáveis pelo processo de modernização e revitalização dos espaços públicos da Capital.

impulsionadores das ações de desenvolvimento dos espaços teresinenses. Segundo a revista, "jardins, praças, novas ruas, edifícios públicos, casas residenciais – tudo em Teresina transpira juventude e espírito moderno. [...]. E o Piauí orgulha-se em possuir, em Teresina, uma das melhores e mais progressistas cidades do país". (TERESINA, 1941, p.90). Em outro número a mesma revista, em matéria assinada por Nenê Macaggi, discorreu, em forma de crônica, sobre os detalhes de sua visita ao Piauí. Fez um registro daquilo que viu e sentiu nos espaços teresinenses e de outras cidades do Estado, contando suas impressões sobre ruas, praças, avenidas, edifícios públicos, bairros, feiras etc. Sobre a visão que teve dos edifícios públicos da cidade, a cronista escreveu:

> Gostei dos teus edifícios e dei-te o meu mais sincero voto de louvor por não ter visto, destoando da tua visão panorâmica sugestiva e atraente, essas horrorosas caixas de gasolina que se chamam arranha-céus. Que bonitos e sombrios, o Palácio de Karnak, o Hospital Regional, o Liceu Piauiense, o Quartel do 25 BC, a Escola Normal, o Quartel de Polícia, o Departamento de Saúde Pública, o Tesouro, o Liceu Industrial, o Instituto Alvarenga, a Estação Ferroviária, a Delegacia Fiscal, o Ginásio São Francisco de Sales. [...] Entrei de novo no teu coração pelo Campo de Marte e parei nas tuas praças. Tão lindas, tão bem cuidadas! A Saraiva, A Marechal Deodoro, a Rio Branco, a João Luiz Ferreira e a Pedro II. [...] Que arborização! E quanta rua, meu Deus, quanta rua! Rua Payssandú, Avenida Getúlio Vargas e Circular, rua Coelho Rodrigues, Antonino Freire, Álvaro Mendes, Ruy Barbosa, Coelho Neto, Bela, Campos Sales, da Matinha, Eliseu Martins, da Glória, Palmeirinha, Treze de Maio, Sete de Setembro, Duke de Caxias, Lysandro Nogueira… [...] Lindo, enorme, de linhas singelas e severas, eis, em serviço de Deus e dos que padecem, o teu suntuoso Hospital Regional, à Avenida Getúlio Vargas. [...] Uma verdadeira cidade dentro de ti, Teresina! É a maior obra social do Interventor Leônidas Melo e um dos maiores bens que tu podias aspirar da sua capacidade administrativa! Embelezou-te e te elevou física e moralmente aos olhos do Brasil inteiro. (MACAGGI, 1941, p.34-35).

A cronista atenta aos monumentos que observava durante suas travessias por aquelas ruas. De alguma forma, quando menciona edifícios, ruas, praças e avenidas, retratava uma cidade que se encontrava em fase de desenvolvimento e que procurava acompanhar o ritmo de progresso do país. A revista *Nação Brasileira* enfatizou a atuação conjunta entre o governo estadual e o prefeito Dr. Lindolfo do Rego Monteiro, dando destaque às ações empreendidas na construção, reestruturação e modernização dos espaços da cidade, conforme pode se ler no trecho a seguir:

> Na direção do município de Teresina o Sr. Rego Monteiro tem se firmado um homem moderno, de larga visão, espírito dinâmico, digno de aplauso. Teresina de hoje possui ruas e amplas avenidas causadas, lindíssimas praças arborizadas, edifícios públicos admiráveis, tudo dentro de um plano previamente traçado e que vem sendo executado com firmeza. A cidade conta com esplêndidos cinemas, cafés

> e bares, clubes de futebol recreativos, etc. A outrora Vila do Poti[45] fala ao telefone automático, conta com várias associações e instituições culturais, como a Academia Piauiense de Letras, Biblioteca, Arquivo Público, Museu Histórico, Faculdade de Direito e o Liceu Industrial. [...] A instrução é uma das principais preocupações do governo e muitas são as escolas espalhadas pelo município. (O ESTADO, 1942, p.13).

A descrição desses aspectos reforçava a intenção do poder público de propagar a ideia de desenvolvimento, civilidade e integração do Piauí à unidade nacional, cuja concepção de progresso era pregada como forma de tornar o país mais forte e respeitado. A publicidade acerca da nova roupagem da capital mostrava que

> A imagem da Praça Pedro II foi muito explorada na propaganda do Estado Novo em Teresina, ainda às voltas com a pecha de cidade sem qualquer expressão urbanística. Depois foram ocorrendo outros "melhoramentos urbanos", que também tivera grande divulgação, como o Hospital Getúlio Vargas, o Liceu Piauiense, a Biblioteca, Museu e Arquivo Público, o Café Avenida e até o calçamento de ruas, durante os governos do Interventor Leônidas Mello e do Prefeito Lindolfo Monteiro. (SOUZA, 2017, p.48).

A memória visual era utilizada para complementar os relatos sobre a cidade. Esses enunciados eram acompanhados de um conjunto de imagens que serviam para confirmar aquilo que estava sendo dito. A exemplo disso, pode-se observar a figura 8, que, em forma de mosaico, destacou aspectos da capital do Estado.

[45] Vila do Poti era como se chamava a região onde foi instalada a nova capital do Piauí no seu processo de mudança, de Oeiras para Teresina, ocorrido em 1852. A fundação de Teresina na região da Vila Nova do Poti foi liderada pelo presidente da província José Antônio Saraiva ocorreu oficialmente em 16 de agosto de 1852. Para mais informações sobre a transferência da capital piauiense, ver Chaves (1998) e Nunes (2007).

Figura 8 – Mosaicos de imagens com aspectos da cidade de Teresina

Fonte: *Nação Brasileira*, ano 20, n.221, Rio de Janeiro, 1942.

Na constituição desse ideário, as imagens se tornaram um importante recurso para se divulgar as mudanças ocorridas, ao mesmo tempo em que procura criar uma memória visual dos novos espaços construídos para inscrever Teresina e outras cidades piauienses como parte da rota do desenvolvimento nacional. No caso da última imagem, observa-se um mosaico com 14 aspectos da cidade de Teresina, com destaque para praças, ponte, estação ferroviária, Hospital Getúlio Vargas e Escola Normal Oficial, demonstrando o processo de reestruturação dos espaços urbanos da cidade. De acordo com Souza (2017), a propagação dessas imagens foi impulsionada pelo aparelhamento e modernização da Imprensa Oficial do Piauí que

> [...] contribuiu para uma visualização teresinense e, por extensão, do Estado do Piauí. Ressalte-se, porém, que a documentação fotográfica e a circulação de imagens locais naquele tempo não se deu apenas através do DEIP, que editava o *Diário Oficial* e várias publicações oficiais. Outros importantes órgãos e agências nacionais. (SOUZA, 2017, p.36).

Esses avanços foram fortemente difundidos pela propaganda estadonovista, buscando legitimar os efeitos benéficos do Governo Vargas em favor da modernização e progresso do país. *O Malho*, em edição comemorativa ao aniversário do presidente Getúlio Vargas de 1943,

publicou o artigo “O Piauí e Getúlio Vargas” que versa sobre as influências benéficas da gestão do interventor Leônidas Melo no Piauí durante o Estado Novo.

> O Piauí pode orgulhar-se de ser uma das unidades federativas que mais fecundamente se beneficiaram com o clima do Estado Novo. A Revolução iniciou, ali, uma completa reforma nos costumes administrativos, os quais, sob o governo Landry Sales, alcançaram índices superior de moralidade e eficácia. O Dr. Leônidas de Castro Melo, sucessor do major Landry Sales, deu novo impulso à tarefa ingente da restauração do Estado nordestino, que é, hoje, um beneficiário das normas advindas com o triunfo do movimento nacional de 1930. (O PIAUÍ, 1943, p.175).

Difundir aspectos positivos das ações dos dirigentes públicos do período parecia uma ação orquestrada que tinha o propósito de promovê-los e, ao mesmo tempo, despertar o apoio da sociedade, devido à imagem de benfeitoria e modernização em curso. Naquela matéria de *O Malho,* o destaque foi dado às obras que prestavam homenagem ao presidente da República, no caso, o hospital e a avenida que levavam seu nome. Destaca que o Hospital Getúlio Vargas foi definido como uma “obra gigantesca” e “o mais completo e modelar hospital do norte e um dos mais modernos do Brasil” (O PIAUÍ, 1943, p.176). Com relação à avenida, diz ser “uma das mais belas e suntuosas avenidas existentes em nosso país” (O PIAUÍ, 1943, p.176)) e, mais adiante, acrescenta que “ela perpetuará, nas suas linhas sóbrias e eternas, a gratidão do Piauí ao homem eminente a quem deve a fase mais próspera de sua história através de uma administração estadual que, em tudo e por tudo, segue as linhas mestras traçadas pelo grande brasileiro no estatuto do Estado Novo” (O PIAUÍ, 1943, p.176).

Além de Teresina, também se noticiavam os avanços empreendidos em Parnaíba e Floriano. Com relação a Parnaíba, a imprensa celebrou seus avanços em diversos setores.

> Parnaíba, a cidade viva e agitada por um comércio de destacada admiração, possui também grandioso patrimônio cultural. Lá, como aqui na capital, num sussurro constante, se movimentam, em completa e perfeita união de vistas, todas as forças de trabalho, no deslumbramento de extraordinários empreendimentos, de extraordinário surto de progresso e civilização. [...] Parnaíba, conforme mostraremos em sucessivas e ilustradas demonstrações, foi a cidade do norte do Estado que de 1920 para cá, em consequência do incentivo trazido pela revolução, apresenta reais e positivas realizações. (PARNAÍBA, 1937, P.16).

Uma edição de *A Noite,* de 16 de dezembro de 1941, traz em uma de suas páginas aspectos que simbolizavam o progresso experimentado por aquela cidade do norte do Estado, entre os quais imagens dos seus dirigentes, praças, edifícios e avenidas. Segundo a matéria,

> Grande parte de suas ruas são calçadas, possuindo a cidade belos jardins públicos em quase todas as suas praças e avenidas. [...]. Seu comércio é o mais importante do

> Piauí e se faz pelo porto de Tutóia, no Maranhão, com as principais praças nacionais e estrangeiras. E seu prefeito o Dr. Mirocles Campos Veras, rotariano, que sobre ser um médico de grande nomeada, é um administrador à altura do momento que vivemos, inteligência e dinamismo são os atributos que mais o definem. São realizações suas as mais destacadas obras de assistência social ali existentes, como o Leprosário, a Maternidade, a Assistência aos pobres, Postos de saúde, Puericultura, etc. [...]. A instrução em Parnaíba suscita aplausos, graças ao carinho com que os governos estadual e municipal a prestigiam. Há cinco colégios secundários, nove grupos escolares e 20 escolas de ensino primário, públicas e particulares. Terá brevemente mais obras de grande alcance social: o Preventório para filhos sadios de leprosos. Como se vê, Parnaíba, a cidade *leader* do Piauí, atravessa uma fase de intensa evolução. É de 42.605 habitantes a população total de Parnaíba. (PARNAÍBA, 1941, p.30).

Os enunciados que noticiavam os avanços nas cidades apresentavam certa semelhança, na tentativa de revelar as condições estruturais daquilo que se enxergava de mais moderno. No caso da publicação acima, além de destacar os avanços registrados, ainda fez um registro visual das transformações pelas quais a cidade havia passado, tais como: a avenida Getúlio Vargas, a maternidade, o mercado público, e ainda trechos da Praça da Graça e da Praça Santo Antônio.

A revista *Nação Brasileira* enxergava em Parnaíba um dos principais modelos de desenvolvimento no Piauí devido, especialmente, à sua localização geográfica (litoral norte) e a modernização urbana que a cidade atravessava.

> PARNAÍBA, município criado em 1761, carta régia de 19 de junho, é o entreposto comercial mais importante do delta parnaibano, e a cidade principal do Estado do Piauí. Goza de ascendência sobre as demais urbes piauienses, pelo seu aspecto pitoresco, pela importância do seu comércio, e pela sua tradição histórica. [...]. A cidade se compõe atualmente de 73 ruas, 12 praças urbanas, 32 ruas e uma praça suburbanas, um arrabalde e 3 povoados rurais, compreendendo tudo 1.862 prédios de telha e cerca de 3.000 choupanas de palha [...]. É iluminada a eletricidade e mantém serviço efetivo de limpeza pública e remoção de lixo domiciliário [...]. Quase todas as suas ruas e praças da zona central são calçadas, havendo 5 jardins públicos bem tratados e de execução moderna. O ensino primário e secundário é objeto de carinho do povo e da administração pública, achando-se difundido por 5 estabelecimentos secundários, sob inspeção federal, vários colégios particulares primários, 4 grupos escolares, 5 escolas reunidas e diversas escolas singulares, estaduais e municipais. (PARNAÍBA, 1942, p.20).

Situada na região norte, no litoral do estado, Parnaíba despontava como um dos principais centros urbanos por agregar um forte comércio. A cidade desfrutava de avanços que a diferenciavam de muitas obras no Piauí, sobretudo, devido aos espaços de civilidade, como praças, jardins, escolas e um traçado urbano pavimentado que a tornava mais clara e higiênica. A cidade de Floriano também ganhou destaque na imprensa e, do mesmo modo, foram noticiadas as ações tomadas pelo poder público que a dotava de aspectos de civilidade.

A Noite registra a importância que a cidade ocupava, destacando sua privilegiada localização e as condições de comunicação. De acordo com a matéria,

> Sendo uma das mais novas, a cidade de Floriano, ocupa, no entanto, uma privilegiada situação na margem do Parnaíba. É a terceira do Estado pela sua pujança comercial [...]. Floriano é também núcleo de navegação motorizada-fluvial, que se estende até a foz do caudaloso rio, sem falar no curioso e original sistema de viação em frágeis balsas de buriti, que tantos e bons serviços vêm prestando no transporte de mercadoria e de passageiros. Possui um belo aeroporto, além de dois campos excelentes de pouso de aviões, um municipal e outro federal. Este é vastíssimo, sendo dos melhores que existem no país. (FLORIANO, 1941, p.41).

O desempenho comercial e sua localização estratégica às margens do rio Parnaíba, no sul do Piauí, lhe davam condições de destaque, por se constituir ponto de integração da região sul com a capital e o norte do Estado. Além disso, as rodovias, a navegação pelo rio Parnaíba e a aviação eram utilizadas para os deslocamentos e comunicação da cidade com outras regiões. A Floriano encontrava-se em processo de modernização e muitos dos seus espaços também foram mencionados na matéria com os seguintes destaques:

> A cidade, apresentando lindo aspecto, pelas notáveis construções modernas e residenciais, é populosa e alegre, impressionando agradavelmente o forasteiro, pelo passeio e calçamento, apresentando largas avenidas e ruas dotadas em grande número de uma bem cuidada arborização. Cogita-se de melhorar a iluminação elétrica, embora não seja das piores. Há um centro recreativo onde a alta sociedade se diverte. Cultiva-se *sport*. Funciona diariamente um excelente cinema de edificação e montagem moderníssimas. Hospital bem situado. Uma escola normal bastante frequentada. Ginásio em franca prosperidade. Majestoso edifício do Grupo Escolar. Várias escolas isoladas, mantidas, diversas, pela municipalidade, que despende, com o ensino, cerca de 30% da sua renda. Existe, ainda, uma usina modelo, construída para beneficiar fibras têxteis. (FLORIANO, 1941, p.41).

Definida como terceiro município do Estado em importância, Floriano desfrutava de algumas marcas consideradas, à época, como sinais de civilidade: edifícios modernos, oferta de instrução, esporte e lazer. O cinema destacava-se como um dos mais marcantes entre esses elementos, posto que, ainda, se configurava como novidade nos espaços urbanos piauienses.

Se por um lado, o noticiário da imprensa registrava os avanços pelos quais o Piauí passava, especialmente durante a fase do Estado Novo varguista, por outro, embora marcado pelo silêncio, o Piauí e suas cidades, inclusive a capital, Teresina, enfrentava problemas consideráveis na sua estrutura urbanística como falta de saneamento, sujeira, animais nas ruas e um número acentuado de casebres de palha, que destoavam do projeto modernizador empreendido. A título de exemplo, na mesma crônica em que Nenê Macaggi observa o progresso da capital, ela também nota, em alguns espaços, as condições precárias em que a

população vivia. Ela descreve que "O sol dourava tudo, as casas abriam-se e principiava a luta pela vida. Então fui até a Vermelha, o teu bairro mais alegre e populoso. Que engraçadinho! Quanta casa coberta de palha de babaçu e quanta criança tomando banho de sol! Quanta cabra e quanto leitãozinho correndo pra lá e pra cá!" (MACAGGI, 1941, p.34).

Mesmo utilizando-se da sutileza da escrita, relatava-se a precariedade vista na cidade. As mencionadas casas de palha eram habitadas por segmentos populares desprovidos de condições que lhes permitissem morar em habitações melhores e terminaram sendo alvo de constantes incêndios que se tornaram objeto de investigação policial. Nascimento (2001, p.143), baseado em informações da imprensa escreve que "Em 1941, no final do mês de agosto, a cidade é assolada por incêndios. Neste período, a periferia foi quase toda atingida. Casas queimadas nos dias 2,3,4 e 6 de setembro". Segundo o mesmo autor, entre as explicações, falava-se nas condições climáticas da capital e a grande incidência de raios descarregados no lugar.

O mesmo autor, porém, conclui que, com o avanço do progresso no país, o Piauí vai sendo integrado e procura adequar-se a essa nova face, e Teresina também estabelece seu plano de modernização. Contudo, "parcela considerável de moradores não recebeu os benefícios das ações do poder público" (NASCIMENTO, 2001, p.147) e os incêndios "[...] tiveram papel relevante no processo de limpeza das áreas mais próximas do centro, tendo em vista que obrigaram os proprietários de casas de palha, e que não podiam cobri-las de telhas, a se afastarem daquela área ou então ir embora da cidade" (NASCIMENTO, 2001, p.147).

Os incêndios estudados circularam na imprensa, dando conta do lado precário e sem estrutura da capital, nos arredores do centro da cidade. Em reportagem para *Diretrizes*, Vitor do Espírito Santo afirma que "os incêndios se repetiam diariamente crescendo em número de maneira assustadora, sem que as autoridades policiais lograssem pôr-lhes um paradeiro, nem descobrir os seus autores" (TERESINA, 1943, p.23). O jornal *A Cruz* publicou o relatório do Dr. Benedito Lopes, delegado de polícia do Distrito Federal, designado a abrir inquérito para apurar a autoria dos referidos incêndios. Em um trecho do relatório, ele escreveu:

> Teresina, esta belíssima e bizarra cidade do nordeste[46], já foi vítima, já foi surpreendida e infelicitada no ano de 1941 pelo mesmo terror e brutalidade do fogo,

[46] Cabe mencionar que o Nordeste como espaço territorial tem data de nascimento. Foi durante o Estado Novo que o IBGE criou a primeira Divisão Regional do Brasil, dividindo o território nacional em cinco regiões: Norte, Nordeste, Leste, Sul e Centro-Oeste. Com a valorização das regiões, instituída oficialmente em 1942, o Estado O Estado Novo procurava combater as oligarquias locais que dominavam os estados e buscava integrar as partes em um todo maior. O novo nacionalismo se baseava nas regiões e valorizava as diferenças geoeconômicas e socioculturais. Informações disponíveis em:
https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Economia/Nordeste. Acesso: 14 abril. 2022

> que, devorando com impiedade aproximadamente 450 casas de palhas dos bairros pobres, puseram-na sob pesada angústia e dolorosa humilhação e fizeram-na experimentar horas amargas de desolação e desespero. Terror e brutalidade que infligiram à sua pobreza, não só a perda de seus pequenos abrigos e haveres, como ainda a levaram à morte e à loucura. (OS INCÊNDIOS, 1943, p. s/n).

A matéria ainda registra que os incêndios resultaram em várias mortes dos moradores daquelas habitações e ainda relatou o desenrolar do processo, em que destaca como desfecho a prisão de supostos autores, assim como a disposição da força policial do Estado e do governador Leônidas Melo em punir os acusados por aqueles crimes.

Coincidência ou não, os incêndios ocorridos em Teresina sugerem que as transformações, tão divulgadas pelo poder público, não alcançaram todos os espaços da capital. Apenas a região central era contemplada pelo programa de modernização, enquanto o seu entorno contrastava com aquela nova conformação. Pelas margens dos espaços centrais, aspectos rústicos, pobreza e precárias condições de higiene ainda eram o retrato daquela população.

Figura 9: Reportagem da revista *Diretrizes* sobre os incêndios em Teresina

30/9/1943 DIRETRIZES PAGINA 7

TEREZINA - A CIDADE DOS INCENDIOS

Divulgamos hoje a segunda reportagem escrita por Victor do Espírito Santo sobre os incêndios que em poucos dias destruiram centenas de habitações humildes na capital piauiense. Neste seu trabalho o reporter carioca proporciona aos leitores de DIRETRIZES uma interessante entrevista com o major Evilasio Gonçalves Villanova, chefe de policia daquele Estado, entrecortando as declarações que lhe foram feitas com comentários oportunos e esclarecedores.

Reportagem de VITOR DO ESPÍRITO SANTO

Confesso que não foi sem certa apreensão que, á hora fixada pelo interventor Leônidas Mello, entrei na sede da Chefatura da Policia do Piauí para fazer-me anunciar ao major Evilasio Gonçalves Vilanova. Sensação idêntica só me lembro de ter tido, há muitos anos, quando, para desvendar o mistério que envolvia o paradeiro de Trifino Corrêa, Antunes de Almeida e Josias Carneiro Leão, subi as escadas do sertão paraibano, para avistar-me com Ze Pereira, em armas contra o governo benemérito de João Pessoa, experimentara aquela sensação.

cebera informações desfavoraveis sobre a personalidade do chefe de policia piauiense. As horas que se seguiram só fizeram aumentar as criticas á vários outros se encontravam feridos, sob rigorosa incomunicabilidade, na Policia. Ambiente, portanto, carregado.

Durante cerca de quinze mi-

esperava um homem mais alto que baixo, magro, moreno de olhos claros, sorriso máu a entreabrir-lhe os lábios. Estava em frente do major Evilasio Gonçalves Villanova. Cumprimentos rápidos e eis-nos sentados um diante do outro para a entrevista.

CHEFE DE POLICIA CONTRA A VONTADE

— Sei que já disseram ao senhor muita cousa a meu respeito — foi logo dizendo o chefe de

Em 1911 não havia bombeiros no Piauí. Era o próprio povo quem, com o auxilio de baldes, de machados, de foices, isolava as casas incendiadas, procurando desta forma evitar que o fogo destruisse quarteirões inteiros. Muitas vezes todos esses esforços eram vãos e as chamas só se extinguiam quando não havia mais o que devorar. No clichê acima vemos populares terezinenses na sua faina contra o fogo.

Fonte: *Diretrizes*, ano VI. n.170, p.7/23. Rio de Janeiro, 30 set. 1943.

O caso dos incêndios, pesquisado de forma competente por Nascimento (2001; 2015) serve apenas para exemplificar o outro lado da moeda, levando ao entendimento de que o pujante progresso do Estado e de algumas de suas cidades fazia parte de um plano que se pretendia difundir. A imprensa, durante esse período, mantinha estreitos laços com os

dirigentes de diferentes esferas do poder público, o que a tornava canal de divulgação das ações consideradas benéficas de prefeitos, governadores e presidente.

Embora predominassem os discursos otimistas acerca do desenvolvimento da capital, também ecoavam algumas vozes divergentes daquilo que se costumava noticiar. Um bom exemplo consiste numa matéria veiculada no jornal *Gazeta* de 25 de novembro de 1938, que, em sua primeira página, dá destaque ao texto intitulado "Progresso que não nos chega". A crítica refere-se às dificuldades de comunicação entre os distintos pontos do Estado. Enfatiza as limitações das estradas de rodagem que não possuíam as condições necessárias de tráfego para este fim, muito embora seu uso fosse indispensável.

> No Piauí, apesar da deficiência que algumas estradas apresentam no inverno, a não pequena quilometragem dessas estradas tem sido de assinalado e incontestável préstimo. Entretanto, o serviço postal para os pontos do extremo sul do Estado, continuam a ser feito com a morosidade de outras épocas, como se fosse destituído da importância que o caracteriza, a ele que, mais do que qualquer outro, deveria aproveitar todos os meios que envolvesse sem rapidez de transporte. (PROGRESSO, 1938, p.1).

A reclamação sobres as dificuldades de comunicação ficam mais acentuadas, ao longo do texto e cita como exemplo a cidade de São Raimundo Nonato, "município de valor, de largos recursos, vive, como as outras localidades daquela zona, quase isolada, postalmente, de Teresina, pois a correspondência entre os dois pontos não faz a viagem senão em 30 a 40 dias" (PROGRESSO, 1938, p.1). Por conta do distanciamento e das dificuldades de comunicação, o promissor comércio da cidade passou a priorizar relações com um dos estados vizinhos, pois "o distanciamento que se colocou o comércio do extremo sul piauiense que busca, preferencialmente, a Bahia com a qual se comunica em uma semana ou menos" (PROGRESSO, 1938, p.1).

Reclames dessa natureza revelam que, mesmo que a "grande imprensa" e a imprensa escolar celebrassem as suntuosas instalações dos Correios e Telégrafos na capital como símbolo de progresso, o fluxo de comunicações entre a capital e os municípios mais longínquos era permeada por entraves que dificultavam as relações comerciais, provocando uma fissura entre Teresina e outras cidades, levando algumas delas a optar por uma aproximação com outros centros desenvolvidos de estados vizinhos.

Um pouco mais adiante, em 1945, surgiram críticas contundentes sobre as condições de desenvolvimento do Estado. Neste caso, durante as campanhas eleitorais daquele ano, os opositores do interventor Leônidas Melo e do prefeito da capital, Lindolfo Monteiro, candidatos ao Senado e ao legislativo federal, aproveitaram o momento eleitoral para atacar

os dois líderes varguistas, responsáveis pelo projeto de modernização da capital e do Estado. Na ocasião, na edição de *O Piauí* de 7 de outubro de 1945, circulou uma matéria em que denunciavam aspectos da infraestrutura da cidade, especialmente, o serviço de abastecimento de água e luz que, segundo o jornal, encontravam-se há muito tempo sem qualquer tipo de manutenção e em condição de descaso. Em um fragmento da matéria se vê:

> Vimos com fatos concretos, [...] o abandono a que está entregue a nossa capital. Enumeramos, com casos irrefutáveis, o menosprezo do Sr. Lindolfo Monteiro – prefeito e candidato à deputação federal, na esfera propriamente municipal. Desvendamos aos daqui e aos até onde chega a nossa folha, em linguagem clara, positiva e sincera, toda a sorte de atraso, sujeira, humilhação, desumanidade e miséria vem passando esta terra. Agora, tratamos do que, há muito, vem entregue à administração estadual: abastecimento de água e luz, um dos serviços públicos mais necessários à população, como naturalmente compreenderá também o outro médico e administrador, Sr. Leônidas Melo – interventor e candidato à senatoria federal. Todo e qualquer observador daqui ou de fora, vê, perfeitamente, sem nenhum vislumbre de partidarismo político, prevenção ou coisa equivalente, o péssimo estado desse serviço de Teresina, que inegavelmente, até o governo Landrí Sales, estava talhada a ser uma moderna e bem tratada. (A CIDADE, 1945, p. 2).

A narrativa estabelecida diverge de boa parte dos discursos postos anteriormente. Evidentemente que a matéria tinha caráter político-partidário e, por isso, denunciava seus opositores acerca dos problemas da cidade. Entretanto, a crítica evidencia alguns problemas marcados como abandono, sujeira, miséria e as limitações nos serviços de abastecimentos de água e luz. Tais entraves revelam as mazelas de uma cidade e de um estado que, mesmo diante de empreendimentos voltados para sua modernização, mantinham uma série de problemas que descaracterizam a visão de desenvolvimento presente nos enunciados anteriores. A conclusão da nota reforça a ideia de descaso do governo, denunciando os males que teriam imposto ao Estado, pois "enganam-se esses senhores, porque a sua época está passando e o que dela irá ficar neste Estado é a lembrança de um governo-flagelo, um governo-cataclisma, de uma política de lama e sangue, de uma desgraça piauiense, enfim!" (A CIDADE, 1945, p. 2).

Outra matéria cujo título era "O perfume da praça Rio Branco", escolhido, ironicamente, para destacar a fedentina existente naquele disputado espaço no centro da capital, atribuindo ao poder público a responsabilidade pela resolução do problema que afetava a saúde dos seus usuários, pois "[...] a caixa de perfumes da interventoria, na praça Rio Branco, continua cada vez mais forte e prejudicial aos habitantes de Teresina, sendo uma vergonha para todas as pessoas que nos visitam (O PERFUME, 1945, p. 4). Para comprovar

que o problema se arrastava há muito tempo, a mesma matéria resgatou uma reclamação de 1938 no jornal *O Tempo*, a qual dizia que:

> O mau cheiro da Praça Rio Branco, logradouro principal da nossa sociedade, e a mais movimentada das nossas praças, vem sendo na realidade uma das notas dissonantes, provocando mesmo a pior impressão sobre os nossos foros de cidade moderna e quiçá da nossa administração, que até agora vinha se mantendo indiferentes a essa gritante necessidade. (O PERFUME, 1945, p. 4).

Como se pode ver, alguns jornais de vinculação política trataram de fazer circular a desconstrução da imagem de progresso que a interventoria vinha procurando construir, inclusive pelos dispositivos que estavam alinhados e aparelhados pelo governo. As denúncias voltadas para os problemas que afetavam a sociedade e a imagem da cidade estavam na agenda dos adversários do governo. Até mesmo obras importantes para a melhoria das condições sanitárias da cidade e do Estado, como o Hospital Getúlio Vargas, foram alvo dos críticos daquele governo. Uma dessas críticas dizia que

> Não há iniciativa louvável no governo do sr. Leônidas Melo. Os seus empreendimentos ou são contraproducentes ou extravagantes. Haja vista o Hospital Getúlio Vargas, muito além de nossas possibilidades financeiras. Outra prova disso é a construção, em andamento, de um hotel de luxo, que terá de transformar o Estado em hoteleiro, a hoteleiro fadado a falir, dadas as condições do meio. (ROCHA, 1945, p.3).

As grandes edificações que simbolizavam o processo de desenvolvimento da capital foram criticadas por opositores dos gestores locais que estiveram à frente dos destinos da cidade e do estado durante o período varguistas. Nascimento (2001; 2015) discutiu o processo de modernização de Teresina e o silêncio a respeito dos incêndios criminosos ocorridos nas casas de palha na região central da cidade durante o governo de Leônidas Melo. Segundo o autor, o assunto foi silenciado durante esse período. Isso demonstra que, se por um lado, havia uma ampla divulgação da agenda do governo, que encabeçava obras de edificação com o objetivo de modernizar a cidade, por outro, os problemas existentes não tinham lugar nos canais de comunicação. Essa situação ocorria devido à intensa fiscalização do Estado sobre a imprensa durante aquele período que ficou caracterizado pela atuação, em âmbito nacional, do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e, na esfera estadual, pelo Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP). Alguns determinantes que poderiam ter resultado nos incêndios foram expostos por Nascimento (2001) que revela uma fotografia das condições de espaços suburbanos da cidade. Segundo ele:

> As moradias populares em Teresina, a cada período de estiagem, transformavam-se em alimento do fogo. Por sua localização, o vale do Parnaíba possui caracteres climáticos próprios, dos quais ressaltam as elevadas temperaturas dos meses de setembro, outubro e novembro, com máximas superiores a 35ºC. Este é considerado o mais seco e mais quente, embora as temperaturas elevadas sejam constatadas durante quase todo ano. (NASCIMENTO, 2001, p. 143).

Segundo a explicação do autor, um dos fatores provocadores dos incêndios seriam os fatores climáticos. Mas, a contínua ocorrência desses episódios levou a força policial a investigar o seu caráter criminoso. No entanto, um assunto de tamanha relevância recebia pouca divulgação na imprensa local. A propaganda da modernização dos principais espaços urbanos piauienses, através de medidas estruturais, buscava dar legitimidade às medidas desenvolvidas pelos agentes públicos e procurava transmitir a ideia de um Estado em rota de progresso.

1.5 Notícias de civilidade

Os jornais oferecem amplas possibilidades de estudar o passado a partir dos enunciados contidos em suas páginas, por testemunhar impressões divulgadas acerca do presente vivido. Em suas páginas encontra-se uma diversidade de temas de interesse dos distintos grupos sociais. Noticiavam a movimentação social e as transformações urbanas que testemunharam lançando em sua escrita um olhar amplo sobre sua realidade. Muito embora esses dispositivos priorizassem as questões em volta da escola e da educação, isso não os impediu de abordar outras questões como, por exemplo, as mudanças ocorridas nas cidades, entendidas como signos de progresso e modernidade. “O jornal torna-se, dessa forma, um elemento fundamental para se captar as principais representações de uma época, uma vez que centraliza boa parte das opiniões e das atenções da elite intelectual, que trabalha na moldagem da cultura” (GONÇALVES NETO, 2002, p. 206).

Olhando dessa maneira, vale destacar que não se pode tomá-los como espelho da realidade de um certo momento do passado. O que foi noticiado foram opiniões emitidas e que, portanto, precisam ser entendidas como uma representação daquele momento que, eventualmente, deve ser filtrado e confrontado com outros enunciados que tratam da questão. O Piauí das décadas de 1930 e 1940 ensaiava avanços importantes para a modernização dos seus centros urbanos. Teresina e algumas cidades experimentavam transformações em seus cenários, o que convergia com o discurso de modernização e progresso propagado pelo governo getulista, cujos reflexos alcançaram o Piauí e suas cidades mais desenvolvidas.

Os enunciados trazem interessantes impressões sobre as cidades, uma vez que os sinais de progresso eram acentuados. No entanto, as poesias e as crônicas elucidavam nuances dos espaços urbanos de Teresina e de outras cidades, a partir dos quais se fez possível visitar o passado por meio dos aspectos detalhados. Alguns olhares traziam uma representação sentimental da cidade, como pode ser visto em um poema divulgado pela imprensa escolar:

> Teresina, eu te saúdo, oh terra de Mafrense: terra querida, torrão esplêndido do solo brasileiro! Do teu seio fecundo nascem as mais... comovedoras eloquências que inquietam os espíritos. No teu admirável aspecto está sonhado o teu inevitável desenvolvimento. Admiro-te! Porque te vejo agora sorridente; comparo-te com a flor quando vem desabrochando...Quem não te admira florida pompéia?...
> Extremosa mãe! Primícia que a natureza deu ao Brasil!
> Tu és todo meu encanto...
> Cidade cheia de flores
> Em ti, estão meus encantos
> Meus suspiros, meus amores
> Se de ti eu me ausentar...
> Oh, terra que amo e amarei,
> Voltarei para o teu seio:
> Este solo eu morrerei. (SILVA, 1936, p.3).

O texto retratava Teresina como uma cidade em desenvolvimento, atrativa, arborizada e florida. Uma estudante normalista registra seu olhar sobre Teresina, pontuando as transformações do seu espaço urbano, destacando aspectos da estruturação de ruas, prédios públicos e especialmente, elencando um conjunto de obras responsáveis pelo aparelhamento da educação, cultura e da rede de comunicação.

> As tuas ruas, princesa encantadora, linda ‘Cidade Verde’, são simetricamente bem alinhadas e calçadas. Prédios modelares, vários jardins, três igrejas são o adorno lindíssimo para tua deslumbrante auréola. Luzes em profusão! Luzes da inteligência e do espírito, mais ainda as possuis [...] ginásio, uma Escola Normal Oficial e outras mais; grupos e escolas particulares, quantos não embelezam e iluminam a alma e o coração dos teus filhos idolatrados. (LIMA, 1937, p. 4).

Ruas alinhadas e pavimentadas, prédios, igrejas, iluminação, jardins e escolas manifestavam aspectos de uma cidade moderna que o relato procurava inscrevê-la como um ambiente civilizado, com ares propícios ao progresso e ao desenvolvimento do seu povo. No olhar da cronista, o cenário de Teresina era permeado de um conjunto arquitetônico que representava a modernização da capital e do Estado. Entre os prédios elencados, as escolas simbolizavam o papel que a educação vinha ganhando nos discursos e nas ações, a busca da superação e da situação de atraso.

> Possuis prédios que são bem importantes: o dos ‘Correios e Telégrafos’, Colégio Sagrado Coração de Jesus, Liceu Piauiense, Escola Normal Oficial, Ginásio Municipal São Francisco de Sales, Banco do Brasil, Teatro 4 de Setembro, Quartel da Força Pública e do 25 BC, Grupo Escolar Abdias Neves, Escola de Aprendizes Artífices, Palácio de Karnak e Suprema Corte de Apelação. E, num complexo carinhoso e terno, o Poti e o Parnaíba apertam-te ao seio amigo, num beijo de afeto verdadeiro. (LIMA, 1937, p. 4).

As praças que ornamentavam e embelezavam a cidade vinham sendo reestruturadas. Situadas no centro da cidade, foram reformadas e inseridas no contexto de modernização. O traçado de ruas pavimentadas recebia novos prédios públicos, como símbolos de uma administração moderna e da ruptura com os modos de governar do passado, fazendo a cidade ganhar harmonia estética. As praças espalhadas pelo centro davam mais leveza e passaram a ocupar lugar de destaque nas relações de sociabilidade. Elas se transformaram em ambientes dos passeios nos fins de tarde, onde a mocidade se reunia para conversas, namoros e para a construção de sonhos e ideais.

As pesquisas de Nascimento (2001, 2015, 2021) que discutem aspectos da modernização e as políticas de desenvolvimento desencadeadas no período em questão contribuíram para uma melhor compreensão das condicionantes em volta do contexto delimitado neste estudo. A imprensa de maior circulação noticiava os avanços e as marcas de progresso que a capital do Piauí experimentava. A edição do *Monitor Comercial,* de outubro de 1937, registra as transformações pelas quais a cidade passava, elencando um conjunto de obras e ações realizadas pelo poder público que contribuíram para a alteração da estrutura e estética urbana da cidade ao longo da década de 1930. A matéria destaca que:

> Nesse último decênio, muito se acentuou o progresso de Teresina, em todos os setores de sua atividade. Aumentou consideravelmente o número de suas edificações particulares, sob os rigores de administração estética. Próprios [prédios] federais e estaduais, em grande número, vieram também concorrer para esse magnífico resultado, merecendo destaque: Diretoria Regional dos Correios e Telégrafos, Escola de Aprendizes Artífices, Quartel do 25º BC, Agência do Banco do Brasil, Escola Normal Oficial do Estado, Liceu Piauiense (Talvez o melhor de todo o País), Quartel da Força Pública e outros. E de associações religiosas: os suntuosos Colégio do Sagrado Coração de Jesus e Ginásio Municipal São Francisco de Sales. As últimas administrações municipais têm a incorporar ao acervo de suas importantes realizações: o calçamento de quase todas as ruas e praças: novos e atraentes jardins e logradouros públicos e outros tantos destacados melhoramentos que estão dando belo aspecto a capital, cuja a população é de cerca de 40 mil habitantes. (TERESINA, 1937, p. 20).

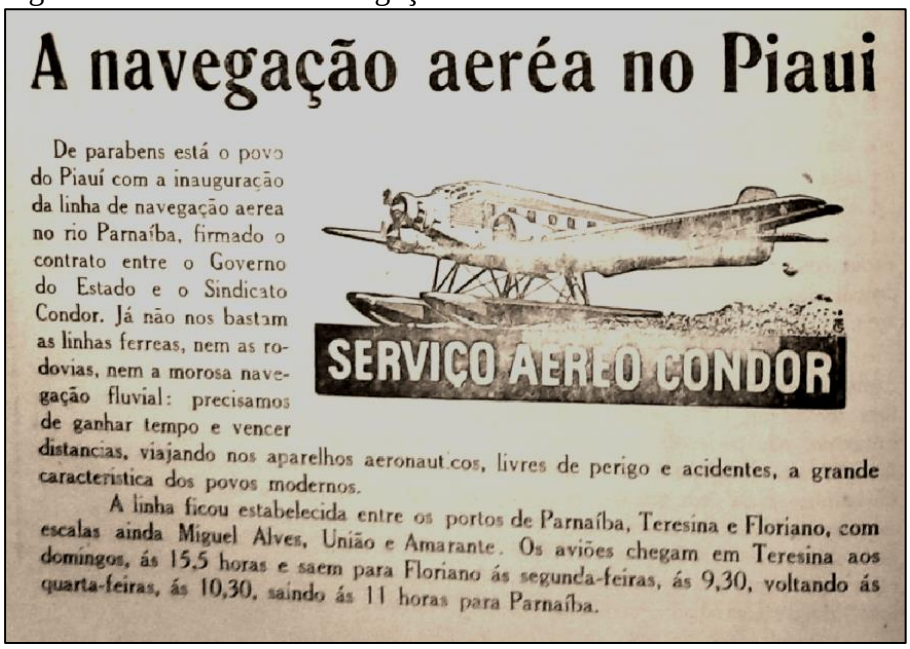
Esse conjunto de edificações dava conta dos investimentos realizados na capital com o objetivo de modernizá-la através da alteração de sua estrutura urbana. Ao analisar a construção de edifícios e das mudanças estéticas empreendidas pelo poder público nas

décadas de 1930 e 1940, Nascimento (2001, p.138), destaca que seu maior símbolo teria sido a construção do hospital Getúlio Vargas, "considerado o maior hospital de todo Norte e Nordeste". O autor afirma ainda que essas medidas "promoveram uma ruptura com a arquitetura do período anterior" (2001, p.138). Esta análise possibilita pensar que as medidas tomadas buscavam estabelecer um aspecto mais moderno, sinalizando o progresso e o desenvolvimento que o Piauí, representado por sua capital, estava experimentando. Eram transformações que simbolizavam a civilidade de Teresina e do Piauí, muito embora a cidade ainda tivesse uma população que se limitava a cerca de 40 mil habitantes. A mesma matéria de *Monitor Comercial* sinaliza para outras melhorias nos setores de transporte férreo e aéreo, comunicação, comércio, como se pode notar no trecho a seguir:

> Há pouco foi inaugurado o moderno e aperfeiçoado serviço de telefones automáticos, executado pela Companhia Siemens e Halske, nos termos das cláusulas de um contrato firmado com o Estado. É intenso o movimento comercial de Teresina. Aviões militares e do 'Sindicato Condor', em viagens regulares, visitam semanalmente a capital piauiense, com prolongamento, dos primeiros, até a cidade de Floriano, e dos segundos até a vila de Uruçuí, outra praça comercial do sul do Estado. Aviões da 'Parnair' já têm visitado Teresina e parte do interior do Estado. O registro de veículos, na perspectiva da Inspetoria: é indiscutível e indicador de progresso. Prosseguem animadoramente as obras de dois grandes edifícios públicos estaduais, de vultosos orçamentos: o Hospital do Estado e o palacete destinado à Biblioteca, Museu e Arquivo Público. É incontestável o progresso de Teresina e que ainda terá maior destaque quando as vias-férreas São Luís-Teresina, Petrolina-Teresina, Rede de Viação Cearense e Central do Piauí fizerem seu ponto terminal, na moderna Capital. Teresina conta diversos jornais diários, além dos semanais, revistas e almanaques, sendo este, portanto, o maior índice de seu desenvolvimento. (TERESINA, 1937, p.20).

Como se pode notar, a intenção do periódico era promover uma propaganda da modernização da capital do Estado, que além de edifícios, melhoria de ruas e praças, também chama atenção os investimentos nas comunicações com o melhoramento do setor de telefonia. No entanto, a matéria destaca os avanços no setor de transporte, tanto aéreo quanto ferroviário, possibilitando, dessa maneira, a integração entre as regiões mais distantes do Estado e de igual modo, promovendo a conexão do Piauí aos demais estados da região e ao restante do país. Essa integração parecia ser imprescindível para superar a condição de isolamento e impulsionar o progresso do Estado. Uma interessante nota sobre o transporte aéreo encontra-se em *Educação*, conforme se pode ver:

Figura 10 – Anúncio da navegação aérea no Piauí



A navegação aeréa no Piaui

De parabens está o povo do Piauí com a inauguração da linha de navegação aerea no rio Parnaíba, firmado o contrato entre o Governo do Estado e o Sindicato Condor. Já não nos bastam as linhas ferreas, nem as rodovias, nem a morosa navegação fluvial: precisamos de ganhar tempo e vencer distancias, viajando nos aparelhos aeronauticos, livres de perigo e acidentes, a grande caracteristica dos povos modernos.

SERVIÇO AEREO CONDOR

A linha ficou estabelecida entre os portos de Parnaíba, Teresina e Floriano, com escalas ainda Miguel Alves, União e Amarante. Os aviões chegam em Teresina aos domingos, ás 15,5 horas e saem para Floriano ás segunda-feiras, ás 9,30, voltando ás quarta-feiras, ás 10,30, saindo ás 11 horas para Parnaíba.

Fonte: *Educação*, 1936, p.16.

Um pouco mais tarde, em 1943, o menino Mário Faustino que, no futuro, se tornaria um conhecido literato piauiense[47], à época estudante da Escola Modelo, expôs seu olhar sobre Teresina na imprensa periódica escolar, seguindo o mesmo discurso que circulava em outros impressos. Em edição do *Escolar Teresinense*, de 3 de maio de 1943, afirma que a capital era uma cidade que orgulhava os piauienses por ser "muito adiantada, para a sua idade" (FAUSTINO, 1940, p. 4). Ressalta ainda que o empenho do povo e do governo resultou em um conjunto de obras de estruturação da cidade, dando destaque a algumas das já mencionadas, como o prédio dos Correios e Telégrafos, o da Força Pública, o do Quartel do 25º Batalhão de Caçadores e algumas escolas caracterizadas pela imponência de sua arquitetura, como Liceu Piauiense, a Escola de Aprendizes Artífices, a Escola Normal e o Colégio Sagrado Coração de Jesus reforça a ideia de que aquelas edificações demarcavam o progresso e o desenvolvimento vivenciados na época. Em um fragmento da mesma publicação ele continua registrando os aspectos de civilidade da cidade da seguinte forma:

> Temos lindas e bem cuidadas praças, entre elas destacando-se a D. Pedro II hoje a mais movimentada da cidade. Em volta dela acham-se o Hotel Central, o Teatro 4 de Setembro e o Rex, o melhor cinema da cidade. O centro comercial da cidade está

[47] De acordo com Gonçalves (2003) Mario Faustino dos Santos e Silva foi um jovem poeta piauiense que nasceu em Teresina, em 22 de outubro de 1930 e fez o curso primário na Escola Modelo Artur Pedreira. Mudou-se para o Pará em 1940, onde fez seus estudos secundários onde atuou na imprensa daquele Estado nos jornais *A Província do Pará* e *Folha do Norte*. Na década seguinte radicou-se no Rio de Janeiro, onde foi editorialista do *Jornal do Brasil.* Sua principal obra foi *O homem e sua hora*. Faleceu no acidente aéreo no ano de 1962, em Dios-Peru.

> situado na Praça Barão do Rio Branco. Temos igrejas como a de São Benedito, de Nossa Senhora das Dores, do Amparo e as capelas de Lourdes e do Sagrado Coração de Jesus. Apesar de nossa capital ser central, é cortada por várias estradas de rodagem e uma de ferro, que liga o nosso estado ao do Maranhão e passa sobre o rio pela moderna ponte. Os destinos da cidade ... entregues ao Prefeito Dr. Lindolfo do Rego Monteiro que muito tem se esforçado para o embelezamento da "Cidade Verde'. (FAUSTINO, 1940, p. 4).

Esses enunciados evidenciavam uma orquestração para produzir um efeito sincrônico acerca dos modos como viam e descreviam a cidade. Na escrita de Mário Faustino, percebe-se uma preocupação em mencionar agentes do poder público, o que demonstra, em certa medida, a articulação das escolas com o poder. Nessa perspectiva, não se pode perder de vista o contexto de produção desses discursos uma vez que era um período predominantemente marcado pela atuação centralizadora do governo federal, na figura de Getúlio Vargas e dos seus interventores, intensificada a partir de 1937, com o advento do Estado Novo, em que se promoveu um rigoroso controle da imprensa e demais canais de comunicação. Estava no horizonte valorizar essas transformações e, ao mesmo tempo, fortalecer o caráter cívico daquela sociedade.

Teresinha Marques, estudante do Grupo Escolar Engenheiro Sampaio, registrou suas impressões em *Escolar Teresinense* acerca de uma das mais charmosas praças da cidade, a conhecida Praça Pedro II. No texto ela fez uma descrição detalhada do ambiente conforme se pode ver:

> É uma das melhores e talvez a mais bela do Norte, a praça Pedro II, que está situada na parte central de Teresina. É uma praça dividida em duas partes, sendo mais linda a parte mais alta onde está o busto de Pedro II, possui um artístico coreto, uma poética cascata com fonte luminosa onde vivem interessantes aves entre as quais elegantes garças que lhe dão aspecto de um pedaço da natureza trazida para o meio da civilização. A outra parte, que fica num plano mais baixo, é o ponto predileto das crianças que enchem de alegria, passeando de bicicleta ou patinando. Possui artísticos e lindos canteiros sempre floridos: as roseiras parecem a viverem a dar bom dia aos transeuntes. É uma praça bem iluminada, muito bonita e está sempre concorrida. Está situada em movimentado trecho da cidade entre o quartel da Força Pública, bares, Teatro 4 de Setembro e Cinema Rex. É a obra-prima do trabalho do Sr. Prefeito no embelezamento da cidade. (MARQUES, 1940, p. 4).

A Praça foi descrita com muito entusiasmo, com detalhes de seus diferentes aspectos, mostrando-a como espaço citadino de sociabilidade, que atraia a população para os passeios, encontros públicos, paqueras e para a diversão da criançada. A sua localização, congregando bares, teatro e cinema, evidencia sua posição estratégica no eixo cultural da cidade. Pode se notar que ela atraía a sociedade teresinense, inclusive as crianças que a frequentavam para o lazer. Observa-se que, quando se referiu à frequência das crianças no ambiente, enfatizou os

passeios ciclísticos e a prática de patinação, revelando que o ambiente era frequentado, especialmente, por uma parcela da população que desfrutava de melhores condições socioeconômicas. A imagem da Praça Pedro II expõe como era um dos principais espaços de sociabilidade de Teresina.

Figura 11: Vista panorâmica da praça Pedro II em festividade cívica em meados de 1939

Fonte: Arquivo Nacional do Brasil. Disponível em: https://www.flickr.com/photos/arquivonacionalbrasil/40054929973/in/photostream/lightbox/. Acesso 21 dez. 2021

Frequentar aquele ambiente em busca de distração e relaxamento passou a fazer parte do cotidiano daquela sociedade que viveu no segundo quartel do século XX, representando, portanto, aspectos de civilidade na capital do Piauí. Nesse sentido, "a praça teria o papel de libertar a alma do homem moderno da maldição, da solidão urbana, e do medo do vazio intenso e trepidante" (NASCIMENTO, 2015, p.146). As praças figuravam entre as principais áreas de recreação das crianças da capital. Eram espaços para as mais diversas brincadeiras e, algumas delas, eram compostas por um considerável aparato para receber os pequenos. O jornal *A Estrela* de 13 de maio de 1946, publicou um texto da estudante Benedita Mascarenhas, expondo seu olhar sobre a praça João Luiz Ferreira, destacando-a como importante área de lazer para as crianças.

A praça João Luís Ferreira

> A praça João Luís Ferreira fica situada no centro da cidade. É uma bonita praça, muito grande e arborizada. Nele temos um parque de diversões, para crianças. Por isso foi batizada por praça das crianças. Todos os domingos ela fica repleta de meninos de todos os tamanhos. Há uma grande variedade de brinquedos, como sejam: cavalinhos, gangorra, balanças, escorregadores e outros mais. É uma verdadeira alegria para mim, as horas que passo nessa encantadora praça. Sinto-me alegre a brincar, ao lado de minhas coleguinhas. (MASCARENHAS, 1946, p.4).

A pequena estudante do Grupo Escolar Teodoro Pacheco chama de "praça das crianças", aquele ambiente arborizado situado no centro de Teresina, equipado para adequar-se às práticas de lazer dos infantes, seguindo os moldes e costumes urbanos. Outra estudante da mesma escola refere-se a Teresina da seguinte forma:

> Teresina é a capital do Piauí. Fica à margem direita do nosso rio Parnaíba e é uma das mais novas cidades do Brasil. Tem diversos estabelecimentos de ensino secundário: Colégio Estadual, Escola Normal, Ginásio "Dr. Demóstenes Avelino", [Colégio Sagrado] "Coração de Jesus", etc. Possui muitos grupos onde as crianças aprendem, tem ruas e praças calçadas e cheias de árvores. Em Teresina temos uma avenida muito bonita de nome Getúlio Vargas onde fica o hospital do mesmo nome. É a nossa capital uma cidade muito bonita e eu gosto muito dela. (NOBRE,1946, p.3)

Marinho (2018) explica que o centro de Teresina concentrava o comércio e os espaços de entretenimento para uma parcela privilegiada da sociedade que residia ou ali frequentava. Segundo ela,

> O centro da cidade era um espaço de maior visibilidade por concentrar um diversificado setor comercial, disponibilizar formas de lazer variadas, como cinemas, teatros, bares e clubes, abrigar os órgãos públicos da burocracia administrativa, além de ser local de moradia dos setores abastados, contando, assim, com uma grande circulação de pessoas. Com isso, era divulgada a ideia de que o Piauí estaria incorporando aspectos modernos ao novo cotidiano dos mais variados setores sociais que, direta ou indiretamente, usufruíam dessa condição, ao estabelecerem suas residências, utilizarem as formas de lazer, recorrerem aos serviços públicos ou realizarem transações comerciais. (MARINHO, 2018, p. 118-119).

Na edição de *Gente Nova* de 20 de julho de 1946, Ozanan Coelho escreveu uma pequena crônica intitulada "Salve Teresina!", relatando seu deslocamento, da vizinha cidade de "Flores" (Timon – MA), à margem esquerda do rio Parnaíba, para Teresina, a bordo de uma locomotiva, que lhe permitiu observar alguns aspectos da capital piauiense. Segundo o cronista, à medida que se aproximava de Teresina, foram surgindo pequenos pontos luminosos que "eram embarcações que dançavam, de leve, por sobre o majestoso Parnaíba" (COELHO, 1946, p. 2). Ao chegar a Teresina registra com certa alegria e entusiasmo alguns

aspectos daquela capital. Algumas impressões desse registro podem ser notadas no fragmento abaixo:

> Estávamos em Teresina. Cidade alegre, cheia de beleza naturais, animada pelo vicejante entusiasmo da juventude estudantina [...]. Salve, pois, Teresina, que encerras, dentro de ti, uma infinidade de grandezas. Cada uma de tuas ruas, cada uma de tuas praças simboliza e representa bem as múltiplas glórias do Brasil. Os nomes estampados nas placas de tuas ruas e praças são vozes altissonantes, a clamarem, sem fim, a sublimidade e a elevação moral de tua história. Bendita, sejas, pois! (COELHO, 1946, p. 2).

A narrativa construída sobre Teresina, anunciada nos jornais consultados, confere visibilidade a uma cidade que avançava freneticamente. O orquestramento desses discursos fortalecia o sentimento e a identidade da sociedade local e, nesse caso particular, contribuía para a formação da identidade e o sentimento de orgulho dos estudantes diante dos ares de civilidade da urbe. Diante da sincronia dos enunciados na produção da imagem de uma cidade próspera e em pleno desenvolvimento, fez-se necessário um questionamento acerca dos seus silenciamentos.

Daí emergem algumas questões: que tipo de problemas estruturais eram enfrentados na cidade? De que maneira a imprensa escolar e a grande imprensa abordavam/tratavam dos problemas existentes? Existem estudos que tratam da questão? Na busca por respostas para essas questões foi feito um levantamento sobre o assunto na imprensa e nos periódicos escolares, e de igual modo, consultei pesquisas relacionadas ao recorte temporal do estudo, com a finalidade de dialogar com essas produções, na busca de diferentes olhares sobre os avanços e sobre os eventuais problemas existentes na cidade e as narrativas em torno dela.

Ainda que a imprensa explorasse as representações de civilidade, era flagrante a existência de muitos problemas de ordem estrutural nas principais cidades do Estado. Contudo, o silenciamento da imprensa escolar acerca do assunto, também chama a atenção, pois “Alunos de escolas públicas e particulares, no geral, eram liberados para que ajudassem as vítimas do fogo” (NASCIMENTO, 2001, p. 144). Estudantes ajudaram as vítimas e testemunharam a ação do fogo que assolava distintos pontos da cidade. Essa questão mostra que, embora a cidade estivesse atravessando um processo de modernização, casebres de palha, populações pobres e a falta de condições sanitárias faziam parte da composição daquele cenário.

Ainda que as escolas e seus estudantes testemunhassem essas condições e sendo boa parte delas agências de estímulo à produção de jornais e revistas, um problema de tamanha dimensão não figura em seus enunciados. Isso sugere que havia uma orientação, por parte de

professores e das escolas, para que esses e tantos outros assuntos que divergiam do discurso modernizador ao qual se alinhavam não ganhassem as páginas de seus periódicos. A imprensa escolar procurava, portanto, estabelecer um olhar meio romântico sobre o desenvolvimento local, exaltando os signos do seu progresso e silenciando os problemas em seu entorno. Eram os modos de formar a mocidade estudiosa por meio de dispositivos atrelados ao projeto de nação e civilidade idealizado naquele período.

1.6 A intensificação da imprensa escolar

Diante de tudo que foi visto, não é difícil associar a imprensa como um dos elementos que simbolizavam a modernidade. A estruturação dos espaços urbanos era também acompanhada de novos modos de se comunicar. O automóvel, a eletricidade, o telefone, as escolas, o teatro, o cinema, a imprensa e a chegada do rádio, alteraram o comportamento e as relações das populações que tinham acesso a essas novidades. O Piauí experimentou muitas dessas mudanças a partir da década de 1930, quando muitos desses ingredientes passaram a compor, com maior intensidade, o cotidiano da sociedade local e, dessa maneira, "os habitantes das cidades iam incorporando, ao seu cotidiano, esses novos artefatos, que impunham outra dinâmica à vida, encurtando distâncias, transformavam os modos de percepção e esfumaçavam fronteiram antes bem definidas" (MARTINS; LUCA, 2006, p.52).

Visto dessa maneira, a edição de jornais e revistas escolares em Teresina e em outras cidades destacavam-se pelos aspectos de civilidade que vinham adquirindo. Essas publicações se inseriam nos novos modos de vida que iam se firmando no Piauí. Portanto, a imprensa escolar compunha, ao lado de outros mecanismos que se firmaram, o jeito moderno de se comunicar e de se fazer notar. A mocidade estudiosa que desfrutava dos ambientes civilizados das cidades, utilizava a imprensa elaborada por escolas ou instituições ligadas a elas, a fim de ficarem atualizados e cientes do seu papel transformador na sociedade.

Os signos de progresso e modernidade e a melhoria do ensino que avançava sobre a capital e algumas cidades piauienses, nas décadas em estudo, foram acompanhados pela ocorrência de periódicos produzidos em escolas, redigidos por alunos e professores, direcionados à comunidade escolar, o que fez emergir algumas indagações, entre as quais: o que motivava escolas e estudantes a produzirem impressos periódicos? Quais eram as aspirações dos estudantes e outros agentes escolares em suas páginas? Qual o caráter dos enunciados produzidos? Busco responder essas e outras questões ao longo da discussão empreendida.

A produção da escrita periódica escolar foi o resultado, entre outras questões, das transformações estruturais urbanas dos espaços públicos e educacionais que o Estado experimentava naquele contexto. Os espaços urbanos, modernos, civilizados e, principalmente, escolarizados, demandavam cada vez mais por modos de se comunicar. Thompson (1998, p. 20) argumenta que "os meios de comunicação são rodas de fiar no mundo moderno e, ao usar estes meios, os seres humanos fabricam teias de significação para si mesmos". Roda de fiar do mundo moderno, a imprensa tornou-se um agente indispensável para informar, formar, modelar e disciplinar os grupos sociais que integrava.

Nos espaços urbanos, foi ganhando cada vez mais destaque a cultura do homem civilizado, sobretudo os letrados cujos livros, jornais e revistas se tornaram importantes suportes de comunicação de segmentos privilegiados que se valiam desses veículos para disseminar ideias, produzir críticas, influenciar e formar as populações que integravam seu meio, inclusive aqueles que, mesmo sem o domínio da escrita e da leitura, eram influenciadas pelas notícias lidas nos espaços públicos e os consequentes comentários. Luca (2008) ajuda a compreender essas mudanças de uma forma mais ampla, enfatizando que as transformações urbanas do início do século XX, recorrentes em distintos pontos do país, criaram uma demanda relativa aos modos de se comunicar. Segundo essa autora,

> O novo cenário citadino do início do século XX abrigava uma infinidade de publicações periódicas: almanaques; folhetos publicitários de casas comerciais e indústrias; jornais de associações recreativas, de bairros e das destinadas a etnias específicas; folhas editadas por mutuais, ligas e sindicatos operários, até os grandes matutinos e as revistas ditas de variedades, principal produto da indústria cultural que então despontava. (LUCA, 2008, p. 120-121).

Esse contexto de mudanças pode apontar indícios que ajudam a explicar a produção da imprensa periódica escolar e estudantil no Piauí, num momento em que se inscrevia como o principal veículo de informação e espaço adequado para o debate e produção de discursos acerca das transformações em curso. Além disso, os vestígios deixados sugerem um conjunto de motivos que ajudam a explicar as razões que levaram à edição de jornais por escolas, grêmios, centros culturais e por outras instituições que auxiliavam na formação da mocidade escolar e da sociedade letrada piauiense. Intelectuais, literatos e estudantes tinham nas páginas de jornais e revistas um espaço estratégico para lançar mão de seus projetos e dar luz às suas habilidades, cultura, inteligência e saberes.

Nos estabelecimentos de ensino, a necessidade de despertar o gosto pela leitura e desenvolver a prática da escrita, dar visibilidade aos assuntos de interesse da classe

estudantina, divulgar a produção literária de estudantes talentosos, divulgar as atividades desenvolvidas na escola, promover os estabelecimentos de ensino e tantos outras razões, aproximam seu surgimento às concepções de Freinet (1974), que defendia o uso do jornal escolar como um recurso didático que contribuía para o desenvolvimento das faculdades intelectuais do estudante por meio de uma escrita livre. Dito de outra forma, para o teórico, a produção de jornal escolar se constituía em um importante instrumento na formação dos estudantes.

Escolas, professores, famílias, juntamente com mocidade estudiosa e a sociedade letrada, tanto na capital, Teresina, quanto em outras cidades, como Parnaíba e Floriano, recorreram à imprensa como o veículo de informação e dispositivo disseminador de discursos e interesses de distintos segmentos sociais, que se valiam das letras impressas para demarcarem espaços de atuação naquela sociedade. Dia após dia, circulavam pelas mãos dos leitores, jornais, folhetins e revistas que repercutiam em âmbito da escola, bem como em escala regional, nacional e transnacional. Ao lado da "grande imprensa"[48] local, surgiu uma quantidade significativa de publicações alternativas, como os jornais e revistas vinculados às instituições escolares, associações e órgãos de representação da classe estudantina.

As escolas e suas instituições, grêmios e centros estudantis, enxergavam na imprensa uma ferramenta adequada para informar e formar os estudantes por meio do exercício da escrita e da difusão dos valores, considerados importantes e necessários para formação dos públicos aos quais esse tipo de impresso se destinava. Essas condições levaram o Piauí a testemunhar o desenvolvimento da imprensa nas escolas sob a responsabilidade de seus agentes, especialmente os estudantes e agremiações escolares.

A imprensa escolar teve, portanto, uma profícua produção de periódicos escolares que representava os interesses dos alunos (e outros agentes) na rotina escolar e na vida sociocultural piauiense. Esta produção constitui-se em um manancial valioso de informações sobre a escola, suas práticas, normas, cultura, valores e, principalmente, sobre aspirações e assuntos relacionados aos interesses dos estudantes, tornando-a, "nessa perspectiva, um guia prático do cotidiano educacional e escolar" (BASTOS, 2013, p. 21), elaborado a partir das lentes de alunos e alunas que transitavam nos mais distintos espaços da escola e, dos lugares onde viviam, construíam redes de comunicação e sociabilidades, a partir da formação de suas identidades, cujos rastros foram revelados naquilo que se veiculava nos impressos.

[48] Refiro-me aos jornais que tiveram maior circulação no Piauí durante o período delimitado neste estudo, entre os quais: *O Tempo, O Momento, O Piauí, Diário Oficial*.

A profusão de jornais e revistas vinculadas a estudantes e escolas se inscreve num contexto complexo marcado por transformações no campo político, econômico e educacional desencadeado com a chegada de Getúlio Vargas ao poder (1930-1945), o que teria contribuído, sobremaneira, para as mudanças que foram postas através de um discurso de modernização do país. Nesse período marcado pela centralização política sob a sua chefia, o país experimentou sensíveis transformações do ponto de vista político, econômico, cultural e educacional que, em tese, representava a superação das condições arcaicas que caracterizavam a Primeira República (FAUSTO, 2002; CAPELATO, 2009; GOMES, 2013).

Nos próximos capítulos, os jornais e as revistas escolares foram olhados de perto, sendo discutidos o surgimento, características e enunciados das páginas, com vista a identificar os modos que contribuíram para a formação da mocidade estudiosa.

2 ESTÃO FUNDANDO JORNAIS, ESTÃO ESCREVENDO![49]: JORNAIS ESCOLARES, CARACTERÍSTICAS E DEBATES

> Colega, amigo Alair Rocha,
> O apreciado órgão estudantil desta cidade, *Piauí Novo*, trouxe na sua edição de 7 deste, uma carta aberta a mim, dirigida por você a quem tenho o máximo prazer de responder. Quero deixar gravado nesta coluna, meus sinceros agradecimentos pelos elogios a minha humilde pessoa. Realmente, caro colega, é coragem manter-se um jornal onde tudo se torna difícil. Sabe como surgiu *A Luz*? – talvez não. Tendo entrado no curso ginasial, um dia um colega presenteou-me com um número de *Folha Estudantal*. Gostei imensamente e tive uma súbita lembrança de fundar um jornalzinho como órgão de nosso curso. Comuniquei às colegas e todas aplaudiram solidarizando comigo. Faltava-nos o consentimento da superiora. Fui toda trêmula, comuniquei-lhe a pedir-lhe licença, já morta de medo de um "não". Graças a Deus fui atendida e no dia 4 de abril surgiu *A Luz*, o meu consolo de estudante. [...] Nas páginas de A Luz não se encontram (como se vês) contribuições elevadas, pois são ainda os primeiros escritos. [...] Imagina o quanto eu não sofro em não poder e publicar na A Luz tudo aquilo que me vem à mente. Como você deve saber, a Superiora não aceita artigos que não sejam religiosos. Sou religiosa, mas não

[49] O título desse capítulo foi adaptado a partir de um trecho do artigo intitulado "A mocidade de Teresina Vive", de autoria da estudante Jesus Araújo, que circulou em *A Luz* de 11 de junho de 1939. Nesse texto, a autora celebra a atuação da mocidade estudiosa de Teresina que trabalhava para o seu desenvolvimento intelectual, fundando jornais e publicando o que escreviam.

> gosto de falar só de religião. Gosto de entender-me sobre outras coisas.
>
> *Aldeci Araújo*

Abro este capítulo com um trecho de uma carta de Aldeci Araújo, estudante do curso ginasial do Colégio Sagrado Coração de Jesus, destinada ao estudante do Liceu Piauiense, Alair Rocha. O assunto abordado versa sobre as motivações que levaram aquela estudante a criar um jornal no educandário que estudava. Evidencia-se, ainda, a mobilização realizada em busca de apoio, junto a seus pares e aos dirigentes do Colégio, revelando que o surgimento de um jornal escolar dependia de várias condicionantes. Em alguns casos, partia da iniciativa dos estudantes, em outros, do estímulo da escola e professores. Em todos os casos, os jornais escolares piauienses surgiam regidos pelo monitoramento dos estabelecimentos aos quais se vinculavam. O pedido de autorização à direção da escola para criar o jornal e as restrições impostas acerca dos enunciados a serem publicados, sugere que a instituição interferia na escolha e controlava as abordagens com o intuito de moldá-los conforme os interesses das escolas.

Neste capítulo, mergulhei no universo dos jornais escolares com o intuito de esmiuçar suas características e o conteúdo de suas páginas. Pretendo com isso levantar indícios que reverberam a ideia de que eles foram utilizados como instrumentos metodológicos, auxiliares aos estabelecimentos de ensino, a partir do dinamismo e da diversidade dos enunciados que imprimiam. Portanto, tais dispositivos são entendidos como uma estratégia usada para promover maior dinâmica na rotina escolar, considerando que a cultura escrita do período se configurava como principal meio de informar, formar e difundir os mais distintos interesses. Nesse sentido,

> O jornal escolar mostrou-se ao longo dos anos como um amigo que fazia a ligação escola/família/comunidade, servia de quadro público da exposição dos trabalhos de sala de aula, funcionava como um instrumento de interdisciplinaridade em um meio de vivência democrática e de participação cidadã e representava um utensílio privilegiado para a aprendizagem da língua materna. (ALMEIDA, 2015, p.46).

A operação de análise dessa documentação desenrolou-se considerando a materialidade, níveis/modalidades de ensino e lugares de produção. Procurei classificá-los a partir dos níveis e modalidades de ensino, tendo sido explorado os jornais secundários e seus lugares de produção. Seguindo esse procedimento, foram analisados os jornais de ensino

secundário de Teresina e, na sequência, privilegiei os periódicos das cidades de Floriano e Parnaíba. Por fim, foram examinados jornais de ensino primário de alguns grupos escolares de Teresina, para pensá-los como exercício de iniciação ao universo da imprensa escolar. O objetivo incide em analisar a prática de produção desses dispositivos como aspecto da cultura escolar (JULIA, 2001) utilizada como mecanismo auxiliar da formação dos estudantes de Teresina e de outras cidades, especialmente em Parnaíba e Floriano, no recorte cronológico do estudo.

2.1 Notas sobre os jornais

Como foi discutido no capítulo anterior, o desenvolvimento de centros urbanos no Piauí, exigiu o melhoramento dos espaços citadinos, das vias de comunicação e a ampliação da malha escolar, que, durante as décadas de 1930 e 1940, passou por considerável crescimento com vistas a promover o requinte dos centros civilizados. Enfim, começava a enxergar no horizonte possibilidades de avanço e superação do atraso, tão marcante ao longo do tempo. Por esta época, a imprensa local mantinha, essencialmente, um caráter político e "os jornais eram acentuadamente partidários e funcionavam também como suporte da cultura letrada piauiense, veiculando a escrita literária e histórica do Estado" (SOUZA, 2017, p.35). Os periódicos desempenhavam um papel fundamental na população letrada. As escolas também tomaram a iniciativa de motivar a produção de jornais e revistas tornando esses veículos parte da sua cultura, de modo que proliferaram em Teresina e em outras cidades que experimentavam um certo grau de desenvolvimento, como Parnaíba e Floriano.

A prática de produção de periódicos nas escolas deu-se nos diferentes níveis e modalidades de ensino. Escolas públicas, privadas, de ensino secundário ginasial, profissional e de ensino primário, aderiram à produção de veículos de notícia para dinamizar e propagar as atividades que desenvolviam, tornando os periódicos um importante elemento que era, ao mesmo tempo, um meio de os estudantes manifestarem suas distintas vozes e um recurso colaborador à sua formação. Essas condições levam-me a concordar com a ideia de que "os impressos de alunos, em diferentes níveis de ensino, são documentos importantes para analisar a cultura escolar e suas práticas" (BASTOS, 2013, p.9).

O quadro 7, expõe dados sobre título, cidade, ano e número, data e vinculação dos jornais escolares acionados neste trabalho. Esses dados ajudam a compreender algumas características dessa imprensa no Estado, no período delimitado para este estudo.

Quadro 7 – Catalogação de jornais escolares piauienses entre 1930 e 1948

JORNAL	CIDADE	EDIÇÃO	DATA	VINCULAÇÃO
A Luz	Floriano	Ano 1, n.1	22 set. 1930	Editado pela classe estudantil do "Liceu de Floriano", na cidade de Floriano.
		Ano 1, n.2	5 nov. 1930	
		Ano I, n.3	4 dez. 1930	
		Ano I, n. 4	16. jul. 1931	
		Ano II, n.7	23 mar. 1932	
O Estudante	Floriano	Ano 1, n.3	19 set. 1931	Órgão da mocidade estudiosa de Floriano
O Ginásio	Teresina	Ano 1, n.1	25 out. 1933	Órgão associado ao Ginásio Municipal São Francisco Sales (Diocesano)
		Ano 1, n. 2	23 nov. 1933	
A Escola	Teresina	Ano 1, n.1	17 out. 1933	Jornal organizado pelas alunas da Escola Normal Oficial.
		Ano 3, n.5	15 mai. 1936	
		Ano 4, n. 6	15 mai. 1937	
		Ano 4, n.7	7 set. 1937	
		Ano 6, n.9	15 mai. 1947	
Voz Estudantal	Floriano	Ano 1, n.2	23 jul. 1936	Órgão do Centro Estudantal Fernando Marques
Voz do Normalista	Teresina	Ano 1, n.1	15. maio 1937	Órgão do 4º ano da Escola Normal Oficial
O Astro	Floriano	Ano 1, n.1	21 abri. 1937	Instituto Santa Teresinha de Jesus
O Estímulo	Teresina	Ano 1, n.1	19 nov. 1938	Órgão redigido pelos alunos do Grupo Escolar Teodoro Pacheco
Piauí Novo	Teresina	Ano 1, n.8	04 out. 1939	Órgão dos alunos do Liceu Piauiense
A Luz	Teresina	Ano I, nº 1	4 abr. 1939	Órgão vinculado ao curso ginasial do "Colégio Sagrado Coração de Jesus" (Colégio das Irmãs).
		Ano I, nº 3	10 mai. 1939	
		Ano I, nº 5	11 jun. 1939	
Clarim	Parnaíba	Ano 1, n.4	16 dez. 1939	Órgão da Escola de Comércio da União Caixeiral
		Ano 1, n. 6	22 jan. 1940	
Escolar Teresinense	Teresina	Ano 1, n.1	03 maio 1940	Órgão dos alunos da Escola Modelo e do Grupo Escolar Engenheiro Sampaio
Zodíaco	Teresina	Ano 1, n.1	30 mar. 1943	Boletim órgão oficial do Centro Cultural Lima Barreto associado ao Ginásio Demostenes Avelino
		Ano 1, n.2	11 jul. 1943	
		Ano 1, n.4	27 out. 1943	
		Ano 1, n.5	01 dez. 1943	
Folha Estudantal	Teresina	Ano 11, n.1	20 out. 1946	Órgão do Centro Estudantal Piauiense
A Estrela	Teresina	Ano 1, n.1	13 maio 1946	Grupo Escolar Teodoro Pacheco
Era uma vez	Teresina	Ano 2, n.2	19 nov. 1938	Grupo Escolar Barão de Gurgueia
Gente Nova	Teresina	Ano 1, n.3	8 out. 1946	Órgão do grêmio Lítero-musical "Monsenhor Constantino Boson" do Colégio São Francisco Sales
		Ano 1, n.4	20 jul. 1946	
		Ano 1, n. 8	Out. 1946	
		Ano 2, n.22	Nov. 1947	
Renascimento	Parnaíba	Ano 1, n.2	10 fev. 1946	Periódico ligado ao Centro Estudantal Parnaibano.
		Ano 1, n.3	3 mar. 1946	
		Ano 1, n.4	17 mar. 1946	
		Ano 1, n.6	19 out.1946	
		Ano 2, n.7	21 abr. 1947	
		Ano 3, n.9	7 set. 1948	

Fonte: O autor, 2022.

Diante do significativo número de jornais, procurei revelar a interface de um projeto de formação amparado em uma pedagogia moderna que, entre os seus postulados, defendia o princípio de uma escola como espaço auxiliador na formação dos sujeitos, em que os jornais e as revistas que produzissem, se configurassem como força social ativa (DARNTON, 1990) e estratégia de colaboração no processo de formação dos estudantes nas escolas e espaços onde

foram elaborados. No quadro 7, percebe-se a ocorrência de jornais nas cidades de Teresina, Floriano, Parnaíba entre 1930 e 1948. É oportuno salientar que essa produção não descarta a possibilidade de outras escolas e estudantes de outros lugares também terem produzido impressos dessa natureza[50], pois as fontes elencadas constituem apenas a materialidade que foi possível acessar.

Enxerga-se ainda que esse tipo de publicação acontecia de forma efêmera e descontínua, alguns dos quais com apenas um número publicado de maneira avulsa. Outros, porém, apresentam mais números disponíveis, sem uma periodização definida. Um aspecto que chama a atenção na relação diz respeito aos nomes dos jornais, na sua maioria, associados à instrução, como pode ser percebido em *O Esudante, O Ginásio, A Escola, Voz Estudantal, Voz do Normalista, Escolar Teresinense*. Nomes como *Piauí Novo* sugere, de alguma forma, vestígios do contexto político do período getulista conhecido como Estado Novo (1937 – 1945).

Esses jornais vinculavam-se às instituições escolares por meio de seus órgãos de representação das classes estudantis, como grêmios literários, centros culturais e centros estudantis, que congregavam estudantes de diferentes escolas, especialmente do ensino secundário, ainda que alguns grupos escolares (de ensino primário) tenham aderido a tal empreendimento. Analisá-los, mesmo fazendo parte de um tipo de imprensa efêmera, parece-me uma operação de elevada importância, por entender, orientado por Capelato (1988, p.20) que "O jornal é uma das principais fontes de informação, merecedor, portanto, de consideração dos historiadores".

Este tipo de documentação tem, por certo, mobilizado os pesquisadores que, seguindo os postulados da História Cultural, passou a estabelecer uma nova compreensão acerca da concepção de documento, considerando que essa concepção foi recebendo diferentes contornos ao longo do tempo. Foi com a Escola do Annales que a noção de documento passou a ser entendida como aquilo que estava relacionado à ação do homem, o que significa dizer que objetos, signos e paisagens (VIEIRA; PEIXOTO; KHOURY, 2007) enquadraram-se nesse novo sentido dado ao documento.

Os jornais e, mais adiante, as revistas, foram pensados como um produto de uma sociedade, produzido mediante as relações de interesses ali estabelecidos (LE GOFF, 1990). Portanto, analisá-los é evocar o passado a partir do tempo presente, buscando interpretar

[50] Se tem notícia, por exemplo, do jornal *Fanal*, mensário dos alunos do Grupo Escolar Costa Alvarenga e Escolas Agrupadas Armando Burlamaqui, na cidade de Oeiras, no sul do Estado. O referido jornal teria circulado em meados de 1940.

outras épocas, considerando os meios pelos quais aquele artefato foi pensado e construído. Dessa forma, mesmo permanecendo inalterado, permite olhar o passado de diferentes ângulos a partir do diálogo que o pesquisador estabelece com ele. Nesse sentido, alguns pesquisadores argumentam que "o documento não é um documento em si, mas um diálogo claro entre o presente e o documento. Resgatar o passado é transformá-lo pela simples evocação. Em decorrência da ideia anterior, todo documento histórico é uma construção permanente" (KARNAL; TATSCH, 2009. p.12).

Devido à diversidade de temas que compõem as páginas dos jornais, optei por explorar aspectos de seu surgimento, vinculações e os enunciados relacionados à educação (instrução, escolas, professores, estudantes, civismos,) procurando entender como a elaboração desses impressos colaboraram para a formação de uma parcela dos estudantes que tinha contato com esses dispositivos. Catani e Sousa elucidam que,

> A investigação acerca de tais materiais em muito pode contribuir para o enriquecimento da compreensão dos processos da vida escolar em termos da história do seu cotidiano, da ação dos atores educativos (alunos pais, professores) e das próprias práticas pedagógicas, muitas vezes satirizadas. Trata-se de um dos poucos dispositivos capazes de tornar visíveis as vozes dos alunos na tradução de como empreendem e recriam configurações da situação de ensino. (CATANI; SOUSA, 1999, p.17, grifos da autora).

Os periódicos em exame associavam-se às instituições escolares, permitindo visualizá-las como espaços de motivação e produção. Essas publicações atuaram como recurso pedagógico que colaboraram para o dinamismo das atividades escolares e como atrativo para o exercício da leitura e escrita. Portanto, a ocorrência desses dispositivos servia como auxiliares na formação dos estudantes. Para Bastos (2015, p.30), "Os grêmios estudantis, o Ginásio e o Ensino Médio, especialmente a Escola Normal, são os mais representativos na produção de periódicos estudantis". Essa percepção ajuda a compreender o elevado número de jornais e revistas associados a esse nível de ensino[51].

A análise da documentação mobilizada neste capítulo ocorreu em um duplo movimento. Inicialmente fiz uma exposição dos jornais, classificados a partir dos níveis de ensino e locais de publicação, pois "um jornal escolar, [assim] como a presença de diferentes níveis de escolaridade na cidade, apresenta-se, também, como um indício do 'grau de adiantamento da cidade', sua civilidade e marca o lugar da mesma no Estado" (LOPES, 2016, p.103, grifo do autor). Num segundo momento, discuto o conteúdo que imprimiram,

[51] Ainda que não seja foco deste estudo, há que se considerar a larga tradição existente nos cursos superiores ao longo do Império brasileiro. Para o caso do curso de ciências sociais e jurídicas de São Paulo, cf. Adorno, 1998.

privilegiando algumas abordagens, como educação, escola, estudantes, civismo e as marcas de civilidade. Conforme sugere Amaral (2002), o exame das fontes ocorreu “sem a preocupação de utilizar-se metodologias ligadas à análise de conteúdo ou de discurso, pretende-se apontar o conteúdo desse material, o contexto e os responsáveis por sua produção” (AMARAL, 2002, p.126), além de outros elementos que se fizerem necessários.

2.1.1 Jornais escolares no ensino secundário em Teresina

No período em estudo o ensino secundário piauiense ainda era limitado a um público privilegiado, pois sua oferta se restringia a poucos educandários que se concentravam em Teresina e nas cidades de Parnaíba e Floriano. Para se ter uma ideia, em 1942 havia apenas cinco escolas secundárias na capital e quatro em outras cidades. Em 1946, esse número teria sido elevado para nove educandários em Teresina e cinco no interior (LOPES, 2021).

Em Teresina, a oferta desse nível de ensino ocorria em estabelecimentos da rede pública e privada. O ensino público ficava a cargo do Liceu Piauiense e da Escola Normal Oficial, enquanto ensino privado figurava em outras importantes instituições escolares da capital, dentre elas, as escolas confessionais Colégio Sagrado Coração de Jesus (Colégio das Irmãs) e Ginásio São Francisco Sales (Colégio Diocesano), além do Ateneu Piauiense e Ginásio Dr. Demóstenes Avelino. De acordo com Souza (2008), os estudantes que passavam pelas escolas de ensino secundário recebiam uma formação mais literária do que científica. Portanto, o gosto pela escrita e a leitura também influenciaram na produção de dispositivos que surgiram no meio escolar, dando visibilidade às atividades escolares e aos assuntos educacionais. Os jornais analisados encontram-se elencados no quadro 8:

Quadro 8 – Jornais escolares produzidos em Teresina nas décadas de 1930 e 1940

JORNAL	ANO	INSTITUIÇÃO
A Escola	1933,1936,1937,1943	Escola Normal Oficial
O Ginásio	1933	Ginásio Municipal São Francisco Sales
Voz do Normalista	1937	Escola Normal Oficial
Piauí Novo	1939	Liceu Piauiense
A Luz	1939	Colégio Sagrado Coração de Jesus
Zodíaco	1943	Ginásio Demóstenes Avelino
Folha Estudantal	1946	Centro Estudantal Piauiense
Gente Nova	1946,1947	Ginásio Municipal São Francisco Sales

Fonte: O autor, 2022.

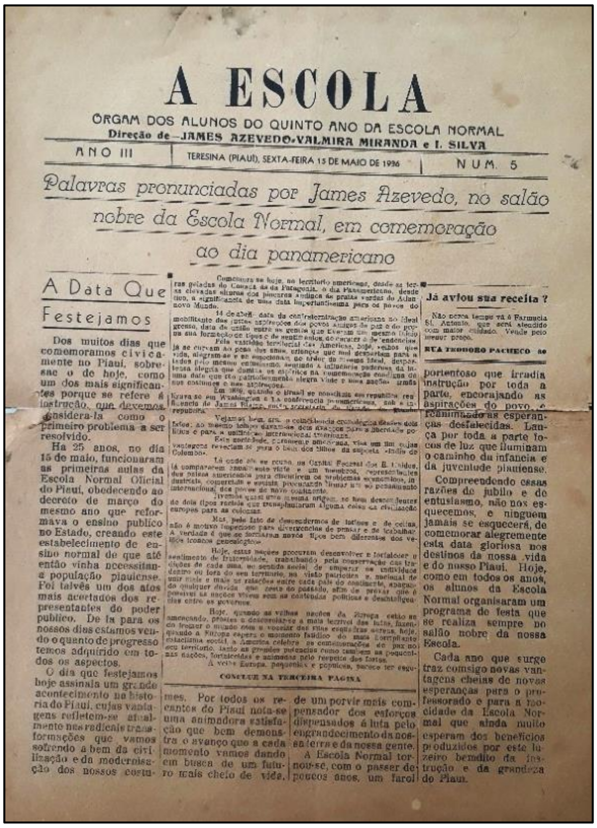
O jornal *A Escola*, "órgão das alunas da Escola Normal Oficial”, em Teresina, foi o ponto de partida da análise. Seu primeiro número circulou em 17 de outubro de 1933 e dessa

data até 1943 foram localizados os fascículos de número 1, 5, 6, 7 e 9. As motivações que levaram ao seu surgimento foram expressadas na edição inaugural:

> Há muito se fazia sentir a falta de um Jornalzinho na escola normal oficial. Eis porque resolvemos converter em realidade a ideia de sua criação, como um veículo aos nossos pensamentos e um exercício intelectual. O soldado para ser bom militar, precisa saber manejar bem o fuzil. Nós, as normalistas – estudantes de hoje, professoras amanhã, precisamos saber manejar bem a pena, para dela nos utilizarmos com eficiência. E como o conseguir se não for por meio de exercícios continuados. Eis aí, leitores, porque surge hoje "A Escola". (O NOSSO, 1933, p.1).

Conforme se vê, a folha foi pensada como uma mídia de disseminação das ideias daqueles estudantes e espaço de publicação de suas atividades. Estava entre as suas finalidades, colaborar para que os estudantes pudessem "saber manejar bem a pena", ou seja, que o impresso fosse utilizado como lugar de exercício de escrita, colaborando para o seu desenvolvimento e aperfeiçoamento na formação das normalistas.

Figura 12 – Jornal *A Escola*, edição n.5, de 15 de maio de 1936



A ESCOLA

ORGAM DOS ALUNOS DO QUINTO ANO DA ESCOLA NORMAL

Direção de—JAMES AZEVEDO-VALMIRA MIRANDA e I. SILVA

ANO III | TERESINA (PIAUÍ), SEXTA-FEIRA 15 DE MAIO DE 1936 | NUM. 5

Palavras pronunciadas por James Azevedo, no salão nobre da Escola Normal, em comemoração ao dia panamericano

A Data Que Festejamos

Dos muitos dias que comemoramos civicamente no Piauí, sobresae o de hoje, como um dos mais significantes porque se refere á instrução, que devemos considera-la como o primeiro problema a ser resolvido.

Ha 25 anos, no dia 15 de maio, funcionaram as primeiras aulas da Escola Normal Oficial do Piauí, obedecendo ao decreto de março do mesmo ano que reformava o ensino publico no Estado, creando este estabelecimento de ensino normal de que até então vinha necessitando a população piauiense. Foi talvês um dos atos mais acertados dos representantes do poder publico. De la para os nossos dias estamos vendo o quanto de progresso temos adquirido em todos os aspectos.

O dia que festejamos hoje assinala um grande acontecimento na historia do Piauí, cujas vantagens refletem-se atualmente nas radicais transformações que vamos sofrendo a bem da civilização e da modernisação dos nossos costumes. Por todos os recantos do Piauí nota-se uma animadora satisfação que bem demonstra o avanço que a cada momento vamos dando em busca de um futuro mais cheio de vida, de um porvir mais compensador dos esforços dispensados á luta pelo engrandecimento da nossa terra e da nossa gente.

A Escola Normal tornou-se, com o passar de poucos anos, um farol portentoso que irradia instrução por toda a parte, encorajando as aspirações do povo, e reanimando as esperanças desfalecidas. Lança por toda a parte focos de luz que iluminam o caminho da infancia e da juventude piauiense.

Compreendendo essas razões de jubilo e de entusiasmo, não nos esquecemos, e ninguem jamais se esquecerá, de comemorar alegremente esta data gloriosa nos destinos da nossa vida e do nosso Piauí. Hoje, como em todos os anos, os alunos da Escola Normal organisaram um programa de festa que se realiza sempre no salão nobre da nossa Escola.

Cada ano que surge traz comsigo novas vantagens cheias de novas esperanças para o professorado e para a mocidade da Escola Normal que ainda muito esperam dos beneficios produzidos por este luzeiro bemdito da instrução e da grandeza do Piauí.

CONCLUE NA TERCEIRA PAGINA

Já aviou sua receita ?

Não perca tempo vá á Farmacia St. Antonio, que será atendido com maior cuidado. Vende pelo menor preço.

RUA TEODORO PACHECO

Fonte: Arquivo Público do Piauí

Periódico pensado para disseminar atividades e concepções estudantis e temas correlatos à educação, *A Escola* foi lançado diante da insegurança de seus responsáveis que

fizeram questão de esclarecer suas incertezas frente a aventura empreendida no mundo das letras. Seu editorial fazia questão de dizer que "[...] somos moços e o entusiasmo nos impele, embora o temor dessa marcha ligeira nos faça divisar mil abrolhos, terríveis obstáculos. Entretanto, confiadas em vós, leitores amigos, qual farol salvador que nos há de iluminar o caminho, cremos que havemos de vencer" (O NOSSO, 1933, p.1). Percebe-se que, embora interessados na instituição daquele projeto, via-se o amadorismo dos seus idealizadores. Havia um desejo latente que os estimulavam a se lançarem na prática do periodismo escolar como meio de exercício e aperfeiçoamento da escrita, além da disseminação de assuntos associados às experiências estudantis e ao desenvolvimento de suas faculdades. Para tanto, *A Escola* mostrava-se ideal para essa prática.

Inicialmente, seu expediente comunicava que o jornal "circula quinzenalmente. Toda a correspondência e colaboração deverá ser dirigida à Diretora, à rua Lisandro Nogueira, n. 2, e, além do pseudônimo usado, deverá trazer o nome do autor" (A ESCOLA, 1933, p.2). Essa periodicidade não se confirmou e basicamente a publicação se deu anualmente durante as comemorações de aniversário da Escola Normal Oficial.

A autorização de funcionamento do Educandário ocorreu em 5 de agosto de 1864, "tendo sua instalação ocorrido a 3 de fevereiro de 1865 e seu regulamento aprovado em 6 de setembro do mesmo ano" (SOARES, 2004. s/p). A partir do período inicial de sua instalação até a primeira década do século XX a instituição viveu uma longa fase de instabilidade. Via de regra, a trajetória da escola foi marcada por contínuas interrupções do governo, justificadas pela falta de recursos ou mesmo pelo reduzido número de matrículas, "[...] até que um grupo de intelectuais criou em 1908 uma instituição não governamental, a Sociedade Auxiliadora da Instrução no Piauí, que tomou para si a responsabilidade da formação docente no estado e instituiu em 1909 a Escola Normal Livre" (SOARES, 2004. s/p). Para efeito de ilustração, observe a figura da fachada da instituição.

Figura 13 – Edifício da Escola Normal Oficial de Teresina, inaugurado em 1924

Fonte: *Carioca* [revista], ano 13, p.4-5, Rio de Janeiro, 18 jan. 1936.

A preocupação desse grupo de intelectuais e a iniciativa de promover a reabertura da Escola Normal como escola livre, levou o governo do Estado a reassumir as responsabilidades com essa instituição em 1910. A partir desse período a instituição conseguiu estabilidade, aumentando gradualmente seu índice de matrícula, a ponto de nas décadas de 1930 e 1940 se inscrever como umas das principais casas de ensino do Piauí. Desde a sua inauguração, a Escola Normal era vista pela sociedade piauiense como uma das principais instituições responsáveis pela expansão da educação e do progresso. Nas páginas do Jornal *A Escola*, foi possível notar que a classe estudantil normalista atribuía ao educandário escola um papel civilizador e principal agência no processo de desenvolvimento educacional do Estado.

No primeiro número do jornal, encontra-se a composição da equipe dirigente, formada pelos seguintes nomes: Ida de Freitas (Diretora), Magnólia Leão Padilha (Redatora-chefe) Isis Pereira da Silva (Gerente). E ainda integrava aquela diretoria, a equipe de redatoras formada pelas normalistas Luísa Maia e Silva, Camelita E. de Moura, Ordantina Sousa e Antônia Brito. Nas outras edições a equipe responsável também era formada exclusivamente por alunas do Estabelecimento. A composição evidencia o caráter quase exclusivamente feminino da formação normalista[52] à época no Estado. Ainda indica o caráter estudantil da

[52] A formação do primeiro normalista homem, após a implantação efetiva da Escola Normal em 1910, aconteceu em 1918. A partir de 1936, alguns homens se formaram nesta escola, ainda assim, o masculino continuou com

publicação que, muito embora se acredite que era supervisionada e orientada pelos professores da escola, sua autoria, edição e publicação partiu do interesse das alunas, pois a maioria dos textos que o compõe foram assinados, com nome, ano e turma das alunas autoras.

Mesmo tendo nessas publicações um instrumento auxiliar na formação dos estudantes, elas ficaram marcadas pelo seu caráter efêmero, com números esporádicos que apareciam em momentos comemorativos, como datas cívicas ou aniversários de escolas. Os números examinados foram publicados sempre em "15 de maio" dos anos mencionados anteriormente, devido às festas de comemorações do aniversário da Escola Normal Oficial do Piauí. Exemplo disso, pode ser notado na edição de 15 de maio de 1936, cujo texto em homenagem ao aniversário da escola teve lugar de destaque na sua primeira página, com o título "A data que comemoramos", que entre outras coisas, enfatizou o relevo dos serviços oferecidos por aquela instituição, conforme se ver no seguinte trecho:

> Há 25 anos, no dia 15 de maio, funcionaram as primeiras aulas da Escola Normal Oficial do Piauí, obedecendo ao decreto de março do mesmo ano que reforçava o ensino público do Estado criando estabelecimento de ensino normal de que até então vinha necessitando a população piauiense. Foi talvez um dos atos mais acertados dos representantes do poder público. De lá para os nossos dias estamos vendo o quanto de progresso temos adquirido em todos os aspectos. (A DATA, 1936, p. 1).

Representação de modernidade e orgulho para os seus estudantes, a Escola Normal era festejada e o seu aniversário considerado um grande evento da instrução no Estado. Essas festividades eram tomadas como constituição da memória e identidade dos seus estudantes. De acordo com Melo (2010, p. 228) "as festas caracterizadas aqui como diretamente relacionadas com a escola, compreende-se que a construção da memória cívica se faz quando se entende como acontece a invenção das tradições no Piauí", de modo que, o jornal em questão integrava suas festividades.

É oportuno destacar um caso interessante que se deu nas comemorações de 15 de maio de 1937, quando, na mesma data, apareceram duas folhas associadas aos estudantes da Escola Normal, *A Escola*, cuja edição foi publicada sob direção das alunas do 3º ano e *Voz do Normalista*. Isso me lembra Amaral (2002, p.123), quando afirma que "os periódicos estudantis, em sua maioria, eram produzidos pelos grêmios de alunos das escolas, embora se tenha notícias da existência de muitos jornaizinhos, com duração efêmera, que surgiram da iniciativa individual de determinados alunos ou turmas específicas".

---

presença quantitativamente pequena no corpo discente da Escola Normal Oficial do Piauí. (SILVA; SALES, ABREU; 2012, p.9).

Com relação a *Voz do Normalista*, a folha foi publicada por estudantes de uma turma daquele educandário, em 15 de maio de 1937[53], definindo-se como "órgão do 4º ano da Escola Normal Oficial". Em sua nota de lançamento, *Voz do Normalista* escreveu:

> Aqui a mocidade se educa para seguir o caminho certo e luminoso da vida, que para o analfabeto não é senão uma longa estrada sinuosa e cheia de espinhos. E nós quartanistas[54] da Escola Normal, que comemoramos entusiasticamente esta data feliz e gloriosa, temos a honra de apresentar ao público teresinense o nosso humilde jornal Voz do Normalista, escrita em orações desprovidas de realce, mas que exprimem positivamente o ideal da mocidade estudantil desta série, como uma justa e sincera homenagem ao estabelecimento de ensino a que nos honramos de pertencer. (AO PÚBLICO, 1937, p.1).

O impresso surgiu no bojo das comemorações do aniversário de fundação do estabelecimento de ensino, destacando que a publicação representava uma homenagem à escola. O número, estruturado em quatro páginas, foi elaborado sob a responsabilidade de Salomé Araújo (diretora), Elmira Barbosa (gerente) e Maria Isaura Silva (redatora-chefe). Por não conter informações de expediente, não foi possível definir sua tiragem, gráfica e preço. O conteúdo de suas páginas versava sobre educação, memórias, temas religiosos e anedotas. As publicações efêmeras do jornal da Escola Normal Oficial circularam, pelo menos, de 1933 até meados de 1943, período das edições catalogadas.

O Ginásio (1933), associado ao curso ginasial do tradicional Colégio São Francisco de Sales, conhecido como "Colégio Diocesano", surgiu com um discurso voltado para o papel da educação na transformação e progresso social. Argumenta que os moços estavam mais aptos a dirigir os povos do que os velhos, devido ao avanço veloz do cérebro. Era a educação que se inscrevia, naquele contexto, como elemento fundamental para o desenvolvimento e modernização da sociedade. Diante dessa conjuntura, o surgimento do jornal foi assinalado a partir de uma indagação: "poderíamos ficar indiferentes a todas essas revoluções, nós que amanhã seremos moços? Não! Absolutamente, não! E eis porque surgimentos" (O GINÁSIO, 1933, p. 1).

O Colégio Diocesano, ao qual o jornal vinculava-se, foi fundado em 1906 e funcionava como "colégio exclusivamente masculino, aceitava alunos internos, semi-internos e externos, para aulas de instrução primária e secundária" (QUEIROZ, 2017, p.57). Rapidamente a escola confessional católica tornou-se um dos mais conceituados do Estado. Sobre a importância dessa instituição, Bello (2021) transcreve um artigo do ex-aluno e ex-diretor, o renomado historiador piauiense, Monsenhor Joaquim Chaves, que assim dizia:

---

[53] Na mesma data também circulou o 6º número de *A Escola*, de autoria dos alunos daquela instituição.
[54] O terno era utilizado para fazer referência aos estudantes do 4º ano da Escola Normal Oficial em Teresina.

> Em pouco tempo o colégio se firmou no conceito das famílias piauienses, as do interior principalmente, que tinham agora lugar seguro e adequado onde colocar seus filhos sem a necessidade de recorrerem às pensões da cidade que, sendo poucas, nem todas eram recomendáveis para jovens. (CHAVES, 1975 *apud* BELLO, 2021, p.134).

Nos anos 1930, o curso ginasial do Diocesano mantinha-se como um dos principais cursos secundários de Teresina e foi nesse contexto que seus estudantes, estimulados pelo educandário, produziram o jornal *O Ginásio*[55]. Esse periódico surgiu visando colaborar para a educação local, que ainda experimentava os primeiros avanços concretos da expansão de sua rede escolar e do progressivo aumento de matrículas. Os idealizadores do jornal afirmavam que trabalhariam para melhorar aquela condição, pois, "no Brasil só há um problema nacional: a educação do povo" (O GINÁSIO, 1933, p. 1). O surgimento do periódico foi recebido com entusiasmo por Paulo Victor. Em seu texto ele enfatizou o papel que o jornal teria, ao se dedicar às questões educacionais.

> Foi com grande prazer que tive a notícia da fundação do *Ginásio* que pela finalidade elevada a que se destina, quer pela revelação que nos traz de mais um surto extraordinário de que só a mocidade é capaz, chamada agora a exercer o apostolado das causas nobres, entre as quais figura relevantemente, pela importância que assume, a da educação, o jornal que ora surge não poderá deixar de alimentar em cada coração uma esperança, de ascender em cada espírito uma centelha de patriotismo. (UM NOVO, 1933, p. 1).

A imprensa local recebeu com boas expectativas a notícia da publicação da folha escolar. Os jornais O *Tempo* e *O Momento* cumprimentaram a publicação, conforme a nota de agradecimento pela boa receptividade do público e da grande imprensa, afirmando o seguinte:

> O aparecimento de O GINÁSIO constituiu um acontecimento bastante significativo nos meios estudiosos e intelectuais da nossa capital, o que bem prova as felicitações que temos recebido de quantos o leram. Prazerosamente agradecemos a todos os que nos distinguiram com o seu acolhimento e com especial carinhos às notícias honrosas que deram do nosso aparecimento os muito e merecidamente conceituados paladinos da imprensa teresinense, "O Tempo" e "O Momento". (O APARECIMENTO, 1933, p.2, grifos da autoria).

Interessante notar que o impresso criado sob a égide de uma instituição confessional católica estabeleceu seu programa a partir da tríade "Instrução, Religião, Educação". A edição empreende essa posição quando sublinha: "Trabalharemos pela causa sacrossanta da 'Educação', convictos de que o homem sem 'Religião' perde um pouco da sua racionalidade,

[55] Na década de 1940 uma agremiação do Colégio Diocesano fez circular o jornal *Gente Nova, também,* analisado neste estudo.

e que um povo sem ‘Instrução’ servirá apenas para instrumento de exploração dos povos civilizados [...]” (O GINÁSIO, 1933, p. 1).

Figura 14 – Edição n.1, de *O Ginásio* (1933)

O GINASIO

O Ginasio

O castigo do maldizente

CONCURSO PARA RAINHA DOS ESTUDANTES

Fonte: Arquivo Público do Piauí

A necessidade de educação e instrução constituíam problemas da nação, à época. Número de escolas, professores, alunos, matrículas e frequência denunciavam o problema da oferta de ensino no Brasil[56]. Os estudos em volta dessa questão dão ênfase aos debates acentuados, desde a década de 1920, envolvendo intelectuais e políticos[57] amparados nas concepções da Escola Nova, discutiam a necessidade de promover reformas que possibilitassem a ampliação da oferta de educação pública, universal e gratuita. Esse movimento propagou-se por todo o país, resultando em reformas educacionais que tiveram importância substancial na ampliação e desenvolvimento da educação nacional.

Os números um e dois de *O Ginásio*, correspondentes a 25 de outubro e 23 de novembro de 1933, respectivamente, dão conta de informações sobre sua periodicidade,

[56] Essas questões foram discutidas anteriormente no primeiro capítulo.

[57] Para mais informações ver: MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck; VIDAL, Diana Gonçalves; ARAÚJO, José Carlos de Sousa. *Reformas educacionais*: as manifestações da Escola Nova no Brasil (1920 a 1946). Autores associados, Uberlândia, MG. EDUFU, 2011 (Coleção memória da educação). A obra reúne pesquisadores que apresentam resultados de pesquisas sobre as reformas e embates educacionais contemplando várias partes do país.

endereço, valores e diretoria. O expediente da primeira edição, dizia sobre o impresso: "circula três vezes por mês, em dias não determinados" e segue dando conhecimento de que "A correspondência deverá ser dirigida à rua Campos Sales, 41. Os originais não serão devolvidos, mesmo que não sejam publicados" (O GINÁSIO, 1933, p.2). Os nomes do diretor, Moacir M. Campos, e do redator-chefe, Jonas Cavalcante, foram divulgados em um quadro superior na primeira página. Seus números avulsos eram vendidos a 200 réis, enquanto era cobrado o valor de 300 réis pelos números atrasados.

No segundo número do jornal, as informações do seu expediente foram resumidas em um pequeno quadro, no canto superior direito da página inicial, com a identificação dos redatores Castelo Branco, Aluízio Ribeiro, Luiz Couto e Gerson Bozon, além do gerente Valdir Fortes. Enquanto os textos, em sua maioria, foram assinados por alunos, seu conteúdo estava associado a uma variedade de temas, dando destaque às questões ligadas ao civismo, esporte, humor, concursos de rainha dos estudantes, contos, poesias e notas sociais com homenagens, notícias e avisos. Muito embora o jornal tivesse planos de circular três vezes por mês, isso não se concretizou porque a segunda edição só veio a sair, praticamente, um mês após a edição inaugural, o que indica certa dificuldade, talvez financeira, no processo de elaboração e publicação da folha.

A Luz foi o órgão do curso ginasial do Colégio Sagrado Coração de Jesus (Colégio das Irmãs). Esse jornal chegou às mãos dos seus leitores em 4 de abril de 1939. Na edição daquele dia, foi publicada uma nota sobre o seu surgimento dirigida ao público da seguinte maneira:

> *A LUZ*
> Eis o nome escolhido para o nosso jornalzinho. *A LUZ*, recentemente fundado, é o órgão do curso Ginasial, do Colégio do Sagrado Coração de Jesus. O Ginásio não podia ficar sem um jornal, pois como é sabido, ele educa, instrui e por meio dele conhecemos as ideias e pensamentos de cada cristão. [...] Colegas! Esforcemo-nos pelo nosso jornalzinho e teremos cumprido um grande dever para com a Pátria [...]. Trabalhar pelo jornalismo é trabalhar pela pátria. As alunas que colaborarem para o jornal, quiçá venha ser mais tarde o orgulho da terra do imortal DA COSTA E SILVA. [...] Para podermos obter êxito, no jornalismo é preciso que sejamos religiosas que interessem de perto as criaturas cristãs. [...] O jornal é um companheiro indispensável do homem. Façamos de *A LUZ* o nosso companheiro neste querido Colégio do S. CORAÇÃO DE JESUS. (ARAÚJO, 1939, p.1, grifos da autora).

O texto deu destaque à finalidade do jornal e à influência religiosa que se configuraria como umas das características principais do impresso. Segundo transcrições publicadas em *A Luz*, o seu aparecimento foi noticiado pelos principais jornais de Teresina. Ao agradecer-lhes, transcreveu as notas que lhes foram encaminhadas pelo *Diário Oficial*, *O Tempo* e *Monitor*. Essas folhas davam conhecimento de suas expectativas pelo surgimento do jornal das alunas:

> *A LUZ* – Sob este sugestivo título surgirá brevemente, sob a direção bem organização da gentil e prendada senhorita Aldeci Araújo, um jornal que representará o pensamento das inteligentes alunas do curso ginasial do Colégio do Sagrado Coração de Jesus, de nossa capital. *DIÁRIO OFICIAL*, de 30-1-1939.
>
> Circulará no próximo mês de abril nesta capital, o jornal *A LUZ*, órgão do curso ginasial do Colégio do S. Coração de Jesus que terá como redatora-chefe, a jovem preparatoriana Aldecí Araújo. *O TEMPO*, de 2-2-1939.
>
> *A LUZ* – É esperado com ansiedade esse jornal que será o porta-voz das alunas do curso ginasial do Colégio do S. Coração de Jesus, das devotadas Irmãs Catarinas. Assumirá a direção desse nosso colega de imprensa a inteligente colegial Aldeci Araújo, que de início, é segura garantia da vitória para o novo órgão, a quem demos, desde já, a nossa absoluta solidariedade. *MONITOR*, de 18-2-1939. (*A LUZ*. 1939, p.2, grifos da autoria).

O primeiro número, de 4 de abril de 1939, revelou um jornal escolar com influências cristãs católicas, justificadas pelo caráter confessional do educandário a qual estava vinculado, pois o Colégio Sagrado Coração de Jesus, fundado em 1906, e conhecido como Colégio das Irmãs, em consequência de sua fundação ter partido de um grupo de freiras italianas da Congregação das Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena. O educandário "[...] provavelmente foi criado como um espaço para a absorção do alunado feminino oriundo das camadas abastadas, quer de Teresina, quer do interior do Piauí. É o que se depreende das altas mensalidades a que as alunas, internas e externas, estavam submetidas" (QUEIROZ, 2017, p.55). Segundo Queiroz (2017) e Bello (2021), a escola foi criada para oferecer uma educação primária cristã ao público de sexo feminino, funcionando em regime de internato, semi-internato e externato.

Na década de 1930 a escola passou por importantes transformações. Em 1931 foi equiparada à Escola Normal Oficial[58] e em maio desse mesmo ano, teve o curso pedagógico ofertado com o apoio do poder público estadual. Mais tarde, em 1935, um jardim de infância passou a funcionar no educandário e, em 1938, surgiu ali o curso ginasial que teve sua equiparação e legalidade definitiva em 1946.

Conforme sugere a epígrafe deste capítulo, o caráter religioso da escola, influenciou diretamente no conteúdo divulgado nas páginas de *A Luz.* Nesse aspecto, muito embora o jornal abordasse assuntos diversos, havia uma aproximação com o viés religioso. Nos três números consultados, publicados em 1939, foram verificadas matérias relacionadas à rotina interna da escola, relatos de atividades, movimento estudantil, homenagens às autoridades, reflexões morais, notas de humor, além de outros temas. Parte dessas publicações foram

[58] A equiparação se deu através do Decreto n. 1.213, publicado no Diário Oficial de 11 de abril de 1931.

assinadas pelas estudantes do Educandário, enquanto outros textos não tiveram sua autoria revelada.

O boletim *Zodíaco* foi criado como órgão oficial do Centro Cultural Lima Rebelo, associado ao Ginásio Dr. Demóstenes Avelino. Seu primeiro número chegou ao público em 30 de maio de 1943, seguido de mais quatro edições naquele ano. A apresentação do jornal ocorreu de forma metafórica, uma vez que refletia as razões da improdutividade do homem, comparando-o à terra. “A terra, que poderia ser um jardim, é quase um deserto. Por quê? Se não lhe falta o poder telúrico, o sopro vital, a eclosão transfiguradora, e a seiva aí está para a festa germinal das sementeiras?” (MENSAGEM, 1943, p.1).

Figura 15 – Edição n.1, de *Zodíaco* (1943)

ZODÍACO

BOLETIM ÓRGÃO OFICIAL DO CENTRO CULTURAL "LIMA REBELO"

—Aonde me levas tú, sonho ingênuo de glória?

—Ao Zodíaco! Ao Zodíaco!

DA COSTA E SILVA

ANO I | Teresina, Piauí, Domingo, 30 de Maio de 1943 | NÚMERO 1

MENSAGEM

A TERRA, que podia ser um jardim, é quasi um deserto. Por que? Se não lhe falta o poder telúrico, o sôpro vital, a eclosão transfiguradora, e a seiva aí está para a festa germinal das sementeiras?

Por que êsse chão, que é nosso, se obstina, àvaramente, em regar à nossa seára o melhor pão do nosso trigo? Por que essa fuga covarde a nosso destino espiritual?

* * *

Companheiros; *ZODIACO* já não é a primeira semente. Nós precisamos vencer a obstinação da terra. Nós viemos para ela. Se nós não nos vincularmos intimamente à sua profunda força criadora, se nós não acordarmos o messianismo das raízes, se nós não realizarmos o sentido de redenção que deve estar no mais alto da nossa mensagem, então não poderemos mais recriminar a aridez do solo. Porque fomos nós próprios que nos regamos.

* * *

Não há dúvida que o poeta tinha razão quando disse que "a hora é expessa". Nunca foi, na verdade, tão violentamente adverso à pura atividade espiritual o instante universal que vivemos. O frenesi ideológico-materialista de hoje rarefez perigosamente a atmosfera para as desinteressadas peregrinações do pensamento. Mas sabemos que, por isso mesmo, nunca foi mais densa de dramaticidade e significação humana a tragédia do espírito em meio à alucinação geral.

Nossa luta é do lado do Espírito. Dos que ainda não se geometrizaram, nem se mecanizaram. Dos que ainda têm forças para acreditar numa recondução redentora.

* * *

"—Aonde me levas tú, sonho ingên[illegible] de glóri ?"

"—Ao Zodíaco! Ao Zod[illegible]co!"

* * *

Nosso sonho continúa...

PELA INSTRUÇÃO DO PIAUI

JOÃO BASTOS
(Diretor do D.E.E.)

NO TRABALHO "*Ligeira notícia sôbre o Ensino Público*" — 1936, o erudito professor Anísio Brito, como Diretor Geral do *Departamento de Ensino do Estado do Piauí*, diz, depois de seguros e documentados argumentos: "sob o aspecto educacional, nada deve o Piauí aos jesuítas, que tiveram bem diversa função neste trecho do país. Foram criadores. E na lida de o mpo não lhes sobrou tempo a cuidar de outro labor, senão aquele da fazenda..."

Essa bela publicação do dr. Anísio Brito, que, tendo prestado inúmeros serviços públicos ao Estado, hoje está recolhido a vida privada, em consequência de uma honrosa aposentadoria, muito nos orienta ainda nesta apreciação, porque, justiça seja feita, o trabalho é de alto valor na história do ensino do Piauí.

* * *

Dez anos depois de nossa independência política, em 1832, em todo o território piauiense, apenas cinco cadeiras se achavam providas: duas em *Oeiras*, e uma em cada uma das vilas de *Valença, Campo Maior e Parnaíba*.

Vinte anos depois, na presidência do Conselheiro — José Antônio Saraiva, o Piauí registou, em dados esparsos, êste número de cadeiras e de alunos na Província:

1853 — 32 cadeiras — 620 alunos
1854 — 30 " — 622 "
1855 — 32 " — 807 "
1856 — 33 " — 833 "
1857 — 34 " — 968 "

A 13 de setembro de 1859, foi instituída a Diretoria Geral da Instrução Pública, seguindo-se o seguinte quinquênio do ensino primário:

1860 — 38 cadeiras — 963 alunos

(Continúa na segunda página)

Fonte: Arquivo Público do Piauí

Seu surgimento teria sido uma tentativa de responder esse questionamento. Ainda conforme a mensagem, o boletim foi anunciado da seguinte forma:

> Companheiros; *ZODÍACO* já não é a primeira semente. Nós precisamos vencer a obstinação da terra. Nós viemos para ela. Se nós não nos vincularmos intimamente à sua profunda força criadora. Se nós não acordarmos o messianismo das raízes, se nós não realizarmos o sentido de redenção que deve estar no mais alto da nossa mensagem, então não poderemos mais recriminar a aridez do solo. Porque fomos nós próprios que regamos. Não há dúvida que o poeta tinha razão quando disse que ‘a hora é expressão’. Nunca foi, na verdade, tão violentamente adverso à pura

> atividade espiritual o instante universal que vivemos. (MENSAGEM, 1943, p.1, grifo da autoria).

Regar a seara do espírito seria a maneira possível de tornar aquele momento ilustrado pela terra desértica em um jardim. A forma de regar estava relacionada ao desenvolvimento intelectual dos sujeitos por meio do envolvimento nos assuntos de interesse da sociedade. Para isso, a imprensa era o veículo mais utilizado para se posicionar acerca das questões em volta daquele presente. Cientes disso, as casas de ensino lançavam mão do periodismo para instruir os estudantes e a sociedade sobre as atividades e programas desenvolvidos.

Quadro 9 – Edições consultadas do jornal *Zodíaco*

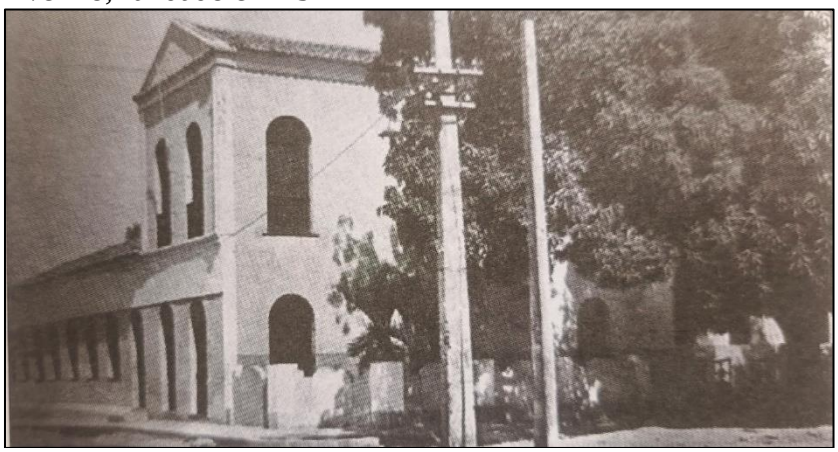
Ano	Nº	Data	Nº Pág.
1	1	30 de maio de 1943	12
1	2	11 de junho de 1943	12
1	4	27 de outubro de 1943	10
1	5	1 de dezembro de 1943	12

Fonte: O autor, 2022.

Impresso em 12 páginas, tinha como logradouro a rua Machado de Assis, número 1733. Era "orientado e dirigido pelo departamento literário" e os valores cobrados nas duas primeiras edições eram de 2,00 Cruzeiros para os números do dia e 2,50 para os atrasados. Nos números mencionados, não constavam informações tipográficas e também não foi possível definir a quantidade de números e o ciclo de vida, devido às razões que já foram discutidas anteriormente.

As vinculações institucionais ajudam a compreender o lugar que o impresso ocupava na cena educacional piauiense. O Centro Cultural Lima Rebelo, do Ginásio Dr. Demostenes Avelino foi fundado em 1 de dezembro de 1942, pelo professor Felismino de Freitas Weser. O educandário surgiu com o propósito de oferecer estratégias que estimulassem a formação cívica por meio de práticas voltadas para a produção cultural. Dessa forma, "o Ginásio Dr. Demóstenes Avelino constava de atividades literárias e disciplinares que objetivavam formar o caráter dos alunos para o exercício patriótico. Uma disciplina muito rígida e qualquer falta ocorria em penalidade proporcional a sua gravidade. (FREITAS; SOUSA; FREITAS, 2009, p.140).

Figura 16 – Prédio onde funcionou o Ginásio Dr. Demóstenes Avelino, fundado em 1942



Fonte: Freitas; Sousa; Freitas, 2009.

Freitas, Sousa e Freitas (2009, p.150) destacam que a escola seguia um rígido disciplinamento inspirado no tratamento militar e "a moral era trabalhada nos moldes coercitivos. O civismo permeava toda atividade educacional [...] e o regime militar era a garantia da ordem". Esse modelo educacional do Ginásio era representado por um "Batalhão Escolar" que recebia instrução militar e mantinham uma hierarquia que se assemelhava ao exército.

Embora tivesse esse perfil militarizado, o Ginásio foi reconhecida por desenvolver atividades culturais como métodos de ensino, entre as quais se destacava a utilização da música, a prática da educação física e a criação de periódicos, nos quais "os literatos e alunos escreviam artigos e poesias sobre diversos temas, mas principalmente sobre civismo e educação" (FREITAS; SOUSA; FREITAS, 2009, p.150), o que demonstra que as publicações mantinham uma estratégia de formação alinhada à conjuntura política da época. O Ginásio encerrou suas atividades em 1972.

O conteúdo do boletim trata de uma diversidade de assuntos que interessavam ao público escolar, especialmente voltados para as reflexões sobre as pautas educacionais e a formação modelar da classe estudantil. O jornal não possuía seções fixas e suas abordagens versavam em torno das questões educacionais em âmbito local, saúde escolar, crítica literária, discursos cívicos, celebrações à pátria, poesias, homenagens, biografias, memórias e propagandas comerciais. Os textos foram assinados por estudantes, professores e outros colaboradores, entre os quais literários e políticos que recorriam ao impresso para divulgar suas produções e atividades.

Gente Nova foi o segundo jornal catalogado vinculado ao Colégio São Francisco de Sales. Foi editado por uma agremiação litero-musical daquele estabelecimento e teve números

que circularam na década de 1940. Foram examinadas as edições de número 3, 4, 8 e 22 publicadas entre 1946 e 1947. Editado em quatro páginas impressas sobre um papel de textura áspera e de qualidade reduzida, seu conteúdo encontra-se distribuído em colunas não uniformes variando entre três, quatro ou até mesmo cinco colunas.

Figura 17 – Jornal *Gente Nova*, edição de 8 de junho de 1946.

GENTE NOVA

ÓRGÃO DO GRÊMIO LÍTERO-MUSICAL "MONS. BOSON", DO COLÉGIO S. FRANCISCO DE SALES

Diretor: JOSÉ RIBAMAR PACHECO

ANO I — Teresina — Piauí — Sábado, 8 de junho de 1946 — NUM. 3

A CONFISSÃO é a humildade e esta virtude não rebaixa ninguém. Só têm medo dela os iludidos e os que têm a consciência da sua mediocridade. — Serras e Silva

A Educação no Brasil

M. PAULO NUNES

Dados os fatores que corromperam em muitos povos o verdadeiro sentido educacional, tratemos agora do problema em relação ao Brasil, que é o que mais de modo especial nos deve interessar, nesta hora crítica da Nacionalidade, dada a maneira com que ele aqui tanto tem sido descurado.

Pois, diante do quadro lamentável de misérias resultantes da nossa completa deficiência no terreno da Educação, um imperativo geral se impõe à consciência de todo o educador, e, de modo absoluto, ...

... lações laboriosas, em virtude da ignorância que se permite grassar no seu seio. Isto, acrescido de todos os males físicos e morais que resultam do analfabetismo que as envolve.

Não há, acima de tudo, a formação de uma elite capacitada para guiar os destinos do povo. O Fascismo, que foi introduzido na nossa educação, tentando também uma orientação padronizada, só veio contribuir para o estiolamento do espírito de elite, que ainda possuímos. Daí, a falta de orientação segura no rumo do ...

O Homem e o Livro

JOSÉ BRIGIDO

Livros e homens: iguais destinos...

CASA ALVES
DE
Francisco Alves Cavalcante
Fundada em 1915 em Campo Maior, com Filiais em Teresina e Batalha, compra generos de exportação pelos melhores preços da praça.
Teresina — Piauí

CENTRO AUTOMOBILISTICO
Grande sortimento de peças e acessorios para automoveis em geral
Recebedores das afamadas Baterias Prest-O-Lite
END. TEL. — JOTAVERAS — TELEFONE N. 114
J. Veras & Cia.
Matriz — Rua Barão do Rio Branco, 730 — Fortaleza — Ceará
Filial — Rua Simplício Mendes, 177 - S — Teresina — Piauí

Itinerante Ilustre

Coluna Catequetica

Casa Machado
— DE —
Manoel Domingos Machado
Rua Jonatas Batista, 1343

Fonte: Arquivo Público do Piauí

Segundo consta o expediente do seu terceiro número, de 8 de junho de 1946, o periódico definia-se como “órgão do Grêmio Lítero-musical Monsenhor Boson, do Colégio São Francisco de Sales”. (GENTE NOVA, 1946, p.2).

O título “Gente Nova” faz uma referência aos agentes responsáveis pelo jornal e ao público a que se direcionava, assim como o seu subtítulo demarca a sua vinculação institucional. O expediente listou os seus responsáveis: A. Freitas, o redator-chefe: Ribamar Oliveira, seu diretor-secretário: Olavo Mendes Carvalho, o gerente: Francisco Pereira da Silva e os redatores: Raimundo Batista, Luiz Vitorino, Moreira Ramos, Leite Irmão, Francisco Frota e Renato Dobal. *Gente Nova* diz ter sido impresso nas oficinas da Empresa Gráfica “O Piauí”.

Em nenhuma dessas edições foi possível identificar os valores de venda do jornal. A falta de indicação dos valores do periódico pode indicar uma questão muito comum nesse tipo de imprensa que diz respeito à pouca preocupação com o seu caráter comercial. Isso não implica dizer que os responsáveis não davam importância à venda dos impressos. Obviamente a arrecadação de receita era fundamental para manter suas publicações. Um indicativo das estratégias para coleta de receitas para fazer circular o jornal pode ter relação com as propagandas comerciais contidas em suas páginas. Cada número observado contém propagandas dos mais variados tipos de negócio, entre os quais movelaria, chapelaria, tecido, farmácia, consultório odontológico, alimentos, além de outros.

Do ponto de vista de seu conteúdo, *Gente Nova* trazia um conjunto de enunciados relacionados aos mais variados assuntos de interesse dos estudantes, dos demais agentes daquele estabelecimento e da sociedade letrada. Por se tratar de uma escola confessional católica, muitos dos temas abordados dão ênfase à educação e ensino com um viés voltado para os valores morais e cristãos. As produções literárias, especialmente as poesias, também tomam lugar de destaque no impresso.

2.1.2 Periódicos escolares em Floriano e Parnaíba

Parnaíba e Floriano, cidades situadas em regiões distintas do Estado – a primeira na região litorânea, ao norte e a segunda na região sul – foram espaços de produção de jornais produzidos por escolas e seus agentes. A ocorrência desses dispositivos nessas cidades se dava, entre outros aspectos, devido ao relativo nível de desenvolvimento que vivenciavam, sendo consideradas, no período em estudo, ao lado de Teresina, as principais cidades do Estado.

O desenvolvimento econômico dessas cidades influenciou a cultura local, promovendo transformações urbanas como intensificação do comércio, transportes, iluminação pública, edificações modernas, escolas, espaços de lazer e diversão que modelavam as relações de sociabilidades. Junta-se a isso a necessidade de fazer circular as informações. A imprensa e a produção de periódicos escolares foram inseridas nesse contexto, dando destaque às questões de interesse dos estudantes, da escola e da educação. A partir dessa perspectiva, procurei analisar a produção de periódicos escolares dessas cidades. No quadro 10, encontra-se organizado em ordem cronológica os jornais escolares de Floriano e Parnaíba analisados na pesquisa.

Quadro 10 – Jornais escolares das cidades de Floriano e Parnaíba

CIDADE	JORNAL	ANO	INSTITUIÇÃO
Floriano	*A Luz*	1930,1931,1932	Liceu de Floriano
	O Estudante	1931	Mocidade Estudiosa de Floriano
	Voz Estudantal	1936	Centro Estudantal Fernando Marques
	O Astro	1937	Instituto Santa Teresinha de Jesus
Parnaíba	*Clarim*	1939, 1940	Escola de Comércio da União Caixeiral
	O Renascimento	1946,1947, 1948	Centro Estudantal Parnaibano

Fonte: O autor, 2022.

Para estudar os dispositivos elencados foi necessário analisar também os aspectos educacionais e o desenvolvimento econômico e social dos lugares onde circularam. Pretende-se com isso entender as circunstâncias que tornavam Floriano e Parnaíba importantes centros urbanos do Estado.

A cidade de Floriano, situada na margem direita do rio Parnaíba, que divide o Piauí do Maranhão, a uma distância de 262 quilômetros ao sul da capital. De acordo com o Almanaque do Cariri (1952, p.635), "a causa determinante do povoamento da cidade vem da fundação do Estabelecimento Rural São Pedro de Alcântara, no lugar denominado Chapada da Onça, na antiga Vila da Manga em terreno do município de Jerumenha, no ano de 1874". Desde o início do século XX, o comércio e a indústria foram um ponto de destaque do lugar, principalmente, devido à sua posição privilegiada, sendo considerado um dos maiores polos do Estado, o principal empório comercial da região sul. Nas décadas de 1930 e 1940, a vida econômica e social de Floriano girava em torno das atividades desenvolvidas no cais do rio Parnaíba que servia de porto da cidade. Nunes Filhos (2013) argumenta,

> A vida econômica e social da cidade se dava nas proximidades das margens do rio. A chegada e saída dos vapores, a movimentação de pessoas, o transporte de mercadorias, a vida boêmia, com os bares e cabarés, a movimentação intensa dos marinheiros dos vapores chamados de porcos d'água - estivadores, vareiros, homens que conheciam as profundidades do leito do rio, desviando as embarcações dos bancos de areia submersos - pessoas que estavam na cidade tratando de negócios, e as chamadas mulheres damas, formavam um universo multicolorido, intenso e ininterrupto, que dava vida à cidade durante as vinte e quatro horas do dia. (NUNES FILHO, 2013, p.134).

Do ponto de vista cultural, a partir da década de 1920, a cidade começou a empreender em espaços voltados para esse fim, estendendo-se às décadas posteriores. Com o objetivo de oferecer ambientes mais aprimorados para programas culturais destinados aos setores mais abastados da população, foi criado o Cine Teatro Polyteama, uma imponente casa de espetáculo que despertava admiração pela suntuosidade. Ali, "[...] importantes companhias teatrais procedentes dos grandes centros como o Rio de Janeiro, que passaram a movimentar a

vida cultural da cidade, e nos anos seguintes, despertando na própria juventude local talentos que se destacavam em ótimas apresentações de dramas, peças teatrais, comédias etc". (NUNES FILHO, 2013, p.140).

Na década de 1930, o complexo cultural denominado *Cine Natal*, formado por diversas atividades recreativas como bar, cassino e sorveteria promoviam entretenimento e sociabilidade na composição dos espaços urbanos da cidade e constituíam signos de modernidade e civilidade que se forjava em Floriano. A educação se integrava a esse panorama através da ampliação da rede escolar que também experimentava avanços consideráveis durante o período.

> Também na educação a cidade foi sendo dotada de várias escolas, como o educandário denominado "24 de Fevereiro" fundado pelo Monsenhor Lindolfo Uchôa, um grande educador, que projetou a educação da cidade para outras paragens distantes, de onde vinham jovens para fazer os "preparatórios" de ingresso no Liceu Piauiense. Em 1928 é fundado o primeiro grupo escolar do município que recebe o nome de Agrônomo Parentes, na primeira e única homenagem, feita ao fundador da cidade. Na década de 1930 foi criado o primeiro ginásio da cidade, como também uma escola Normal municipal para a formação de professores. Em 1936 é fundado o Ginásio Santa Teresinha, uma escola que se tornou uma referência regional, devido à qualidade do ensino que proporcionava, tendo funcionado de forma ininterrupta durante mais de cinquenta anos. (NUNES FILHO, 2013, p.141).

A força do comércio, as transformações culturais e os avanços educacionais foram elementos importantes para o surgimento de jornais que logo se transformaram nos principais veículos de comunicação da cidade. De acordo com Demes (2002), *SERIP* (1911), *O Popular* (1912), *Cidade de Floriano* (1919), *Floriano* (1925), *O Libertador* (1925), *A Liga* (1934), *Correio do Sul* (1936) e *A Luta* (1936) foram alguns dos principais periódicos da cidade entre o início do século XX até meados da década de 1930. Houve, porém, com o advento do Estado Novo, uma estagnação desses impressos, principalmente devido às restrições impostas pelo DIP que só ganharia novo impulso na fase posterior. Entre os jornais escolares e estudantis, Demes enfatiza que o primeiro

> [...] que circulou em Floriano (1916) foi o *IDEAL*, órgão do Grêmio 11 de Agosto, dirigido pelos jovens Hugo Vitor Guimarães, Agripino Castro e Cícero Neiva. Do mesmo Grupo de jovens seguiu-se O *LÍRIO*. A partir desse período, o jornal no gênero, em importância, foi o *LIVRO*, mensário dos alunos do "Colégio 24 de Fevereiro". (DEMES, 2002, p.496-497, grifos da autora).

Além desses periódicos, Demes (2002) ainda menciona mais dois periódicos da década de 1940, que foram *O Astro* (1941) e *Mocidade* (1945). Entretanto, os jornais examinados neste estudo não integram a sua lista.

Em Floriano, à medida que a educação avançava, a imprensa foi ganhando espaço junto às escolas e estudantes, responsáveis pela circulação de alguns impressos pela cidade. Nessa perspectiva, os jornais escolares publicados em Floriano na década de 1930, e que compõem o corpus documental analisado, são: *A Luz* (1930 - 1932), *O Estudante* (1931) e *Voz Esudantal* (1936) e *O Astro* (1937) que foram produzidos por estudantes do Liceu de Floriano, da Mocidade Estudiosa de Floriano, do Centro Estudantal Fernando Marques e do Instituto Santa Teresinha de Jesus, respectivamente. A figura 18 mostra um painel com exemplares desses jornais cujo surgimento, bem como outros aspectos, são discutidos a partir de agora.

Figura 18 – Painel de jornais escolares de Floriano da década de 1930

Fonte: Arquivo Público do Piauí; Memória do Jornalismo Piauiense. Disponível em: http://memoriadojornalismopi.com.br/. Acesso: 15 maio 2021.

O jornal *A Luz* surgiu através da iniciativa dos alunos do Liceu Municipal de Floriano e se autodefinia como "órgão das classes estudantinas do Liceu de Floriano". Tem-se notícia

de pelo menos cinco números do jornal (1, 2, 3, 4 e 7) que circularam entre 1930 e 1932. A criação do impresso estava associada ao desejo de dar publicidade às atividades desenvolvidas pelos estudantes liceístas. David Damasceno assinou uma interessante nota em que justifica o seu surgimento, sinalizando para o seu caráter pedagógico e espaço de superação da ignorância e desenvolvimento de suas inteligências. Ele diz o seguinte:

> Surge mais um jornalzinho, órgão destinado aos trabalhos fecudantes da criançada estudiosa. Nele vão melhor cultivando sua inteligência, ampliando seus conhecimentos. São, pois, os arautos do engrandecimento da Pátria; são pequenos heróis que lutam rompendo pouco a pouco as trevas da cegueira - a ignorância. (DAMASCENO, 1930, p.1).

O combate à ignorância foi divulgado como bandeira de luta dos estudantes que fariam das páginas do jornal um suporte auxiliar nessa empreitada, tornando-os úteis para o desenvolvimento da nação. “Brasileirinhos fortes, resolutos! De pequenos já vão compreendendo o civismo, dando combate a vida, repelindo a grande inimiga da instrução que penetra em seus corações” (DAMASCENO, 1930, p.1). *A Luz* surgiu pouco depois da criação do Liceu de Floriano, inserido em meio a um contexto de efervescência cultural da cidade. A respeito do surgimento do referido educandário, Lopes (2001), argumenta que o movimento em torno da criação do Liceu e de uma escola normal deu-se devido à crescente demanda por instrução secundária ocasionada pelo desenvolvimento econômico da cidade. O autor argumenta que,

> Floriano, assim como Parnaíba no norte, era o mais importante centro comercial do centro-sul do Piauí. Sua economia baseava-se, essencialmente, na exportação de produtos do extrativismo (principalmente borracha de maniçoba, cera de carnaúba e coco babaçu). Essa condição fazia com que Floriano tivesse estreito relacionamento comercial com Parnaíba, o que foi fator desencadeador da mobilização em torno da implantação de seu Liceu e da sua Escola Normal. (LOPES, 2001, p.89).

As tratativas para a criação do Liceu de Floriano tiveram início em 1929 e a ideia era de que os educandários seguissem o mesmo modelo daqueles já instituídos em Parnaíba. O movimento resultou na notícia da fundação do educandário, anunciado em julho daquele ano, o que “expôs a concepção elitista da proposta, vinculando-a à capacidade da elite econômica-dirigente da região” (LOPES, 2001, p.90). A respeito da sua fundação e dos prédios onde funcionou nos seus primeiros tempos, uma estudiosa da história da cidade argumentou o seguinte:

> Foi em julho de 1929 que se deu o grande passo no setor educacional, com a criação pela Lei Municipal n. 125, de 22 do mesmo mês e ano, do primeiro estabelecimento de instrução secundária em nossa cidade – o Liceu Municipal de Floriano, graças a larga visão do extraordinário homem público, Dr. Osvaldo da Costa e Silva, que na ocasião respondia pela intendência, por motivo da ausência do titular, Dr. Fernando Marques, que se encontrava no exercício das funções de deputado estadual, estimulado pelo grande educador, Sr. José Pires Rebelo, que se encontrava em Floriano, objetivando a fundação de estabelecimentos de ensino secundário. Foi o Liceu inaugurado oficialmente em solenidade realizada na noite do dia 25, no decorrer da magistral conferência proferida pelo ilustre visitante, dentro de um clima de muito entusiasmo, em regozijo ao feliz evento. O Liceu Municipal de Floriano teve a sua primeira localização no prédio de propriedade do comerciante Florêncio Miranda, na atual Avenida Getúlio Vargas, onde se realizaram os exames de admissão. No ano seguinte transferiu-se para o casarão de Marinho Queiroz, que abrigava no momento o Grupo Escolar "Agrônomo Parentes", o qual por sua vez deslocou-se para o prédio onde se situa atualmente o Supermercado Triunfo. (DEMES, 2002, p.510-511, grifos da autora).

Além das transformações educacionais, com a chegada do referido educandário, por iniciativa dos agentes públicos, ares de modernidade pairavam sobre a cidade e se percebia uma euforia relativa aos avanços culturais alcançados. O próprio jornal dizia que "[...] nenhuma outra cidade do Piauí, depois da capital, tem tido neste ponto o triunfo que ela vai alcançando" (MARCHAMOS, 1930, p.3). Junto ao teatro e às escolas, a imprensa inscrevia-se como signo de relevância e progresso para aquela sociedade, o que justificava a existência do jornal. O trecho que se vê a seguir ajuda nesse entendimento ao dizer que,

> Podemos julgar pela imprensa, Theatro da Luz e de talento, deixando de parte os colégios, causa eficiente desse resultado tão satisfatório. Este é realmente o ponto que Floriano culmina - na imprensa. Com prazer vemos a marcha triunfante dessa incomparável Floriano onde se publicam com assiduidade cinco periódicos atestando sita e eloquente que somos amigos do trabalho e dados às letras e ao progresso. (MARCHAMOS, 1930, p.3).

A imprensa integrava o contexto cultural da cidade, embora estivesse distante da capital, era responsável pela comunicação por meio de seus jornais. É importante mencionar que não tive contato com os impressos a que se refere o texto, o que impediu a realização de uma análise, a fim de identificar aproximações e distanciamentos com relação à folha priorizada no estudo. Contudo, a ocorrência de outras publicações no lugar permitiu deduzir que os periódicos se constituíam como principais veículos de comunicação da cidade. "Neste certame admirável, nesta obra ingente de glorificação, a mocidade estudiosa vem contribuir com seu esforço abnegado, trazendo à publicidade o simpático jornalzinho *A Luz* que hoje se edita pela segunda vez" (MARCHAMOS, 1930, p.3).

Na edição inaugural de *A Luz* foram identificados como responsáveis pela produção: J. Morais (diretor); P.Silva (gerente); Arudá Bucar (redator-chefe); R. Waldemar Reis, R.

Soares, Lourival Parente e Carlos Ferreira (redatores). O jornal foi impresso em quatro páginas e os cinco números analisados circularam entre setembro de 1930 e março de 1932. Nos números consultados, não havia seções definidas, o que sugere que a escolha das matérias ocorria conforme os interesses dos seus responsáveis. Os textos foram predominantemente assinados pelos estudantes, embora mantivessem, ainda, em alguns casos, a prática do anonimato em que os autores se escondiam através de pseudônimos, entre os quais: *Guriathan, Gurithan, Rivallon, Pery, Araken, Colibri, Tupy, Onidlaved*.

Do ponto de vista do seu conteúdo, foi encontrada uma diversidade de assuntos, dentre os quais destacam-se, educação, pátria, cotidiano escolar, literatura, memórias, humor e ainda outros enunciados que interessavam à classe escolar, as reflexões sobre a importância da instrução para a formação da sociedade e a condição do ensino local, além de notícias relacionadas ao cotidiano escolar que versavam sobre relatos de aulas, passeio, férias e tensões existentes no meio escolar. Perfis de alunos e notas de humor também constavam entre os temas do jornal. A literatura foi representada por algumas crônicas acerca da rotina dos estudantes. *A Luz* contava ainda com alguns anúncios do comércio local. A edição de 23 de março de 1932 foi o último número disponível para consulta, o que implica dizer que não foi possível definir quando o periódico encerrou seu ciclo de vida.

Estudante foi outro jornal a circular no mesmo período que o anterior. Editado pela mocidade estudiosa de Floriano, teve sua terceira edição publicada em 19 de setembro de 1931, sob a responsabilidade de uma diretoria integrada por: Viana Carvalho – diretor, Augusto Lima – Gerente, Ribamar Ramos – Redator principal, Zaira Castelo Branco – Secretária e ainda Gerson Boson e Lalú Reis – redatores. O jornal surgiu da iniciativa de grupos de estudantes que procuravam espaços de expressão e visibilidade para as questões que lhes interessavam. No próprio jornal foi localizado um comunicado em que a comissão encarregada de redigir o estatuto da União dos Estudantes de Floriano, convidava os estudantes da cidade a comparecerem à sede social da entidade para tratar da referida questão.

O caráter cívico-patriótico deixou sua marca registrada no texto intitulado “Para onde?”, de Turene Queiroz Ribeiro que, no momento, encontrava-se em São Luís – MA. Em sua escrita convocou a mocidade a juntar-se à marcha patriótica que conduziria o Brasil a ocupar lugar junto às grandes nações. Alguns fragmentos do texto diziam o seguinte:

> Estudante da minha terra! Mocidade desta gleba que adoro, e que palpita, ri e canta dentro do meu coração. Gente moça do meu torrão, de sonhos, de ilusões e de grandezas. Vem comigo. Caminha ao meu lado que eu também sou moço. No meu peito encontrarás o mesmo anseio pela prosperidade da pátria. [...] O Brasil, este Brasil imenso, este mundo dentro do mundo, é a mais bela joia do criador. Há aqui a

> grandeza sem par da natureza. [...] O Brasil marcha para sua finalidade, para o lugar que reserva a soberania de seu solo, e a altivez de seus filhos. Para o cimo iluminado das pátrias grandes, para ao pináculo aurifulgente das grandes potências. Sim, é este o seu destino. mas como já de ser? Pela pujança, pelo talento, pela altivez, pelas convicções e pelo patriotismo de sua mocidade. Estudante da minha terra acompanha a marca do Brasil. (RIBEIRO, 1931, p.1).

Por meio dessa escrita, observa-se a força imposta pelo caráter cívico àquela sociedade, a qual era convocada a marchar de forma sincronizada com o intuito de colaborar para o engrandecimento do país. Por aquela época, era um discurso otimista que cada vez mais se disseminava e tinha a intenção de anunciar a imagem de um país que marchava a passos largos em direção ao progresso. À mocidade era atribuída a missão de colaborar nesse empreendimento, desenvolvendo suas inteligências e habilidades capazes de serem úteis ao futuro promissor que se propagava. Do citado jornal, tive acesso apenas à terceira edição, o que impossibilitou demarcar o seu período de existência.

Em 1936, surgiu *Voz Estudantal* que se definia como "Órgão do Centro Estudantal Fernando Marques", agremiação criada "por iniciativa dos dinâmicos alunos Abílio Neiva, Heli Nunes, James Azevedo e João Barbosa Matos" (DEMES, 2002, p.518). Em seu segundo número, de 23 de julho de 1936, constam como responsáveis: Heli R. Nunes – diretor; Carlos A. Costa – gerente; Ademar Neiva e Djalma Silva – redatores. O pequeno texto de abertura abordou que "sempre com o afã de evoluir próprio da mocidade, damos à luz da publicidade o segundo número do nosso jornal" (À MOCIDADE, 1936, p.1).

Voz Estudantal, além de festejar os setes meses de fundação do Centro a que estava vinculado, dando destaque para as bandeiras motivadoras da sua fundação, sintetizado na expressão: "trabalhar pela instrução é o nosso grande anseio!". Visava também combater o analfabetismo, pois "quando tivermos alfabetizado o nosso país teremos, como disse o Grande Pontes de Miranda[59], tocado ao terceiro raio da estrela que guiará os destinos desta grande Pátria e servirá de norte a este grande povo" (À MOCIDADE, 1936, p.1). Portanto, o jornal tinha a preocupação de trabalhar pela instrução, colaborando para a alfabetização do povo brasileiro, demonstrando assim, que o analfabetismo estava entre os principais problemas do país e do Piauí.

Os enunciados de *Voz Estudantal* indicam sua preocupação com os problemas educacionais e com a formação dos moços da cidade. Só para servir de exemplo, os temas

[59] Francisco Cavalcanti "Pontes de Miranda" foi advogado, jurista, professor, diplomata e ensaísta, nasceu em Maceió, AL, em 23 de abril de 1892, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 22 de dezembro de 1979. Foi o sexto ocupante da Cadeira 7, da Academia Brasileira de Letras, eleito em 8 de março de 1979. Foi autor de uma extensa produção que abrange os campos da Sociologia, da Filosofia, da Matemática e, acima de tudo, do Direito. Fonte: https://www.academia.org.br/academicos/pontes-de-miranda/biografia. Acesso, 01 set. 2021.

abordados versavam sobre a instrução no Brasil, homenagem ao dia do estudante, relato de férias escolares e o Estatuto que passou a normatizar as atividades daquele Centro. Considerando os temas priorizados, entende-se que havia a intenção de levar a mocidade a compreender que a instrução seria o caminho mais seguro para seu futuro, ao mesmo tempo que apresentava um caráter mais realista dos problemas de instrução e ensino. O chamado à escola em uma "Carta Aberta", assinada pelos alunos da "Escola 1º de Maio" demonstra a preocupação com uma parte da mocidade que se mantinha afastada das escolas, sendo, portanto, responsável pelo aumento do analfabetismo.

> E no nosso país ainda nos falta a instrução. Apesar de ir aumentando cada vez mais o número de pessoas civilizadas e diminuindo, portanto, o número de analfabetos. Moços! A instrução é a estrela brilhante que nos guia desde a infância até o túmulo! Procurai a escola porque é nela onde se recebe a luz da instrução, para ganhardes com mais tranquilidade o vosso pão de cada dia, para não viverdes de porta em porta mendigando pelo amor de Deus, o alimento para comerdes! [...] O homem sem instrução é um tipo inútil tanto a família como a sociedade e a pátria. É um tipo incapaz de vencer os obstáculos da vida. O homem que nunca foi à escola receber a instrução, não pode exercer uma boa profissão porque não sabe ler nem escrever. O seu único meio de vida, é andar carregando sacos, com o perigo de serem arrebentados. É viver dia e noite no cabo da enxada e do machado, ganhando, às vezes, um pequeno ordenado mensal. Estudai moços! Procurai as escolas, para defenderem-se deste mal avassalador que caracteriza o nosso querido país! Imitai aqueles homens ilustres de letras, que trabalham pelo desenvolvimento literário da nossa terra, como Rui Barbosa, Olavo Bilac, Coelho Neto, Fagundes Varela, Gonçalves Dias, Barão do Rio Branco e outros também dignos de nota. Avante, brasileiros! Alerta, moços! Trabalhai pela grandeza do Brasil combatendo o analfabetismo. (CARTA ABERTA, 1936, p.1).

Segundo a carta, a necessidade de buscar a instrução era uma forma de se alcançar maior dignidade. Isso revela como o impresso procurava estimular a formação daqueles jovens, tentando apontar os caminhos que lhes dessem condições de se tornarem homens cultos, civilizados e úteis à nação. Os problemas enfrentados pelas escolas da região de Floriano também são matérias de debate no jornal, que reclamava dos índices de avanços divulgados pelo poder público, da falta de estrutura e dos métodos rudimentares ainda aplicados nos estabelecimentos de ensino. "No nosso país e mui particularmente nos estados do norte, servindo-nos de paradigma o Piauí, vemos analisando-se os fatos, que a instrução não está bem difundida como apregoam as estatísticas oficiais" (A INSTRUÇÃO, 1936, p.4).

Sobre os questionamentos acerca dos métodos de ensino adotados nos estabelecimentos da região, foi dito que as "escolas, que no dizer dos seus professores obedecem aos modernos métodos científicos de *Decroli* e muitos outros pedagogos de renome, não passam de mera mentira, não saindo elas da mesma trivialidade, dos mesmos

princípios retrógrados"[60] (A INSTRUÇÃO, 1936, p.4). Havia no enunciado uma visível intenção de contestar o propagandismo empregado para promover uma aparência de avanço, principalmente divulgando dados sobre construção de salas de aula, prédios escolares e avanços nas matrículas, parecia, porém, que, na óptica daqueles estudantes, na sala de aula, os métodos modernos desenvolvidos por renomados teóricos e estudiosos da educação faziam pouco efeito na atuação dos professores. Para além dessas questões, *Voz Estudantal* também publicou textos que servem de indicativo da organização dos estudantes de Floriano, como os regimentos de estatutos do seu Centro e o anúncio do planejamento para as celebrações do dia do estudante, que aconteceria no mês seguinte. Um trecho da matéria diz o seguinte:

> O Centro Estudantal Fernando Marques contando, como espera, com o apoio franco e decidido do professorado florianense, que sempre esteve ao lado de suas justas aspirações e das demais sociedade estudantis da nossa gleba, que saberão cumprir com os seus deveres de estudantes que auguram para o Brasil dias melhores, promoverá festejos dignos desta gloriosa data, como se faz em outras localidades. Contando ainda mais com o concurso da nossa sociedade e do povo em geral, podemos de já, ter vencido o nosso *desideratum*. (O DIA, 1936, p.3).

Os enunciados mostram que o referido jornal estava atento aos problemas educacionais vividos naquele presente, transformando-os em chave de debates, buscando estabelecer um olhar micro dos problemas locais para manifestar uma outra face, além daquelas contidas nas propagandas dos jornais. De igual modo, seus responsáveis tinham a preocupação de convocar a mocidade para aderir a causa da instrução como forma de combater a chaga do analfabetismo.

O jornal *O Astro* surgiu em 21 de abril de 1937, definindo-se como órgão do curso comercial do Instituto Santa Teresinha de Jesus, de Floriano. Nas décadas de 1930 e 1940, esse estabelecimento foi responsável pela formação de uma considerável parcela da mocidade estudiosa de Floriano e de outras partes do sul do Piauí e do Maranhão dada a proximidade entre os dois estados, separados apenas pelo rio Parnaíba, "[...] transformando Floriano em Meca do Ensino, para onde acorriam jovens de distantes rincões do Piauí, do Maranhão e de Goiás" (DEMES, 2002, p.525-526).

A propósito deste estabelecimento de ensino, Lopes (1997) afirma que, até 1936, a escola estava sob a orientação do professor Zezito Vasconcelos, sendo, em 1938, a escola comprada pelo promotor público Manoel Sobral Neto e, "[...] nos anos 1940 criou, então com o nome de Ginásio Santa Teresinha, o curso ginasial de Floriano. Essa escola formou, com sua disciplina espartana e seu ensino de alto nível, centenas de jovens de Floriano e de toda a

[60] Outros pontos dessa mesma matéria são analisados no tópico que discute os debates sobre a instrução no Piauí.

região do sul do Piauí e Maranhão" (LOPES, 1997, p.68). De acordo com Demes (2002), em meados da década de 1930, havia um anseio pela criação de um ginásio na cidade. Ela comenta que,

> Floriano ainda se ressentia da inexistência de uma Escola de nível secundário nos moldes dos já existentes em Teresina e Parnaíba, o que levou Sobral Neto[61], na sua lúcida percepção das cousas, à iniciativa de fundar o Ginásio Santa Teresinha, que já desponta como um dos educandários mais acreditados do Estado do Piauí. [...] Iniciando suas atividades no ano de 1940, formou geração após geração de garridos jovens que aos bandos para ele acorriam sedentos de saber, e que ao longo de suas vidas o dignificaram pelo trabalho e pelo exemplo. (DEMES, 2002, p.527).

Estava, portanto, *O Astro* vinculado a essa importante instituição de ensino daquela cidade. Seu surgimento ocorreu, com o objetivo de contribuir para a promoção da instrução e dar visibilidade às ideias da plêiade de estudantes responsáveis pelo veículo.

> Entusiasmados pelos sucessos alcançados em nossos estudos e sequiosos de espalhar, por todos os recantos do Piauí, essa luz, bendita, que é o saber, [...], surgiu-nos à mente o desejo de criar um jornalzinho. Com este órgão pretendemos dar dupla difusão à instrução, pois além de nos instruirmos, deixaremos escapar, em benefício das crianças piauienses, as nossas ideias, fracas a princípio, mas impregnadas de altruísmo. (NOSSO, 1937, p.1).

A edição analisada, impressa em quatro páginas, tinha como responsáveis: Helclides Nunes da Costa e Silva (Diretor responsável), Joaquim Ribeiro Gonçalves (Redator-secretário) e Edmundo Gonçalves Oliveira (Tesoureiro) e contava com diversos colaboradores que assinavam suas matérias. O conteúdo de suas páginas continha uma variedade de temas: Tiradentes, pátria, síntese de aula, memórias, notas sociais e anúncios comerciais. Por meio desses enunciados, procurava justificar seu surgimento e estimular o dever de amar a pátria, exaltando seus heróis. Estimulava, ainda, o registro das lembranças dos lugares de origem, descrevia perfis, noticiava aniversários, casamentos, nascimentos e chegadas e partidas de viajantes e visitantes da cidade.

Alguns periódicos escolares de Parnaíba também foram analisados neste estudo. Lançando os olhos sobre a cidade, situada no extremo norte do Estado, na região litorânea,

[61] De acordo com a Coleção Florianense, Manoel Sobral Neto nasceu em 11 de junho de 1910 em Amarante – PI, tendo falecido em Brasília em 19 de dezembro de 1986. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Ceará, em 1932 e chegou em Floriano em 1934 nomeado diretor da Escola Normal Municipal daquela cidade. Ainda naquele ano, em parceria com o professor Veras de Holanda, fundou o Curso Comercial Noturno que funcionava nas dependências da escola que dirigia. Em 1938 tornou-se proprietário do Instituto Santa Teresinha de Jesus e liderou o processo que o transformou em Ginásio no ano de 1940 (COSTA, 2013). Para saber mais ler: COSTA, Cristóvão Augusto Soares de Araújo (org.). *Coleção Florianense*, n.2, Teresina, Halley S.A. – Gráfica e Editora, 2013.

também foram encontrados interessantes vestígios de jornais escolares em seus educandários, os quais muito repercutiram naquele meio social.

As origens da cidade remontam ao século XVIII, quando, em 18 de agosto de 1762, foi fundada a Vila de São João da Parnaíba, no lugar Testa Branca, durante o governo de João Pereira Caldas. Alguns anos depois, em 1770, a vila foi transferida para o Porto das Barcas e ali se iniciou a construção da Igreja de Nossa Senhora das Graças (ARAÚJO, 2002). Contudo, só foi elevada à categoria de cidade em 1844. De acordo com Correia e Lima (1945, p.46-47),

> Depois que se deslocou do Testa Branca para o Porto das Barcas, a vila de São João da Parnaíba, o progresso acentuou-se naturalmente [...]. o comércio de Parnaíba se expande. Em agosto de 1817, D, João VI cria a nossa Alfândega e esse ato veio facilitar e incrementar ainda mais as transações comerciais como as outras praças do país.

Situada em uma região estratégica, o comércio destacou-se entre as principais atividades econômicas do lugar, o que, por conseguinte, desencadeou o seu crescimento demográfico, urbano e cultural. Mas, a força comercial sofria com a deficiente estrutura da cidade devido à falta de iniciativas por parte do poder público e privado que visasse superar essa condição. Segundo Alvarenga (2013, p.189),

> Faltou aos comerciantes de Parnaíba e às autoridades piauienses sagacidade para compreender a dinamicidade da lógica capitalista, a necessária superação da fase de mercantilização dos produtos naturais e o investir em uma produção industrial capaz de gerar as condições necessárias à produção ampliada do capital que os negócios requeriam.

Mesmo diante desses entraves, com o passar do tempo, Parnaíba apresentou considerável crescimento econômico ao longo do século XIX e primeiras décadas do século XX. “A crescente atividade comercial de Parnaíba favoreceu a manifestação de uma cultura modernizante que se misturou aos costumes aristocráticos” (ALVARENGA, 2013, p.191) que se refletiu de forma mais contundente a partir de políticas de melhoramento urbano, registradas especialmente a partir da segunda década do século XX, com a construção de praças, jardins, luz elétrica, pavimentação de ruas, além de outras medidas que foram dando lugar a uma cidade com aspectos mais modernos e civilizados.

Em 1924 a cidade inaugurou o Cine-Teatro Édem, com modernas instalações e capacidade para mais de 1000 pessoas. O espaço cultural “apresentou importância singular na formação dos novos gostos e hábitos da sociedade, influenciando na forma de vestir, nas reações pessoais e no padrão de consumo parnaibano da época” (ALVARENGA, 2013,

p.193). Era o início de importantes transformações culturais experimentadas na cidade, influenciando a produção de novos comportamentos naquela sociedade. Influenciavam também essas mudanças as inovações de outras partes do Brasil e do mundo que chegavam à cidade pelo Porto das Barcas.

Comércio intenso, melhoramentos urbanos e cinema foram alguns dos aspectos que se destacaram até a década de 1920. Nos anos 1930, o automóvel, produtos elétricos e o rádio passaram a ser comercializados naquela praça. Com relação ao rádio, Nascimento (2015) afirma que Parnaíba tornou-se pioneira com a inauguração da primeira estação do Estado, a Rádio Educadora de Parnaíba, importante signo de modernidade, que também colaborou para a formação dos hábitos citadinos do lugar. Ao referir-se ao progresso que a região atravessava até meados da década de 1940, Ciarlini (2016) expõe interessantes informações acerca da circulação de veículos por lá. A ocorrência desse tipo de transporte era uma das principais representações de um lugar moderno e civilizado. Vale a pena conferir:

> Tudo indica que esse processo de modernização do norte piauiense, pelo menos das décadas anteriormente comentadas até meados da primeira metade de 1940, tinha sido uma constante: em plena Segunda Guerra Mundial, segundo dados estatísticos colhidos na revista história do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Parnaíba, a cidade contava 224 veículos de diversos modelos: "Statesman, Ambassador e Ramble, o Mercury modelo 1947 e 1949, o Lincoln Cosmopolitan, o Ford V*, Cônsul e Ford 6", todos representados no Piauí pela Casa Inglesa, importante firma comercial instalada em Parnaíba, fundada pelo britânico James Frederick Clark, que fez fortuna com o negócio da exportação da cera de carnaúba [...]. (CIARLINI, 2016, p.41-42).

Se os veículos eram considerados signos de civilidade, a cidade também contava com os transportes fluviais e marítimos, gerando um constante fluxo de embarcações que chegavam e partiam do Porto das Barcas e, para completar, nos anos 1940 registra-se a chamada navegação aérea, cuja ocorrência foi relatada no *Almanaque do Cariri*[62], no qual se lê que "Parnaíba, hoje, é, mais do que nunca, o grande aeroporto piauiense, donde, penetrando o nosso território, em rasgos de civilização e progresso, surgem, avançando até o sul do Estado, os possantes aviões de várias companhias áreas, com carreiras regulares até o extremo sul do país". (ALMANAQUE DO CARIRI, 1952, p. 724)

A educação também compunha esse prospecto. Sob esse ponto de vista, as décadas de 1930 e 1940 constituíram um período que registrou avanços importantes naquela cidade, que contava também com um bom número de escolas públicas e privadas. Aliás, "em Parnaíba, o

[62] Edição publicada em 1952 dedicada ao Estado do Piauí, em homenagem à sua capital pela passagem do seu primeiro centenário. Além de homenagear Teresina, a publicação era composta de matérias sobre outros municípios com aspectos históricos, estatísticas, cultura, literatura e outras temáticas.

esforço particular em favor da instrução pública, até as primeiras décadas do século XX, foi sempre muitíssimo superior às providências governamentais na área de educação" (BELLO, 2021, p.145). Essa situação recebe nova roupagem a partir de 1928, com a criação do Grupo Escolar Miranda Osório, inaugurando uma importante fase na história da educação piauiense marcada pela expansão dos grupos escolares. No Livro do Centenário daquela cidade consta que, em 1944, registravam-se dez escolas mantidas pela prefeitura, entre agrupadas e mistas:

> Na sede:
> Agrupadas e mistas: Escola Municipal 19 de Abril (Ilha Grande), Curso Noturno Presidente Vargas (para adultos) e Escola Municipal 13 de Maio.
> Mista: Escola do Bairro Campos.
>
> No interior do município:
> Escolas rurais: Escola Mista Municipal de Cajueiro, Escola Mista Municipal do Campo do Igarapé, Escola Mista Municipal de São Miguel, Escola Mista Municipal da Ilha das Batatas, Escola Mista Municipal de São José e Escola Mista Municipal de Cocal. (CORREIA; LIMA, 1945, p. 157).

Além desses estabelecimentos, contava com quatro grupos escolares: Grupo Escolar Miranda Osório, Grupo Escolar José Inácio, Grupo Escolar João Cândido, Grupo Escolar Luiz Galhanoni. O ensino secundário, por sua vez, era ofertado no Ginásio Parnaibano, Ginásio São Luís Gonzaga, Ginásio Nossa Senhora das Graças, Escola Normal de Parnaíba e na Escola Técnica de Comércio da União Caixeiral. (CORREIA; LIMA, 1945).

Durante o período em estudo, esses estabelecimentos foram os responsáveis pela formação da mocidade parnaibana, que, motivada pelo espectro da modernidade daquele momento, buscava, nas mais distintas expressões, manifestar seus interesses. Um dos principais meios foi a escrita periódica na imprensa local. Esta, já se fazia presente no lugar, desde meados do século XIX. Segundo o *Almanaque do Cariri*, (1952, p. 723), "Registra-se que o seu primeiro jornal, denominado *O Eco da Parnaíba,* circulou em 1863, acrescendo que, em 1937, compõem a imprensa parnaibana os periódicos: *O Popular*, *A Tribuna*, *O Norte*, *O Cérebro*, *A Flâmula* e o *Almanaque da Parnaíba*". É provável que, além dos mencionados, ainda tenham existido outros periódicos considerados de menor expressividade.

Nesse contexto, há notícias de alguns jornais escolares publicados na cidade. *O Ginásio*, de 23 de novembro de 1933, teceu comentários sobre o recebimento de números de *A Gleba* e *Ateneu*. A respeito do último, o texto dizia que "sobre nossa banca de trabalhos se acha o *Ateneu*, órgão do Centro Estudantal Parnaibano que nos visitou cordialmente. Gratos somos pela notícia que registrou sobre o nosso aparecimento". (VISITA, 1933, p.3, grifos da

autoria). Para efeito deste trabalho, foram analisados *O Clarim* (1939, 1940) e *Renascimento* (1946) expostos a seguir:

Figura 19 – Edições dos jornais *Clarim* (1940) e *Renascimento* (1946)

Fonte: Arquivo Público do Piauí; Memória do Jornalismo Piauiense. Disponível em: http://memoriadojornalismopi.com.br/. Acesso: 15 maio 2021.

O jornal *Clarim* pertencia à Escola de Comércio da União Caixeiral de Parnaíba e chegou às mãos dos leitores em 1939. A referida escola foi fundada em 1918, por um grupo de caixeiros viajantes que se congregaram em torno de uma sociedade que buscava "formar mão de obra especializada na área contábil, em função do desenvolvimento econômico que se registrava na cidade" (MENDES, 2007, p.97). O estatuto aprovado por aquela sociedade deliberou pela criação de uma escola de comércio na cidade.

> A União Caixeiral , fazendo cumprir o que rezava seu estatuto, fundou cursos noturnos (escola de comércio) em que eram ministradas as seguintes disciplinas: Português, Aritmética, Geografia, Inglês, aplicado ao comércio, História do Brasil, Datilografia e Contabilidade Mercantil, figurando em seu quadro docente nomes como Dr. Clodoveu Felipe Cavalcante, Dr. João Orlando Correa, Dr. Darcy Fontenele de Araújo, Professor José de Lima Couto, Padre Davi Augusto Moreira, Professora Edimée Amorim Rego, entre outros. (MENDES, 2007, p.97).

Depois de sua fundação, a escola tornou-se uma importante referência para a formação de profissionais do comércio, tendo se consolidado nas décadas seguintes no campo do ensino

profissional em Parnaíba e no Piauí. O noticioso diferenciou-se da maioria dos periódicos analisados, por ter sido dirigido por um professor, tratando-se, no caso, de Pedro Bozon. Havia uma alternância de seus redatores que eram definidos a cada número. Na edição de 22 de janeiro de 1940, por exemplo, foram redatores: Clóvis Costa de Oliveira, Fábio Fontenele de Miranda, José Custódio Cordeiro Melo, Maria Ivone Silva, Nelson Martins Chaves, Raimundo Nonato Falcão. Foram consultados os números quatro e seis, publicados entre dezembro de 1939 e janeiro de 1940. No seu 4º número, *Clarim* publicou uma coluna (O que dizem de nós) para divulgar as opiniões de seus pares sobre ele. Encontram-se ali notas do *Diário Oficial do Estado* e do jornal *A Gazeta*, que registraram as seguintes impressões sobre o jornal.

> Sob a direção do Prof. Pedro Bozon vem surgir em Parnaíba o interessante jornal – Clarim –, cujo primeiro número, em nosso poder, deixa a melhor impressão, dado o seu programa e o corpo redacional que o orienta. Agradecendo a visita de cordialidade desejamos ao Clarim vida longa e bela. Do Diário Oficial do Estado, de 13 de novembro. Recebemos a visita do Clarim, interessante e bem redigido jornal que iniciou a sua existência a 30 de mês último na adiantada Parnaíba. É órgão da Escola de Comércio da União Caixeiral dessa cidade e obedece à competente direção do proveto Prof. Pedro Bozon, que tem como auxiliar um corpo de vários redatores. Da Gazeta, Teresina. (O QUE DIZEM, 1939, p.6).

O *Clarim* possuía uma dimensão educativa que justificava a sua existência como periódico escolar editado por agentes de uma instituição de ensino e, por outro lado, havia uma dimensão comercial com forte propagandismo das distintas casas do mercado local. Examinando seu conteúdo do ponto de vista educacional, encontra-se a análise de livros de instrução escolar e anúncios de preparatórios de exames de admissão. A edição de 22 de janeiro de 1940 foi particularmente dedicada a homenagear postumamente o intelectual piauiense, natural naquela cidade, Dr. José Pires de Lima Rebelo. Artigos, poesias, discursos são algumas das manifestações de reconhecimento à trajetória pessoal, profissional e intelectual expressas naquelas páginas. Um fragmento extraído da primeira página daquele número homenageia Lima Rebelo, escrevendo o seguinte:

> José Pires de Lima Rebelo foi para o Piauí, uma dessas figuras indestrutíveis, cuja memória desafia a sanha louca da morte: foi um desses homens que se multiplicam em vida, e, quando desaparecem deixam o rastro luminoso e indelével na obra que executaram. Aí está, como esculpida em bronze eterno, a realização de Lima Rebelo, o cidadão, o mestre, o causídico, o esposo, o pai: sua família – os filhos de sangue e

> as filhas do espírito – a mocidade em cujo cérebro ele fez cair em turbilhão a água diáfana de seus vastos conhecimentos. Esta mocidade regou com lágrimas o túmulo de Lima Rebelo, a 16 de janeiro. Fê-lo com justiça: fê-lo com o último tributo de reconhecimento e gratidão de que lhe é devedora. José Pires desapareceu de entre os vivos, materialmente, porém a luminosidade de seu grande espírito, qual a generosidade de seu coração, fica perpetuada, entre nós, na geração nova, e retransmitir-se-á às porvindouras, à maneira de um clarão nas trevas da luta pela vida e pelo saber. (NOSSO LUTO, 1940, p.1).

A comoção da sociedade parnaibana devido à morte de uma das suas figuras mais reconhecidas intelectualmente, transformou as páginas daquela edição do *Clarim* em um lugar de memória e de homenagens. Essas homenagens estenderam-se a outros periódicos locais e da capital que dedicaram páginas e até mesmo edições, a José Pires de Lima Rebelo. Basta citar o exemplo do Ginásio Dr. Demóstenes Avelino, que, alguns anos mais tarde, nomeou o seu centro cultural com o nome do intelectual e dedicou páginas e mais páginas de seus periódicos à memória do ilustrado parnaibano.

Renascimento foi outra folha que circulou na cidade de Parnaíba. A edição de número dois, divulgada em 10 de fevereiro de 1946, definiu o jornal como órgão do Centro Estudantal Parnaibano. Constava como endereço a Travessa da Glória, número 633. O expediente mencionava como diretor e redator-chefe, Cícero Silveira Viana e Vicente P. C. Passos, respectivamente. Ainda elenca os redatores: Sérgio Nóbrega de Oliveira, Ortila Lima dos Santos, Valdemar Machado Silveira, Isimbardo Teles de S. Sousa e José de Oliveira Viana (RENASCIMENTO, 1946). O jornal era confeccionado na Tipografia Comercial, de propriedade de Antônio Gutemberg, localizada à rua Riachuelo, 646, em Parnaíba. A segunda edição de *Renascimento*, do dia 10 de fevereiro de 1946, explicou que aquele número celebrava a inauguração do Centro Estudantal, realizada também naquela data, estampando a seguinte nota:

> É com prazer que apresentamos hoje o 2º número de *Renascimento* ao povo parnaibano, e especialmente aos estudantes dos quais pretendemos ser defensores.
> O primeiro número foi bem acolhido por todos, o que muito nos anima, uma vez que sabemos não estar a sós no campo de luta, uma luta necessária e digna.
> O dia de hoje é outro marco na história do Centro Estudantal Parnaibano: o dia de sua inauguração oficial.
> Lançamos hoje para o povo a primeira prova da nossa ação e de nossas intenções. É como que meio caminho andado para a vitória, que já sentimos bem mais próxima, pelo que agradecemos a todos que nos prestaram apoio, principalmente ao comercio parnaibano, que tornou possível a concretização de nossos sonhos.
> E assim, nesta data duas vezes importante, dizemos aos parnaibanos: “fundamos o CEP para servir aos estudantes; levaremos avante nosso ideal custe o que custar, a fim de mostrar insofismavelmente que estudante de Parnaíba é um elemento útil no seio da cidade. (NOTA, 1946, p.1).

A relação entre o impresso e o Centro Estudantal Parnaibano continuou sendo exposta em um artigo do estudante Cícero Silveira, divulgado na edição de 3 de março de 1946, no qual se observa que *Renascimento* surgiu, quando os estudantes parnaibanos se articulavam para fundar a entidade que os representaria. Nessa perspectiva,

> No primeiro número, quando o Centro ainda era um sonho, escrevemos: "... é este o primeiro número de *RENASCIMENTO*. Esperamos que outros e outros se sucedam para que o movimento centrista se torne uma magnífica realidade. E nossa esperança se realizou. Nascido de um sonho, um magnífico sonho de dar ao estudante de Parnaíba uma sociedade que o congregasse em um bloco unido e dele fizesse um cidadão completo, o Centro é hoje uma magnífica realidade. Lutou com enormes dificuldades, precisou vencer desconfianças, mas graças ao auxílio de muitos e ao trabalho de alguns, venceu em toda linha. (VIANA, 1946, p.1, grifos do autor).

As edições contavam com oito, dez e doze páginas, cujos textos eram estruturados em duas e/ou três colunas. Foram consultadas seis edições do jornal, conforme os dados expostos abaixo.

Quadro 11 – Edições do jornal *Renascimento* (1946 – 1948)

Ano	Nº	Data	Nº Pág.
1	2	10 de fevereiro de 1946	12
1	3	3 de março de 1946	10
1	4	17 de março de 1946	10
1	6	19 de outubro de 1946	8
2	7	21 de abril de 1947	10
3	9	7 de setembro de 1948	8

Fonte: O autor, 2022.

Por meio das informações do quadro 11, é possível perceber um pouco o ciclo de vida do jornal, caracterizado pelas oscilações de sua periodicidade. As edições de número dois, três e quatro circularam com certa regularidade em um intervalo inferior a um mês. Nas edições seguintes, o interstício entre uma edição e outra foi se distanciando. Isso fica ilustrado, quando se observa que, entre o sexto e nono número, houve um distanciamento de praticamente dois anos. Os motivos para as interrupções não foram anunciados, o que deixa evidente que a circulação do periódico dependia da atuação do Centro. Dessa forma, quando o Centro estava com suas atividades inviabilizadas, *Renascimento* sofria os impactos e sua publicação era interrompida.

A impressão do jornal na própria cidade sinalizava para o desenvolvimento das comunicações no local e, graças ao comércio marítimo, em circunstância de sua localização geográfica, já que a região portuária servia de porta de entrada para as novidades vindas de

outras regiões do Brasil e até mesmo de outros países e continentes, sobretudo da Europa. Mendes (1995) explica que a cidade ocupava essa condição de protagonismo na economia, desde meados do século XIX. Para ele, "Parnaíba consolida-se como principal entreposto comercial do Piauí e como importante centro do comércio internacional, graças ao espírito empreendedor de suas lideranças empresariais, estimulado, certamente, por ter a oportunidade do contato com o resto do mundo" (MENDES, 1995, p.73). Em outro estudo, o mesmo autor reportou-se ao panorama político, econômico e cultural, argumentando que, no período em estudo,

> Parnaíba era seguramente uma "oficina de labor", onde se construía as bases de sua contemporaneidade, erguendo suas principais instituições. Naquele período, Parnaíba viveu seu apogeu econômico, a formação de sua elite intelectual e sua autonomia política, onde o "progredir sempre" parecia ser uma verdade inquestionável e que nada poderia deter a onda de otimismo e desenvolvimento que, assim como "o rio que tudo envolve e que te embala", à Parnaíba daquele período era reservada um destino certo: o da cidade mais progressista do Nordeste. (MENDES, 2007, p. 110).

Renascimento surgiu em uma Parnaíba movimentada econômica e culturalmente. De certa maneira, suas páginas dão conta da agitação daquele momento através dos seus enunciados. A variedade de seus temas versava sobre assuntos estudantis, política, crítica literária e uma vasta produção de contos, crônicas e poesias de autoria dos estudantes e de intelectuais que se aventuravam no campo das letras. O jornal constituiu-se, dessa maneira, em um veículo que imprimia e expressava as questões que interessavam ao universo escolar, colaborando para a formação dos seus responsáveis e leitores. Idealizado pelo Centro Estudantal Parnaibano, que integrava estudantes secundaristas dos diferentes educandários da cidade, *Renascimento* foi a voz que congregava as opiniões e anseios da mocidade estudantina de Parnaíba. Essa questão é oportuna porque, nesse caso, o impresso ia além de um jornal feito como atividade auxiliar nas práticas escolares. Ele também se firmava como um espaço de debate e de lutas acerca dos interesses dos sócios daquele Centro.

2.1.3 Jornais escolares no ensino primário em Teresina

Nos anos 1930 e 1940, o Piauí registrou consideráveis avanços de sua rede escolar que se deu por meio da engajada política de construção de prédios escolares, cujo início remonta à década de 1920. Eram os grupos escolares que começavam a compor a estrutura do ensino primário no Estado. Essas instituições representavam um novo modelo de organização

escolar, com uma proposta de modernização, tanto no aspecto estrutural como pedagógico, valia-se de metodologias inovadores com o objetivo de melhorar o desenvolvimento integral dos estudantes. Ao referir-se à inauguração do prédio do Grupo Escolar Miranda Osório, em Parnaíba em 1926, Lopes (2001) destaca que esse tipo de estabelecimento tornou-se modelar na educação piauiense.

> Escola moderna, urbana e civilizadora: este Grupo Escolar deu um novo impulso à modernização da escola, no Piauí, e foi um indicador preciso da civilidade e do desenvolvimento de Parnaíba. Tornou-se uma referência em matéria de educação, recebendo comissões oficiais de professores da capital e de outras cidades do interior do estado. (LOPES, 2001, p.172).

Nas décadas de 1930 e 1940, esse modelo de escola expandiu-se pelo Piauí, procurando modernizar o ensino aplicado em seus espaços. Em certa medida, a imprensa esteve presente em muitos desses estabelecimentos que produziram seus jornais, no intuito de dinamizar a rotina escolar. Basta dizer que, no período em estudo, havia em Teresina, entre outros: *O Estímulo*, do Grupo Escolar Teodoro Pacheco; *Era uma vez*, do Grupo Escolar Barão de Gurguéia; *Escolar Teresinense*, do Escola Modelo Artur Pedreira e do Grupo Escolar Engenheiro Sampaio; *A Estrela*, do Grupo Escolar Teodoro Pacheco, conforme dispostos no quadro 12.

Quadro 12 – Periódicos de escolas primárias de Teresina

JORNAL	CIDADE	DATA	EDIÇÃO	VINCULAÇÃO
O Estímulo	Teresina	19 nov. 1938	Ano 1, n.1	Grupo Escolar Teodoro Pacheco
Era uma vez	Teresina	19 nov. 1938	Ano 2, n.2	Grupo Escolar Barão de Gurgueia
Escolar Teresinense	Teresina	03 maio 1940	Ano 1, n.1	Escola Modelo Artur Pedreira e Grupo Escolar Engenheiro Sampaio
A Estrela	Teresina	13 maio 1946	Ano 1, n.1	Grupo Escolar Teodoro Pacheco

Fonte: O autor, 2022.

Pode-se reparar que os grupos escolares foram se constituindo em lugares de produção de jornais escolares. Através de uma interessante nota de agradecimento de um deles, foi possível confirmar evidências de outros jornais associados aos grupos escolares da capital ainda na década de 1930. A notícia dizia que "temos sobre a nossa mesa de trabalho os seguintes órgãos, os quais gentilmente agradecemos: *Lábaro Juvenil*, *A Voz da Criança* e o *Bandeirante*[63], órgãos dos alunos dos grupos escolares 'José Lopes' e 'Gabriel Ferreira' e 'Domingos Jorge Velho', desta cidade". (LITERATURA, 1938, p.1).

[63] Até a elaboração desta pesquisa não foi possível localizar nenhum dos jornais mencionados nesta notícia.

Não se pode afirmar o número exato de periódicos elaborados por essas instituições ou mesmo aqueles que tiveram mais ou menos tempo de existência. Contudo, os indícios evidenciam que a prática de produção de jornais era utilizada como dispositivo que dava a perceber as habilidades dos estudantes. Nas próximas linhas, analisam-se algumas dessas folhas às quais tive acesso.

O Estímulo, de 1938*,* ligado ao Grupo Escolar Teodoro Pacheco, teve sua edição inaugural, a única localizada, intencionalmente produzida para circular em 19 de novembro, data em que se comemora o Dia da Bandeira, com o objetivo de propagar o seu caráter patriótico e celebrar um dos maiores símbolos da nação, como se pode ler:

> Com a timidez natural de quem se inicia, surgimos hoje, apoiados na generosidade dos nossos leitores. Principiantes que somos, não nos é fácil desobrigarmo-nos de um trabalho literário por menor que seja. Entretanto, possuídos da melhor boa vontade, aqui estamos apresentando o nosso jornalzinho, que tem a honra de circular no dia em que se festeja a nossa querida bandeira. Simbolizando a nossa Pátria, ela demonstra nas suas lindas cores a esperança de sermos bem sucedidos com o ouro das nossas inteligências sob o céu de bondade dos nossos leitores. (SURGINDO, 1938, p.1).

Evocar os "grandes" fatos do passado, festejar seus heróis e os símbolos da nação faziam parte da construção da memória cívica e da formação da identidade nacional. Eram muitas as datas que formavam o calendário cívico escolar. Ao estudar as festas cívicas no Piauí, Melo (2010, p.259) enfoca que

> As datas comemoradas, vividas e revividas constituem o calendário escolar, somando-se as datas consideradas nacionais e outras locais, o Dia da Raça, o Dia da Árvore, Dia da Bandeira, o Descobrimento da América, Encerramento do Ano Letivo, Dia da Juventude, Dia do Piauí, festas de inauguração de Escolas, Dia da Independência, Semana da Pátria, Aniversário da Escola, Chegada do Interventor, o Aniversário de Getúlio Vargas.

As datas elencadas por Melo (2010) compuseram a agenda das comemorações das escolas. Ainda conforme a mesma autora, a montagem desse calendário estava sincronizada com as festas nacionais estabelecidas, conforme decreto presidencial nº 19.488, assinado por Getúlio Vargas, em 15 de dezembro de 1930. Do ponto de vista de sua materialidade, a edição era composta por quatro páginas, impressas em papel jornal, com as bordas desgastadas pela ação tempo, comprometendo o seu manuseio.

Figura 20 – Jornal o *Estímulo* (1938)

O ESTIMULO

Redatores alunos do Grupo Escolar «Teodoro Pachêco»

ANO I | Teresina, 19 de Novembro de 1938 | NUM. 1

SURGINDO...

Com a timidez natural de quem se inicia, surgimos hoje, apoiados na generosidade dos nossos leitores.

Principiantes que somos, não nos é facil desobrigarmo-nos de um trabalho literario por menor que seja; entretanto, possuidos da melhor bôa vontade, aqui estamos apresentando o nosso jornalzinho, que tem a honra de circular no dia em que se festeja a nossa querida Bandeira.

Simbolisando a nossa Patria, ela demonstra nas suas lindas côres a esperança de sermos bem sucedidos com o ouro das nossas inteligencias sob o céu de bondade dos nossos leitores.

Despedindo-nos, agradecemos a aceitação d' «O ESTIMULO», que reaparecerá em edição melhorada no ano vindouro, com a colaboração dos nossos presados companheiros que, cheios da suprema vontade de vencer, continuarão no «Teodoro Pacheco», donde nós concludentes, levamos as mais cristalinas saudades.

Despedida

Com a circulação de nosso jornalzinho hoje, aproveito para despedir-me das minhas amaveis professoras e dos bondosos colegas.

Terminando o curso primario com muita satisfação para mim e meus pais, sinto entretanto qualquer cousa de tristeza... E' que tenho de deixar este grupo onde me habituei desde pequenino ao carinho de todos.

Assim, deixo aqui o meu adeus de recordação e saudades.

OCTAVIO COSTA
4.º ano

Primavera

Bela estação das flôres! Epoca cheia de risos e encantos.

Admiravel estação, cujas lindas e variadas flôres não temos o prazer de apreciar em nossa patria, em nosso querido Piauí.

Os encantos da primavera são tais, que, sem os conhecermos de perto, os admiramos.

Aqui só temos duas estações no ano: inverno e verão. Muitos povos, porém, gosam a beneficencia do Creador do mundo pela passagem das quatro estações—inverno, verão, outono e primavera, sendo esta a época que extasia os poetas e dá mais vida á natureza.

Os poetas maravilhados com os naturais encantos da primavera, parece que estão a contemplar a Deus e as coisas sobrenaturais.

José Moacir Siqueira Mata
4.º ano

Boa amiguinha

Sendo hoje o dia do teu aniversario natalicio, faço-te esta cartinha enviando os meus sinceros parabens. Não posso ir dar-te pessoalmente o meu abraço porque estou bastante resfriada.

Remeto-te esta boneca como uma pequena lembrança.

Os meus votos a Deus são para que esta data se reproduza por longos anos, sempre festiva para os que te querem.

Beija a tua amiguinha

MARIA JOSE ALMEIDA
3.º Ano

Fonte: Arquivo Público do Piauí

Na edição consultada de *Estímulo,* não foram identificadas informações relacionadas a seus responsáveis, tais como gerentes, editores, redatores, colaboradores, periodicidade, preço, tipografia etc. A ausência desses dados foi um traço característico desses impressos, o que dificulta compreender seu processo de produção. Por serem editados por iniciantes no universo das letras e, portanto, não possuir um caráter jornalístico profissional, suas tiragens pequenas e descontínuas demonstram o caráter não comercial da publicação, cujo público parecia restrito aos alunos, escolas e agentes interessados nas atividades desenvolvidas pelos estudantes no universo escolar.

Quanto ao conteúdo, as matérias entregavam temas relacionados à prática da escrita, resultantes de atividades escolares. Relatos de passeios, férias, cartas destinadas a familiares, descrição dos alunos e estações do ano estavam entre os enunciados presentes em suas páginas. Esses escritos eram de autoria dos alunos, predominantemente do 3º e do 4º ano do ensino primário e em cada texto encontrava-se o nome e a identificação do ano escolar desse aluno.

Era Uma Vez foi chegou ao público escolar em 1937, elaborado por estudantes do Grupo Escolar Barão de Gurgueia, situado no centro de Teresina. Na segunda edição do jornal, de 19 de novembro de 1938, consta uma nota que justifica o seu retorno e os motivos pelos quais o jornal foi pensado para sua edição inaugural no ano anterior.

> Aparecemos no ano passado por ocasião da Semana da Criança e voltamos a circular, no momento em que serão encerrados neste Grupo Escolar os trabalhos do ano letivo. O *Era Uma Vez* não podia deixar de circular hoje, visto ser um dia de júbilo para todos os que aqui trabalham – pois é o dia da colação de grau dos seus jovens concludentes que, tão galhardamente alcançaram a palma da vitória na primeira fase da vida escolar – conclusão do curso primário. Saindo dessa casa de ensino, onde beberam os primeiros ensinamentos durante cinco anos consecutivos, procurarão ingressar num curso mais elevado, para mais tarde se tornarem cidadãos dignos do querido Brasil. (NOSSO REAPARECIMENTO, 1938, p.1).

O jornal surgiu e ressurgiu em dois momentos em que a escola se valia do dispositivo para divulgar suas atividades. Nos casos mencionados, a semana da criança e a colação de grau dos seus concludentes do ensino primário.

Os textos publicados tinham dupla dimensão, pois, além de divulgar os eventos promovidos, servia de método pedagógico que auxiliava no exercício da leitura, da escrita, na composição de atividades coletivas e para a formação crítica através da elaboração de textos baseados nas experiências dos envolvidos na sua elaboração. Esse recurso tinha uma relativa proximidade com a proposta de Freinet (1974, p.22), que adotava um método "baseado nos textos livres, a observação e experimentação através da própria vida, a expressão, sob todas as suas formas, literária, científica, artística, permite-nos reunir e apurar o conteúdo do jornal"., Do ponto de vista da produção, porém, Freinet priorizava a impressão dos jornais pelos próprios alunos, através de um trabalho de cooperação, o que não ocorreu nos jornais consultados, uma vez que a sua impressão era realizada em tipografias oficiais ou comerciais fora das instituições escolares.

Figura 21 – Jornal *Era Uma Vez* (1938)

ERA UMA VES

Orgão dos alunos do Grupo Escolar «Barão de Gurguéia»

ANO II | Teresina, 19 de Novembro de 1938 | NUM. 2

Nosso reaparecimento

Aparecemos o ano passado, por ocasião da "Semana da Criança", e voltamos a circular, no momento em que serão encerrados neste Grupo Escolar os trabalhos do ano letivo. O "Era uma vez" não podia deixar de circular hoje, visto ser um dia de júbilo para todos os que aqui trabalham; — pois é o dia da colação de grau dos jovens condiscentes que, tão galhardamente alcançaram a palma da vitoria na primeira fáze da vida escolar — conclusão do curso primario.

Sahindo desta casa de ensino, onde beberam os primeiros ensinamentos durante cinco anos consecutivos, procurarão tagerinar num curso mais elevado, para mais tarde se tornarem cidadãos dignos do querido Brasil.

Recordando

(Para o album da colega Doris)

1934 — 1938. Eramos ainda bem pequenas quando começamos a estudar juntas. Fizemos os 1.º anos B e C, o 2.º, o 3.º e já estamos no 4.º.

Que tristeza sinto quando me lembro que está proxima a nossa separação.

Como hei de deixar esta escola tão bôa que ha 5 anos frequento com assiduidade! Que saudade sinto ao separar-me de minhas colegas! E as professoras!

Eu nem sei dizer.

A saudade é tanta, bôa Doris, que mesmo nem sei explicar.

Está chegando a nossa separação (é o nosso ultimo adeus).

Quando me lembro que cada dia que se passa, é mais um dia que elimina... E depois, quando já estivermos cursando a Normal em o Ginasio, como que saudade relembraremos os nossos bons tempos de criança, que não voltarão mais!

Maria Helena Batista dos Santos
4.º ano

A BANDEIRA NACIONAL

Comemoramos hoje o dia da Bandeira.

A Bandeira é o simbolo sagrado da querida terra do Brasil.

Tudo nela nos fala da grandeza da nossa Patria!

Sua côr verde lembra a exuberante vejetação do solo brasileiro e é ainda a esperança que temos de um futuro helissimo; o amarelo, a riqueza entranhada na terra, á espera do trabalho inteligente para melhor aprovei-tá-lo; o azul, representa o nosso formoso céu, e ainda temos... — branco simbolizando a pureza.

Ornam-na 21 estrelas, que representam os Estados que se unem para o engrandecimento do Brasil.

O bêlo lema: "Ordem e Progresso", quer dizer harmonia, amôr, paz, desenvolvimento.

Salve ó Santa Bandeira Nacional!

Benedito Cadah — 3.º ano

PERFIL

A. A. F.

Morena jambo, olhos grandes, vivos, escuros que parecem rir, cabelos pretos, lisos e compridos; costuma sempre trazê-los trançados. Nariz afilado, bôca pequena, quando ri forma lindas covinhas ao rosto, que contribui para a sua beleza. Ao olharmos para ela, descobrimos logo a grande inteligencia de que é possuidora. Frequenta o 4.º ano deste Grupo.

Quem é?

Ligia Martins — 4.º ano

Literatura

Temos sobre a nossa mêsa de trabalho os seguintes orgãos, os quais gentilmente agradecemos:

"Pronome" bem confeccionado jornal redigido pelo Colegio Pedro II; "Labaro Juvenil", "A Voz da Criança" e o "Bandeirante", orgãos dos alunos dos Grupos Escolares "José Lopes", "Gabriel Ferreira" e "Domingos Jorge Velho", desta cidade.

Fonte: Arquivo Público do Piauí

Do ponto de vista de do conteúdo do jornal, basicamente a autoria dos textos era atribuída a alunos e alunas que cursavam o 2º, 3º e 4º ano e evocavam uma diversidade de enunciados relacionados diretamente ao cotidiano e aos interesses da escola, conforme podem ser vistos no Quadro 13.

Quadro 13 – Conteúdo do jornal *Era Uma Vez* (1938)

	MATÉRIA	AUTOR	SÉRIE/ANO	PAG.
ERA UMA VEZ	O nosso reaparecimento	/////////////////	//////	1
	Literatura (jornais)	/////////////////	//////	1
	A bandeira nacional	Benedita Cadah	3º ano	1
	Recordando	Maria Helena Batista dos Santos	4º ano	1
	Perfil (quem é?)	Lígia Martins	4º ano	1
	Crianças	Angelo de A. Matos	3º ano	2
	História sugerida por uma estampa da vida doméstica (O macaco e o coelho)	Doris Rosa de Oliveira	4º ano	2
	A vida no campo	Anita R. da Mata	3º ano	2
	Vitória-régia	Carlos Omati	2º ano	2
	As flores	Guiomar de Carvalho Gonçalves	3º ano	2
	Vista da praça Pedro II	/////////////////	//////	3
	Descrição de um passeio	Aldenora Batista dos Santos	2º ano	3
	As plantas (descrição)	Maria Nazaré Silva	4º ano	3
	Meu grupo	Moisés Cadah	3º ano	3

	Ser professora	Maria do Carmo Soares	3º ano	4
	O Canário	Maria Iêda Cadah	2º ano	4
	A Pátria (reprodução)	Raimundo Anes de Carvalho	3º ano	4
	Visitas	//////////////////	//////	4
	Leilão	Uma terceiranista	3º ano	4

Fonte: *Era Uma Vez*, ano 2, n. 2. Teresina 19 nov. 1938.

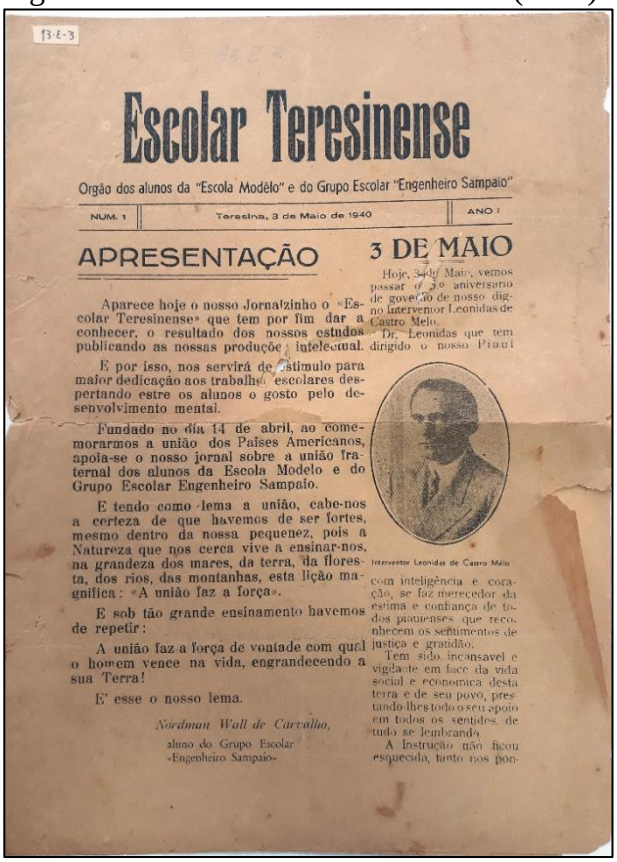
O artigo "Ser professora", da aluna Maria do Carmo Soares, sinaliza para a representação dos profissionais do ensino. Os métodos de ensino foram notados na matéria sobre a "descrição de um passeio". Os hábitos, aspectos físicos e até mesmo o desempenho nas atividades escolares foram evidenciados nos perfis de alunos e notas humorísticas. Textos de cunho redacional, com destaque para aspectos da natureza, marcaram também a sua escrita escolar. Entre esses textos estão: "Vitória-régia", de Carlos Omati (2º ano), "As flores", de Guiomar de Carvalho Gonçalves (3º ano), "As plantas", de Maria Nazaré Silva (4º ano) e "O Canário", de Maria Iêda Cadah (2º ano). Muito embora não fique claro, essas matérias pareciam figurar entre as atividades escolares e escolhidas para compor o pequeno impresso, cumprindo, dessa forma, aquilo que Freinet (1974) propôs como uma das funções do jornal escolar, que seria divulgar as atividades desenvolvidas na escola.

Escolar Teresinense chegou às mãos de seus leitores em 3 de maio de 1940. Resultado dos esforços dos alunos da Escola Modelo Artur Pedreira e do Grupo Escolar Engenheiro Sampaio, também foi elaborado com objetivos claramente pedagógicos para servir de estímulo para o desenvolvimento das atividades escolares e desenvolvimento dos alunos dos estabelecimentos de ensino associados à publicação. O dispositivo foi utilizado como espaço de aprimoramento de aprendizagem em que se via a possibilidade de desenvolver práticas de leitura, de escrita, além, de ter em suas páginas o lugar para expor suas posições e interesses. Essa posição foi indicada no segundo número de *Escolar Teresinense*, conforme se pode ler:

> Aparece hoje o nosso jornalzinho o "Escolar Teresinense" que tem por fim dar a conhecer o resultado dos nossos estudos publicando as nossas produções intelectuais. E por isso, nos servirá de estímulo para maior dedicação aos trabalhos escolares despertando entre os alunos o gosto pelo desenvolvimento mental. Fundado no dia 14 de abril ao comemorarmos a união dos países Americanos, apoia-se o nosso jornal sobre a união fraternal dos alunos da Escola Modelo e do Grupo Escolar Engenheiro Sampaio. E tendo como lema a união, cabe-nos a certeza de que havemos de ser fortes, mesmo dentro da nossa pequenez, pois a Natureza que nos cerca vive a ensinar-nos, na grandeza dos mares, da terra, da floresta, dos rios, das montanhas, esta lição magnífica: "A União faz a Força". E sob tão grande ensinamento havemos de repetir: a união faz a força de vontade com a qual o homem vence na vida, engrandecendo a sua Terra! É esse o nosso lema. (CARVALHO, 1940, p.1).

Mesmo tendo sido editado com foco no aprimoramento dos saberes do aluno, não significa dizer que outros sujeitos escolares, sobretudo professores e dirigentes, estivessem alheios à composição de suas páginas. Outro ponto interessante consiste no fato de *Escolar Teresinense* congregar estudantes de duas escolas de Teresina e explicar o seu surgimento fazendo referência às celebrações da União Pan Americana, comparando a harmonia entre os alunos das duas instituições. "[...] hoje, com imenso prazer, vemos sair o primeiro número de nosso jornalzinho, amparado pelo espírito culto e esclarecido do Diretor da Imprensa Oficial que, tão generosamente nos deu o seu apoio" (SILVA, 1940, p. 2). A impressão do jornal ocorria nas oficinas da Imprensa Oficial do Estado, o que sugere a existência de uma prática comum, sobretudo durante o período do Estado Novo, em que o governo se valia de distintos mecanismos para promover a divulgação de seus atos. "Do ensino primário ao superior, crianças, jovens e adultos foram alvos de uma forte e eficiente propaganda ideológica" (SCHMITZ; COSTA, 2017, p.386).

Figura 22 – Jornal *Escolar Teresinense* (1940)



Escolar Teresinense

Orgão dos alunos da "Escola Modêlo" e do Grupo Escolar "Engenheiro Sampaio"

NUM. 1 | Teresina, 3 de Maio de 1940 | ANO I

APRESENTAÇÃO

Aparece hoje o nosso Jornalzinho o «Escolar Teresinense» que tem por fim dar a conhecer, o resultado dos nossos estudos publicando as nossas produções intelectual.

E por isso, nos servirá de estímulo para maior dedicação nos trabalhos escolares despertando estre os alunos o gosto pelo desenvolvimento mental.

Fundado no dia 14 de abril, ao comemorarmos a união dos Países Americanos, apoia-se o nosso jornal sobre a união fraternal dos alunos da Escola Modelo e do Grupo Escolar Engenheiro Sampaio.

E tendo como lema a união, cabe-nos a certeza de que havemos de ser fortes, mesmo dentro da nossa pequenez, pois a Natureza que nos cerca vive a ensinar-nos, na grandeza dos mares, da terra, da floresta, dos rios, das montanhas, esta lição magnifica: «A união faz a força».

E sob tão grande ensinamento havemos de repetir:

A união faz a força de vontade com qual o homem vence na vida, engrandecendo a sua Terra!

E' esse o nosso lema.

Nordman Wall de Carvalho,
aluno do Grupo Escolar
«Engenheiro Sampaio»

3 DE MAIO

Hoje, 3 de Maio, vemos passar o 3º aniversario de governo de nosso digno interventor Leonidas de Castro Melo.

Dr. Leonidas que tem dirigido o nosso Piauí

Interventor Leonidas de Castro Melo

com inteligência e coração, se faz merecedor da estima e confiança de todos piauienses que reconhecem os sentimentos de justiça e gratidão.

Tem sido incansavel e vigilante em face da vida social e economica desta terra e de seu povo, prestando lhes todo o seu apoio em todos os sentidos, de tudo se lembrando.

A Instrução não ficou esquecida, tanto nos pon-

Fonte: Arquivo Público do Piauí

Em suas páginas predominam matérias assinadas por alunas das instituições com temáticas que versam sobre educação, civismo, desenvolvimento local e cotidiano escolar. A

própria Escola Modelo Artur Pedreira estava entre os inscritos da edição. A estudante Celina Silva descreveu um conjunto de aspectos da referida instituição, pontuando características físicas, como localização, dependências, mobiliário e a sua importância para o ensino primário da capital. A estudante escreveu o seguinte:

> Um dos Grupos Escolares mais importantes de Teresina é a Escola Modelo "Artur Pedreira". Funciona no prédio da Escola Normal Oficial localizada na Praça Deodoro. As suas salas são amplas, claras e ventiladas. Não possui, porém, pátio para recreio dos alunos, o que muito nos faz falta. O mobiliário escolar está bem-organizado. Além dos mapas, quadros negros, carteiras, contadores, há uma biblioteca contendo ótimos livros educativos. Dirigida por D. Maria Izabel Gonçalves de Vilhena, é a Escola Modelo Artur Pedreira um dos mais bem organizados estabelecimentos de ensino primário desta capital. (SILVA, 1940, p. 2).

A Escola Modelo Artur Pedreira era uma das instituições de ensino primário mais conceituadas da capital e as informações que compõem a matéria ajudam a compreender o modo como ela estava estruturada e as condições nas quais se encontrava, tomando como base o olhar de uma aluna da escola. A importância do educandário foi enfatizada por Brito (1996, p. 90), quando afirma que "os grupos escolares deveriam adotar como padrão a Escola Modelo anexa à Escola Normal Oficial destinada à prática dos alunos daquela escola". Note-se que a Escola Modelo funcionava no edifício da Escola Normal, por ser um educandário que servia de "escola de aplicação" das práticas pedagógicas desenvolvidas pelas normalistas. A relação entre as duas instituições foi definida pelo regulamento de ensino de 1933. Ao referir-se a esse regulamento, Neves (2017, p. 81) argumenta que ele estabelecia que

> [...] a Escola Modelo estaria ligada à Escola Normal Oficial, e sua organização administrativa, didática e econômica seria igual à dos grupos escolares, destinava-se à prática profissional dos alunos do quarto e quinto ano normais. [...] Além do pessoal docente e administrativo comum a todos os grupos escolares, teria uma inspetora de alunos.

A Escola Modelo Artur Pedreira prestou importantes serviços ao ensino primário piauiense. Foi considerada como "modelo" de instituição proposto pelo governo para a organização, aparelhamento e funcionamento dos grupos escolares, que se tornaram a principal representação de modernização e expansão da rede escolar no Estado, a partir do início da década de 1930, posto que

> O Governo do Piauí empenhou-se seriamente, no período de 1933 a 1937, na expansão da rede escolar primária, constituindo novos e modernos prédios escolares em todo o Estado e ampliando consideravelmente as matrículas que, no período,

> alcançaram um crescimento de 215% segundo estatísticas oficiais. (BRITO, 1996, p. 92).

Em *Escolar Teresinense*, a Bandeira Nacional estava entre os símbolos exaltados. Mas, além dela, chama a atenção um texto que destaca a celebração do aniversário do Interventor Federal Leônidas de Castro Melo. Durante o Estado Novo foi realizada uma intensa propaganda positiva do chefe da nação, Getúlio Vargas, onde seu aniversário e do seu governo passaram a ser comemorados basicamente em todos os estados da federação. Associando-se a essa prática, governadores estaduais também se valeram da imprensa para fortalecer a sua imagem de líder condutor do seu povo. Os jornais escolares foram muito utilizados para esse fim, como se pode notar em *Escolar Teresinense*.

> Hoje, 3 de maio, vemos passar o 3º ano do governo do nosso digno interventor Leônidas de Castro Melo. Dr. Leônidas que tem dirigido o nosso Piauí com inteligência e coração, se faz merecedor da estima e confiança de todos os piauienses que reconhecem os sentimentos de justiça e gratidão. Tem sido incansável e vigilante em face da vida social e econômica desta terra e de seu povo, prestando-lhes todo o seu apoio em todos os seus sentidos de tudo se lembrando. A instrução não ficou esquecida, tanto nos pontos longínquos do estado como na capital onde foram recentemente criados dois grupos escolares "Felix Pacheco" e "Engenheiro Sampaio". Dr. Leônidas possui, a par de uma lúcida inteligência, um inconfundível e generoso coração, traço mais belo de sua personalidade, como bem o podem atestar todos quantos dele se aproximam, sejam ricos ou pobres, ocupem posição elevada ou sejam os mais humildes seres humanos. E toda essa beleza de espírito superior se reflete na maneira serena, acolhedora e amiga com que somente ele sabe acolher a quem o procura. Somos felizes por possuir um interventor assim. E enviando-lhe hoje os nossos parabéns, por intermédio deste pequenino jornal, cujo primeiro número, lhe dedicamos numa humilde e espontânea homenagem, fazemos votos por sua perene felicidade que será a felicidade do Piauí (CARVALHO, 1940, p.1).

Exaltar o líder e suas realizações era uma demonstração de patriotismo e de cumprimento do dever cívico e, mesmo não integrando o calendário cívico, também integrava as festividades, visando à legitimação de um projeto político que procurava moldar a formação de crianças e jovens estudantes. "De acordo com esse ideário, caberia ao Estado a responsabilidade de tutelar a infância e a juventude, modelando seus pensamentos e ajustando-os ao novo ambiente político. Para isso era necessário a difusão de símbolos, a exaltação de mitos e o cumprimento de rituais oficiais" (MARINHO, 2009, p. 7).

Os enunciados do jornal estimulavam os estudantes a olharem essas questões que, na sutileza da escrita dos pequenos estudantes, demarcavam uma formação disciplinada e voltada para a exaltação da nação e de elementos que demonstrassem a grandeza e a prosperidade do lugar. A escola seria a maior responsável em empreender essa modelação dos sujeitos e a imprensa escolar foi utilizada como espaço de propagação desse ideário. Outro exemplo

acerca desta questão consiste em um texto referente ao aniversário de Vargas que tem como título "O dia 19 de abril", data do seu natalício. Nele, a estudante do Grupo Escolar Engenheiro Sampaio, Francisca das Chagas Fortes de Castro, registrou como ocorreram as comemorações em Teresina, escrevendo o seguinte:

> O dia 19 como todos sabem, foi o dia do aniversário do Presidente da República. Para comemorar a passagem deste dia foi realizada uma festa no pátio do Liceu Piauiense. Às 7 horas da manhã os alunos reuniram-se na Praça Marechal Deodoro, onde estudantes primários e secundários desfilaram para o campo de Educação Física do Liceu, local destinado às festividades. No pátio do Liceu realizaram-se discursos, entre os quais o do diretor do estabelecimento que exaltou a data e fez votos pela felicidade pessoal do Presidente Getúlio Vargas. A seguir houve a demonstração de Educação Física pelos alunos do Liceu Piauiense. Foi uma encantadora festa! (CASTRO, 1940, p.3).

As marcas de desenvolvimento foram identificadas em alguns textos do jornal que tratavam da remodelagem de espaços urbanos da capital. Três matérias dão ênfase a essa questão: "Teresina", de Mário Faustino[64], aluno do 4º ano da Escola Modelo Artur Pedreira; "A Praça Pedro II", de Teresinha Marques, aluna do 3º ano do Grupo Escolar Engenheiro Sampaio e "Passeio Agradável" de Ângelo Gil Sampaio, também aluno do mesmo ano e escola. Esses enunciados destacavam as transformações pelas quais alguns espaços da cidade experimentavam e representavam a sua modernização. O texto de Ângelo Gil Sampaio serve para ilustrar essa discussão.

> Há poucos dias com o papai, mamãe e minha irmãzinha fomos visitar a ponte reconstituída sobre o Rio Parnaíba. Lá chegando subimos com dificuldade o grande aterro, e, de cima desde, apreciamos com orgulho essa grande obra. A ponte é de ferro, dando passagem sobre dormentes de madeira e se estendem duas linhas de ferro onde passa o trem. Fico muito contente e me sinto feliz, toda vez que vejo crescer o progresso de minha terra. Confio que o Piauí será um dos mais importantes Estados da Nação. (SAMPAIO, 1940, p.3).

A ponte João Luís Ferreira, conhecida como "Ponte Metálica", construída sobre o rio Parnaíba, foi iniciada ainda na década de 1920, para servir de passagem para a linha férrea que ligava Teresina a São Luís. A ponte que se tornou local de passeio para o menino Ângelo, transformou-se em um dos principais símbolos do progresso piauiense. Seus adornos metálicos representavam também o melhoramento dos transportes, comunicação e principalmente o processo de integração do estado ao Nordeste e ao restante do país.

---

[64] Mais tarde, Mário Faustino seria consagrado como um dos principais nomes da literatura piauiense. Sua principal obra foi "O homem e sua hora", publicado em 1955. Faleceu ainda jovem, aos 32 anos, em um acidente aéreo no Peru.

Último jornal da imprensa escolar primária dessa análise, *A Estrela*, estreou em 13 de maio de 1946, definindo-se como órgão dos alunos do Grupo Escolar Teodoro Pacheco. A data escolhida para o lançamento remete à memória da efeméride da abolição da escravidão no Brasil. Fragmentos do texto inaugural festejava a data que libertou os negros do jugo da escravidão e rememora essa dolorosa condição.

> Hoje, em todo o território brasileiro, comemora-se mais um ano da libertação dos escravos. A 13 de maio de 1888, dissiparam-se as trevas da escravidão com o advento da liberdade. Para nós brasileiros, esta época foi a página negra da nossa História, porém, qual um jato de luz intensa foi a Lei Áurea, ou seja, a lei que libertou os mártires da escravidão. [...] *A Estrela* traduz muito bem os sentimentos dos alunos do G. E. Teodoro Pacheco. Animados pelo desejo de contribuir para a obra educativa e instrutiva da juventude estudantil, foi que resolvemos fundar esse órgão de disseminação do saber, o qual submetemos a crítica e apreciação do povo piauiense. (*A ESTRELA*, 1946, p.1).

Em tom patriótico, exaltou a assinatura da Lei Áurea e como pôs fim ao cativeiro dos negros. Grandes fatos, datas e heróis estavam presentes na agenda das comemorações voltadas para a formação da identidade e da memória cívica da nação.

A escolha de data de lançamento do impresso estava articulada à construção de uma recordação coletiva do passado, despertando na sociedade um sentimento relacionado à memória de luta pelo fim da escravidão que subjugou as populações negras espalhadas pelo país. Halbwachs (2013) ajuda a compreender a importância da memória para a constituição do sentido de coletividade, quando argumenta que

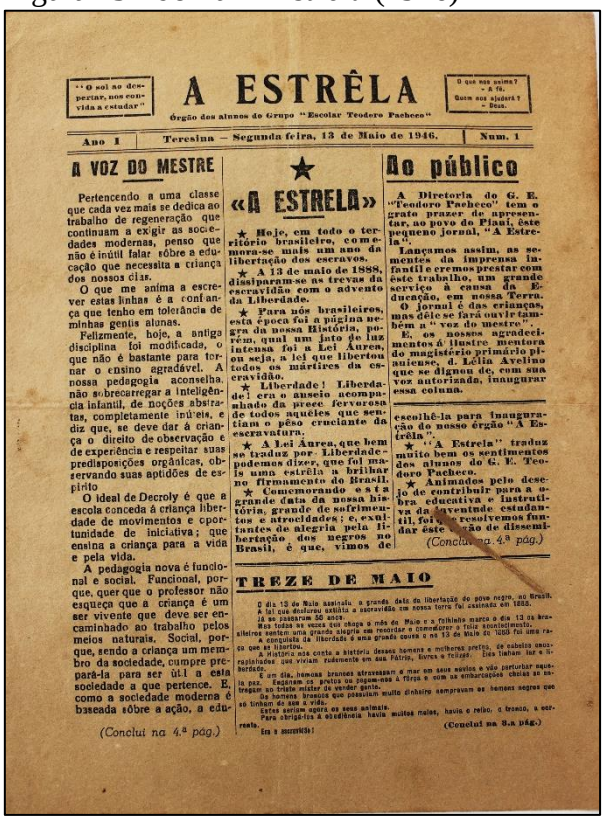
> Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2013, p. 39).

Por este argumento, a memória coletiva confirma-se como representação de acontecimentos ocorridos no passado, evocados como identidade do grupo social. Dessa forma, buscava-se celebrar a memória da abolição da escravatura no Brasil. “Comemorando esta grande data da nossa história, grande de sofrimentos e atrocidades; e, exultantes de alegria pela libertação dos negros no Brasil, é que, vimos de escolhê-la para inauguração do nosso órgão *A Estrela”.* (A ESTRELA, 1946, p.1).

As cinco edições analisadas chegaram ao público em 1946, além de mencionar as informações recorrentes, como título, vinculação, responsáveis, endereço e valores, seus

expedientes procuravam estimular amigos, alunos e professores e pais a assinarem o jornal. Uma nota dirigida aos professores dizia o seguinte: "Srs. Professores, aceitamos prazerosamente os vossos pedidos de assinatura do nosso jornal. Estamos organizando o quadro de honra dos amigos d'*A Estrela* e teremos o máximo gosto de escrever, no mesmo, o vosso nome" (A ESTRELA, 1946, p.2).

Figura 23 – Jornal *A Estrela* (1946)



A ESTRÊLA

Órgão dos alunos do Grupo "Escolar Teodoro Pacheco"

Ano 1 | Teresina — Segunda feira, 13 de Maio de 1946. | Num. 1

A VOZ DO MESTRE

Pertencendo a uma classe que cada vez mais se dedica ao trabalho de regeneração que continuam a exigir as sociedades modernas, penso que não é inútil falar sôbre a educação que necessita a criança dos nossos dias.

O que me anima a escrever estas linhas é a confiança que tenho em tolerância de minhas gentis alunas.

Felizmente, hoje, a antiga disciplina foi modificada, o que não é bastante para tornar o ensino agradável. A nossa pedagogia aconselha, não sobrecarregar a inteligência infantil, de noções abstratas, completamente inúteis, e diz que, se deve dar á criança o direito de observação e de experiência e respeitar suas predisposições orgânicas, observando suas aptidões de espírito.

O ideal de Decroly é que a escola conceda á criança liberdade de movimentos e oportunidade de iniciativa; que ensina a criança para a vida e pela vida.

A pedagogia nova é funcional e social. Funcional, porque, quer que o professor não esqueça que a criança é um ser vivente que deve ser encaminhado ao trabalho pelos meios naturais. Social, porque, sendo a criança um membro da sociedade, cumpre prepará-la para ser útil a esta sociedade a que pertence. E, como a sociedade moderna é baseada sôbre a ação, a edu-

(Conclui na 4.ª pág.)

★

«A ESTRELA»

★ Hoje, em todo o território brasileiro, comemora-se mais um ano de libertação dos escravos.

★ A 13 de maio de 1888, dissiparam-se as trevas da escravidão com o advento da Liberdade.

★ Para nós brasileiros, esta época foi a página negra da nossa História, porém, qual um jato de luz intensa foi a Lei Áurea, ou seja, a lei que libertou todos os mártires da escravidão.

★ Liberdade! Liberdade! era o anseio acompanhado da prece fervorosa de todos aquêles que sentiam o pêso cruciante da escravatura.

★ A Lei Áurea, que bem se traduz por Liberdade- podemos dizer, que foi mais uma estrêla a brilhar no firmamento do Brasil.

★ Comemorando esta grande data da nossa história, grande de sofrimentos e atrocidades; e, exultantes de alegria pela libertação dos negros no Brasil, é que, vimos de

(Conclui na 4.ª pág.)

TREZE DE MAIO

O dia 13 de Maio assinalou a grande data da libertação do povo negro, no Brasil. A lei que aboliu o cativeiro e escravidão em nossa terra foi assinada em 1888.

Já se passaram 58 anos...

Mas todas as vezes que chega o mês de Maio e o folclore marca o dia 13 os brasileiros sentem uma grande alegria em rememorar e comemorar a feliz acontecimento.

A conquista da liberdade é uma grande causa o os 13 de Maio de 1888 foi uma razão que os libertou.

A história nos conta a história desses homens e mulheres pretos, de cabelos encaracolados que viviam ruidosamente em suas Pátrias, livres e felizes. Eles tinham luz e liberdade.

E um dia, homens brancos atravessam o mar em seus navios e vão perturbar aquela paz. Agarram os pretos ou pagam-nos à força e com as embarcações cheias se enfrentam no triste mister de vender gente.

Os homens brancos que possuiam muito dinheiro compravam os homens negros que só tinham de seu a vida.

Estas serviam agora os seus amos.

Para obrigá-los à obediência havia muitos meios, havia o relho, o tronco, a escravidão.

(Conclui na 3.a pág.)

Ao público

A Diretoria do G. E. "Teodoro Pacheco" tem o grato prazer de apresentar, ao povo do Piauí, êste pequeno jornal, "A Estrela".

Lançamos assim, as sementes da imprensa infantil e cremos prestar com êste trabalho, um grande serviço à causa da Educação, em nossa Terra.

O jornal é das crianças, mas dêle se fará ouvir também a "voz do mestre".

E, os nossos agradecimentos á ilustre mentora do magistério primário piauiense, d. Lélia Avelino que se dignou de, com sua voz autorizada, inaugurar essa coluna.

escolhê-la para inauguração do nosso órgão "A Estrêla".

★ "A Estrela" traduz muito bem os sentimentos dos alunos do G. E. Teodoro Pacheco.

★ Animados pelo desejo de contribuir para a obra educativa e instrutiva da juventude estudantil, foi e resolvemos fundar êste [illegible] de disemi-

Fonte: Arquivo Público do Piauí

Na primeira edição consta como responsáveis pela folha: José Alves Filho (diretor), Nilba Basílio (Secretária), Wladimir do Rego Monteiro (gerente). Foram anunciados três valores distintos para venda de seus exemplares: Cr$. 10,00 (simples), Cr$. 20,00 (assinatura de proteção), Cr$. 0,50 (número avulso). Os valores cobrados por exemplar demonstram que sua circulação também dependia da arrecadação obtida com sua venda. Nos números seguintes foram mantidos, com pequena ampliação do quadro, os nomes da equipe responsável em suas principais funções. *"A Estrela* aceita a colaboração dos seus leitores. Toda correspondência deve ser mandada ao Grupo Escolar Teodoro Pacheco, Rua Eliseu Martins, 1308" (A ESTRELA, 1946, p. 2).

Outra estratégia utilizada para estimular a assinatura do jornal foi a de organizar um mural de honra para anunciar os nomes de seus colaboradores (amigos). Isso sugere que a

elaboração do periódico poderia contemplar apenas uma parcela dos estudantes e professores envolvidos diretamente no seu processo de elaboração. Uma edição dirigiu seu expediente aos estudantes buscando sensibilizá-los a mobilizar os pais para esse compromisso.

Frases como "ajude-nos tomando uma assinatura do nosso jornal", "assinar *A Estrela* é praticar um belo e nobre ato patriótico" ou *"A Estrela* é o teu jornal. Pede ao teu pai que tome uma assinatura em teu nome" (*A ESTRELA*, 1946, p.2) era direcionada à comunidade escolar com o objetivo de arrecadar receita para que a folha se mantivesse viva.

O editorial enfatizava que "o jornal é das crianças, mas dele se fará ouvir também a voz do mestre" (AO PÚBLICO, 1946, p.1). Essa posição sugere que sua escrita sofria a interferência e controle de professores e dirigentes do estabelecimento de ensino. A lista de responsáveis pelo jornal era composta por alunos do Grupo Escolar Teodoro Pacheco, evidenciando o protagonismo dos estudantes frente ao impresso. O controle sobre as produções de *A Estrela* sugere ainda que isso ocorria em outros jornais de ensino primário. O conteúdo do jornal foi organizado em eixos temáticos e elencadas no quadro 14. Confira:

Quadro 14 – Conteúdo do jornal *A Estrela* (1946)

EIXOS	TÍTULO	AUTOR	PAG.	Nº
EDITORIAL	A Estrela	//////////////////	1e 4	n.1
	Ao público	//////////////////	1	n.1
	A estrela (Expediente)	//////////////////	2	n.1
	Amigo leitor	//////////////////	3	n.1
	Conversas	Do colega do 4º ano	3	n.1
	A estrela (Expediente)	//////////////////	2	n.2
	A estrela (Expediente)	//////////////////	2	n.3
	A estrela (Expediente)	//////////////////	2	n.4
	A estrela (Expediente)	//////////////////	2	n.6
	Nota	A Estrela	2	n.6
EDUCAÇÃO	A voz do mestre	Lélia Avelino	1e 4	n.1
	Grupo Escolar Teodoro Pacheco	//////////////////	2	n.1
	Nossa Festa	Wladimir do Rêgo Monteiro	3	n.1
	Mês de maio	//////////////////	3	n.1
	A voz do mestre	Uma Catequista	1	n.2
	É dever do escolar	//////////////////	1	n.2
	Crônica escolar	//////////////////	3-4	n.2
	A voz do mestre (Estudar para aprender)	Lélia Avelino	1-2	n.3
	Dra. Maria Montessori	//////////////////	1	n.3
	Prêmios Escolares	Elizete Secundes Oliveira (G. E. Eng. Sampaio)	1-2	n.3
	Hino Teodoro Pacheco (Hino do Grupo Escolar Teodoro Pacheco)	//////////////////	3	n.3
	Valor da escola primária	Lélia Avelino	1-2	n.4
	Festa Escolar	//////////////////	1	n.4
	Farmácia Escolar	//////////////////	2	n.4
	A voz do mestre (15 de outubro)	Lélia Avelino	1e 2	n.6
	O nosso grupo escolar	Ana Maria da Silva - 2º ano	1	n.6
	13 de maio	//////////////////	1e 3	n.1

CIVISMO	Honra ao mérito	/////////////////	1	n.2
	A Bandeira	/////////////////	4	n.2
	Felipe dos Santos	Maria Socorro Borges	1	n.3
	D. Isabel, A Redentora	Editorial	4	n.3
	O Dia do Soldado do Brasil	/////////////////	1	n.4
	Duque de Caxias	Maria Francinete Modesto	1-2	n.4
	Ao soldado do Brasil	Roger Red	4	n.4
	Tiradentes	Maria de Jesus Evangelista - 3º ano	4	n.4
	A história de Colombo	/////////////////	2	n.6
VALORES MORAIS	O cumprimento do dever	Uma professora	1	n.2
	História da titia	/////////////////	2	n.2
	A minha vida escolar	Teresinha Fortes - 4º ano	4	n.2
	Conselho	Roger Red	4	n.3
	Ao amanhecer	Maria Zélia Pereira	2-3	n.4
	O orgulho	Maria das Mercês Amorim	1	n.6
	A preguiça	Ferdinan Freitas - 4º ano	2	n.6
CIDADE	A praça João Luís Ferreira	/////////////////	4	n.1
	Teresina	Claudia B. Nobre	3	n.3
	O Rio Parnaíba	/////////////////	2	n.1
	O Algodão	Francisco Cunha Filho	2-3	n.3
HUMOR	Charadas	/////////////////	2	n.1
	Um sorvete batuta	Maria da Conceição Fortes	2	n.1
	Inventario	Luis Barbosa de Assis	4	n.1
	Leilão	/////////////////	2	n.2
	Charadas	/////////////////	2	n.2
	Aula de Aritmética	/////////////////	2	n.2
	Charadas	/////////////////	2	n.3
	Charadas	/////////////////	3	n.4
	Para rir	/////////////////	3	n.4
NOTAS SOCIAIS	Cartas	/////////////////	3	n.4
	Airton Rocha	/////////////////	4	n.4
	Aniversários	/////////////////	4	n.2
	Dr. João Pinheiro (falecimento)	/////////////////	4	n.3
	Zelinda Pires (aniversário)	/////////////////	4	n.4
ANÚNCIOS COMERCIAIS	Melhoral	/////////////////	2-3	n.1
	Farmácia Carvalho	/////////////////	4	n.1
	Sorveteria Americana	/////////////////	3	n.1
	Foto Social	/////////////////	3	n.1
	Foto Muller	/////////////////	2	n.2
	Centro Automobilístico	/////////////////	3	n.2
	J. Veras e Cia	/////////////////	4	n.2
	Fábrica de Bebidas Santelmo	/////////////////	2	n.3
	Centro Automobilístico	/////////////////	4	n.3
	Fábrica de Calçados Elite	/////////////////	3	n.4
	Gráfica Excelsior	/////////////////	4	n.4
	Pensamentos (Casa Edilberto Martins)	/////////////////	4	n.4
	Gráfica Excelsior	/////////////////	2	n.6

Fonte: O autor, 2022.

O conteúdo de *A Estrela* revela uma linha editorial voltada para o debate em torno de questões educacionais, formação cívica e da conduta moral dos estudantes. Ao priorizar essas temáticas pode-se verificar que o jornal buscava imprimir discussões que colaborassem para o

processo formativo dos leitores. Foram noticiados aspectos do cotidiano da escola, através de crônicas e relatos das atividades desenvolvidas no educandário. O jornal, porém, serviu também como espaço de discussões pedagógicas, especialmente na coluna “A voz do mestre”, presente em todos os números consultados e assinada pela professora Lélia Avelino, em que discutia a importância da educação e a utilização de métodos disseminados pelas postulações do movimento da Escola Nova.

Os temas cívicos evocavam figuras, eventos e símbolos como Libertação dos escravos, Dia da Bandeira, Dia do Soldado. Tiradentes, Princesa Isabel, Duque de Caxias estavam entre os personagens celebrados nas páginas do jornal. Era a construção da identidade da nação que estava em voga através de um projeto ancorado na mobilização das massas, por meio da evocação da memória cívica, da valorização dos agentes do poder e a exaltação de valores morais e religiosos, o que, em certa medida, objetivava forjar a formação de uma mocidade cuja conduta se ancorasse nesses aspectos. Alguns enunciados tinham aspectos lúdicos, como charadas, leilões das características e comportamento dos alunos. Com textos dessa natureza, o jornal tinha o objetivo de atrair leitores. Outra prática do jornal girava em torno de relatos de aspectos da cidade que experimentava uma fase de avanços e embelezamento.

A Estrela foi, portanto, um interessante periódico de uma escola de ensino primário utilizado como mecanismo de informação de seus leitores, ao tempo que se configurou como um espaço de aprendizagem, estimulando a escrita e o protagonismo dos seus estudantes colaboradores. A repercussão positiva do impresso gerou apoio do comércio local que fez uso das páginas do jornal para anunciar seus produtos e serviços. Com relação a seu ciclo de vida, todos os números consultados de *A Estrela* circularam em 1946. Não se obteve notícias de outras edições nos anos posteriores.

2.2 Notícias de jornais

Na análise dos periódicos foram explorados aspectos das questões educacionais e escolares do período delimitado nesta pesquisa. Foram explorados temas que povoaram suas páginas, como a condição da educação piauiense, os professores e seus métodos, a atuação dos estudantes, a exaltação da pátria, além de outros assuntos mais esparsos, como valores morais, notícias de esportes, concursos de rainha dos estudantes e humorismo. Esses enunciados sinalizam que “os impressos representam um testemunho vivo dos métodos e concepções pedagógicas de uma determinada época. Eles mantêm uma relação intensa com a sua época, revelam, são produzidos e produzem tempos e espaços” (AMARAL, 2002, p.121).

Os enunciados que os jornais imprimiam evidenciam a agenda que seus responsáveis noticiavam e lançavam ao debate. Desse modo, “ao estudar periódicos é possível notar que não se constituem simples recipientes de textos e imagens, a serem decifrados. Trata-se de formas específicas da cultura impressa da modernidade, cuja complexidade e relevância os torna um problema a ser enfrentado” (GONDRA, 2020, p.31). Ao folhear os jornais, foi possível observar um conjunto de enunciações publicado com certa regularidade, especialmente os assuntos de caráter educacional, por esta razão, passei a explorar a temática e suas vertentes. Dessa maneira, esse tipo de dispositivo

> foi e, ainda é, a forma privilegiada do repositório das atividades desenvolvidas pela escola, onde pais e toda a comunidade educativa se integram através da sua leitura, e onde ficam gravadas e guardadas para memória futura, toda a sua criatividade, vivências e projectos. Daí que possa funcionar de igual modo como um diário onde as linhas orientadoras da direção e o seu projeto educativo são as balizas da sua orientação, os cantos e os encantos da imaginação dos mais novos. (ALMEIDA, 2015, p.46).

Os assuntos educacionais ocuparam lugar privilegiado na agenda dos jornais escolares através do debate em torno da condição da instrução no período e das práticas educativas e da atuação dos agentes escolares, especialmente professores e alunos. A organização desses enunciados seguiu as orientações de Nóvoa (2002, p.20), quando sugere que, “na zona de conteúdo, sistematizam-se, numa perspectiva analítica, as principais características temáticas das publicações analisadas”. Dessa forma, estabeleceu-se um diálogo entre seus pontos convergentes, assim como procurando enxergar, quando possível, aspectos que divergiam nos temas explorados, pois a “imprensa e educação não são elos que se estruturam pela pesquisa, mas que se encontram historicamente, posto que suas relações são intrínsecas” (SCHELBAUER; ARAÚJO, 2007, p.6). Os elos encontrados integram a análise das temáticas exploradas a seguir.

2.2.1 Instrução e escolas

O debate em torno da instrução esteve presente praticamente em todos os jornais analisados nesta pesquisa. Mesmo produzidos em lugares diferentes, a preocupação com as questões de ensino demonstra a importância da educação como mecanismo de transformação e progresso social e a mobilização dos agentes escolares contra o analfabetismo que, à época, alcançava percentuais de cerca de 80% da população piauiense. Na edição de 5 de novembro

de 1930, *A Luz*, de Floriano, divulgou uma matéria de I. de Freitas que chama a atenção para o engajamento da mocidade em favor da instrução como mecanismo de evolução e desenvolvimento de sua intelectualidade, inspirada em cidadãos responsáveis pela grandeza da nação. No texto está escrito:

> Como é bela a Instrução! Como nos faz felizes! Este germe fecundo, ao passo que nós o procuramos, vai penetrando nos nossos organismos e os vão fazendo fortes. Outrora no nosso amado Brasil, era difícil ver-se a mocidade ansiar pela instrução. Hoje, graças a Deus, não; a mocidade faz todos os sacrifícios, não mede obstáculos, e ansiosa lança-se à procura da Instrução. E esta luz benfazeja, este balsamo precioso, abre-nos a mente, faz-nos desejar a glória e mostra-nos, como alvos, os vultos brilhantes de grandes brasileiros, que alcançaram a glória, a imortalidade, por seu saber, por sua instrução. E nós, pequeninos seres, desejosos, ansiosos mesmo, por ver coroados os nossos esforços, lançamo-nos a procurar a Instrução, como se só ela nos pudesse trazer a felicidade! Como é belo ver-se moços e moças, a aspirar um mesmo sonho, um mesmo ideal! Todos unidos pelo mesmo sentimento! De fronte erguida a combater e a lutar pela glória do nosso amado Brasil! O Brasil, a nossa tão querida Pátria, não deve ser somente um país rico, um país belo, ou um país industrial; deve ir além. Para o futuro ele deverá ser o país mais culto e mais progressista finalmente, um país onde não haja analfabetos. (FREITAS, 1930, p. 2).

Por esse ponto de vista, a instrução era idealizada como um instrumento de desenvolvimento da sociedade em que a busca pelos moços e moças seria capaz de transformar o Brasil em uma nação, além de rica e industrializada, culta e sem analfabetos. Era, portanto, a disseminação de um discurso marcante durante o período em estudo de que a educação era um meio fundamental para promover o avanço das forças produtivas do país. Os discursos em favor da instrução e do combate ao analfabetismo continuavam em pauta em outras edições do jornal. Na mesma perspectiva, a instrução foi eleita como elemento capaz de acentuar a modernização de um país como o Brasil, marcado pelo elevado índice de analfabetos, conforme pode ser notado no fragmento seguinte:

> O cultivo do intelecto da criança contribui poderosamente para o progresso do nosso Brasil. e, para que haja progresso, para que se realize este tão importante fator de desenvolvimento de um país como o nosso, que ainda sofre o peso atroz do analfabetismo de nada mais necessitamos que do auxílio e do interesse dos nossos dirigentes. (MOREIRA, 1930, p.1).

A crítica do autor do texto põe a responsabilidade da resolução do problema do analfabetismo aos dirigentes políticos devido à emergência por escolas, especialmente na região sul do Estado, pois, por aquelas bandas "não possui, senão um limitado número de escolas primárias, estas mesmas mal frequentadas" (MOREIRA, 1930, p.1). A falta de escola desencadeou a baixa instrução da população e a permanência dos elevados índices de analfabetismo, condição reclamada pelo mesmo autor que afirma que os problemas

mencionados impediam o Brasil de figurar entre os países ilustrados. O principal meio para superar o atraso do país seria "a educação, a instrução, que é justamente o mais escasso em nossa terra" (MOREIRA, 1930, p.1). Mesmo diante dessas condições, havia aqueles que demonstravam esperança em ver avanços no campo do ensino a partir da atuação dos dirigentes da nação. Dessa forma, "talvez um dia vejamos a nossa PÁTRIA com todos os seus filhos educados. Porque muitos homens de vontade estão trabalhando corajosamente para este fim" (SILVA, 1931, p.1, grifo do autor).

Os enunciados sugerem que a condição que a educação do Piauí se encontrava era resultado de um longo processo histórico que refletia naquele presente devido às feridas abertas, frutos do pouco investimento no campo. Ainda que ações tenham sido tomadas durante o período provincial e durante as primeiras décadas do período republicano, os esforços empregados não foram suficientes para estancar o problema da falta de instrução, resultado da escassez de escolas, da baixa oferta de matrícula e, consequentemente, do levado número de analfabetos. Um interessante estudo de Queiroz (2017) analisa a educação piauiense entre a década de 1880 e 1930 e serve como referência para entender a situação anterior aos anos que balizam este estudo. Ao referir-se à educação local durante a Primeira República, ela sustenta que,

> A preocupação dos governadores estaduais com a instrução pública ao longo da Primeira República é indiscutível, o que é atestada pelo grande número de reformas elaboradas e implementadas nessas décadas. Entretanto, apesar das preocupações manifestadas, o índice de analfabetismo na população do Piauí continuou grande. Teresina, a mais bem servida cidade do Estado em termos de rede escolar, onde tinha atuação regular colégios públicos como o Liceu Piauiense, a Escola Normal, a Escola Modelo, escolas municipais e diversas escolas particulares de instrução primária e secundária, de acordo com o Censo de 1920 tinha entre seus 52.255 habitantes apenas 8.645 alfabetizados. Se a porcentagem de analfabetos na capital era de 83%, qual não serial a do interior do Estado? (QUEIROZ, 2017, p. 79-80).

Alguns anos mais tarde, um jornal de Floriano demonstrou desilusão com a estagnação da instrução. Os reclames da edição de 23 de julho de 1936, de *Voz Estudantal*. levantou uma crítica ao governo denunciando sua falta de preocupação com educação da sociedade. Segundo o texto, "É coisa por todo mundo sabida que no Brasil carecemos acima de tudo, da instrução. Isto já se tem dito e repetido infinitamente, da mesma forma que se tem chamado a altos brados que o governo não se interessa pela educação do povo" (A INSTRUÇÃO, 1936, p.1).

A mesma matéria toma a educação do Piauí como paradigma de análise para denunciar alguns fatos que contrastavam com as estatísticas oficiais. Questionava, por

exemplo, os discursos de professores a respeito da adoção de novos métodos postulados pelas concepções escolanovista e ataca o funcionamento e o currículo da rede escolar, que, no final da linha, resulta na conquista de espaço pelas camadas sociais mais privilegiadas devido ao jogo de interesses que a cerca, favorecendo sempre o apadrinhamento dos seus. Tais práticas podem ser entendidas como heranças de uma tradição política piauiense. Esse posicionamento pode ser observado no trecho seguinte:

> As escolas públicas, os grupos escolares (pelo menos os nossos) não obedecendo aos novos preceitos da nova pedagogia, jamais poderão formar inteligências robustas, cidadãos de caráter rígidos, capazes de, no futuro, bem servir aos seus semelhantes. Nas escolas superiores o moço estuda dez e mais matérias por ano. Termina o curso, ingressando depois numa Academia, saindo de lá depois de cinco anos feito doutor. Arranjou um pistolão e eis que alcança o seu supremo ideal. Este é um dos grandes males do brasileiro, ainda mais quando vemos a instrução ser monopólio dos ricos, das classes abastadas. (A INSTRUÇÃO, 1936, p.1).

A escrita denunciante a respeito da permanência dos arcaicos métodos de ensino e outros problemas recorrentes na educação piauiense sinaliza para a insatisfação da classe estudantina que ansiava por uma escola moderna capaz de formar inteligências úteis para colaborar com o ideal de progresso em voga naquele momento. A influência das ideias de pensadores da educação estava entre as mudanças esperadas. Outro ponto que apontava a influência do movimento de renovação da educação era a ideia de universalização, contemplando as camadas mais pobres. Segundo o texto:

> O filho do trabalhador não tem o direito de se instruir. A sociedade não quer que o filho do camponês – o braço propulsor do progresso – aprenda a ler. Sê o que teu pai é, diz o senhor, ao mísero operário! E ele continua ignorante, empregando os meios rústicos de lavrar a terra, já empregados cem anos atrás pelos seus avós, desconhecedor do formidável progresso lá dos grandes centros civilizados. E é neste país que existe a instrução obrigatória! (A INSTRUÇÃO, 1936, p.1).

A fala evidencia o caráter elitista da educação piauiense, em que o acesso à escola e a progressiva formação da mocidade, dependia, decisivamente, do lugar social ocupado, sendo destinado aos filhos das classes privilegiadas economicamente o direito à escola e a uma formação que os preparasse para ocupar os postos de comando daquela sociedade, enquanto os grupos menos favorecidos, formados quase que exclusivamente pelos filhos de famílias pobres de trabalhadores rurais, estariam fadados ao trabalho rústico da lavoura ou aos trabalhos braçais dos centros urbanos. Por esta razão, em outro jornal, o analfabetismo era apontado como um dos principais entraves para o progresso. Dessa vez, a crítica incidiu sobre

a desproporcionalidade entre o crescimento populacional de crianças em idade escolar e a quantidade de escolas edificadas para atendê-las.

> Há muito tempo se diz que o grande mal do Brasil está no analfabetismo do seu povo. vamos convir na assertiva. Mas, na verdade, o que se tem feito até agora em prol do chamado magno problema nacional? As cifras entristecedoras continuam a causar elevadíssima porcentagem de analfabetos, colocando o Brasil em primeiro lugar no mundo nesse particular! Continuamos a criar escolas sem nos apercebermos da desproporção em que estas se estabelecem em confronto com a vertiginosa marcha do crescimento da nossa população infantil. (WESER, 1939, p.3).

A dimensão dada ao problema do analfabetismo era tamanha que o autor da crítica o colocava como principal obstáculo enfrentado pelo Brasil. O seu caráter crônico também se justificava pelo fato de as escolas serem utilizadas quase que somente como espaço para viabilizar ao cidadão as condições necessárias para obter o direito ao voto[65], pois "As nossas escolas são, com as devidas exceções, em vez de institutos de ensino, onde o homem deve adquirir os necessários conhecimentos para a vida, máquinas para fabrico de eleitores inconscientes" (WESER, 1939, p.3). O desvio de finalidade insinuado contribuía para o agravamento da situação, ao mesmo tempo que mantinha o sertanejo em permanente condição de falta de oportunidades de avanço social. "O nosso homem ignorante e analfabeto, continua, sem assistência de toda espécie como peso morto na balança econômica do país, mergulhado na miséria a que foi relegado por todos os governos" (WESER, 1939, p.3).

As críticas apontadas ao ensino piauiense eram enxergadas como reflexo da falta de interesse e intervenção do poder público. Ainda assim, alguns desses jornais publicaram matérias sobre os avanços do campo e da educação no Estado, demonstrando dados sobre aumento no número de matrículas, como uma demonstração do interesse e investimentos do governo na busca de soluções para o problema da falta de escolas e do elevado índice de analfabetos. As discussões sobre os problemas educacionais noticiadas, nesses periódicos, escrita por alunos ou seus colaboradores, indicam o seu interesse em tratar desses enunciados, observando os distintos modos com os quais estudantes e outros agentes de ensino que testemunharam o período percebiam o projeto de governo que se configurava em torno da educação. Nessa perspectiva,

> os impressos possibilitam uma leitura das manifestações contemporâneas aos acontecimentos e uma real aproximação dos discursos emitidos à época em relação

[65] De acordo com o art. 108 da Constituição de 1934, consideravam "eleitores os brasileiros de um e de outro sexo, maiores de 18 anos, que se alistarem na forma da lei" e entre os que estavam privados desse direito encontrava-se "os que não saibam ler e escrever" (BRASIL, 1934).

> ao projeto de sociedade, bem como sobre as instituições sociais e, dentre elas, sobre a escola. Tais fontes, que se caracterizam pelo seu caráter polêmico e por vezes passageiro, muitas vezes de reação às normas estabelecidas, representam um produto cultural de sujeitos específicos em um determinado contexto histórico. (AMARAL, 2002, p.121-122).

Os jornais de Teresina contribuíram para esse debate por meio de um conjunto de enunciados dedicados à educação, à escola, a seus agentes e às suas práticas. Dessa forma, "o universo da imprensa é ricamente diversificado, permitindo múltiplas aproximações, mas as que mais têm se destacado são aquelas que tratam especificamente das publicações voltadas diretamente para as questões educacionais" (CARVALHO; INACIO FILHO, 2007, p. 53).

Como visto no capítulo anterior, nesse período, a instrução foi sendo compreendida como instrumento de desenvolvimento da sociedade. O ensino secundário, restrito a uma parcela da população que dispunha de melhores condições financeiras, também, seguia em expansão, especialmente a partir dos anos 1940 (CARDOSO, 2003). A expansão escolar do período começava a verticalizar-se com a ampliação do ensino secundário e a chegada do ensino superior, em 1931, a partir da fundação da Faculdade de Direito do Piauí, em Teresina. Segundo afirma Brito (1996, p.84),

> O primeiro estabelecimento de ensino superior no Estado, a Faculdade de Direito do Piauí, nasceu da iniciativa privada como resultado do esforço de alguns intelectuais, destacando-se entre eles Cromwell Barbosa de Carvalho, Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves, Mário José Batista, Giovani Costa, Leonardo Cunha, Francisco Pires Gayoso e Almendra, Cristino Castelo Branco, Álvaro Ferreira e outros. Contando com o apoio do Interventor Federal, Capitão Joaquim de Lemos Cunha, a Faculdade de Direito do Piauí é solenemente instalada no dia 14 de abril de 1931.

O primeiro número de *Zodíaco* divulgou dados oficiais sobre a educação piauiense, fazendo um balanço dos investimentos realizados pelo governo no campo educacional. A divulgação dos resultados das políticas educacionais nos jornais era uma estratégia utilizada para que essas informações circulassem diretamente entre estudantes, professores e aqueles interessados nas questões educacionais. O artigo divulgou um balanço sobre os índices de matrícula do ensino primário comparados à precária situação do período anterior a 1930, dando a perceber o rápido avanço registado nos anos subsequentes. "o ensino primário desta região na República, ainda era desanimador. Como índice disso: tivemos no ano de 1930 uma matrícula de 7,937 alunos" (BASTOS, 1943, p. 2). Em seguida, anunciou a evolução desses índices durante a interventoria de Landri Sales onde se registrou uma elevação de 100% da oferta do número de matrículas entre os anos 1931-1934, conforme pode se ver no quadro 15.

Quadro 15 – Matrículas no ensino Primário no Piauí (1931 – 1934)

ANO	1931	1932	1933	1934
MAT.	10.811	15.651	15.999	20.600

Fonte: *Zodíaco*, ano 1, n. 1, p.2, Teresina, 30 maio 1943.

Em seguida, expõe os dados referentes às matrículas entre 1935-1942 durante o governo do interventor federal Leônidas Melo. Ao longo desse período, a oferta de matrícula foi consideravelmente ampliada, ano após ano, alcançando, em 1942, mais que o dobro da oferta registrada em 1935. Segundo Bastos (1943, p.2), "em todos os assuntos da moderna vida do Piauí, em dados oficiais e incontestáveis" pode-se constatar esses índices nos dados a seguir

Quadro16 – Oferta de matrículas no ensino Primário no Piauí (1935 – 1942)

ANO	1935	1936	1937	1938	1939	1940	1941	1942
MAT.	25.532	28.425	32.383	35.316	37.689	39.928	43.262	44.350

Fonte: *Zodíaco*, ano 1, n. 1, p.2, Teresina, 30 maio 1943

Interessante notar que esses mesmos dados foram divulgados em documentos oficiais, como uma edição especial do *Diário Oficial*, organizada pelo Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, no qual consta um balanço dos sete anos de governo do interventor Leônidas Melo. Os números procuravam demonstrar o rápido e evolutivo crescimento da rede escolar primária, contrapondo, em certa medida, aos enunciados que atribuíam ao governo a responsabilidade pelo descaso com a questão educacional no Estado. Do mesmo modo que os canais oficiais, a publicação de tais informações em um periódico escolar demonstra que esse tipo de dispositivo também era utilizado para divulgar os assuntos de interesse do Estado e assim colaborar para a construção de uma imagem de governo comprometido com as questões educacionais. Mais uma vez, pode ser enxergada a intenção do governo em legitimar-se através da propagação de suas ações a partir de dados produzidos para informar e convencer a sociedade, por meio de programas e ações eficientes no campo educacional. Olhando dessa maneira, Gil (2007, p.125-126) argumenta que,

> Afirmar a interpretação adequada das estatísticas colocava em jogo a própria representação da escola e, portanto, conduzia à aceitação ou não das políticas pensadas, naquele momento, para a educação nacional. O que está, portanto, em questão é o poder de consolidar um determinado modo de ver, que conduziria a expectativas diferentes quanto às ações de governo, ao mesmo tempo em que se consolida a própria autoridade dos debatedores para discutir tais temas. (GIL, 2007, p.125-126).

É bem verdade que esses números ainda eram pouco empolgantes diante da dimensão do problema. Percebe-se, porém, uma nítida intenção de estabelecer uma comparação entre os números que antecedem os anos 1930 e o período imediatamente posterior, quando o poder público estabelece uma agenda voltada para o avanço da educação através de um conjunto de ações representadas pela edificação de prédios escolares. As informações oficiais destacaram os avanços promovidos no campo educacional por meio do número de matrículas, comparando, por exemplo, os números de 1931 para um total de quatro vezes maior em 1942. Esse aumento de cerca de 400% num intervalo de dez anos resultou da estruturação da rede escolar e da ampliação do número de professores com qualificação para atuar no ensino primário.

Além da imprensa oficial, as ações do poder público no campo educacional também foram propagadas pelos periódicos escolares, que se constituíram em um importante veículo de propaganda dessas ações, como pode ser notado na imagem que mostra um fragmento do texto do Diretor do Departamento Estadual de Estatística que enaltece a atuação do interventor e celebra o crescente número de matrícula e a atenção dispensada ao ensino.

> O sr. Interventor, apesar de não dispor o Piauí de vultosas rendas que deem margem a grandes gastos para enfrentar problemas que seriam fáceis de serem solucionados noutras unidades da federação, que dispõem de grandes parques industriais, vem, dentro de nossas reais possibilidades, procuram o dar remédio seguro aos males que, mais de perto, afetam o desenvolvimento do nosso estado. O crescente aumento das matrículas nos estabelecimentos de ensino primário produzirá, em futuro muito próximo, o elevamento do grau de adaptação dos piauienses a atividades mais complexas de produção e de rentabilidade bastante superior. De par com o ensino primário marcha o ensino secundário, também vivamente professor, porquanto, igualmente, tem sido objeto da cuidadosa administração piauiense, de vez que nosso Governo vem dispensando, neste particular, o mais significativo estímulo com dotação dos melhores recursos possíveis aos aludidos institutos de ensino secundário. (BASTOS, 1943, p.2).

Com o mesmo entusiasmo, o estudante Jonas Santana Ferreira, do Ginásio Demóstenes Avelino destaca o significativo aumento dos estabelecimentos de ensino em Teresina, o que dava aos estudantes a oportunidade de prosseguir sua trajetória de estudo em escolas públicas ou privadas situadas na capital, disseminando uma ideia de democratização do ensino e igualdade de oportunidades para todas as classes sociais. Segundo a matéria,

> É Teresina, talvez de todas as cidades do Brasil, a que mais tem primado pela instrução de seus filhos. Esta verdade, estou certo, ninguém a contrariará, porquanto é do conhecimento do povo o número dos educandários que aqui existem em pleno funcionamento. Os que podem, escolhem à vontade, o estabelecimento de sua simpatia, para nele lhes ser ministrado o que há de mais sublime na existência humana; os que não podem, matriculam-se nos educandários do Estado, dos quais recebem, às vezes, os próprios livros. Os professores que lecionam nos

> estabelecimentos particulares são os mesmos que lecionam nos estabelecimentos públicos, portanto os pobres estudam como se rico fossem. (FERREIRA, 1943, p. 6).

Muito embora tenha havido significativos avanços na oferta de ensino no Estado após 1930, o posicionamento do estudante era carregado de euforia, ainda que o processo de desenvolvimento educacional da capital não correspondesse ao que se via no restante do Estado, onde poucas cidades gozavam de melhorias na oferta de instrução. Outro ponto que chama a atenção na fala diz respeito à duvidosa afirmação de igualdade de condições para ricos e pobres na inserção ao universo escolar, posto que o número de estabelecimentos de ensino era limitado, especialmente àqueles de ensino secundário. E ainda, para o ingresso a esse nível de ensino era necessário a aprovação nos exames de admissão, restringindo-o a uma pequena parcela da sociedade.

Dessa forma, o número de estudantes que gozava de condições para prosseguirem seu itinerário escolar, após a conclusão do ensino primário, era muito reduzido. Para dar um exemplo dessa situação, os dados sobre educação da Sinopse Estatística do Estado, referentes ao ano de 1935 relacionados à matrícula escolar registraram um total de 25.532 alunos matriculados no ensino primário, 730 no ensino secundário, 440 no ensino magisterial e 65 no ensino superior (PIAUÍ, 1939), situação que passou por poucas alterações na década seguinte.

As instituições escolares demarcam um lugar significativo nos jornais em estudo. De diferentes maneiras, elas foram noticiadas nas páginas de vários periódicos que davam destaque a sua importância na formação intelectual da sociedade e como símbolo de modernização e superação do atraso. Descrição, exaltação, notas comportamentais, festividades e anúncios comerciais ajudam a perceber o processo de escolarização, a cultura, os agentes e um conjunto de dados que permitem problematizar aspectos da rede escolar e a forma como a mocidade piauiense foi sendo forjada no modelo escolar existente.

Os periódicos de ensino primário também se caracterizavam pela evocação das instituições às quais se vinculavam. Na edição examinada de *Era Uma Vez* (1938), o Grupo Escolar Barão de Gurgueia foi tema da escrita de Moisés Cadah, do 3º ano, em “Meu grupo” em que relatou aspectos do cotidiano daquela instituição. O estudante descreve, com carinho, o funcionamento e organização do Grupo Escolar Barão de Gurgueia. Ele diz: “o grupo que frequento[a] fica situado à Praça Saraiva. É um prédio antigo, porém muito lindo e bem ventilado. Nele funcionam cinco classes. O 1º ano é desdobrado porque tem muitos alunos. A minha classe é o 3º ano. Todos os alunos são muito unidos”. (CADAH, 1938, p.3).

Esta instituição era parte integrante de uma arrojada política de edificação de grupos escolares intensificada nas décadas de 1930 e 1940 como parte da modernização da educação no Piauí. Brito (1996, p. 90) afirma que os "grupos escolares, com o mínimo de quatro classes, exigindo-se para sua instalação o mínimo de 180 crianças em idade escolar". Quanto à organização, destacou a existência de uma biblioteca e um clube de leitura cujas atividades ali desenvolvidas faziam parte da rotina escolar. O aluno relatou:

> Gosto muito do meu Grupo. Ele é bem-organizado. Tem uma biblioteca denominada "David Moreira Caldas" que contém muitos livros de histórias bonitas e interessantes. Todas as semanas há empréstimos de livros para os alunos que já sabem ler e para os que não sabem, temos a sala de leitura. Um lê em voz alta para os pequeninos ouvirem. Temos também o nosso clube de leitura "Anísio Brito" que vai indo muito bem. Todo mês há reunião. (CADAH, 1938, p.3).

O enunciado descreve alguns aspectos daquele estabelecimento. Um dos destaques que chama a atenção diz respeito ao funcionamento da sua biblioteca e do clube de leitura, que mantinham a cultura de empréstimos sistemáticos de livros para as crianças que sabiam ler e promovia leituras, em voz alta, para as crianças que não a dominavam, dando luz a esses aspectos que integrava o cotidiano daquela instituição e que parecia muito comum à época, compondo, assim, elementos que pertenciam à cultura escolar da instituição.

O acervo documental existente na escola ou sobre ela, nesse caso, os jornais, "nos fornecem informações sobre diferentes aspectos da instituição: os conteúdos estudados, os alunos, os professores, etc. utilizamos também as fontes e legislações, jornais da época" (BUFFA, 2002, p.28) contém vestígios revelam nuances sobre a organização, funcionamento, sujeitos, práticas pedagógicas e aspectos do seu cotidiano. Seguindo essa perspectiva, os enunciados dos jornais evidenciam rastros que ajudam a entender como estavam postas essas questões nas escolas mencionadas.

Escolar Teresinense (1940) adotou a mesma agenda, percebida no texto da aluna Celina Silva sobre a Escola Modelo Artur Pedreira. A autora enfatizou a sua importância para a formação escolar primária dos estudantes de Teresina. Segundo ela.

> A Escola Modelo vem há muitos prestando o seu concurso à instrução primária. Provida de um professorado distinto e que bem sabe compreender o valor da responsabilidade de mestras, a Escola Modelo continua a merecer a confiança dos pais de família. [...] E as suas professoras, as primeiras que o Estado diplomou, ali estão apesar dos anos de trabalho, com a mesma dedicação, o mesmo zelo, a mesma fé no desempenho da missão. A todas elas a minha afeição filial e imorredoura. (SILVA, 1940, p. 2).

O Grupo Escolar Teodoro Pacheco foi o motivo da escrita dos pequenos colaboradores do jornal. Um interessante texto assinado pela aluna do 2º ano, Ana Maria da Silva, descreve de maneira pura e singela aquele estabelecimento de ensino, responsável pela sua formação. A escrita da estudante recebeu o título de "O nosso grupo escolar" e dizia o seguinte:

> Estou no 2º ano do Grupo Escolar Teodoro Pacheco. O nosso Grupo fica localizado no centro da cidade, próximo à Praça João Luís Ferreira. Tenho vinte e nove colegas, todos amigos e delicados. Sinto-me feliz as horas que passo nesta casa de educação, ao lado da minha querida professora, distinta diretora e meus caros colegas. A sala do 2º ano é a melhor do Grupo. Há poucos dias a nossa diretora recebeu do Departamento de Educação, o retrato do grande vulto "Teodoro Pacheco". Ansiosos, aguardamos a grande festa de inauguração que, por certo, não tardará. Na sala da Diretoria está um lindo "Coração de Jesus" abençoando todos os seus filhos que aqui estudam. Confiada em seus grandes poderes aqui terminarei, alegre e feliz, o meu curso. (SILVA. 1946, p.1).

A edição de *Gente Nova*, de outubro de 1946, fez uma síntese histórica do Ginásio Diocesano destacando a atuação dos responsáveis pela consolidação daquele importante estabelecimento de ensino confessional de Teresina. Um fragmento do artigo dizia o seguinte:

> Fundado em 1925, por S. Excia. Revmo. D. Severino de Melo, amado bispo diocesano, o Ginásio Municipal São Francisco de Sales, logo se impôs às necessidades do meio, tendo em vista a educação dos moços dentro dos moldes adotados pela Igreja. A frente dos destinos do Ginásio Diocesano, como passou a ser conhecido por professores e alunos, até 1931, esteve Monsenhor Boson retirando-se para Parnaíba em virtude de seu precário estado de saúde [...]. De vitória em vitória, o antigo Ginásio passa a 12 de outubro de 1934, a inspeção preliminar, adaptado como se encontrava, graças ao espírito empreendedor daquele que já não vive. Sem sofrer solução de continuidade, sua direção tem estado sempre a cargo de distintos sacerdotes, todos possuidores dos mesmos sentimentos cristãos, isto é, o de apresentar a mocidade para a grandeza da pátria e da Religião. (COLÉGIO, 1946, p.1).

Além de evocar a trajetória do ginásio, *Gente Nova* também noticiou a movimentação da sociedade letrada e elitizada da capital em torno dos preparativos da fundação da Faculdade de Odontologia e Farmácia do Estado do Piauí. Na edição de novembro de 1947, Cunha e Silva escreveu um artigo sobre o assunto em que comemorou aquela iniciativa. Um trecho do artigo dizia:

> Atualmente, em Teresina e no Estado todo, todo piauiense que consagra amor à sua terra e lhe deseja o progresso em todos os setores. Está empolgado pela patriótica iniciativa do ilustre e operoso Pe. Alberto Freitas. Iniciativa das mais proveitosas para o Piauí, que é a de enriquecer o patrimônio cultural com o estabelecimento, em nossa capital, de uma faculdade de farmácia e odontologia. (CUNHA E SILVA, 1947, p.1).

Na sequência, o autor argumentava que o Piauí possuía competentes odontólogos que poderiam compor o corpo docente da instituição. Mas, um dos maiores entraves para a concretização daquele projeto era a falta de recursos para a construção do seu prédio e dos aparelhos de laboratórios exigidos para seu funcionamento. A notícia desse empreendimento rapidamente se difundiu e era recebida com exaltação por onde chegava, conforme pode se notar no trecho abaixo extraído por Mendes (2012) de uma edição de *Raios de Luz* de 1947.

> Está despertando o mais vivo entusiasmo no seio de todas as camadas sociais do Estado, a alvissareira e já vitoriosa iniciativa da criação, em nossa capital de mais uma Escola de ensino superior – "Faculdade de Odontologia e Farmácia". Trata-se de um notabilíssimo empreendimento de grande valor e alcance social, cujo assunto vem ao encontro das mais justas aspirações de nossa mocidade e de todos os piauienses amantes do progresso e do desenvolvimento cultural de nossa terra. Sejam as primeiras palavras de saudação e de aplausos ao "Colégio São Francisco de Sales" que num gesto ativo e nobre lança hoje a campanha dos piauienses Pró-Odontologia e Farmácia sob a direção e responsabilidade do Padre Alberto de Freitas Santos [...]. (RAIOS DE LUZ *apud* MENDES 2012, p.225).

A campanha em questão foi realizada com o objetivo de angariar fundos para o empreendimento. A respeito dessa campanha, a mesma edição do jornal publicou "Crônica de minha excursão ao norte do Estado", de Antônio Ribeiro Dias que comentou sua peregrinação pelas cidades de União, Barras Luzilândia, Piripiri, Piracuruca e Parnaíba propagando a iniciativa e buscando recursos financeiros junto àquelas populações para execução do projeto. A excursão obteve saldo positivo e os recursos obtidos em forma de donativos tornaram-se públicos em *Gente Nova*. Chama a atenção a interessante e inusitada relação dos donativos recebidos, conforme pode ser conferida:

> DONATIVOS PARA ODONTOLOGIA E FARMÁCIA
> José Luiz Veloso, de Teresina enviou um saco de cimento;
> Dep. Antônio Félix de Carvalho, de Barras, enviou Cr.$ 100,00;
> Martins Cazuza, de Piripiri, enviou um bode de raça;
> Aníbal de Freitas Santos, de Teresina, Cr.$ 65,00;
> Raimundo Rodrigues, pai do Pe. A. Freitas, enviou Cr.$ 120,00;
> Fernando da Silva Novais, procurador do Pe. A. Freitas, [...] enviou Cr.$ 200,00;
> O internato do Colégio São Francisco de Sales comprou um milheiro de tijolos e deu ao Pe. Freitas para levantamento do prédio das futuras faculdades;
> Com agrado e admiração o Ver. Pe. Freitas recebeu uma caixa contendo uma aliança a fim de ser vendida e o dinheiro ser aplicado na construção do prédio para as futuras faculdades de Odontologia e Farmácia;
> Cel. Lulu C. Branco, de Barras, enviou Cr.$ 100,00;
> Revmo. Sr. Padre Lindolfo Uchoa, de Barras, enviou Cr.$ 100,00. (DONATIVOS, 1947, p.1).

Esses investimentos foram responsáveis pela origem da referida faculdade, cuja primeira sessão preparatória da sua fundação aconteceu em 12 de outubro de 1947 no salão

nobre do Colégio São Francisco de Sales, sob a responsabilidade do Padre Alberto de Freitas Santos, conforme consta a Ata da referida reunião transcrita em *Gente Nova*. Contudo, devido às constantes dificuldades, a fundação da Faculdade de Odontologia do Piauí só se concretizou uma década depois, em 1959.

Diante desses enunciados, os jornais escolares testemunharam os debates em torno de alguns aspectos relacionados à educação, provocando a reflexão a respeito da sua importância, da formação e desenvolvimento da sociedade piauiense.

2.2.2 Professores e ensino

Os periódicos consultados ressaltaram posicionamentos de admiração e respeito pelo papel dos mestres na formação escolar da mocidade piauiense, demarcando um lugar de destaque e de contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura letrada naquele presente. As matérias mostram aspectos de sua atuação de diferentes formas. As alternativas apontadas por essas fontes revelaram que "a imprensa oferece amplas possibilidades para isso. A vida cotidiana nela registrada, em seus múltiplos aspectos, permite compreender como viveram nossos antepassados – não só os "ilustres" – mas também os suspeitos anônimos". (CAPELATO, 1988, p.20).

Os jornais foram lugares de homenagens e exaltação aos professores, celebrados com admiração, cujo caráter, inteligência e compromisso com as causas do ensino serviam de inspiração para a mocidade. Em muitos casos, suas aulas, pronunciamentos e o papel que ocupavam na formação da sociedade e no combate ao analfabetismo ganharam as páginas dos periódicos como demonstração do reconhecimento que eles recebiam. Ida de Freitas, aluna do 4º ano da Escola Normal, homenageou suas professoras com um texto que enfatiza o respeito, admiração por elas e pela missão de ensinar, comparando o compromisso educativo com a maternidade. Reflete também o caráter árduo da profissão, quando dizia:

> Na professora, primária ou secundária, vejo sempre a abnegada mãe, de desprezando tudo, só se interessa pela felicidade do filho querido e para conquistar esse bem-estar, atravessa destemidamente todos os perigos, esquecendo-se até que o filho ingrato não saberá ler nessa desinteressada renúncia, o amor sincero e verdadeiro. A professora, tal qual a carinhosa mãe, sofre pacientemente as traquinagens do aluno... Esquece todas as ingratidões para só pensar na felicidade desse ente, cujo futuro lhe foi entregue pelos pais. [...]. Que árdua missão! Sim, árdua e espinhosa, porém bela, talvez a mais bela, a mais nobre. Avante professoras! Não há missão mais nobre, mais altruística que a vossa; se hoje alguém vos aborrece, amanhã – por certo, ele vos admirará. Não desanimeis, pois, haverá sempre, no deserto terrível e infinito, um *oásis* belo e verdejante! (FREITAS, 1933, p.2).

A representação em torno da missão assumida pelas professoras e professores manteve-se ao longo do tempo, pois, mesmo com o passar dos anos, o mestre continuava sendo admirado por sua abnegação e caráter devocional. Além de salientar a importância do papel do professor, cuja função era considerada um sacerdócio, enfatizava os paradigmas teóricos que orientavam a formação normalista a partir das concepções disseminadas pelos pensadores da Escola Nova, cujas abordagens eram assimiladas e propagadas no processo formativo dos estudantes normalistas. No Brasil, as concepções escolanovistas passaram a repercutir com maior intensidade a partir da década de 1930, ainda que naquele momento tivesse que conviver com as tensões das forças contrárias capitaneadas pelas concepções da Igreja Católica (DI GIORGI, 1986). Essas influências foram expressas em alguns artigos que traçam comparações entre os modelos tradicional e moderno de escola e de ensino. Em um deles, a estudante Iris P. da Silva aborda essas diferenças:

> Antigamente o ensino era ministrado o mais rudimentar possível. Ministrado por professores que, além de não terem cultura suficiente, não possuíam todos os requisitos morais indispensáveis para exercerem tão nobre missão, não podiam os discípulos, adquirir os conhecimentos e a educação indispensáveis para enfrentarem com calma e serenidade as dificuldades da vida, tornando-se indivíduos inúteis a si, a seus semelhantes e à pátria. Esses professores, ignorando completamente as regras pedagógicas que lhe devem regular o ensino, tornavam a escola um lugar de verdadeiro suplício, onde as crianças passavam algumas horas, com tanto constrangimento, como se estivessem imersas num oceano de eterno sofrimento. Felizmente essa situação em que se achava o ensino, não perdura, foi se transformando lentamente, isto é, passando por diversas fases. Hoje já se leva em consideração a criança [...] que necessita, portanto, de uma educação cuidadosa, e se procura compreender que ela vai toda para a escola: corpo, alma e inteligência. É nesse estabelecimento que se desenvolvem e aperfeiçoam suas faculdades físicas, cultivam os seus sentimentos, formam o seu caráter e recebem os conhecimentos indispensáveis para vencerem nos trabalhos insanos da vida. O meio escolar atualmente, em todos os países civilizados, experimenta um impulso extraordinário. [...]. Além das modernas conquistas pedagógicas, o governo de todas as nações civilizadas tem empregado grandes esforços para a mais ampla difusão do ensino, pois, alguém já disse que "o qual de civilização de um país é avaliado pela alfabetização do seu povo". (SILVA, 1933, p.2).

O novo olhar que se empreendia ao ensino, a partir dos pressupostos da Escola Nova, refletia sobre as mudanças de práticas exigidas pela modernização da escola produzindo um deslocamento de protagonismo. "A Escola Nova tem como proposta nuclear descentralizar o ensino do professor para centrá-lo no aluno" (DI GIORGI, 1986, p.20), que passou a receber maior cuidado, observando seu ritmo de aprendizado, seus interesses e o desenvolvimento integral de suas faculdades. Motivada por essas abordagens, uma aluna do 5º ano, não identificada, diz que:

> A ESCOLA NOVA dá à criança liberdade de escolher aquilo que lhe agrada, sem prejudicar o ensino e a coletividade. Não se fala mais na disciplina antiga de braços cruzados, silêncio absoluto, obtida por meio de recompensas e castigos, o que provoca a desatenção e forma seres hipócritas e incapazes. Falo da que tem como resultado trabalho ativo e espontâneo da criança, baseado nas leis do interesse e da Psicologia infantil. (A QUESTÃO, 1933, p.4, grifo da autoria).

A influência da pedagogia moderna passou a conduzir o processo formativo dos estudantes normalistas, que viam nas novas orientações teóricas um modo mais adequado para estabelecer um ensino focado no interesse das crianças. Os novos métodos e abordagens desenvolvidos por educadores buscavam superar os antigos modos de promover a instrução por meio de mecanismos de controle, punição e constrangimento. Nesse sentido, "a leitura dos discursos expressos nos jornais permite acompanhar o movimento das ideias que circulam na época". (CAPELATO, 1988, p.34).

Em "A missão social do professor primário", James Azevedo, estudante do curso normal, procurou refletir sobre a atuação do professor no ensino primário, evidenciando as influências da nova pedagogia sobre sua prática. Ele escreveu:

> O papel que hoje desempenha o professor primário na organização social é completamente diferente do que lhe estava confiado até um século atrás. Errôneas como eram as concepções a respeito da escola, o bom professor era o que sabia mais. Para nós, o melhor professor está sendo o que melhor sabe ensinar o que sabe. (AZEVEDO, 1936, p.5).

Como se pode notar, o autor criticava a tradição pedagógica que considerava o acúmulo de saber como medida de capacidade para o ofício docente. Refutava essa concepção, procurando empreender uma nova visão que valorizava os métodos de ensino em detrimento dos saberes acumulados. Defende que,

> Ao invés de enciclopedista, o professor deve ser um observador inteligente dos seus alunos, lançando mão dos seus recursos que lhe oferece a psicologia. Penetrar os refolhos da mentalidade infantil, perscrutando-lhe os segredos e a delicadeza do seu mecanismo, é o meio de tornar-se o parteiro do espírito de que falou Sócrates, o mais sábio dos sábios que confessava: eu só sei é que nada sei. Esta afirmação do filósofo deve ser lembrada pelo professor contra o pedantismo que muitos ainda conservam, pensando saber muito coisa. Conhecedor da visão social e biológica da escola, ele deve confiar na obra do aperfeiçoamento humano que a educação moderna procura operar. (AZEVEDO, 1936, p.5).

As posições pontuadas elucidavam as influências das modernas concepções pedagógicas, amparadas em teóricos do movimento da Escola Nova. Por meio desse tipo de artigo, *Educação* buscava disseminar e consolidar as novas ideias entre estudantes, professores e escolas primárias do Estado. A formação normal associava-se à moderna

pedagogia que, no caso do Piauí, tinha como meta superar os modelos dos arcaicos métodos de ensino ainda predominantes entre a maioria dos professores de ensino primário. Por isso, os periódicos normalistas debatiam os benefícios da moderna pedagogia, cujos postulados estavam se disseminando nos cursos de formação de professores. Segundo Valdemarim (2010), essas concepções foram adaptadas em diferentes realidades. A autora argumenta que

> Juntamente com seus referenciais teóricos, difundiram-se os aspectos práticos dessa mudança, que foram seletivamente apropriados por diversos atores em diferentes contextos. Sobre uma base de fundamentos que permitem denominar de renovação educacional como um movimento, foram desenvolvidos novos sentidos e novas possibilidades práticas, recombinado ideias tensionadas pelos modos de uso. (VALDEMARIM, 2010, p.89-90).

Essa abordagem pode ser percebida no texto de José Ferreira Castelo Branco, que procurou estabelecer comparações entre a escola antiga e tradicional com aquelas adeptas da pedagogia moderna. Segundo ele, "A escola, durante muito tempo, foi considerada pelas crianças como um lugar horroroso e terrível, cheio de sofrimentos e fadigas. Não possuía esta instituição a atração que devia ter e que hoje tem, para com seus pequenos frequentadores" (CASTELO BRANCO, 1943, p.5). Ele ainda argumentou que,

> Desde de que a humanidade começou a conhecer a criança por intermédio das ciências educacionais, principalmente da psicologia, desde que os professores começaram a receber preparo nas Escolas Normais, aprendendo novos métodos, novos meios e processos de ensino, que são baseados em princípios sadios e perfeitos de homens como D. Bosco, Decroly, Pestalozzi e muitos outros que a providência nos enviou, a educação assumiu novas diretrizes e consequentemente, a humanidade passou a usufruir de benefícios extraordinários. A escola não é mais tida como uma oficina enfadonha, onde os discípulos cotidianamente vão receber tarefas e executa-las [...]. O infante, ao dirigir-se à escola, tem a certeza de que não receberá nenhum castigo que lhe martirize o corpo; o professor não mais acarreta doença aos seus alunos, como a miopia, escolioses e muitos outros defeitos físicos e mentais produzidos pelo rigor da disciplina e pela falta de conhecimentos pedagógicos indispensáveis à boa administração educacional. (CASTELO BRANCO, 1943, p.5).

Mesmo diante das influências de ideias modernas, ainda prevaleciam formas de ensino rudimentares que visavam apenas ao ensino da leitura e da escrita, sem se preocupar com a formação integral dos estudantes. Esses métodos e o problema do analfabetismo foram criticados pelo professor Felismino de Freitas Weser que os associa às práticas eleitoreiras. "Não basta instruir. É preciso educar." foi o título do texto de *Piauí Novo*, no qual ele tece uma reflexão sobre a necessidade de promover uma educação voltada para as populações do

campo com o objetivo de promover os conhecimentos necessários para a vida naquele meio. Ele dizia que,

> Não se cogitou, até hoje, da ruralização da grande massa popular do Brasil, disseminada pelos sertões a fora. O nosso homem ignorante e analfabeto, continua, sem assistência de toda espécie, como peso morto na balança econômica do país, mergulhando na miséria a que foi relegado por todos os governos. (WESER, 1939, p.3).

Nesta mesma linha, *A Escola* publicou "O mestre – artífice da educação", de Raimunda Nonata dos Reis. Nele, a estudante afirma que "na vida de um povo a educação representa o que é o coração para a vida do homem" (REIS, 1943, p. 1). A afirmação inicial servia para justificar o que afirmaria mais adiante, quando evidencia a importância da necessidade de instrução na formação cultural da nação. Quando se refere ao papel do professor na formação social, um fragmento de sua escrita destaca que:

> O tirocínio educativo, de um modo geral, principia no lar, amplia-se na escola e completa-se na vida. A família, sobretudo os pais, tem influência decisiva na formação do caráter e da personalidade do indivíduo, mas, de vez que o lar, no terreno educativo, vai aos poucos cedendo seu lugar à escola, [que] passa ao mestre o papel principal da educação. [...] Em sua missão abnegada, repartindo a luz do espírito, dando a emulação do exemplo, o mestre realiza um dos mais belos e sublimes dos trabalhos humanos e que afeta não apenas a um indivíduo, mas à família, à sociedade, à nação [...]. Sua missão é um sacerdócio cuja responsabilidade redobra se ele tem o encargo de educar crianças, se é professor primário. (REIS, 1943, p. 1-2).

A autora avalia o trabalho docente como alicerce do processo de edificação de uma nação civilizada. Ainda que esse seja um olhar particular da colunista, os indícios examinados mostram que havia por parte da mocidade estudiosa certa reverência pelo ofício de professor. Exaltava-o como guardião e disseminador da instrução e civilidade. Também reconhecia a importância dos agentes de ensino e a emergente necessidade de oferta de educação para todos os segmentos sociais como forma de combater o analfabetismo e elevar a escolaridade da sociedade local.

Raimunda Nonata dos Reis evidencia a defesa de uma concepção do caráter missionário do trabalho docente, chegando a atribuir um dom maternal à atuação da professora devido ao cuidado dispensado às crianças, cujo trabalho seria o de torná-las futuros cidadãos instruídos, cultos e civilizados. É claro que é preciso considerar que esses discursos foram produzidos por normalistas, que tinham em seus horizontes a pretensão de disseminar

nas atividades escolares os debates em torno da instrução, formação e o papel dos professores, para o desenvolvimento de uma sociedade moderna, por meio da educação.

Pensando dessa maneira, o professor era compreendido como encarregado da missão de civilizar aquela população majoritariamente sem o domínio da escrita e da leitura. Uma possível solução para a precariedade da educação piauiense perpassa a ampliação de escolas, formação de professores e maior oferta de matrículas. Isso foi percebido em *A Escola*, que circulou em 1943, no qual a normalista do 5º ano, Raimunda Nonata dos Reis argumenta que, mesmo que as práticas educativas tenham sua iniciação com os pais, responsáveis pela formação educativa e moral dos filhos, aos poucos esta responsabilidade vai cedendo o papel aos educandários e seus mestres.

> E, já é tempo de reconhecermos o seu valor social e a deferência a que faz jus este obreiro humilde da organização social, artífice infatigável na construção nacional e contribuinte valioso para a civilização humana que, por trabalhar na faina laboriosa dos alicerces, na construção da base, é o autor da solidez do edifício, mas, permanece por isso mesmo anônimo. Em sua missão abnegada, repartindo a luz do espírito, dando a emulação do exemplo, o mestre realiza um dos mais belos e sublimes dos trabalhos humanos e que afeta não apenas a um indivíduo, mas à família, à sociedade e à nação [...]. (REIS, 1943, p.2).

Os periódicos de ensino primário também reservaram espaço para essa discussão. Cito o exemplo de *A Estrela* que manteve uma seção, denominada "A voz do mestre", dedicada ao debate sobre a pedagogia moderna, sinalizando, entre outras questões, a influência dos pensadores da escola nova sobre a formação do corpo docente que ali atuava. A seção era assinada pela professora Lélia Avelino[66], que discutia a importância da utilização de métodos e abordagens pedagógicas modernas. Nesse sentido, nos "[...] jornais escritos pelos estudantes, podemos compreender como se davam também as práticas educativas e o dia a dia dos estudantes nas escolas, mas também quais eram as ideias que circulavam socialmente" (ZANIN, 2020, p. 29). Em um fragmento do texto inaugural da seção "A voz do mestre", a professora escreveu o seguinte:

> A nossa pedagogia aconselha não sobrecarregar a inteligência infantil, de noções abstratas, completamente inúteis, e diz que, se deve dar à criança o direito de observação e de experiência e respeitar suas predisposições orgânicas, observando suas aptidões de espírito. [...] A pedagogia contemporânea não esquece que a forma mais elevada da ação é o trabalho da inteligência, mas não dispensa a colaboração das mãos. É um dos aforistas, da Escola Nova 'somente aprendemos bem o que é feito por nós mesmo'. Todo trabalho, porém, deve ser espontâneo, isto é, despertar o interesse do educando. Outra grande preocupação dos mestres deve ser, conhecer as

[66] Dos números consultados, apenas a seção da edição de 15 de junho de 1946, em que se aborda o ensino do catecismo, não é assinada pela professora. Na ocasião, o texto é atribuído a "Uma catequista".

> diferenças psicológicas para poder formar os chamados grupos harmônicos, e as diferenças biológicas com o fim de melhorar a organização física de cada um. Realmente à disciplina, o ideal da Escola Nova é não castigar nem recompensar: proceder bem é um dever. Entretanto, a liberdade que os alunos gozam deve ser relativa, sem exageros que possam degenerar em despeito ou indisciplina. A formação do caráter deve ser, porém, a maior preocupação da escola primária, pois, o seu objetivo não é somente a formação do homem dotado de iniciativa, espírito criador e amor ao trabalho, mas principalmente cultivar no espírito infantil a semente do Bem. (AVELINO, 1946, p.1/4).

As argumentações tecidas pela colunista revelam a influência das ideias da Escola Nova sobre sua formação. Certamente, elas eram disseminadas por meio dos cursos da Escola Normal Oficial, principal instituição de formação de professores do Piauí. Por meio dessa nova pedagogia, procurava-se priorizar a criança como sujeito ativo e dotado de capacidades intelectuais que deveriam ser estimuladas. "Atribuiu-se importância central à atividade da criança, às suas necessidades e, principalmente, aos seus interesses: todo aprendizado deve partir do interesse da criança. Aquilo que não lhe interessa não deve ser ensinado" (DI GIORGI, 1986, p.21). Essa "liberdade" dada aos alunos deveria ser dotada de orientações para evitar excessos e indisciplina, o que cabia a escola que, segundo a mesma autora, deveria cuidar da formação integral do aluno, de acordo com o que abordou em outro texto:

> A escola primária deve ter por objetivo preparar a criança para a vida por meio da educação integral, isto é, por meio da educação moral, da educação física e da educação intelectual. Para melhorar a organização do educando, todos sabem que os educadores recorrem aos jogos e à ginástica. Os jogos correspondem a duas necessidades da criança: - a necessidade de exercícios e as necessidades de prazer. A ginástica não serve apenas para o desenvolvimento do corpo, desempenha a função de não menos relevo na formação da vontade e cultura da atenção. Como o supremo ideal da escola é a formação moral dos meninos deve procurar nobilitar os sentimentos cercando as crianças de tudo que é capaz de aperfeiçoar o caráter. [...] Na educação intelectual o que tem valor não é somente o que se aprende, porém como se aprende. (AVELINO, 1946, p.1-2).

Em outro número, Avelino discutiu o valor da escola primária, destacando sua função na expansão do ensino e na superação do analfabetismo. Para ela, a escola "[...] personifica-se no mestre e sem ela ninguém se eleva nos domínios da inteligência, pois é o maior elemento do progresso, da civilização de um povo" (AVELINO, 1946, p.1).

Os textos que compõem a coluna teciam reflexões sobre os seguintes pontos: o papel da educação popular para a formação das gerações, o lugar do professor nessa formação, a utilização da pedagogia moderna, a formação integral (física, intelectual e moral). O texto da primeira edição do jornal enfatizava claramente a vinculação da professora à Escola Nova. Nele, ela põe em discussão as concepções dessa corrente educacional, a começar pela ideia de

uma metodologia centrada no aluno e voltada para seus interesses, observações e experiências. Segundo a colunista,

> Felizmente, hoje, a antiga disciplina foi modificada, o que não é o bastante para tornar o ensino agradável. Aconselha não sobrecarregar a inteligência infantil, de noções abstratas, completamente inúteis, e diz que, se deve dar à criança o direito de observação e de experiência e respeitar suas predisposições orgânicas, observando suas aptidões de espírito. (AVELINO, 1946, p.1).

As argumentações da autora seguem as concepções de Decroly, cujo princípio básico voltava-se para ensinar a criação para vida, por meio da defesa da liberdade de ensino que parte da iniciativa do próprio aluno. De acordo com Di Giorgi (1986, p.21), o movimento escolanovista elucidava a ideia de que: "Atribui-se importância central à atividade da criança, às suas necessidades e, principalmente, aos seus interesses: todo aprendizado deve partir do interesse da criança". Em outra passagem, Avelino esclarece de maneira didática os princípios pedagógicos idealizados pelos pensadores da Escola Nova:

> A pedagogia nova é funcional e social. Funcional, porque, quer que o professor não esqueça que a criança é um ser vivente que deve ser encaminhado ao trabalho pelos meios naturais. Social, porque, sendo a criança um membro da sociedade, cumpre prepará-la para ser útil a esta sociedade a que pertence. E, como a sociedade moderna é baseada sobre a ação, a educação deve ser orientada pela ação. A pedagogia contemporânea não esquece que a forma mais elevada de ação é o trabalho da inteligência, mas não dispensa a colaboração das mãos. É um dos aforismos da Escola Nova: somente aprendemos bem o que é feito por nós mesmos. Todo trabalho, porém, deve ser espontâneo, isto é, despertar o interesse do educando. (AVELINO, 1946, p.1,4).

A defesa da utilização dos pressupostos teóricos tidos como mais modernos e avançados indica que essas postulações eram assimiladas pelos educadores piauienses. Ainda segundo a autora, "Como o supremo ideal da escola é a formação moral dos meninos deve procurar habilitar os sentidos a criança de tudo que é capaz de aperfeiçoar o caráter" (AVELINO, 1946, p.2). As mudanças metodológicas mencionadas divergiam dos métodos tradicionais que predominaram ao longo do tempo e, mesmo que novos métodos estivessem sendo adotados, os antigos modelos pedagógicos ainda eram empregados em escolas espalhadas pelos recantos do Estado.

Na edição de 25 de agosto de 1946, a coluna de Avelino ganhou o título "Valor da escola primária". Na sua escrita, defende que as velhas metodologias seriam superadas com uma formação adequada para os professores primários porque "[...] a escola não é uma abstração, personifica-se no mestre e sem ela ninguém se eleva nos domínios da inteligência,

pois é o maior elemento do progresso, da civilização de um povo" (AVELINO, 1946, p.1). Responsável pelo progresso através do desenvolvimento das capacidades intelectuais, físicas e morais, a autora argumentou que era preciso que o professor fosse submetido a uma formação adequada, aparelhando-lhe das condições ideais para conduzir esse processo. Nessa perspectiva, "[...] é preciso, para ser bom professor, um preparo especial. Ele deve saber não só as disciplinas do programa primário, como outras que não vai ensinar, porém que o tornem conhecedor do ser que educa" (AVELINO, 1946, p.1-2).

A formação adequada do professor deveria ocorrer nas Escolas Normais. No caso do Piauí, a necessidade de formação de professores normalistas era considerada fundamental para modernizar a educação através da utilização de uma pedagogia mais adequada ao ensino e à formação da criança, superando a pedagogia sertaneja (LOPES, 2001) e seus métodos rudimentares predominantes. As normalistas seriam também responsáveis pelo desbravamento e expansão do ensino primário no Estado.

> Antigamente, embora se reconhecesse o valor do trabalho do professor a este quase nenhuma consideração se prestava. Hoje, porém, todos estão convencidos da necessidade da educação popular e de que esta tem por base o preparo do mestre. [...] É por isso que hoje existem escolas normais em todos os países civilizados. Motivo de grande satisfação para nós é a certeza de que em nossa terra, muitos são os que se preparam para o nobre mister de educar. Penso não me enganar, afirmando que as nossas professoras (digo professoras, porque, aqui, o ensino primário está quase exclusivamente entregue as mulheres) têm a consciência da grandeza de sua missão social e se interessam por tudo que de melhor se faz nos centros adiantados. Abnegadas, modestas, possuem a virtude a que podemos chamar 'probidade profissional". Parece que trabalham impelidas por alguma visão radiosa, pois nada as detém no cumprimento do dever. (AVELINO, 1946, p.1-2).

Ao longo do tempo, escolas normais eram constituídas basicamente pelo público feminino. Havia a ideia de que a mulher possuía as virtudes necessárias para a missão de ensinar, por sua sensibilidade, paciência, tratamento carinhoso e cuidado maternal com os pequenos. Ao pesquisar o processo de feminização do magistério no Piauí, Lopes (1996, p.91) argumenta que essas virtudes "[...] são as razões para a construção da imagem da professora primária como uma segunda mãe, da ocupação como uma não-profissão e da escola como um segundo lar, composto só de 'mães' e 'filhos'". Em um outro estudo, Silva (2012) argumenta que a gradual ocupação das mulheres no magistério primário justificava-se pelos baixos salários pagos às professoras, que serviriam apenas para complementar a renda da família, uma vez que o homem seria o provedor principal da economia do lar.

Para se ter uma ideia do caráter feminino do magistério piauiense, dados oficiais correspondentes ao ano de 1934 revelaram que o Estado possuía um total de 219 professores

leigos, dos quais 61 do sexo masculino e 158 do sexo feminino. Mas os números de professores diplomados apontam a predominância da formação das mulheres nos cursos normais. No ano em questão, registrou-se um total de 205 professoras primárias diplomadas e apenas 1 professor com formação normal (PIAUÍ, 1936). Por esses números, pode-se inferir que as escolas normais eram espaços tradicionalmente de formação de moças para o exercício do magistério primário no Estado. Em edição de 15 de outubro de 1946, *A Estrela* publicou o texto de Avelino dedicado ao dia dos professores em que enfatiza o papel da escola e do professor para a formação das crianças, destacando a preocupação com o seu caráter. No texto pode se ler:

> Um país só poderá ser rico, poderoso e feliz dedicando grande cuidado à educação que se ministra na escola primária, sendo que esta deve, não somente instruir, porém, ter como fim principal a educação moral, porque nada servem força física e cultura intelectual se não estão a serviço de caráter nobre. O valor da escola primária depende do professor. [...]. isto porque é o mestre que personifica a escola, é ele que a anima, é sua inteligência que a ilumina. (AVELINO, 1946, p.1).

Os enunciados postos nessa análise indicam modos como os professores eram percebidos nos jornais escolares. Esses veículos reservavam um lugar de destaque para o ensino, escolas e professores como agentes protagonistas na formação das crianças e da mocidade piauiense, ainda que a oferta de instrução fosse incipiente no Estado e que, no período em estudo, não obstante uma certa euforia com a ampliação da malha escolar, o seu aparelhamento e oferta não chegavam a todas as localidades, muitas das quais, ainda, permaneciam em condições precárias e rudimentares. Dessa forma, "[...] compreender os discursos, práticas e agentes envolvidos na constituição destes periódicos, nos possibilita entender a cultura escolar [...]" (ZANIN, 2020, p. 34), cuja documentação, ao ser examinada, revelou, na sua diversidade, muitos aspectos que ajudam a compreender o debate educacional daquele momento sobre a escola, o ensino e seus agentes.

2.2.3 Estudantes em cena

A atuação dos estudantes, enquanto organização de classe, também protagonizou as escritas dos periódicos analisados. Elas ajudam a compreender o movimento de produção e circulação de periódicos escolares no Piauí, visto que a articulação de estudantes de distintos níveis de ensino em torno de um movimento buscava mobilizá-los em direção aos interesses da mocidade estudiosa. Dessa forma, grêmios e centros estudantis criados em ambientes escolares ou motivados como instituições articuladas à escola demarcam seu lugar como

sujeitos políticos que, por meio de uma atuação conjunta, debatiam em favor de seus interesses. Por essa razão, é necessário olhar os elos entre essas associações e a imprensa escolar salientando a importância dos estudantes na vida social, educacional, cultural e política piauiense, uma vez que sua participação na história do Brasil "tem sido vista por estudiosos e pesquisadores quase sempre como um fenômeno de importância secundária" (MENDES JÚNIOR, 1982, p.7).

Muitos periódicos dão conta de instituições estudantis que foram criadas para congregar estudantes, promover e dar visibilidade a seus interesses. Centros estudantis, grêmios escolares, literários, musicais e clubes de leitura estão entre as associações identificadas nas fontes. Nas associações presentes nos periódicos consultados predominaram os grêmios escolares, com a ocorrência também de centros culturais e clubes de leitura. A fundação dessas agremiações era motivada pelas escolas articuladas aos postulados metodológicos que as tinham como instituições auxiliares às atividades escolares, pois essas organizações pertenciam à cultura escolar (JULIA, 2001). A maioria dessas associações difundia seus interesses e atividades por meio de periódicos a elas vinculados e que serviam como dispositivo disseminador de suas ideias no meio escolar.

O Centro Estudantal Piauiense (CEP), fundado na década de 1930, foi uma das primeiras organizações da capital a congregar estudantes de diferentes escolas, especialmente de ensino secundário, com o objetivo de lutar pelos interesses coletivos da classe, inscrevendo-se como o início do movimento estudantil no Estado. Sua criação teria sido estimulada pelo poder público, como parte de projeto de mobilização da juventude na propagação dos valores da Pátria, em busca do estímulo ao espírito cívico e nacionalista, bem como elemento de impulsionamento à modernidade. Nessa perspectiva, o CEP também se utilizou da imprensa periódica para propagar os ideais que defendia.

As notícias das articulações para a organização do movimento estudantil no Piauí datam de meados de 1934. *Renovação* anuncia a necessidade de atuação política da mocidade estudiosa, tomando como pressuposto a Constituição de 1934, que dava direito de voto aos cidadãos maiores de 18 anos[67]. O direito ao voto acabou por aflorar nos estudantes teresinenses o interesse em participar da vida política e não demorou para que eles se articulassem, buscando se congregar como organização política. Desse modo,

> Os estudantes que assumiram uma atitude política e que tomam a responsabilidade de apresentar hoje este jornal ao povo teresinense, pretendem fazer uma prova

[67] A Constituição de 1934 expandiu os votos para ambos os sexos maiores de 18 anos, com exceção dos que não sabiam ler e escrever, segmentos militares e mendigos.

> prática do que seja política da mocidade, demonstrando que as suas atitudes e os seus anseios generosos sobrepairam as intrigas e as explorações desta atividade interior que, no Brasil, convencionou-se chamar de política partidária. Não assumiríamos esta atitude se, para isto, não tivéssemos uma determinação iniludível da nova Constituição Brasileira, que, concedendo o direito de voto aos maiores de 18 anos, instaurou o exercício precoce dos direitos políticos, imprimindo-lhe ainda o imperativo da obrigatoriedade do voto. Convidados por este modo a participar dos prélios cívicos da nossa democracia, os moços, por intermédio do seu núcleo de maior potencial de dinamismo espiritual, que é o da classe estudantal, não poderíamos permanecer indiferentes à obrigação constitucional de assumir uma responsabilidade que era a maior aspiração do destemor e da bravura que sempre ostentaram como um apanágio exuberante de sua fase luminosa de existência. (POLÍTICA, 1934, p.1).

Conforme a edição inaugural, os motivos que levaram a criação de *Renovação* estavam associados aos interesses e a convocação da mocidade estudiosa em participar da cena política piauiense. Do mesmo modo, esse contexto serviu para justificar a fundação de uma agremiação de estudantes cujo propósito era a defesa dos interesses da classe, conforme pode ser notado no fragmento abaixo.

> Com a promulgação da nossa carta magna que, em um dispositivo, permite às liberdades eleitorais aos estudantes maiores de 18 anos, foi que, nós, os moços piauienses, volvendo as nossas vistas para o passado, concebemos a fundação de um centro político, o Grêmio Helvécio Coelho Rodrigues, onde pudéssemos expor as nossas ideias, os nossos princípios de jovens sonhadores que, no por vir, havemos de ser os verdadeiros homens e o Brasil, sentinelas avançadas da nossa Pátria. (A NOSSA..., 1934, p.1).

A entidade congregava estudantes de duas das principais escolas de ensino secundário de Teresina. Em um trecho da mesma matéria do fragmento anterior foi dito que "O nosso partido [grêmio], assim, se compõe da quase totalidade dos alunos do Liceu Piauiense e do Ginásio S. Francisco de Sales". Os estudantes dessas escolas pareciam decididos em participar ativamente da vida política do Estado e, para tanto, a organização da classe era um imperativo para a representação de seus interesses. Essa posição foi sublinhada no trecho que se segue.

> Com o nosso aspecto de força, conjugando as nossas ideias, não medindo consequência e nem os efeitos, com toda a nossa energia de jovens que somos, com a consequência invencível aspiramos para o representar o Piauí no Senado Federal, ou mesmo para reger os destinos, um homem que seja capaz de proporcionar os apelos do nosso posso. Um dia há de chegar em que a mocidade possa, num grito uníssono, sobrelevar os hinos votivos de suas insofridas aspirações. (A NOSSA, 1934, p.1).

O interesse em participar das questões políticas teria contribuído para o surgimento do Centro Estudantal Piauiense e para seu posterior reconhecimento por parte do governo. Ao

referir-se a sua criação e ao seu reconhecimento pelo governo, como instância de representação dos estudantes da capital, Vale Junior (2010) assinala que:

> Foi com essa forma e conteúdo que nasceu a primeira instituição representativa dos estudantes piauienses: o Centro Estudantal Piauiense (CEP), fundado em 13 de janeiro de 1935, por iniciativa principalmente de estudantes secundaristas de Teresina. O reconhecimento do CEP como instituição de utilidade pública estadual deu-se já no ano seguinte à sua fundação (Lei Estadual Nº 50, de 17/7/1936), o que demonstra a sua relativa proximidade com os círculos de poder local, além de adequação às diretrizes estabelecidas pela dupla de ministros varguistas, Francisco Campos, da justiça, e Gustavo Capanema, da educação e saúde. (VALE JÚNIOR, 2010, p.124).

Essa aproximação com o poder público instituído torna-se uma ação pública. Se por um lado, o apoio estudantil tinha como finalidade atender às reivindicações e obter conquistas consideradas importantes para a classe, na outra ponta, em consonância com as concepções do governo varguista, os agentes do poder público viam nos estudantes o segmento social ideal para propagar os valores cívicos, morais e nacionalistas que buscavam consolidar na nação. Ao analisar o contexto de criação e o papel desempenhado pelo CEP, Farias destaca que a relação Estado e estudantes foi responsável por este projeto de formação nacionalista no Piauí. Ela chama a atenção para essa questão, ao pontuar que

> [...] na busca da edificação dessa "nova realidade", a relação entre o Estado e o segmento Estudantil se torna um dos pilares para sustentar essa formação. O poder e a vontade política da classe dirigente, associada ao vigor da juventude estudantil, eram relevantes para a nova organização social brasileira. (FARIAS, 2015, p. 89).

Nas décadas em estudo, o Estado procurou mobilizar a juventude estudantil para atuar como agentes disseminadores do projeto de formação de uma identidade nacional, fortalecida pela visão de rapazes e moças que buscavam contribuir para o progresso do país. Desse modo, "O Centro Estudantil Piauiense surgiu num ambiente marcado por um horizonte de propostas vinculadas a finalidades cívicas e harmonizadas com a autoridade estatal" (FARIAS, 2015, p. 90).

Quanto a sua atuação, a mesma autora aponta que as propostas lançadas pelo CEP eram voltadas para a integração dos estudantes ao circuito cultural da cidade. Em razão disso, "solicitavam desconto no valor das entradas nos cinemas e nas companhias teatrais, [assim como] dedução no preço das passagens de empresas fluviais do Parnaíba, de navios e trens, tendo em vista que a circulação do meio de transporte coletivo terrestre no município era pequena e ainda precária" (p. 93-94). As atividades do Centro estavam estritamente ligadas à

imprensa escolar as quais redigiam jornais e revistas para disseminar suas atividades e produzir discursos de interesse da classe estudantina.

Logo, era a imprensa direcionada aos agentes escolares, protagonizada por estudantes, servindo de veículo de divulgação das lutas empreendidas por instituições agremiadoras de estudantes secundaristas de Teresina. A edição do jornal *A Luz*, de 11 de junho de 1939**,** em texto intitulado "A mocidade de Teresina vive", destacou, com entusiasmo, suas ações por meio da criação de jornais que contribuíram para seu desenvolvimento intelectual e a organização reestruturação do Centro Estudantal. É o que pode ser observado no fragmento abaixo:

> A mocidade estudiosa da "Cidade Verde" está trabalhando pelo seu desenvolvimento intelectual. Além da "Folha Estudantal" um dos melhores jornais estudantis dessa cidade, temos o Piauí Novo recentemente fundado pela inteligência liceísta Armandino Nunes. Desta vez a mocidade de Teresina quer elevar bem alto a terra de Celso Pinheiro. O "Centro Estudantal Piauiense" que acha-se bem reorganizado agora, nele estão aderindo todas as classes estudantis desta cidade. O CEP tem a sua frente notados componentes entre eles o inteligente maranhense Lima Sobrinho. O Lima Sobrinho não tem medido sacrifícios em trabalhar pelo CEP e foi ele quem o reorganizou. No Colégio Sagrado Coração de Jesus todas estão solidárias com a nobre atitude do nosso caro confrade Lima Sobrinho. Portanto, o CEP conta no Colégio "Sagrado Coração de Jesus" com o apoio absoluto de todas. (ARAÚJO, 1939, p.2).

O trecho enfatiza que a entidade se valia da imprensa periódica para explicar suas atividades e os interesses dos estudantes. Além disso, destacou o ânimo com a reorganização da entidade sob a responsabilidade do estudante Lima Sobrinho. Fica evidente a adesão dos estudantes àquela iniciativa classificada como imprescindível para o seu engrandecimento intelectual. O texto também deixa indicativos de que aquele Centro parecia viver tempos instáveis, ao passo que, mesmo diante da sua breve existência, os esforços para sua reestruturação eram tão celebrados.

Uma de suas publicações, assinadas pela própria organização, foi *Folha Estudantal*, que se definia como "órgão do Centro Estudantal Piauiense". Em edição datada de 20 de outubro de 1946, encontra-se o discurso do estudante Odoastro Baltazar Nobre, na solenidade de sua posse como presidente eleito da entidade que se deu em 27 de setembro daquele ano, no auditório do Colégio São Francisco de Sales. O pronunciamento aponta sinais da condição da classe estudantil piauiense que, segundo o enunciado, encontrava-se desarticulada. O fragmento, descreve:

> Sem direção, absorta no mar do caos e da degradante falta de orientação disciplinar, vem, desde alguns anos, se formando a mentalidade desta geração, testemunho dos

> fatos mais sensíveis à moralidade humana. Eis porque um grupo de estudantes, ou melhor, de estudiosos, visto como são bem diferentes as duas classes de indivíduos, procuraram dar freio à desmoralidade e caótica ação refratária de nossa mocidade, ação esta, empregada e defendida por clementos de desmedidas e condenável força esquerdista, baseada nas doutrinas estrangeiras, cousa que aliás deve ser combatida por todos os moços de bom senso e real aproveitamento das faculdades cerebrais. E para isso, procuramos reorganizar o CENTRO ESTUDANTAL PIAUIENSE, a fim de dar não somente proporções ao desenvolvimento cultural, mas espiritual e científico ao moço do Piauí. [...] Não negamos as dificuldades que se nos depararam. Mas, como o espírito organizador vale por tudo nesta época de PENSAR E AGIR, a turma prosseguiu nas suas tentativas e eis o resultado: num ambiente de verdadeira compreensão mútua e cordialidade democrática, foi eleita, no dia 14 deste mês, uma nova Diretora para o CENTRO ESTUDANTAL PIAUIENSE, da qual tenho a grande honra e especial satisfação de fazer parte. Unamo-nos, pois, ao CENTRO ESTUDANTAL PIAUIENSE, dando uma ideia de patriotismo sadio, baseado nos princípios cristãos e otimistas dos tempos modernos, pregando amor, justiça, verdade e harmonia, certos de que estamos praticando um grande bem a nós mesmo e à pátria. Procuremos, pois, com toda força de nossa jovialidade, terminação e compreensão mútua de nossa mocidade, encaminhando-a de modo preciso, a fim de que todos os jovens possam ouvir a voz maravilhosa da imparcialidade e justiça. UNAMO-NOS NÃO PEITO A PEITO, MAS OMBRO A OMBRO EM DEFESA DA PÁTRIA QUE É A NOSSA MÃE COMUM. Avante mocidade piauiense! Nosso dia está marcado no calendário da JUSTIÇA DIVINA! (DISCURSO, 1946, p.2, grifos da autoria).

O pronunciamento do novo presidente do CEP revela que a entidade vinha de um período de interrupção de suas atividades, o que demonstra que a organização teve ciclos descontínuos, ao longo de sua trajetória nas décadas de 1930 e 1940. Quando o CEP não estava em funcionamento, a classe estudantil perdia o norte, posto que faltava condução para o desenvolvimento de aspectos relacionados às experiências estudantis. De igual modo, o discurso mostra uma nítida preocupação com ideias que pudessem influenciar o comportamento moral da mocidade que deveria preservar os valores cristãos e o amor e o respeito à pátria.

Um dos principais anseios dos estudantes estava relacionado à busca por uma casa que os abrigassem, tendo em vista que muitos se deslocavam de distintos lugares para dar continuidade aos estudos na capital. Essa carência tornou-se bandeira de luta da organização que desenvolveu intensa campanha em favor dessa causa. A ideia de uma casa de hospedagem para os estudantes estava entre as preocupações de escolas, estudantes e professores, desde meados da década de 1930. A imprensa escolar dava conta do assunto associado ao movimento estudantil que, por aqueles idos, desencadeou campanha com este fim. Matéria intitulada “Cruzada pró-casa do estudante” saiu no *Renovação*, de 19 de agosto de 1934, que mencionou a gênese da ideia e como ela ganhou apoio de distintos grupos sociais e do interventor federal no Estado:

> Talvez seja nestes últimos tempos, a mais bela de todas as ideias a da fundação, nesta capital, da Casa do Estudante. Iniciada por uma plêiade de estudantes do Liceu piauiense e Colégio Municipal São Francisco de Sales, a altruística ideia teve pleno apoio pelo Exmo. Sr. Interventor Federal, autoridades locais, sociedade e comércio. (CRUZADA, 1934, p. 4)

O apoio e a participação dos grupos elencados podem ser notados na mesma matéria na composição das comissões formadas para "dirigir os destinos desta nova instituição" (CRUZADA, 1934, p.4). Portanto, a idealização dos estudantes secundaristas teve grande adesão da sociedade e do poder público. A mesma edição noticia um evento realizado no Teatro 4 de Setembro, "com a presença de altas autoridades civis, militares, dos corpos docente e discente dos colégios normais e ginasiais desta capital e de todas as classes sociais" (CRUZADA, 1934, p. 1), o discurso do professor Martins Napoleão chama a atenção para a necessidade de uma casa de estudantes como parte do aparelhamento do sistema de ensino. Segundo ele,

> Do complexo aparelhamento que integra a organização material do ensino, na sua mais moderna expressão, ressurgem, como dependência complementar de verdadeira importância, as casas ou hospedarias de estudantes. O movimento para solução do grave problema de habitação da juventude estudiosa nos grandes centros urbanos, é uma decorrência do renascimento dos estudos pedagógicos e todas as questões correlatas, ligados ao ponto de vista de que toda a pedagogia se informa do princípio da solidariedade desde as reuniões para o trabalho coletivo, as equipes para excursões e jogos educativos, até a comunidade domiciliar em que se distinguem os traços uma perfeita sociedade, antecipada, pela sua especial organização da vida real. (CRUZADA, 1934, p. 1).

Diante do discurso em favor de uma hospedaria para os estudantes, observou-se a influência de movimentos semelhantes em outros centros urbanos do país, tendo em vista que os argumentos do professor colocam tal moradia como parte do aparelhamento do ensino moderno. Assim, além de atender as necessidades dos estudantes que não residiam na capital, a campanha também teve a participação de escolas e docentes que entendiam que as condições de moradia contribuíam para o desempenho escolar da mocidade. As atividades organizadas pelos estudantes centristas procuravam movimentar o cenário cultural de Teresina. Contudo, *Folha Estudantal*, de 1946, registrou um reclame sobre a estagnação das atividades culturais naquele período e trata com nostalgia a atuação do centro na mobilização da mocidade por meio de várias ações que desenvolviam.

> Quem tiver tido a oportunidade de participar das atividades colegiais em Teresina, há cerca de três anos, verificará com desprazer e constrangimento que aquela alegria que partia do íntimo de todos os estudantes, este, atualmente, reduzida à metade, ou talvez, a menos disso. As competições desportivas, as festas teatrais, as embaixadas

> estudantis que visitavam tão constantemente os estados vizinhos, não mais se realizaram, numa mais se conceberam. E, com as causas de tal estagnamento na vida do estudante piauiense, não podemos atinar, não podemos compreender as razões de tamanha modificação no desenrolar daqueles fatos que, ao que parece, constituíam parte indispensável à vida do estudante de então. (ATIVIDADES, 1946, p.3).

A nota evoca um período movimentado onde os estudantes valiam-se de suas organizações para ampliar os modos de formação, para além dos limites das escolas. Figuram como exemplos de formas de mobilização dos escolares, jogos esportivos, atividades teatrais, bailes, desfiles cívicos e os exercícios de escrita pela imprensa. Essas atividades, idealizadas e organizadas por estudantes e também por seus mestres, davam lugar de relevo a esses sujeitos, que tinham atuação marcante na conjuntura sociocultural e política de Teresina e do Piauí.

Essas ações eram consideradas exercícios para a vida pública de uma parcela da juventude que se preparava para assumir o leme de condução dos rumos do Estado. Esse lugar que a mocidade estudiosa ocupava, de forma articulada, por meio de suas agremiações, viveu um período de adormecimento por falta de iniciativas postas para manter as suas atividades, provocando, dessa forma, interrupções do funcionamento da principal organização dos estudanates, o Centro Estudantal Piauiense. Nesse sentido,

> O Centro Estudantal Piauiense, entidade que congregava, até o ano de 1942 a totalidade dos estudantes daquele tempo, e, por conseguinte, responsável pelo bom ou mau desenvolvimento de suas atividades extracolegiais, não pode, de modo algum, ser taxado de responsável pela paralisação da vida exterior dos estudante piauiense, porquanto, ainda após o seu desaparecimento temporário, em 1942, o povo de nossa terra teve oportunidade de presenciar, de contemplar a vida da mocidade através de festas, horas de artes, jogos que, tão somente de sua mente empreendedora partiam, muito embora fossem organizadas e orientadas pelos seus mestres. [...] O estudante aural deve tomar o caminho trilhado pelos de 1940, 41 e 42. É necessário e indispensável mesmo que ele demonstre ao público as suas aptidões, seja para o esporte, seja para o teatro, seja para a literatura. (ATIVIDADES, 1946, p.3).

Os tempos de inoperância levaram aqueles estudantes a articular o ressurgimento do CEP, para conduzir as ações daqueles jovens com o objetivo de estimular a comunidade estudantil por meio de ações que a movimentassem, fora das suas instituições escolares. Eram, portanto, essas atividades, aparentemente sem maiores pretensões, que demarcavam o lugar dos estudantes naquela sociedade. Atuava, portanto o Centro como força impulsionadora na busca pelos interesses e conquistas daqueles jovens, que foram sendo forjados a partir de um conjunto de valores que eram disseminados. Nesse sentido, “O Centro Estudantal Piauiense orgulhar-se-á em apresentar ao povo os valores novos, as joias em

capacidade que, envolvidas em espesso manto de timidez ou de modéstia, encontram-se escondidas entre a grande classe estudantil de nossa terra" (ATIVIDADES, 1946, p.3).

Para dar visibilidade a essas atividades, os estudantes recorriam aos periódicos feitos por eles e para eles como dispositivo de divulgação. No caso do CEP, um dos exemplos é jornal que vem servindo como fonte, em que as linhas conclusivas da matéria que trata sobre as atividades do Centro procuram estimular a mocidade estudiosa a divulgar suas produções nas páginas do impresso, pois *Folha Estudantal* terá sempre suas colunas franqueadas a quantos queiram, por seu intermédio, divulgar suas produções. Esqueçamo-nos da modéstia, deixemos de parte a timidez e lancemos à apreciação do público tudo quanto engendrar a nossa imaginação. A época não admite inércia!" (ATIVIDADES, 1946, p. 3).

As fontes revelam que o Centro Estudantal Piauiense pode ser considerado uma das principais organizações disseminadoras da cultura estudantil do Piauí e, para propagar os valores da classe, lançava mão da imprensa, incentivando e gestando periódicos que serviam de vitrine para discutir e divulgar os assuntos que eram de interesse daquela mocidade estudiosa, que buscava por meio dessas instituições, demarcar seu lugar naquela sociedade. Além de mobilizar a mocidade através dos centros estudantis, as escolas motivaram a fundação de instituições que auxiliavam nas práticas pedagógicas e, por extensão, na formação dos estudantes. Os grêmios escolares encontram-se entre essas instituições tratadas por Costa (2016, p. 120) da seguinte forma:

> Grêmios escolares têm feito parte da história de várias instituições educacionais ao longo dos anos. Assumindo papéis nem sempre parecidos, sendo literários, musicais, de ciências, pedagógico, artístico, os grêmios têm sido fator de aglutinação de vários estudantes em torno dos objetivos que proclamam, independentemente de qualquer ato que assumam.

Repare-se que esses centros ocuparam lugar efetivo nas escolas durante as décadas de 1930 e 1940. Os registros dão conta da atuação dessas instituições nas escolas de ensino secundário de Teresina. Podem ser tomados como exemplos o *Centro Cultural Lima Barreto* vinculado ao Ginásio Demóstenes Avelino, o *Grêmio Lítero-musical Mons. Boson* do Colégio São Francisco Sales, o *Grêmio Literário Da Costa e Silva,* do Ateneu Piauiense e da Academia de Comércio do Piauí, além de outros. Os indicativos do funcionamento dessas agremiações foram percebidos, sobretudo, nos periódicos escolares, visto que muitos jornais e revistas foram elaborados sob a responsabilidade dessas agremiações.

A respeito dos grêmios escolares, foi possível examinar algumas de suas finalidades, estrutura e organização, tomando como base os *Estatutos do Grêmio Literário Getúlio Vargas*

publicado na íntegra, na edição do jornal *A Escola,* de 15 de maio de 1943. Segundo o referido documento, eram finalidades daquela instituição: "despertar o interesse pelas artes auditivas; favorecer o desenvolvimento do gosto na escolha de boas obras; promover a leitura em voz alta; desenvolver a capacidade de expressão por exposições orais, que os alunos farão do resultado de suas leituras e defender os interesses gerais dos seus associados" (ESTATUTOS, 1943, p.10). Ainda de acordo com as normas, os alunos da 5ª série eram obrigados a se associarem pagando uma taxa de Cr$ 2.00 (dois cruzeiros) de joia e de mensalidade a quantia de Cr$ 1.00 (um cruzeiro).

Dois centros culturais ajudam a compreender o papel que exerciam na formação daqueles estudantes. Sediados em Teresina, o *Centro Cultural Lima Rebelo* e o *Grêmio Lítero-musical Mons. Boson,* associados, respectivamente, ao Ginásio Demóstenes Avelino e ao Colégio São Francisco Sales. Essas instituições congregavam estudantes com o intuito de motivá-los ao gosto pela cultura, esporte e artes por meio da organização de atividades que contemplassem essas questões. Essas instituições serviam de espaço complementar à formação dos estudantes. A fundação do *Centro Cultural Lima Rebelo* foi explicada por Lemos (1943, p.11) ao sublinhar que

> O Centro Cultural 'Lima Rebelo', fundado dentre as normas da LEI ORGÂNICA DO ENSINO SECUNDÁRIO que recomenda aos estabelecimentos de ensino a manutenção de associações estudantinas de caráter literário, desportivo ou artísticos, veio satisfazer as aspirações da mocidade forte e vibrante que estuda no Ginásio 'Dr. Demóstenes Avelino' dirigido pelo dinâmico Professor Felismino Weser. (grifos do autor).

Esse tipo de arguição referente ao Centro em questão pode explicar o lugar que esse tipo de instituição vinha ocupando nos estabelecimentos de ensino. A própria legislação educacional lhe atribuía um caráter auxiliar ao programa de ensino das instituições, tendo em vista a sua colaboração na formação daqueles estudantes. O artigo 46 do Decreto-lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942 da Lei Orgânica do Ensino Secundário estimulava a organização de instituições escolares de caráter cultural e recreativo com o objetivo de incentivar sua autonomia, o interesse artístico e literário e pelos problemas da nação. Para patrono do centro foi escolhido o nome de José Pires de Lima Rebelo, piauiense de Parnaíba cuja vida foi marcada pelo "[...] amor que devotou à instrução do nosso Estado fundando estabelecimentos de ensino e acolhendo os jovens pobres e desprotegidos que lhe batiam à porta" (LEMOS, 1943, p. 11). O centro foi organizado como departamentos literário, desportivo e artístico e "oferece à juventude a oportunidade do desenvolvimento de suas faculdades intelectuais –

pelas letras, que são a linguagem do pensamento; desportivas – pelo esporte, que é a educação do nosso físico; artística – pela música, que é a linguagem da alma" (LEMOS, 1943, p. 11).

Indicativos do seu caráter educativo foram notados nos periódicos, que anunciavam as contribuições do centro na formação dos estudantes, despertando seu interesse por distintos aspectos do desenvolvimento das potencialidades humanas, com o intuito de torná-los homens capacitados e úteis na condução dos destinos da nação. O discurso pronunciado pelo estudante Oséas Pereira Ferraz em sessão realizada em 4 de julho de 1943 deixa claro os elementos necessários para uma formação integral. Reafirma, mais uma vez, a finalidade do centro em promover o desenvolvimento intelectual (literatura), artístico (música) e físico (esportes) dos seus membros. Nesse mesmo discurso, o orador dá lugar de destaque para os professores que estimulavam o empreendimento, com ênfase especial para o Felismino Weser[68], tido como idealizador da entidade. Para ele,

> Os destinos dessa obra grandiosa acham-se dependendo de homens de valor reconhecido e dedicação incontestável. Basta saber-se que na vanguarda dessa organização encontra-se um grande vulto, um batalhador como sempre foi e será, em prol do desenvolvimento e da cultura das letras em nosso meio – o prezado e ilustre professor Felismino Weser. É do conhecimento de todos, que não é pela primeira vez que esse nosso orientador e amigo, vem trabalhando para este fim e sempre obtendo resultados satisfatórios. Agora, porém, eu não vejo na pessoa de Prof. Felismino Weser o intento de uma realização como as procedentes; eu sinto o seu espírito ainda mais forte e mais vibrante a sonhar com o engrandecimento da nossa terra por meio de um preparo avultado e eficaz dos seus jovens filhos que até então não dispunham de facilidades equivalentes. Afirmo que os seus sonhos e os seus desejos serão realizados dentre em breve, porque onde existe força de vontade o mais surgirá com facilidade. (FERRAZ, 1943, p.10).

Felismino de Freitas Weser foi um entusiasta das questões educacionais do Estado. Reconhecido educador, destacou-se pela inteligência e empreendedorismo nesse campo. Fundou escolas, motivou a criação de grêmios, centros culturais e periódicos escolares. Entre estes periódicos, destaca-se o jornal e a revista *Zodíaco* que fazem parte da composição do corpo documental desta pesquisa e cuja análise encontra-se neste e no próximo capítulo. A fundação de uma organização estudantil, porém, não significava a completa adesão dos estudantes àquela causa. Em "Apelo aos colegas", Antônio Cunha volta seu olhar para uma

[68] Natural da cidade de Piripiri – PI, nascido em 1895, Felismino de Freitas Weser foi um prestigiado educador dedicado à formação da mocidade piauiense. Fundou o Instituto Arcoverde em Piripiri e, em Teresina, foi um dos fundadores do Ateneu Piauiense (transformado em Colégio Leão XIII), fundou o Colégio Demóstenes Avelino e a Escola Técnica de Comércio do Piauí. Faleceu em Teresina em 1984. Ocupou o cargo de Diretor de Instrução Pública do Piauí. Pertenceu ao Cenáculo Piauiense de Letras.

parcela de estudantes que não frequentava as atividades do Centro e reclamava desse descaso frente à importância da entidade na formação intelectual dos escolares. Segundo ele,

> É lamentável que um certo número de alunos, pequeno embora, ainda não tenha compreendido a verdadeira finalidade do Centro e ao em vez de comparecerem às reuniões, dirigem-se às bancas de cafés, onde vão tratar, (é incrível dizer!) da resolução dos transcendentes problemas das Nações, hoje agitadas. Para esses é que eu me dirijo no momento, convidando-os a trocarem aquele hábito pelo da frequência às reuniões do nosso Centro, onde teremos todos nós o ensejo de passarmos momentos bem vividos, ensaiando, mesmo, os primeiros bater de asas para o sublime voo da liberdade intelectual. Tudo ali agrada, meus colegas, até o natural nervoso do orador – principiante, que deixa transparecer na face ruborizada os primeiros clarões da sua inteligência em franco desenvolvimento. Compareçam, meus colegas, àquelas reuniões para que também lhes sejam desenvolvidas as faculdades intelectuais, na certeza ainda de que os benefícios advindos reverterão em proveito de vocês, do Piauí e do Brasil. (CUNHA, 1943, p.4).

As reclamações contidas no texto indicam que a instituição auxiliava os educandários na formação de seus estudantes. Portanto, centros estudantis e culturais, grêmios e clubes de leitura foram importantes organizações extraescolares, cujo caráter formativo ocorria por meio das discussões de seus interesses, da luta por melhores condições para a classe, da organização de eventos culturais, além de estímulos às atividades intelectuais, servindo para a divulgação de suas posições políticas, sociais e das produções de talentos literários que passaram a ter lugar na imprensa escolar. Nesse particular, essas organizações estimularam e fundaram jornais e revistas com conteúdo direcionado aos sujeitos escolares. Vinculados a essas instituições, surgiram periódicos cujo conteúdo era escrito, lido e disseminado, no meio escolar como instrumento de informação e formação para os estudantes leitores.

No que se refere à organização estudantil em Parnaíba, nas edições de *Renascimento*, foi encontrado um expressivo número de matérias relacionadas às ações desenvolvidas pelo Centro. A começar pelas razões que levaram a mocidade estudiosa a se organizar, expressas na edição do jornal, de 10 de fevereiro de 1946, que, de maneira convicta sobre a importância daquele fato, enaltece a iniciativa tomada pelos estudantes da cidade, elucidando que,

> À maneira de todas as classes organizadas do país, a juventude estudantil de Parnaíba unifica-se em torno do seu CENTRO ESTUDANTAL, que passará a representá-la na luta pelas reivindicações dos seus direitos e regalias sociais. Nenhum moço de Parnaíba, poderá permanecer indiferente a tão belo quão patriótico movimento. Urge, portanto, estudante de Parnaíba, jovens que batalham hoje, homens que construirão amanhã, despertar desta letargia em que vinham te mantendo e, congregar-te dentro da tua sociedade, que direta ou indiretamente te beneficiará. [...] Organizando o nosso Centro poderemos amparar e orientar tantas inteligências moças que, privadas pelo nosso atraso educacional, não podem custear os seus estudos: para isso precisamos aproximar as classes, para que umas tenhas direitos recíprocos de exigirem os seus privilégios perante as outras; precisamos

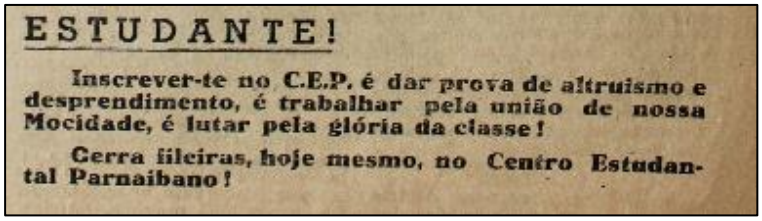
> dentro de nossos setores de trabalho centristas, cumprimos os nossos deveres, leal e criteriosamente, buscando sempre salvaguardar os interesses de todos; precisamos enfim, tornarmos conscientes de nossas responsabilidades para com os nossos dirigidos, e assim, observando, rigorosamente as incumbências imprimidas por estas responsabilidades, dando uma prova eloquente de que as novas gerações, estão se formando homens íntegros e probos, capazes de suprir a escassez de dirigentes capacitados verificada no Brasil, e maximé, no Piauí. (SOUSA, 1946, p.9).

A agremiação dos estudantes da cidade, em uma mesma entidade, inscrevia os alunos no movimento estudantil que procurava lutar pelos seus interesses seguindo os princípios de formar cidadãos que colaborassem para o desenvolvimento e progresso da pátria, pois

> Para a concretização de nossos planos na formação de um Brasil, digno de se ombrear com as demais nações civilizadas do mundo, é preciso que a mocidade nos exercitemos, nas batalhas impostas pelas contendas estudantis, tornando-nos aptos, no futuro, a enfrentarmos os magnos problemas da pátria, os quais compete resolver as novas gerações, conscientes dos seus deveres para a coletividade humana (SOUSA, 1946, p.9).

Os ideais propagados pelos centristas interferiam na formação dos estudantes, visto que aquele espaço foi utilizado para introduzir os jovens nas questões relacionadas ao desenvolvimento da pátria. Era, portanto, um lugar de exercitar a cidadania, participando dos debates públicos e lutando por seus direitos e interesses. Para isso, valia-se da imprensa periódica pensada para esse fim, o que ajuda a explicar a criação de *Renascimento.* Para que os estudantes tomassem consciência da importância do Centro Estudantal como entidade de representação dos seus interesses, eram feitas campanhas na imprensa para que esses jovens se associassem ao Centro, como se pode ver na Figura 24.

Figura 24 – Campanha para filiação ao Centro Estudantal Parnaibano



Fonte: *Renascimento*, ano 2, n.7. Parnaíba, 21 abr. 1947.

O Centro Estudantal Parnaibano conseguiu, em pouco tempo, a adesão dos estudantes da cidade que tomavam consciência da importância da instituição para o fortalecimento da classe frente às suas reivindicações. Os apelos na imprensa direcionados aos estudantes eram

categóricos, ao alertar os estudantes sobre a necessidade de unirem-se e permanecerem coesos nos propósitos da classe.

> É preciso que todos os estudantes parnaibanos compreendam que o CEP[69] é uma sociedade deles e procurem lutar denodadamente para a vitória final. Já tem a sociedade mais uma centena de sócios e é pouco. Precisa de um número ainda maior, precisa de todos, sem exceção, de todos os estudantes parnaibanos. Sim, todos. A totalidade da classe formando um só bloco. Rapazes, moças, pobres, ricos, brancos, pretos, irmanados, ombro a ombro, mantendo bem alta a chama do ideal sublime de servir a classe, de dignificar a classe, de dar a si mesmo um lugar brilhante na comunhão do povo. (VIANA, 1946, p.1).

A unidade dos estudantes representava o fortalecimento da classe. Para tanto, o CEP de Parnaíba alinhava-se a seus pares com o propósito de promover seu fortalecimento e pleitear apoio junto a outros setores da sociedade e ao poder público. A relação do Centro com seus congêneres foi percebida em uma correspondência do presidente do CEP, Isimbardo Teles da Siqueira Sousa, ao Centro Estudantal Cearense (CEC.). Na carta, o representante parnaibano enfatizou o surgimento da entidade estudantil na cidade piauiense, dizendo: "francamente honrados e satisfeitos comunicamos a V. Excia. a fundação em nossa cidade do Centro Estudantal Parnaibano, sociedade que terá as mesmas finalidades do Centro Estudantal Cearense" (CORRESPONDÊNCIA,1946, p. 10). Acrescenta ainda que se encontrava em fase de busca de apoio junto às autoridades na capital, Teresina, e o alinhamento com sua representação centrista. Este aspecto é sublinhado no trecho abaixo:

> Atualmente estamos organizando uma caravana que seguirá, dentro em pouco, para Teresina, a fim de tratar da publicação dos estatutos já elaborados, no Diário Oficial, bem como para obter o apoio das altas autoridades estaduais ao nosso movimento. Outrossim, temos em mente o apoio financeiro do comércio teresinense e a realização de uma perfeita solidariedade entre os estudantes teresinenses e parnaibano. (CORRESPONDÊNCIA...1946, p. 10).

Essas informações dão conta da integração entre os centros estudantis, seja, em outras cidades piauienses, ou mesmo em outros estados, evidenciando a existência de um movimento amplo que os estudantes estavam imersos naqueles tempos. Chama a atenção o apoio que recebia por parte do poder público, fato que sinaliza para uma questão que temos procurado dar luz neste estudo, que é a de o Estado lançar mão das distintas instituições escolares e estudantis como instrumento de formação, alinhado aos seus interesses, sobretudo na construção de valores patrióticos.

[69] O Centro Estudantal Parnaibano e o Centro Estudantal Piauiense, de Teresina, possuíam a mesma sigla, CEP.

Duas diretorias diferentes foram empossadas no mesmo ano, indício de que o Centro se achava em fase inicial de estruturação e organização administrativa. Com relação à atuação do CEP, a figura 25 indica que ele tinha como horizonte o debate acerca dos problemas do país e definia aquela geração de estudantes como responsável pelo amparo da nação diante dos seus entraves.

Figura 25 – Chamada do CEP sobre os problemas da nação

Fonte: Renascimento, ano 3, n.9. Parnaíba, 7 set. 1948.

As atividades dos centristas partiam das suas reivindicações e lutas. Mesmo sendo uma entidade recém-fundada, começou atuar rapidamente procurando se organizar, ao mesmo tempo que já procurava atuar em benefício da classe e o jornal *Renascimento* dava publicidade a essas questões. Na edição de 17 de março de 1946, intitulada "Pétalas e espinhos", assinada por Sérgio Nobrega de Oliveira, fez uma análise do movimento estudantil em Parnaíba até aquele momento, definindo o CEP como protagonista no percurso de mobilização da mocidade estudiosa da cidade, destacando os avanços e os entraves vividos pela agremiação, dados em razão de forças contrárias. No texto, o autor elenca algumas ações desenvolvidas pelo Centro que

> Embora ainda tenra a idade de nosso C.E.P., muita coisa já se conseguiu e se há de conseguir para o estudante de Parnaíba. Dispomos já de uma sede, onde sentimos pulsar a célula máter de nossa sociedade. Possuímos já um órgão como meio do estudante externar, em letras de forma, os seus desejos de ascensão aos estudos, assim com a necessidade de um curso superior em nossa terra. Serão muitas cartas dirigidas às Companhias Editoras e aos Diretores da Instrução Pública nos estados, pelo que teremos mais tarde livros para a nossa Biblioteca, bem como oportunidade de conhecermos todos os movimentos estudantis já surgidos no Brasil e o nome de seus pioneiros, que ficarão eternizados na lembrança do estudante – como os nossos heróis. (OLIVEIRA, 1946, p.1).

Sede, periódico, biblioteca, livros, contato com agentes públicos e comunicação com estudantes de outros lugares, em busca de articulação do movimento estavam entre as primeiras atividades desenvolvidas e as aspirações do Centro de Parnaíba. A busca por

descontos e parcerias em espaços de diversão e lazer também era constante, fato que levou a diretoria do centro a dirigir "sinceros agradecimentos pela nobreza de espírito dos proprietários do já bem afamado CIRCO NERINO, que interpretando o alto valor da classe estudiosa de Parnaíba, concedeu 50 por cento dos lucros duma vesperal em benefício deste Centro" (AGRADECIMENTOS, 1946, p. 6).

No entanto, chama a atenção uma interessante reivindicação por uma universidade no Norte, posto que, no caso específico do Piauí, até meados da década de 1940 o ensino superior se limitava a Faculdade de Direito, criada em 1931 e sediada em Teresina. "Com o interesse dos profissionais liberais, letrados empreendedores, Bacharéis em Direito (os formados no Piauí) e o apoio político e financeiro do Governo do Estado, foi criada, em 1931, a FADI – Faculdade de Direito do Piauí" (CAMPOS, 2019, p.86). Portanto, o ensino superior ainda era restrito a uma pequena elite residente na capital, Teresina, que detinha o privilégio de poder cursar aquela faculdade. Ao reivindicar uma universidade para a região, Orfila Lima dos Santos em matéria intitulada "Quando terá o norte a sua universidade?" defende que

> A universidade é o foco de onde se irradia todo o progresso de uma nação, todo o futuro de um povo. [...] Urge, pois, que sejam criadas boas universidades e se contratem bons mestres. A fim de se criar no Brasil uma geração de técnicos que nos levem ao lugar que merecemos. A técnica tem revolucionado o mundo; revolucionará também o Brasil. Um passo já foi dado. [...] Quando terá o Norte a sua Universidade? Não necessitamos apenas de nome, mas é necessário que a primeira apareça, trazendo ao norte preparo para os nortistas, trazendo ao norte os técnicos de que necessitamos, de vez que os poucos que temos, o sul com suas propostas tentadoras, nos leva. (SANTOS, 1946, p.4).

Como se pode notar, era de interesse dos estudantes a solução de problemas que impediam o avanço do país. E, com efeito, a chegada da universidade à região seria, talvez, um passo decisivo no avanço do desenvolvimento, por considerar que ela seria a responsável pela formação técnico-científica daqueles que, através de suas inteligências, contribuíram para o progresso da nação, da região e de seus estados. No entanto, com o passar do tempo, o CEP foi perdendo vigor e representatividade e já no ano de 1948 lamentava-se a sua inércia devido à interrupção de seus planos e atividades. A reclamação era de que o Centro se encontrava em situação de silêncio e esquecimento. Essa situação fatídica foi lamentada no trecho a seguir:

> Planejaram-se irradiações semanais pela Rádio Educadora, conferências de estudantes e intelectuais sobre problemas nacionais e internacionais, clubes esportivos e concursos literários. Mas instantaneamente tudo silenciou. Não mais se falou em jornal, irradiações, sessões, estudantes, direitos de classe. Uma ducha de água gelada apagou o entusiasmo palpável que se apoderara durante algum tempo de

> nossos jovens, e a nova geração voltou ao indiferentismo anulador dos grandes empreendimentos. A vida centrista paralisou-se. (E O CENTRO, 1948, p. 4).

Entre os argumentos utilizados como justificativa para essa situação pelo presidente do Centro, Antônio Alves da Silva, estava a falta de recursos financeiros para manter atividades, como a edição do seu jornal, aluguel da sede, obter livros, dar assistência aos estudantes pobres. Essa situação era agravada com os constantes atrasos nas mensalidades dos associados que terminavam por abandonar as atividades da entidade. Para manter o Centro vivo, uma das estratégias foi recorrer ao poder público e essa tarefa teve como responsável José Ferreira da Silva, líder estudantil e vereador, que apresentou à Câmara Municipal proposta para que o município subsidiasse o Centro, conforme trata o texto abaixo:

> Conhecedor das dificuldades que o Centro Estudantal vem arrastando na sua tarefa de batalhar pela causa da mocidade estudiosa de Parnaíba, teve o nobre vereador o belo gesto de encaminhar junto a seus pares uma proposta para subvencionar a nossa Entidade cuja aprovação não se fez esperar. (HONRA, 1948, p.2).

Ainda que sua trajetória tenha sido marcada por dificuldades, nos anos 1940, a entidade foi a responsável pela articulação e unidade da mocidade estudiosa da cidade de Parnaíba. Desenvolveu atividades, lutou por direitos e idealizou melhorias para aqueles jovens que, do mesmo modo que a classe estudantil de Teresina e Floriano, procuraram tornar suas ideias, valores e inteligências visíveis. Essas entidades, portanto, se inscrevem como lugares de formação que transcenderam as instituições escolares.

A imprensa escolar serviu como alternativa para expor posicionamentos e exercitar a posturas crítica daqueles que se preparavam em contribuir para um futuro promissor. Essa imprensa chamada de escolar, por ser produzida e também destinada aos agentes das escolas, como estudantes, professores, diretores, familiares e aqueles que se interessavam pela educação, de certa maneira, serviu como alternativa para disseminar o movimento estudantil e, portanto, como veículo de informação e formação dos sujeitos escolares.

2.2.4 Exaltando a Pátria

Os discursos cívicos cruzaram as fontes consultadas e, ao perceber esse ponto, procurei realizar um levantamento no qual busquei enxergá-los como parte de um projeto voltado para a formação patriótica da nacionalidade. Festas escolares, desfiles cívicos, discursos, homenagens aos líderes, memórias e celebração de efemérides faziam parte dessa

agenda voltada, de maneira sutil, para os interesses dos grupos dirigentes. As grandes efemérides e personagens consideradas responsáveis no processo de construção da nação eram frequentemente celebradas na escrita periódica examinada. Isso perpassava a ideia de nação, estimulada por um passado glorioso resultado da ação de homens que se dedicaram à construção de um país próspero. Celebrar esses homens e fatos era assim uma declaração de amor e lealdade à pátria. De acordo com Capelato (2009 p.234),

> Os patriotas deveriam se contrapor aos indiferentes e aos inimigos da Pátria. para isso precisamos conhecer sua história, identificando suas grandezas e virtudes, dentre outros, a vocação pacífica e hospitaleira do povo. Os que ignoravam os feitos heroicos da história brasileira não dispunham de instrumentos para forjar, internamente, um sentimento de amor e orgulho do Brasil.

A fala indica que o caráter patriótico estava relacionado ao conhecimento dos "grandes" acontecimentos da história e à atuação e qualidades dos seus líderes, por meio dos quais se desperta o orgulho pela memória do passado, contribuindo para o fortalecimento do sentimento de identidade e pertencimento à nação. Esse sentimento foi demonstrado mediante uma formação cívica na qual crianças e jovens eram orientados a amar a nação através do respeito à memória, seus heróis e seus dirigentes. Segundo Horta (2012), essa orientação foi instituída pela Reforma Rocha Vaz[70] realizada em meados de 1925 no governo de Artur Bernardes, que estabelecia a implantação da disciplina de educação moral e cívica como parte do currículo do ensino primário e secundário. Mesmo após a sua exclusão do ensino secundário, pela Reforma Francisco Campos[71], os valores cívicos e a exaltação da pátria

[70] Reforma Rocha Vaz (1925) – O professor Rocha Vaz, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, deu nome a uma reforma educacional que foi levada a efeito na gestão de João Luís Alves no Ministério da Justiça e Negócios Interiores, no governo Artur Bernardes. Esta foi a última reforma a afetar o ensino secundário na Primeira República. Suas marcas foram, além da criação da disciplina de educação moral e cívica, a continuidade do Colégio Pedro II e sua equiparação apenas aos estabelecimentos de ensino secundário estaduais. A reforma instituiu juntas examinadoras nos colégios particulares para exames de validade igual aos do Colégio Pedro II ou de estabelecimentos equiparados. Foram abolidos os exames preparatórios parcelados. Em seu lugar, seria instituída a obrigatoriedade de um curso ginasial de seis anos de duração, seriado, e de frequência obrigatória. O intuito do ministro era promover uma seriação mais racional das matérias e organizar o ensino com programas e horários mais convenientes. A frequência a uma série dependeria da aprovação na série anterior. A intenção era realçar o aspecto formativo do ensino secundário, o que foi neutralizado por um conjunto de medidas tomadas pelo Congresso Nacional. Consequentemente, a reforma não foi totalmente aplicada. Em 1929 ainda existiam escolas com exames preparatórios, sem currículo definido. Seu efeito mais forte foi a moralização do ensino.
Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REFORMAS%20EDUCACIONAIS%20.pdf>. Acesso: 26 maio 2021.

[71] Na Reforma Francisco Campos (1931) Educação Moral e Cívica não foi incluída no currículo do ensino secundário. De acordo com Horta (2012, p.124), para sua subtração "a justificativa apresentada será, mais uma vez, de caráter pedagógico, baseada em argumentos tirados da pedagogia da Escola Ativa, bastante em voga naquele momento".

permaneciam propagados nas escolas. Isso pode ser percebido em vários textos dos periódicos consultados.

Noticiar comemorações de marcos históricos, exaltar a memória de homens que contribuíram para a construção da Pátria era uma maneira de evocar um passado de glórias que serviria de inspiração e para a formação da identidade pátria daquela juventude, com o objetivo de estimular seu empenho pelas questões de interesse nacional como fizeram aqueles homens que escreveram seus nomes na história da nação.

Em Floriano, *A Luz* publicou um texto de J. Moreira em que o autor reflete sobre o processo de construção da nação brasileira até aquele presente, partindo do domínio português e da libertação do Brasil, tecendo uma contundente crítica ao domínio dos lusos, classificados como incompetentes para governar o Brasil, em que chama de abusiva a vinda da família real portuguesa para essas terras. Embora exalte o papel "heróico" de D. Pedro I, fazia duros ataques às classes que permaneceram no controle da nação durante o império. Diante dos desmandos provocados

> [...] entre dezenas e dezenas de pessoas saiu como um enviado supremo o grande Pedro I, um dos defensores heroicos de nossa pátria estremecida. Como Pedro I, havia outros vultos de caráter altivo aos quais não me referi absolutamente no trecho acima. Referi-me apenas a uma canalha de baixa e mesmo de alta classe que aproveitava-se do momento em que dominava para fazer o que bem entendia. (MOREIRA, 1930, p.1).

Ainda segundo o jornal, os desmandos provocados pelos grupos aproveitadores que se sucederam "obrigaram a um grupo de valorosos brasileiros que desejavam ver o bem estar de sua terra a [instaurar] o regime denominado República. Mas uma República, como sonhou Deodoro da Fonseca e tantos outros e não uma República constituída de más obras como se ver na nossa" (MOREIRA, 1930, p.1). Mesmo diante das críticas aos regimes políticos do passado e daquele momento, os nomes dos heróis das efemérides foram poupados de ataques, demonstrando respeito pela memória daqueles que eram considerados construtores da nação. Em uma nota do mesmo jornal, os estudantes de Floriano reclamaram a ausência de comemoração do dia 12 de outubro, dedicado ao descobrimento da América.

> Aqui em Floriano, como de costume, esta data passou-se em "nuvens brancas", mas não devemos entender que não houvesse qualquer manifestação fosse por motivo de pouca importância da data, não. Foi apenas a falta de quem enfrentasse, que nós estudantes estaríamos e estamos prontos para auxiliar quem assumir a chefia de qualquer festa. Aguardamos ansiosos o 15 de novembro! (12 de OUTUBRO, 1930, p.2).

Diante da ausência de comemoração pelo Dia da América, reclamada pelos estudantes, esperava-se que outra efeméride fosse festejada pelas escolas e a classe estudantina da cidade, que seria o "15 de novembro". Aguardavam que o dia da Proclamação da República fosse comemorado condignamente na cidade. O resultado da espera não tardou e na edição seguinte *A luz* noticiava o aguardado festejo. Hasteamento da Bandeira Nacional nas escolas, passeatas, hinos e pronunciamentos de exaltação à pátria e ao heroísmo protagonizados pelo marechal Deodoro da Fonseca, marcaram o cerimonial do dia. Segundo o relato,

> Eram as primeiras horas do dia. Os estudantes dos diferentes colégios reuniram-se nos estabelecimentos em que estudam, para hastear o querido pavilhão de nossa terra. Depois de hasteada a nossa bela bandeira, segue a passeata. A enorme multidão que a acompanha, transbordante do mais vibrante patriotismo, auxilia os futuros defensores da nossa Pátria a cantarem o nosso belo hino. Um aluno de um dos colégios presentes pode a palavra e em poucas frases faz o resumo da data que ora humildemente procurou descrever, preocupando-se, em primeiro lugar, do heroísmo, do amor à sua Pátria, que teve o grande marechal Deodoro da Fonseca, uma das altas personagens do valoroso exército brasileiro. Terminando, enfim, este dia de felicidades, volvem as suas casas os alunos que com grande prazer nela tomaram parte. (GURIATHAN, 1930, p.3).

Festividades como a descrita eram carregadas de simbologias e serviam como elemento demarcador da formação da identidade e memória cívica dos estudantes e do público que, ao mesmo tempo em que acompanhava esses atos, associavam-se à construção de uma memória nacional coletiva de exaltação de datas e homens que construíram e que dariam rumos à pátria. As datas em questão pertenciam ao calendário de festividades nacionais instituído, logo após a Proclamação da República pelo Decreto n. 155-B, de 14 de janeiro de 1890[72] e que recebeu alterações, através do Decreto de n. 19.488. de 15 de dezembro de 1930, instituído pelo Presidente da República, que estabelecia:

> Art.1º São considerados feriados nacionais os seguintes dias:
> 1º de janeiro, consagrado à comemoração da fraternidade universal;
> 1º de maio, consagrado à confraternidade universal das classes operárias;
> 7 de setembro, consagrado à comemoração da Independência do Brasil;
> 2 de novembro, consagrado à comemoração dos mortos;
> 15 de novembro, consagrado à comemoração do advento da República;
> 25 de dezembro, consagrado à comemoração da unidade espiritual dos povos cristãos. (BRASIL,1930).

No Piauí, esse calendário recebe o acréscimo de datas locais (MELO, 2010), entre as quais 24 de janeiro (Piauí), 13 de março (Batalha do Jenipapo), 13 de junho (Santo Antônio).

[72] Entre as datas declaradas para Festa Nacional estavam: 1º de janeiro, 21 de abril, 3 de maio, 13 de maio, 14 de julho, 7 de setembro, 12 de outubro e 15 de novembro. Decretos posteriores, datados de 1891, 1922 e 1924, acrescentaram às datas festivas os dias 24 de fevereiro, 25 de dezembro e 1º de maio.

As datas nacionais e locais foram definidas para serem comemoradas coletivamente, a fim de construírem a memória coletiva (HALBWACHS, 2013) sobre o passado, através do qual fosse possível despertar o sentido de pertencimento ao nacional e ao local, simultaneamente. Essas comemorações integravam o currículo e as atividades escolares. De acordo com Melo (2010), algumas disciplinas definiam seu conteúdo seguindo as concepções ideológicas vigentes, buscando promover uma formação de corpos e mentes em conformidade com o ideal de nação que ali se forjava. Para a mesma autora,

> No pós-30, tem início a ideia de construção do Estado Nacional, tendo a educação como instrumento de formação e constituição da nacionalidade, o recurso mais lógico era atrelar esse pensamento ao cotidiano escolar, utilizando-se para tanto das disciplinas que facilitassem a construção do sentimento patriótico, como Educação Moral e Cívica, Educação Física, História e Canto Orfeônico, permeando a grade curricular se fundamentavam nos aspectos ideológicos quando os setores políticos apresentam um anteprojeto determinando a obrigatoriedade de algumas disciplinas. (MELO, 2010, p.110).

Era, portanto, tarefa da escola moldar os estudantes direcionando-os constantemente através do conteúdo curricular de disciplinas que serviam a essa tarefa. O que teorizado era posto em prática na escola, nas festividades do calendário cívico e nos enunciados da imprensa, utilizada como espaço, no caso da imprensa de estudantes e de escolas, de noticiar as atividades desenvolvidas pelas instituições educacionais, ao mesmo tempo em que colaborava para o projeto de formação de uma mocidade disciplinada, patriótica e disposta a engajar-se na construção de um Estado Nacional forte e próspero.

Em Floriano, embora houvesse uma forte expectativa, entre os estudantes, pelas datas festivas, nem sempre havia comemorações. Essa negligência com algumas datas do calendário cívico era contestada pelos estudantes que consideravam o descaso como falta de respeito à pátria. Sobre esta situação um interessante texto da edição de 19 de setembro de 1931, do jornal *Estudante*, sob o título de “Cousa da época” e assinado por Ribamar Ramos. Tratava-se da iniciativa frustrada de um pequeno grupo de estudantes do Liceu da cidade que planejava organizar as comemorações do “7 de setembro”. Porém, ainda que não lhes houvesse faltado boa vontade, tudo não passou das pretensões iniciais, posto que a ideia não foi levada a cabo nem pela escola, tampouco pelos professores. Vale a pena ler:

> Revestiu-se de uma nota triste a comemoração do 7 de setembro, em Floriano. Foi tão triste que somente mereceu da imprensa local o mais recrudescente silêncio. A data se passou despercebida. Apenas houve um sinal de vida partido de um pequeno grupo de alunos do Liceu que, compreendendo a máxima significação dessa efeméride histórica, tentaram solenizar o dia com festejos cívicos. Tudo infelizmente ficou simbolizado somente na vontade férrea dos estudantes. Nada puderam eles

> realizar, mesmo porque a bela iniciativa não recebeu, sequer, o apoio, ao menos de um professor daquela casa de instrução. E os colegiais, sós, sem o concurso de outra pessoa, não poderiam levar a efeito a brilhante empresa. (RAMOS, 1931, p.2).

Perceba que, mesmo que aquela data tão esperada pelos estudantes tenha se passado em silêncio devido à falta de empenho dos estabelecimentos de ensino da cidade e da falta de motivação para este pleito por parte dos professores, o espírito patriótico dos estudantes foi relevado por meio dos reclames nos periódicos escolares, que, entre outros pontos, questionava o caráter teórico da educação cívica em detrimento da intensidade da experiência prática que a disciplina poderia proporcionar, promovendo eventos de exaltação à história, aos personagens e à grandeza do Brasil em momentos oportunos como aquele que eles lamentavam ter passado em silêncio. A falta de comemoração do dia da pátria causa estranheza, porque não parecia comum, à época, não haver qualquer sorte de manifestação por parte das escolas. Melo (2010) afirma que havia um sentimento de dever para com a pátria de modo que todos deveriam participar dessas comemorações. Ainda de acordo com a autora,

> Essas ações eram postas em prática no momento em que todas as crianças, jovens estudantes dos vários estabelecimentos, das escolas públicas e privadas, de todos os níveis de ensino e de professores eram convidados a participar das várias comemorações cívicas, um chamamento como uma lembrança da obrigação e da relação de fidelidade ao Estado, não esquecendo que todos tinham que participar e de não deixar de lembrar que o futuro do país lhes pertencia. (MELO, 2010, p.228-229).

Havia, portanto, um dever em relação à pátria de rememorar os grandes acontecimentos do passado como uma forma de reconhecer a relevância daqueles que contribuíram para a autonomia e o desenvolvimento da nação. Se de algum modo, os estudantes do Liceu tentaram externar o patriotismo que lhes tangenciava, não se percebeu indícios de manifestações em outras escolas da cidade, transformando a “grande data”, celebrada por todo país em um dia fatídico para a mocidade estudiosa, que se mantinha ansiosa em demonstrar seus sentidos de amor e orgulho pela nação, porque conforme o desabafo, os estabelecimentos de ensino da cidade foram vacilantes e cometeram um ato de elevada gravidade em manterem-se em silêncio naquele dia festivo. Sobre os aspectos mencionados, pode se ler:

> Os outros estabelecimentos nem mesmo o sinal de vida deram. Silenciaram. Emudeceram. Calaram ante o despertar de uma aurora. Não cantaram hinos ao 7 de setembro – alvorada transbordante de fulgor, que, para sempre, desafiando a marcha destruidora dos tempos, será um foco de radiante luz, luz que faz vibrar o acendrado patriotismo da mocidade, enchendo de entusiasmo, desse entusiasmo flamejante que,

> nos fazendo esquecer o amor pela própria vida, nos incita a marchar sem tréguas, sem vacilações e sem temores, para o rumo dos maiores perigos, quando o dever nos mostra que está sendo ultrajado a nossa Pátria! Foi o 7 de setembro, data repleta de lances comoventes, que entre nós foi esquecida. Onde, pois, a educação cívica ministrada em tantos colégios? Onde? Apenas na teoria! Mas cometeram um crime todos os colégios desta cidade. Erraram. Na vida prática é que mais intenso devem ser os ensinamentos. Com passeatas, preleções cívicas, etc., maior cunho, maior realce dariam ao desenvolvimento escolar. A juventude do Brasil inteiro é altiva e compreende bem os sagrados deveres para com a pátria: porém, é necessário um estímulo que avigore e fortaleça essa altivez e essa compreensão. (RAMOS, 1931, p. 2).

Alguns anos mais tarde, *O Astro*, em edição de 21 de abril de 1937, dedicou quase duas páginas para homenagear outro símbolo da nação – Tiradentes –, exaltando-o como herói e mártir que idealizou libertar o povo brasileiro da opressão portuguesa. Um traço importante do enunciado intitulado "Tudo por ti, Brasil!", cujo autor assinou apenas como "Gláucio", foi a extensa contextualização elaborada para justificar as ações empreendidas pela personagem em questão, demonstrando a importância dispensada àquela efeméride.

A criativa crônica histórica prende o leitor que é convidado a uma visita ao passado, rememorando os acontecimentos que alteraram o percurso natural de desenvolvimento da gente que por aqui se encontrava, quando da chegada dos portugueses por essas bandas. Aborda a ingenuidade dos nativos, a mescla cultural dada à chegada de brancos e negros e foca no sistema exploração e opressão impostas pelos colonizadores, especialmente na região das Minas Gerais, até se levantarem personagens que viam a necessidade de se articularem para responder as imposições da coroa portuguesa. A rebelião era o único caminho para a liberdade. Ela teria sido planejada para acontecer no dia da cobrança da Derrama[73]. Porém, o movimento teria sido delatado e os conspiradores foram presos, antes da execução dos planos.

Presos, os acusados foram julgados e Tiradentes assume a culpa do fato, inocentando seus companheiros. "A defesa linda que o Tiradentes fez dos seus companheiros. Ele se culpou. Somente ele havia os convidado a fazer a revolução no dia da Derrama. Ele somente merecia a morte. [...] A grande sentença – os inconfidentes deportados para a África. Tiradentes condenado à morte" (GLÁUCIO, 1937, p.2). Em uma interessante passagem do texto, o autor chama o leitor para acompanhar o herói no nos momentos finais de sua execução e refletir sobre seus atos de amor ao Brasil que resultaram na sua independência em 1822. Leia:

[73] De acordo com Gaspar (2010), a Derrama era um sistema de arrecadação cujo lançamento estava regulamentado pelo Alvará Régio de 3 de dezembro de 1750. Desde então, um método fiscal por estimativa impunha o envio anual de cem arrobas de ouro para Portugal, como forma de pagamento dos direitos reais sobre o quinto da extração aurífera". Para saber mais, ler: GASPAR, Tarcísio de Souza. Derrama, boatos e historiografia: o problema da revolta popular na Inconfidência Mineira. Topoi, v.11, n.21, jul.- dez. 2010, p.51-73.

> 21 de abril de 1792. Sua imaginação vai lhe mostrar o Tiradentes marchando para o cadafalso. O carrasco passando-lhe a corda ao pescoço. O Tiradentes morto. Sua cabeça enfiada num poste. Seus membros foram levados para Vila Rica. Seu corpo espalhado pelas ruas do Rio. 30 anos depois da execução do grande mártir da Pátria, você vê o Brasil livre. Olhe agora para o sacrifício de Tiradentes. Ele deu o seu sangue para ver o Brasil feliz. Ele amou a Pátria acima de tudo. Você, hoje, estudante, está cheio de patriotismo e orgulho. Medite um pouco sobre o estado atual do nosso Brasil. Ele quer seguir, altaneiro, na vanguarda das grandes potências. Mas, tudo é desânimo. Tudo são vacilações. O Brasil precisa de você. Hoje é 21 de abril. É o dia de você, estudante, conversar com o Brasil. Ele está lhe esperando. Diga-lhe: - Tudo por ti Brasil! Eu sou teu. Toma a minha própria vida! E o Brasil te responderá: Tu és meu grande filho. Eu me orgulho de ti, estudante florianense! (GLÁUCIO, 1937, p. 1-2).

Perceba que os estudantes são provocados a reconhecerem a importância dos "grandes vultos" para a construção da história do Brasil. De igual modo, os heróis eram evocados como homens de coragem e honra cujo amor à pátria era tamanho que ofereciam o próprio sangue e a própria vida pela liberdade e felicidade de sua terra. Era uma forma de induzir e inspirar os estudantes a demonstrarem também o seu amor e sua dedicação à nação. Frases como "Você está cheio de patriotismo e orgulho", "O Brasil precisa de você". "Toma a minha própria vida" sugere ao estudante leitor dedicar-se de forma absoluta às questões cívicas, a fim de colaborar com a desejada grandeza da pátria.

O Astro alertava seus leitores a investirem na busca por instrução como uma forma de honrar a pátria e servi-la de forma útil. Em *A Pátria* se pode notar, mais uma vez, o intenso teor de exaltação do espírito patriótico que o compõe tratando a nação como responsável pela vida e sustento dos seus filhos. Segundo o escrito,

> A pátria é o teto em que nos abrigamos e onde foram abrigados os nossos pais. Para nós, representa uma segunda mãe, porque além de nos dar o alimento para matar a fome, a água para mitigar a sede, a vestimenta para vestir-nos e outras coisas necessárias para a nossa vida, nos proporciona uma natureza maravilhosa. É onde aprendemos a falar e ser educados, é onde recebemos a civilização e é onde encontramos todas as instruções necessárias, para lutar pela vida. Devemos, pois, patriotas, ter amor, respeito e lealdade para com a nossa querida pátria, que é o nosso torrão natal, a casa em que nascemos. Trabalhemos no estudo para honrá-la e engrandecê-la. (CHAVES, 1937, p.4).

O autor da escrita procurou chamar atenção para a necessidade de olhar a pátria numa perspectiva que procura despertar no leitor a ideia de identidade e pertencimento. O enunciado em torno de uma formação patriótica via na instrução e na formação escolar uma maneira de honrar e engrandecer o país. O poema de Joca Ribeiro intitulado "Salve 21 de abril!", também publicado em *O Astro,* ilustra o caráter cívico do jornal:

Salve 21 de Abril
Ergamos o estandarte da vitória,
Festejamos com garbo e galhardia,
A grande data, que, com primazia,
Nobre feito assinala em nossa história

Num gesto, - todo amor, toda bondade,
- Filho da fé de um povo, então cativo,
Tiradentes, portento, austero, altivo,
Sacrificou-se em prol da liberdade!...

Preferira morrer! E, qual um justo,
Chamara a si, a culpa do levante,
Num gesto largo, grandioso e augusto!...

Um culto, pois, de amor e gratidão,
Rendamos, hoje, com prazer cantante,
Ao grande herói da tão brilhante ação!
(RIBEIRO, 1937, p.4).

Exaltar personagens cuja memória atribuía relevo para a formação era uma prática comum no momento que se buscava, no passado, o firmamento que justificasse a força, coragem e determinação daquele povo. As escolas e suas instituições, tais como grêmios, clubes de leitura, centros culturais e periódicos eram os principais espaços usados para disseminar os valores cívicos a exaltação à pátria e seu passado "glorioso". O caráter patriótico foi, mais uma vez, objeto de escrita naquelas páginas, reforçando o que se tem dito acerca do papel da imprensa escolar no projeto de formação da nação. No mesmo ano em que Tiradentes foi aplaudido na imprensa escolar de Floriano, em Teresina, *A Escola* comemorava o dia da pátria da seguinte forma:

> Recordar o maior fato histórico, aquele que marca o início da nação livre, da nação liberdade. O Brasil em 1822, adquiria, a 7 de setembro, sua fisionomia de Estado soberano, anseio dos verdadeiros patriotas que seriam os responsáveis pelos destinos da pátria estremecida. Os nossos maiores tomavam sobre os ombros o encargo pesado de dirigir um povo até então, sujeito à vontade dos que se apossaram, pela descoberta de uma imensa região na América do Sul. Entrava o Brasil no seio das nações civilizadas, conquistando, pela inteligência de seus filhos eminentes, o lugar de destaque pela influência que passaria a exercer na comunhão dos estados do continente. (DIA DA PÁTRIA, 1937, p.1).

Mesmo quando os programas festivos não eram divulgados, a imprensa tratava de tecer suas homenagens através da exaltação de efemérides e das ações heróis de personagens, cujos exemplos deveriam ser seguidos por estudantes e por aquela geração convocada a contribuir para o desenvolvimento do país. Em Teresina, por exemplo, o jornal *Zodíaco* publicou contínuas matérias com esse teor em que se destaca o forte discurso patriótico. Entre

eles, estava o “Dia da Bandeira", comemorado em 19 de novembro. A data era mais um símbolo de legitimação do Estado Brasileiro e sua celebração revestia-se de representatividade, pois referendar a bandeira era demonstrar patriotismo. Na edição de 1 de dezembro de 1943, *Zodíaco* publicou uma matéria em homenagem ao Dia da Bandeira em que destaca o espírito patriótico, corajoso e espontâneo do povo brasileiro ao se dispor a defender a pátria, conforme se pode ler:

> **O Dia da Bandeira**
>
> AS SOLENIDADES REALIZADAS EM HOMENAGEM À Bandeira Nacional na passagem de mais um aniversário de sua criação, adquiriram a 19 de novembro brilho invulgar. Aprimorando a sua educação cívica, conhecendo perfeitamente o que significada o vexilo auriverde, as novas gerações do Brasil levantaram-se por todo o país em um só gesto para imprimir o seu culto ao símbolo augusto e demonstrar a firme disposição de defende-lo.
> Os programas oficiais foram executados com grande animação, mas esta não foi menor no seio de inúmeras instituições particulares, caracterizando-se por uma espontaneidade impressionante, prova cabal do ânimo viril que agita o povo brasileiro na difícil hora que atravessa. [...].
> A Bandeira do Brasil resume nas suas cores o esplendor e a beleza de uma das mais privilegiadas regiões do mundo. Desvanecidos do seu sentido e expressão, estamos cônscios, por outro lado, dos graves deveres e responsabilidades que caem sobre os nossos ombros quando juramos por ela. Estamos agora em posição de sentido, num momento supremo da nossa existência de povo livre e soberano, alvo das forças agressivas e implacáveis que tantos crimes e devastações tem espalhado sobre a terra. A atitude das elites e das massas em frente a Bandeira, no seu dia máximo, dá-nos a certeza de que o civismo do povo brasileiro é inquebrantável e aceitará todos os sacrifícios para que ela continue drapejando com honra e glória onde quer a conduzam nossos destinos. (O DIA, 1943, p.6, grifos da autoria).

Naqueles anos, em que o mundo vivia as tensões da grande guerra serviram para fortalecer o sentimento de unidade nacional ao mesmo tempo em que o enunciado dissemina o dever atribuído aos filhos da pátria em defendê-la e honrá-la. O sentimento pátrio e a ideia de unidade nacional presentes nos discursos analisados foram marcados de maneira muito acentuada durante o Estado Novo. Nesta fase do governo varguista, houve um intenso uso dos veículos de comunicação da própria imagem do presidente, como instrumento de fortalecimento da unidade nacional (CAPELATO, 2009). A educação foi outro instrumento de propaganda do governo que procurava, por meio dela, conduzir os estudantes a partir de uma formação pautada no caráter cívico e patriótico em consonância com as questões de interesse nacional. Nesse sentido,

> Além do uso dos meios de comunicação e da produção cultural com sentido educativo, a educação em sim mesma era vista como um veículo privilegiado no que se refere à introdução de novos valores e modelagem das condutas. Estando os meios de comunicação, os veículos de expressão cultural e as instituições

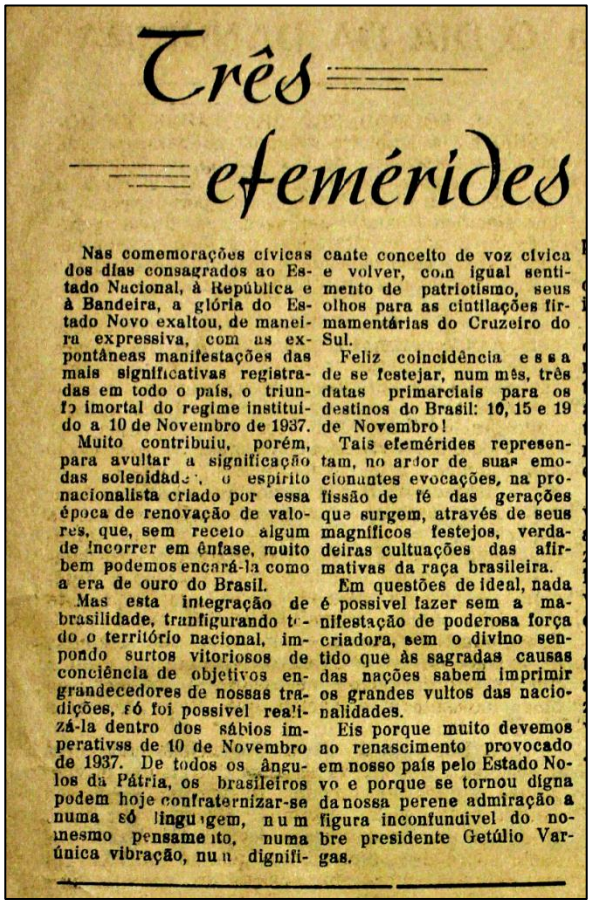
> educacionais sob controle, [o governo valeu-se] desses instrumentos para transformar a identidade nacional de caráter individualista em identidade nacional coletiva, considerada instrumento construtivo primordial da política de massas introduzida no período. (CAPELATO, 2009, p.221-222).

Educação, escolas e imprensa foram importantes instrumentos de legitimação dos ideais estadonovistas. Esses espaços introduziam os discursos de unidade nacional, centralizada na figura do líder da nação, Getúlio Vargas, ao mesmo tempo em que seu aparelhamento através de disciplinas, livros, atividades, homenagens e festividades estimulavam o patriotismo dos estudantes. A imprensa, controlada pelo Estado, ainda noticiava as ações desencadeadas e, simultaneamente, os discursos disciplinadores da sociedade.

A imprensa escolar teve importante colaboração na disseminação do projeto de nação que estava posto. Publicava-se de forma contínua enunciados relacionados às ações do poder público. Mais que isso, como se tem visto, recorria-se ao passado para celebrar fatos e personagens que davam contornos a uma concepção de um passado próspero e glorioso construído por personagens dotadas de coragem, inteligência e amor à pátria, que serviria de inspiração para os grupos sociais que se formavam naquele presente.

Zodíaco foi responsável por uma estreita articulação com esse projeto cívico formador, por meio de contínuas enunciados que rememoram os feitos e símbolos que fortaleciam o sentimento patriótico. Na edição de 1 dezembro de 1943, publicou o texto chamado “Três efemérides” (Figura 26) , dedicado a três datas consideradas de grande representatividade na construção da república brasileira, celebradas no mês de novembro em seus dias 10, 15 e 19. A Proclamação da República e o Dia da Bandeira eram tradicionalmente festejados no calendário cívico brasileiro, contudo, passou a se comemorar o dia 10 de novembro como marco oficial de implantação do Estado Novo, do mesmo modo que já se consagrara o dia 24 de outubro de 1930 como marco da “Revolução de 30, estabelecendo o início do Governo Vargas.

Figura 26 – Matéria em homenagem às datas cívicas do mês de novembro



Três efemérides

Nas comemorações cívicas dos dias consagrados ao Estado Nacional, à República e à Bandeira, a glória do Estado Novo exaltou, de maneira expressiva, com as expontâneas manifestações das mais significativas registradas em todo o país, o triunfo imortal do regime instituido a 10 de Novembro de 1937.

Muito contribuiu, porém, para avultar a significação das solenidades, o espirito nacionalista criado por essa época de renovação de valores, que, sem receio algum de incorrer em ênfase, muito bem podemos encará-la como a era de ouro do Brasil.

Mas esta integração de brasilidade, tranfigurando todo o território nacional, impondo surtos vitoriosos de conciência de objetivos engrandecedores de nossas tradições, só foi possivel realizá-la dentro dos sábios imperativss de 10 de Novembro de 1937. De todos os ângulos da Pátria, os brasileiros podem hoje confraternizar-se numa só linguagem, num mesmo pensamento, numa única vibração, num dignificante conceito de voz cívica e volver, com igual sentimento de patriotismo, seus olhos para as cintilações firmamentárias do Cruzeiro do Sul.

Feliz coincidência essa de se festejar, num mês, três datas primarciais para os destinos do Brasil: 10, 15 e 19 de Novembro!

Tais efemérides representam, no ardor de suas emocionantes evocações, na profissão de fé das gerações que surgem, através de seus magnificos festejos, verdadeiras cultuações das afirmativas da raça brasileira.

Em questões de ideal, nada é possivel fazer sem a manifestação de poderosa força criadora, sem o divino sentido que às sagradas causas das nações sabem imprimir os grandes vultos das nacionalidades.

Eis porque muito devemos ao renascimento provocado em nosso país pelo Estado Novo e porque se tornou digna da nossa perene admiração a figura inconfundivel do nobre presidente Getúlio Vargas.

Fonte: *Zodíaco*, ano 1, n. 5, p.7. Teresina, 1 dez, 1943.

Veja que as comemorações associadas ao Estado Novo passaram a integrar o calendário das festividades. Tornar as ações empreendidas pelo próprio governo era uma forma de legitimar suas ações através do disciplinamento da população. A imprensa reverberava as intenções do governo, propagando o caráter cívico do culto a essas datas.

A Estrela também publicou textos relacionados a assuntos cívicos patrióticos com o objetivo de construir uma memória identitária junto aos pequenos leitores da folha. Os textos tratam de alguns temas já mencionados aqui como o Dia da Bandeira, Tiradentes e Colombo. Outros estavam relacionados à história da escravidão, mais especificamente, à libertação dos negros escravizados, como “13 de maio” e “D. Isabel, a Redentora” e ao “Dia do soldado”.

Essas publicações indicavam que a educação cívico-patriótica integrava o programa do educandário e da cultura escolar daquele presente. A memória de fatos e personagens de relevo era uma das preocupações do jornal. Seu próprio aparecimento deu-se intencionalmente no dia 13 de maio, data em que se comemora a assinatura da Lei Áurea, que garantiu a abolição da escravidão no Brasil. Segundo sua nota, “comemorando esta grande data da nossa história, grande de sofrimentos e atrocidades; e, exultantes de alegria pela

libertação dos negros no Brasil, é que, vimos de escolhê-la para inauguração do nosso órgão, *A Estrela*" (A ESTRELA, 1946, p.1). A edição inaugural do jornal, lançado a 13 de maio de 1946, publicou um texto que trazia aquele dia como título (Treze de maio) no qual rememorava o passado de sofrimento dos negros escravizados para destacar o movimento de luta pela sua libertação através da atuação e engajamento de literatos, intelectuais e políticos contrários àquela prática que ainda se mantinha no Brasil. Segundo o jornal,

> O dia 13 de maio assinala a grande data da Libertação do povo negro no Brasil. A lei que declarou extinta a escravidão em nossa terra foi assinada em 1888. Já se passaram 53 anos. Mas todas as vezes que chega o mês de maio e a folhinha marca o dia 13 os brasileiros sentem uma grande alegria em recordar e comemorar o feliz acontecimento. A conquista da liberdade é uma grande coisa e no dia 13 de maio de 1888 foi uma raça que se libertou. [...] Os negros tiveram uma noite de agonia quase interminável. Eles terão uma aurora que jamais será igualada em beleza. Seu sofrimento encontrou eco nos corações que a sua bondade e resignação formara nas casas-grandes. Começa a redenção! Castro Alves, Nabuco, Rui Barbosa, bradam, clamam [...] contra o poder que permite esta monstruosidade: o homem feito escravo do homem. São as vozes do povo branco enojada de tanta vilania. Luís Gama e José do Patrocínio, duas gargantas de fogo que vomitam as lavas da revolta. Eles vieram das senzalas para a luta sem tréguas aos tiranos. São as vozes do povo negro, causado de tanto sofrimento. E as suas, se juntam muitas vozes, de todos os recantos do país surgem lutadores. O clamor se faz cada vez mais forte, os revoltados se tornam hora, mais numerosos. O governo não pode mais contemporizar. Uma princesa assina o documento que devolve aos pretos o que de direito lhes pertencia: a liberdade, o direito de crer, de amar e de ser feliz. "Brancos e pretos dão-se as mãos". A Pátria se torna maior. Pelas ruas do Brasil há muitas flores e há muita festa: ...é o 13 de maio. (TREZE, 1946, p.1-3).

No enunciado chama a atenção a ideia de harmonia entre brancos e negros, após o ato de libertação como se, de alguma maneira, os negros livres, tivessem sidos integrados os espaços sociais sem maiores constrangimentos, o que aponta para uma discussão muito presente naquele momento e que estava relacionada ao sentido de unidade nacional, em que o povo se mantinha unido em prol do crescimento da nação. Teciam-se homenagens aos soldados e ao seu representante maior, Duque de Caxias, que, na mesma edição, tem sua trajetória comentada pela aluna Maria Francinete Modesto, que destaca a inteligência e as vitórias que o tornaram o maior símbolo do Exército Brasileiro e modelo de cidadão-soldado que deveria servir de inspiração para os jovens brasileiros. "Fiel ao juramento feito à pátria, incumbido, desde jovem, das mais difíceis missões militares, o Duque de Caxias é uma lição de patriotismo e é também uma página gloriosa da nossa história" (MODESTO, 1946, p. 2).

Assim como ocorreu em outros jornais analisados, a figura de "Tiradentes" também foi rememorada em *A Estrela*. A aluna Maria de Jesus Evangelista, do 3º ano do Grupo Escolar Teodoro Pacheco, redigiu um texto a respeito de sua atuação revolucionária. O texto parece ter sido redigido como atividade escolar e pela sua qualidade pode ter sido escolhido

para constar naquele jornal. No entanto, o tom patriótico que conduziu a sua escrita demarcava o modo de produção de um sentido cívico-patriótico que tinha como alvo a juventude estudantil, conforme se pode ver, quando a autora conclui que "sua história e seu nome serão uma lição de patriotismo que atravessará os séculos, despertando sempre na alma da juventude um culto de admiração, entusiasmo, respeito e orgulho" (EVANGELISTA, 1946, p.4).

Em Parnaíba, *Renascimento* também se dedicou a estimular o patriotismo da mocidade estudiosa através de suas páginas. Algumas de suas edições evocaram o passado glorioso da pátria, rememorado através da memória de acontecimentos decisivos para seu destino, conduzidos por homens revestidos de amor e coragem para tornar o Brasil um território livre, próspero e glorioso. Essa intenção fica evidente até mesmo nas datas de algumas de suas edições, como por exemplo: 21 de abril (Tiradentes), 7 de setembro (Independência) e 19 de outubro (Dia do Piauí). Nesses casos, o jornal trazia matérias especiais sobre essas efemérides.

"O Dia do Piauí" foi o tema central da edição de 19 de outubro de 1946, em que se festejou a adesão da província à Independência nacional. Antônio Alves da Silva assinou o texto que detalha as tramas políticas desencadeadas na Província durante o processo de emancipação do Brasil e do território piauiense, tomando a vila de São João da Parnaíba como centro de erradicação do movimento emancipatório local, festejado, em 19 de outubro de 1822, em razão da proclamação da adesão do Piauí a emancipação da Brasil[74], sob a liderança de Simplício Dias da Silva.

[74] Entre os principais estudos sobre os temas destacam-se: BRANDÃO, Wilson de Andrade. História da Independência no Piauí. Teresina: COMEPI. [s.d.]; CHAVES, Monsenhor Joaquim. O Piauí nas lutas de Independência do Brasil. Teresina, Alínea Publicações Editora, 2005; DIAS, Claudete Maria Miranda. O outro lado da história: o processo de Independência do Brasil, visto pelas lutas no Piauí-1789/1850. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 1999; NEVES, Abdias. A guerra do Fidié. 3. ed. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985; NUNES, Odilon. Pesquisas para a história do Piauí: À Independência do Brasil, especialmente no Piauí. Teresina, FUNDAP; Fundação Monsenhor Chaves, 2007. (Coleção Grandes Textos, v. II).

Figura 27 – Capa de *Renascimento* dedicada ao Dia do Piauí

A GLÓRIA É EFÊMERA, MAS NA DESTINAÇÃO ESTUDANTIL É IMPERECÍVEL

RENASCIMENTO

ORGÃO DO CENTRO ESTUDANTAL PARNAÍBANO

ANO I | Parnaíba, (Piauí) 19 de Outubro de 1946 | N. 6

O Dia do Piauí

Antonio Alves da Silva

O dia 19 de Outubro é comemorado pelo povo piauiense, com justo orgulho, por ter sido neste dia do ano de 1822 que o Coronel Simplício Dias da Silva proclamou nesta cidade, então vila S. João da Parnaíba, a nossa Independência.

Distinguiram-se na campanha da nossa emancipação as casas senhoriais dos Dias da Silva, em Parnaíba e dos Souza Martins, de Oeiras, bem como o Capitão-mor José Pereira Filgueiras, governador do Ceara.

Verificando Simplicio Dias a necessidade de ser liberto o Piauí do jugo português, desafou para a luta o Brigadeiro João José da Cunha Fidié, tão logo êste chegou a Oeiras para assumir o cargo de Governador da Provincia do Piauí, para o qual fôra nomeado. Fidié aceitou o desafio e marchou imediatamente, ao encontro a vila de S. João da Parnaíba, comandando homens mandando homens com "tino de disciplina militar, pois foi um dos seus primeiros atos criar, além dos existentes, corpos de milicias, dotados de armamento novo, recentemente recebido do Rio.

Ignorando a marcha forçada que o Brigadeiro havia imposto ao seu Um e Meio milhar de homens, Simplício Dias dirigiu-se, pessoalmente, à algumas cidades do vizinho Estado do Ceará afim de apressar o auxílio que se transformou, efetivamente na primeira coluna em ajoio ao movimento de libertação.

Durante a sua ausência, foi Parnaíba bloqueada pelo "Brigue D. Miguel" tendo as forças luzas ocupado a vila e feito da residência do rico proprietário, o seu quartel. À excepção do chefe e de um filho, toda a família Dias da Silva foi aprisionada tendo sido levada em parte para bordo do Brigue com toda a prataria, rendas públicas, valores da igreja, cofre dos orfãos, etc.

Feito isto, o Brigadeiro Fidié, tendo tido conhecimento de haver o Barão Souza Martins dominado Oeiras, despachou o vaso de guerra para o Maranhão, de onde viera e retornou à capital da provincia afim de libertá la e, apoderando-se da mesma, evitar o envio de gado ao Maranhão e, povoações vizinhas, de que tanto necessiteva os nossos irmãos.

Fidié não conseguiu, entretanto, aplicar a sua tática militar, por ter sido alcançado pelas forças independentes, em Campo Maior, tendo-se travado no dia 13 de março de 1823, no leito do rio Genipapo, que banha aquela cidade, uma importante batalha, onde as nossas forças foram destroçadas, tendo perdido no combate 782 homens, sendo 542 prisioneiros e 240 entre mortos e feridos.

Não foi verdadeiramente desastrosa para as nossas tropas esta batalha por terem elas aplicado vigoroso golpe nas forças de Fidié, apreendendo na reteguarda das mesmas toda a munição e saque de Parnaíba.

Diante de tal situação, o Brigadeiro luzo viu-se obrigado a transpor o Parnaíba e seguir para Caxias – (Maranhão), afim de guarnecer aquela cidade que se achava desamparada, por ter sido enviado ao Maranhão, como suspeito, o regimento que lá se encontrava.

Em Caxias, Fidié resistiu durante 3 mezes a fio o cerco de 6.000 brasileiros comandados pelos intrépidos Barão Souza Martins e José Pereira Filgueiras, até que, não podendo mais sustentar a luta, depoz as armas, havendo as nossas tropas tomado 20 e tantas peças e 5 bandeiras.

Simplício Dias da Silva que tão bem soube elevar o nome do glorioso povo piauiense, arrastando-o a uma campanha de libertação sem precedentes no continente americano, e sòmente comparada à já célebre "Retirada da Laguna", quer pelos sacrificios enfrentados, quer pelo comando de tropas sem irrisório de disciplina militar, proclamou a nossa Independência muito antes de receber a carta que lhe enviára o nosso Imperador.

Fonte: Arquivo Público do Piauí

Rememoram-se os embates e tensões que se deram nesse processo envolvendo as decisões de líderes da Vila de Parnaíba, Oeiras e Campo Maior, que desencadeou a atuação do Tenente-coronel João José da Cunha Fidié, que marchou, de Oeiras para a Vila de São João da Parnaíba, para reprimir a proclamação de 19 de outubro e que, depois, tentou retornar para Oeiras, quando recebeu a notícia de que a Capital havia aderido à emancipação, em 24 de janeiro de 1823. Foi durante esse retorno que, nas proximidades da Vila de Campo Maior, às margens do riacho Jenipapo, a 13 de março, as tropas fiéis a Portugal, lideradas por Fidié, foram surpreendidas por um exército de sertanejos munidos de armamentos rudimentares como velhas espingardas facas, foices, facões. Esses homens lutaram até a morte na conhecida Batalha do Jenipapo, considerada como uma das mais sangrentas lutas pela Independência do Brasil. (NEVES, 1985; CHAVES, 2005; NUNES, 2007). Sobre a referida batalha, Silva enfatiza que,

> Fidié não conseguiu, entretanto, aplicar a sua tática militar, por ter sido alcançado pelas forças independentes, em Campo Maior, tendo se travado no dia 13 de março de 1823, no leito do rio Jenipapo, que banha aquela cidade, uma importante batalha, onde as nossas forças foram destroçadas, tendo perdido no combate 782 homens, sendo 542 prisioneiros e 240 entre mortos e feridos. (SILVA, 1946, p.1).

O desencadeamento das tensões resultou na sangrenta batalha que se inscreve como um dos poucos conflitos armados no processo de emancipação dos povos brasileiros. Havia, portanto, uma pretensão de exaltar o dia 19 de outubro como marco da adesão da Província, por ter sido essa primeira declaração atribuída ao parnaibano Manuel de Souza Martins o que se configura como um desejo de inscrever Parnaíba a dona da primeira iniciativa de adesão da Província a Independência do Brasil. Essa demarcação ocorreu por meio de disputas de interesses que desencadeou reivindicações políticas dos parnaibanos que contestavam o fato das comemorações da referida efeméride ocorrerem em 24 de janeiro, atribuindo os feitos emancipatórios a Oeiras. As contestações da elite parnaibana resultaram no reconhecimento dos atos ocorridos naquele lugar, como se pode ler neste fragmento:

> Embora tivesse sido proclamada a nossa Independência no dia 19 de outubro, a sua comemoração foi realizada durante muitos anos no dia 24 de janeiro. Em 1922 (100 anos de Independência), o eminente piauiense e estimado parnaibano, Dr. Francisco de Moraes Correa, então deputado, não concordando com tal irregularidade, conseguiu do governador do Estado, naquela época, Dr. João Luiz Ferreira, que fosse feriado o dia 19 de outubro, por meio de um decreto, o qual consta das leis do Piauí. Na Assembleia de 1934 foi apresentado o projeto que tomou o n.92, de autoria do digno piauiense, Dr. José Auto de Abreu, no sentido de ser denominado o 19 de outubro "O DIA DO PIAUÍ". Referido projeto foi aprovado em sessão de 26 de agosto de 1937, conforme se verifica pelo "Diário Oficial" de 27 e sancionado no dia 30 do mesmo mês, lei n. 176. (SILVA, 1946, p.2).

Além de festejar a data, verifica-se o interesse em exaltar os feitos ocorridos em Parnaíba em favor da emancipação do Piauí e do Brasil, inscrevendo-os como página fundamental nas lutas pela liberdade e emancipação do Brasil. Na edição, de 7 de setembro de 1948, *Renascimento* homenageou o Dia da Pátria, exaltando aquela efeméride para lembrar à mocidade suas responsabilidades para com o avanço do país, ao afirmar: "está simbolizado o ideal que rege a mocidade de nossa terra, consciente como se acha da alta responsabilidade que pesa em seus ombros, qual seja a de trabalhar com denodo pelo engrandecimento da Pátria" (7 DE SETEMBRO, 1948, p.1). A mesma edição noticiou a participação ativa do Centro nas festividades do Dia da Pátria comemorado, naquele ano, em parceria com a Prefeitura do Município. Com a colaboração das instituições de ensino, a entidade ficou responsável pela sessão cívica de encerramento dos festejos, cujas atividades foram as seguintes:

1. Hino Nacional – Orfeão do Ginásio N. S. das Graças
2. Discurso – Sr. R. Fonseca Mendes
3. Hino da Independência – Orfeão do Ginásio N. S. de Lourdes

4. Oração a Bandeira – Ginásio São Luíz de Gonzaga
5. Hino à Bandeira – Banda Municipal
6. Palavras aos moços – Sr. Ascendino P. Aragão
7. Hino à Parnaíba – Banda Municipal
8. Heranças de nossa raça – Orfeão do Ginásio N. S. das Graças
9. Luar do Sertão – Orfeão do Ginásio São Luíz de Gonzaga
10. 7 de setembro (declamação) – Ginásio Parnaibano
11. Encerramento – Sr. Dr. Alberto Silva, prefeito municipal
12. Hino Nacional – Banda Municipal e cantado pelo povo.

(PROGRAMA, 1948, p.5).

A evocação dos assuntos da pátria buscava fortalecer a identidade da sociedade. "A noção de pátria vinculava-se à de tradição e comunidade" (CAPELATO, 2009, p.233) e, dessa maneira, as escolas e a classe estudantil eram chamadas a participar das solenidades cívicas que aconteciam na cidade.

> As festas cívicas [...] aconteciam no interior da escola, nas que, de uma ou de outra forma davam a saber, na cidade, as que ocorriam com a participação direta da escola como nos desfiles cívicos, e tinham a rua e a praça como locais escolhidos para serem realizadas e para exibição do que tinham aprendido nas lições patrióticas. (MELO, 2011, p.105).

Cabia aos jornais escolares a missão de divulgar esses atos cívicos como parte das práticas educativas desenvolvidas pelos estabelecimentos de ensino ou organizados por outras instâncias do poder público, estadual e municipal em parceria com eles. A imprensa escolar não se dedicava apenas a noticiar essas manifestações. Atuava de modo a colaborar com a formação pátria de estudantes e leitores, publicou edições especiais, imprimiu artigos, notas e homenagens às efemérides e aos "grandes homens" considerados exemplos a serem seguidos como construtores da nação.

Além dos enunciados discutidos até aqui, outros temas que emergiram com menor regularidade também foram encontrados nas páginas dos jornais, revelando outros interesses do público escolar. Entre esses temas encontram-se alguns relacionados aos valores morais, esportes, concursos de rainhas dos estudantes e textos humorísticos. Além desses textos, memórias, versos e anúncios comerciais também foram encontrados nas páginas dos periódicos. "Nesses impressos é possível observar-se valores, costumes e interesses que balizavam as relações dos jovens estudantes, bem como os reflexos das apropriações feitas a partir da cultura escolar da instituição a qual estavam ligados" (AMARAL, 2002, p. 123). Ainda que essas abordagens sejam descortinadas, elas registraram apenas nuances das experiências e interesses dos colaboradores e leitores desses jornais.

2.2.5 Valores morais

Orientar a conduta dos estudantes por meio de reflexões, exemplos e orientações foi uma estratégia utilizada pelos periódicos como uma forma de interferir na formação do caráter dos estudantes. A ocorrência desse tipo de matéria foi predominante nos jornais das escolas confessionais, das normalistas, bem como nos impressos de ensino primário. Boa parte dos textos era associada a reflexões sobre o comportamento, pondo em evidência dualismos como "certo X errado", "bem X mal", "bom X ruim". Os enunciados buscavam intervir na formação da conduta moral dos estudantes através de orientações a respeito da importância da aquisição de bons hábitos como regulamento de formação de uma personalidade idônea.

> Adquirir bons hábitos é formar a disciplina da vida. Devemos empregar o maior rigor na introspecção dos nossos atos, com o fim de não nos levarmos pela lei do menor esforço. Isto é, assimilando hábitos de indolência, pendores do instinto, que comumente praticamos sem a devida reflexão. Depois de nos habilitarmos às boas normas de vida, raramente nos afastamos delas. Comecemos, pois, pelas crianças, pelas sementes que ainda não germinaram, dando-lhes, como professores, bons exemplos de conduta social e inflexibilidade de caráter. [...] Esta fase da vida é a que exige maior cuidado por parte dos pais e dos hábitos reprováveis na vista dos seus filhos ou dos seus alunos. (MIRANDA, 1936, p.4).

Sugerir formas de comportamento era uma maneira de contribuir para que os estudantes não se desvirtuassem do caminho de retidão de caráter. Daí haver uma preocupação em retomar as boas normas sociais conduzidas a partir de atitudes aprovadas pelas pessoas idôneas e pelas instâncias reguladoras da sociedade. Um artigo da estudante Mary A. Pereira, do Colégio Sagrado Coração de Jesus, divulgado em *A Luz*, de 4 de abril de 1939, repudia as práticas caluniosas, argumentando que:

> A calúnia é o maior crime perante a divindade. O caluniado sofre as mais horripilantes dores morais e o caluniador, o perpétuo remorso de consciência e denegrimento da alma. É a calúnia, a mais vil, a mais fétida lama que um indivíduo pode lançar mão para com ela manchar a reputação de alguém. Eu considero a reputação como uma vítima a quem se tira a vida aos poucos à medida que a infâmia a ser acusada corre de boca em boca; enquanto que o caluniador, ao meu ver, não passa de um pária por quem se deve pedir muito a Deus pelo seu arrependimento. (PEREIRA, 1939, p.4).

A calúnia, que machucava a alma e a imagem de quem não tinha transgredido as normas sociais e os códigos de convivência era abominada pela estudante. Em outra edição do mesmo jornal, a estudante M aria Alice Andrade expôs sua indignação e repúdio à hipocrisia

diante de experiências desagradáveis ocorridas na escola. Desiludida com a índole de parte das pessoas que a rodeavam, ela diz:

> Hipocrisia... É esse um sentimento que não deveria brotar no coração do homem. No entanto é a flor mais cultivada... Aqui mesmo entre minhas colegas, colho constantemente a flor da hipocrisia, da falsidade, numa palavra. Não devemos confiar em ninguém a não ser em nossos pais e Deus, pois sinceridade no mundo não existe. Quem tem pai, quem tem mãe, confia neles, em seu coração, e eu?...Só em Deus? [...]. A hipocrisia, é a arma mais aguda que fere o coração sincero. (ANDRADE, 1939, p.2).

A edição inaugural de *Zodíaco*, de 20 de maio de 1943 levou ao público um artigo da estudante Neusa de Oliveira Freitas, intitulado "A verdade e a mentira", em que produziu uma reflexão sobre o tema, apontando as qualidades da verdade e as incoerências da mentira. A escrita da estudante evidenciou o modo como os jornais escolares reservavam espaço para promover intervenções acerca do comportamento e da formação da personalidade dos estudantes, sugerindo reflexões a respeito da formação de sua conduta, enaltecendo as virtudes, e repudiando as atitudes que formam o caráter duvidoso do sujeito. No enunciado em questão, a estudante argumenta que,

> A verdade é uma virtude. Dela nasceu os predicados que sublimam a alma humana. Sem esta precípua virtude o homem nada será; não terá nenhum mérito, nenhum valor, nenhum critério, nenhuma honra e haverá de ser, portanto, um nada sem força e sem direito – será um incapacitado para se defender a si e a Pátria. Devemos viver e falar a verdade e repudiar a mentira que é símbolo do mal e da miséria. O homem que vive na verdade não teme; é altivo e sobranceiro. É na verdade que são formadas as boas relações sociais, a sinceridade, a benquerença, a fidelidade, a lealdade e sobretudo a estima e o respeito de todos. A mentira é uma coisa completamente antagônica à verdade. O mentiroso articula sobre si a reprovação de Deus e o ódio dos homens que amam e reclamam a verdade na sua expressão genuína. O mentiroso é um incapacitado moral, vilipendiado, repudiado, talhado para todos os crimes e perfídias. Sejamos amantes da verdade, ao mesmo tempo banindo dos nossos corações a mentira que é a hipocrisia, a calúnia e finalmente a derrocada completa do caráter humano. (FREITAS, 1943, p.3).

Os enunciados procuravam direcionar a conduta do leitor para o caminho dos valores chancelados pela sociedade como formadores de boa índole e dos predicativos morais adequados para a vida social. Entre esses atributos, em *Gente Nova*, Olavo de Carvalho os associa ao amor ao lar como demonstração de vínculo com as origens. Para ele "amar o lar é, sem dúvida nenhuma, amar a Pátria, porque é daquele que depende esta". (CARVALHO, 1946, p.2).

A Estrela, por seu turno, estimulou o trabalho e combateu a preguiça. O trabalho era considerado uma virtude que tornava o homem provedor da família, através do qual se

obtinha respeito no meio em que vivia. Ferdinan Freitas, aluno do Grupo Escolar Teodoro Pacheco, teceu comentários sobre esse tema, em uma edição do mesmo jornal, no qual dizia que:

> A preguiça é a derrota do homem. Muitas vezes a pessoa perde muito com a preguiça. Fica sem ânimo; não pode fazer nada. O homem principalmente é o que deve trabalhar para sustentar a sua família e deixar a preguiça. Os que trabalham com coragem vencem tudo na vida, o homem preguiçoso não tem alegria, e tirando esta pode enriquecer e viver uma vida feliz. Deixa alegria em casa e todos os adoram com muito respeito. Por isso é que dizem que a preguiça é um mal do mundo. Devemos trabalhar para afastar esse grandioso mal da humanidade. (FREITAS, 1946, p.2).

Na edição de 15 de junho de 1946 do mesmo jornal, uma professora que não se identificou buscou orientar os alunos e leitores a respeito do cumprimento das obrigações considerado como dever demarcador da honra do cidadão. Em "O cumprimento do dever" ela argumentou o seguinte:

> Dever é essa força irresistível que leva o homem a praticar boas ações, a ser cordato, a viver bem consigo, com a sociedade, com os poderes constituídos, com o povo, em geral. Todos nós temos o nosso dever a cumprir, desde o menino que estuda, até o homem que trabalha e defende a pátria. Quem não cumpre o seu dever, sente que a consciência o repreende, que o remorso o atormenta, não vive feliz. Temos um juiz no nosso íntimo – a consciência – que nos julga com severidade quando estamos em falta e nos anima quando praticamos o bem. Quem cumpre o seu dever tem a consciência tranquila e vive feliz. Quantas vezes sacrificamos o bem estar dos nossos lares, os nossos interesses, com o fim exclusivo de cumprirmos nossa obrigação! Vejam, meus leitores, que o cumprimento do dever se impõe a todos nós, em todas as circunstâncias. (O CUMPRIMENTO, 1946, p.1).

Por fim, *A Estrela*, de 30 de julho de 1946, imprimiu conselhos para que os pequenos pudessem se manter no caminho da retidão, a fim de tornar-se homens íntegros capazes de superar as adversidades impostas pelas lutas da vida. Confira-se:

> **Conselho**
> Menino não furtes.
> Não furtes que é feio.
> a pena, o lápis, o níquel, a folha de papel,
> o pedaço de pão com manteiga,
> a banana, o tamarindo, a laranja,
> um simples caramelo, tudo isso
> não vale a ação feia praticada
> por quem se apossa do alheio.
> Depois...
> a inquietação, o medo de ser descoberto,
> a repressão temida, o descrédito da turma,
> a tristeza dos pais, teu arrependimento.
> Eu sei que, às vezes,

> o alfenim está dourado com o sol
> e a tangerina cheira que é uma tentação,
> ou não podes comprar o caderno de conta
> Ou queres colorir os teus desenhos...
> Mas, não furtes, não.
> Guarda a lembrança dos desejos contrariados
> para as tuas lutas futuras.
> Guarda-a, menino e ela te ensinará a ser Homem.
> (RED, 1946, p.2.).

Não furtar seria uma condição indiscutivelmente demarcadora do bom caráter do cidadão. Por isso, a preocupação em alertar as crianças para os danos morais que essa prática provocava no infrator, na sua família e no meio em que estava inserido. Foi vista uma nítida preocupação com a formação dos valores morais dos estudantes. Para isso, os jornais buscavam colaborar através de textos que, por um lado, os aconselhavam a cultivar bons hábitos como uso da "verdade" e a valorização do trabalho. Por outro lado, repudiava a mentira, a calúnia, a hipocrisia, a preguiça e o furto. Acreditava-se que esses malfeitos contribuíam para o desvio de caráter das futuras gerações.

2.2.6 Esportes

Ainda que não seja um tema recorrente, alguns jornais noticiaram as atividades esportivas praticadas pelos estudantes, que ocorriam durante os programas de festividades realizadas por escolas e ainda quando realizavam torneios ou desafios intercolegiais. Entre os esportes noticiados, destaca-se o futebol que era praticado especialmente nas escolas que agrupavam a maior parte dos estudantes secundaristas do sexo masculino. Em Teresina, nas décadas de 1930, os estudantes do Ginásio São Francisco de Sales e do Liceu Piauiense protagonizaram certa rivalidade nesse esporte. A edição de *O Ginásio*, de 25 de outubro de 1933 noticiou uma partida de futebol entre os times dessas instituições, narrando como se desenrolou aquela partida. O jornal dizia:

> Realizou-se anteontem, domingo pela manhã, no campo da "Praça Deodoro da Fonseca", o esperado encontro para desempate, entre o "Liceu Foot-ball Club" e o "Diocesano Foot-ball Club", tendo por resultado 2x2. O combate foi renhido, durante o qual houve aclamações entusiásticas por parte dos alunos do Ginásio, do Liceu e senhoritas que assistiam ao match. Houve de mais notório as pegadas do Abrão, as cabeçadas do Diulira e do Cristino, as bicancas do Hermes, os "paquetes" do nosso redator-chefe e a calma do Calado. O "Diocesano" avisa aos do "Liceu" que, depois da chegada de Campo Maior, lhes convidará para o desempate. Os jogadores do "Liceu" retiraram-se encabulados da área, por não haverem vencido como era de costume. Tenham cuidado... Olhem o "Diocesano" velho... (SPORT, 1933, p.2, grifos da autoria).

A notícia detalha uma partida carregada de rivalidade entre os times dos dois educandários e com promessa de convite para uma partida de desempate, após o retorno do time liceísta de uma de temporada esportiva na cidade de Campo Maior, a qual, a propósito, também foi noticiada pelo mesmo jornal. A matéria informava o seguinte:

> Tendo o "Liceu Foot-ball Club" recebido um convite honroso do Clube de Campo Maior para uma pugna que se realizará naquela cidade a 29 deste, resolveu aceita-lo e assim organizou o quadro que partirá desta cidade a 28 à tarde. [...] Irão também, assistir ao jogo, e torcer formidavelmente pelo "Combinado", comissões do "Colégio Diocesano", "Liceu Piauiense" e representantes da imprensa desta cidade. Reina grande entusiasmo na classe esportiva de nosso meio que só se bate para vencer! (UMA TEMPORADA, 1933, p.3).

Na edição seguinte, de 23 de novembro de 1933, publicou uma crônica intitulada "O nosso passeio em Campo Maior", nela detalha aquela aventura, partindo da organização do deslocamento até a chegada ao destino e o confronto esportivo. A chegada e a permanência na cidade foram narradas da seguinte forma:

> [...]Não muito longe avistamos um grupo de rapazes. – Vieram ao nosso encontro. Exclamaram. Ao aproximarmos, fomos saudados com entusiásticas vivas e palmas estridentes. [...] Entramos na cidade. O povo apreciava a nossa passagem. Fizemos algumas voltas pelas principais ruas da cidade, onde grande era o número de espectadores. [...]. No dia seguinte, domingo, pela manhã saímos a passeio pela cidade. Visitamos as igrejas, passeamos a carro que nos ofereceu o sr. Francisco Alves Cavalcanti, operoso prefeito daquela cidade. Às quatro horas dirigimo-nos ao campo, onde se realizou renhida pugna, que terminou com o resultado de 1x1. (O NOSSO, 1933, p.2).

A mobilização da sociedade para aquele evento também apareceu no relato, nele fica claro que aquela comitiva foi recebida pelas autoridades locais, que lhes ofereceram o mais nobre tratamento possível. A partida contou com efetiva presença da população e das autoridades locais para aquele concorrido encontro. Após, o confronto esportivo,

> Às sete horas da noite, realizou-se uma lauta ceia, em que o sr. Joaquim Vieira, em nome do "Campo Maior Foot-ball-Club", pronunciou bela oração, expressando a grande satisfação que sentiam em hospedar e abraçar a mocidade de Teresina. Agradeceu o orador oficial da nossa delegação, o sr. Jonas Cavalcanti que, numa vibração própria de moço entusiasta, depois de expor o papel que cabe à mocidade de hoje e salientar a maneira honrosa por que fomos recebidos, perorou com as seguintes palavras: "Aceitai, pois, mocidade das campinas o abraço amigo da mocidade sonhadora da "Cidade Verde"! Seguiram-se aclamações delirantes ao "Campo Maior Foot-ball-Club" e ao nosso Combinado, cujo presidente, tenente Madeira Campos foi muito aplaudido pela sua irrepreensível maneira de agir. Terminada esta solenidade, dirigimo-nos à praça em cujo coreto a orquestra executava peças que nos faziam recordar as estrelas de nossa terra... (O NOSSO, 1933, p.2, grifos da autoria).

Após esses eventos, a delegação retornou a Teresina levando as melhores recordações daquele cativante passeio naquela receptiva cidade que se esmerou em tornar a estadia dos moços teresinenses a mais agradável possível. Além de noticiar os eventos esportivos que aconteciam no meio escolar, também divulgavam informações sobre outras agremiações esportivas que movimentavam as cidades, mobilizando parte de suas populações a acompanharem os clubes de sua simpatia. A ocorrência desses enunciados nos jornais de escola sugere o interesse que os estudantes tinham pela prática do futebol. Servem como exemplo uma matéria de *Renovação*, de 19 de agosto de 1934, que anunciava:

> A sociedade esportiva de Teresina, esperava com ansiedade o encontro amistoso dos valorosos *teams* S. Cristóvão X Rio Negro, o que se anuncia para hoje às 16:30 no gramado do "militar". Com certeza será revestido de animações, porquanto a estabilidade dos quadros é a mais notável possível. O São Cristóvão quer demonstrar, desta vez, a habilidade dos seus elementos. Enquanto que o Rio Negro eu primar quantidade de "deflagrações" efetuadas pela sua "linha". (PELO ESPORTE, 1934, p.3).

Os jornais de Floriano também procuravam noticiar as disputas futebolísticas que ocorriam na cidade, enfatizando o lugar que esse esporte ocupava no entretenimento local, cujas partidas realizadas nos finais de semana estavam entre as opções de lazer que a cidade oferecia. Ainda revela o modo como o futebol, à época, já havia se consolidado como um dos esportes mais praticados e acompanhados pelos estudantes. A edição de *A luz* de 4 de dezembro de 1930 anunciava uma partida entre os dois principais times da cidade. Segundo o jornal,

> Domingo último a família florianense assistiu por mais uma vez a uma hora de encantos. O já há dias esperado encontro do "Commercio" com o "Artístico" foi de verdade magnífico. O formidável encontro se desenrolou animado de ambas as partes. O jogo foi empate: 3x3. O "Commercio", se não surrou, foi apenas pela grande falta de jogadores, pois quase todos não podiam jogar. Pelo ânimo que observamos nos beneméritos sócios do "Commercio", podemos concluir que futuramente ele constituirá um dos melhores clubes do Piauí. (FOOT-BALL, 1930, p.3).

Em 1939 *Piauí Novo* divulgou um amplo programa festivo em comemoração aos 94 anos de fundação do Liceu Piauiense e anunciava as competições esportivas realizadas entre os estudantes. Incluindo exibições de educação física, prova de salto e partida de basquetebol. O comunicado dizia o seguinte:

> Como parte principal das comemorações do dia do Liceu, foi organizado um brilhante programa de competições desportivas, obedecendo a seguinte norma:

1. 8 às 8:15 – demonstração de Educação Física (100 liceìstas);
2. 8:15 às 9:15 – prova de salto em altura – Liceístas e ginasianos;
3. 8:15 às 9:05 – partida de Miss-Ball (prova feminina) – Liceístas e Ateneístas.
4. 8:15 às 9:05 – corrida de estafeta – Liceu, Ginásio e Ateneu.
5. 9:05 – partida de basquetebol: liceístas e ginasianos. (PROVAS, 1939, p.1).

Práticas semelhantes também podem ser observadas nas revistas. Só para citar um exemplo, uma edição de *Voz do Estudante* registrou uma série de atividades esportivas realizadas durante as comemorações do aniversário de cinco anos do Ginásio Leão XIII. Competições de salto, partidas de voleibol e de basquetebol foram realizadas entre combinados das escolas de Teresina e com a participação de representações de Parnaíba. A figura 28 ilustra uma competição de salto em altura realizada naquela festa.

Figura 28 – Competição esportiva nas comemorações do 5º aniversário do Ginásio Leão XIII.

Ginásio Leão XIII

Flagrantes das festas do seu 5.o aniversário de fundação

Nesta página focalizamos o flagrante da prova de pulo com vara, na qual Antonio Fonsêca, aluno da quarta série do Ginásio Leão XIII bateu o recorde estudantil.

—— Em belo estilo, Antônio Fonsêca pulou 3,m 25. ——

Fonte: *Voz do Estudante*, ano 3, n.12, Teresina, set. 1943.

A disputa de basquete entre os times do Ginásio Leão XIII e o Liceu Piauiense foi narrada da seguinte forma:

> Os 40 minutos desta memorável partida trouxeram, sem interrupção, os amantes do basquetebol, presos de um entusiasmo jamais visto, em consequência dos lances admiráveis e da técnica aprimorada posta em prática pelos contendores. A assistência não sabia bem o que mais aplaudir-se a espetaculosidade das jogadas de Salvador, ou se a incrível agilidade de Batista, otimamente secundado por Adail e Emanuel e poderosamente apoiada pela defesa Cesar – Barbosa. O resultado final dá aos alunos do Ginásio Leão XIII as palmas da vitória, justo prêmio à exibição notável com que mimosearam quantos se dignaram comparecer a esta festa. (GINÁSIO, 1943, p.26).

Como se pode notar, a prática esportiva servia de elo entre os estudantes dos distintos educandários que se reuniam nos momentos festivos ou competitivos, promovendo entretenimento e mobilizando a classe estudantil. As atividades esportivas privilegiavam, sobretudo, os estudantes do sexo masculino, cuja prática de esportes, especialmente o futebol era comum entre eles. Havia, no entanto, outras práticas e eventos que agitavam a vida escolar e mobilizavam a classe estudantil.

2.2.7 Rainha dos estudantes

Entre os eventos mobilizadores da mocidade estudiosa piauiense podem ser mencionados os concursos de rainha dos estudantes, que provocavam grande entusiasmo entre os estudantes secundaristas piauienses. *Ginásio, Piauí Novo* e *Renascimento* são alguns dos jornais que faziam referência ao processo de escolha daquela que seria considerada a mais bela entre as estudantes da escola, da cidade ou mesmo do Estado. Na edição de *O Ginásio*, de 25 de outubro de 1933, Jerônimo Fontes procurou orientar os estudantes sobre os critérios que deveriam utilizar para proceder à escolha da melhor candidata. Segundo ele,

> [...] Antes de votardes, preparai bem os vossos espíritos e procurai prescrutar meticulosamente as qualidades morais e intelectuais das vossas candidatas. Saibais que os vossos votos são a sementeira doente deve advir o nosso bem sonhado, donde deve brotar a árvore gigantesca em que, sob cuja fronte carinhosa e amiga, havemos de encontrar todo o conforto que nos possa ser útil, em qualquer um dos momentos difíceis de nossa vida de estudante. Elevai, pois, os vossos olhos aos páramos da Justiça e votai em uma das nossas colegas, quer do Liceu, Escola Normal ou Colégio Sagrado Coração de Jesus, que bem satisfaça a nossa elevada pretensão, e que tanto melhor possa representar a honrosa classe estudantina de vossa terra. Levantai às urnas os vossos votos que o certame já se inicia! O instante é nosso, exclusivamente nosso. Não deveis, pois, vacilar! Já é tempo de consagrarmos a nossa rainha! (FONTES, 1933, p.2).

Repare que a eleição era levada com muita seriedade, ao ponto de publicar-se notas como essa que, enquanto convocava os estudantes para votar, ainda os aconselhava sobre a valiosa escolha. A mesma edição noticiou a apuração e a programação do baile de coroação da vencedora do concurso de rainha dos estudantes de Teresina daquele ano. Conforme o jornal,

> Efetuou-se no dia 21 deste, às sete horas, em casa da gentil senhorita Firma Tajra, uma sessão solene, à qual compareceram quase todos os membros das comissões elaboradoras do Concurso para a rainha dos estudantes de teresinenses e que teve por fim fazer a primeira apuração de votos. Abrindo a sessão, o sr. Presidente, levantou-se e mostrou que a urna estava hermeticamente fechada. Rasgando a selagem, retirou a tampa da urna, dando início à apuração, que, terminada, acusou o seguinte resultado: Senhorita Josélia Martins, 26 votos; Senhorita Isis Pereira, 6 votos. [...]. O membro Jonas Cavalcanti apresentou aos seus colegas a ideia de aproveitarem a oportunidade para tratarem do programa das festas. Finalmente, depois de vários debates, ficou acertado o seguinte: a coroação da rainha será no dia 14 de novembro às 8:30 da noite no Teatro "4 de setembro" [...]. (CONCURSO, 1933, p.1, grifos da autoria).

Essa teria sido uma etapa preliminar da apuração final, considerando que, na edição seguinte constam outras notícias a respeito da apuração oficial que se deu nas dependências do Liceu Piauiense. Contudo, a importância que se dava ao concurso pode ser notada pela escolha do local da cerimônia de coroação da vencedora, pois o Teatro 4 de Setembro era considerada a principal casa de espetáculos do Piauí. A edição de 23 de novembro de 1933 publicou notícia sobre apuração dos votos e o resultado do concurso, dizendo que: "Num dos salões do Liceu Piauiense, no dia 5 deste, sob a presença de grande número de estudantes, realizou-se a quarta e última apuração da eleição para a rainha dos estudantes teresinenses" (CONCURSO, 1933, p.3).

Embora parte da publicação esteja ilegível parece ter havido alguns problemas que resultaram na intervenção do certame, e o resultado final não foi homologado. Uma parte da matéria diz: "elegemos a nossa rainha, mas não tivemos o prazer de coroá-la. Muito abalou a classe estudantina teresinense esta surpresa" (CONCURSO, 1933, p.3). A indecifrável intervenção revela como a eleição mexia com os ânimos dos estudantes e de parte da sociedade local.

Deslocando-se para o sul do estado, há notícias da escolha da primeira rainha dos estudantes de Floriano, ocorrida em 1934, sugerindo que essa prática fazia parte da cultura escolar da cidade.

> Nesse mesmo ano [1934] foi eleita num ambiente de muita alegria, a primeira rainha dos estudantes, a senhorita Padria Bucar, jovem simpática, de muitos encantos e

> extasiante beleza oriental. A festa de coroação realizou-se na residência de seus pais, para a qual veio de Teresina uma comitiva de estudantes do Diocesano. (DEMES, 2002, p.158).

De volta a Teresina, anos mais tarde, em 1939, *Piauí Novo* informava que "às 7:30 horas terá lugar, no *auditorium* do Liceu, a coroação de S.M. a Rainha dos Estudantes de Teresina, normalista Maria do Carmo Barros". (A COROAÇÃO, 1939, p.1). O mesmo jornal dedicou uma página ao concurso daquele ano destacando a mobilização que se criou em torno daquele acontecimento. Um trecho da matéria dizia:

> Há dias a "Cidade Esmeralda" vinha agitadíssima com o concurso para a Rainha dos estudantes, concurso este que vinha desenvolvendo grande vibração na classe estudantina de Teresina e também no povo que esperava ansioso pelo resultado. Este concurso entusiasmou a toda gente. Teresina vibrava ansiosa, também entusiasmou a toda a gente. Teresina vibrava ansiosa, também entusiasmada. Pelas ruas, pelas praças, por todos os logradouros públicos viam-se motins que esperavam a vitória de sua candidata. Aqui, era um grupo de liceìstas que discutiam qual seria a Rainha, ali, era um grupo de normalistas que esperavam a hora da última apuração, acolá, eram bacharéis que afirmavam calorosamente a vitória de sua candidata. E era essa a vibração, este entusiasmo que as horas passavam céleres. Viam-se em cada um o desejo ardente de vencer, de ver sua candidata vitoriosa e aclamada por todos. Todos esperavam incalmamente a hora da última apuração: momentos de vibrações e de anseios... Enfim é chegada a hora e é dado o resultado. E Maria do Carmo Barros é eleita rainha do estudante para as comemorações do dia 4 de outubro, data magna para a classe estudantal piauiense. (SUAS MAJESTADES, 1939, p.4).

A euforia parecia ter tomado de conta dos estudantes da capital durante o processo de escolha da estudante que representaria a classe nas festividades de aniversário do Liceu Piauiense. A escolhida foi a normalista Maria do Carmo Barros que, segundo o jornal, possuía as qualidades ideais para o concorrido cargo:

> Sua Majestade Maria do Carmo Barros possui todos os predicados exigidos: cursa o quinto ano da Escola Normal, moça de elevados conhecimentos literários, ornamento, estrela de primeira grandeza no céu da sociedade teresinense e é, além de tudo, jovem e possuidora de uma das sublimes belezas que Teresina tem. Sua Majestade Maria do Carmo Barros é a Vênus-Minerva de nosso meio. (SUAS MAJESTADES, 1939, p.4).

Cheia de predicados, a rainha comparada à Vênus-Minerva dividiu as atenções na festa liceísta com Branca de Castela Pires Rebelo, que "a mocidade estudiosa de Teresina, a vossos pés cair se deixa, rendendo homenagens à rainha do estudante de Parnaíba que veio dar mais realce, alegria e encanto à tradicional festa do Liceu Piauiense" (SUAS MAJESTADES, 1939, p.4). Na figura 29 encontra-se fotografias das duas rainhas mencionadas.

Figura 29 – Matéria sobre as rainhas dos estudantes de Teresina e Parnaíba

Suas Majestades as Rainhas dos Estudantes Teresinenses e Parnaibanos

Ha dias a "Cidade Esmeralda" vinha agitadíssima com o concurso para a Rainha do estudante, concurso êste que vinha desenvolvendo grande vibração na classe estudantina de Teresina e tambem no povo que esperava ansioso pelo resultado. Este concurso entusiasmou a toda a gente. Teresina vibrava ansiosa, tambem entusiasmada. Pelas ruas, pelas praças, por todos os logradouros publicos viam-se motins que esperavam a vitória de sua candidata. Aqui, era um grupo de liceistas que discutiam qual seria a Rainha, ali, era cola Normal, moça de elevados conhecimentos literários, ornamento, estrela de primeira grandeza no ceu da sociedade teresinense e é, alem de tudo, jovem e possuidora de uma das sublimes belezas que Teresina tem. Sua Majestade Maria do Carmo Barros é a Venus-Minerva de nosso meio. O estudante teresinense soube escolher perfeitamente a sua Rainha. Outra, talvez, não poderia desempenhar com mais brilhantismo o papel de Rainha do Estudante do que Sua Majestade Maria do Carmo Barros.

* * *

Majestade Branca de Castela Pires Rebelo, Rainha do estudante de Parnaiba, vós que deixastes a gleba parnaibana e tornando pequena a grande distancia que nos separava aqui se achais, a nossa cidade estudiosa de Teresina, a vossos pés cair se deixa, rendendo homenagens à Rainha do estudante de Parnaiba que veio dar mais

S. M. Maria do Carmo Barros, Rainha dos Estudantes de Teresina

S. M. Branca de Castela Pires Rebelo, Rainha dos Estudantes de Parnaiba

Fonte: *Piauí Novo*, ano 1, n.8, Teresina, 4 out. 1939.

O registro da presença da representante dos estudantes de Parnaíba demonstra que por lá também havia a tradição no meio estudantil de eleger sua rainha. A propósito disso, a edição de 19 de outubro de 1946, de *Renascimento*, noticiou o início das inscrições para o processo de escolha, daquela que seria coroada rainha da classe estudantil daquela cidade organizada pelo CEP. Segundo a matéria,

> Tendo em vista, a enorme tradição desfrutada pelo movimento eleitoral da rainha dos estudantes, em todo mundo, o Centro Estudantal Parnaibano, apoiados pelos elementos representativos da Atenas piauiense, resolve, declarar aberto o registro de candidaturas ao posto mais alto da beleza estudantal. [...]. É de se esperar que seja, sem restar dúvidas, uma das maiores festas da classe nesses últimos tempos, pois os ânimos estão bem acesos e espera-se também a assistência de caravanas de outros setores. Realizar-se-á, esta grandiosa festa cívica, dentro de um ambiente de mais puro civismo e compreensão, assistida pelos elementos de prol da nossa seleta e culta sociedade. (A RAINHA,1946, p.2).

A realização dessas eleições dinamizava o meio escolar secundário estimulando os estudantes a dar visibilidade à classe estudantil, suas belezas, capacidades, inteligências, requisitos necessários para a disputa. A mobilização em torno dos concursos contribuía para o espírito cívico, considerando que as estudantes eleitas representavam os estudantes e as escolas nas mais concorridas cerimônias da cidade.

2.2.8 Humorismo

Sátiras, charadas, anedotas, enigmas e perfis cômicos também foram encontrados em alguns jornais, o que dava um caráter mais suave e alegre às suas páginas. De certo modo, esses textos imprimiam alegria e atraiam os leitores. Notas de humor foram sugeridas por Casasanta (1939, p.105), segundo o qual,

> Um humorismo leve deve constituir uma seção dos jornaizinhos. Quase todos eles trazem críticas dos companheiros. Essa crítica deve ser, não ponto de discórdia, mas motivo, apenas, de diversão. Podem constituir uma seção muito atraente no jornal e constará de anedotas, caricaturas, trocadilhos e outros, contanto que não ofendam.

Seguindo essa lógica, a edição de *A Luz* de Floriano, que circulou em 16 de julho de 1931, publicou o "Leilão dos segundanistas do Liceu de Floriano", em que eram postos à venda características de alguns estudantes daquele educandário. Confira:

> Quanto me dão pela inteligência do Moreira, pelo acanhamento do Perico, pela sinceridade do Basinho, pelo sorriso do Lourival, pela cabeleira do Lalú, pela aplicação do Rogério? pela bondade do Carlos, pela alegria do Arruda, pela pose do Leônidas, pela simpatia do Aldenor, pelos olhos do Abrão, pela fala do João Mattos, pelas covinhas das faces do Zequinha, pela amabilidade do Raimundo, pelas explicações do José Martins, pela beleza do Raimundo Soares, pelos olhares de fogo do Frederico, pelo comportamento do Oacy, e pela língua da *Condessa Iludida*? (LEILÃO, 1931, p.3).

Com leveza e descontração, o leilão fez uma descrição bem-humorada de características de alguns alunos com o objetivo de promover diversão e entretenimento para os leitores. Esses textos sugerem uma tentativa de suavizar as matérias de teor mais sério voltadas para os problemas da realidade educacional. A mesma edição publicou também um texto que comparava as estudantes normalistas com as flores de um jardim, como se pode observar:

> No jardim das segundanistas da Escola Normal colhi as seguintes flores: Ziroca, uma rosa "*la France*"; Maria Augusta, um cravo; Cyrene, uma sempre-viva; Heloisa, uma angélica; Edith, uma cravina; Samaritana, uma acácia; Ierecê, um não-me-deixes; Neusa, um lírio roxo; Amina, um lilaz; Aracy, um eu-e-tu; Jovinilha, uma saudade; Rita, um íris; Nazira, uma primavera; Walmira, uma ama; Mimina, uma dália; e eu, uma...Flor de Cabaça. (NO JARDIM, 1931, p.3).

Em Teresina, *O Ginásio* publicou uma nota intitulada "O que é de admirar" e que revelava características de alguns estudantes conforme transcrito no texto abaixo:

O que é de admirar
A beleza do Osvaldo Monteiro
A sabedoria do Agenor Veloso
A infantilidade de José Luiz
E o tipo artístico do Milton Cardoso

A assiduidade do Alarico
O método de estudos do Antonino
Os discursos do Adolfo
E a filosofia do Valdivino

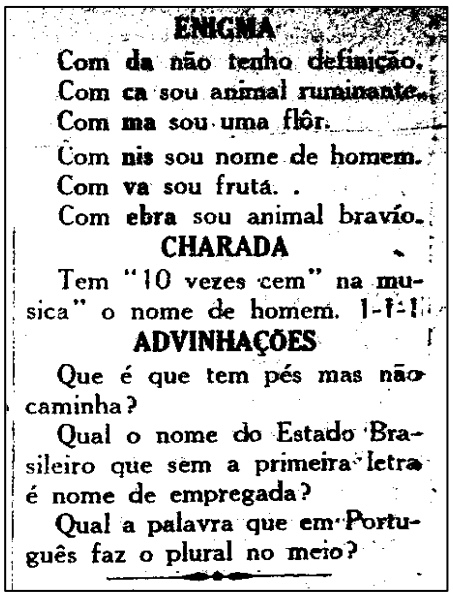
A paulificância do Pedro Rocha
A altura do Caio Oliveira
A elegância do Braulino
E a cabeleira do Raimundo Pedreira

A atividade do Osvaldo Chaves
A capacidade do Antônio Luiz Brito
A Simpatia do Astrolábio
E a inteligência do Jacozito

Boa palestra do Chico Freire
A pequenina testa do Carlos Ferraz
A paciência Gerardo Vasconcelos

O medo vivo do Manoel Firmo
A aplicação do Firmino
E a ironia do autor... Castelo.
(O QUE É, 1933, p.3).

De forma irônica, o autor apontou algumas características que seus colegas de classe carregavam, revelando um pouco alguns dos seus traços. A maioria desses anúncios ocupava pouco espaço nos periódicos, pois eram textos curtos, elaborados intencionalmente para leituras rápidas e descontraídas. *A Luz*, em 10 maio 1939, dedicou um espaço para enigmas, charadas e adivinhações, conforme se pode ver:



ENIGMA

Com da não tenho definição.
Com ca sou animal ruminante.
Com ma sou uma flôr.
Com nis sou nome de homem.
Com va sou frutá. .
Com ebra sou animal bravío.

CHARADA

Tem "10 vezes cem" na musica" o nome de homem. 1-1-1

ADVINHAÇÕES

Que é que tem pés mas não caminha?

Qual o nome do Estado Brasileiro que sem a primeira letra é nome de empregada?

Qual a palavra que em Português faz o plural no meio?

Fonte: *A Luz*, ano 1, n.3, p.3, Teresina, 10 maio 1939.

Nos jornais das escolas primárias verificou-se que as publicações humorísticas estiveram presentes em suas páginas. *O Estimulo* publicou um "Valioso inventário", de Sidney Wernz, estudante do 4º ano do Grupo Escolar Teodoro Pacheco. Com muito humor, o inventário seria a herança deixada ao se despedir do ensino primário.

> **Valioso inventário**
> Terminando o curso primário, deixo aos meus colegas o seguinte: ao Assis, uma farda velha; ao Erasmo, um pé de sapato sem cadarço; ao Emanuel Batista, um chapéu sem abas; ao Antônio Carlos, uma gravata bem usada; ao Antônio Braga, uma calça curta; ao Fábio, uns livros sem dorso; ao Moacir, uns cadernos riscados; ao Stanley, uns óculos quebrados; ao Paulo, uma Geometria rasgada; ao João Lúcio, uma régua quebrada; ao Odoastro, uma bolsa sem fundo; ao Adão uma dentadura; ao Otávio, um par de meia sem calcanhar. Queiram os meus amiguinhos não brigarem, pois procurei satisfazer a todos. (WERNZ, 1938, p.3).

Outros textos com teor semelhante foram encontrados no mesmo jornal em *Era uma vez*, *Escolar Teresinense e A Estrela*, o que demonstra que esses periódicos mantinham uma determinada padronização. Em *Escolar Teresinense* outro leilão é realizado pelo aluno da Escola Modelo Francisco Beltrônio, que pôs à venda algumas características dos seus colegas de escola, conforme se pode ler abaixo:

> **Em leilão**
> Passando um dia destes por uma das ruas desta cidade, vi trepado sobre uma mesa, um homem, a gritar com certos objetos na mão, pelos quais iam oferecendo o que podiam. Soube que se tratava de um leilão. Resolvi fazer um em benefício de um asilo que desejo fundar para os colegas que não querem estudar. Vão ser arrematadas verdadeiras preciosidades que passo a mencionar na lista a seguir:
> A beleza do Mário Veras;

> A elegância da Nazaré Silva;
> A gaiatice do Washington;
> A faceirice do José Gomes;
> Os pés de Artur Candido;
> As mãos do Nilson Carvalho;
> A foba do Hebert;
> A inteligência de Maria Laura Trindade;
> A altura da Nair;
> O cabelo da Maria Mirtes;
> A Valentia do Erasmo;
> A meiguice da Palmira. (BELTRONIO, 1940, p.3)

Nos números de *A Estrela* foram encontrados textos voltados para descontrair o leitor. Charadas, leilões e outras notas estimulavam a escrita e a leitura de forma mais prazerosa e desprendida de formalidades. Uma dessas notas foi um diálogo escrito pelo estudante Rundolfe Torres, com título "Para rir...":

> Professora – João, faça seu dever.
> Aluno – Eu não me chamo João, professora.
> Professora – Então, como se chama?
> Aluno – João Aureliano.
> Donato – Porque não falas, Raul?
> Raul – Porque estou fazendo uma florzinha para N. Senhora.
> Donato – A florzinha é de papel?
> Raul – Não, tolo. Estou fazendo uma florzinha de não falar. (TORRES, 1946, p.3).

Os jornais escolares também procuravam promover diversão através de textos descontraídos, que se constituíam como atrativos, estimulando os leitores para o contato com esses dispositivos, seja como colaboradores, seja como leitores. O caráter humorístico dessas publicações era carregado de sutileza, mantendo certo cuidado para não provocar desconforto e ofensas aos mencionados. Embora com menor regularidade, os temas postos em discussão nessa seção apontam para outras questões que também revelavam importantes aspectos da vida escolar no período estabelecido para esta análise, descortinando o dinamismo da mobilização dos estudantes em torno do futebol, das eleições de rainhas dos estudantes ou a sagacidade do humorismo que pintava o conteúdo daquelas páginas com cores mais alegres.

Importante dizer também que esses jornais não destinavam espaços específicos para publicação das atividades escolares. Assim, as disciplinas, o currículo, os trabalhos escolares, entre outros, não são percebidos com regularidade na agenda dos jornais consultados. São temas que aparecem com muita rarefação, indicando que, mesmo havendo o estímulo e o controle da escola, a escolha dos temas da maioria dos jornais ficava sob a responsabilidade dos estudantes protagonistas dos impressos.

As discussões postas ao longo deste capítulo sugerem que, no período em estudo, a impressão de periódicos nas escolas se acentuou, o que demonstra, em certa medida, a

relevância da imprensa como veículo de difusão de ideias, informações e comunicação. Eram, portanto, anos profícuos para essa produção, seja nos estabelecimentos de ensino, seja em outras organizações que agremiavam estudantes. Diferentes escolas de ensino secundário, públicas e privadas, da capital e de cidades com um relativo grau de desenvolvimento, como Parnaíba e Floriano, fizeram circular folhas de notícias, por vezes efêmeras, outras com vida mais prolongada, que expressavam em sua escrita os distintos interesses dos estudantes e os modos de educá-los por meio do que se expressava e se imprimia naquelas páginas.

Pode-se inferir que a produção de jornais figurava entre as estratégias estimuladas pelas escolas e protagonizada pela mocidade que a utilizava para dar visibilidade aos diversos assuntos escolares e publicidade aos planos e projetos dos estudantes. Os periódicos homenageavam os heróis do passado e líderes daquele presente como uma forma de mobilizar a mocidade escolar a amar e respeitar a pátria e aqueles que a conduziam. Na análise das revistas escolares, alguns pontos tratados anteriormente foram retomados, enquanto outras novas questões emergem no debate, pois elas serviram para expressar as inteligências dos estudantes e demais colaboradores. Essas questões passam a ser discutidas no próximo capítulo.

3 A PUBLICAÇÃO DE UMA REVISTA SEMPRE TRAZ PROVEITO[75]: REVISTAS ESCOLARES E SEUS ENUNCIADOS

Figura 30 – Painel de revistas escolares piauienses das décadas de 1930 -1940

Fonte: O autor, 2021.

> A função de uma revista como esta não poderia ser outra senão educar, ajudar os professores na nobre missão de abrir horizontes de luz nas trevas da ignorância.
>
> *Panorama Estudantil*

Educação (1936), *4 de Outubro* (1936), *Primícias Literárias* (1938), *Panorama Estudantil* (1939), *Raios de Luz* (1940), *Voz do Estudante* (1940), *Zodíaco* (1942) e *Geração* (1945), expostas acima, foram algumas revistas escolares que circularam no Piauí no período pesquisado e propagavam a ideia expressa na epígrafe, de que surgiram com o intuito de

[75] Trecho extraído e adaptado da nota de aparecimento da revista Educação, dirigida pelos estudantes da Escola Normal Oficial. A edição foi publicada em 25 de dezembro de 1936.

servir de mecanismo educativo de informação, formação e de combate à ignorância. Nessa direção, ao longo do capítulo, procurei analisar a produção dessas publicações a partir de sua materialidade e vinculações institucionais, discutindo seu surgimento, características e discursos que imprimiam como estratégias de formação dos estudantes. Vale destacar que a documentação mobilizada neste capítulo contemplou revistas associadas aos estudantes e escolas secundárias de Teresina e Parnaíba, uma vez que não foi possível localizar produções desse tipo no município de Floriano.

Diferente dos jornais, que tinha formato *in folio* e conteúdo noticioso imediato que abrangia os interesses cotidiano dos distintos grupos sociais, as revistas seguiam uma linha editorial que davam aos dispositivos uma aparência mais sofisticada, com artigos densos de conteúdo voltados para os temas culturais com mais refinamento e rigor, além de outros aspectos que fazem desse gênero uma rica possibilidade de refletir-se a respeito dos modos como os estudantes do Piauí se projetavam e se posicionavam naquele momento.

Dessa forma, é necessário destacar que a definição de uma publicação do gênero "revista" é uma tarefa bastante complexa. Numa primeira investida, ao examinar a palavra em dicionário, observa-se que uma das definições que recebe está relacionada a "publicação periódica em que se divulgam artigos originais e reportagens" (BORBA, 2011, p.1223). Por esse verbete se tem uma definição de "revista" como uma publicação que reúne uma diversidade de artigos e reportagens para um público específico, periodicamente. Porém, de acordo com Camargo (2003), não é possível definir o termo revista apenas por meio dos dicionários. Martins (2008) procurou contribuir para o entendimento do sentido atribuído e esse tipo de publicação periódica e também menciona a dificuldade encontrada para definir revista, argumentando que ela é

> Um objeto de difícil definição. Defini-la como gênero de impresso esbarra nas fronteiras quase conjugadas às do jornal, periódico que lhe deu origem e do qual, no passado, se aproxima tanto na forma – folhas soltas e in folio – como, por vezes, na disposição do conteúdo, isto é, seções semelhantes. (MARTINS, 2008, P.43).

A autora segue o entendimento proposto por Rocha (1985), para se referir à revista como uma publicação que passa em revista vários assuntos, permitindo leituras fragmentadas e seletivas. Ana Luiza Martins contribui para esse entendimento, ao enfatizar que "a revista, já por sua proposta intrínseca de formadora e propagandista, transformou-se no recurso ideal para a apropriação de conteúdos, instrumento pertinente às escolas em seu projeto identificado com o Estado, reprodutora de ideologia" (MARTINS, 2008, p.318). Cohen (2018) estabeleceu

uma interessante diferenciação entre jornais e revistas, a partir do conteúdo publicado. Segundo a autora:

> ao primeiro [jornal], normalmente diário e vespertino, caberia a divulgação da notícia, o retrato instantâneo do momento, abrangendo desde as disputas políticas até o descarrilhamento do trem do subúrbio. À revista reservava-se a especialidade de temas, a intenção do aprofundamento e a oferta de lazer tendo em vista os diferentes segmentos sociais: religiosas, esportivas, agrícolas, femininas, infantis, literárias ou acadêmicas, essas publicações atendiam a interesses diversos, não apenas como mercadorias, mais ainda como veículo de divulgação de valores, ideias e interesses. (COHEN, 2018, p.105).

A diversidade de informações permite olhar a sociedade e, de modo mais particular, o universo escolar a partir das representações daquilo que é escrito, impresso e publicado. Do mesmo modo que os jornais, o gênero revista foi também produzido com certa recorrência nos educandários piauienses, com intensa profusão nas décadas definidas no recorte estudado. O saber literário, o gosto pela leitura e o exercício da escrita estava na composição do universo secundarista, cuja formação era fortemente influenciada pelo campo das letras. O conhecimento literário era uma forma de distinção para parte dos estudantes cuja formação não estava associada às práticas profissionais do trabalho. De acordo com Souza, "[...] a formação das classes dirigentes continuou privilegiando a arte da expressão, a erudição linguística, o escrever e o falar bem, o domínio das línguas estrangeiras e a atração pela estética literária." (SOUZA, 2008, p.91-02).

As agremiações estudantis elaboraram revistas que ocuparam lugar de destaque entre estudantes, professores, intelectuais e a sociedade letrada do Estado. Esse tipo de publicação "se prestava como órgão publicitário do estabelecimento, sugerindo a superioridade de seu ensino, em particular pela preparação dos alunos para a vida" (MARTINS, 2008, p.316). A produção de revistas fez emergir uma série de indagações a respeito do lugar que elas ocuparam na formação desses sujeitos: o que motivava os alunos a produzirem esses periódicos? Como os professores e dirigentes escolares participavam de sua elaboração? Essas questões gerais serviram como mote para buscar compreender a produção desses dispositivos nas décadas de 1930 e 1940, pensando os diferentes modos que esses periódicos podem dar a entender a respeito do passado da educação no Piauí, pois,

> o gênero é privilegiado notadamente pelo historiador que, ao simples folhear dessas publicações de época, sentem-se envolvidos pelo tempo pretérito que busca reconstituir. Imagem, texto, reclames e seções ali contidas, em princípio, independente de análise mais profunda, evocam em seu conjunto, de imediato, o quadro histórico em que se pretende transitar. (MARTINS, 2008, p.21).

Vasculhando catálogos e acervos nas instituições guardiãs da memória piauiense, foi possível localizar oito revistas, estudadas neste trabalho, das quais seis foram produzidas em Teresina e duas em Parnaíba[76].

3.1 Aparecimento e caracterização

De acordo com Gondra (2015, p.101), "[...] uma publicação deriva de diversos motivos, para atender a diversas necessidades, em condições variadas e por meio de processos plurais". No caso do Piauí, as revistas escolares surgiram num contexto de consolidação de um discurso voltado para o papel regenerador da educação como mola impulsionadora das transformações sociais, culturais e também econômicas, capaz de superar a condição de atraso do estado. Coincide com as medidas em favor da expansão da rede escolar primária e com o surgimento de estabelecimentos de ensino secundário em Teresina, Parnaíba e Floriano, que se juntaram às tradicionais escolas existentes para ofertar formação a uma parcela da população mais privilegiada que integraria a elite letrada local.

Na operação de localização, separação e classificação das fontes, da forma sugerida por De Certeau (2013), foi possível agrupá-las a partir de algumas características, privilegiando os seguintes critérios: vinculações institucionais, locais e cursos. Nessa perspectiva foi possível organizá-las em normalistas, liceístas, parnaibanas, e dos novos educandários. Essas condições resultaram no estudo dessa documentação em dois movimentos. Inicialmente, discuto seu surgimento e aspectos de sua caracterização e, em seguida, analisei os conteúdos que privilegiam o debate acerca da educação e da formação dos estudantes. As revistas localizadas que compõem a documentação analisadas encontram-se dispostas no quadro 17;

Quadro 17 – Revistas escolares piauienses das décadas 1930 e 1940

REVISTA	CIDADE	ANO	NÚMEROS
4 de Outubro	Teresina	1936	1
Educação	Teresina	1936	1
Primícias Literárias	Teresina	1938	1
Panorama Estudantil	Parnaíba	1939	1
Raios de Luz	Parnaíba	1940	1
Voz do Estudante	Teresina	1940, 1941, 1942, 1943	5
Geração	Teresina	1945	2

[76] No recorte em estudo não foram localizadas revistas desse gênero produzidas por escolas e/ou estudantes da cidade de Floriano.

Zodíaco	Teresina	1943, 1944, 1945, 1947	15

Fonte: O autor, 2022.

A análise desse material deve considerar o seu lugar de produção e a rede de relações às quais se articulavam porque "levar em conta o lugar de poder em que se articulam as estratégias que põem o impresso em circulação implica contextualizar o objeto da análise em uma situação determinada" (CARVALHO, 2005, p.91). O objetivo é discutir as motivações para o aparecimento, suas características e como seus discursos colaboravam para a formação da classe estudantil associados aos interesses de uma parcela privilegiada da sociedade piauiense, considerando que as "[...] enunciações das revistas se configuram em formas de intervir e construir determinadas representações voltadas para modelar as experiências, saberes e instituições" (GONDRA, 2020. p.31), constituindo-se como dispositivos de formação escolar e cultural dos estudos e outros públicos interessados em seu conteúdo.

3.1.1 Revistas normalistas

Educação e Primícias Literárias foram editadas em instituições diferentes. A primeira foi publicada pelos professorandos da Escola Normal Oficial de Teresina, e a segunda pelas alunas do Colégio Sagrado Coração de Jesus. As edições analisadas circularam nos anos 1936 e 1938, respectivamente. Por se tratarem de revistas editadas por estudantes dos cursos normais de suas instituições, seu surgimento e características gerais foram analisadas no mesmo bloco. Basto (2015) argumenta que a produção de revistas fazia parte da cultura escolar das instituições que ofereciam cursos secundários. Basto (2015, p.33) elucida que

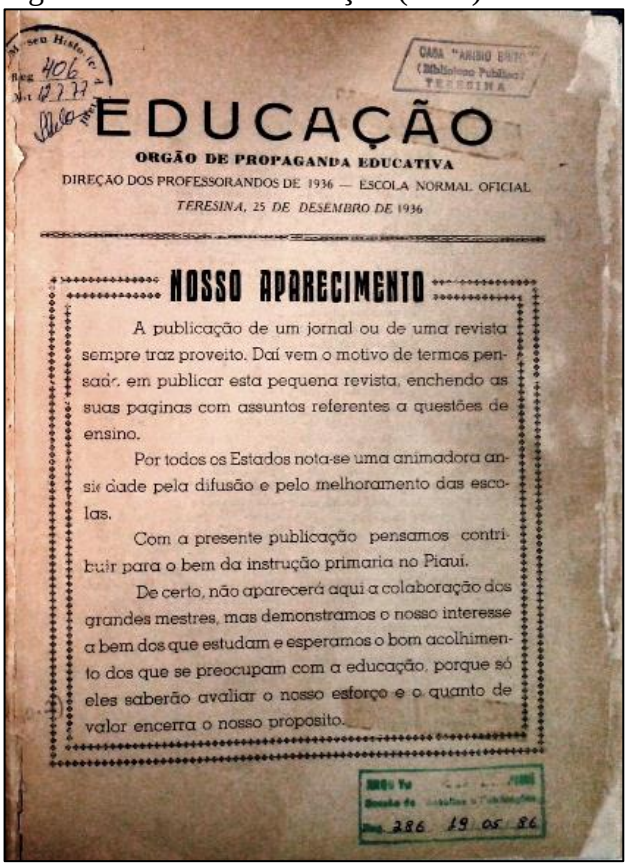
> As escolas de formação de professores foram profícuas na produção de periódicos estudantis desde as primeiras décadas do século XX. A partir da instituição da república (1989), ocorreu uma política de expansão desse nível de ensino até praticamente os anos de 1970, decorrente das campanhas de alfabetização da população brasileira, com altos índices de analfabetismo. Podemos também afirmar que essas produções se situam majoritariamente nos anos 1930, mas temos experiências anteriores, visto que deveriam, como futuras professoras, estimular seus alunos a produzir periódicos. (BASTO, 2015, p.33).

Para a autora, os periódicos em questão estão situados no contexto definido pela autora como de maior profusão desse tipo de publicação, sugerindo que eles estavam, de algum modo, articulados a uma rede de produção que se instaurou como prática formativa naquele período que pode ser percebida também em outros estados.

Mesmo contendo muitos pontos convergentes, as discussões presentes nos números examinados revelaram níveis muito diversos dos temas abordados. Enquanto *Educação* explorava as questões relacionadas ao ensino, por meio de um debate visivelmente amadurecido, onde demonstrava preocupação com a educação e sua relação com o desenvolvimento da sociedade, *Primícias Literárias* tinha uma proposta editorial mais descontraída, que estimulava a publicação de temas que exploravam a criatividade dos autores.

Educação circulou no final de 1936, trazendo em suas páginas, enunciados relacionados à formação cívica e missão do professor, também discute os problemas da educação nacional e pontua assuntos de interesse social como comportamento feminino. Na Figura 31 podem ser notadas informações importantes que ajudam a compreender o periódico e as suas características.

Figura 31 – Revista *Educação* (1936)



EDUCAÇÃO

ORGÃO DE PROPAGANDA EDUCATIVA

DIREÇÃO DOS PROFESSORANDOS DE 1936 — ESCOLA NORMAL OFICIAL

TERESINA, 25 DE DESEMBRO DE 1936

NOSSO APARECIMENTO

A publicação de um jornal ou de uma revista sempre traz proveito. Daí vem o motivo de termos pensado em publicar esta pequena revista, enchendo as suas paginas com assuntos referentes a questões de ensino.

Por todos os Estados nota-se uma animadora ansiedade pela difusão e pelo melhoramento das escolas.

Com a presente publicação pensamos contribuir para o bem da instrução primaria no Piauí.

De certo, não aparecerá aqui a colaboração dos grandes mestres, mas demonstramos o nosso interesse a bem dos que estudam e esperamos o bom acolhimento dos que se preocupam com a educação, porque só eles saberão avaliar o nosso esforço e o quanto de valor encerra o nosso proposito.

Fonte: Arquivo Público do Piauí

Chama a atenção a sua definição como “órgão de propaganda educativa”, editado sob a “direção dos professorandos de 1936” daquela instituição. A nota inicial da revista abordava os ganhos adquiridos com o impresso e os objetivos que almejavam alcançar:

> A publicação de um jornal ou de uma revista sempre traz proveito. Daí vem o motivo de termos pensado em publicar esta pequena revista enchendo suas páginas com assuntos referentes a questões de ensino. Por todos os estados nota-se uma animadora ansiedade pela difusão e pelos melhoramentos das escolas. Com a presente publicação pensamos contribuir para o bem da instrução primária no Piauí. De certo, não aparecerá aqui a colaboração dos grandes mestres, mas demonstramos o nosso interesse a bem dos que estudam e esperamos o bom acolhimento dos que se preocupam com a educação, porque só eles saberão avaliar o nosso esforço e o quanto de valor encerra o nosso propósito. (NOSSO APARECIMENTO, 1936, p.1).

A justificativa para seu surgimento expressa seu caráter educativo, uma vez que ela tinha o objetivo de contribuir para a formação normalista e para a instrução primária no Estado. Por essas características, mesmo tendo sida elaborada por estudantes, pode ser definida também como uma revista pedagógica, considerando-se que

> [...] as revistas especializadas em educação constituem uma instância privilegiada para a apreensão dos modos de funcionamento do campo educacional, pois fazem circular informações sobre o trabalho pedagógico, o aperfeiçoamento das práticas docentes, o ensino específico das disciplinas, a organização dos sistemas, as reivindicações da categoria do magistério e outros temas que emergem do espaço profissional. (BASTOS; CATANI, 2002, p.7).

Outro ponto importante encontra-se na sua ênfase em afirmar que em suas páginas não contavam com colaborações dos grandes mestres. Mesmo a maioria de seus artigos sendo de autoria dos estudantes, a edição também publicou dois textos de autoria de professores da instituição: “A contribuição do Brasil para a paz mundial”, assinado pelo professor Brito Mello e “Diante de uma rosa murcha”, do professor Martins Napoleão. Essas colaborações podem indicar que elas eram acompanhadas pelos professores e dirigentes escolares.

Olhando de maneira panorâmica, nota-se que o conteúdo de *Educação* estava em completa articulação com o seu título, inscrevendo-a como um recurso didático possivelmente utilizado nos debates de formação normalista e de professores que procuravam se inteirar dos temas que estavam em voga no momento. Os artigos que compunham suas páginas foram os seguintes: “Nosso aparecimento”; “A educação cívica e a grandeza da pátria”; “A missão social do professor primário”; “Ensino Rural; Diante de uma rosa murcha”; “Aspectos nordestinos”; “A guisa de programa”; “O Programa da educação no Brasil”; “Página de despedida; Infância e juventude”; “O ensino profissional”; “A navegação aérea no Piauí”; “Natal”; “Mocidade obscura”; “O ensino da linguagem na escola primária”; “Gratidão (aos educadores da Escola Normal Oficial)”; “A contribuição do Brasil para a paz mundial”; “1936! Mais professores para o Piauí! Nova turma”; “Novas esperanças para o futuro de

nossa terra!"; "Os anormais. Como educá-los?"; "Sintonia"; "Variações" e "Que é clube agrícola".

Durante o levantamento das fontes para este trabalho, não foram localizados outros números da revista. A revista pode ter sido uma publicação efêmera, pois não há indicações de outros números que poderiam constituir uma série. Mesmo assim, *Educação* pode ser percebida como contributo pedagógico para estudantes e professores, por se tratar de um espaço de diversidade temática sobre as questões educacionais. Suas páginas privilegiavam as discussões sobre políticas educacionais, métodos de ensino e as práticas pedagógicas.

Primícias Literárias[77], por seu turno, autodefinia-se, em sua sexta edição, como "revista bimestral, dirigida por alunas do Colégio Sagrado Coração de Jesus". Lançada em 1937, antes dessa edição, existiram outras cinco que não foram localizadas. Mesmo tendo acesso apenas a uma edição, uma notícia de *A Luz* sugere que outras edições circularam posteriormente. A notícia dizia que,

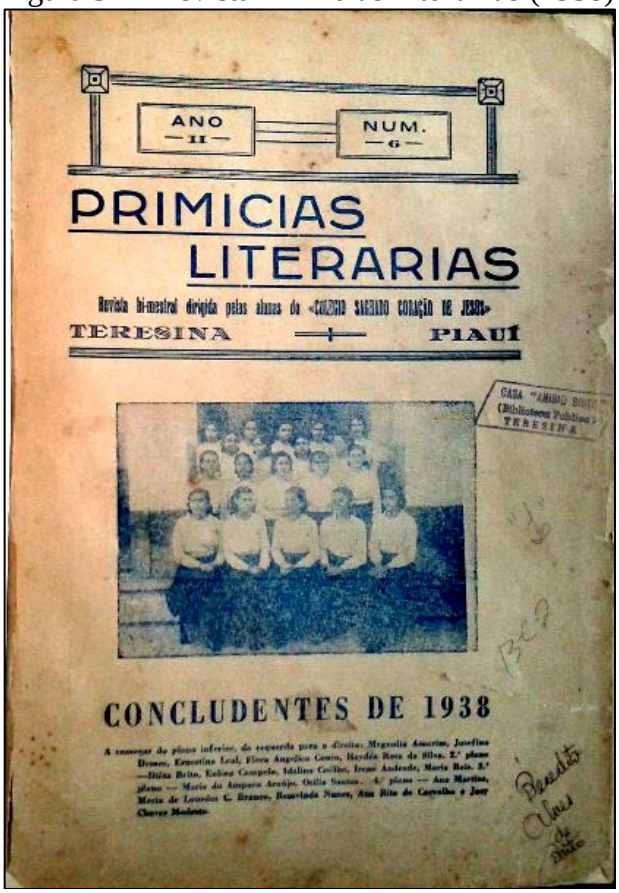
> Por estes dias reaparecerá esta interessante revista do Colégio S. Coração de Jesus, dirigida pelas quintanistas deste estabelecimento de ensino. *A Luz* cumprimenta as professorandas e especialmente a meiga senhorita Nantilde Sá, que durante o ano letivo será a diretora de *Primícias Literárias*. À Nantilde, que é possuidora de uma inteligência fina, decerto concorrerá bastante com as suas colaborações ricas e expressões eloquentes, para dar brilho às colunas desta interessante revista. (PRIMÍCIAS, 1939, p.3).

No ano anunciado, a edição publicada foi dirigida pelas quintanistas representadas pela estudante Nantilde Sá, cujas qualidades foram destacadas na nota. Infelizmente, não se tem notícia dessa e nem outras edições, limitando-se o nosso exame apenas à mencionada edição. Contudo, a ocorrência de números anteriores comprova que a revista circulou com certa regularidade, pelo menos até o final da década de 1930, tornando-se um importante veículo de divulgação das práticas escolares, ideias e perspectivas das alunas do Colégio das Irmãs.

A capa do número analisado foi ilustrada com uma fotografia das normalistas concludentes do ano de 1938 seguida dos seus respectivos nomes, indicativo de uma propaganda que visava demarcar o lugar do Colégio e seu compromisso com a formação das filhas das famílias piauienses. Indica, ainda, o protagonismo dessas concludentes na revista.

[77] Desta revista foi localizada apenas a edição de número 6 lançada em 1938.

Figura 32 – Revista *Primícias Literárias* (1938)



Fonte: Arquivo Público do Piauí

Com relação ao conteúdo, ao longo de suas 40 páginas, encontra-se um conjunto de enunciados que versam sobre variedade de temas relacionados à educação, civismo, cotidiano escolar e religião, entre os quais, normas da instituição, pronunciamentos de alunos e professores, aconselhamentos, orientações sobre a conduta moral e comportamento feminino, poesias, cotidiano escolar, etc. sendo a maior parte assinada por alunas dos cursos ginasial e normal do educandário. Muitos dos temas contidos em suas páginas sugerem uma aproximação com a escrita livre e espontânea (FREINET, 1974), utilizada como instrumento de motivação para o desenvolvimento das habilidades do aluno.

Embora tendo analisado apenas uma edição, foi possível verificar que a revista se firmava como instrumento pedagógico utilizado para dar publicidade às atividades desenvolvidas no Colégio, ao mesmo tempo que estimulava a prática de uma escrita livre, criativa, bem como a leitura e a organização de trabalhos coletivos, aproximando-se dos postulados defendidos por Freinet (1974). Diferente de *Educação*, cujos enunciados contemplavam discussões de caráter mais abrangente sobre as questões educacionais,

Primícias Literárias imprimia abordagens relacionadas à própria escola e a sua rotina e às atividades que ocorriam no Colégio.

Sua linha editorial dava visibilidade a um conjunto de enunciados que se relacionavam diretamente as experiências escolares de suas autoras. Dedicava-se, portanto, a abordagens associadas à educação, a instituição a que estava vinculada, suas práticas e os relatos da rotina escolar. Nesse último caso, servindo de instrumento para dar conhecimento aos familiares de alguns acontecimentos que se passavam no colégio. Em seu conteúdo, verifica-se forte influência de aspectos religiosos cristãos, que se dava por circunstância do seu caráter confessional católico. Contudo, *Primícias Literárias* deixou importantes impressões sobre a escola e as aspirações de suas estudantes.

3.1.2 Revistas liceístas

Em momentos distintos, estudantes do Liceu Piauiense dedicaram-se a editar, pelo menos, duas revistas: *4 de Outubro* e *Geração*. Da primeira tem-se notícia de uma edição de 1936, em comemoração ao 91º aniversário do colégio, enquanto *Geração* apareceu em 1945. As datas que motivaram os lançamentos das edições consultadas dessa última evidenciavam seu caráter efêmero ao homenagear o aniversário do estabelecimento e o Dia do Estudante (11 de agosto). Um número de *4 de Outubro* e dois de *Geração*, mobilizados nesta análise encontram-se disponíveis para consulta no Arquivo Público do Piauí. A falta de contatos com outras edições certamente deixa lacunas acerca de uma compreensão mais precisa do seu ciclo de vida, não permitindo, inclusive, afirmar com clareza a quantidade de números que circulou, as mudanças na forma e nos conteúdos, bem como os motivos que levaram ao encerramento de suas edições.

Figura 33 – Revistas *4 de Outubro* (1936) e *Geração* (1945)

Fonte: Arquivo Público do Piauí

O título de *4 de Outubro*, refere-se à data de fundação[78] daquele que foi o primeiro estabelecimento de ensino secundário do Piauí, que remonta ao ano de 1845. O seu subtítulo definia-a como "revista comemorativa do aniversário do Liceu Piauiense". O estabelecimento festejado foi fundado ainda na cidade de Oeiras, então capital do Piauí e transferido para Teresina, quando da mudança da capital, em 1852. "Inicialmente o Liceu deveria funcionar com as seguintes cadeiras: Latim, Francês, Geometria, Aritmética, Geografia e História e Retórica" (QUEIROZ, 2017, p.13). Entretanto, nos primeiros tempos, o seu funcionamento foi marcado pela irregularidade, por circunstâncias da mudança da capital, da falta de professores e de edifícios com condições adequadas para o seu funcionamento. Esses e outros fatores serviam de justificativa para as constantes interrupções do seu funcionamento, ao longo da segunda metade do século XIX, época em que o Liceu sofreu com constantes mudanças no seu funcionamento em face das alterações em seus regulamentos. Porém,

[78] Segundo Queiroz (2017) o Liceu Piauiense foi criado pela Lei Provincial n. 198, de 6 de outubro de 1845, enquanto e Bello (2021) cita a Lei Provincial n. 196, também do mesmo dia e ano. Sem querer entrar no mérito da "origem", a data citada por esses autores diverge da data que intitula a revista *4 de Outubro* e do número de *Geração*, comemorativo do centenário da escola. Em ambos os casos, os seus editores consideram 4 de outubro como data oficial de aniversário da escola.

mesmo diante dos percalços, a escola manteve seu elevado conceito, servindo como escola preparatória para os cursos superiores e para a formação da mocidade piauiense.

A comemorada criação do Educandário e as dificuldades enfrentadas no curso do seu funcionamento foram verificadas nos argumentos pronunciados no discurso do seu diretor, Dr. João Pinheiro, por ocasião da inauguração do novo prédio do Liceu, em 3 de maio de 1936, conforme se pode ler:

> A lei provincial n.189 de 4 de outubro de 1845, criando, sob a criteriosa administração do dr. Zacarias de Góis e Vasconcelos, na cidade de Oeiras, então capital da província, um estabelecimento de instrução secundária com a denominação de Liceu Piauhiense, não concretizou, tão somente, uma das mais legítimas aspirações dos habitantes da antiga metrópole. Delimitou, também, um verdadeiro estádio de floração para as letras piauienses, especialmente naquela época em que se atravessava uma difícil fase de formação ainda sobrenadante em sangue e nas mais sóbrias apreensões e a instrução pouco disseminada, constituía-se onerosa prerrogativa de poucos que a podiam auferir em outras províncias mais adiantadas [...]. Entretanto, provido com sete cadeiras apenas, passava, em seguida, o novo educandário, por diversas reformas. Foi mesmo extinto em 1861 e, restaurado pela lei n.599 de 9 de outubro de 1867, sofreu ainda múltiplas e sucessivas transformações até chegar ao estado em que atualmente se encontra. Contou, sempre, entre os mais dignos membros do seu corpo docente, os mais ilustres filhos desta terra. (DISCURSO, 1936, p.22).

No final do século XIX e primeiras décadas do século XX, o Liceu passou a dividir a oferta de ensino secundário com outros educandários que foram surgindo na capital, entre os quais, o Colégio Nossa Senhora das Dores, Ateneu Piauiense, Instituto 21 de Abril, Colégio Jugurtiano, Colégio Teresinense, Colégio São Vicente de Paula, Colégio São Luís, Externato 24 de Janeiro, Escola de Agrimensura, Colégio Sagrado Coração de Jesus e Colégio São Francisco de Sales (QUEIROZ, 2017). Assim, o Liceu Piauiense, além de ser a mais antiga escola de ensino secundário piauiense, durante o período de 1930 a 1940 continuava sendo a principal casa de ensino do Estado e motivo de orgulho, por parte dos estudantes e das agremiações que as integravam.

A edição analisada não contém sua capa, porém em suas páginas constavam informações preciosas. A página era composta pelo título e subtítulo, seguido dos nomes de seus diretores: Carlos Castelo Branco, Jayme Barbosa Soares e José Maria da Cruz. Logo abaixo, segue o sumário com os títulos dos artigos, acompanhados dos nomes de seus autores. O projeto gráfico da revista parecia muito inovador para aquele momento. Os textos encontram-se dispostos em estruturas gráficas distintas ao longo de suas páginas em letras, cores e formas variadas. Alguns em formatos geométricos, tornando-os atraentes à leitura e apreciação. A arte gráfica, edição e impressão eram atribuídas à Gráfica Esperança, de

propriedade do Sr. Enoch Lopes, que, naquela época, passava a ocupar lugar de destaque entre as oficinas tipográficas do Piauí. Por meio desses elementos, é possível afirmar que aquelas inovações eram uma maneira de atrair os leitores para os enunciados que a compunham.

Do ponto de vista do seu conteúdo, observa-se uma grande diversidade de temas de autoria de estudantes liceístas e de homens de letras com nomes reconhecidos no meio literário e intelectual piauiense, entre os quais, João Pinheiro, Cristino Castelo Branco, Martins Napoleão, João Bastos e Arimatea Tito. Os temas contemplavam a conjuntura política, educação, cotidiano, civismo e literatura.

Geração intitulava-se como "órgão dos alunos do Colégio Estadual do Piauí" e circulou pela primeira vez no ano de 1944. Foram analisadas as edições de número três e quatro, de 1945. Como mencionado, esses números festejavam o Dia do Estudante e a efeméride do Centenário de fundação do Liceu Piauiense. O editorial da edição de 11 de agosto de 1945 exibiu um breve histórico a respeito da data motivadora daquele número. Explica que

> O 11 de agosto é consagrado à classe estudantal. E é, sobretudo, um símbolo para a cultura no Brasil. Símbolo de direito e liberdade. A criação das memoráveis Faculdades de Olinda e São Paulo, centros irradiadores de inteligência, de civismo, de democracia, que cimentaram uma verdadeira consciência política de várias gerações, foi o segundo marco luminoso da Independência. [...] Tornava-se mister a chama purificadora do Pensamento Brasileiro, iluminando os passos incertos dos novos cidadãos. E veio o amanhecer com o 11 de agosto de 1827. E brilhou a Luz na Treva da Nova Pátria. GERAÇÃO, em homenagem ao Dia e a Classe junta a sua voz ao grande coro de comunhão e solidariedade deste 11 de agosto. (*GERAÇÃO*, 1945, p.s/n, grifo da autoria).

A revista recuou no tempo para explicar as razões pelas quais o dia em questão era dedicado às comemorações da classe estudantil, cujo marco se refere à assinatura da "Lei de 11 de agosto de 1827", que instituiu os cursos de ciências jurídicas e sociais nas cidades de São Paulo, Olinda e Pernambuco. O dia do estudante carregava fortes representações, cujos sentidos foram explorados em alguns textos que a compunha. Carvalho (1945) enfatizou essas representações, afirmando:

> O 11 de agosto representa para nós um dos dias que mais sintetizam as justas aspirações dos que estudam, e consequentemente contribuem para a grandeza do Brasil, pois só o estudo é capaz de edificar o grande templo do porvir. Argonautas da intelectualidade que aparecem em todos os lugares, em todas as raças, em todas as classes os centros culturais, cantados em todas as tonalidades o hino imortal do saber, criando dentro do mundo material um mundo espiritual, alimentando as mais nobres tendências do homem, esses futuros pensadores transformam

> estabelecimentos de ensino em santuários de luz, onde, aprendendo por meio de sadias ideias e puros ensinamentos a conhecer a Verdade, são levados ao mais verdadeiro caminho para a vida melhor no mundo de amanhã. (CARVALHO, 1945, p.23).

A escrita sobre o dia dedicado à classe sinaliza para a importância que os estudantes secundaristas conferiam à educação e o comprometimento que deveriam manter com a nação. Interessante observar também que os estudantes, ainda que do nível secundário, eram considerados como parte da intelectualidade local e responsáveis pela aquisição e disseminação do saber.

Em relação à sua materialidade, *Geração* possui aspecto gráfico externo simples. Sem ilustração, suas capas contavam apenas pelo título da revista escrito em cores, em caixa alta, seguidos de seu subtítulo. Logo abaixo, consta pensamento de uma personalidade[79], enquanto na margem inferior seguem os dados da edição e o nome da escola. As páginas encontravam-se estruturadas em colunas duplas, com títulos destacados de maneira a atrair o olhar do leitor. A quarta edição soma um total de 62 páginas nas quais aparecem um considerável número de imagens fotográficas.

Contam como responsáveis pela revista os seguintes nomes: M. Paulo Nunes – diretor; Édison Oliveira – gerente; Afrânio Nunes – secretário; Itamar Brito – redator chefe; Josefina Demes, Jessé Ferry, Armando Gomes, José Camilo Filho, José de Ribamar Oliveira e José Maria Ribeiro – redatores. Informações de expediente como tiragem, gráfica, valor, etc. não constam em suas páginas. *Zodíaco* noticiou a volta da revista e resumiu a relação de autores colaboradores da terceira edição de *Geração*, dizendo que,

> Com uma feição material diferente, a edição em apreço trouxe colaborações brilhantes de professores e alunos daquele educandário, destacando-se os nomes de Álvaro Ferreira, Martins Vieira e Moura Rego, intelectuais consagrados, Antônio Castro e Alípio Lustosa de Carvalho, professores de nomeada, M. Paulo Nunes, Guadalupe Lima, Jessé Ferry, Josefina Demes, Hindenburg Dobal Teixeira, Victor Gonçalves Neto e José Camilo, esperançosos moços. (NOSSOS CONFRADES, 1945, p.39).

Geração foi, portanto, uma revista pensada por estudantes liceístas para dar visibilidade aos assuntos escolares e a suas produções literárias em conjunto com seus colaboradores, circulando como veículo motivador da cultura letrada no Piauí, introduzida junto a uma geração de jovens estudantes que se integravam à cena cultural piauiense.

[79] As frases escritas nas edições analisadas foram atribuídas a Rui Barbosa e Martins Napoleão.

3.1.3 Revistas parnaibanas

Do mesmo modo que Teresina, as organizações estudantis e escolas de Parnaíba também se dedicaram à elaboração de revistas para divulgação de suas ações e ideias. Essa produção estava integrada a um momento em que essas publicações foram ocupando lugar de destaque naquela sociedade, posto que,

> [...] em Parnaíba, os anos 1930 assistiam ao surgimento das primeiras revistas desvinculadas desse argumento, preocupadas que eram com assunto de ordem científica, artística e literária; aliás, este um diapasão que permeará pelos órgãos congêneres até o final da primeira metade do século XX. (CIARLINI, 2016, p.122).

Como reflexo desse contexto surgiram algumas revistas produzidas por e para a sociedade letrada cujas páginas registram uma intensa participação de reconhecidos intelectuais e de estudantes. Foram, por exemplo, os casos de *Gleba* (1933) e *Harpa* (1936). A respeito da primeira, os redatores de *O Ginásio* registraram em uma de suas edições as impressões que tiveram diante da revista. Foi dito o seguinte:

> Honrou-nos com a sua visita a ótima revista *A Gleba*, que se publica mensalmente na bela cidade piauiense – Parnaíba. *A Gleba*, que é produto da mentalidade moça daquela cidade ribeirinha, tem um corpo redacional verdadeiramente honroso, cujos membros são altos expoentes da literatura piauiense. Com farta colaboração, o número da *A Gleba* que nos visitou é um verdadeiro mimo, e muito alto fala da ação empreendedora de moços de letras da Parnaíba. Agradecidos, retribuímos esta visita. (VISITA, 1933, p.3, grifos da autoria).

O interesse de escolas e estudantes por esse veículo resultou no surgimento de duas revistas direcionadas ao público escolar: *Raios de Luz* – fundada em 3 de maio de 1938 associada ao Grêmio Literário Madre Savina Petrilli, do Ginásio Nossa Senhora das Graças. "Essa agremiação, formada unicamente por mulheres, era constituída por estudantes e teve como idealizadora a escritora e professora Maria da Penha Fonte" (CIARLINI, 2016, p.132), enquanto *Panorama Estudantil* (1939) ligava-se ao Centro Estudantal Parnaibano. Essa condição ocorria pelo fato de o ginásio em questão ser uma escola confessional de ensino feminino. Entretanto, não se transpôs o caráter feminino da escola e do grêmio para a revista, que também imprimiu artigos assinados por autores do sexo oposto. Inicialmente foi impressa pela Gráfica Americana e "tinha uma estrutura própria de distribuição, redação e marketing, cuja tabela de anúncios compreendia preços de acordo com espaços, emoldurada em suas próprias edições" (CIARLINI, 2016, p.133).

A edição consultada de *Raios de Luz* foi impressa pela Tipografia Comercial em Parnaíba. Integravam sua diretoria: Florice Torres Raposo (Diretora), Maria Monteiro Sampaio (Gerente), Zelinda Souza (Redatora-chefe) com a colaboração das sócias do Grêmio. Entre seus colaboradores, além de estudantes, encontra-se um seleto grupo de literatos que desfrutava de considerável prestígio em âmbito local, entre os quais: Quintino Braga Menezes, Lafayete de Mendonça, Marilde Brandão Medeiros, M.J. Freitas, Sebastião Freitas, Maria Christina de Moraes Souza, além de outros. No caso dessa revista, foi analisada apenas o número de 4 de outubro de 1940, devido à falta de disponibilidade de outros números.

Figura 34 – *Raios de Luz*, de 4 de outubro de 1940

Fonte: Arquivo Público do Piauí

A referida edição foi dedicada à diretora da Escola, Irmã Abelinda Ducci, conforme consta nos argumentos de J. Custódio que diz o seguinte:

> Mais uma vez as alunas desse conceituado educandário, inteligentemente dirigido pela virtuosa Irmã Abelinda Ducci, se agitam e se movimento, se alegram e se harmonizam num frêmito de entusiasmo, para solenizar o dia 4 de outubro, em homenagem a sua querida educadora. Mais uma vez RAIOS DE LUZ, órgão resplendente do "Grêmio Literário SAVINA PETRILLI" vem à "lissa", a fim de

> ilustrar o festival que se promoverá no C.N.S.das Graças, em honra da estimada Diretora, como preito de gratidão e amizade sincera de suas dedicadas alunas. Mais uma vez as sócias dessa agremiação literária se afirmam, irrefutavelmente, operárias incansáveis do saber, fazendo circular mais um número de RAIOS DE LUZ, fruto [...] de suas aspirações fecundas. (CUSTÓDIO, 1940, p.3, grifos da autora).

Do mesmo modo que outras revistas, verifica-se seu caráter efêmero. O número consultado homenageou a superiora da escola, conforme revelado em alguns textos. Em um deles, a estudante Florice Torres Raposo, diretora da revista e presidente do grêmio do educandário, destacou que na data daquela edição comemorava-se o segundo ano de lançamento do impresso. Ela afirma o seguinte:

> Faz hoje justamente dois anos que as sócias do Grêmio Literário "Savina Petrili", conseguiram realizar um ideal nobre e sublime: oferecer à bondosa superiora e dar ao público uma obra realizada unicamente com o seu esforço: o órgão onde podemos dar expansão ao amor que temos pela literatura – E este órgão é RAIOS DE LUZ. (RAPOSO, 1940, p.6, grifos da autora).

Na capa do número analisado, encontra-se na parte superior o nome da revista em letras grandes escritas em vermelho inserida numa moldura que a divide da parte interior em que se encontra a bandeira nacional hasteada com traços em amarelo sobrepostos com a frase em latim, "*virtute et labore*[80]. Seu conteúdo contemplou abordagens como esboço histórico do Colégio N. Senhora das Graças, grêmio literário, Escola Nova e a atuação dos mestres, libertação dos escravos, culto a vultos históricos, homenagens, contos, crônicas, biografias e memórias. Segundo Ciarlini (2016), a revista circulou anualmente entre 1938 e 1953 tendo aparecido possivelmente 15 números. A edição estudada, porém, definia-se como revista trimestral, sugerindo que, ao longo desses 15 anos, pode ter existido, ainda, uma maior quantidade de edições da revista.

Panorama Estudantil foi outra revista de Parnaíba que chegou às mãos do leitor em 1939, definindo-se como órgão oficial do Centro Estudantal Parnaibano. Seu surgimento ocorreu no contexto de prosperidade da cidade que foi acompanhado do intenso desenvolvimento cultural, conforme discutido no primeiro capítulo. A imprensa, signo de modernidade, cada vez mais ocupava lugar de destaque no meio social e educacional. Uma nota sobre o surgimento da revista dizia que:

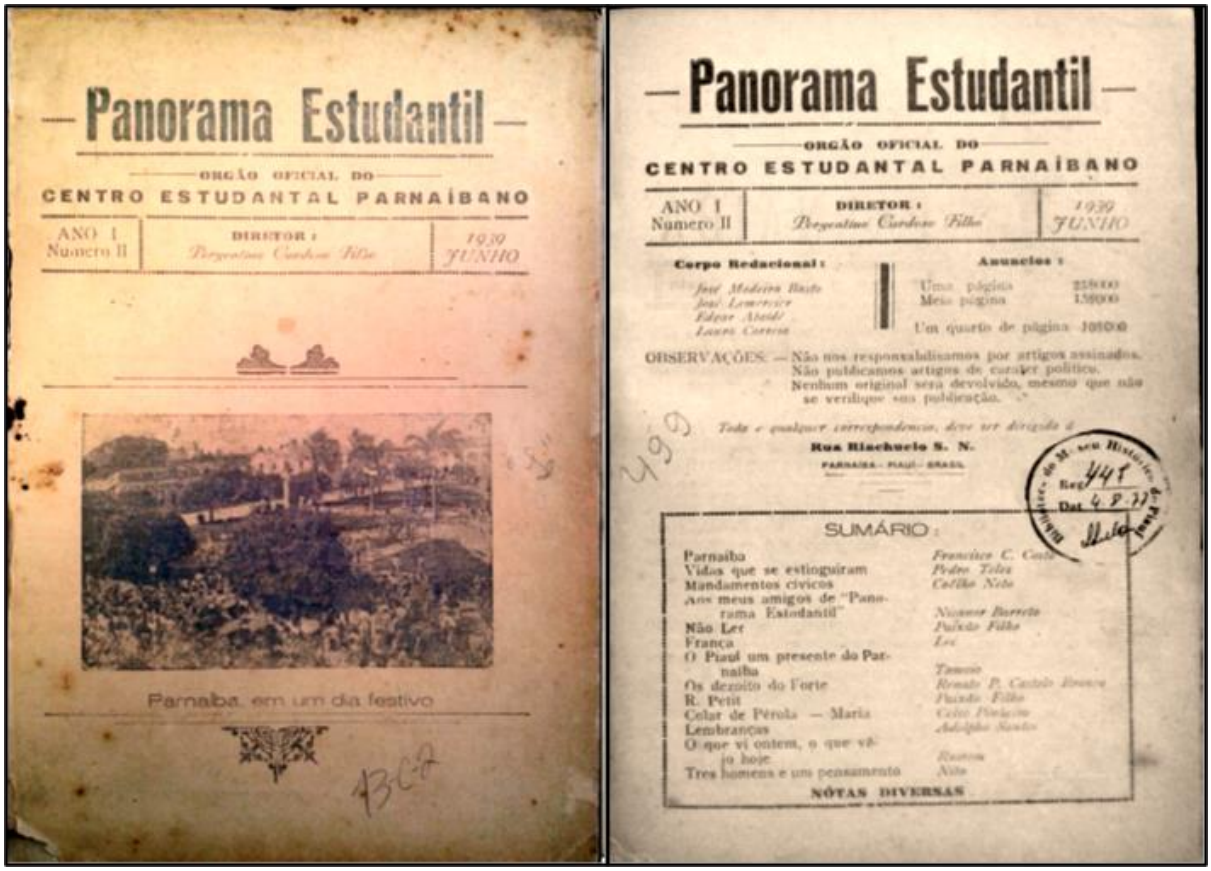
> Os teus estudantes heroicos, cada dia que passa, vão minunciosamente demonstrando o seu talento e a sua capacidade aumentando, assim, o orgulho de nossa Pátria. Há poucos dias

[80] Em tradução direta a expressão significa "coragem e trabalho duro".

> viste à luz da publicidade o primeiro número de PANORAMA ESTUDANTIL, magnífica obra patriótica do "Centro Estudantal". (COSTA, 1939, p. s/n, grifos do autor).

O impresso destacava-se pela pluralidade de temas e a qualidade dos enunciados que entregava aos leitores. "O título dado de revista obedecia à pluralidade de seus assuntos, levando ao conhecimento discussões acerca de disciplinas diversas, bem como trabalhos poéticos da lavra de nomes conterrâneos e ensaios políticos" (CIARLINI, 2016, p.149). Além das inovações do empreendimento, chamou a atenção o fato de que o impresso "foi um dos primeiros veículos de imprensa da cidade em formato de revista a organizar para os leitores um sumário" (CIARLINI, 2016, p.149).

Figura 35 – Capa e folha de rosto de *Panorama Estudantil*



Fonte: Arquivo Público do Piauí

Repare que sua capa era composta pelo título, em destaque, subtítulo e dados da edição. Consta ainda uma fotografia de um aglomerado de pessoas no centro da cidade. Na folha de rosto, encontra-se a composição do corpo redacional, valores do anúncio, endereço e o sumário, com os títulos dos artigos, seguido do nome de seus autores. A revista logo despertou o interesse dos leitores e foi recebida positivamente pela sociedade letrada. Mesmo

assim, Nicanor Barreto teceu comentários carregados de expectativas sobre o primeiro número da revista:

> *As águias nascem pequenas, mas quando lhes crescem as penas. Sabem bem alto subir.* [...] *Panorama Estudantil* nasceu modesta e pequenina. Assim também nascem os gênios; assim também nascem as águias – pequeninas e implumes... E dizem que elas, a pouco e pouco, revestindo-se de plumagem, começam a fazer ensaios de voo, começam a dar treinos para se alçar ao infinito. Dentro em pouco, erguem-se triunfalmente, alçam o voo, rasgam o azul, procuram a imensidão; São gigantes do espaço. O primeiro número de *Panorama Estudantil* é um desses ensaios, é um desses treinos. Que se vão elevando seus voos. Que vá subindo, subindo, até tocar luminosas regiões. Que cresça e vença, para orgulho da mocidade estudiosa desta terra, para orgulho de Parnaíba, a linda princesa do Piauí. (BARRETO, 1939, p. s/n, grifos do autor).

A finalidade da revista associava-se aos propósitos de suas congêneres elaboradas como instrumentos auxiliares para os professores e escolas, no desbravamento de saberes, propagação da cultura e combate à ignorância e ao analfabetismo, ao longo da formação de estudantes e leitores, conforme sugere o texto extraído de suas páginas para servir de epígrafe de abertura deste capítulo. Esses objetivos revelam a função educacional, social e cultural do impresso, tornando-se força ativa na moldagem da sociedade.

Posteriormente surgiram outras revistas congêneres, como, por exemplo, A *Voz da Parnaíba* associada ao Ginásio Parnaibano, com seu primeiro número lançado em 1944. Entretanto, por motivo de acesso, a análise contemplou apenas as duas revistas comentadas anteriormente.

3.1.4 Revistas dos novos educandários

Ateneu Piauiense e Ginásio Dr. Demóstenes Avelino foram educandários fundados no final dos anos 1930 e início da década de 1940, em Teresina. Esses estabelecimentos surgiram da iniciativa de professores de elevado prestígio e de atuação reconhecida no cenário educacional piauiense – especialmente Moacir Ribeiro Madeira Campos e Felismino de Freitas Weser – e ainda nos seus primeiros anos de funcionamento se constituíram em espaços de duas interessantes revistas escolares da capital: *Voz do Estudante* e *Zodíaco.*

Voz do Estudante chegou às mãos da sociedade letrada piauiense em 30 de dezembro de 1940. Pertencia ao Grêmio Literário “Da Costa e Silva” associado ao Ateneu Piauiense e à Academia de Comércio do Piauí, em Teresina. O texto dedicado a explicar sua chegada anunciava os entraves experimentados por seus idealizadores para fazê-la circular e para que

pudesse se inscrever como porta-voz dos assuntos escolares e educacionais. Sua importância, naquele cenário educacional, foi elucidada da seguinte forma:

> Quem conhece de perto a história dolorosa do estudante piauiense, quem ouviu falar de sua vida tumultuosa onde, as derrotas e aos insucessos, se juntam fatores outros que contribuíram para o seu desmoronamento, ficará surpreso com as constantes e sucessivas transformações que se vem processando na estrutura do monumento educacional do nosso Estado. [...] *VOZ DO ESTUDANTE*, a elegante revista que a mocidade estudiosa do Ateneu Piauiense e Academia de Comércio do Piauí submete à apreciação dos intelectuais da nossa terra é bem uma confirmação desta assertiva. [...] *VOZ DO ESTUDANTE* aqui está. Há em cada uma de suas páginas, uma lágrima nossa e um sorriso. Lágrima bem chorada e bem sentida. Sorriso feliz e satisfeito que traduz, com a eloquência da verdade, os nossos anseios, os nossos sonhos, as nossas realizações. Certos de que seremos bem acolhidos por todos, agradecemos, sensibilizadíssimos, a cooperação que nos prestaram a sociedade e o público piauiense na continuação desta obra magnífica e de palpitante interesse para a mocidade das nossas escolas, para o Piauí, para o Brasil. (*VOZ DO ESTUDANTE*, 1940, p.5, grifos da autoria).

A revista passou a ocupar um lugar de destaque no meio da intelectualidade teresinense, ao longo da década de 1940 e início dos anos 1950, pois, ainda que fosse associada a uma agremiação cultural escolar, recebia considerável colaboração de professores, literatos, intelectuais e políticos, revelando que seu projeto editorial era maior que os limites das escolas a que estava vinculada.

Essas escolas faziam parte dos novos empreendimentos escolares da capital, produto da iniciativa de educadores visionários que buscavam oferecer um ensino mais dinâmico. Inicialmente o Ateneu Piauiense e a Academia de Comércio do Piauí pertenciam aos professores Moacir Ribeiro Madeira Campos e Felismino de Freitas Weser. Foram inauguradas em 1938 e funcionavam na Rua Teodoro Pacheco, no centro de Teresina. Ofereciam ensino secundário e profissional, tendo se tornado rapidamente referências de educação no Piauí. Ao homenagear a fundação desses educandários, o professor Valdemar Sandes argumenta que tal fato se deu debaixo da desconfiança de segmentos da elite, de grupos políticos e intelectuais que se mostravam contrários à ideia. O artigo *Labor omnia vincit improbus*[81] evidenciou essas forças contrárias e exaltou o espírito cívico-patriótico dos professores proprietários, que não desanimaram do propósito. Segundo o texto:

> Em 1938, a 23 de fevereiro e 15 de julho, atendendo a urgentes solicitações de comerciantes, comerciários e pais de famílias, os conhecidos e consagrados educadores piauienses Felismino Freitas Weser e Moacir Ribeiro Madeira Campos fundaram, em Teresina, a Academia de Comércio do Piauí e Ateneu Piauiense – estabelecimentos de ensino cujo progresso vem se processando de maneira

[81] Expressão em latim que significa: “o trabalho duro conquista todas as coisas”.

> assustadora e incrível. Filhos de uma época de descrença, de perseguições e de erros, de incertezas e de dúvidas, tiveram os noveis colégios que suportar duras provocações. [...] Inimigos surgiram de todos os lados. De todos os cantos o peso tremendo de injustas perseguições. A sociedade, a opinião pública influenciada pela doutrina de falsos demagogos descria na capacidade realizadora dos homens que tomaram a si o desempenho de tarefa tão árdua quão difícil. E foi preciso um esforço sobrenatural, um trabalho pertinaz e contínuo para incutir no espírito do povo – dos pais de família, especialmente, o verdadeiro sentido da obra, já em fase de pleno crescimento, na construção da qual os dois grandes professores dedicaram todo o seu afeto, todo seu amor. (SANDES, 1940, p. 17-18).

Mesmo diante desses constrangimentos, Felismino Freitas Weser e Moacir Madeira Campos não se deixaram abater e levaram adiante o empreendimento educacional idealizado e, em pouco tempo, conquistaram o reconhecimento e a credibilidade daquela sociedade. Essa obstinação foi exaltada na mesma homenagem:

> Lutaram e venceram. Venceram conquistando a simpatia do povo, a confiança absoluta da família piauiense. Triunfaram oferecendo ao ensino secundário e comercial do seu estado um trabalho que há de perdurar na história do Piauí pela extensão dos seus merecimentos, pela magnitude de seu mister - formando consciências, preparando homens, construindo valores para redenção, para a felicidade, para a glória do Brasil. Apoiados no dinamismo dos seus conspícuos diretores, prestigiados pelos poderes públicos do Estado – que descobriram neles a inflexibilidade dos que não sabem reconhecer porque têm em mente apenas o futuro com os seus sonhos lindos e as suas lindas esperanças, integrados, perfeitamente, nos métodos mais modernos da moderna pedagogia, marcham os dois grandes estabelecimentos, século adentro, iluminados de fé, confiantes, firmes, decididos, tendo como única e exclusiva finalidade instruir os moços moral e intelectualmente – para a luta decisiva pro engrandecimento da Pátria. (SANDES, 1940, p. 18).

O enunciado destaca a consolidação dos educandários, com destaque para os professores proprietários, o que evidencia a importância e credibilidade que tinham no cenário educacional local. Para o ano de 1940, o Ateneu Piauiense anunciou a oferta de matrícula para os cursos médio, de admissão e ginasial, enquanto a Academia de Comércio oferecia matrícula para o curso propedêutico e para o curso de guarda-livros, além da escola de datilografia. Um pouco mais tarde, em 1942, além do curso ginasial, o Ginásio Leão XIII oferecia os cursos primário e complementar (para admissão ginasial), enquanto a Academia de Comércio ofertava os cursos de guarda-livros e contador. A oferta de cursos preparatórios para exames de admissão também marca a trajetória do Ginásio e da Academia. Suas aulas preparavam candidatos para o ingresso nos cursos que ofertavam. Em um de seus anúncios, encontra-se escrito:

> Acha-se funcionando regularmente na sede do Ginásio Leão XIII e da Academia de Comércio do Piauí, o curso de admissão a êstes conceituados estabelecimentos de ensino e o curso preparatório de candidatos aos Exames de Licença Ginasial, cujo

> corpo docente é o mais selecionado possível. Aceitam-se alunos de ambos os sexos. (CURSO..., 1943. p. 27).

Figura 36 – Aspecto do Ateneu Piauiense/Ginásio Leão XIII em dia de festividade cívica

Fonte: Melo, 2010.

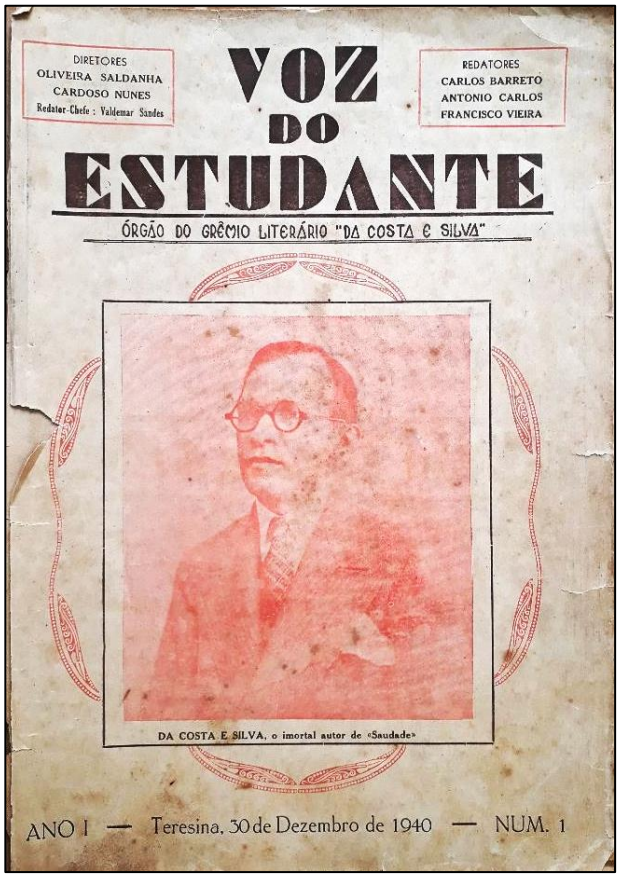
A existência de um internado também foi anunciada como ponto importante para o bom funcionamento e permanência dos filhos de famílias que moravam fora da capital. Trata-se, nesse caso, do internato São Vicente de Paula, vinculado ao Ginásio Leão XIII que oferecia vagas para jovens estudantes daquela instituição. "Com a manutenção do internato, a Diretoria do Ginásio Leão XIII facilita aos pais de família residência para os seus filhos com a orientação e fiscalização que exercerá sobre os mesmos" (REGULAMENTO..., 1942, p. 17).

Figura 37 – Fachada do Ginásio Leão XIII

Fonte: Freitas, Sousa e Freitas, 2009.

Os anseios, lutas e ideais dos estudantes dessas instituições resultaram na organização de uma entidade de representação de classe denominada Grêmio Literário “Da Costa e Silva”. A necessidade de se fazerem ouvir levou a mocidade a associar-se a essa agremiação que enxergou na imprensa periódica o veículo de comunicação eficaz para dar visibilidade às questões e lutas pelos seus interesses. Esses fatores ajudam a explicar o surgimento de *Voz do Estudante* que figurou como importante dispositivo de veiculação dos assuntos escolares e culturais.

Figura 38 – Primeira edição de *Voz do Estudante* (1940)



Fonte: Arquivo Público do Piauí

De publicação trimestral, seu primeiro número apareceu ao público em dezembro de 1940 e ao longo daquela década[82] circulou nos ambientes educacionais, políticos, intelectuais e sociedade letrada de Teresina, além de outras cidades piauienses e Estados. Inscrevia-se, dessa forma, como dispositivo pedagógico e literário utilizado no cotidiano escolar como

[82] No Arquivo Público do Piauí foram encontradas páginas avulsas que sinalizam para sua circulação também na década de 1950.

parte de um "conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos" (JULIA, 2001, p.10).

Na capa de sua primeira edição, foi ilustrada pela imagem do poeta Antônio Francisco da Costa e Silva[83], considerado maior vulto literário do Piauí e conhecido como "príncipe dos poetas piauiense" cujo nome foi dado ao grêmio literário responsável pela revista, que teve seu corpo editorial constituído por Oliveira Saldanha e Cardoso Nunes (diretores), Valdemar Sandes (redator-chefe), Carlos Barreto, Antônio Carlos e Francisco Vieira (redatores).

Merece atenção o nome de um professor como redator-chefe do impresso, o que sugere uma escrita controlada pelos representantes da instituição a que era filiado. Por esse motivo, a revista não pode ser pensada como um periódico feito exclusivamente por e para alunos, posto que, "mesmo sendo periódicos produzidos pelos estudantes devemos considerar que tais escritas não expressam um pensamento autônomo, pois estão vinculados a uma instituição, que de alguma forma exerce controle e vigilância no que está sendo publicado" (BASTOS, 2015, p.24-25). Por essa lógica, a revista pode ser entendida como um dispositivo planejado por seus agentes, alunos, professores e diretores para ser utilizado como recurso pedagógico de formação dos estudantes. Os números consultados estão expressos no quadro 18.

Quadro 18 – Edições da Revista *Voz do Estudante*

REVISTA	EDIÇÃO	DATA
Voz do Estudante	Ano 1, n.1	30 dez. 1940
	Ano 2, n.2	14 abr. 1941
	Ano 2, n.4	25 dez.1941
	Ano 2, n.7	25 dez.1942
	Ano 2, n.9	25 dez. 1942
	Ano 3, n.12	Set. 1943

Fonte: O autor, 2022.

Quanto a sua tiragem, não foram encontradas informações sobre a quantidade de exemplares impressos. Mesmo sem esses números, algumas pistas indicam que havia uma rede de comunicação que promovia uma interação entre periódicos escolares, agremiações estudantis, bibliotecas, escolas e instituições do poder público. As congratulações

[83] Antonio Francisco da Costa e Silva nasceu no dia 23 de novembro de 1885 em Amarante e faleceu em 29 de junho de 1950 no Rio de Janeiro. Foi poeta, crítico literário e jornalista. Como funcionário público da fazenda, ocupou importantes postos da carreira e trabalhou em diversos estados. Como poeta, é considerado *Príncipe dos poetas piauienses* e conhecido como *Poeta da Saudade* por dedicar parte da sua poesia a sua terra natal, Amarante. Membro da Academia Piauiense de Letras teve uma produção literária intensa até o final da década de 1920, quando se afastou da escrita devido ao longo período de enfermidade. Escreveu as seguintes obras: Sangue (1908), Zodíaco (1917), Verhaeren (2017), Pandora (1919) e Verônica (1927). (GONÇALVES, 2003).

encaminhadas por uma instituição indicam que a publicação era de interesse de toda a sociedade local e que estava alinhada ao poder público como assinalou a manifestação do Diário Oficial do Estado datado de 2 de setembro de 1941:

> Representa um alto e louvável esforço o 3º número da VOZ DO ESTUDANTE, órgão do Grêmio Literário "Da Costa e Silva" que está circulando desde alguns dias. Boa feição, material e farta e interessante colaboração tem a revista, em cujas páginas, ao lado dos nomes consagrados de nossas letras, surge outros reveladores de inteligência, bom gosto e cultura. Numa terra em que os esforços desse gênero quase sempre fracassam, à mingua de recursos, confiança nos resultados e persistência de atividades, o exemplo de *VOZ DO ESTUDANTE* é, sem dúvida, para aplaudir e louvar. (Diário Oficial de 2-9-41). (VOZ DO ESTUDANTE, 1941, p. 13, grifos da autoria).

Essas marcas tornaram a revista um dispositivo de credibilidade, com boa receptividade atraindo estudantes e demais sujeitos escolares, literatos e a sociedade letrada que tinha naquelas páginas um projeto de formação que direcionava a mocidade escolar e a sociedade letrada piauiense.

Zodíaco circulou simultaneamente à *Voz do Estudante*. Embora tenha surgido para o público um pouco depois, em 1943, a revista *Zodíaco* teve duração ao longo das décadas de 1940 e 1950. Foi editada sob a responsabilidade do Centro Cultural Lima Rebêle[84], dos alunos do Ginásio Dr. Demóstenes Avelino[85], fundado pelo professor Felismino de Freitas Weser[86], após o rompimento de sua sociedade com o professor Moacir Ribeiro Madeira e sua saída do Ateneu Piauiense. O novo estabelecimento foi inaugurado em 01 de dezembro de 1942 e "[...] para a época, era um investimento ambicioso, pois abarcava o primário, o ginasial e o colegial nos três turnos, além do curso de admissão e uma escola técnica de comércio. O ginasial noturno, no Piauí, era um pioneirismo" (FREITAS; FREITAS; SOUSA, 2009, p.139). Isso demonstra a obstinação de "Felismino Freitas [que] acreditava na educação como solução

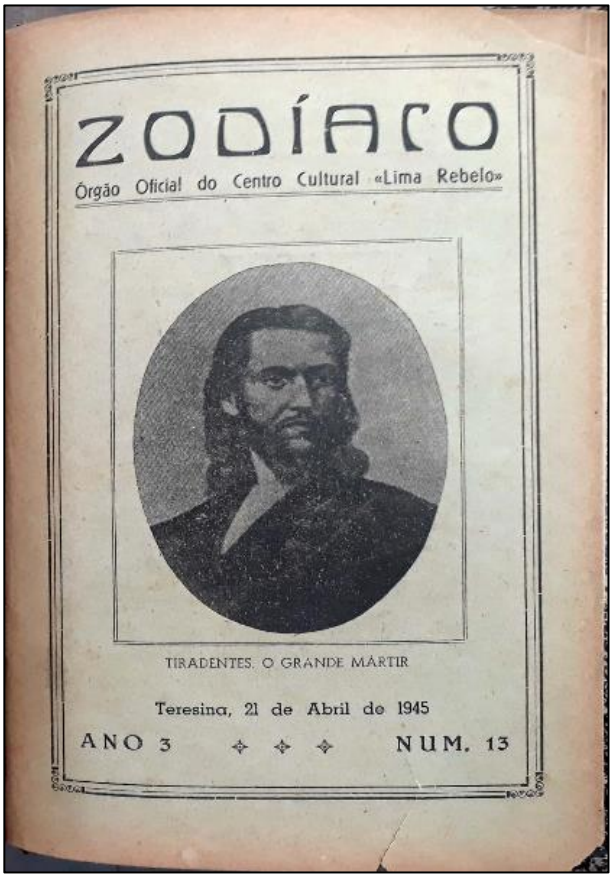
[84] José Pires de Lima Rebêlo nasceu em Barras de Maratoan – PI em 24 de setembro de 1887 e faleceu em Parnaíba em 15 de janeiro de 1940. Foi professor e advogado e membro da Academia Piauiense de Letras. Filho de tradicional família piauiense, ainda muito jovem transferiu-se para o Rio de Janeiro e fez curso preparatório no Colégio Pedro II. Ingressou na Escola Militar da Praia Vermelha, de onde foi expulso por aderir à Revolta da Vacina (1904). Ingressou no curso de Ciências Juristas da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro bacharelando-se em 1909. Ao retornar a Parnaíba, dedicou-se ao magistério e ao direito recebendo reconhecimento pela sua inteligência e dedicação. Atuou no funcionalismo público municipal e estadual.

[85] O nome do ginásio se deu em homenagem ao Demóstenes Constâncio Avelino que nasceu em Oeiras-PI (1847), onde faleceu em 1914. Bacharel em Direito e Magistrado, atuou como juiz distrital de Oeiras e, de Direito em Jaicós-PI. Tornou-se juiz federal em 1908. (GONÇALVES, 2003).

[86] Natural da cidade de Piripiri – PI, nascido em 1895, Felismino de Freitas Weser foi um prestigiado educador dedicado à formação da mocidade piauiense. Fundou o Instituto Arcoverde em Piripiri e em Teresina foi um dos fundadores do Ateneu Piauiense (transformado em Colégio Leão XIII) e da Academia de Comércio do Piauí em sociedade com o Professor Moacir Madeira Campos. Após o fim da sociedade, fundou o Ginásio Demóstenes Avelino, em 1942. Faleceu em Teresina em 1984. Ocupou o cargo de Diretor de Instrução Pública do Piauí. Pertenceu ao Cenáculo Piauiense de Letras.

para os problemas nacionais, principalmente o analfabetismo crônico" (CARVALHO; FERRO, 2019, p.102).

Figura 39 – Edição n. 13 da revista *Zodíaco*



Fonte: Arquivo Público do Piauí

Antes da revista *Zodíaco,* a escola editou um jornal com a mesma denominação, que chegou ao público em 30 de maio de 1943, e imprimiu cinco números até dezembro daquele ano. Tratava-se do jornal *Zodíaco,* que se autodefinia como "boletim órgão oficial do Centro Cultural Lima Rebelo"[87]. A fundação da revista estava estabelecida no Estatuto do Ginásio, impresso na edição de 20 de maio de 1945. O Capítulo 13 é dedicado às atividades e afirma que os setores literário, artístico, desportivo, recreativo e social estariam subordinados ao Centro Cultural Lima Rebelo. O Centro "[...] manterá uma revista denominada '*Zodíaco*', de publicação mensal, de assuntos literários e educativos, não podendo ser aceito qualquer trabalho de caráter leviano". (ESTATUDO, 1945, p. 27).

A importância da revista foi destacada por Farias (2015, p.128), ao argumentar que "com a criação da Revista *Zodíaco,* pela primeira vez circula no meio intelectual da cidade

[87] Este jornal compõe a série de periódicos de ensino secundário de Teresina analisada no capítulo anterior.

uma publicação cujos conteúdos eram muito variados". Entre 1944 e 1947, foram localizadas 13 edições[88] que compõe a documentação que foi analisada. Com uma considerável variedade de conteúdo, rapidamente a revista se firmou como um dos principais periódicos do Estado, promovendo a disseminação de um padrão de formação voltado para o desenvolvimento cultural e patriótico da nação. De acordo com Farias (2015, p.127), "A colaboração de alunos de outras escolas de Teresina e de outros estados era aspecto que favorecia a riqueza de conteúdo do periódico. Assim, *Zodíaco* propiciava um considerável intercâmbio cultural".

A revista era impressa nas oficinas gráficas do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda do Piauí (DEIP), o que sinaliza a relação existente entre a revista e o governo. Essa vinculação ficou clara nos seus enunciados. *Zodíaco* possuía dimensões aproximadas de 18x27cm e suas edições eram impressas em papel jornal de cor amarelada com textura mais grossa e um pouco áspera. Suas capas também eram impressas com o mesmo tipo de papel, em cores diferentes e ilustradas[89] com personagens homenageadas ou representações de efemérides da história do Brasil ou de outras nações consideradas modelos de desenvolvimento que mereciam ser seguidos pela nação.

A autoria de seus artigos estava a cargo de estudantes, professores e dirigentes da instituição. Além desses, mantinha intercâmbio interescolar, recebendo a colaboração de alunos de outros estabelecimentos de ensino, de agentes políticos e de jovens intelectuais piauienses que utilizavam as páginas da revista para ganhar visibilidade e dar publicidade às suas produções. Farias (2015) explica as pretensões de jovens intelectuais que procuram espaço nesses dispositivos. Segundo a autora,

> Esses periódicos desempenharam importantes funções, que iam além da representação da luta dos estudantes e das referências às ações políticas em prol da sociedade. Achavam-se também no interior das revistas estratégias utilizadas pelos escritores para se firmarem cada vez mais no universo intelectual. (FARIAS, 2015, p.112).

O quadro 19, posto a seguir, agrupa as características principais da revista com o objetivo de proporcionar uma visão panorâmica do impresso.

[88] A primeira edição localizada com formato de revista foi a sexta. No entanto, é preciso considerar a possiblidade de que a revista seja a continuidade dos primeiros números editados na forma de boletim conforme foi mencionado.

[89] Dos números analisados, somente a edição 20 não tem sua capa ilustrada. Nele aparece o nome da revista em letras destacadas na parte central da revista.

Quadro 19 – Características da Revista *Zodíaco*

REVISTAS *ZODÍACO*		
ORGANIZAÇÃO	TÍTULO	Zodíaco
	SUBTÍTULO	Órgão oficial do Centro Cultural "Lima Rebelo"
	INSTITUIÇÃO	Ginásio Dr. Demóstenes Avelino
	RESPOSÁVEIS	Centro Cultural "Lima Rebelo"
CORPO DO IMPRESSO	PÚBLICO – ALVO	Estudantes, professores, escolas, intelectuais, literatos, políticos e sociedade letrada
	COLABORADORES	Estudantes, professores, dirigentes, intelectuais, literatos, políticos.
	CONTEÚDO	Artigos de informação, crítica literária, política, Contos, crônicas, poesias, discursos, homenagens, publicidade
	ICONOGRAFIA	Fotos de homenageados, professores, escolas figuras públicas.
	PUBLICIDADE	Anúncios diversos do setor comerciais
MATERIALIDADE	IMPRESSÃO	Papel jornal
	TAMANHO	18x27cm
	CAPA	Ilustrada com imagem de personagem homenageada
	Nº DE PAGINAS	44 (média)
	PREÇO	Não identificado
	PERIODICIDADE	Mensal
	RECEITA	Publicidade
	ENDEREÇO	Rua Machado de Assis, 1733, Teresina.
	FINANCIAMENTO DA REVISTA	Ginásio Dr. Demóstenes Avelino; Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP); publicidade.
	TIPOGRAFIA	Oficinas Gráficas do Dep. Estadual de Imprensa e Propaganda do Piauí (DEIP).

Fonte: O autor, 2022.

A tabela dimensiona aspectos da materialidade, vinculações e as condições às quais estava submetida. Merece ser destacado o fato de a revista receber apoio financeiro do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP) que também lhes ofereciam os serviços de impressão. Esses mesmos benesses foram dispensados à *Voz do Estudante*, assim como a outros veículos. Essas informações foram determinantes para se compreender que tais periódicos foram tomados como lugares de propagação das ações e interesses do poder público. Sobre a necessidade de olhar as condições pelas quais um periódico foi posto a circular. Luca (2017, p. 2) pontua que "[...] o conteúdo de jornais e revistas não pode ser dissociado das condições materiais e/ou técnicas que presidiram seu lançamento, dos objetivos propostos, do público a que se destinava e das relações estabelecidas com o mercado" e outras instâncias da sociedade.

Diante da diversidade de seus enunciados, na análise da coleção foram priorizados os debates direcionados à educação, considerando a importância de discutir os modos como se davam essas representações da imprensa que privilegiavam tais questões.

3.2 Conteúdos em revista

O conteúdo das revistas escolares apresentou-se de forma diversa. Os debates anunciavam como os autores de sua escrita enxergavam a realidade em que viviam. Suas páginas descortinam aspectos por meio dos quais viabiliza elaborar interpretações de questões que interessavam uma parcela da sociedade que apreciava a educação e a cultura letrada. Ana Luiza Martins argumenta que,

> [...] ao simples folhear dessas publicações de época, sente-se envolvido pelo tempo pretérito que busca reconstituir. Imagem, texto, reclames e seções ali contidas, em princípio, independente de análise mais profunda, evocam em seu conjunto, de imediato, o quadro histórico em que se pretende transitar. (MARTINS, 2008, p.21).

A partir desse ponto de vista, a exploração dos seus enunciados possibilita transitar por alguns aspectos do quadro histórico definido neste estudo, buscando compreender de que maneira os discursos contidos nas revistas escolares contribuíram para informar e formar os estudantes e leitores desses dispositivos no Piauí, uma vez que, de acordo com Gondra (2020, p.31), "as revistas devem ser consideradas como redes de crítica e como formas de articulação do discurso de um grupo e determinadas concepções e projetos de formação cultural, que realizam e promovem debates fundamentais, instituindo-se, como lugar privilegiado do debate". Por isso, nesta análise foi priorizada a exploração dos conteúdos relacionados diretamente à educação e aos modos de formação do público estudantil ao qual se destinavam.

3.2.1 Demandas educacionais

Do mesmo modo que nos jornais, o debate sobre as questões educacionais esteve presente na pauta das revistas estudadas. No exame dos jornais se discute um conjunto de enunciados que tratavam sobre a oferta de instrução, os enunciados sobre escola, professores e os seus métodos de ensino. Em certa medida, essa discussão também foi encontrada com regularidade nas páginas das revistas.

Educação, por exemplo, por se tratar de uma revista editada por estudantes normalistas, sua agenda privilegiou o debate em torno do ensino e, mais especificamente, à formação de professores. Os assuntos abordados giravam em torno da emergência pela oferta de instrução, discutindo a necessidade de implantação do ensino rural e de investimentos no ensino profissional. Contemplou questões relacionadas aos métodos de ensino, cujas reflexões

voltavam-se para os modos pelos quais os professores atuavam e os métodos possíveis de serem aplicados em suas aulas.

Com relação à demanda por educação, o artigo "*O problema da educação no Brasil",* por exemplo, reclama da falta de atenção, por parte do governo, na busca por soluções dos problemas educacionais daquelas populações formadas de "gente rude, nômade, bárbara, levando a vida num verdadeiro atraso, criando gado bravio, disperso pelos campos ou plantando rusticamente os cereais apenas para a alimentação" (O PROBLEMA, 1936, p.12). Enquanto os sertões permaneciam sem a devida atenção, as "regiões civilizadas" eram detentoras de atenção e privilégios.

> Para as grandes cidades litorâneas o governo despeja quantias consideráveis servindo o mais possível a população. Mas, os sertões, os sertanejos estão esquecidos. Quando se abre uma escola no campo é uma escola livresca, para descrever a vida dos grandes centros civilizados. Os pobres camponeses parecem ouvir contos de fada. Deixam a roça e buscam a malandragem perniciosa das ruas movimentadas, das praças, das diversões. (O PROBLEMA, 1936, p.12).

A discussão sobre a educação sertaneja não se limitava à edificação de escolas em áreas rurais, ela estendia-se também aos programas de ensino, vistos como inadequados para aquela gente cujos conteúdos não contemplavam a vida no campo e, assim, "o analfabetismo arruinava a pobre gente dos campos, sem conforto, sem ideia de higiene e de saúde, entregue a natureza" (p.12). Para resolver o problema, uma possível solução estava na implantação de escolas "com as vistas voltadas para melhorar a lavoura, a pesca e a pecuária, ensinando aos homens os cuidados consigo mesmo, incutindo-se a vontade de prosperar, de trabalhar para si, aumentando o patrimônio nacional". (PROBLEMA, 1936, p.12).

Esse ponto de vista foi explorado no artigo "*Ensino Rural",* da estudante Maria Valmira Miranda. de que a proposição foi uma defesa desse tipo de ensino que deveria alicerçar-se na escola primária com métodos que não se limitassem às quatro operações matemáticas e ao ensino da leitura, porque

> O homem da roça será um dia um indivíduo de cultura média, suficiente para a sua vida. Ele necessita de conhecimentos de higiene, para que não seja vítima das endemias que aniquilam e que destroem toda a capacidade de ação, de luta e de vida. Deve ter noções indispensáveis de agricultura, comércio, pecuária, para que não seja esse apático, um homem máquina, um animal bravio, desolado, desconfiado. O ruralismo pretende uma evolução social. A sua divulgação, o meio de se mostrar como deve ser feio, como se quer, deve ser reclamado à sociedade e que esta sociedade sinta, compreenda esse problema de tão elevado fim. E que o futuro dos jovens campesinos, seja regido por meio de organizados sistemas educativos. (MIRANDA, 1936, p.6).

A defesa de um ensino rural eficaz, que contribuísse para uma formação adequada às condições do homem do campo era fundamental para seu desenvolvimento cultural. Não se pode perder de vista que, nas décadas de 1930 e 1940, a educação piauiense ainda se encontrava em processo de expansão e, muito embora houvesse consideráveis avanços e melhorias com o aumento de escolas e matrículas, "no Piauí, a grande maioria dos municípios concentrava sua população na área rural, a cidade tendo poucos habitantes" (LOPES, 2021, p.111), o que exigia investimentos cada vez maiores na instrução dessas populações que viviam distantes dos centros urbanos[90].

A profissionalização do ensino também tem lugar de destaque em *Educação*, na qual se publicou trechos de uma conferência de Alencar Vieira, realizada na cidade de Parnaíba em que fez uma defesa contundente de "O ensino profissional", sugerindo a implantação de escolas dessa natureza nos espaços urbanos como forma de oferecer uma formação profissional e combater o analfabetismo e a vadiagem. Em uma passagem, ele diz que

> Nas nossas cidades importantes, temos escolas em quantidade, é certo. Estas escolas aceitam as crianças que as procuram e lhes dão o conhecimento elementar da leitura e escrita e algumas noções rudimentares das matérias mais necessárias à vida prática. Entretanto, as crianças nada aprendem a fazer, manualmente: completam o curso e se entregam a vadiagem, ingressando, em sua maioria, no já numerosíssimo exército dos sem-trabalho, corporação que, caso não seja extinta com o trabalho a todos os seus componentes, cedo ou tarde, terá que destruir a nossa já relativa civilização. Combatemos o mal do analfabetismo e criamos o exército dos sem-trabalho, que nos é muito mais prejudicial. [...] Precisamos tornar as nossas escolas em centros produtores de trabalho, onde as crianças e os adolescentes aprendam a garantir, honestamente, a sua subsistência e a auxiliar os seus progenitores, quando alquebrados pela velhice. (VIEIRA, 1936, p.14-15).

A preocupação em transformar as escolas em centros de ensino profissional estava atrelada à ideia de desenvolvimento, buscando tornar os jovens úteis à nação, pois, na maioria dos casos, por serem oriundos de famílias menos favorecidas economicamente, encerravam sua trajetória escolar com a conclusão do ensino primário. Nesse sentido, o conferencista defendia que espaços urbanos e rurais necessitavam de escolas capazes de garantir um ofício aos seus alunos com vista a favorecer o melhoramento de seu modo de vida e torná-los cidadãos ativos e profissionais eficazes no meio social.

[90] Para maiores informações sobre educação e a população piauiense entre os anos 1940 e 1960 ver: LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. Expansão do ensino secundário no Piauí (1942 -1961): instituições escolares e corpo docente. In: PESSANHA Eurize Caldas; SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. (orgs). Implantação e expansão regional do ensino secundário brasileiro. (volume 1), Campo Grande, MS: Ed. Oeste, 2021.

> Nas cidades precisamos de escolas de artes e ofícios[91] e escolas normais profissionais em quantidade, a fim de tornar as crianças em fatores econômicos de seus pais e preparar, convenientemente, os futuros mestres. Nos campos, temos necessidade de escolas agrícolas e pecuária que ensinem ao nosso caboclo o modo de melhor aproveitar a terra que ele rega com o suor de seu dorso nu exposto ao sol ardente e causticante da zona tórrida, e os modernos processos de criar animais que lhe dão o sustento e lhe transportam em viagens, evitando o contato doloroso do seu pé desprotegido com a areia abrasadora que o martiriza. (VIEIRA, 1936, p.14).

De forma esperançosa, *Educação* comemorou a entrega de um grupo de professores à sociedade piauiense, concludentes da turma de 1936, vendo neles uma importante colaboração para a superação do atraso, do arcaico e do analfabetismo.

> Com o ano de 1936 vai-se de nossa Escola mais um grupo de batalhadores pela causa sacrossanta da instrução. Trinta lutadores contra a ignorância, que aflige uma parte de nossa população, partem galhardamente, empunhando as armas amigadas da felicidade e do saber. Marcham confiantes na redenção intelectual de milhares de indivíduos rastejantes no cortejo da civilização através dos tempos. Embrenhados na mata virgem dos sertões, onde não raiou o sol maravilhoso e redentor da instrução, esses indivíduos ainda esperam pela obra da salvação dos que pregam a sabedoria humana, enquadrando na vida consciente as partes inaproveitadas da humanidade. [...] Professorandos! Confiai na eficiência de vossas forças construtoras, aproveitai o ardor dos primeiros anos de luta enquanto não chegar ao desânimo e o desalento da idade avançada. Trabalhar e confiar sejam a nossa constante preocupação e ficai certos de que há recompensa e encontrareis em vós mesmos, tendo a consciência tranquila em ter cumprido com o vosso dever. Nunca deixai levar-vos pela ambição e pelas vantagens oportunas. Assim, praticam os que não atingiram a esfera da grandeza moral perante a pátria e perante a humanidade. Aferradores em si próprios, esquecem o dever para com os outros e servem somente às paixões pequeninas, incapazes de uma boa ação. Lembrai-vos da sorte dos nossos irmãos ignorantes e ignorados, para trabalhar na cooperação louvável da alfabetização do nosso povo. (*EDUCAÇÃO*, 1936, p.28).

A formação de professores normalistas era sempre festejada devido à possibilidade de ampliação da oferta de ensino primário, cujo projeto encontrava-se em desenvolvimento pelo governo que, em outra frente, investiu na estruturação da rede escolar através da ampliação e construção de edifícios escolares. Mesmo diante dos esforços do governo na edificação de grupos escolares para o ensino primário e a existência de tradicionais educandários públicos e privados que ofertavam ensino secundário, permanecia uma lacuna a respeito do ensino para os chamados anormais[92] e educação infantil através dos jardins de infância. *Educação* põe em debate o primeiro caso no artigo intitulado “Os anormais. Como educá-los?” em que a

[91] De acordo com Queiroz (2017) as primeiras iniciativas de ensino profissional no Piauí remontam ao século XIX com a criação do Estabelecimento de Educandos Artífices pela lei 220, de 24 de setembro de 1847, instalado em Oeiras, então capital da província. Até o final daquele século o estabelecimento sofreu com constantes instabilidades. Somente em 1909, foi fundada em Teresina a Escola de Aprendizes Artífices por iniciativa do governo do presidente Nilo Peçanha. Mais tarde a escola foi denominada de Escola Industrial do Piauí com atividades regulares ao longo do século XX.

[92] Designação utilização para fazer referência aos alunos com deficiência que exigiam atenção especial e formação específica para atendê-los.

discussão sinalizava para a existência de crianças em ambiente escolar que não conseguiam concluir suas atividades junto com o restante da turma. Diante desta delicada situação,

> Que fazemos com esses retardados que não nasceram com as faculdades completas ou que tem algum atrofiamento? Infelizmente nós aqui em nosso Estado ainda não temos meios para melhorar a situação desses pobrezinhos!
> É preciso para eles escolas especiais sob a orientação de métodos científico-pedagógicos, métodos esses que consigam melhorar e disciplinar o caráter imbecil, despertar e manter viva a atenção e fazer ver a criança que as coisas se aprendem mais por meio de ações do que por estudos teóricos. (OS ANORMAIS, 1936, p.29).

Segundo o exposto, embora houvesse experiências com essas crianças, naquele presente as escolas piauienses não possuíam meios adequados, nem profissionais qualificados para a oferta de um ensino especializado às crianças consideradas "anormais". Um pouco mais adiante, foi sugerido que um esforço coletivo entre escola, medicina, professores e família seria capaz de solucionar os problemas mais simples.

> A educação dos débeis mentais é um problema de valor capital que requer atenção não só dos poderes competentes como também especialmente do professor, como no ensino científico e técnico. Porque, às vezes, é possível a cura das anomalias quando estas não são muito profundas. Tornasse necessária, portanto, a colaboração em comum dos pais, do médico escolar e dos professores para obtermos melhores resultados. (OS ANORMAIS, 1936, p.29).

Mesmo havendo a atuação conjunta dessas instâncias junto aos casos menos graves, o artigo orienta que "os impulsivos, os retardados, os móveis, os imbecis e os cretinos, incapazes às vezes de uma aquisição de vida melhor" não estariam aptos a frequentar os ambientes escolares por apresentarem maior agitação e agressividades e conclui que "seria ótimo que no Brasil já existissem cursos especiais para a educação dos anormais pelo menos, devemos dispensar-lhes todo o cuidado e paciência, não os sobrecarregando com trabalhos excessivos" (ANORMAIS, 1936, p.29). Esta fala revela a necessidade de uma formação específica para os professores dedicados às atividades de ensino dos alunos com essas condições. Via de regra, os enunciados dão conta do interesse em utilizar práticas de ensino que promovessem resultados mais efetivos conforme as particularidades dos alunos.

A educação infantil esteve na pauta dos debates devido à inexistência de atendimento às crianças em jardins de infância. Alguns estudos apontam que, desde o início da década de 1930, o governo sinalizava alguma preocupação com a educação da infância no Estado. Brito (1996) assegura que o Regulamento Geral de Ensino[93] decretado em 1931 "previa a ministração do ensino pré-escolar ao lado do ensino primário" (BRITO, 1996, p.55) no Piauí.

[93] O Regulamento Geral de Ensino foi estabelecido pelo Decreto Estadual nº. 1.145, de 02 de fevereiro de 1931.

Silva (2008), que desenvolveu pesquisa sobre a história da educação infantil em Teresina, afirma que a referência feita no citado regulamento foi a primeira vez que o ensino pré-escolar teria sido mencionado na história da educação piauiense. Outra reformulação no Regulamento Geral de Ensino piauiense foi estabelecida em 1933[94]. O documento fazia referência ao ensino pré-escolar na organização do ensino do Estado e estabelecia que "O Governo do Estado instalará, pelo menos, um Jardim de Infância, na capital, onde se dará, às crianças maiores de 4 e menores de 7 anos, a necessária educação pré-escolar" (PIAUÍ, 1933).

Diante disso, percebe-se que a educação infantil estava entre as preocupações do poder público. No entanto, mesmo determinando a instalação de, pelo menos, um jardim de infância na capital, 10 anos mais tarde, em 1943, questionava-se a inexistência desses estabelecimentos que, naquele momento, ainda não haviam sido instalados na capital sob responsabilidade do Estado. Isso demonstra que, mesmo diante de importantes avanços por meio da ampliação de matrículas e construção de prédios escolares, ainda persistia um conjunto de problemas para serem resolvidos no campo da educação, entre os quais a ineficiente assistência educacional às crianças menores de 7 anos. A edição de 1 de dezembro de 1943 do jornal *Zodíaco* publicou uma breve matéria de autoria do Professor Olavo Correia Lima em que ele questiona a falta de investimento público na fundação desses estabelecimentos na capital. A matéria, na íntegra, a seguir:

> Talvez os nossos diretores de ensino saibam explicar porquê não temos, em Teresina, jardins de infância de iniciativa oficial. O jardim de infância não é novidade pedagógica, que possa ser ignorada pelos nossos pedagogos. O jardim de infância não exige burocracia, que venha agravar em alguma coisa a economia do Estado. O jardim de infância não exige professorado que não possa ser preparado com os nossos próprios recursos. O jardim de infância não é somente uma escola, é também creche, que enriqueceria os nossos serviços de proteção à infância, dos quais o governo atual tem sido pioneiro. Jardins e mais jardins de infância. (LIMA, 1943, p.5).

Os argumentos utilizados procuravam uma explicação para a inexistência desse tipo de instituição em Teresina, considerando que não exigia grande burocracia, nem professores que não fossem preparados com recursos próprios, sem contar que serviriam como educandários e serviço de proteção à infância como parte das políticas de governo. Esse debate reforça a importância dessa documentação, pois "o interesse em se estudar periódicos para a realização de análises históricas reside na possibilidade da leitura de manifestações contemporâneas aos acontecimentos. Desta maneira, realizamos uma aproximação do momento de estudo não pela

[94] Decreto Estadual n. 1.438, de 30 de janeiro de 1933.

fala de historiadores da educação, mas pelos discursos emitidos na época". (VIDAL; CAMARGO, 1992, p. 408).

No ano seguinte, *Zodíaco* noticiou a criação do curso ginasial noturno, no Ginásio Demóstenes Avelino. A iniciativa que se constituía em uma oportunidade aos estudantes que, por razões diversas, não podiam frequentar diuturnamente os bancos escolares. A escola inovou oferecendo educação de adultos através do curso ginasial noturno, considerado como uma importante contribuição para o avanço da instrução na capital. Os cursos eram destinados àqueles que, em razão de suas ocupações, se viam impossibilitados de ingressar em cursos congêneres diurnos. Esse empreendimento foi noticiado na primeira edição do impresso e tratado como "Uma feliz iniciativa", por um comentarista, que na ocasião escreveu:

> Teve o ilustre professor – FELISMINO DE FREITAS WESER – além dos seus inúmeros e úteis serviços que vem prestando à mocidade piauiense, a feliz iniciativa de criar no seu Ginásio "Dr. Demóstenes Avelino", o curso ginasial noturno, satisfazendo, assim, velha e justa aspiração de muitos. Para patentear-se o quanto foi do agrado geral o curso ora criado, basta conhecer-se o número de alunos que a ele concorreu – 82, isto porque o tempo não permitiu que a notícia se divulgasse por todos os recantos da cidade. (CUNHA, 1943, p.8 – grifos do autor).

Os cursos noturnos inaugurados pelo Estabelecimento parecem ter tido boa receptividade do público teresinense preenchendo uma lacuna de oferta de ensino para aqueles que desejavam prosseguir estudando, mas eram impedidos devido a suas obrigações diurnas. "Muitos moços teresinenses perdiam suas noites em fúteis diversões por falta de um estabelecimento onde pudessem adquirir os conhecimentos que lhes faltavam e de que careciam" (SILVA, 1943, p.3). Além das informações sobre os cursos noturnos, que segundo o comentário, contava com número elevado de concorrentes às vagas ofertadas, o anúncio revela os números de alunos que ingressam no educandário em 1943, discriminados por série, cujo total registrado chegou à marca de 508 matriculados, representando um número expressivo diante das condições de ensino no Estado e na capital.

A edição de *Zodíaco* de 1 de dezembro de 1944 procurou refletir sobre a importante iniciativa da oferta do curso ginasial noturno, considerado um marco na instrução piauiense, mesmo diante de muitas dificuldades enfrentadas. O projeto foi posto em prática pelas mãos de Professor Felismino cujos ideais o tornou "[...] capaz de em um espaço de tempo tão pequeno e num meio ingrato como o nosso, fundar uma casa de ensino de tamanha proficiência técnico-educacional, a qual, não obstante tão sérias dificuldades, tem prestado inestimável acervo de serviço à causa da instrução nesta terra". (MAGALHÃES, 1944, p.7).

O conteúdo analisado demonstrou que havia uma preocupação com algumas demandas educacionais de caráter mais emergencial. Além da oferta de ensino primário e secundário, tratava-se do ensino infantil através dos reclames sobre a ausência dos jardins de infância, enquanto na outra ponta, registrava-se a implantação da educação de adultos em uma escola da capital. Portanto, as discussões sinalizavam para o anseio da universalização do ensino que pudesse contemplar todos os segmentos sociais.

3.2.2 Escolas celebradas

O aniversário de fundação de algumas escolas serviu de motivo para o lançamento de edições especiais de revistas 4 *de outubro*, *Voz do Estudante*, *Zodíaco* e *Geração* que foram editadas e circularam em datas festivas de seus estabelecimentos. Essa mesma prática ocorreu com alguns jornais que também eram lançados para festejar o surgimento de suas escolas. Dentre eles, pode ser mencionado *A Escola*, cujos números integravam as comemorações do natalício da Escola Normal de Teresina.

Essas celebrações evocavam o passado e serviam como instrumento de construção da memória coletiva daqueles estabelecimentos. Melo (2010) lembra que "as festas tem vários significados e vários são os sentidos da comemoração, desde os mais particulares e pessoais até um significado maior que é festejar coletivamente" (MELO, 2010, p.229). Por essa lógica, a imprensa escolar encontrou nas datas marcantes de algumas escolas motivos para celebrar coletivamente, fortalecendo a memória acerca das instituições e dos lugares que ocupavam na educação piauiense.

O Liceu Piauiense foi uma das escolas homenageadas com edições dedicadas ao seu aniversário. *4 de Outubro* publicada na data que a intitulava no ano de 1936, para comemorar os 91 anos de existência da escola, anunciou a mobilização dos estudantes em torno daqueles festejos, noticiando a criação de várias comissões responsáveis pelas atividades realizadas. De acordo com a revista, "desde há muito tempo que a mocidade liceísta se agita, trabalhando, com denodo, para o maior realce das festas de hoje, comemorativas ao 91º aniversário do Liceu Piauiense" (AS FESTAS, 1936, p.20). A organização dos estudantes culminou na realização de uma sessão cívica pela manhã, um banquete ao meio-dia e um baile à noite.

> O banquete, oferecido ao paraninfo da turma concludente, Dr. Raimundo de Arêa Leão, terá lugar no Hotel Central. O baile se realizará, tendo início às 10 horas, nos salões do Clube dos Diários, gentilmente cedido, por sua diretoria, para este fim. É, pois, de se esperar que o aniversário do Liceu Piauiense, este ano, como nos

> anteriores, tenha, da mocidade liceista, a maior consagração possível, coroando, de êxito, assim, os esforços dos dirigentes. (AS FESTAS, 1936, p.20).

Primeira escola de ensino secundário do Estado, o Liceu Piauiense, era evocado por ser considerado o principal estabelecimento escolar e responsável pela formação de gerações de estudantes que integravam a elite intelectual local. Um pouco mais tarde, outro periódico comemorou a data de seu surgimento. Uma edição especial de *Piauí Novo* que circulou em 4 de outubro de 1939 para festejar os 94 anos daquela escola, anunciava-a como "lugar onde brotam as ideias atrevidas e generosas" e as "inteligências claras e grandes", conforme se pode observar na parte superior da primeira página do impresso.

Figura 40 – Edição de *Piauí Novo* em comemoração aos 94 anos do Liceu Piauiense

"O LICEU PIAUIENSE FOI, E' E SERA' O LOGAR DE ONDE BROTAM AS IDEIAS ATREVIDAS E GENEROSAS, AS INTELIGENCIAS CLARAS E GRANDES QUE AFIRMAM CADA VEZ MAIS O NOSSO LOGAR PRIVILEGIADO NO MEIO DA COMUNIDADE BRASILEIRA"

POR CONSEGUINTE, A DATA DE HOJE, — 94.° ANIVERSARIO DE SUA FUNDAÇÃO —, E' UMA PAGINA BRILHANTE PARA A HISTORIA DA MOCIDADE PIAUIENSE.

PIAUÍ NOVO

Direcção de AMANDINO NUNES e DOROTEO S. RIBEIRO

ANNO I — TERESINA (E. do Piauhy) 4 DE OUTUBRO DE 1939 — NUM. 8

— O 94.° ANIVERSARIO DO LICEU PIAUIENSE —

Fonte: *Piauí Novo*, ano 1, n.8, Teresina, 4 out. 1939

Piauí Novo anunciou um programa festivo no qual contavam competições esportivas com demonstração de educação física, provas de salto, corridas, partidas de basquete, futebol e voleibol. Ainda noticiou coroação da rainha dos estudantes e baile dançante no Clube dos Diários. A respeito do dia festivo, o periódico registrou:

> Noventa e quatro anos são passados da promulgação da lei provincial, assinada por Zacarias de Góis e Vasconcelos, criando o estabelecimento de educação secundária ao qual denominou de LICEU PIAUIENSE. O que desde aquele dia tem produzido o bem de nossa educação intelectual nada dizemos por que temos os fatos a mostrá-los: essa plêiade de intelectuais que dentro e fora da nossa gleba honraram e honram o nosso Estado. Do Liceu, desta tradicional casa de educação, "a coluna mestra da arquitetura educacional de nosso Estado", foi de onde partiu todo o brilho de glória, deste torrão de matas esmeraldinas, serras azuis e planícies ondulantes esmaltadas de flores mil! Hoje, ergue-se altaneiro, faiscante ao sol, o monumento glorioso dos ancestrais, - este fantástico prédio de concreto armado: memórias de passados valorosos e glória de presentes fecundos e nobres. (O 94º ANIVERSÁRIO, 1939, p.1, grifos da autoria).

Na década de 1940, outros impressos vinculados à instituição continuavam festejando a Escola. O segundo número analisado de *Geração*, que circulou em 4 de outubro de 1945, celebrava o primeiro centenário de fundação do Liceu Piauiense, primeira escola de ensino secundário instituída na então província do Piauí, em 1845. A nota de abertura daquele número dizia o seguinte:

> 1845. 4 de outubro. Oeiras, metrópole do Piauí. Zacarias de Góis e Vasconcelos, Presidente da Província, assina o ato, sancionando a Lei n. 198, decretada pela Assembleia Legislativa Provincial, "dando providências sobre a Instrução Pública", e criando o Liceu Piauiense, para o Ensino Secundário do Estado. Cem anos de existência faz hoje o mais antigo estabelecimento de instrução secundária do Piauí. Cem Anos de vida, obedecendo ao ritmo incerto das máximas e mínimas do Ensino Secundário do Brasil. No entanto, conseguiu o Liceu atravessar incólume todos os vendavais, desviando-se, embora, muitas vezes, da rota a que se impusera, porém, jamais se afastando da meta que visara. De então para cá, o atual Colégio Estadual do Piauí, vem se constituindo para as gerações do nosso Estado, no que a Acrópole representa para os Gregos. (GERAÇÃO, 1945, p. s/n).

O texto segue abordando o percurso histórico da instituição relembrando seu deslocamento, quando da transferência da capital[95], de Oeiras para Teresina, e as constantes alternâncias de locais de funcionamento até a conquista de sua sede própria.

> Correram os dias, passaram os anos, rugiram os ventos tempestuosos; passaram os homens, passaram as épocas, passou tudo... mas, o Velho Liceu, acompanhando as mudanças das capitais, de casa em casa se transplantando, chega afinal a verdadeira Casa, donde firmemente continua, dominando os tempos, os homens e as procelas, esplendendo Luz por sobre todas as cabeças jovens. GERAÇÃO, que é um raio de sua luz, junta seu brilho moço às comemorações que ora são prestadas pela passagem do seu centenário. (GERAÇÃO, 1945, p.s/n).

Considerado o principal estabelecimento de ensino do Estado, o percurso do Liceu Piauiense foi relatado pelo acadêmico de direito Raldir Bastos que, em sua colaboração para a revista, escreveu:

> **1º Centenário**
>
> Faz, hoje, por entre festas e alegrias, o antigo e tradicional LICEU PIAUIENSE seu 1º centenário de existência. Pela lei provincial nº 198, de outubro de 1845, sancionada por Zacarias de Góis e Vasconcelos, instituiu-se oficialmente o primeiro estabelecimento de ensino secundário do Estado. [...] Com a fundação do LICEU, não vá alguém supor que se solucionasse, de vez, a monumentosa questão. Não. Surgiram logo os obstáculos iniciais. A falta de prédio próprio e de corpo docente que se ocupasse exclusivamente de uma finalidade, deram-se aulas do LICEU em

[95] A transferência da capital do Piauí, de Oeiras para Teresina, ocorreu em 1852, sob a liderança do então presidente da Província, José Antônio Saraiva, que esteve à frente do governo de 1850 a 1853.

> casa dos professores. Mais tarde, em 1852, com a transferência da capital do Estado de Oeiras para a nova e progressista cidade de Teresina, era natural que havia de a casa de Góis e Vasconcelos integralizar os contingentes das repartições públicas que se deslocaram. Chegando aqui, vagou o LICEU por vários anos como judeu errante, sem albergue definitivo, e aparelhamento condigno e eficiente. Apenas uma coisa. Nunca deixaram as brisas de favorecê-lo, tornando-se, mais e mais acentuados, o descortino seguro e amplo de seu progresso. Em 1936, na administração Leônidas Melo, ultimou-se a construção do suntuoso edifício de vigas de aço e concreto que se destinava ao funcionamento da casa padrão de nosso ensino secundário, dotado de admirável mobiliário e eficazes laboratórios de física e química. Agora, como se vê, é muito diferente seu aspecto das épocas de laborosa transição e aprofundadas crises que o trouxeram em desassossego e perigo, sem que abalassem o ânimo e o espírito dos que sempre deificaram a cultura do cérebro e do coração. Hoje, que nosso saudoso e ex-LICEU (presentemente COLÉGIO ESTADUAL DO PIAUÍ, por imperativo da nova lei orgânica do ensino secundário) faz seu 1º centenário de fundação, é motivo forte de júbilo extravagante para todos aqueles que tiveram a ventura de penetrar os umbrais do templo, em voga, para aplainar os sentimentos e a inteligência. [...] Descem, hoje, do firmamento, lantejoulas de ouro e filigramas de prata, em profusão, para ostentarem o esplendor das festividades que acentuam a decorrência do 1º centenário do antigo e tradicional LICEU PIAUIENSE. É esta efeméride comemorada, no Piauí, com calorosos aplausos e esfuziantes alegrias. Porque palpitam, uníssonos, os corações dos piauienses em fervorosa e espontânea saudação ao modelar estabelecimento de ensino – 'forja onde se hão batido os metais dos melhores valores piauienses', no dizer de Martins Napoleão. Todos, alunos e ex-alunos do LICEU, rendemos, hoje, sincera homenagem e imperecível gratidão ao venerado solar onde alicerçamos nossa formação intelectual. Salve a GRANDE FORJA, no festivo e engalanado dia '4 de OUTUBRO'. (BASTOS, 1945, p.5, grifos do autor).

Essa narrativa serve de complementação sobre o que já foi mencionado a respeito das condições pelas quais o Liceu Piauiense experimentou ao longo de sua trajetória. No percurso dos 100 anos de sua existência (1845 – 1945), a história do estabelecimento foi marcada por avanços e entraves que influenciaram em seu funcionamento e em constantes interrupções de suas atividades. Entre as dificuldades, a falta de um prédio próprio e adequado para o ensino figurou por quase todo esse período, o que o teria levado a operar em prédios alugados e em condições precárias para as atividades, como espaços com pouca iluminação, umidades e condições higiênicas inadequadas. Em momentos mais extremos, professores eram obrigados a ministrar aulas em suas próprias residências devido à falta de estrutura para atividades coletivas. Essas limitações só foram superadas a partir da década de 1930, com a inauguração do seu edifício modelar que deu condições dignas para a instituição.

Mesmo diante de limitadas condições, estudantes daquele presente e do passado mantinham laços de identidade com a escola através das memórias que guardavam do seu cotidiano. *Geração* publicou as recordações de Alcebíades Vieira Chaves que escreveu:

> Cem anos... é como se fosse cem baladas, que se fizeram ouvir no seio da grande noite, onde o tumultuar dos anos, forma um labirinto de recordação e de saudade. Recordação dos que passaram por esta casa, deixando atrás de si, como as estrelas

> nas lindas noites consteladas, um rastilho de luminosidade. Saudade das claras manhãs [...] em que passamos juntos, unidos pelos mesmos ideais, pela mesma esperança de sermos úteis a nós e à coletividade, pelos mesmos anseios de 'legar aos nossos pósteros, um Brasil maior do que o que nos foi legado pelos nossos antepassados'. Recordação dos dias que não virão mais, que serão apenas a lembrança de nossas horas de tristezas, quando o coração, alquebrada pela velhice, evocar o passado e reviver os dias felizes da mocidade. Saudades dos mais gratos instantes da vida, que ficarão eternamente, em nossas memórias, como uma seta que aponta para o dia 4 de outubro do ano de 1945, última página do calendário de um século, página de recordação e de saudade. (CHAVES, 1945, p.4).

As recordações descritas ajudavam a construir a memória coletiva da instituição ao tempo que contribuíram para a manutenção dos vínculos dos estudantes e outros sujeitos com a tradicional escola, criando com ela um sentimento de identidade e pertencimento.

O aniversário da Escola Normal Oficial também motivou a escrita periódica. Nesse caso, as comemorações aconteciam através da impressão de um jornal, cuja maioria dos números circulava na sua data de fundação. Trata-se de *A Escola*, que imprimiu interessantes matérias sobre a instituição, seus professores, suas ideias e práticas. Isso se deve ao fato de que, desde a sua inauguração, a Escola Normal Oficial era vista como uma das principais instituições responsáveis pela expansão da educação e do progresso, principalmente devido à ideia de que era através da educação que se combatia a ignorância e o analfabetismo, espalhando a instrução pelos lugarejos mais longínquo do Estado. Neste jornal foi possível notar que a classe normalista atribuía à instituição um papel civilizador, como principal agência no processo de desenvolvimento educacional do Estado. A matéria comemorativa dos 25 anos de fundação da Escola Normal Oficial revelou as concepções das normalistas a respeito da escola. Em tom festivo, o texto celebrou:

> O dia que festejamos hoje assinala um grande acontecimento na história do Piauí, cujas vantagens refletem-se atualmente nas radicais transformações que vamos sofrendo a bem da civilidade e da modernização dos nossos costumes. Por todos os recantos do Piauí nota-se uma animadora satisfação que bem demonstra o avanço que a cada momento vamos dando em busca de um futuro mais cheio de vida, de um porvir mais compensador dos esforços dispensados à luta pelo engrandecimento da nossa terra e da nossa gente. A Escola Normal tornou-se, com o passar dos anos, um farol portentoso que irradia instrução por toda a parte, encorajando as aspirações do povo e reanimando as esperanças desfalecidas. Lança por toda a parte focos de luz que iluminam o caminho da infância e da juventude piauiense. (A DATA, 1936, p.1).

Além disso, propagavam uma visão devocional sobre o papel do professor e da educação, vistos como promotores da modernidade, do progresso e do desenvolvimento. A classe normalista mantinha um sentimento devocional à instituição, característico do espírito cívico de respeito e exaltação aos valores, à memória dos grandes vultos e feitos em prol do

desenvolvimento da nação. Em âmbito piauiense, a Escola Normal era considerada pela sociedade e, especialmente, pelas futuras professoras e professores, como um templo de formação e disseminadora de instrução, educação e cultura responsável pelo desenvolvimento educacional de crianças e jovens daquela sociedade. Tal exaltação foi sublinhada pela estudante do 5º ano, Aldenôra R. de Moura, quando sublinha o seguinte:

> Todos os piauienses, não só professores e alunos, devem encher-se de júbilo pelo transcurso de mais um ano de existência da nossa Escola Normal Oficial, que é festejado civicamente no dia de hoje, devemos todos, prestar auxílios à educação e a instrução, cooperando assim, para o engrandecimento do nosso País. (MOURA, 1943, p.7).

Em face de tais manifestações, as comemorações em torno do surgimento da Escola Normal Oficial serviam como motivação para fazer circular o jornal em questão. Portanto, *A Escola* era editado como parte do calendário comemorativo da escola. Em 1944, *Zodíaco* festejou o aniversário da Escola Normal por meio da divulgação de um pronunciamento do professor Antonio Castro, que evocava as contribuições daquele educandário no destravamento da instrução piauiense. Um fragmento do texto, dizia o seguinte:

> A Escola Normal Oficial congrega-se hoje para festejar mais um ano de profícuo labor na sua gloriosa missão de preparar as sucessivas gerações de educadores da infância, os quais desempenham um papel de verdadeiros pioneiros, desbravando a inteligência juvenil ministrando o ensino básico, fundamental, indispensável para qualquer desenvolvimento intelectual. (CASTRO, 1944, p.31).

O Ginásio Leão XIII (antigo Ateneu Piauiense) foi outro estabelecimento de ensino homenageado. *Voz do Estudante* festejou o seu 5º aniversário na edição de setembro de 1943. Nesse número, encontram-se discursos e relato das atividades da agenda festiva do educandário. Um dos pronunciamentos foi proferido pelo estudante Benardino Viana, que enalteceu as contribuições da escola para a educação piauiense. Segundo o aluno,

> É no ginásio onde a vida se nos apresenta radiante e fugaz. É deste período que tudo fazemos sob as responsabilidades e as ações dignas da consciência e da eficiência dos nossos pais e dos nossos mestres. [...] Eis-me, pois, diretores amigos, antes vós! Apreciando e compartilhando da vossa alegria, eu vos saúdo neste instante em que festejamos o 5º aniversário desta obra gigantesca que é o resultado do que há pouco me referi. Que cinco anos já bastam para se orgulhar a Instrução no Piauí: devemo-lo no nosso esforço e ao espírito elevado do povo piauiense, que sabe reconhecer como magnífico o que verdadeiramente o é. Eu vos admiro, eu vos parabenizo e eu vos peço permissão para agradecer o apoio que o nosso estabelecimento de ensino tem merecido da parte do nosso M.D. Interventor Federal.
> A S. Excia, o Sr. Dr. Leônidas de Castro Melo, agradeço, com permissão dos Diretores e em nome dos meus colegas desta casa, o empenho e a dedicação que nos tem dispensado, sem deixar de parte, porém, a consideração que em conjunto nos

> dispensam as autoridades e povo em geral desta boa terra. (DISCURSO, 1943, p. 16).

Embora com pouca idade, o educandário era exaltado pela qualidade de ensino ofertado e a credibilidade junto à sociedade piauiense. Vale a pena transcrever uma síntese das atividades festivas realizadas nos dias 14 e 15 de julho daquele ano, que reuniu os estabelecimentos de ensino secundário da capital para celebrar os cinco anos de existência do Ginásio Leão XIII.

> De fato, o 15 de julho, este ano, teve uma comemoração invulgar sendo de justiça ressaltar a solidariedade recebida pelo Ginásio Leão XIII dos estabelecimentos de ensino desta Capital, por seus diretores e alunos, contribuindo, assim, para o maior brilhantismo das festividades e para uma mais larga aproximação entre os que estudam em Teresina. [...] o sucesso desta memorável festa reside no apoio integral dado ao Ginásio Leão XIII pelas altas autoridades do Estado. As festas tiveram início na manhã do dia 14 com um torneio de voleibol realizado no campo de esportes do Ginásio Leão XIII. A este torneio concorreram o Colégio Estadual do Piauí, Ginásio São Francisco de Sales, Escola Industrial de Teresina e Ginásio Dr. Demóstenes Avelino, sagrando-se campeão e consequentemente adversário do Leão XIII o Colégio Estadual do Piauí. Às 13 horas do mesmo dia, o vasto salão do Cine Rex encheu-se literalmente de alunos do Ginásio aniversariante para uma sessão oferecida aos mesmos. [...]. À noite do mesmo dia 14 teve lugar no campo do Tamoio Atlético Clube, gentilmente cedido pelo seu digno presidente, professor Pedro Torres, um torneio eliminatório de basquetebol entre os mesmos quadros concorrentes ao voleibol, sendo ainda sagrado campeão o Colégio Estadual do Piauí, adversário portanto, no dia seguinte, do Ginásio Leão XIII nesta modalidade esportiva. (GINÁSIO, 1943, p.23/26).

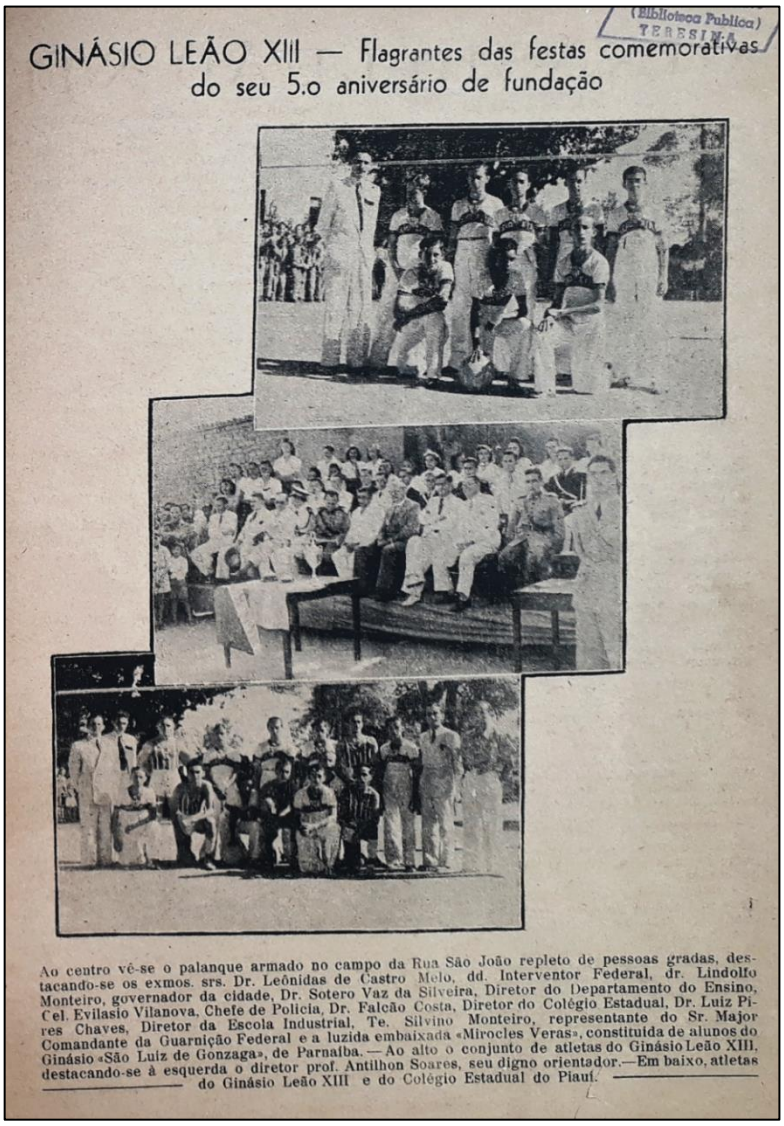
A agenda do primeiro dia de festividade foi marcada por competições esportivas e atividades culturais que contaram com a participação de outros estabelecimentos de ensino secundário da capital. No dia seguinte, alvorada, missa, cerimônias cívicas, decisões esportivas, baile vesperal, sessão solene e baile noturno marcaram o dia de comemorações que agitaram a capital piauiense. O dia festivo foi relatado por *Voz do Estudante* da seguinte forma:

> O dia 15 de julho foi anunciado à cidade pela alvorada executada pela bem treinada banda de cornetas do Ginásio Leão XIII. Na Igreja de São Benedito, às 6:30 foi realizada missa em ação de graças, [...] notando-se neste ato de fé um número elevadíssimo de convidados, pais e alunos. Em seguida ao hasteamento da Bandeira Nacional, debaixo de um entusiasmo inexcedível e de um sadio patriotismo, o público e estudantes teresinenses foram brindados com uma festa esportiva de magnificência extraordinária. O campo de esportes do Ginásio Leão XIII achava-se totalmente lotado, e para realçar ainda mais as comemorações, notavam-se no palanque ali armado as figuras mais representativas do nosso mundo oficial, entre as quais destacamos os Srs. Drs. Interventor Federal, Prefeito Municipal, Diretor do Ensino e Te. Cel. Chefe de Polícia. [...] À tarde, os amplos salões do aristocrático Clube dos Diários abriram-se para um vesperal dançante oferecido pelos alunos da 4ª série do Ginásio Leão XIII aos colegas menores. [...] Às 19 horas, no salão de honra do Ginásio Leão XIII, realizou-se a sessão solene comemorativa da passagem

> do 5º aniversário deste educandário. Presentes várias autoridades do Estado, alunos e convidados, fizeram-se ouvir os professores Dr. Ofélio das Chagas Leitão, pelo corpo docente do Ginásio; Valdemar Sandes, pela Academia de Comércio do Piauí; Wilson do Egito Coelho, pelo corpo discente; Bernardino Soares Viana, pela 4ª série e Humberto Teles, pelo Ginásio São Luiz de Gonzaga. Os oradores foram vivamente aplaudidos. Finalmente, às 22 horas, nos salões do Clube dos Diários teve início o baile com que os alunos da 4ª série do Ginásio Leão XIII homenagearam o seu paraninfo geral, Dr. Oto Soares. Este baile, justo é acentuar-se, constituiu grande atração para a digna sociedade teresinense, tendo marcado época nos anais do nosso mundanismo. (GINÁSIO, 1943, p. 23/26).

V*oz do Estudante* celebrou com entusiasmo o 5º aniversário do Ginásio que movimentou a cidade. Estudantes daquela e de outras escolas agitaram-se em torno da agenda festiva que também foi acompanhada pelos pais de alunos, autoridades e a sociedade em geral. A Figura 41 registra alguns aspectos das atividades comemorativas em questão.

Figura 41 – Aspectos das festividades do 5º aniversário do Ginásio Leão XIII



Fonte: *Voz do Estudante*, ano 3, n.12, Teresina, set. 1943.

Na figura, observa-se um grupo de estudantes atletas do Ginásio Leão XIII e do Colégio Estadual do Piauí, um palanque composto por autoridades convidadas que prestigiavam as festividades, entre as quais, o interventor federal Leônidas Melo, o prefeito da capital, Lindolfo Monteiro e o diretor do Departamento de Ensino, Sotero Vaz da Silveira, além de diretores de escolas de ensino secundário da capital. A presença dessas autoridades mostrava a importância do educandário e das suas atividades para a educação piauiense.

A agenda de *Zodíaco* aproximava de suas congêneres, particularmente por dedicar-se a dar visibilidade ao ginásio ao qual pertencia. Na edição de 19 de abril de 1944, o professor, Waldir Gonçalves fez um pronunciamento solene em comemoração ao aniversário de fundação do estabelecimento, em que dizia:

> Realmente, senhores, o educandário que agora completa o seu primeiro aniversário de existência, dirigido pelo espírito lúcido e esclarecido de Felismino Freitas Weser, goza de muita e merecida reputação, quer do governo benemérito de S. Excia. o Sr. Dr. Leônidas Melo que lhe não tem regateado aplausos e auxílios, quer do povo piauiense, que o procura confiante na sua comprovada eficiência didático-pedagógica. Assim, amparado por essas forças valorosas e necessárias à sua continuação, podemos considerá-lo plenamente vitorioso. (DISCURSO, 1944, p. 7).

O discurso revela a importância que o Ginásio Dr. Demóstenes Avelino tinha na cena educacional piauiense, contribuindo na missão de expandir a oferta de ensino secundário, à época, restrita a poucos educandários na capital e a algumas cidades. Os cursos secundários, portanto, ainda se constituíam em espaços de grupos que tinham as melhores condições de acesso à instrução, o que conferia aos seus estudantes condições para se candidatarem aos postos de comando da sociedade, pois "a mocidade brasileira precisa preparar-se para os postos de responsabilidades e viver à altura desta hora, emprestando-lhe o ímpeto generoso e a inteligência vivaz para que a Pátria que tudo pode reclamar de seus filhos, ascenda, com maior rapidez, à glória de seus destinos" (DISCURSO, 1944, p.7).

Uma nota da edição de 1 de dezembro de 1944, anunciava com entusiasmo o aniversário do segundo ano do educandário, felicitando o fundador, professores e estudantes, ao mesmo tempo que justificava os resultados positivos da instituição. Em um trecho do texto, lê-se:

> O motivo por que o Ginásio Dr. Demóstenes Avelino, dentro de um curto período de tempo, tornou-se vitorioso, conseguindo a fiscalização federal, desde os primeiros dias, assim como crescido número de alunos, o que vem provar a confiança que o seu digno diretor desperta no seio da coletividade piauiense, em se tratando de

> educação. Não estamos fazendo elogio barato. Proclamamos uma verdade que, em tempos vindouros, será constatada pelas que se dedicam à história educacional da nossa terra. (O GINÁSIO, 1944, s/p).

O texto que celebrava a passagem do segundo ano do educandário era parte integrante de uma edição dedicada àquela data. Composta de vários textos, em sua maioria autoria de estudantes, dedicados ao dia festivo. Entre os artigos que refletiam sobre a trajetória da escola e as ações desenvolvidas por seu idealizador encontram-se: "Um ginásio modelar", de Melo Magalhães; "Um projeto e uma realidade", de R. Nonato Pacheco; "Mestre, educador e lutador", de Francisca Ana de Araújo Sousa; "Um homem e sua obra", de Godofredo Soares Cavalcanti e "1º de dezembro", de Maria do Socorro C. Mendes.

A maioria desses textos era assinada por estudantes daquele Ginásio, que lançaram mão das páginas de *Zodíaco* para prestarem suas homenagens ao acontecimento. Melo Magalhães enaltece o *"*ginásio modelar" e o classifica como uma das grandes instituições do país, dizendo que "rivaliza-se com os melhores estabelecimentos de ensino do Brasil" (MAGALHÃES, 1944, p.7). Essas celebrações podem ser entendidas como uma prática que ocorria para homenagear e agradecer as instituições. Poderiam cumprir um calendário de festividades instituído por cada escola, compondo também um dever cívico de exaltar sua contribuição para o desenvolvimento do país. A imprensa escolar, por sua vez, se encarregava de divulgar os programas dessas festividades, bem como os discursos sobre o papel que ocupavam na educação piauiense.

3.2.3 Heróis da Pátria e construtores da nação

A preocupação em divulgar os princípios cívicos estava presente na agenda das revistas estudadas. Em seu conteúdo, a celebração de efemérides e personagens considerados responsáveis pela construção e desenvolvimento da pátria tinha a intenção de servir de inspiração para seus estudantes leitores buscarem desenvolver sua inteligência e competências para servir à nação. A evocação de um passado glorioso estava presente na programação escolar, por meio do ensino voltado para a formação moral e cívica da sociedade.

Horta (2012) argumenta que a educação moral e cívica, ensinada nas escolas, atuava a serviço do Estado e, por meio dela, se registrava um constante apelo ao patriotismo nos discursos da época. Segundo ele, Getúlio Vargas pregava que a glorificação da pátria só seria atingida com a educação do povo e a valorização do trabalho. Assim, com a chegada de Vargas ao poder, registrou-se a intensificação de um discurso cívico-patriótico que procurava

aliar educação e trabalho como forma de promover o engrandecimento da nação. De acordo com Parada (2009, p.21), o "patrocínio pelo regime varguista de cerimônias cívicas procurava realizar uma síntese cultural em monumentos rituais comemorativos de eventos cívicos e históricos importantes", além de procurar unificar elites e massas em favor do progresso do estado brasileiro.

Nas revistas consultadas, assim como nos jornais, nota-se um lastro de enunciados voltados para essa questão, a começar por *Panorama Estudantil* que serve para uma melhor compreensão dos discursos de natureza cívica, como os "Mandamentos Cívicos", do renomado literato Coelho Netto[96]:

Mandamentos Cívicos

1. Honra a Deus amando a Pátria sobre todas as coisas, por nô-la haver Ele dado por berço, com tudo o que nela existe de esplendor no céu e de beleza e fortuna na terra.
2. Considera a Bandeira como imagem viva da Pátria, prestando-lhe o culto do teu amor e servindo-a com todas as forças do teu coração.
3. Honra a Pátria no passado: sobre o túmulo dos heróis; glorifica-a no presente: com a virtude e o trabalho; impulsiona-a para o futuro: com a dedicação que é a força da fé.
4. Instrui-te, para que possas andar pelo teu passo na vida e transmite aos teus filhos a instrução, que é dote que não se gasta, direito que não se perde, liberdade que não se limita.
5. Pugna pelos direitos que te confere a lei, respeitando-a em todos os seus princípios, porque da obediência que se lhe presta, resulta a ordem que é a força suave que mantém os homens em harmonia.
6. Ouve e obedece aos teus superiores, porque sem disciplina não pode haver equilíbrio. Quando sentires o tentador, refugia-te no trabalho, como quem se defende do demónio na fortaleza do altar.
7. Previne-te na mocidade, economizando para a velhice, que assim prepararás de dia a lâmpada que te há de alumiar a noite.
8. Acolhe o hóspede com agasalho, oferecendo-lhe a terra, a água, e o fogo, sempre porém, como senhor da casa: nem com arrogância que o afronte, nem com submissão que te humilhe, mas serenamente sobranceiro.
9. Ouve aos teus, que têm interesse no que lhes é próprio, reservando-te com os de fora. Quem sussurra segredos é porque não pode falar alto e as palavras cochichadas na treva são sempre rebuços de ideias que se não ousam manifestar ao sol.
10. Ama a terra, em que nasceste e à qual reverterás na morte. Ô que por ela fizeres por ti mesmo farás, que és terra, e a tua memória viverá na gratidão dos que te sucederem. (COELHO NETTO, 1939, p.s/n).

De maneira geral, os mandamentos cívicos em questão voltavam-se para a preservação de valores em torno do amor à Pátria, através do respeito aos símbolos e heróis nacionais, e

[96] Segundo informações biográficas da página da Academia Brasileira de Letras, Coelho Neto (Henrique Maximiano Coelho Neto), romancista, crítico e teatrólogo, nasceu em Caxias, MA, em 21 de fevereiro de 1864, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 28 de novembro de 1934. [...] Cultivou praticamente todos os gêneros literários, deixou uma obra imensa e foi, por muitos anos, o escritor mais lido do Brasil. Em 1928, foi eleito Príncipe dos Prosadores Brasileiros, num concurso realizado pelo *O Malho*. Disponível em: https://www.academia.org.br/academicos/coelho-neto/biografia. Acesso 27 dez. 2021.

orientações para a formação do caráter do “bom cidadão”, útil para o engrandecimento da pátria. Conforme Coelho Netto, “amar a pátria sobre todas as coisas e aos que conosco trabalham para engrandecê-la" sintetizava tais mandamentos.

A revista *4 de Outubro* transcreveu a palestra do estudante Carlos Castello Branco sobre “A luta pela abolição”, proferida no Liceu piauiense no dia 7 de setembro de 1936, por ocasião das comemorações da Independência do Brasil. Naquele pronunciamento, o palestrante deu ênfase as figuras de Castro Alves e José do Patrocínio para rememorar “a luta heroica que combateu e exterminou a escravidão negra, esta mancha horrorosa e feia que vinha enodoando a nacionalidade brasileira, desde os seus primórdios [...]” (CASTELLO BRANCO, 1936, p. 36).

Segundo o autor, a luta por liberdade pertencia ao espírito do povo brasileiro e esteve presente em vários conflitos e tensões em que o povo se sentiu subjugado por opressores, fato que se deu também, quando emergiu o sentimento de homens que tomaram para si, a luta pela libertação das populações negras cativas no país. Foi o caso de Alves e Patrocínio. Ele recorreu a um sólido conjunto de argumentos que colocam as citadas personagens como vozes que protagonizaram o movimento abolicionista no meio literário e político, cuja luta colaborou sobremaneira para a libertação das populações escravizadas do Brasil.

> Castro Alves cantou, transpondo para os seus versos todo o profundo sentimento que, mais tarde, abalaria, em peso, a nacionalidade brasileira. [...] Depois dele, esparsos e poucos, surgiram os abolicionistas, a princípio. Depois, avolumaram-se. Formaram uma caudal imensa. José do Patrocínio tornou-se logo o centro irradiador do movimento. “Patrocínio não era mais um homem, era uma causa”. (CASTELLO BRANCO, 1936, p.36, grifo do autor).

Naquele pronunciamento, colocou-se em discussão a contribuição de duas figuras conhecidas em seus respectivos campos de atuação, que influenciaram intensamente o movimento de libertação dos cativos no Brasil.

Em *Primícias Literárias*, as obrigações cívicas dispensadas às moças e moços estudantes era um item permanente na agenda de orientações das escolas, por meio de seus programas de ensino e atividades realizadas, na considerada grande imprensa e na imprensa estudantil que veiculavam enunciados dessa natureza, além de noticiar os eventos voltados para a exaltação da memória e valores patrióticos. A revista publicou o programa de festividades em comemoração à semana da pátria do Colégio Sagrado Coração de Jesus, cuja primeira atividade foi a realização de uma sessão cívica em homenagem à independência do país, que a revista informou da seguinte forma:

> Este importante e conceituado estabelecimento de ensino realizou uma solene sessão cívica em homenagem à magna data da nossa Independência, que se comemora amanhã. Aberta a sessão pelo Revmo. Pe. José Luiz Barbosa, zeloso capelão e competente professor do Colégio, as alunas das 4ª e 5ª séries executaram com muito brilho e inteligência o bem organizado programa que publicamos abaixo. Representando o corpo docente daquela casa de educação usaram da palavra, sendo muito aplaudidos pela assistência o digno professor Argemiro Gameiro, que produziu uma bela oração patriótica e o Exmo. Sr. Des. Simplício Mendes, que com a autoridade e proficiência por todos conhecidas discorreu magnificamente sobre os sentimentos de patriotíssimo. Ao encerrar a sessão o Revmo. Pe. José Luiz Barbosa ainda proferiu algumas palavras de elevado amor à Pátria. (COLÉGIO, 1938, p.s/n).

A mencionada sessão foi o ponto de partida do programa cívico festivo da escola em celebração da semana da pátria, composto de 25 ações desenvolvidas pela classe estudantina da escola. Este mesmo programa difundido em outros noticiosos da capital, entre os quais o Diário Oficial do Estado.

Programa da festa em comemoração à Semana da Pátria

1. Canto orfeônico – cantar para viver;
2. Abertura da seção pela quintanista Maria do Amparo Araújo;
3. Abertura do grêmio pela quintanista Maria Yvone Araújo;
4. Poesia – Margens do Ipiranga, pela quintanista Haidée Rosa da Silva;
5. Preleção sobre psicologia – o caráter, pela quintanista Magnólia Amorim;
6. Canto, pela quintanista Maria Yvone Bandeira
7. Preleção sobre Instrução Moral e Cívica – Solidariedade, pela quintanista Flora Angélica Rubim Couto;
8. Poesia – Independência ou Morte! pela quintanista Delfina Mendes;
9. Preleção de Didática – Iniciativa, pela quartanista Maria Cândida Martins;
10. A banda vocal, por todos os alunos;
11. Preleção sobre Didática – A educação como fator do progresso, pela quintanista Benvinda dos Santos Nunes;
12. Canto patriótico, pela quintanista Tiêta Brito;
13. Saudação referente ao 7 de Setembro, pela quintanista Grací Veloso;
14. Diálogo sobre a Bandeira, pela quartanista Maria do Socorro Costa e Anatália Sá;
15. Preleção sobre Metodologia, pela quintanista Amália Nunes;
16. Canto – Cruz Vermelha, pela quintanista Ernestina Leal;
17. Preleção sobre Psicologia – A imaginação, pela quintanista Albertina Vaz;
18. Canção Matinal – o despertar, por todas as alunas;
19. Saudação referente ao 7 de Setembro, pela quintanista Josefina Demes;
20. Canto – Minha Bandeira, pela quartanista Ninfa Fonseca;
21. Poesia – As cinco estrelas, pela quartanista Judite Martins;
22. Quadros históricos, pela quartanista Maria Heloisa e Maria de Jesus Monteiro;
23. Encerramento da seção do 4º ano, pela quartanista Raimunda Silva;
24. Encerramento da seção do 5º ano pela quintanista Ana Rita de Carvalho;
25. Hino Nacional a duas vozes, pelas alunas das 4ª e 5ª séries. (PROGRAMA, 1938, p.s/n).

Celebrar o “Dia da Pátria” era uma atividade cívica recorrente nas escolas daquele presente. A mobilização em torno das comemorações demonstra a seriedade com o tratado do tema e a importância que tinha na escola e na formação da identidade patriótica da mocidade,

conforme sinaliza o trecho de uma preleção de psicologia que refletia sobre o caráter, realizada durante o programa destacado.

> O caráter do brasileiro é nobre, leal, altivo e hospedeiro; cabe, portanto, a vós professores e nós futuras professoras, orientar a mocidade e gerações futuras, tornando-as dignas dessa rica e poderosa nação, onde nos fala de grandeza e prodigalidade. Trabalhamos para que nosso estremecido Brasil, seja admirado, não só pelas maravilhas que o Criador lhe presenteou, mas, pela intelectualidade de seus filhos. Importa muitíssimo cultivar o patriotismo, esse sentimento acendrado que nos leva a trabalhar pelo engrandecimento, pelo progresso e integridade da Pátria. O patriota não é somente aquele que, num gestou de coragem e abnegação morre pela Pátria ou se cobre de louros nos campos de batalha; mas, todos os que cooperam em bem da Pátria. Desde o sábio que se ocupa em profundas investigações, ao humilde labrador que de enxada em mão sulca a terra, pródiga e fecunda. Ser brasileiro é elevar bem alto o nobre do Brasil, é incutir no espírito dos nossos irmãos, o amor, a dedicação e o patriotismo ao nosso portentoso e grandioso país. É, para que nossos votos de paz e prosperidade possa realizar-se, em breve, elevemos aos céus as nossas ardentes preces que são os únicos canais por meio dos quais obteremos essa chuva de graças que fertilizará cada vez mais o solo de nossa amada Pátria. (PRELEÇÃO, 1938, p.s/n).

Em *Voz do Estudante*, "[...] não passavam despercebidos os heróis nacionais, os homens que se destacaram na história da pátria através das atuações nas atividades políticas, militares e nas letras. Cada data cívica era relembrada e comemorada" (FARIAS, 2015, p. 113). Foi assim que o espírito pátrio aflorou em comemoração à Independência do Brasil:

> O acontecimento que hoje festejamos em todo o território nacional recorda um dos episódios mais emocionantes da nossa história. O movimento que empreenderam os nossos antepassados, há 120 anos atrás, com o intuito de dá aos seus compatriotas uma condição de vida compatível com as suas aspirações, enchem de orgulho o espírito de todos os brasileiros. [...] Olha para o passado do nosso exército. Inspira-te nas tradições dos teus avós e prova ao mundo do que és capaz quando impunhas as tuas armas em defesa das causas justas. Nenhum passo atrás! (SANDES, 1942, p.1).

Números da revista apareceram em celebração ao Dia da Pátria, como foi o caso das edições de 7 de setembro de 1942 e 1943, cujos números teceram homenagens aos responsáveis pelo movimento emancipatório, seus feitos e a data da independência, como se pode ver nos títulos de alguns artigos sobre a Independência. A figura abaixo contém títulos de alguns artigos relacionados à efeméride.

Figura 42 – Títulos de artigos de *Voz do Estudante* sobre a Independência do Brasil

Fonte: *Voz do Estudante*, n.7 e 12, 1942.

A respeito desses enunciados, Viriato de C. Neto destacou que "o Sete de Setembro evoca nas festas luminosas da história nacional um feito majestoso: a Emancipação do povo brasileiro da Corte Portuguesa" e evocou outros homens e acontecimentos que contribuíram para a emancipação.

> Tiradentes é um dos mil desses astros. Sua vida foi como uma passagem de um meteoro. Deixou, porém, atrás de si um rastro de luz feérica para servir de guia a todas que alimentam no espírito como a sua. [...] A conspiração pernambucana de 1789 é, também, um desses corpos celestes a demandar luz, calor e energia sobre toda a posteridade. É a personificação altiva do patriotismo infiltrando numa descendência um exemplo indelével. E, assim, uma infinidade de fatos comprovativos. Diante destas considerações que o passado foi um punhado de heroísmo e uma afirmação cabal e completa de patriotismo e virilidade. (VIRIANTO NETO, 1942, p.45).

Como se pode notar, o texto expressa a ideia de processo de emancipação incluindo outras tensões e movimentos como a Inconfidência Mineira (1789) e a Revolução Pernambucana (1817) que colaboraram para o desfecho da Independência de 1822, elucidando que a libertação do Brasil do domínio português se deu por meio da continuidade dessas e de outras ações idealizadas por muitos cidadãos que almejavam essa ruptura. A propósito do movimento mineiro, a figura de Tiradentes foi rememorada um pouco antes, em *Raios de Luz*, que exaltou seus ideais e o sentido de seu sacrifício contra o domínio lusitano.

> O sonho de independência encontra guarida franca na alma da nossa gente e cedo surgiram os grupos de patriotas. São muitos e ardorosos. Nenhum, porém iguala a TIRADENTES no heroísmo e na abnegação. TIRADENTES não foi somente um patriota, não soube apenas morrer pela pátria. Mas do que isso, é o símbolo do patriotismo e do heroísmo da raça. (TIRADENTE, 1940, p.26, grifos da autoria).

O mártir mineiro também foi exaltado em *Zodíaco*. Além de homenagem prestada na edição de 21 de abril de 1945, em outros números seu nome estava diretamente associado à

Independência, sendo sempre considerado idealizador e mártir da libertação política do Brasil. O artigo ‘21 de abril', de Antero Cardoso Filho, aluno do Ginásio Dr. Demóstenes Avelino´, reverbera acerca do lugar que Tiradentes ocupa no processo de libertação da nação brasileira. Dessa forma, procura, através do exemplo de patriotismo do mártir da Inconfidência Mineira, chamar a sociedade para rememorar o passado de bravura e vigor, para se impor diante das tensões postas naquele momento. Segundo ele,

> O seu amor infinito, a sua carinhosa dedicação aos interesses da Pátria, em prol de cuja liberdade trabalha tenazmente, não pode deixar de merecer o nosso reconhecimento, a nossa gratidão. Não poderia, por conseguinte, o dia 21 de abril deixar de ser comemorado, pois que, assim, ficariam no olvido os serviços relevantes prestados à nossa Pátria por esse homem de excelsas qualidades que, por isso mesmo, terá o seu nome gravado “in aeternum” na mente de todos os homens de bem. E, devido a isso, é esse dia considerado feriado, evocando-se, nas solenidades que no decorrer do mesmo se realizam, os feitos gloriosos e inolvidáveis daquela fulgurante personalidade. O Brasil precisa, principalmente agora que a honra nacional se sente ameaçada, de homens da têmpera de Tiradentes, modelo de bravura, sinceridade e patriotismo. (CARDOSO FILHO,1944, p. 14).

Voltando a *Voz do Estudante*, essa revista também refletiu sobre o sentimento de liberdade idealizado por Tiradentes e consolidado com a emancipação de 1822:

> A liberdade que havíamos conquistado, resultante, naturalmente, da soma acumulada de tantos sacrifícios, abria novos horizontes à sociedade brasileira para os seus grandes rasgos de audaciosas realizações. Uma onda de otimismo sacudia o organismo nacional, impelindo a nação recém-nascida para o palco dramático da luta pelo futuro. Assim, assumimos o nosso posto de honra no campo da liberdade. Confiados na capacidade de nossas forças, já tantas vezes postas a serviço da Pátria, entramos para o convívio das nações livre com o firme propósito de empregar todas as nossas atividades para o êxito do Brasil nos diferentes departamentos de suas atividades. E não fracassamos. (*VOZ DO ESTUDANTE*, 1943, p.3).

Homens públicos valiam-se desses veículos para conduzir e manter certo alinhamento com a juventude, pois “manter uma boa relação com os estudantes era imprescindível para a manutenção da ordem do estado centralizador [...]” (FARIAS, 2015, p. 88). Um dos mecanismos para exercer tal controle eram as práticas cívicas, o estímulo e exaltação às questões pátrias. As linhas abaixo retratam o espírito patriótico disseminado entre os estudantes, que, no qual, os filhos da nação deveriam se inspirar:

> Brasil, é a ti que falo, a ti Brasil glorioso, “filho de três raças fortes”. A este Brasil em cujo solo não há mais sinais de miséria, tudo é belo, é feliz, é forte, é rico, é simples, é amplo, é meigo.... A este Brasil em cujo céu não há sinais de sinais de negrura, tudo é claro, é lindo, é brilho, é manso, é puro, é grande, é santo. Brasil, é neste momento de dúvidas e alucinações, que te quero falar, a tí Brasil heróico, “filho de três raças fortes”. A este Brasil em que a natureza deixou todos os seus

> bens, dando-lhes homens bravos, cultos, fortes, firmes, gratos, ágeis, leais... (GONÇALVES NETO, 1942, p.30).

De igual modo, a exaltação ao Piauí evidenciava uma tentativa de inserir o Estado no cenário de desenvolvimento e progresso vivenciado nos maiores centros do país. Tais iniciativas contribuíam para a formação da identidade nacional e local, fortalecendo o sentimento cívico patriótico da mocidade estudiosa. Podem ser tomados como ilustração os versos de J. Cavalcanti, intitulados "Piauí", contidos no número 4, de 25 de dezembro de 1941.

Piauí

Terra fecunda, progressista e rica!
Enquanto as mais velavam tu dormiste
E agora o mundo inteiro glorifica
Teu belo modo como ressurgiste!

Teu povo trabalha e não se mortifica
em lutas vãs. O seu valor consiste
no Trabalho sensato E frutifica.
e as maiores pressões sempre resiste

Com o teu trabalhador e ordeiro povo
e o teu renascimento espantador
és a glória maior do Estado Novo!

Sinto-me cheio de contentamento,
e tenho mesmo um orgulho abrasador
de em ti surgir com teu ressurgimento!
(CAVALCANTI, 1941, p.4)

As revistas adotavam várias estratégias para promover os valores defendidos pelas instituições a que pertenciam. Neste intento, lançavam mão de homenagens a personalidades nacionais e locais, do passado e daquele presente, celebravam efemérides, definindo-se também como espaço de memória coletiva (HALBWACHS, 1990), que revisitavam aspectos de homens e feitos do passado, para construir um sentido de pertencimento à unidade nacional e de valorização da Pátria. Segundo o autor, essa evocação do passado necessita de um sentido comum. Ele diz que

> Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta construção se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. (HALBWACHS, 1990, p. 34).

A revista *Zodíaco* procurava evocar um passado modelar e, ao mesmo tempo, celebrar um presente promissor, cada edição da revista era dedicada a homenagear uma personalidade considerada relevante para a formação do espírito dos estudantes, da sociedade letrada piauiense e de todos. “Havia em cada edição de *Zodíaco* uma data comemorativa e uma figura em destaque” (FARIAS 2015, p. 139). O quadro 20 detalha as datas de cada edição e os homenageados de suas capas.

Quadro 20: Datas comemorativas e homenageados em *Zodíaco*.

EDIÇÃO	DATA	HOMENAGEADO
6	19 de abril de 1944	Presidente Getúlio Vargas
7	3 de maio de 1944	Interventor Leônidas Melo
8	11 de junho 1944	Dom Severino Vieira de Melo
9	14 de julho de 1944	General Charles de Gaulle
10	7 de setembro de 1944	D. Pedro I
11	16 de outubro de 1944	Igreja de Nossa Senhora dos Remédios (Piripiri)
12	1 de dezembro de 1944	Prof. Felismino de Freitas Weser
13	21 de abril de 1945	Tiradentes
14	20 de maio de 1945	Força Expedicionária Brasileira (F.E.B)
15	14 de julho de 1945	Revolução Francesa
16	7 de setembro de 1945	D. Pedro I
17	24 de outubro de 1945	Tenente Andrade Poti
20	1 de maio de 1947	Não consta

Fonte: O autor, 2022.

Governantes, clérigos, heróis de guerra, heróis da Pátria e personagens da história universal estavam entre os homenageados convertidos em modelos de líderes, inteligência, coragem, civilidade e amor aos valores da nação. O sentido de cultivo a esses valores e as figuram responsáveis pelo progresso dos povos estavam postos naquelas capas, como se os responsáveis pelas edições dissessem ao seu leitor: “essa figura fez/faz muito pela sua nação, lutou, deu seu sangue, ofereceu habilidades para progresso do seu povo. “É seu dever fazer o mesmo!” As representações postas em *Zodíaco* pertenciam a uma política de construção da nacionalidade que estava na agenda daquele momento, que, desde o advento do Estado Novo, em 1937, operava mecanismos que buscavam despertar uma cultura cívica vibrante naquela sociedade. A respeito dessas questões, Parada (2009) argumenta que

> A cultura cívica construída pelo regime de 1937, preocupada com a “pacificação” e a “civilidade”, demarcou uma nova relação entre as esferas institucionais do poder e a vida privada da população, principalmente o público urbano. A definição de uma temporalidade cívica, a construção de ícones nacionais, o uso da propaganda e dos meios de comunicação delimitaram, daí para frente, algumas das fronteiras de uma nova cultura política brasileira. (PARADA, 2009, p.10).

O estímulo à cultura cívica não se restringia às publicações escolares. Outros periódicos também adotavam, evocavam e celebravam o passado, de acordo com as concepções que defendiam. *Zodíaco*, do mesmo modo que *Voz do Estudante*, mantinha relações estreitas com o Estado. Isso fica muito evidente na segunda revista cujos sinais mais recorrentes se faziam presentes nas capas que homenageavam datas e homens que protagonizaram efemérides e contribuíram para a construção do Piauí e da nação.

Não se pode perder de vista o fato de que a imprensa passava por rigoroso controle do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), em âmbito nacional e órgãos similares nos estados, o que resultou numa intensificação da propaganda do Estado, personificado na figura de seu líder. Ao mesmo tempo em que se homenageavam os dirigentes nacionais e locais, também se estimulava a celebração do passado através das datas cívicas do calendário nacional e mesmo aquelas comemoradas em caráter local. Martins e Luca (2006, p.66) afirmam que

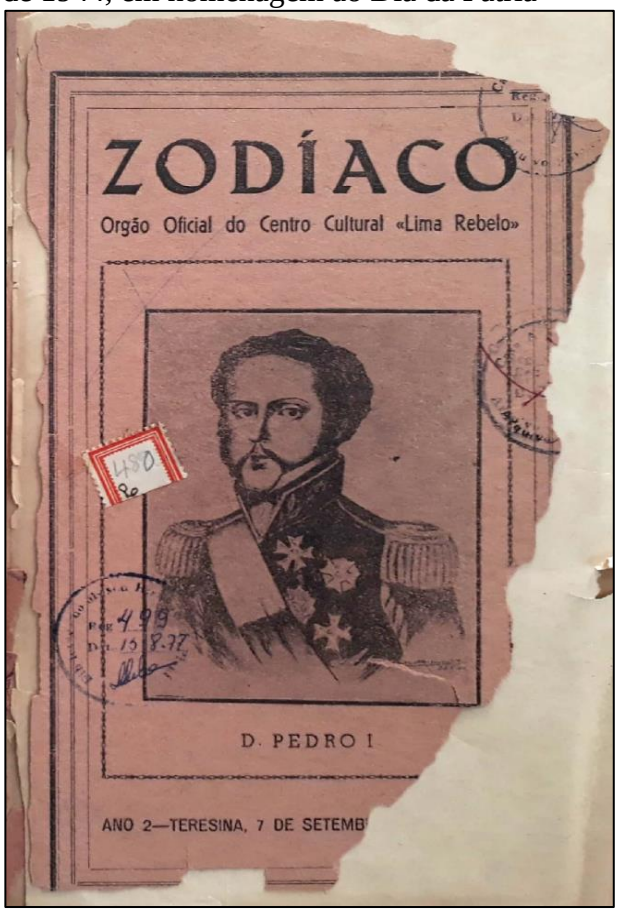
> Cabia-lhe centralizar, coordenar, orientar e superintender a propaganda nacional interna e externa; promover e organizar atos comemorativos oficiais e festas cívicas; realizar a censura prévia de jornais, revistas, cinemas, teatros, livros e diversões públicas, tais como festas populares, circos, bailes, bilhares, esportes, espetáculos e exposições; cadastrar todas as empresas e funcionários envolvidos com a comunicação.

Na edição de 7 de setembro de 1944, a efeméride foi tratada como o resultado da tomada de consciência de que o povo brasileiro poderia se dirigir por si mesmo. A partir disso, teria brotado um sentimento de liberdade com pretensões de livrar o território rico e vigoroso da dominação portuguesa. Por esse motivo, inscreve-se na tradição das comemorações da chamada "Grande Data". Na apresentação daquele número, pode-se conhecer um discurso de reverência às lutas e homens que se propuseram a sonhar por uma nação livre do domínio português.

> O grito do Ipiranga foi o último ciclo da revolução brasileira, em prol da nossa independência política. [...] O nosso passado de lutas, rematada sempre, em cada investida retumbante, pelo sacrifício dos heróis, é a página brilhante da história pátria, enchendo-nos de orgulho, porque víamos, nos vultos que tombaram pelo ideal sagrado, delinear-se a imagem do Brasil liberto, rebentado com ousadia as cadeias da escravidão. E de conquista em conquista, de vitória em vitória, fomos vencendo todos os obstáculos considerados insuperáveis, para terminarmos a jornada gloriosa às margens de um riacho, quando de peito forte do Príncipe irromperam as palavras redentoras por que tanto aspiramos. Íamos viver separadamente. Éramos uma nação. Tomávamos parte no concerto Internacional – modestos de começo, para desfrutarmos um lugar de destaque, hoje, no mundo civilizado. (O GRITO, 1944, p.3).

Recordar a emancipação da nação sugeria aos estudantes e leitores daquele momento uma identidade com um passado de glórias, conquistas e homens destemidos que lutaram por um país vigoroso e grande. O exemplo do passado serviria de estímulo ao patriotismo presente naquela geração, formada por uma mocidade estudiosa e promissora, que investia na educação, chave para a prosperidade.

Figura 43 – Edição de *Zodíaco* de 7 de setembro de 1944, em homenagem ao Dia da Pátria



Fonte: Arquivo Público do Piauí

No momento em que a edição foi lançada, soldados brasileiros, com a participação de piauienses, encontravam-se em campos europeus junto a forças aliadas ocidentais que lutavam, sobretudo, contra as forças nazistas. Segundo a revista, a coragem e o patriotismo que resultou na independência da nação seria lembrado como exemplo naqueles campos pelos bravos soldados que defendiam os destinos da nação brasileira, conforme o fragmento a seguir:

> Nesta hora de tantas emoções patrióticas, vibrando por todos os quadrantes da imensa Terra de Santa Cruz, o Dia da Pátria será relembrado também, nos campos

> sangrentos da Europa, por nossos valorosos soldados, com todo o ardor de seu patriotismo, de sua bravura, já experimentada, repelindo o inimigo que tenta oferecer-nos. Ali como aqui, estamos de olhos voltados para os destinos maravilhosos da maior potência da América do Sul. (O GRITO, 1944, p.3).

Aquele número, mesmo sendo dedicado à Independência do Brasil, era composto por matérias que contemplavam os mais variados temas. Estavam em sua pauta perfis de professores, matérias sobre o Dia dos Estudantes, história nacional e internacional, personagens históricos, crítica literária, contos, poemas, entre outras matérias de interesse dos estudantes e do público leitor. Em outra ocasião, Manoel Paulo Nunes ainda convida o leitor a reconhecer o sacrifício daqueles que se dedicaram a lutar pela soberania do povo brasileiro, ao mesmo tempo em que fez um chamado para que seus contemporâneos saíssem da condição de inércia. Em sua chamada, ele escreveu, "Ergamos hoje do fundo das consciências um hino sincero de reconhecimento aos bravos heróis que se sacrificaram na luta pela nossa liberdade. E levantemos desta prostração todas as nossas grandes esperanças, todos os nossos grandes ideais" (NUNES, 1944, p.16).

O número 16 da revista, lançado ao público em 7 de setembro de 1945, sugestivamente, também tratou de celebrar a independência do país, com alguns artigos dedicados à comemoração daquela data. Entre os referidos artigos, encontram-se: "A parada da nacionalidade", de J. Ribamar de Oliveira; "Uma grande data", assinado por Ribeiro Magalhães e "Uma testemunha histórica", de autoria de Zelina Area Leão Carvalho. A data da independência foi posta como resultado de um longo processo que envolveu importantes personagens, alguns dos quais, pagaram com a própria vida o ousado sonho de ter sua pátria livre do domínio colonizador, como foi o caso de Filipe dos Santos e Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes), precursores da Independência, assim como José Bonifácio, considerado um dos principais mentores do projeto de emancipação. A data celebrada deveria servir de estímulo para que a mocidade empreendesse suas conquistas através da educação. Dessa maneira:

> 7 de setembro nos deu uma grande liberdade. Liberdade que deve ser preservada sob todos os aspectos. Não basta a aparência. 7 de setembro é como um incentivo para a conquista de novas liberdades e uma presença encorajadora para a partida em busca de melhores dias. Dia pleno de luz e cheio de esperança. É esta uma tarefa de todos. Os que lutaram nos campos de batalha já deram a sua grande contribuição. Os que batalham nos campos de estudo devem se alistar na Grande Cruzada. Porque é uma tarefa principal da mocidade esta Grande Cruzada de redenção da Pátria. (*ZODÍACO*, 1945, p.3).

Em “A parada da nacionalidade”, J. Ribamar de Oliveira escreveu um ufanista tributo ao aniversário da pátria independente, em que exalta o passado glorioso e os sonhos de liberdade, progresso e grandeza dos construtores dessa nação. Do mesmo modo, externa o sentimento que acreditava pairar sobre o povo brasileiro naquele momento de culto à nacionalidade. Segundo o autor,

> O Brasil completa anos hoje. Todos nós o fazemos também, porque somos a Pátria corporificada. Todos os brasileiros que sabem exaltar com acendrado amor à terra bendita de nossos avós. Todos nós que honramos a nacionalidade e persistimos, vigorosamente, em qualquer época e em todos os climas, na bonança ou na tormenta, na luta indômita e edificante pelos ideais democráticos numa base justa e verdadeira de independência político-social, capaz de realizar os urgentes e inadiáveis anseios de nosso povo, que perduram na aspiração e dormitam quase na inércia primitiva. (OLIVEIRA, 1945, p. 6).

A “parada da nacionalidade” foi bem representada em um trecho do artigo em que o autor recorre a um tipo de crônica histórica na qual narrou o desfile de um conjunto de personagens responsáveis pela idealização e processo de emancipação da pátria. Desfilaram juntos com eles políticos, militares, juristas, literatos e outros intelectuais considerados construtores dos alicerces do Brasil do passado e daquele presente. Leia:

> O grito do Ipiranga está fremente em nosso ser. Ele ressoa dentro de nós, vindo do passado pelas quebradas da imensa Pátria. O Brasil de ontem fala ao de hoje na voz imortal dos seus ancestrais. Perfilemo-nos estáticos ante a nossa evocação, pois ao ruflar dos tambores cadenciantes de nossa imaginação passa transfigurado o cortejo dos imortais vultos da nacionalidade. Eles desfilam diante do Brasil festivo e repleto de soluções supremas. Eles nos fitam cheios de confiança e exigem a união para que o edifício majestoso de nossa história não se macula ou se esbarroe. Eles passam. É a suntuosa parada da nacionalidade. Vede: eles marcham ao som de todos os hinos da Pátria e debaixo do “auriverde pendão da esperança”. Todos irmanados e altivos, laureados com os ideais de liberdade que sustentaram, lutaram e morreram. Tiradentes vai à frente como pronto mártir da independência. Pedro I com o punhado de bravos gritando “Independência ou morte”, e com eles o exército libertador. Atenção! Caxias, o grande Duque pacificador e embasador da nacionalidade, passa. A ele seguem-se bravos: Tamandaré, Osório, Barroso, Marcílio Dias, todos os militares do passado que com o arrojo e o destemor invocaram a Pátria nos momentos difíceis. Todos passam: Pedro II com sua comitiva envolta na “democracia coroada”. Deodoro proclamando a República, e seus dignos sucessores. Na multidão imortal vêm os juristas, poetas, escritores políticos, inventores, todos os heróis da Pátria: Feijó, Andradas, Seabra, Castro Alves, Gonçalves Dias, todos os poetas, estes cantores eternos da liberdade: Rio Branco, Constant, Patrocínio, Rui, Isabel, todos os maiores da nacionalidade.Santos Dumont passa voando nos seus aviões precursores. É enfim o Brasil do passado altaneiro no presente duvidoso. Eles filtram o presente. Procuram os frutos de seus sacrifícios, de sua obra e nada vislumbra de decisivo. Somente paira sobre a Pátria a eterna aspiração. O mesmo anseio de crescer, subir, alcançar as fraldas da montanha. Eles construíram os alicerces de uma grande Pátria, iniciaram uma grande obra com suor e sangue. Eles olham o Brasil do presente e seus líderes. Fitam o céu de anil e enxergam a miríade infinita de astros a iluminar e espaço brasileiro e no meio dos fulgures célicos deparam estrelas fulgentes a refletirem nos grandes líderes do povo,

> que vão aclamar todos os caminhos do progresso nacional. Transfiguram-se e seguem. (OLIVEIRA, 1945, p. 6-7).

Debaixo do som dos tambores da memória, "o Brasil do passado altaneiro [desfila] no presente duvidoso" e, segundo o narrador, buscando perceber os frutos alcançados pelos sacrifícios dessa plêiade de personagens que dedicaram seus esforços para ver e ter um Brasil grande, vigoroso e ocupante dos lugares mais dignos entre as nações. Em uma estratégia de exaltação e civismo, diz ainda que os edificadores do passado enxergam nos líderes daquele presente, os responsáveis pelo desenvolvimento nacional. O tema comemorado continua presente em outros artigos da edição. Em "Uma grande data", Ribeiro Magalhães insere a efeméride de 7 de setembro de 1822 como desfecho de um processo cuja semente foi plantada e idealizada nas Minas Gerais dos inconfidentes, liderados por Tiradentes, em 1789. Para o autor, o movimento conspiratório chamado de Inconfidência Mineira, por sua vez, teria surgido sob a influência da emancipação das colônias inglesas na América do Norte, de 1776. Vivia, portanto, a população brasileira a emergência de sua libertação de Portugal.

> O sangue de Tiradentes derramado no solo pátrio foi como uma semente nova plantada em terra fecunda – depois de trinta anos, chegou de fato o dia de nossa independência. Foi realizado o sonho dos inconfidentes de Minas. Foram, em verdade, concretizados os dizeres do lema dos conspiradores. Daquela mesma semente nasceu uma pequena árvore, que brotou, cresceu, e veio nos dar como ainda como ainda nos está dando os frutos que serão para sempre: liberdade, paz, progresso. Foi no dia 7 de setembro de 1822 que se deu o grande acontecimento que tanto alimentaram os inconfidentes: a independência de nossa Pátria. É o dia 7 de setembro a maior data nacional. É a mais significativa e importante efeméride para o povo brasileiro, sendo cognominado o "Dia da Pátria". E o Brasil, hoje, soberbamente, comemora mais um aniversário desse grande fato, dessa grande vitória. (MAGALHÃES, 1945, p.15).

"Uma testemunha histórica" foi o título de uma crônica histórica de Zelina Area Leão Carvalho, que narrou o famoso Grito do Ipiranga ocorrido na tarde de 7 de setembro de 1922, quando o Príncipe Regente retornava de Santos para o Rio de Janeiro. "D. Pedro lê a correspondência, mas não pode resistir às exigências e, aproximando-se da margem do riacho, rodeado pela comitiva, desembainha a espada e arrancando do chapéu o laço azul e branco se fez ouvir naquelas paragens longínquas a 7 de setembro de 1822" (CARVALHO, 1945, p.33).

Geração foi outra revista que se empenhou em divulgar conteúdos voltados para a formação da nacionalidade. Suas páginas eram utilizadas como espaços de propaganda cívica e de exaltação à pátria. Isso pode ser percebido em textos como "Pátria", de Guadalupe Lima, "A conquista final", de Álvaro Ferreira e "Sete de Setembro – Dia da Liberdade", de Itamar

Brito. A título de exemplo, o poema “Pátria”, exposto abaixo, exaltou diversos aspectos da realidade brasileiras:

> **PÁTRIA**
>
> É a casinha humilde, engrinaldada de roseiras brancas onde nascemos!
> É... estas verdes serras altaneiras, que nas tardes de verão dão à monotonia de um mês de outubro, júbilo de frescura e amor!...
> É a igreja tosca, onde tantas vezes nos conduzia a crença de nossas mães, implorando à Virgem pela felicidade de nossos país!
> É a escola ode aprendemos a ler sob os cuidados paternais dos velhos mestres!
> Pátria!....
> É este canto azul do céu, onde o Cruzeiro abre os seus braços de brilhantes; são as montanhas altaneiras atirando para as encostas a sua juba verdejante; são os campos intérminos que o tropeiro atravessa entoando a canção monótona; são esses rios caudalosos despenhando dos andes para o atlântico.
> Pátria!...
> É o pendão auriverde conduzindo os nossos bravos sob palmas de metralhas e d Vitória!...
> É a melodia que se esconde no boje da viola dos sertões; é a jangada do caboclo valente que não teme o canto da sereia, nem as noites de tempestades!...
> É a dor que redime; é a justiça que enaltece; é o desejo de lutar; é o orgulho de vencer!...
> Pátria!...
> É a côdea de pão com que se mata a fome; é a gota d’água com que se mata a sede!...
> É a esmola que se dá; é a prece que se faz; é o sofrimento que se conforta; é a traição que se desmascara; é a afronta que se repele!...
> Pátria!...
> É uma nesga do céu; é um pedaço de chão; é viver em liberdade; é não sentir a escravidão!...
> Pátria!...
> É o poema que o índio traçou com o tacape da força; é a beleza da noite que chegou no navio negreiro; são as pegadas dos gigantes de bota de sete léguas que trouxeram as araras chilreantes das primeiras bandeiras invasoras!...
> Pátria!...
> É a gente bronzeada da minha terra castigada de sol e de trabalho.
> Quanto mais pobre, mais feliz!...
> Quanto mais preta, mais honesta!...
> Pátria!...
> É o pracinha que tombou nos campos gelados da Itália longínqua, para que todos os homens fossem livres e iguais; para que cada estrela da nossa bandeira fosse um poema de glória e cada poema de glória uma estrela no céu!...
> Pátria!...
> É a pobreza esquelética da minha imaginação, impressa na rudeza dolorosa dos poemas que escreve para os mocos felizes da minha terra!... (LIMA, 1945, p.s/n).

O poema leva a uma reflexão sobre a exaltação da Pátria, partindo das coisas simples presentes no cotidiano dos lugares e dos sujeitos ali vinculados, buscando produzir uma consciência de que pertencimento e identidade não estavam associados apenas a um passado glorioso, mas também aos lugares aos quais se pertencia. Era, portanto, uma forma de estimular o amor, o orgulho e o sentimento patriótico dos estudantes através de valores que engrandecem a Nação.

A Independência do Brasil figurava entre as principais representações da memória e identidade da nação. A exaltação da nacionalidade ainda esteve presente no pronunciamento de Álvaro Ferreira, imprimidos em páginas de *Geração*, em que um trecho destaca:

> Nada, porém, nos havia de resfriar o entusiasmo, porque somos, pesar da educação política que recebemos, uma gente dotada de profundo sentimentalismo, ligado a esta terra tão boa, rica, apresentando um cenário maravilhoso, com sua variedade de clima, seus rios selvagens, descendo em catadupas colossais, rumo à planície calma e serena que afronta o mar para um abraço harmonioso, como dois irmãos que se entendem na hora agradável do encontro. Este sentimentalismo a que me referi forjou o amor à Pátria. Continuamos vivendo independentes, repelindo os inimigos quando se faz oportuno, respeitando os direitos dos outros, enfim vivendo vida nacional. Avançamos, crescemos, e este século que estamos passando será o da conquista final. Depende apenas da mocidade que se vem preparando nas escolas, esta mocidade aureolada de inteligência, cultura e arraigado patriotismo. São vocês, que confiamos a grande obra, aparentemente pesada, mas gloriosa para que todos sejam os pioneiros das nobilíssimas vitórias, em prol de uma nação maior. (FERREIRA, 1945, p.10).

A fala do literato elucida um sentido patriótico que transcende a ideia de exaltação dos feitos de personagens eleitos pela memória da nação como heróis e construtores da Pátria. O que se viu naquele pronunciamento de Álvaro Ferreira em 7 de setembro de 1945 foi a celebração e admiração da paisagem da nação, a liberdade do povo e o estímulo à mocidade estudiosa como responsáveis pelo direcionamento do país na rota do seu engrandecimento. *Geração* publicou também uma palestra de Itamar Brito sobre a emancipação do Brasil, em que lamenta o fato de o Brasil ainda não ter conquistado sua autonomia. Ele disse que "[...] hoje quando comemoramos o 123º aniversário do auspicioso acontecimento desse dia em que nossos maiores num arroubo de heroísmo proclamaram a nossa independência, é de lamentar que ainda não possamos *in totum* essa independência [...]" (BRITO, 1945, p.43).

A efeméride de 13 de maio de 1888 (assinatura da Lei Áurea) decretou a libertação da escravidão do Brasil, também, era lembrada e considerada como uma das principais conquistas sociais até a época da sua promulgação. Isis Nogueira Paranaguá Fontenele foi a autora de "13 de maio", na edição de 20 de maio de 1945. Em sua escrita destaca que aquela conquista foi resultado da atuação de uma militância que agremiou intelectuais, políticos e literatos. Portanto, a simbologia da abolição, protagonizada pela Princesa Isabel, estaria acompanhada do movimento de homens que se valeram da imprensa, do parlamento e da literatura, para manifestar o caráter desumano de manter um homem cativo. "A assinatura do ato que extinguiu, no Brasil, a escravatura, a 13 de maio de 1888, no ministério João Alfredo, pela princesa D. Isabel, conquistou a mais avançada conquista social do país, até então". (FONTENELE, 1945, p.35).

Entre os defensores da abolição, foram mencionados Rui Barbosa, Luiz Gama e Castro Alves, ou seja, "oradores e poetas pregavam e cantavam a necessidade de liberdade para o homem de cor. O homem pelo seu direito à liberdade e inviolabilidade individual não podia continuar escravo" (FONTENELE, 1945, p.35). Segundo a autora, a libertação da escravidão no Brasil resultou na extinção da "grande nódoa que maculava seus foros de civilização e de dignidade" (FONTENELE, 1945, p.35). Portanto, as personagens que, de distintos modos, lutaram, ao lado de Isabel, em favor da liberdade dos negros escravizados eram tidos como heróis da nação: "Aos homens que souberam na tranquilidade da paz, no labor do estudo, incansáveis e resolutos, conquistar esta glória imarcescível para o Brasil e veneração de todos os brasileiros – preito de todos os homens dignos". (FONTENELE, 1945, p.35).

Zodíaco celebrava feitos, lutas e conquistas do passado. Governantes, líderes e heróis contemporâneos foram consagrados em suas páginas. Foi o caso dos já mencionados Getúlio Vargas e Leônidas Melo. Mas, o retorno dos soldados piauiense dos campos de batalha da Europa[97] foi realçado pela revista como os maiores exemplos de bravura e patriotismo. É possível perceber, nos enunciados, que o impresso acompanhava aqueles conflitos. Em vários artigos se observa a preocupação dos seus autores com as tensões ocasionadas pela guerra. Na edição de 16 de outubro de 1944, João Marinho publicou um longo artigo que analisava a situação dos conflitos e previa que o fim da guerra estaria próximo com a vitória das nações aliadas, "para o completo coroamento da obra inspirada nos melhores propósitos de paz e prosperidade dos *líderes* aliados" (MARINHO, 1944, p.35).

Em 1945 a revista comemorou o retorno dos soldados piauienses para casa. A narrativa sobre o regresso os colocava na condição de heróis e exemplos de coragem e espírito patriótico. A edição de 20 de maio de 1945 dedicou sua capa a homenagear a Força Expedicionária Brasileira, devido ao fim da guerra e a vitória das forças que o Brasil integrava. No texto comemorativo, Manoel Paulo Nunes, entre outras manifestações, celebrou o fim dos conflitos bélicos da seguinte forma:

> Maio de 1945 trouxe para o mundo em trevas a grande vitória da Liberdade. Seis longos anos a Europa gemeu sob a destruição, o ódio, o desespero e a morte de milhões. Porém, maio surgiu como a estrela no deserto a iluminar a estrada dos magos da liberdade. [...] maio, enfeitado das mais lindas flores, trouxe a Aurora para os homens livres, trouxe o crepúsculo para os tiranos. [...] É preciso que agora os povos livres aproveitem a Grande Experiência. Milhões e milhões de irmãos tombaram pela implantação de uma nova ordem social e política. É preciso que dos escombros do Mundo Velho levantemos os alicerces do Mundo Novo. Mundo de

[97] Para saber mais a respeito da participação do Piauí na Segunda Guerra Mundial ver: LIRA, Clarice Helena Santiago. *O Piauí em tempos de Segunda Guerra*: mobilização local e as experiências do contingente piauiense da FEB. Jundiaí-SP, Paco Editorial, 2017.

> Liberdade, de Igualdade e de Fraternidade. Mundo de Redenção. (NUNES, 1945, p.3).

Com os fins da guerra, a expectativa voltava-se para o retorno dos filhos da pátria e a revista tratou de acompanhar esse processo, noticiando, desde os preparativos até a chegada no Brasil e, em seguida, no Piauí e o modo como foram recepcionados em suas localidades. Os títulos das matérias revelavam o sentimento de orgulho e a imagem heroica que os combatentes despertaram. "A glorificação dos heróis", "O regresso dos heróis", "Heróis e santos" e "Homenagem dos heróis" foram alguns dos títulos que representavam o caráter glorioso da trajetória daqueles soldados nos campos de batalha da Europa.

> [...] na Itália também o destemor e heroísmo de nossa gente foram demonstrados em espetáculos dantesco de heroicidade no fragor tremendo e medonho das batalhas. Basta citar, como exemplo, dentre muitos, o feito glorioso do bravo Ten. Poti, filho da abençoada terra piauiense, que honrosamente regressou à Pátria. "feliz, coberto de glórias", ostentando no peito a medalha do "Sangue do Brasil", cintilando nas cicatrizes das feridas provocadas pelos mortíferos estilhaços das granadas inimigas, "o hino de uma vitória". (MELO E FREITAS, 1945, p.17)

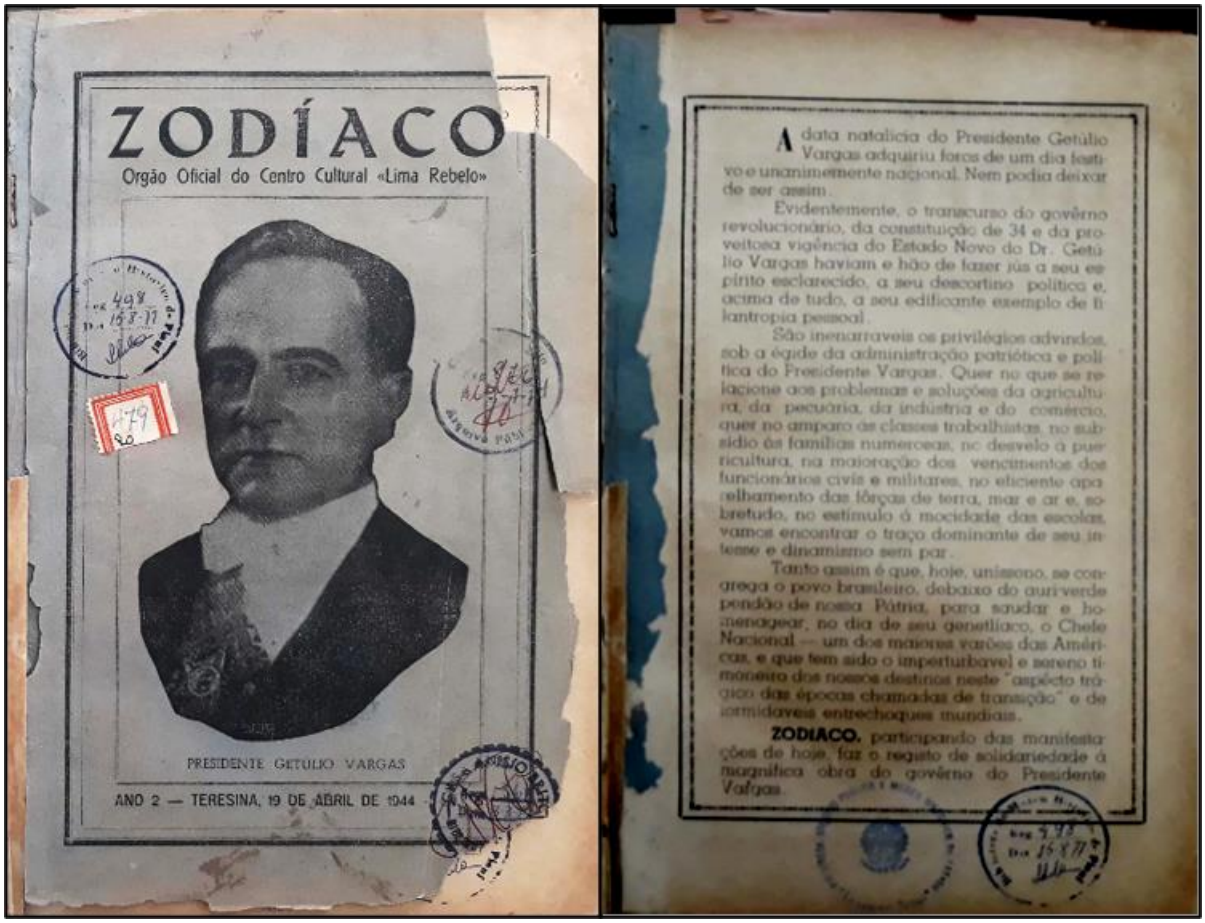
Tenente Antônio de Andrade Poti[98], considerado símbolo de bravura e heroísmo, compôs a capa da edição de 24 de outubro de 1945 de *Zodíaco*. Segundo a edição, o ano de 1945 trouxe a paz e "à Pátria os filhos alistados nos exércitos da liberdade" e destaca ainda que "o Piauí, que também contribuiu com a sua parcela de sangue para a depuração do organismo vacilante da humanidade, não pode fugir a essa vibração contagiante com o retorno dos filhos, dos heróis da Terra" (*ZODÍACO*, 1945, p.3), porque "cada um desses soldados que regressam é um herói. Porém os que morreram pelo Brasil são mais que heróis, são santos!" (SALDANHA, 1945, p.19). Efemérides, mártires e heróis do passado e do presente compuseram as páginas dessas revistas evocando figuras consideradas construtoras e defensoras da Pátria.

3.2.4 Culto aos governantes

[98] Em entrevista concedida a Sebastião Rogério de Barros da Ponte, em 1º de novembro de 1975, Antônio de Andrade Poti, relata que ingressou no Exército Brasileiro com 2º Tenente do 25º Batalhão de Caçadores em Teresina e quando foi convocado para integrar as F.E.B, era estudante do 3º ano do curso de medicina. Ficou conhecido pela coragem e inteligência nos campos de luta na Itália, onde participou das batalhas de Rocca Pitigliana, Santa Maria Vigiliana e Montese. Nasceu em Teresina em 16 de maio de 1921.

Entre 1930 e 1945 uma prática que se tornou muito comum no meio escolar e até mesmo social foram as cerimônias em homenagem ao dirigente da nação. Por todos os cantos a figura de Getúlio Vargas era festejada em datas referentes às suas ações, como o 10 de novembro, em que se festejava o chamado *Dia da Revolução Brasileira*, o 1º de maio, alusivo ao *Dia do Trabalhador* e, mesmo não estando oficialmente instituído no calendário cívico, o aniversário do presidente, na data de 19 de abril, também era muito celebrado em várias partes do país. "Não faltam exemplos de análises e depoimentos, produzidos no calor dos acontecimentos, que louvavam as renovações em curso. E, de fato, tornou-se frequente a associação entre o regime instalado em 1930 e a ideia de Brasil moderno" (LUCA, 2006, p.101). A figura 44 destaca uma edição de *Zodíaco* em comemoração ao aniversário do líder da nação.

Figura 44 – Capa e nota de abertura da sexta edição de *Zodíaco* (1944) em homenagem ao Presidente Getúlio Vargas


ZODÍACO

Orgão Oficial do Centro Cultural «Lima Rebelo»

PRESIDENTE GETULIO VARGAS

ANO 2 — TERESINA, 19 DE ABRIL DE 1944

A data natalicia do Presidente Getúlio Vargas adquiriu foros de um dia festivo e unanimemente nacional. Nem podia deixar de ser assim.

Evidentemente, o transcurso do govêrno revolucionário, da constituição de 34 e da proveitosa vigência do Estado Novo do Dr. Getúlio Vargas haviam e hão de fazer jús a seu espírito esclarecido, a seu descortino político e, acima de tudo, a seu edificante exemplo de filantropia pessoal.

São inenarraveis os privilégios advindos, sob a égide da administração patriótica e política do Presidente Vargas. Quer no que se relacione aos problemas e soluções da agricultura, da pecuária, da indústria e do comércio, quer no amparo às classes trabalhistas, no subsídio às famílias numerosas, no desvelo à puericultura, na majoração dos vencimentos dos funcionários civis e militares, no eficiente aparelhamento das fôrças de terra, mar e ar e, sobretudo, no estímulo á mocidade das escolas, vamos encontrar o traço dominante de seu interesse e dinamismo sem par.

Tanto assim é que, hoje, uníssono, se congrega o povo brasileiro, debaixo do auri-verde pendão de nossa Pátria, para saudar e homenagear, no dia de seu genetlíaco, o Chefe Nacional — um dos maiores varões das Américas, e que tem sido o imperturbável e sereno timoneiro dos nossos destinos neste "aspécto trágico das épocas chamadas de transição" e de formidáveis entrechoques mundiais.

ZODIACO, participando das manifestações de hoje, faz o registo de solidariedade á magnífica obra do govêrno do Presidente Vafgas.

Fonte: Arquivo Público do Piauí

A imagem de Getúlio Vargas foi complementada com um texto que festejava a data de nascimento do presidente exaltando o percurso do seu governo e as transformações que proporcionara ao longo do tempo:

> A data natalícia do Presidente Getúlio Vargas adquiriu foros de um dia festivo e unanimemente nacional. Nem podia deixar de ser assim. Evidentemente, o transcurso do governo revolucionário, da constituição de 34 e da proveitosa vigência do Estado Novo do Dr. Getúlio Vargas havia e hão de fazer jús a seu espírito esclarecido, a seu descortino político e, acima de tudo, a seu edificante exemplo de filantropia pessoal. São inenarráveis os privilégios advindos sob a égide da administração patriótica e política do Presidente Vargas. Quer no que se relacione aos problemas e soluções da agricultura, da pecuária, da indústria e soluções da agricultura, da pecuária e do comércio, que no amparo as classes trabalhistas, no subsídio das famílias numerosas, no desvelo a puericultura, na maioração dos vencimentos dos funcionários civis e militares, no eficiente aparelhamento das forças da terra, mar e ar e, sobretudo, no estímulo à mocidade das escolas, vamos encontrar o traço dominante de seus interesses e dinamismo sem par. (A DATA, 1944, p.3).

O enunciado enfatiza um conjunto de ações em distintos setores da economia e destaca o estímulo e avanços empreendidos junto à educação da juventude, fazendo do impresso um canal de propaganda e legitimação do governo.

A forte disseminação dos meios de comunicação, através do rádio, cinema, e a profusão de revistas revelavam uma tentativa de ampliar os espaços de relações de sociabilidade, de promoção cultural (DUTRA, 2013) e de propaganda dos agentes de poder que, a partir do Estado Novo, com maior controle da imprensa, viram nos meios de comunicação um instrumento eficaz para construção da imagem de uma nação forte, moderna e em rota de desenvolvimento, construída a partir de seus competentes e carismáticos líderes. Para Capelato,

> Durante o período, foram organizados órgãos de controle e representação dos atos e ideias. A peça fundamental era o Departamento de Imprensa e Propaganda, que tinha amplos poderes sobre os meios de comunicação e se encarregava da organização da propaganda. Foi com o advento do Estado Novo que o governo sentiu, mais fortemente, a necessidade de investir na propaganda. (CAPELATO, 2009, p.80).

O rádio e a imprensa periódica, controlada pelo DIP e DEIP foram os principais dispositivos de propaganda utilizados pelo governo federal e pelos governos estaduais, assim como a maioria das revistas e jornais escolares que circularam na época seguiam as orientações dessas agências, aderindo assim, ao projeto de construção da nacionalidade através da exaltação de seus líderes, das potencialidades e valores defendidos pela nação. Nesse sentido,

> O DIP iria concentrar e coordenar a comunicação social do Estado Novo. Com a obtenção consenso em torno do novo regime implicava na necessidade ao aumento de coerção e imposição ideológica, foi com esse sentido que a comunicação se dirigia aos diferentes segmentos da sociedade. (GOULART, 1990, p.17).

Naquela edição, a revista publicou uma seção infantil dedicada às homenagens a Getúlio Vargas. Nela, alunos de ensino primário de várias escolas de Teresina tecem dedicatórias ao chefe da nação pela passagem do seu natalício, em que procuram exaltá-lo e ao mesmo tempo agradecer-lhe pelos serviços prestados à nação. A seção era composta de cinco textos cujos títulos eram os seguintes: Presidente Vargas; O maior homem do Brasil; 19 de abril; A Getúlio Vargas – o amigo das crianças, a minha modesta homenagem e Getúlio Vargas – sua personalidade e administração. As homenagens remetem às estratégias de divulgação da imagem de Vargas que buscava sustentar-se por meio do apoio das massas principalmente através da construção da imagem de um líder aliado às camadas mais populares. Dessa maneira,

> [...] a construção da figura de Vargas, como o grande condutor da nação, ganhou forte impulso no decorrer do Estado Novo. Essa tendência vinha desde os primeiros tempos de sua presidência quando, em 1931, foi criado o Departamento Oficial de Publicidade. Na sistemática escalada do Estado para controlar a informação e promover, ao mesmo tempo, a figura do chefe da nação, um marco sempre lembrado é a instituição do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão diretamente ligado à presidência da República. (FAUSTO, 2013, p.103).

O Departamento de Imprensa e Propaganda não media esforços para promover uma imagem do presidente associada à ternura e competência. As crianças e a juventude eram peças fundamentais nesse empreendimento. Essa condição tornou-se corriqueira, estimuladas pelos seus agentes, alinhados ao Estado, dava luz ao líder e seus feitos. Durante o Estado Novo, por todo o país, celebrava-se o seu natalício e a imprensa escolar dedicava páginas e edições à festejada data. A seção infantil de *Zodíaco* é um bom exemplo acerca da questão. Em um dos primeiros escritos se pode ler:

> **Presidente Vargas**
>
> Falar sobre o Presidente Vargas é e deve ser motivo de orgulho para todas as crianças brasileiras, pois ele muito tem feito por elas, procurando dar-lhes mais conforto e mais carinho, afim de que o Brasil de amanhã, que a estas mãozinhas infantis de hoje será confiado, seja mais forte, mãos unido e maior enfim, aos olhos das outras nações.
> Chego a pensar: ele foi pequenino, foi criança como eu sou e hoje é um grande brasileiro, é o nosso grande Presidente, que conduz o Brasil numa atmosfera de trabalho organizado, prosperidade e progresso verdadeiro. [...] Eu Brasileirinha do

> Norte que sou, sinto-me envaidecida, por poder prestar esta insignificante homenagem ao estimado Presidente do Brasil – O grande Getúlio Vargas. (SILVEIRA, 1944, p. 35).

Em "Presidente Vargas", a estudante Delza Batista da Silveira, aluna do 4º ano do Grupo Escolar Barão de Gurguéia, fez uma homenagem afetuosa ao presidente, na qual é visível o seu orgulho e admiração pelo presidente, chegando a afirmar que todas as crianças do país o conhecem e o tomam como modelo a ser seguido, atribuindo-lhe a condição de um líder que dispensava preocupação e cuidado às crianças, por se tratar daqueles que iriam conduzir o futuro da nação. Chama a atenção também o fato de a estudante ter lido o livro "*Getúlio Vargas para crianças*"[99], que pertencia às ações do DIP, com vistas a promover a imagem do líder junto das crianças, evidenciando o caráter patriótico e disciplinador da educação promovida no período.

No texto "O maior homem do Brasil" Eleusina Lopes Castelo Branco, aluna do 2º ano do Grupo Escolar José Lopes, celebra o aniversário do presidente, destacando o seu merecimento pelo título "amigo das crianças", justificado por seus cuidados com os pequenos. Para a estudante, seus cuidados para com as crianças eram legitimados através de suas ações com destaque para a construção de escolas, jardins de infância, asilos para a infância desamparada e auxílio aos pais de famílias numerosas. Além disso, destaca também seu caráter patriótico naquele contexto bélico, em que as forças brasileiras se empenhavam junto às nações aliadas para derrotar o nazismo. O texto pode ser, portanto, compreendido como uma nota de reconhecimento e gratidão dedicada ao presidente, no dia do seu natalício.

Em "19 de abril" foi a vez da aluna da "Escola Modelo Artur Pedreira", Vilma Nunes da Silva prestar sua homenagem ao chefe da nação. O seu texto diz o seguinte:

> **19 de abril**
>
> Data natalícia do nosso Presidente Dr. Getúlio Vargas, quero homenageá-lo, narrando com minhas palavras de criança, tudo o que tenho ouvido falar sobre o muito que este grande homem, simples e bom, tem feito para o engrandecimento de nosso querido Brasil. Nos seus últimos anos de governo, o Brasil tornou-se um dos mais importantes países, pela sua indústria, comércio e instrução. Foi criada a

[99] De acordo com Schmitz e Costa (2017, p.393), a cartilha "foi escrita por Alfredo Barroso, ilustrada por Francisco Dias da Silva e editada em 1942. Publicada pela Empresa de Publicações Infantis Ltda., no Rio de Janeiro, e financiada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda". Para mais informações ver: SCHMITZ, Zenaide Inês; COSTA, Miguel Ângelo Silva da. Educação, infância e nacionalismo: uma abordagem a partir das cartilhas escolares "Getúlio Vargas para crianças" e "Getúlio Vargas: o amigo das crianças". Revista Linhas. Florianópolis, v. 18, n. 36, p.377- 404, jan./abr. 2017. Disponível em: https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/19847238183620173 77/pdf . Acesso: 17 dez. 2021.

.

> grande fábrica siderúrgica na Volta Redonda e vamos ter também uma outra para construção dos nossos aviões. É o Brasil um país rico. Temos extraído do seu solo toda a matéria prima necessária para a guerra atual. Por ser a criança de hoje o homem de amanhã, visa o Presidente Dr. Getúlio Vargas torná-la sadia, forte e instruída, para que no futuro saibam compreender bem a grande responsabilidade da Pátria. Para o bem-estar da criança brasileira, será instalado com todo o país o Departamento da Criança. O Brasil, ao lado dos Estados Unidos e dos outros países aliados, muito tem trabalhado para a vitória das Nações Unidas. (SILVA, 1944, p.36).

Repare que a estudante tece sua homenagem pontuando o reconhecimento que o país vinha recebendo devido ao desenvolvimento de alguns setores como o campo siderúrgico, de aviação e a existência de um rico manancial de matérias-primas no solo brasileiro, utilizado, inclusive, na indústria bélica, devido ao conflito mundial. Enxerga-se, dessa maneira, a ideia de que a figura de Getúlio estava associada a uma nação grande, forte e em ritmo acelerado de desenvolvimento cujo objetivo seria inscrever o país entre as grandes nações do mundo. Seguindo a análise das homenagens dispensadas ao presidente, Teresinha de Jesus Vieira Fortes, também estudante da Escola Modelo Artur Pedreira, define o presidente como o amigo das crianças da seguinte maneira.

> **À Getúlio Varga – o amigo das crianças, a minha modesta homenagem**
>
> Gosto muito do nosso Presidente Dr. Getúlio Vargas. Por essa razão estou muito contente pela oportunidade que tenho de mostrar a minha sincera admiração por ele. Com efeito, os verdadeiros brasileiros devem se orgulhar de ser orientados por um chefe que reúne todas as qualidades necessárias a um administrador exemplar. É o Dr. Getúlio Vargas possuidor de uma grande inteligência orientado pelo mais generoso coração. É simples e bom principalmente grande amigo das crianças. Tudo tem procurado fazer em nosso benefício. Assim é que criou leis de amparo e proteção à família, assegurando o bem-estar de milhares de brasileiros, que sob sua proteção hão de formar um Brasil cada vez mais forte e valoroso. Fundou ainda a Juventude Brasileira com o fim de nos unir no mais fraterno abraço. Tem criado número de escolas e asilos para crianças desamparadas, mostrando um interesse especial pelas classes humildes. Gosto de ver sua fotografia nas revistas e nos filmes, sempre cercado de crianças pelas quais mostra especial carinho. Sou nortista, legítima piauiense, mas confio que ainda realizarei um grande desejo: ir ao sul, conhecer a "Cidade Maravilhosa" e ver de perto, bem de perto o sorriso simpático do Presidente Vargas e poder dizer com orgulho que conheço o MAIOR HOMEM DO BRASIL. Marchemos com Getúlio Vargas, para a frente, para melhores dias, para um Brasil maior e para a vitória da nossa causa. (FORTES, 1944, p.36, grifos da autora).

A maneira como a estudante define o presidente, como administrador exemplar, homem inteligente, coração generoso e amigo das crianças, era resultado de uma construção de sua imagem junto às massas, amplamente divulgada nos meios de comunicação. Durante a fase autoritária, por exemplo, "os periódicos acabaram sendo obrigados a reproduzir os

discursos oficiais, a dar ampla divulgação às inaugurações, a enfatizar as notícias dos atos do governo, a publicar fotos de Vargas" (CAPELATO, 2009, p.86).

A educação e formação de uma infância e juventude disciplinada e patriótica estava na agenda do governo varguista, manifestada nos calendários cívicos, no currículo escolar especialmente em disciplinas como Educação Moral e Cívica, Educação Física e Canto Orfeônico e em várias publicações do DIP voltadas para a infância e juventude (PARADA, 2009). *Getúlio Vargas: o amigo das crianças* e *A juventude no Estado Novo* são dois interessantes exemplos da arquitetura de construção da imagem do presidente junto às crianças e jovens que passaram a ser olhados também como agentes políticos do regime. As políticas empreendidas junto a este público, como expansão do ensino, construção de escola e a criação do Departamento Nacional da Criança vinculado ao Ministério da Educação e Saúde, reforçaram a ideia de Vargas como protetor da criança. Sobre a criação do Departamento Nacional da Criança, a cartilha *Getúlio Vargas:* o amigo das crianças[100], destaca que

> Criando esse novo órgão, o Sr. Getúlio Vargas provou que a sua dedicação às crianças, derivando do seu amor ao Brasil, é uma demonstração cabal de que constrói o presente com os olhos voltados para o futuro, confiante no poder realizador das gerações que hoje desabrocham para a vida e que amanhã serão a viga mestra da nacionalidade. (CRIANDO, 1940, p.6).

Percebendo a importância desse público, o governo utilizou-se de vários expedientes para produzir uma formação daquela geração em sintonia com a atuação do Estado. Segundo Parada (2009, p.40-41),

> O jovem nacional foi preocupação constante das políticas públicas do Estado Novo, e sua presença nas cerimônias cívicas era tão constante quanto a dos trabalhadores ou dos militares, os três principais públicos a que as cerimônias estavam dedicadas [...]. Sua inserção no imaginário político do Estado Novo se fez a partir de discursos e ações que viam a juventude como recurso e reserva política que deveria ser cuidada.

A Segunda Guerra mundial, em curso naquele momento, foi uma marca presente nas homenagens prestadas ao líder, atribuindo-lhe o papel de protetor da nação em face dos investimentos no desenvolvimento das forças militares brasileiras para defender a Pátria e, ao mesmo tempo, colaborar com as forças aliadas no propósito de derrotar a Alemanha nazista. A esse respeito, *Zodíaco* publicou matérias, em forma de poemas e crônicas para homenagear

[100] Disponível em: <https://www.fgv.br/cpdoc/exposicao-virtual/dip/getulio-vargas-amigo-criancas/>. Acesso, 14 jun. 2021.

a Força Expedicionária Brasileira (FEB) e até mesmo uma edição especial sobre os heróis piauienses que participaram dos conflitos contra as forças inimigas na Itália[101].

A série de homenagens foi finalizada com o texto de Carmem Lúcia Barguil, aluna do 3º ano da Escola Modelo Artur Pedreira. Com o título "Getúlio Vargas – sua personalidade e administração", a estudante mescla elementos de sua administração e da sua vida pessoal para demonstrar sua gratidão pela condução da nação e o trabalho desenvolvido em favor da infância, conforme pode ser observado na sua íntegra:

> **Getúlio Vargas – sua personalidade e administração**
>
> 19 de abril!
> Dia em que o Brasil, de norte a sul, vibra de entusiasmo e com grande razão. Todos os brasileiros, nesse dia, procuram demonstrar, à sua maneira, a gratidão e a estima que dedicam ao Dr. Getúlio Vargas, o nosso querido presidente, que tem sabido governar com amor e abnegação o nosso Brasil. E, nesses quase 14 anos, o Dr. Getúlio Vargas tem mostrado o seu valor aliado à capacidade de dirigir os destinos da grande nação brasileira, pois os seus esforços, sempre coroados de êxitos, secundados por uma inteligência completa, fazendo do nosso atual chefe um dos maiores presidentes, entre os presidentes do mundo. É Getúlio Vargas filho da terra gaúcha de gente robusta e destemida. Nasceu em S. Borja, no longínquo R. G. do Sul, e ali cresceu forte e sadio, vivendo sempre com a natureza, de onde talvez lhe tenha vindo esse caráter enérgico que se patenteia a cada passo. Na sua excelente administração, a infância tem-lhe despertado grande interesse e é o ponto para onde convergem os seus maiores esforços: para ela cria escolas, orfanatos e instituições várias que se destinam a sua proteção, sendo nesse gesto ajudado pela sua esposa D. Darci Vargas, coração magnânimo que tantas vezes temos apreciado. Dr. Getúlio Vargas tem assim satisfeito as nossas aspirações de povo livre, pelo muito que tem feito para a grandeza do Brasil e felicidade do povo brasileiro. Por tudo isso devemos ao digno presidente de nosso país, a maior parcela de gratidão e afeto que houver em nossos corações. Eis porque pedimos a Deus que o guie e abençoe como o tem feito até hoje. Assim venceremos. (BARGUIL, 1944, p.36-37).

Assim como nas notas anteriores, as ações do governo junto à infância foram novamente assinaladas, mencionando alguns destaques no campo educacional e da assistência às crianças desvalidas. Chama mais atenção ainda a representação da figura de Getúlio Vargas entre os estudantes que procuram demonstrar sua gratidão, admiração e amor ufano ao líder da nação. Como já foi dito, isto também se devia à propaganda que as agências do governo foram construindo acerca de sua imagem em diferentes instituições e meios de comunicação. Escolas estavam entre os principais lugares dessa propagação, que através de livros, cartilhas, leituras e de várias outras atividades, legitimavam o papel e as ações desencadeadas pelo governo.

---

[101] Sobre a participação de soldados piauienses na Segunda Guerra ver: LIRA, Clarice Helena Santiago. O Piauí em tempos de Segunda Guerra: mobilização local e as experiências do contingente piauiense da FEB. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.

> Nesse sentido, percorrendo o conteúdo e as ilustrações das cartilhas observou-se a ampla gama de elementos presentes que permitem entender a concepção que o governo de Getúlio Vargas tinha em relação à educação e à criança. Ou seja, permite-nos ter acesso às representações de criança e aos modelos de comportamento considerados ideais para dado período e momento histórico. (COSTA; SCHMITZ; REMEDI, 2017, p.262).

Voz do Estudante destacou-se, também, por sua aproximação com os órgãos de governo. Suas aspirações estavam, de certa forma, alinhadas ao aparato ideológico do governo, do qual constantemente recebiam recursos financeiros para manter a instituição. Logo, a classe estudantil também procurava se articular com o governo como estratégia de manter a revista em circulação, devido ao seu elevado custo. Em um ligeiro exame sobre este periódico, Farias (2015) trata dessa questão da seguinte forma:

> Assim, na primeira página da Revista Voz do Estudante encontra-se a foto do interventor federal, Leônidas de Melo e Castro. Foi a forma que os estudantes encontraram para agradecerem o apoio recebido desse político que, segundo os mesmos, era também de caráter material, visto que custava caro a produção da revista confeccionada em São Luís, capital do Maranhão. (FARIAS, 2015, p. 109).

A ligação entre a revista, suas instituições de origem e o poder público foi encontrada em, basicamente, todos os números examinados. Homenagens aos líderes locais e nacionais, e divulgação de suas realizações estavam entre as estratégias utilizadas para demonstrar esse alinhamento. A figura 45, relacionada a homenagens prestadas pelas revistas *Raios de Luz (1940), Voz do Estudante (1940)* e *Zodíaco (1944)*, servem para ilustrar a relação entre a imprensa escolar e o governo local.

Figura 45 – Homenagens ao interventor federal Leônidas Melo

Fonte: *Raios de Luz* (1940); *Voz do Estudante* (1940); *Zodíaco* (1944).

Em *Zodíaco* o chefe do Estado foi homenageado na edição de 3 de maio de 1944, lançada em comemoração ao 9º ano do seu governo, inclusive com sua imagem estampada na capa daquela edição. A respeito do interventor escreveu o seguinte:

> O Interventor Piauiense, Dr. Leônidas Melo, é um dos homens de Estado do novo regime brasileiro que tem mantido esse contato permanente com o povo, auscultando-lhe as aspirações e as mais prementes necessidades, para, em seguida, com serena firmeza, movimentar a máquina administrativa de conformidade com as observações colhidas no seio das multidões. O 9º aniversário de seu fecundo governo, que hoje transcorre, não podia, pois, deixar de ser motivo de expansões jubilosas por parte do povo piauiense, que já se habituou a ver no preclaro homem público o administrador esclarecido e bem-intencionado, nem cultiva as paixões obliteradoras da consciência política. Zodíaco, solidarizando-se com as manifestações de regozijo dirigidas ao ilustre chefe do executivo estadual, presta-lhe as homenagens do seu respeito e da sua administração pela obra que vem realizando em benefício de nossa terra. (OS BONS, 1944, p.s/n).

A revista procurava, dessa forma, compor o quadro de instituições que dirigiam homenagens ao Interventor naquele momento. De acordo com Farias (2015), a principal finalidade da revista era educar e, "com isso, utilizaram a figura do interventor Leônidas Melo para abordar a educação no Estado e homenageá-lo. Na sétima edição, os estudantes comemoraram o nono aniversário da gestão desse político" (FARIAS, 2015, p.130).

Se a finalidade da revista era educar, para homenagear o interventor, ela publicou um interessante inquérito intitulado "O desenvolvimento educacional piauiense na administração Leônidas Melo", composto por depoimentos de professores de elevado respeito que, além de atuarem na docência, também ocupavam outros importantes cargos na esfera administrativa estadual. A relação dos que prestaram depoimento estava assim constituída: Waldir Gonçalves, Alceu Brandão, Alberoni Lemos, Maria Catarina Levrini, Antonio Castro, Álvaro Ferreira, Falcão Costa e Maria José Baptista. Além desse inquérito, Maria Dina Soares, Diretora do Grupo Escolar José Lopes, teceu sua gratidão ao interventor no texto "Um governo brilhante e fecundo", assim como Helí da Rocha Nunes, ao tratar da educação brasileira em suas distintas regiões, fez uma breve análise da educação piauiense com consideráveis elogios à administração de Leônidas Melo. Com relação às notas de tributo, Waldir Gonçalves[102] registrou sua admiração pelas ações desempenhadas por Leônidas Melo no percurso dos nove anos de sua gestão. Segundo ele,

[102] Professor de História Geral e História do Brasil, era à época Delegado Regional do Serviço de Defesa Civil do Estado.

> A sua administração, criteriosa e dinâmica, é digna de aplausos, sob quaisquer aspectos. Focalizando, aqui, de preferência, o âmbito educativo, sentimo-nos satisfeitos e orgulhosos em declarar, por ser de absoluta e inteira justiça, que o Piauí marcha galhardamente, razão por que figura, com alguns estados da federação, nesse importante setor, no primeiro plano. (GONÇALVES, 1944, p.7).

Tomando a atuação daquele governo na educação como linha de análise, o depoente comenta que uma das razões que explicava o forte investimento no setor se dava pelo fato de antes de tornar-se interventor, Leônidas era professor devotado às questões do ensino.

> Antes de assumir os destinos da coletividade que inteligentemente governa, empregando nessa nobilíssima tarefa o melhor de suas energias, o provecto estadista foi notável professor. Exercendo a cátedra com honestidade e zelo, competência e altruísmo, vendo no magistério um lídimo sacerdócio, pode o ilustre e integro compatrício, quando elevado à suprema magistratura piauiense, dedicar grande soma de favorecer ao ensino da mocidade, sendo as suas realizações, nesse sentido, merecedoras de gratidão e respeito. Da primária à superior, a instrução há recebido cuidados especiais, visando, tão e só, ao desenvolvimento cultural de seus conterrâneos. O amparo do governo não se limita, apenas, ao ensino público, mas, também, e com a mesma compreensão patriótica, ao particular. Fornecendo-lhes o apoio material, estimulando-os com o exemplo fecundo e sugestivo de sua reconhecida probidade, dedica-lhes, por fim, uma afeição sincera, que é, indubitavelmente, correspondida. Assim, na qualidade de professor, podemos dizer que a juventude saberá agradecer e retribuir esse nobre e elegante atitude, jamais olvidando o nome do seu estimado e culto bem- feitor. (GONÇALVES, 1944, p.7).

Como pode ser visto, mesmo de maneira superficial, Leônidas Melo desencadeou um conjunto de medidas na cultura e educação que colaboraram na consolidação da oferta de instrução pública no Estado. De igual modo, também se articulou com o ensino privado, amparando-o da melhor maneira para o seu aparelhamento.

Em outro depoimento concedido pelo professor Alceu Brandão[103], tratou das realizações educacionais desenvolvidas por quase uma década da gestão de Leônidas da seguinte forma:

> Entre nós, o crescimento das instituições escolares se faz, em vista da ação administrativa que as anima e ajuda, com vontade e firmeza. O valor quantitativo da nossa escola, conhecido em todo país, implicará necessariamente o aperfeiçoamento da técnica do ensino e a seleção dos profissionais do magistério. Ainda merece o Exmo. Sr. Dr. Leônidas Melo, Interventor Federal, os nossos encômios, pelo fato de haver criado no Piauí o Curso Especial de Educação Física. O ensino secundário, oficial e particular, vem recebendo o estímulo e o auxílio do governo. Onde Sua Excelência, mais uma vez, vislumbrou primeiro o problema, foi no entrever a necessidade da pesquisa pedagógica, tanto assim que instituiu o Serviço dessa natureza no Departamento do Ensino. As investigações a cargo do mesmo Serviço neste Estado suscitaram, no Rio, as melhores referências, pois tentam fixar a vida piauiense nos seus aspectos culturais ou educacionais. (BRANDÃO, 1944, p.8).

[103] Naquela ocasião o professor Alceu Brandão ocupava a chefia do Serviço de Pesquisa Pedagógica do Departamento de Ensino.

O depoimento de Alceu Brandão segue a mesma linha do anterior, tendo como base os benefícios destinados ao desenvolvimento das instituições escolares do ensino público e também privado[104] com desdobramentos impostos no aperfeiçoamento de professores e na inauguração de serviços de investigação pedagógica que visavam diagnosticar os problemas do ensino para buscar possíveis soluções.

Outros depoimentos também exploraram a ideia de avanço por meio da educação, sinalizando para as transformações experimentadas durante a interventoria de Leônidas Melo. A superiora do Colégio Sagrado Coração de Jesus, professora Maria Catarina Levrini comemorou os feitos daquele governo no campo educacional, afirmando que,

> O progresso verificado nesta terra, que é também a sua, forma o horizonte que a circunda num complexo de fraternal amparo: a soma dos benefícios distribuídos entre esta gente que ele cativou pelo coração, e um poema magnífico, cujas estrofes não cabem na moldura de breves e singelas frases. A Educação, que tem recebido do ilustre Interventor, cuidados especiais, nos traz à mente o quadro vivo de abundante seara, onde se vê impresso o gesto amplo do semeador, atirando, ali mãos cheias de sementes úteis. (LEVRINI, 1944, p.9).

O professor de Química e diretor do Colégio Estadual do Piauí (Liceu Piauiense), Falcão Costa também celebrou a atuação de Leônidas na educação piauiense, destacando a preocupação do governo em expandir e melhorar suas condições. Em face dos investimentos no setor, definiu o gestor como "amigo sincero e leal à mocidade", tal qual descreve o fragmento a seguir:

> A administração do Interventor Leônidas Melo tem sido caracterizada pela assistência permanente à educação quer primária, secundária ou superior, procurando difundi-la e melhorá-la, dotando os estabelecimentos de ensino meios necessários e adequados para essa finalidade. Catedrático do Colégio Estadual do Piauí, o Dr. Leônidas Melo é um dos mais destacados educadores piauienses e um amigo sincero e leal da mocidade. (COSTA, 1944, p. 10)

Homens que transitavam entre a docência, as letras e altos cargos públicos, além de representantes da imprensa também dedicaram honras ao interventor. As deferências aos nove anos de administração eram carregadas de reflexões a respeito da importância e do lugar ocupado pela educação, naquele cenário no qual o Piauí experimentava um conjunto considerável de transformações que o colocavam em um acentuado ritmo de crescimento.

[104] A oferta predominante das escolas privadas dava-se no ensino secundário que, naquela época, era ainda restrito a um pequeno segmento da população piauiense composto de filhos de grupos sociais que desfrutavam de melhores condições econômicas para patrocinar a continuidade de sua formação.

Álvaro [Alves] Ferreira, professor e literato, membro da Academia Piauiense de Letras, teceu suas homenagens, ponderando sobre o papel da escola e os elementos que considerava fundamentais no processo de formação do cidadão que eleva suas principais faculdades para a condução de sua vida. Para ele,

> A verdadeira política educacional será aquela baseada no processo formativo do indivíduo, sob o tríplice aspecto físico, moral e intelectual. Aliás, é no ambiente escolar, enquadrado nas normas da pedagogia científica, que o Estado conduz o homem às grandes realizações, desenvolvendo-lhe as faculdades de pensar e agir, corrigindo-lhe os defeitos, adaptando-o ao meio social, capaz, física e moralmente de vencer as vicissitudes da própria vida. Fator econômico da sociedade, o indivíduo torna-se pessoa, com todos os característicos de valor intrínseco, desde que seja amparado pelos poderes públicos. É o que vem realizando o governo Leônidas Melo, dentro das possibilidades orçamentárias, cônscio do cumprimento de um dever profícuo. Ninguém, por certo, negará o esforço empregado no sentido da aplicação dos métodos modernos, relativamente ao ensino popular, pelo eminente governante que, há nove anos, dirige o Piauí. (FERREIRA, 1944, 9).

Nos depoimentos, a imprensa foi representada por Alberoni Lemos, redator-secretário do jornal *Gazeta*. Novamente a administração de Leônidas Melo recebeu notas de cumprimentos diante dos trabalhos desenvolvidos junto à educação. O representante da imprensa destaca a construção de escolas como medida de combate ao analfabetismo, considerado como grande mal, constituindo um impedimento para o desenvolvimento do país. Segundo ele,

> Nos tempos atuais em que os objetivos dos povos estão voltados para a formação das gerações vindouras, não seria justo, nem admissível, ficasse o Piauí à retaguarda daqueles que veem na educação a forma correta de se resolver os problemas que entravam a marca da nacionalidade. O sistema educacional do Piauí é mais uma das vitórias da administração Leônidas Melo, e o grande número de escolas espalhadas por todo o Estado é o testemunho frisante de como nosso governo procura extirpar esse cancro que é o analfabetismo. E tudo é feito sem ostentação nem alarde. Essa, a grande razão da estima que goza entre seus governados o interventor (LEMOS.1944, p.8).

O depoimento mais extenso e mais detalhado do inquérito foi atribuído a Mário José Baptista, que, além de procurador geral do Estado, atuava como professor de Geografia Geral, História Geral e Economia. Para analisar o período celebrado, o procurador produziu um rápido balanço histórico das questões em volta da instrução no Estado, recuando aos períodos da emancipação da nação e da então província, para afirmar que, embora não se tenha obtido resultados satisfatórios, "as administrações públicas piauienses jamais se mostraram indiferentes à difusão da instrução pública" (BAPTISTA, 1944, p.10). Disse ainda que, muito embora o problema da instrução fizesse parte da agenda de governo, que destinava esforços

em encontrar possíveis soluções, examinando os casos, elaborando planos, com proposta de medidas a serem executadas, não se obtinha êxito e os "resultados minguados" eram atribuídos à falta de recursos. Dessa forma, diz o procurador: "A implacável falta de recursos aparecia, avassalava tudo. Impunha-se, então, a redução dos projetos, e aquilo que fora organizado para ser executado de uma forma, passara a ter outra execução. Muitas vezes foi certo o fracasso [...]" (BAPTISTA, 1944, p.11).

Segundo ele, essa situação só começou a ganhar novos contornos a partir da década de 1920 com a melhoria das receitas estaduais. Porém, mesmo com o registro de alguns avanços, os problemas educacionais persistiam e as alternativas desenrolavam-se lentamente. Mas,

> [...] a época revolucionária, isto é, a que vem desde 1930, caracterizou-se, nos meios governamentais piauienses, pela acentuada atenção com que a questão da educação popular e da instrução pública tem sido encarada. Não é preciso descer a muitas minudências e a muitas particularidades. Basta que apontemos alguns fatos e citemos alguns algarismos. A construção de edifícios escolares adequados e, convenientemente aparelhados, jamais cessou, em todos os recantos do Estado de tal sorte e de maneira tal que, hoje, nenhum exagero cometemos em asseverar que não há município piauiense desprovido de um melhoramento semelhante: a criação de estabelecimentos de ensino e de educandários jamais cessou, de modo que hoje, é sempre fácil a qualquer povo receber o ensino de que venha necessitar. (BAPTISTA, 1944, p.11).

O destaque dado pelo professor/procurador referenciava a política de construção de grupos escolares[105], que, talvez, tenha sido uma das principais medidas adotadas durante o período festejado da gestão de Leônidas Melo. O detalhamento das ações do governo sobre a construção de prédios escolares foi registrado nos relatórios do governo da interventoria e encaminhado ao presidente Getúlio Vargas (PIAUÍ, 1931-1935; 1936; 1937; 1938). O discurso a respeito do governo em favor da educação foi concluído com um balanço estatístico cujos dados, expostos pelo autor da homenagem, foram cedidos pelo Departamento de Estatísticas, a respeito da educação estadual, como mostra o texto a seguir:

> O número de escolas primárias do Estado, em 1942, era de 529; o de alunos matriculados ascendia a cifra de 44.307, e o de professores a de 925, segundo dados que, gentilmente, nos foram oferecidos pelo Dr. João Bastos, o operoso Diretor do Departamento de Estatística. O ensino profissional e secundário conta com 14 estabelecimentos, sediados em Teresina, em Parnaíba e Floriano. É ainda pertinente lembrar que a Faculdade de Direito, fundada em 25 de março de 1931, conta hoje, com a matrícula de 60 alunos. Vê-se, dessa rápida exposição, que os administradores atuais, e seus imediatos antecessores (Landrí Sales e Leônidas Melo) se outros

[105] Para saber mais sobre o processo de expansão da rede escolar primária através da construção dos grupos escolares no Piauí, ver: LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. *Superando a pedagogia sertaneja*: grupo escolar, escola normal e modernização da escola primária pública piauiense (1908 – 1930). 289f (tese) Doutorado em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001.

> títulos não tivessem para merecer nossa gratidão, teriam esse dever de serem fornecedores de nosso desenvolvimento cultural. (BAPTISTA, 1944, p.11).

As homenagens em comemoração, aos nove anos do governo de Leônidas Melo, aqui mencionadas, demonstram uma nítida vinculação da revista *Zodíaco* com a educação, que procurou celebrar a efeméride com um conjunto de depoimentos sobre as medidas tomadas no campo educacional. Importante destacar que as dedicatórias comemorativas recaíram apenas sobre as questões da educação, o que quer dizer que outros aspectos da administração, cujas condições não foram expostas, ficaram de fora da análise. Interessante também destacar que nos textos selecionados pela revista não constavam qualquer manifestação que contrariasse as feituras positivas do governo em favor do setor educacional.

Isso não implica dizer que não havia posições divergentes e críticas ao governo. Acontece que, durante aquele período, os impressos passavam pelo crivo de órgãos do governo responsáveis pela fiscalização daquilo que se desejava fazer circular. Dessa forma, *Zodíaco* mantinha uma estreita relação com o governo. Uma demonstração desse alinhamento foi perfeitamente ilustrada em um flagrante fotográfico do momento em que o professor do Ginásio Dr. Demóstenes, Avelino Armandino Nunes, foi recebido no Palácio de Karnak para entrega do exemplar da quinta edição de *Zodíaco* ao interventor.

Figura 46 – Apresentação de *Zodíaco*, pelo professor Amandino Nunes, ao interventor Leônidas Melo

Fonte: *Zodíaco*, ano 2. n.7, p.23, Teresina 3 maio 1944.

Perceba que, na figura, Leônidas Melo encontra-se em diálogo com o professor com a revista em sua mão direita. De acordo com Farias (2015), a imagem representava uma espécie de aliança com os interesses do governo que, em contrapartida, passou a auxiliar na manutenção dos periódicos. A autora argumenta que "daí em diante, os responsáveis pela publicação do periódico passaram a ser mais criteriosos na escolha das matérias, pois tudo o que era publicado deveria estar em sintonia com os interesses educativos do Estado" (FARIAS, 2015, p.131). Outro ponto importante percebido, a partir da figura 46, diz respeito à importância que a revista ocupava entre as classes estudantis, a sociedade letrada e os agentes políticos cuja recepção a transformou, talvez, no principal periódico do gênero no Estado, naquele período.

Voltando às celebrações dos nove anos de governo de Leônidas, Heli da Rocha Nunes produziu um artigo intitulado "Educação brasileira: o problema da educação no Brasil – Educação para o Norte e Nordeste – Educação para o Sul – Educação Piauiense". Na seção dedicada à educação piauiense, o autor argumentava que a penosa condição da instrução piauiense, ao longo de sua história, teria sido herança do Império "o descaso das coisas educacionais" e atribui os avanços alcançados naquele momento ao dirigente estadual.

Segundo ele, "Graças aos Céus e ao supremo Dirigente do Estado, que vem continuando a obra de seu ilustre antecessor [Landri Sales], a educação no Piauí, diga-se a verdade, alcançou notável desenvolvimento" (NUNES, 1944, p.20), que se dava mediante a seriedade com que o governo encarava as coisas do ensino, promovendo medidas de aparelhamento da rede escolar, especialmente através da construção de edifícios escolares. Assim, "[...] a invejável situação de que desfruta o Piauí no respeito à magna questão do ensino, basta por si mesmo à completa compreensão do modo como vêm encarando o problema educacional o Governo do Grande Interventor Leônidas Melo" (NUNES, 1944, p.20). Para justificar suas afirmações, o autor ainda apresentou alguns números que exemplificavam as transformações no campo educacional piauiense:

> 364 escolas no território piauiense, foram criadas, índice da eloquente atuação do brilhante governo que possuímos. E, se não basta a linguagem dos números que confirmam a criação de mais de 38 escolas anualmente, deixemos a posteridade o falar agradecido do Homem que num período agitado da vida nacional, vem conduzindo os destinos do Piauí, com a serena convicção de um Chefe. (NUNES, 1944, p.20).

O reconhecimento pelas ações do interventor no campo educacional era expresso nos escritos da revista. Destaca-se que as manifestações tratavam, quase que exclusivamente,

sobre a ampliação da rede escolar, ficando um conjunto de outras questões ligadas ao ensino à margem desses enunciados, revelando que a emergência daquele momento estava relacionada à oferta de escolas e de matrícula, com especial atenção para o ensino primário. Por conta disso, o governo Leônidas Melo teve destacada atuação nesse aspecto, pois, num estado que registrava elevadas taxas de analfabetismo, construir escolas era promover o acesso ao ensino e o combate ao analfabetismo. Daí, a perceptível falta de discursos relacionados a outros problemas como formação de professores, qualidade do ensino, concepções pedagógicas, métodos de ensino etc.

Mesmo assim, o sentimento daqueles que faziam reverências ao governo naquela edição de *Zodíaco* era de orgulho e gratidão pelos investimentos e trabalhos prestados à educação piauiense. Na maioria dos casos mencionados, os depoimentos foram de autoria de agentes ligados a esse campo, o que servia de chancela das medidas empreendidas. Uma dessas manifestações, de autoria da diretora do Grupo Escolar José Lopes, Maria Dina Soares, em "Um governo brilhante e fecundo", externa seu reconhecimento aos feitos daqueles nove anos de governo do interventor Leônidas Melo. A primeira parte do texto diz o seguinte:

> O clarão poético de uma aurora brilhante, cheio de esperança, surge com o alvorecer da límpida manhã de 3 de maio! É que nesse dia o Piauí congratula-se com a data festiva do 9º aniversário do governo brilhante e fecundo de S. Excia., o sr. Dr. Leônidas de Castro Melo. Fases de admirável progresso surgiram nesse período de tanta operosidade, de trabalho inteligente e bonançoso. Nove anos dessa administração parecem, aliás, tão pouco para o vulto de suas reconhecidas e proclamadas realizações, quer na Capital, quer no interior do Estado, atestando o dinamismo do Interventor Leônidas Melo com a colaboração dos seus imediatos auxiliares. Recentemente, vários melhoramentos foram inaugurados em alguns municípios. O problema da instrução tem merecido do ilustre Chefe de Estado a sua melhor e mais cuidada atenção. (SOARES, 1944, p.28)

Diante dessas manifestações, observa-se o caráter disciplinador e patriótico de *Zodíaco*, que se mostrava em perfeita articulação com o projeto de governo do Estado e da Nação e, por essa razão, servia como dispositivo de propagação das ações, projetos e ideias dos agentes do poder. Portanto, a prática de homenagear líderes e governantes parecia ser uma estratégia disciplinadora em que a propaganda de suas realizações, com vistas a promover o desenvolvimento do Piauí, se dava como forma de buscar a legitimação por parte de distintos setores da sociedade. Das medidas tomadas pelo governo, um bom exemplo para ilustrar essa condição foi a divulgação de um painel fotográfico com imagens das obras realizadas, ao longo dos nove anos de seu governo. Observe-se a figura:

Figura 47 – Painel fotográfico com exposição de realizações do governo Leônidas Melo

Fonte: Zodíaco, ano 2, n.7, 1944.

No centro do painel, em letras vermelhas quase ilegíveis, consta a frase “realizações do governo Leônidas Melo", revelando uma propaganda acentuada das realizações daquele governo no curso dos nove anos comemorados. Repare-se que há uma grande quantidade de fotografias relacionadas a construções de edifícios públicos, pontes, praças, pavimentação de ruas, construção de estradas, práticas esportivas, cerimônias e festividades cívicas, disseminando a ideia de que o apoio das massas ao projeto de transformação e modernização do Estado era representado, especialmente, através de um conjunto de realizações que ocorreram em Teresina.

Os governos municipais também foram homenageados. *Voz do Estudante* encarregou-se de homenagear o prefeito de Teresina, Dr. Lindolfo do Rego Monteiro. Um dos artigos recebeu o título de “O município de Teresina em face da realidade nacional”, publicado na edição de 14 de abril de 1941. Nele, encontra-se uma expressiva exaltação da administração do prefeito da capital, Dr. Lindolfo do Rego Monteiro. Segundo o artigo,

> A administração do município de Teresina entregue, em boa hora, à orientação firme, ponderada e inteligente do dr. Lindolfo do Rego Monteiro, espírito arguto de intelectual e médico especialista, há, sem dúvida, se caracterizado, pelas linhas gerais, pela objetivação de realizações técnicas, tendo como resultado uma série de melhoramentos, que se faz sentir, à luz da realidade, no aspecto citadino agradável, na feição social e administrativa da comuna. O dr. Lindolfo do Rego Monteiro, não é exagero que se afirme, se revelou, dentro de pouco tempo, um administrador à altura de nossas aspirações. (O MUNICÍPIO, 1941, p.18).

A gestão Lindolfo Monteiro foi marcada pelo projeto de modernização e embelezamento dos espaços públicos de Teresina. Muitos aspectos das transformações experimentadas foram tratados no primeiro capítulo, nas discussões sobre as representações do progresso piauiense. *Voz do Estudante* também lançou luz sobre as referidas transformações, exaltando, sobretudo, a atuação competente do prefeito em questão. Em um artigo foram abordados temas, como a pavimentação, jardinagem e sua preocupação com o aspecto urbano da cidade. Outro, dedicou-se a divulgar as realizações de alguns dos dirigentes de alguns municípios, como Regeneração, Amarante, Floriano, Picos. Para isso,

> Uma comissão, composta de alunos do Ginásio Leão XIII, entre os quais figuraram o diretor e vários redatores de Voz do Estudante visitou alguns municípios onde, de par com a realidade, constatou os feitos importantes daqueles sobre quem pesam as responsabilidades de dirigir os destinos do povo piauiense. (PANORAMA, 1942, p.51).

Zodíaco também registrou as realizações do prefeito Osvaldo da Costa e Silva no campo educacional em Floriano. Uma longa reportagem intitulada “Um administrador que se bate pela alfabetização de um povo” celebrou a atuação do administrador em benefício da educação, destacando os avanços nas matrículas e a destinação de recursos para o desenvolvimento do setor. Para justificar seus investimentos no campo educacional, o prefeito recuou no tempo e fez um balanço da educação local. Segundo ele:

> Em 1915, era demasiado irrisório o número de escolas primárias. Em 1916, graças ao espírito humanitário e brilhante do Padre Lindolfo Uchoa, surge um colégio chamado “24 de Fevereiro” cujas vantagens e cujos resultados são inumeráveis. Daí por diante não se deu nenhum passo ao que se referisse à criação de um colégio secundário. Apenas em 1929 é que, com a colaboração e exemplo edificante de filantropia humana e social de uma plêiade composta de espíritos eleitos, conseguiram-se, em definitivo, o primeiro estabelecimento de ensino secundário com fiscalização federal. Recebeu o nome de Liceu Municipal Florianense. (UM ADMINISTRADOR, 1944, p.48).

O prefeito continuou afirmando que a referida escola teve suas portas fechadas em 1932 devido às deficiências de seus laboratórios de química e física. Porém, ao assumir a

municipalidade, em 1936, estabeleceu como meta investir no preparo intelectual do povo, resumindo sua gestão da seguinte forma:

> É em síntese, o corolário de meu governo a educação popular. E para provar a sinceridade, a veracidade do que asseguro, vejamos a linguagem rigorosa da estatística: presentemente conta Floriano com as seguintes casas de ensino: dois grupos escolares, quatro escolas nucleares, dez escolas singulares, duas escolas agrupadas, uma Escola Normal e um Ginásio. Em 1943, alcançou a matrícula nas escolas municipais o número de 1.712 alunos. Há no município, 63 professoras, 24 estaduais, 18 municipais e 21 particulares. [...] Além dos gastos feitos com as escolas públicas, concede ao governo municipal subsídio às escolas particulares, como sejam o Ginásio Santa Teresinha, Escola David Caldas e outras. (UM ADMINISTRADOR, 1944, p.49).

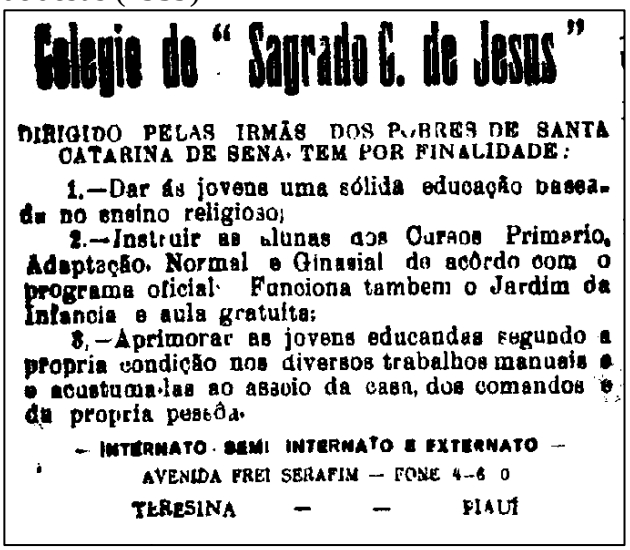
Além disso, a reportagem destacou os investimentos na estruturação urbana de Floriano produzindo uma imagem de exaltação de Osvaldo da Costa e Silva enquanto gestor municipal. Em síntese, devido aos vínculos que as escolas e agremiações produtoras de periódicos mantinham com os chefes de governo, elas se tornavam veículos de propagação e elevação de suas administrações, contribuindo para a construção, junto à mocidade estudiosa, da imagem de gestores comprometidos com a causa da educação e edificação de um Estado que procurava engrenar na rota do desenvolvimento.

3.2.5 A condição feminina

As escolas normais de Teresina, Parnaíba e Floriano, assim como o Colégio Sagrado Coração de Jesus e o Colégio Nossa Senhora das Graças, eram escolas tradicionalmente femininas, ainda que já se registrasse a presença de estudantes do sexo masculino na Escola Normal Oficial da capital. Isso não implica dizer que outros estabelecimentos excluíam as mulheres. Pelo contrário, havia matrículas femininas em escolas, como Liceu Piauiense, Ateneu Piauiense, Ginásio Demóstenes Avelino, entre outros.

Essas escolas ofereciam uma formação considerada adequada para aquele público. O Colégio Sagrado Coração de Jesus, por exemplo, "tinha por intuito formar, sobretudo, o caráter das meninas de acordo com os valores morais. [...] o objetivo era instrumentalizá-las, a partir dos preceitos bíblicos, para que fossem filhas, esposas e mães exemplares". (CARDOSO, 2003, p.50). Um anúncio do jornal *A Luz*, de 11 de junho de 1939, divulgou as finalidades, cursos e níveis de ensino oferecidos pelo educandário, com destaque para a preocupação com a formação feminina que privilegiava o caráter religioso. Essas informações podem ser vistas no anúncio da edição de 11 de junho de 1939, conforme Figura 48:

Figura 48 – Anúncio do Colégio Sagrado Coração de Jesus (1939)



Colegio do " Sagrado C. de Jesus "

DIRIGIDO PELAS IRMÃS DOS POBRES DE SANTA CATARINA DE SENA, TEM POR FINALIDADE:

1.—Dar ás jovens uma sólida educação baseada no ensino religioso;

2.—Instruir as alunas dos Cursos Primario, Adaptação, Normal e Ginasial de acôrdo com o programa oficial. Funciona tambem o Jardim da Infancia e aula gratuita;

3.—Aprimorar as jovens educandas segundo a propria condição nos diversos trabalhos manuais e acustuma-las ao asseio da casa, dos comandos e da propria pessôa.

— INTERNATO, SEMI INTERNATO E EXTERNATO —

AVENIDA FREI SERAFIM — FONE 4-6 0

TERESINA — — PIAUÍ

Fonte: *A Luz*, ano1, n.1, Teresina, 11 jun. 1939

No anúncio foram estabelecidas as finalidades da escola e definido o tipo de educação que ele oferecia, alicerçada nos valores cristãos, característicos de uma escola confessional católica. De acordo com Queiroz (2017, p.55), o Colégio foi criado "como um espaço para absorção do alunado feminino oriundo das camadas abastadas, quer de Teresina, quer do interior do Piauí. É o que se depreende das altas mensalidades a que as alunas, internas e externas, estavam submetidas". O caráter católico e feminino da escola procura estabelecer uma demarcação da educação e do lugar da mulher naquela sociedade, cujos valores estavam atrelados à educação doméstica, a formar boas esposas, boas mães e donas de casa, por isso a necessidade de ensinar os diversos trabalhos manuais e os comandos da casa. Portanto, aquele educandário "tinha o objetivo não só de instruir as mulheres teresinenses, mas também de moldar os seus comportamentos e exemplos de moral e virtude na sociedade" (CASTELO BRANCO, 2005, p.73).

As escolas normais, por sua vez, talvez tenham sido os principais estabelecimentos de educação feminina do Estado, especialmente porque se disseminava a ideia do caráter vocacional das mulheres para educar as crianças. Soares (2004) compartilha dessa posição, ao argumentar que a Escola Normal de Teresina foi criada com o objetivo de

> [...] formar professoras primárias em função de sua carência no Estado, optou pela exclusividade da educação feminina, porque seus fundadores entendiam ter a mulher vocação para lidar com crianças, ser uma mão-de-obra acessível aos cofres públicos e não haver uma escola pública secundária para mulheres. (SOARES, 2004, p. s/n).

Os papéis reservados para homens e mulheres eram definidos pela tradição social que ainda vigorava naquele período. Cardoso (2003) ajuda nessa compreensão, ao firmar que

> Aos homens deveriam ser dadas as possibilidades para que desempenhassem bem seus papéis de pai e provedor familiar e às mulheres a formação necessária para serem boas mães e esposas e professoras, caso necessitassem ou desejassem. Nesse sentido, a escola ideal seria a Escola Normal, pois o tipo de educação fornecida também contribuía para a formação de moças casadouras ao burilá-las para o casamento. (CARDOSO, 2003, p.55).

Segundo a autora, a Escola Normal figurava como o lugar ideal para a formação das moças, pois, além de instruí-las para o exercício do magistério, uma das poucas profissões consentidas para elas, também as educava para a para o matrimônio. A educação feminina era vista com muito cuidado pelas famílias, que procuravam esses educandários, por serem considerados defensores dos valores voltados para a tradição familiar e cristã.

Contudo, uma parcela desse público também buscava ingressar nos estabelecimentos considerados mais inovadores, como o Ateneu e o Demóstenes. Isso fica muito evidente nos depoimentos de Genu Moraes[106] concedidos a Kruel (2015), no qual recorda que depois de iniciar os estudos no Colégio das Irmãs, de Teresina, pediu a seu pai que a matriculasse em outra escola. Segundo ela, ainda que "estudar no Colégio das Irmãs caía bem para as filhas de famílias abastadas. Era um paradigma que todas as mães seguiam. Acontece que eu achei aquilo tudo, de cara, muito enfadonho, conservador" (KRUEL, 2015, p.233). Depois que convenceu seu pai a sair daquela escola, a menina foi matriculada no Grupo Escolar Barão de Gurgueia e, mais tarde, entre 1938 e 1940, estudou no Ateneu Piauiense. Daquele educandário, recorda-se de outras meninas que também o integravam.

> Das colegas do Ateneu Piauiense, eu lembro de Anita Freitas, Nazaré Petrola, Carmelita Oliveira (filha de Agripino Oliveira), Linoca Cardoso (filha de Milton Cardoso), Natividade, Doris Oliveira (Filha de Dôta Oliveira), Celi Alves, Zeni,

[106] Escritora e jornalista Maria Genovefa de Aguiar Moraes (1927-2015), mais conhecida como Genu Moraes. A escritora foi um dos nomes mais ativos na política e na sociedade piauiense. Filha de Eurípedes de Aguiar (ex-governador do Piauí) e de Graça Falcão Lopes Aguiar, Genu era dotada dona de uma personalidade alegre e de um espírito livre, que a fizeram quebrar muitos tabus impostos pela então provinciana sociedade teresinense. A trajetória de Genu Moraes é repleta de pioneirismos. Ela foi a primeira mulher a ter carteira de motorista na capital piauiense, e também a primeira a se tornar presidente do Sindicato dos Jornalistas do Maranhão, Estado que também a elegeu como vereadora por um mandato. De volta ao Piauí, foi Presidente da Associação das Damas de Assistência à Infância (ADAPI), ocupou por longo tempo a chefia do cerimonial do Palácio de Karnak durante os governos de Alberto Silva e Mão Santa, e ainda fez parte da Academia Piauiense de Ciências, ocupando a cadeira número 9. Genu Moraes é considerada por alguns como a mulher mais importante do Piauí no século XX. Faleceu em 7 de janeiro de 2015. Informações disponíveis em: https://www.geleiatotal.com.br/2017/10/18/genu-moraes/. Acesso: 17 dez. 2021. Para mais informações sobre Genu Moraes, ler: KRUEL, Kenard. *Genu Moraes*: a mulher e o tempo. Teresina, Zodíaco, 2015.

> Creusa Madeira Campos (irmã de João Madeira Campos, que depois casou com minha irmã Liline), Aydé Melo (filha de Deusdeth Melo, primo do médico Cezar Melo), Maria de Lourdes (futura senhora Celso Barros Filho). (KRUEL, 2015, p.239).

A relação de meninas matriculadas no Ateneu Piauiense indica que, além dos grupos escolares, voltados para o ensino primário, havia escolas mistas de ensino secundário que atendiam, especialmente, as filhas de uma parcela privilegiada da sociedade. Algumas dessas escolas mencionadas foram espaços de produção de periódicos como o jornal *A Escola* e a revista *Educação* (Escola Normal do Teresina), *A Luz* (Sagrado Coração de Jesus), e *Raios de Luz* (Ginásio Nossa Senhora das Graças, em Parnaíba). Em decorrência dessa produção, resolvi verificar como essa temática foi tratada nos enunciados das revistas sob exame.

De maneira muito marcante, o trânsito feminino em espaços antes ocupados exclusivamente por homens foi motivo de forte reação em algumas revistas escolares que o denunciavam, reclamando o abandono da conduta ideal baseada na formação familiar. Em *Educação,* foi lançada uma forte crítica com relação às mudanças no comportamento da mulher, devido ao deslocamento de suas atribuições do espaço doméstico para os espaços públicos, desvirtuando-a do seu primeiro e sagrado dever que era o cuidado da família.

> Outro ponto importante é a educação feminina. A mulher é tirada do lar, onde é o seu lugar verdadeiro e sagrado e jogado nas repartições públicas, prejudicando os jovens que aspiram ao funcionalismo por falta de outras aptidões. Assim, as crianças perdem a própria educação familiar, pois não vivem em contato com as mães, enquanto estas (com exceções, já se vê), nas repartições, de mão no queixo, observam o serviço dos homens e ainda os perturbam com perguntas indiscretas e comentários inoportunos. A mulher fora do lar, somente na escola deve ser aproveitada, pois é talhada para conviver com as crianças, de quem é o lenitivo de todas as necessidades. A criança precisa da mulher e esta não lhe quer servir, desvirtuando a sua nobre missão de mãe e o seu patriótico papel de educadora. Isto poder-se-ia remediar com a criação de escolas femininas, onde as crianças do belo sexo pudessem ser educadas de acordo com o tríplice papel que irão desempenhar – mãe, esposa, educadora. (VIEIRA, 1936, p.14).

A inserção da mulher no serviço público causava espanto e, conforme o enunciado, era fortemente refutada por parte da sociedade estruturada numa cultura tipicamente machista e patriarcal. Por esse olhar, cabia à mulher apenas ser educada para se tornar boa esposa, boa mãe e, no plano profissional, educadora, que se assemelhava ao papel materno. Em outras funções, pregava-se que os prejuízos para a família seriam irreparáveis. Esses argumentos não se restringiam ao pronunciamento estudado.

Foi possível notar que a educação moral e o disciplinamento dos costumes femininos estiveram presentes em algumas matérias. *4 de Outubro*, por exemplo publicou “A mulher e

sua evolução", de Luís Castelo Branco Couto, em que o autor teceu uma crítica sobre as conquistas femininas por circunstância da chegada da civilização e da modernidade. Aponta as consequências que essas teriam provocado no desequilíbrio da tradição sociocultural e dos costumes. Para o autor, a mulher deixou seu "viver apenas para" e foi penetrando e ocupando os diferentes espaços sociais,

> [...] E como todos realizaram o seu intento, a mulher também ensaiou o seu voo. O resultado foi funesto. Fora daquele ambiente, conheceu muita coisa e teve desejo de tudo possuir. Abraçando o que ia aparecendo em seus olhos ávidos de cobiça foi cultivando tudo e hoje vemos mulheres participando e representantes mesmo de uma infinidade de coisas. Assim como detetives exímios, como *sportmans* extraordinárias, tendo por vezes representado seus países em várias provas nas olimpíadas, mulheres compositoras de músicas, mulheres nos altares, mulheres na infantaria, mulheres na aviação e mulheres por toda parte. A resultante desse infiltramento colossal, é o acréscimo cada dia maus de desocupados. E a prova e que vários países hoje em dia sofrem as consequências deste mal, que devia ter sido sanado a princípio. Até no Brasil, a mulher já está se infiltrando nos domínios dos homens e conquistando os seus lugares. Pobre mundo se a mulher se apoderar de ti! Não acho que todos estes feitos das mulheres, constituam um orgulho para si. Os tempos correm céleres e ela volta, após aquele voo monstruoso, aos tempos idos e já vividos e aí despertando do sono letárgico que a envolvia, analisa todos os seus feitos e vê que de nada valeram, e então volve ao passado e entra em sua choupana para viver novamente em seu plácido sossego. (COUTO, 1936, p.14).

O texto configura-se como uma representação de uma sociedade que ainda mantinha fortes traços da cultural machista e patriarcal espantada com o avanço da mulher na conquista dos espaços públicos. Ao reservar espaço para essa discussão, percebe-se a intenção de combater esse tipo de deslocamento, considerado pelo comentarista como um mal que alterava a estrutura social. Demonstra ainda que, muito embora aquele momento fosse considerado tempos de progresso, modernização e civilidade, ainda mantinham enraizadas determinadas tradições que ignoravam certas transformações sociais, mesmo diante daqueles discursos que cantavam a euforia frenética do desenvolvimento.

Em *Voz do Estudante* a crítica sobre os modos femininos foi uma questão ordinária. Nela se publicou uma série de artigos intitulada "A mulher e o século", de autoria do professor Felismino de Freitas Weser, que condenava duramente as mudanças no comportamento da mulher contemporânea caracterizada pela mudança de seus hábitos configurados pela busca de empregos e ocupação dos espaços públicos, outrora dominados somente pelos homens. O colunista procura refletir a questão, de modo a chamá-la a pensar sobre a necessidade da retomada de suas funções imaculadas, como donas de casa, mães e boas esposas. Era esse o perfil considerado ideal para uma mulher virtuosa. E a educação da mulher deveria atender tais princípios e essa visão era propagada pelos próprios agentes

escolares. Felismino Freitas Weser, professor e diretor do Ateneu Piauiense, foi um dos principais defensores da mulher como “anjo do lar”. A maioria dos artigos da série foram assinadas por ele. No primeiro deles, escreveu:

> Sim; a mulher moderna sonha febrilmente com uma tal reivindicação de direitos que jamais lhe foram roubados, esquecendo-se de que o homem em tempo alguns lhe poderia ultrapassar em virtudes, heroísmos, abnegação e sacrifício, porque a mulher é um ser quase divino, e deve constituir o sustentáculo da família, o anjo do lar. E se hoje se sente num mundo vago e asfixiante, é porque abdicou, espontaneamente, imprudentemente, dessas excelsas qualidades que lhe foram dadas por Deus, qualidades tão elevadas e tão nobres que a nenhum outro mortal é dado possuí-las tão larga cópia. Volte a mulher moderna ao lar, outrora povoado de sua graça e do seu encanto, da sua meiguice e do seu amor e verificará quanto se afastou das belezas do céu, a caminho vertiginoso, rumo ao inferno. E porque negar que a educação atual da mulher está tão perto do caos, como distante de sua legítima finalidade? [...] quero a mulher com o conhecimento das ciências e das letras, das artes culinárias como do desenho, quero que saiba costurar e engomar, para o exercício elevado do anjo do lar, esteio formidável da família e da sociedade. (WESER, 1940, p.8).

A conquista dos espaços públicos pela mulher, à época, firmava-se como uma preocupação da revista e da escola. Isso mostra que mantinham fortes ligações religiosas, visto que a Igreja tinha posições contrárias ao ingresso da mulher no mercado de trabalho, destinando a ela as funções domésticas e a docência que, nesse caso, associava-se a uma missão, um sacerdócio e a um caráter maternal. Nesse sentido, o mesmo autor foi enfático ao dizer que “[...] só admiro a mulher na escola, como professora, de vez que, neste mister, nada mais realiza do que realizar a sua missão divina de mãe, ou nos hospitais amenizando com o bálsamo sublime do seu altruísmo edificante, o sofrimento e a dor do próximo” (WESER, 1940, p.8).

Em outra oportunidade, o comentarista produziu um conjunto de questionamentos a respeito das mudanças de comportamento daquelas que procuravam se desvincular dos modos pelos quais foram estigmatizadas pela tradição. Com convicção, manifestava sua insatisfação com os novos costumes que se estabeleciam, a partir dos quais as mulheres ocupavam, cada vez mais, os espaços públicos, ao passo que se distanciavam da rotina do lar. Em um trecho do artigo se pode ler:

> Disse e repito que a mulher nasceu para o lar, onde exerce a função mais elevada e sublime que a nenhum outro mortal foi dado fazê-lo. [...] Quem arrasta a sociedade pelas praças ajardinadas e pelos parques floridos senão as moças incautas, sem vigilância e sem guarda? Que cada mãe crie, no recesso do lar, o ambiente sagrado do respeito e do trabalho, o céu povoado da sua meiguice e do seu amor, e responda-me por caridade, se o prefeririam ou não, as nossas donzelas, aos mais sublimes dos jardins, onde a corrupção e a concupiscência se misturam e inflamam com o perfume das flores.? Desleixo, comodidade, desejos mal contidos de vaidades

> feminis, talvez sejam das causas que vem influindo para este estado tormentoso a que a mulher moderna, inimiga do lar, sem conduzindo (insensivelmente?) a família e a sociedade. Culpa do homem? Não e não. A função do homem processou-se sempre fora do lar. É ele quem, arrostando com as intempéries e as vicissitudes, busca, em toda parte, o sustento da família. (WESER, 1941, p.9).

O combate empreendido pelo Professor Felismino Freitas Weser ocorria, em razão do seu inconformismo com as conquistas femininas. Em sua concepção, as finalidades sagradas das mulheres estavam se desfigurando e, gradativamente, elas perdiam sua doçura, meiguice e delicadeza, que as tornavam guardiãs do lar e da família. Seu inconformismo era tamanho que tentava mobilizar as mães para moldar suas filhas pelos valores sagrados do lar, para evitar que se contaminassem com a vaidade e transgressões à tradição. Em outra edição da revista, o professor utilizou seu espaço para intensificar suas posições, a partir dos seguintes questionamentos:

> Quando será que a mulher moderna, cansada de dar o que sofrer a sociedade e à família se aperceberá dos seus erros? Quando será que as máscaras de batom-mentirosas e cínicas-serão substituídas pelas flores adoráveis da virtude e do pudor?" Dar-se-á que a mulher de batom e de tamanco de salto alto, conceberá pelo anticoncepcionismo a ideia estulta de que tudo pelo mundo vai bem, e que com trunfa de três voltas será encontrada o X do grande problema mundial? Ou ainda, que por efeito de introversão tornar-se-á ela maior que o homem em heroísmo e bravura? É o que vai ser posto a prova oportunamente. A hora das decisões não sei se chegou, mas a das reflexões soou há muito tempo. (WESER, 1941, p.4).

Os comentários classificavam a conduta feminina como "erro" e sugerem uma tentativa de superação das atribuições masculinas na sociedade. Portanto, considerava-se que sua exposição causava a perda de seus predicados originais, pois "o dom, por excelência (verdadeira 'pedra de toque'!) da mulher é aquele que a torna alvo de admiração e do acatamento de quantos dela se aproximam, (claramente a estes mostrando o de tão prendado ente incontestável valor!) a saber; O CARINHO!" (ARAÚJO, 1941, p.30, grifos do autor). Durante a circulação desses escritos, os conflitos da Segunda Guerra intensificaram-se por várias partes e afetaram as populações das nações envolvidas. Na visão de Felismino Freitas Weser, esses conflitos também foram vistos como contributo para que as mulheres pudessem retornar ao lar.

> Somente um cataclisma de proporções tamanhas seria capaz de desviar dos teatros, onde os incentivos a amoralidade se instilam cínica e perversamente no espírito dos jovens, de afastar dos lupanares onde o nudismo de par com a embriaguez provocada pelo vinho e pelos perfumes inebriantes, valem pelo mais impressionante dos infernos; de arrancar das bacanais, onde o espírito desceu às profundezas do vício, a mulher que deixou de aceitar a coroa da virtude e do amor, imposta pela religião cristão, para se deixar engolfar num mundo de espectros, que à sua visão

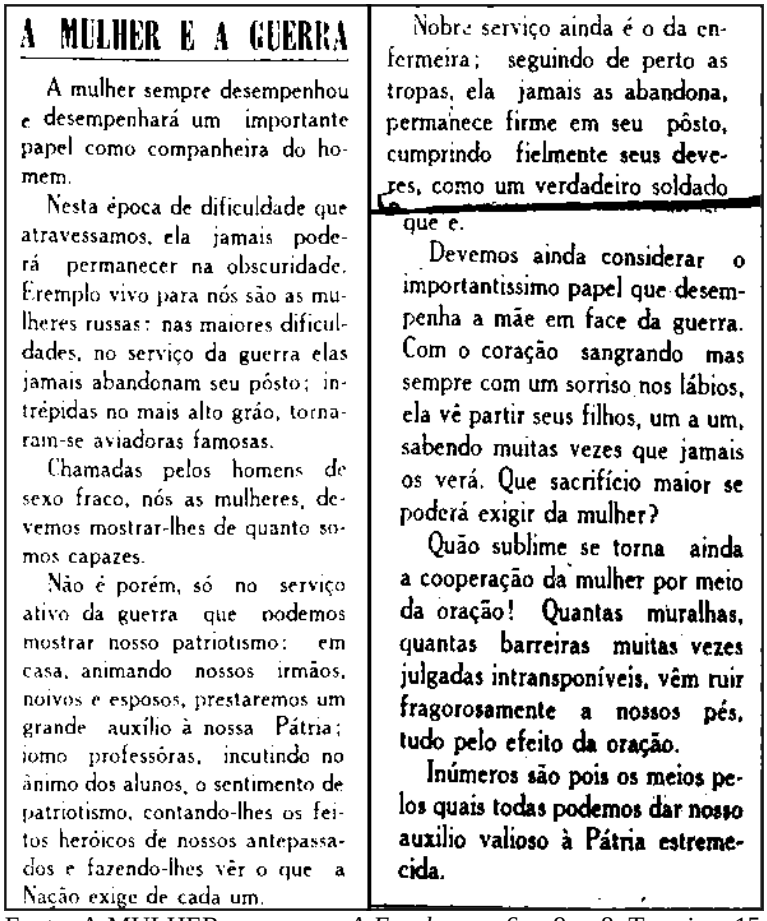
> fantasmagórica se apresentam ornados de roupagem cintilantes, simplesmente porque, à maneira de que só compra à vista, ensinaram-lhes a crer apenas nas coisas que lhe ficam ao alcance. E a guerra fez o milagre de arrancar a mulher moderna do seu torpor no conúbio do vício, para restituí-la à posse de si mesma. Hoje, o que se vê e o que se lê a respeito da mulher, integrada com o homem na labuta incessante em prol da causa da humanidade, dá direito a que se creia na volta à velha civilização, àquela em que a mulher constituía sentinela do lar. Guardiã das velhas e sempre sagradas instituições cristãs sustentáculo da família e da sociedade. (WESER, 1942, p.42).

Os argumentos do professor Felismino pareciam repercutir de maneira positiva entre parte de seus leitores. O apoio às suas posições a respeito da mulher pode ser observado na crítica tecida sobre seus textos. Na edição de 14 de abril de 1941, *Voz do Estudante* publicou o artigo de J. Machado de Melo, chamado "Em torno de um fato", cuja análise ratificou com aplausos os argumentos utilizados pelo professor. Em um trecho do artigo, o estudante da Academia de Comércio do Piauí disse o seguinte:

> A mulher e o século é digno de ser lido principalmente pelas jovens e virtuosas senhoritas patrícias e pelas digníssimas senhoras que preferem empregos nas repartições públicas e nos balcões das casas comerciais, do que o convívio íntimo do lar, a mais perfeita instituição divina, outorgada ao ser humano sendo a própria mulher a privilegiada. E estas coitadinhas... para cumprirem fiel e honestamente a ordem dos seus chefes e dos seus patrões quantas vezes não sofrem as torturas impiedosas e horríveis do seu sexo sob olhares cínicos dos malandros!! E assim rejeitam a coroa de "anjo do lar" e preferem assumir um lugar, que está longe de equiparar-se com a sua delicadíssima sensibilidade de mulher, o qual somente o homem, este "monstro de carga" pode resistir. As jovens senhoritas sonham com um mundo de glórias e as digníssimas esposas esquecem-se de que estão deixando os filhos sob os cuidados de amas sem educação e sem pudor! E o futuro dessas crianças em quem a honra da família confia no futuro?... será que amas dessa espécie possam ocupar o lugar das mães na sublime e difícil missão de criar os filhos? A mulher no lar é mais útil à família e a si própria. Ela constitui a alegria e a beleza da casa. O lar sem a esposa é um lugar de tristeza e de miséria... Tudo vive em desordem, porque somente ela pode com inteligência colocar tudo em seus lugares. A felicidade do homem consiste tão somente na virtude do lar iluminado pelos raios de pureza da esposa. (MELO, 1941, p.27).

Os enunciados sobre o tema convergiam acerca de como assistiam, com espanto, à forma que as mulheres buscavam sua autonomia, integrando e participando de modo ativo da vida social nos espaços que transcendiam o ambiente doméstico. Nas revistas consultadas, levantaram-se vozes masculinas inconformadas com essa condição que se estabelecia. Na documentação mobilizada, chama a atenção o silêncio feminino acerca dessas críticas. Mesmo alguns periódicos tendo reservado espaços para o feminino, prevaleceu um silêncio ou silenciamento, que se refletiu na ausência de rebatimentos sobre tais posições. Uma matéria que circulou na edição de 15 de maio de 1943, de *A Escola*, ainda que versasse sobre o papel

desempenhado pela mulher no contexto da Segunda Guerra Mundial, limitou-se à atuação feminina em espaços marcados pela tradição da época. Segue o texto na íntegra:



A MULHER E A GUERRA

A mulher sempre desempenhou e desempenhará um importante papel como companheira do homem.

Nesta época de dificuldade que atravessamos, ela jamais poderá permanecer na obscuridade. Exemplo vivo para nós são as mulheres russas: nas maiores dificuldades, no serviço da guerra elas jamais abandonam seu pôsto; intrépidas no mais alto grão, tornaram-se aviadoras famosas.

Chamadas pelos homens de sexo fraco, nós as mulheres, devemos mostrar-lhes de quanto somos capazes.

Não é porém, só no serviço ativo da guerra que podemos mostrar nosso patriotismo: em casa, animando nossos irmãos, noivos e esposos, prestaremos um grande auxílio à nossa Pátria; como professôras, incutindo no ânimo dos alunos, o sentimento de patriotismo, contando-lhes os feitos heróicos de nossos antepassados e fazendo-lhes vêr o que a Nação exige de cada um.

Nobre serviço ainda é o da enfermeira; seguindo de perto as tropas, ela jamais as abandona, permanece firme em seu pôsto, cumprindo fielmente seus deveres, como um verdadeiro soldado que é.

Devemos ainda considerar o importantissimo papel que desempenha a mãe em face da guerra. Com o coração sangrando mas sempre com um sorriso nos lábios, ela vê partir seus filhos, um a um, sabendo muitas vezes que jamais os verá. Que sacrifício maior se poderá exigir da mulher?

Quão sublime se torna ainda a cooperação da mulher por meio da oração! Quantas muralhas, quantas barreiras muitas vezes julgadas intransponíveis, vêm ruir fragorosamente a nossos pés, tudo pelo efeito da oração.

Inúmeros são pois os meios pelos quais todas podemos dar nosso auxilio valioso à Pátria estremecida.

Fonte: A MULHER e a guerra. *A Escola*, ano 6, n.9, p.8, Teresina, 15 de maio de 1943.

Embora o referido jornal tenha sido produzido por estudantes normalistas, cuja maioria era de mulheres, a relevância do papel desempenhado pela mulher dava-se ao lado do homem e nas funções que já eram reverberadas. Professoras, enfermeiras, donas de casa e cristãs eram algumas das funções e costumes que se postulavam para as mulheres.

Interessante destacar que não foram encontrados enunciados em contraposição às críticas tecidas anteriormente, sendo as mais contundentes proferidas pelo prestigiado professor Felismino Freitas Weser, reconhecido por sua dedicação à instrução piauiense, o que poderia, de algum modo, provocar receios de discordar. Porém, essa é apenas uma questão hipotética. A passividade daqueles e daquelas que tinham o poder da palavra impressa não implica dizer que todas as mulheres se inclinavam às condições impostas pela sociedade. Genu Moraes, que convenceu o pai a deixar uma escola confessional católica feminina para ingressar em outro estabelecimento que considerava mais moderno e dinâmico, serve para

ilustrar os novos modos que recebiam a adesão de muitas mulheres. Assim como também demonstrou a pesquisa de Cardoso (2003) sobre as memórias das estudantes universitárias de Teresina entre as décadas de 1930 e 1970, que se quebraram os paradigmas estabelecidos para a formação feminina, empreendendo itinerários formativos poucos convencionais para as mulheres piauienses do período.

Ao discutir a condição feminina em Teresina na Primeira República, Castelo Branco destaca que, no início do século XX, já havia mulheres que adotavam uma postura contestadora, através da imprensa, principalmente nas páginas do jornal *Borboleta,* exclusivamente dedicado aos assuntos do sexo feminino. Em suas páginas, "as opiniões femininas sobre educação da mulher são claramente de reivindicação de aprimoramento e de maior espaço na educação formal. Elas almejavam uma educação que fosse além do aprendizado de atividades domésticas" (CASTELO BRANCO, 2005, p.90). Essas informações sinalizam para o fato de que, desde o início do século, as mulheres buscavam ocupar espaços que transcendiam as atividades domésticas e, por meio da educação, foram experimentando outras atividades que possibilitaram sua ocupação nos espaços públicos dominados tradicionalmente pelos homens, o que incomodava de forma expressa e levava a discussões, na imprensa.

3.2.6 Passeios, férias e memórias da terra natal

Os periódicos consultados também revelaram outras abordagens imprimidas de maneira mais sutil, com menor apelo ao leitor. Muitos desses enunciados, porém, ajudam a compreender outros aspectos da relação entre alunos, escola e sociedade. Nesse particular, algumas revistas examinadas deixaram interessantes vestígios de experiências escolares vividas por alunos que transpuseram os limites das salas de aulas de suas instituições. Continham relatos de acontecimentos que fugiam da rotina escolar e revelam outros movimentos do curso da vida daqueles jovens.

Muitos aspectos tratados nas revistas foram mencionados nos jornais examinados no capítulo anterior. No entanto, mesmo priorizando as produções literárias e matérias que discutiam temas de maneira mais densa, algumas revistas reservaram páginas a outros assuntos menos privilegiados. Nessa perspectiva, "[...] passeios organizados pelas escolas, relatos de férias, reminiscências sobre os lugares de origem registrados durante os períodos em que regressavam para descanso junto aos parentes são temas abordados de forma constante" (VILANOVA, 2019, p.159).

Os relatos de férias e de passeios escolares marcavam as páginas de jornais e revistas escolares. *Primícias Literárias* foi uma das revistas que mais privilegiou essa temática. Um de seus textos, assinado por Iracema Nunes da Costa e Silva, relatou suas férias em uma propriedade rural, revelando o amor pela vida simples no sertão, distante da frenesia citadina. A propósito deste relato, a estudante comemorou seu período de descanso no seio do lar: "Oh! Como é agradável depois de nove longos meses de estudos, passar o curto e feliz período de férias na fazenda. [...] Tudo mostra mais belezas e mais encantos" (SILVA, 1938, p.s/n). Depois de descrever sua rotina acompanhada do canto dos pássaros, nos banhos das águas cristalinas de riachos, passeios a cavalo e as delícias que degustava ali, não lhes passou despercebida, embora com certa ingenuidade, a rotina de labuta do sertanejo.

> Na roça é uma constante maravilha, apreciar-se os pobres trabalhadores nos seus grosseiros trabalhos de lavoura. Depois vai-se às casas daqueles matutos, que moram ali por, notando-se a maior paz, provocada certamente pelo trabalho, uns fiam em rocas e fusos, outros vão à fonte buscar água ou lavar roupa, etc. (SILVA, 1938, p.s/n).

A estudante olhava a rotina do sertão mais como espectadora do que parte integrante daquela realidade, o relato demonstra que a estudante era oriunda de família abastada que, embora residisse no lugar, não praticava tais atividades. Porém, não passa despercebido o seu amor pelo lugar e "ao terminar esta curta e alegre temporada, deixa-se a fazenda e o lar, com o coração saudoso para voltar ao Colégio, onde se começará os estudos interrompidos por esses três felizes, mas passageiros meses de férias" (SILVA, 1938, p.s/n).

Outra interessante narrativa gira em torno dos passeios escolares, que me parecia ser uma prática educativa recorrente em algumas escolas. Embora não seja um tema regular, esses registros também estavam presentes nos jornais e nas revistas. Em *O Ginásio*, de 23 de novembro de 1933, há um interessante registro de uma caravana esportiva de estudantes do Liceu Piauiense e do Ginásio São Francisco de Sales, que organizaram uma partida de futebol entre o time liceista e o time da cidade de Campo Maior. A delegação que partiu para aquela cidade foi acompanhada de comitiva de estudantes do Diocesano e do Liceu Piauiense. "Era 28 de outubro. O dia amanhecera lindo. Sol encoberto. Clima adorável. Nas ruas da cidade [Teresina] só se viam alunos do Ginásio e do Liceu, indo e vindo num alvoroço enorme. Era porque se aproximava a partida da caravana esportiva a Campo Maior" (O NOSSO, 1933, p.2).

Os passeios também estavam no programa escolar do Colégio Sagrado Coração de Jesus, principalmente porque aquele educandário também funcionava como internato e semi-

internato, daí havia o imperativo de promover passeios organizados pela escola e seu corpo docente. Um dos destinos mais frequentes era o sítio que a escola possuía no lugar chamado Memorare[107]. Uma estudante do curso normal daquela instituição relatou um desses passeios em *Primícias Literárias*, transcrito a seguir:

> Como geralmente acontece nos dias feriados e santos, fomos passar o dia 21 de setembro no sítio do Colégio cujo nome "Memorare" (Lembrai-vos), bem se lhe adequou, pois quem lá vai jamais o esquece. Pois bem: daqui partimos às sete da manhã, em carro, após o sacrifício da Missa. Devido à quantidade crescida de alunos, foram necessárias três carradas tendo, em cada uma, suas respectivas prefeitas e irmãs vigilantes. Em caminho cantamos vários hinos, principalmente o de "Festa" em que se exalta a nossa boa Superiora. Passados uns 10 minutos, lá chagamos e fomos diretamente ao morro, onde se está levantado uma construção moderna de dois andares cuja direção ativa está sob zelo da dedicada Superiora. Por ora a casa dos nossos folguedos é uma de palha, contendo dois pavimentos bem distintos: um que serve de dormitório e dispensa, a outra de cozinha, refeitório, sala de visitas e por fim salão de dança. O mosaico inteiriço nem se fala, precisa em hora de dança ser constantemente molhado para não levantar poeira. A orquestra para o samba, composta de: uma lata, servindo de pratos, um caixão servindo de bombo e um pente coberto com papel de seda prestando de clarinete, saxofone, etc. bem comprova o gênio musicista da maestra regente Anatália Sá. No "Memorare" não temos outra preocupação a não ser brincar ou passear às vezes um, dois quilômetros, ir ao [rio] Poti [...] voltando somente às horas de refeições ou para receber um pão com doce, acompanhado do sorriso maternal de nossa boa Superiora. [...] E sempre gozando daquela alegria juvenil, voltamos para o Colégio tendo sempre em lembranças o dia risonho passado no "Memorare". (DEMES, 1938, p.s/n).

Os passeios ao sítio da escola pertenciam a rotina daquela escola. Outra experiência semelhante foi registrada em *A Luz*, de 10 de maio de 1939, em que a aluna Aldeci Araújo relatou seu passeio com grupo de alunas ao mesmo local. A aluna chamou aquela aventura de "Dia feliz" e em um fragmento relatou o seguinte:

> Estávamos na pequena gruta quando ouvimos soar a campa. Era a hora de partir. Reunimo-nos e fomos à capelinha rezar o terço. Em seguida cantamos o "Hino do Memorare". A superiora estava radiante. Lia-se claramente no seu rosto a alegria, pois ela fica satisfeita quando está no meio de suas filhinhas, como nos chama. Fiquei triste ao entrar no "Caminhão". Regressamos e ainda hoje recordo com saudade as horas deliciosas que passei em aquele recanto pitoresco da terra de Félix Pacheco. Creio que, como eu, todas ficaram com lembranças agradáveis daquele sítio querido, perdido nos longes dadivosos do município de Teresina. (ARAÚJO, 1939, p.1).

Esses passeios se davam nos fins de semana, feriados e dias santos e serviam de regozijo para aquelas estudantes, as quais aproveitavam aqueles momentos para se dedicarem às brincadeiras e descontrações. Era uma forma das internas desfrutarem de alguns momentos de lazer fora da casa de ensino. Brincavam, dançavam, passeavam sem quaisquer

[107] Memorare, localizada na zona norte, hoje é um importante bairro que integra a área urbana de Teresina.

preocupações relacionadas às obrigações escolares. Esses "[...] registros de viagens de férias, que retratam situações familiares, os mais recorrentes são aqueles cujos destinos são as casas de parentes, em cidades próximas aos locais de moradia [...]" (PERES, 2017, p. 296).

Voz do Estudante, que foi posta em circulação em 25 de dezembro de 1942, publicou o interessante relato do professor James Azevedo intitulado "Minhas excursões escolares" em que comenta viagens e aventuras que empreendeu por distintas regiões do Estado. Em um trecho ele relatou:

> Uma das mais importantes realizei em 1938, quando vim a Teresina, com alunos em viagem esportiva. Além das vitórias que alcançamos, tivemos oportunidade de conhecer uma grande parte do Estado e algumas de suas cidades. Atravessando campos e matas, transpondo leitos de rios temporários, aproveitava o ensejo de atrair a atenção dos alunos para aspecto do Nordeste, com o seu solo semiárido e as suas populações, dando sempre a impressão de que não tem morada definitiva. (AZEVEDO, 1942, p.6).

Em seguida, comentou outra aventura ainda bem mais radical em que fez um trajeto de 18 quilômetros a pé para Sete Cidades[108], no município de Piracuruca, na região norte do Estado. O trajeto foi realizado na companhia de um grupo numeroso de alunos. Dizia que essa prática era uma forma de conhecer as condições da realidade piauiense fora dos centros urbanos. Dizia também que a marcha a pé tinha muitos benefícios para os seus praticantes. O professor narrou que,

> Nessa excursão levei mais de 30 alunos a visitar "Sete Cidades", um dos recantos mais pitorescos do Piauí e uma das mais interessantes belezas naturais do nosso país, de acordo com a opinião de cientistas e viajantes ilustres. Realmente, aquele local apresenta soberbos panoramas que se podem descortinar aos olhos de um observador de sensibilidade artística. (AZEVEDO, 1942, p.7).

James Azevedo defendia o excursionismo como atividade físico-corporal capaz de entregar melhores resultados do que as práticas que se limitavam a repetições de exercícios gerados de uma rotina monótona. Para ele, o tipo de passeio mencionado se constituía em uma atividade que "[...] sendo bem orientada, tem mais valor que muitas aulas de ginásticas, encerradas nos estreitos limites de um campo, e que se vão tornando mais desinteressantes à

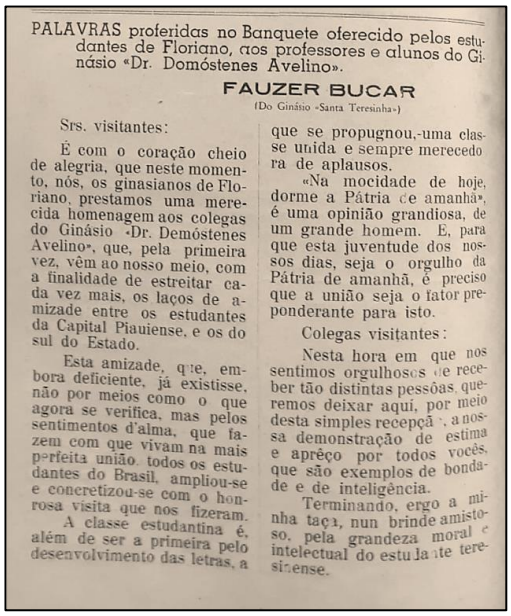
[108] A região em questão foi transformada posteriormente no Parque Nacional de Sete Cidades, criado pelo Decreto Federal Nº 50.744, de 8 de junho de 1961. O Parque fica situado na região norte do Estado e ocupa áreas dos municípios de Brasileira e Piracuruca. De acordo com Cavalcante (2013, p.8), a transformação da área de Sete Cidades em Parque Nacional (PARNA) deu-se também em decorrência dos monumentos geológicos naturais, os quais exibem formas exóticas que as rochas tomaram". Para mais informações: CAVALCANTE, Luis Carlos Duarte. Parque Nacional de Sete Cidades, Piauí, Brasil: biodiversidade, arqueologia e conservação de arte rupestre. In: *Mneme – revista de humanidades*, Caicó, v.14, n.32, p.1-22, jan/jul, 2003. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/1708. Acesso, 3 jan.2022.

proporção que se repetem os mesmos movimentos e não se desperta o entusiasmo pelo esporte" (AZEVEDO, 1942, p.7).

Ainda em relação aos passeios escolares, merecem destaque os registros de *Zodíaco* sobre a visita de professores e estudantes do Ginásio Demóstenes Avelino à cidade de Floriano. Os visitantes foram recebidos com muita distinção na Princesa do Sul, onde foram homenageados com baile e banquete como forma de estreitamento de relações. Os pronunciamentos que se deram nesses dois eventos circularam na edição de 14 de julho de 1944. No baile oferecido pela classe estudantil de Floriano aos professores e alunos teresinenses, Luiz Napoleão Moreira, do Ginásio Santa Teresinha dedicou as seguintes palavras aos visitantes:

> O estudante florianense orgulha-se em vos hospedar e Floriano confirma mais uma vez, com esta afluência em nossos salões, o conceito de que goza como terra acolhedora, como cidade hospedeira. Moços Teresinenses: Já ouvi alguém dizendo, e mui acertadamente, que o estudante é como o diamante que só pode ser lapidado com a mesma substância, com a própria matéria. Pois é em contato convosco, por meio destes intercâmbios culturais, que a juventude florianense procura humildemente revestir-se de brilho, de colorido e de matizes. [...] Aceitai, portanto, meus amigos e colegas, este Baile que vos oferece a mocidade florianense. (MOREIRA, 1944, p.54).

No discurso havia a clara intenção de estreitamento de vínculos entre os estudantes das duas cidades, que procuravam trocar experiências com a finalidade de obter melhoramento individual e coletivamente. No banquete oferecido à referida comitiva, o estudante Fauzer Bucar fez o seguinte pronunciamento:



PALAVRAS proferidas no Banquete oferecido pelos estudantes de Floriano, aos professores e alunos do Ginásio «Dr. Domóstenes Avelino».

FAUZER BUCAR

(Do Ginásio «Santa Teresinha»)

Srs. visitantes:

É com o coração cheio de alegria, que neste momento, nós, os ginasianos de Floriano, prestamos uma merecida homenagem aos colegas do Ginásio «Dr. Demóstenes Avelino», que, pela primeira vez, vêm ao nosso meio, com a finalidade de estreitar cada vez mais, os laços de amizade entre os estudantes da Capital Piauiense, e os do sul do Estado.

Esta amizade, que, embora deficiente, já existisse, não por meios como o que agora se verifica, mas pelos sentimentos d'alma, que fazem com que vivam na mais perfeita união, todos os estudantes do Brasil, ampliou-se e concretizou-se com o honrosa visita que nos fizeram.

A classe estudantina é, além de ser a primeira pelo desenvolvimento das letras, a que se propugnou,-uma classe unida e sempre merecedora de aplausos.

«Na mocidade de hoje, dorme a Pátria de amanhã», é uma opinião grandiosa, de um grande homem. E, para que esta juventude dos nossos dias, seja o orgulho da Pátria de amanhã, é preciso que a união seja o fator preponderante para isto.

Colegas visitantes:

Nesta hora em que nos sentimos orgulhosos de receber tão distintas pessôas, queremos deixar aqui, por meio desta simples recepção, a nossa demonstração de estima e apréço por todos vocês, que são exemplos de bondade e de inteligência.

Terminando, ergo a minha taça, num brinde amistoso, pela grandeza moral e intelectual do estudante teresinense.

Fonte: *Zodíaco*, ano 2, n.9, p.58, Teresina, 14 jul. 1944.

Do ponto de vista de das memórias acerca de seus lugares de origem, *Primícias Literária*s publicou "Minha cidade natal", de autoria da normalista Albertina V. da Costa em que descreveu aspectos de sua cidade, São João do Piauí, localizada no centro/sul do Estado, expondo os motivos que a levaram a migrar para Teresina. O modo como mencionou a cidade representa um contraste com os avanços experimentados em outras cidades, como Floriano e Parnaíba. Segundo ela,

> [...] a cidade é muito pequena, sendo talvez, uma das menores do Piauí. É iluminada a "petromax", oferecendo um aspecto muito agradável à noite. Consta de várias ruas, e o comércio já está um pouco adiantado, havendo várias casas comerciais. Há uma só Igreja, toda branca, que parece nos convidar a nos curvarmos diante do Padroeiro da pequena cidade. Perto da Igreja há uma praça, que é por isto chamada "praça da Igreja", e é toda um tapete aveludado de relva. Esta minúscula cidade, ainda muito tem, que esperar do homem, - este grande transformador, que é capaz de mudar o campo árido em terreno fértil, a mata impenetrável em grande cidade. Há ainda em São João uma escola agrupada, onde se encontra grande número de meninos e ainda várias escolas particulares. As festas de caráter religioso como: novenas, procissões, etc, são frequentes aí. Houve tempo em que esta cidade tomou grande impulso, pareceu ter acordado de um longo sono; "A voz do sertão" para o qual colaboraram pessoas de cultura literária já desenvolvida, como os poetas: Anfrísio Lima, Júlio Silva, etc, e muitos outros melhoramentos. Agora a cidade parece ter voltado ao torpor de antes. Seu desenvolvimento é muito lento, quase imperceptível. Ela vacila ao dar um passo à frente. Parece que seus filhos não são movidos por este sentimento que nos faz tão egoístas, o patriotismo. Afinal esta cidadezinha, ainda em formação, é a minha querida terra natal! Vivo em Teresina, - aqui recebo a instrução, coisa que eu não poderia receber lá. Portanto é esta capital o meu segundo berço. Mas apesar de amar tanto esta encantadora "cidade verde", não posso esquecer a outra, que não tem a beleza e nem a importância desta, porém é para mim mais bela que todas as outras, pois foi lá o primeiro berço, e portanto, é a minha Pátria! (COSTA, 1938, p.s/n).

A memória sobre São João do Piauí carregava a representação de uma parcela da população que se encontrava distante do lugar de origem, pois "[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva" (HALBWACHS, 1990, p. 51) que evoca os lugares nos quais viveram parte de suas vidas. Eram cidades pequenas, com condições limitadas em quase todos os aspectos. Da mesma forma, a justificativa que a levou a se deslocar para a capital representa um considerável contingente de estudantes que precisavam deixar seus lugares de origem para continuar seus itinerários escolares, seja em Teresina, como no caso relatado, seja em outros centros mais desenvolvidos que ofereciam particularmente o ensino secundário e normal.

Em outra situação semelhante uma aluna também deixou registrado o amor pelo seu lugar, em um artigo chamado "Minha Terra". Iracema R. Lima refere-se à cidade de Uruçuí, também no sul do Estado, e conta de forma nostálgica o amor e a saudade que sentia enquanto

vivia em Teresina ingressa no curso normal do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Dizia aquela jovem que "a hora mais solene de minha vida é quando fico horas e horas a pensar na minha querida terra, o meu torrão natal" (LIMA, 1938, p.s/n). Dizia ainda que aquela terra era cercada de belezas e encantos e que os que por lá viviam, gozavam de uma vida feliz.

> A minha terra é Uruçuí! Orgulho-me em ser uruçuiense, pois foi lá onde comecei dar os primeiros passos da minha vida. Agora... vivo distante, procurando meios de combater o analfabetismo. Distante!... mas a cada momento o meu coração fica arrebatado de imensas saudades daquelas manhãs muitas vezes chuvosas e o céu lua sobre o céu, suspensa, jorrava os seus raios prateados sobre a minha querida terra! Nunca posso esquecer-me um só instante daquela tarde saudosa em que o sol declinava no horizonte. Eram seis horas!... Badalava a Ave Maria. E eu com o coração tristíssimo, dava um adeus de despedida a minha querida terra. Assim descia sobre o velho Parnaíba, que figurava um "espelho cristalino". A nossa pequena embarcação, lentamente descia, levando os nossos corações feridos de saudades! Oh! como é triste deixar o lar paterno! (LIMA, 1938, p.s/n).

Os laços e memórias da terra natal revelavam-se como gatilhos acionados por aquela e tantos outros estudantes apartados de suas famílias e do seu lugar, no intuito de dar continuidade à meta desejada, que era a formação escolar. Longe do lar, viviam o sacrifício diário de dedicar-se às aulas da antiga rotina na cidade relatada. Uruçuí, cidade pequena, ribeirinha, saudosa e amada permanecia viva nas memórias e na escrita de Iracema. Segue esta mesma linha, "Meu torrão natal", de Laura Vilanova, que rememorava aspectos do seu lugar, chamado São Francisco, no Maranhão, localizado na altura de Amarante, nas margens contrárias do rio Parnaíba. Em suas lembranças ela escreveu:

> A nossa cidadezinha acha-se encravada em um terreno plano e limpo. Na parte mais elevada dele se vê a nossa igrejinha muito alva cercada dos lados por frondosos arvoredos sempre a balouçar como procurando desta maneira amenizar o calor que lhe abraça as paredes, calor este produzido pelos ardentes raios solares. Suas casas, a maior parte de frente voltada para o rio, parece está a contemplá-lo. As suas ruas são largas e compridas. [...] Deixemos o centro da cidade e passemos aos arrabaldes. As ruas assemelham-se a alamedas, vemos altos e copados tamarindeiros, cajueiros, mangueiras, etc. Vemos também casinhas de palhas construídas com simplicidade, mas com bom gosto, tendo ao fundo um quintal plantado de várias frutas, onde alegres cantam as aves domésticas. (VILANOVA, 1938, p.s/n).

Essas lembranças, presentes em algumas revistas analisadas, sinalizam para os deslocamentos dos jovens que buscavam ampliar a formação escolar em outros centros que ofereciam níveis de ensino mais elevados, sobretudo a capital do Piauí. Isso fica muito claro nos argumentos de Maria do Socorro Graça que destacou as vantagens de se passar a vida de estudante na casa dos pais. Para ela,

> [...] nem todos possuem esta felicidade; dá-se que, no lugar onde moramos não existem escolas, e somos obrigados a nos transportar para longe, somente em busca do 'Tesouro da instrução'. Enquanto estamos pensando nas férias, nos sentimos felizes, porque breve nos acharemos juntos de quem mais amamos. (GRAÇA, 1938, p. s/n).

Práticas pedagógicas, relatos de passeios e memórias das cidades e lugares de origem também figuram com destaque entre os escritos da revista, evidenciado que as produções que a compunham partiam de temas eleitos a partir do interesse dos próprios alunos. Era, portanto, parte da dinâmica dos métodos de ensino aplicados no Colégio das Irmãs e a revista impulsionava o interesse das alunas no desenvolvimento dessa escrita pela oportunidade de fazê-la circular no meio escolar e cultural por meio do impresso. Rememorar o lugar de origem parecia fortalecer o espírito dos estudantes obrigados a se manterem distantes do lar. Lembrar-se de aspectos desses lugares despertava o sentimento de pertencimento a sua terra pátria, mantendo os vínculos de afetividade, ao mesmo tempo em que formava sua identidade. Esse tipo de sentimento foi expresso em *Voz do Estudante*, por Cícero Lages Batista, quando fez referência a sua cidade, José de Freitas[109]. Ele escreveu:

> Minha terra é para mim sempre a saudade viva de cada dia. [...] Não tinhas nos tempos ido a beleza artificial que hoje tens: praça, bangalô, luz elétrica, etc, mas a beleza natural doada pela natureza e colorida pelo pincel misterioso de Deus. Quando recordo a minha infância, lembrando-me dos dias que jamais voltarão, em que de calças curtas, assobiando chamando o vento, empinava o meu papagaio de papel, até às vezes, desparecer... (BATISTA, 1942, p.15).

Os relatos e recordações imprimidos desvendam experiências que marcaram as trajetórias desses sujeitos que as registraram e as mantiveram vivas. Nesse sentido, "a memória é a vida, sempre carregada por grupos vividos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento" (NORA, 1993, p.9). Nessa mesma perspectiva, esses escritos contribuíram para a construção da identidade e formação social dos estudantes submetidos a tais situações.

3.2.7 Escrita literária

O cultivo da leitura e da escrita era compreendido como um demarcador de civilidade para uma parcela da população que tinha o privilégio de transpor a barreira do ensino primário

[109] A cidade de José de Freitas está localizada a aproximadamente 48 km, ao norte de Teresina Sua origem remonta ainda no século XIX quando a Fazenda da Boa Esperança passou a ser denominada Vila do Livramento através da Lei Provincial de n. 945, de 23 de março de 1877. Mais tarde, em 1931 o lugar foi elevado à categoria de cidade.

e avançar em estudos posteriores. Estimulada pela escola, através de seus professores, e até mesmo por iniciativa dos estudantes, que se mobilizavam em torno da leitura, análise e escrita voltada para o desenvolvimento das virtudes literárias, a imprensa escolar servia também como espaço de visibilidade dessas produções "[...] insinuando modos originais de observar, sentir, compreender, nomear e imprimir" (SEVCENKO, 1995, p.237).

Poesias, contos, crônicas, críticas literárias foram documentos escritos por estudantes e literatos que procuravam divulgar as produções e receberem o reconhecimento da intelectualidade local. Segundo Lopes e Galvão (2010, p.73) "a exploração das fontes literárias permite a descoberta de mundos completamente diferentes daqueles exibidos por outro tipo de texto escrito". Elas destacam que é preciso submetê-los a determinadas regras por estar submetido ao campo estético, além de demarcarem uma fronteira tênue entre a ficção e a verdade. Esses procedimentos devem ser considerados na operação imposta a este tipo de fonte.

No caso desta pesquisa, não foi a minha intenção analisar vigorosamente a produção literária presente nos impressos. A intenção foi, a partir dos escritos literários contidos em suas páginas, discutir sua influência na formação escolar dos estudantes piauienses, pois os estudantes do ensino secundário receberam uma formação mais literária do que científica (SOUZA, 2008). Por meio de um levantamento da produção divulgada nas revistas estudadas, foi possível observar que apenas as edições avulsas de *Educação* e *Raios de Luz* não contemplaram tal escrita. Entre as demais, estão as revistas liceistas (*4 de Outubro* e *Geração*) e outras como *Voz do Estudante* e *Zodíaco*, com um volume considerável de escritos em seus variados gêneros.

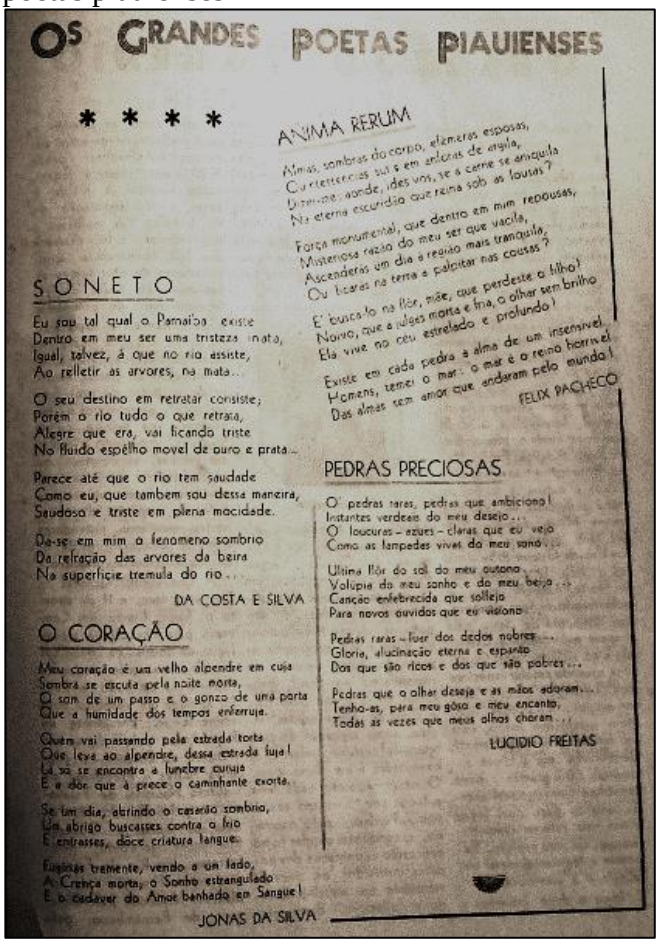
Em *Primícias Literárias*, encontram-se contos de autoria de estudantes que ensaiavam sua desenvoltura no campo das letras. Entre esses produtos estão "Um Conto triste", da aluna Vilma Area Leão, que relata um acidente ocorrido no dia de natal; "Natal do pobre", de Elzira Ribeiro da Silva, da 1º série ginasial; "Por que ris, palhaço", da aluna do 4º ano normal, Milda Mayer Ferreira, que conta a história de um palhaço cuja filha trapezista sofre um acidente fatal durante a apresentação circense e ele, mesmo diante da dor, é obrigado a rir e "Os seis mil réis do batizado", em que ´´e relatado o desenrolar de um empréstimo feito para a realização do batizado de uma criança que tinha idade avançada. Com relação às crônicas, algumas delas tratavam de situações relacionadas ao cotidiano escolar. Para citar um exemplo, a estudante Laura Vilanova, abordava suas impressões a respeito da sua futura saída daquele colégio. Em um trecho ela dizia:

> Eis que vejo chegar o momento que soará para mim o último dia da minha vida estudantina. Resta-me apenas três meses para eu abandonar o meu querido Colégio. Cada dia que passa cresce mais e mais a dor de abandoná-lo. Quão pouco durou a minha vida estudantil passada neste santo educandário. Lembro-me com infinda alegria do dia em que tive a ventura inestimável de nele ingressar como aluna – Foi a 2 de março de 1936. [...] Colégio meu muito amado, não penses que me afastando de ti, esquecerei, pelo contrário, mais te amarei e procurarei espalhar o teu nome por toda parte que passar, a fim de ver-te amado por todos, e para que todos os pais de família procurem trazer para teu seio as suas filhinhas, as quais encontrarão em ti um doce refúgio e em suas educadoras umas verdadeiras mães. (VILANOVA, 1938, p.s/n).

Em *4 de Outubro* a literatura ocupa um lugar muito privilegiado. A revista reservou espaço para as produções de autores consagrados na literatura nacional e local. Este ponto foi importante para se perceber as influências literárias dos editores e leitores da revista. Suas páginas também serviram para divulgar os trabalhos daqueles que buscavam um lugar no cenário literário local. No impresso foram encontradas páginas dedicadas aos "grandes poetas brasileiros" e aos "grandes poetas piauienses". No primeiro caso, composta de poemas de Olavo Bilac, Machado de Assis, Cruz e Sousa e Augusto dos Anjos e ainda, trechos de obras como foi o caso de *Menino de engenho*, de José Lins do Rego. No segundo, com destaque para produções de renomados poetas da literatura piauiense, entre os quais, Da Costa e Silva, Félix Pacheco, Lucídio Freitas e Jonas da Silva.

Esses poemas versam sobre as questões sentimentais travadas no íntimo que vive em constantes tensões como angústias e desilusões. Prevalece nelas, portanto, alguns traços melancólicos que, talvez, fosse resultado de "desejos inexploráveis, projetos impraticáveis: todos, porém produtos de situações concretas de carência e privação. E que encontram aí o seu âmbito social de correspondência, propenso a transformar-se em público leitor" (SEVCENKO, 1995, p.21).

Figura 49 – Página de *4 de Outubro* dedicada a poetas piauienses



OS GRANDES POETAS PIAUIENSES

* * * *

SONETO

Eu sou tal qual o Parnaíba existe
Dentro em meu ser uma tristeza inata,
Igual, talvez, á que no rio assiste,
Ao relletir as arvores, na mata...

O seu destino em retratar consiste;
Porém o rio tudo o que retrata,
Alegre que era, vai ficando triste
No fluido espêlho movel de ouro e prata...

Parece até que o rio tem saudade
Como eu, que tambem sou dessa maneira,
Saudoso e triste em plena mocidade.

Dá-se em mim o fenomeno sombrio
Da refração das arvores da beira
Na superficie tremula do rio...

DA COSTA E SILVA

O CORAÇÃO

Meu coração é um velho alpendre em cuja
Sombra se escuta pela noite morta,
O som de um passo e o gonzo de uma porta
Que a humidade dos tempos enferruja.

Quem vai passando pela estrada torta
Que leva ao alpendre, dessa estrada fuja!
Lá só se encontra a funebre curuja
E a dôr que á prece o caminhante exorta.

Se um dia, abrindo o casarão sombrio,
Um abrigo buscasses contra o frio
E entrasses, doce criatura langue.

Fugirias tremente, vendo a um lado,
A Crença morta, o Sonho estrangulado
E o cadaver do Amor banhado em Sangue!

JONAS DA SILVA

ANIMA RERUM

Almas, sombras do corpo, efêmeras esposas,
Ou intertencias suas em anforas de argila,
Dizer-me: aonde, ides vos, se a carne se aniquila
Na eterna escuridão que reina sob as lousas?

Força monumental, que dentro em mim repousas,
Misteriosa razão do meu ser que vacila,
Ascenderás um dia á região mais tranquila,
Ou ficaras na terra a palpitar nas cousas?

E' buscá-lo na flôr, mãe, que perdeste o filho!
Noivo, que a julgas morta e fria, o olhar sem brilho
Ela vive no céu estrelado e profundo!

Existe em cada pedra a alma de um insensivel
Homens, temei o mar: o mar é o reino horrivel
Das almas sem amor que andaram pelo mundo!

FELIX PACHECO

PEDRAS PRECIOSAS

O' pedras raras, pedras que ambiciono!
Instantes verdeais do meu desejo...
O' loucuras – azues – claras que eu vejo
Como as lampadas vivas do meu sono...

Ultima flôr do sol do meu outono...
Volúpia do meu sonho e do meu beijo...
Canção enfebrecida que sollejo
Para novos ouvidos que eu visiono...

Pedras raras – luar dos dedos nobres...
Gloria, alucinação eterna e espanto
Dos que são ricos e dos que são pobres...

Pedras que o olhar deseja e as mãos adoram...
Tenho-as, para meu gôso e meu encanto,
Todas as vezes que meus olhos choram...

LUCIDIO FREITAS

Fonte: *4 de Outubro*, 1936.

Em outros casos, poetas piauienses consagrados como Celso Pinheiro e Martins Napoleão também têm seus poemas divulgados. Essas produções deram a perceber que o cultivo das letras era parte do projeto editorial da revista, cuja intenção seria motivar os estudantes leitores ao exercício da leitura e da escrita, considerados fator de distinção entre os homens de inteligência. Isso pode ser percebido através da iniciativa dos estudantes do Liceu Piauiense que fundaram uma sociedade literária naquela instituição.

> A Academia Liceísta de Letras, a única sociedade literária do Liceu Piauiense, e fundada no começo de 1935, tem alcançado um êxito invulgar, impondo-se desde logo, no conceito do meio estudantil e do professorado. O quadro efetivo de sócios é composto de vinte alunos daquele estabelecimento, escolhidos dentre os que mais se interessam pelas letras e sua cultura. [...] A seguir, a relação do seu atual quadro de sócios: Carlos Castelo Branco, Abdias Silva, Almeida Cruz, Luís Costa, Alencar Vieira, Haidyne Albuquerque, Ivone Bandeira, Neme Oliveira, Virmar Soares, Gerson Boson, Osvaldo Monteiro, Almir Fonseca, Adão Ferreira, Raimundo Santos, Sansão Castelo Branco. (ACADEMIA, 1936, p.14).

A iniciativa de criar essa agremiação literária demonstra o interesse que as letras e a cultura despertavam entre os estudantes do Liceu e, por extensão, a classe estudantil secundarista. A leitura e escrita literária serviam como exercício de formação e desenvolvimento das habilidades e talentos literários, além de estimular essa prática entre os estudantes. Nessa perspectiva, em *4 de Outubro imprimiu* críticas literárias, crônicas e poesias tecidas por alunos liceítas membros ou não daquela agremiação.

Entre outras produções, encontram-se "Viver, morrer por ti" (Maria Haidyne), "A Estátua", "Um desejo na solidão" (ambos de Luís Costa), "Cantiga matuta pr'aquela cabôca" (Newton de Freitas), "Balada da lua" (Adalberto dos Santos Lima), e "O berço de um gênio" (João M. R. Matos). Com esses poemas e críticas, os estudantes davam seus primeiros passos na cultura literária motivados pela escola e pela própria revista que servia de vitrine para aqueles poemas e seus autores. Por essas questões, o CEP surgiu para tirar os estudantes do ostracismo e torná-los úteis à sociedade e à nação, renovando os modos de atuar e dinamizando a rotina da mocidade estudiosa.

Merece destaque "O berço de um gênio", em que João M. R. Matos abordou a vida do literato Coelho Netto e denunciou a falta de preservação da casa onde nasceu em Caxias – MA. Segundo o estudante, "Coelho Neto foi o maior escritor brasileiro. A sua pena trabalhou em todos os assuntos literários. No romance, na crônica, no teatro, em que quer que seja, referente às letras, encontra-se o seu nome como o mais fulgurante" (MATOS, 1936, p.32). Com tristeza, noticiou que a casa em que o literato nasceu e viveu não mais existia, lamentando o desaparecimento de um documento/monumento da história da literatura brasileira. Ele escreveu que,

> Há tempos, li um artigo, de um caxiense residente no Rio, que apelava para que fosse colocada uma placa, na casa em que nasceu Coelho Neto, com vivos dizeres de que representa ela na história. Procurando conhecer essa tão gloriosa morada, vim a saber, e com tristeza confesso, que já não mais existia. [...] A casa em que ele nasceu vivia em ruínas, completamente esquecida. (MATOS, 1936, p.32).

No lugar da casa teria sido construída, em um vasto prédio moderno, a sede de uma sociedade operária que, sabendo que ali se tratava da antiga casa onde nasceu o poeta, lhe encaminhou correspondência explicando as razões pelas quais a demolição havia acontecido, os motivos foram compreendidos por Coelho Neto, que se alegrou pelo fato de que no novo espaço funcionaria uma escola. "Que a Escola faça mais pela glória da nossa Caxias do que tem feito o que nela abriu os olhos e que levou toda a vida longa a espalhar folhas ao vento, como uma árvore batida por temporais" (COELHO NETO *apud* MATOS, 1936, p.32). A

casa, que poderia ter se tornado um monumento histórico para aquela cidade, foi demolida e no seu lugar se ergueu uma escola. O posicionamento do literato mostra que "os fenômenos históricos se reproduziram no campo das letras, insinuando modos originais de observar, sentir, compreender, nomear e exprimir" (SEVCENKO, 1995, p. 237).

Voz do Estudante considerava a formação intelectual como um dos seus principais pilares para a qual a literatura parecia ser a responsável pela formação ideal daqueles escolares. Para se ter uma dimensão do volume dessa produção foram tomados para a amostragem as edições de 4, 7 e 12, dos anos 1941, 1942 e 1943, respectivamente. No caso da primeira, foram publicados um total de 24, (em 39 páginas), 21 na segunda (em suas 54 páginas) e a terceira somou 14 (em 40 páginas) poemas de estudantes, jovens literatos e poetas renomados, que se valiam da revista para o exercício dessa escrita.

Os poemas contemplavam temáticas diversas. Uns tratam de sentimentos amorosos, aflições e desejos, alguns se deslocam para as questões patrióticas, outros privilegiavam e exaltavam a natureza. Em alguns casos, páginas completas eram dedicadas aos versos de poetas de expressão da literatura piauiense, como foi o caso de uma página dedicada ao poeta Celso Pinheiro que expõe quatro sonetos inéditos de sua autoria, enfatizando a importância do periódico para a intelectualidade local. Eis um dos poemas:

Ainda aquele amor

Aí, nunca serás minha! Aí, nunca nos meus braços
Hei de um dia esfolhar-te a branca nebulosa
Dessa carne de abril, etérea, misteriosa,
Dessa carne de Azul, nos relevos e traços!...

Aí, nunca serás minha! Ai, nunca os vãos e escassos
Sortilégios do amor hei de aprender na estuosa
Fraga das Ilusões, para prender-te, rosa,
Para prender-te, em suma, estrela dos Espaços!...

Nunca, jamais, talvez, como um tardo beduíno,
Hei de louco alcançar, na aridez do deserto
Do oásis do teu Corpo o veio diamantino!...

Ai, que destino o meu! Estranha e dura sorte!
Amar-te sem possuir, possuindo-te tão perto,
É viver como um louco à grade hostil na morte!...

(PINHEIRO, 1941, p.7).

Além da marcante presença da poesia, sínteses de obras literárias, biografias e notícias sobre o universo literário local e nacional ocupavam sistematicamente as páginas da revista. Para Barbosa (2007)

> Visualizar a literatura como registro de uma época significa considerar que um autor deixa transparecer na sua obra não apenas sua subjetividade, mas também seu próprio tempo. O texto literário – artefato de criação de um autor que constituem ambientes e valores nos seus relatos – espelha a visão de mundo, as representações, as ideias de dado momento histórico-cultural, podendo ser lido como materialização de formas de pensar, das emoções e do imaginário de um dado período. (BARBOSA, 2007, p.127).

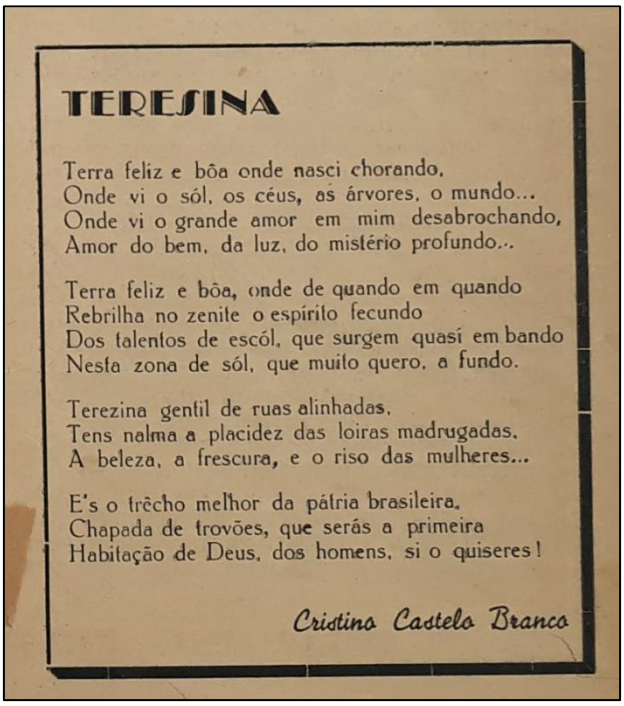
A propósito da visão de mundo e do contexto histórico-cultural, a edição inaugural de *Voz do Estudante* publicou uma longa entrevista com o poeta piauiense "Da Costa e Silva" que, à época residia em Fortaleza – CE, realizada em sua residência. Na ocasião o registro do realizado por Moacir Campos, Acilino Marcílio e Salustiano Coêlho. A emoção diante do encontro com o poeta foi descrita da seguinte forma:

> Estamos emocionados, corações comprimidos, diferentes. É que, abandonando as banalidades cotidianas, vamos viver uma hora sublime e eterna, conversando com um vulto sagrado, a expressão viva e grandiloquente da literatura do nosso Estado, o príncipe dos poetas piauienses, modelador supremo de símbolos que marcam uma época – Da costa e Silva, nome que é um sol a espargir raios de luz sobre todo o território nacional, numa luminosidade tão forte que os seus reflexos atingiram também que os seus reflexos atingiram também a pátria de Castilho. (COELHO, 1940, p. 22)

As notícias do universo literário marcavam a revista. Os acontecimentos de interesse de seus leitores ganhavam lugar de destaque e eram celebradas em suas páginas. Foi o que constava na matéria de Castelar de Vasconcelos noticiando o lançamento do novo livro do literato Martins Napoleão. Ao tratar sobre a obra "Novo livro de poesias", o noticiante comunicou que,

> O autor dos "Poemas Ocultos" e de todos os poemas bonitos, vem lançar recentemente – "Caminhos da Vida e da Morte" – novo livro de poemas lindos que bem dizem da intelectualidade do artista que neles trabalhou – o poeta Martins Napoleão – a meu ver a estrela que mais lucila no firmamento dos poetas piauienses. (VASCONCELOS, 1941, p.16).

Diante desse conjunto de escritos se perceber indícios de que *Voz do Estudante* se constituiu em um dispositivo que estava imerso no projeto de formação de jovens secundaristas no Piauí, onde as publicações serviam como espelho para a formação de cidadãos alinhados aos interesses da nação, que pudesse contribuir para o progresso do país e que assimilassem valores como amor à pátria, seus governantes, que fossem cristãos, que cumprisse seus deveres e que tivesse boa formação intelectual, sobretudo a partir de conhecimento literário. Exemplificado no poema a seguir:



TERESINA

Terra feliz e bôa onde nasci chorando,
Onde vi o sól, os céus, as árvores, o mundo...
Onde vi o grande amor em mim desabrochando,
Amor do bem, da luz, do mistério profundo...

Terra feliz e bôa, onde de quando em quando
Rebrilha no zenite o espírito fecundo
Dos talentos de escól, que surgem quasi em bando
Nesta zona de sól, que muito quero, a fundo.

Terezina gentil de ruas alinhadas,
Tens nalma a placidez das loiras madrugadas,
A beleza, a frescura, e o riso das mulheres...

E's o trêcho melhor da pátria brasileira,
Chapada de trovões, que serás a primeira
Habitação de Deus, dos homens, si o quiseres!

Cristino Castelo Branco

Fonte: *Voz do Estudante*, ano 1, n.1, p.9, Teresina, 30 dez. 1940

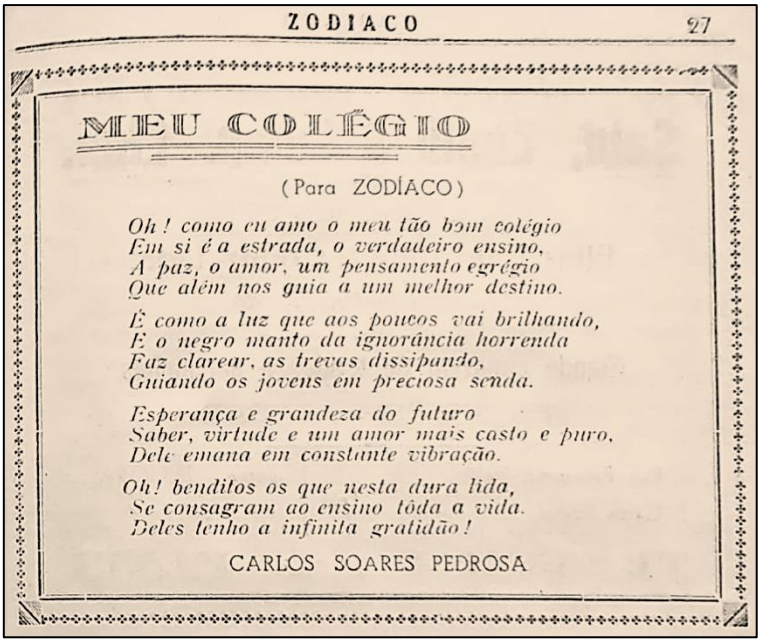
A análise das edições disponíveis de *Voz do Estudante*, revelou como a revista foi utilizada como recurso que contribuiu para a formação da mocidade piauiense, a partir de escritos que privilegiavam questões relacionadas aos valores morais, cívicos, patrióticos e culturais. Estudantes, professores, dirigentes escolares, intelectuais e políticos articularam-se em torno da revista com o intuito de sugerir um conjunto de valores que moldasse o comportamento dos moços para que suas ações estivessem alinhadas aos interesses patrióticos da nação.

Muito embora não houvesse seções definidas voltadas para as produções literárias, nos números em que circulou na sua fase de boletim, *Zodíaco* publicou uma significativa quantidade de produções que podem ser classificadas em poesias, crônicas, contos e crítica literária, etc. Essa escrita era estimulada como exercício de leitura e escrita daqueles estudantes e outros colaboradores que se dedicavam a apreciar as letras e as práticas literárias. "Os jornais e revistas atendiam à pressa juvenil que tomava conta dos ficcionistas, poetas, críticos literários, desenhistas e cartunistas, em imprimir suas marcas em diversos suportes e assim buscar sua formação intelectual" (FARIAS, 2015, p.191-192). Essa busca por expressividade refletia em uma importante característica do período.

Nos poemas presentes nos números 1,2,4,5 do boletim prevalecem sonetos que declamam assuntos diversos. Quanto a autoria, era atribuída a estudantes e colaboradores, entre os quais, jovens poetas que já possuíam reconhecimento no meio literário local, como

por exemplo, José Newton de Freitas, Anísio de Abreu Neto, Celso Pinheiro, além de outros, que procuravam esses dispositivos para dar a perceber suas produções. A assinatura de alguns autores era acompanhada de sua vinculação institucional. No entanto, na maioria dos casos, isso não ocorre, o que, de alguma forma, dificultou a identificação de seus colaboradores.

Escritas em prosa e verso suas páginas em todas as edições da revista contemplaram poemas, contos, crônicas e crítica literária. Foram catalogadas 152 produções que contemplavam tais gêneros. Essa produção abordava temas diversos que revelavam as influências de seus autores. Menciono como exemplo o poema "Meu colégio", de Carlos Soares Pedrosa, encontrados na edição de 7 de setembro de 1945.



ZODIACO 27

MEU COLÉGIO

(Para ZODÍACO)

Oh! como eu amo o meu tão bom colégio
Em si é a estrada, o verdadeiro ensino,
A paz, o amor, um pensamento egrégio
Que além nos guia a um melhor destino.

É como a luz que aos poucos vai brilhando,
E o negro manto da ignorância horrenda
Faz clarear, as trevas dissipando,
Guiando os jovens em preciosa senda.

Esperança e grandeza do futuro
Saber, virtude e um amor mais casto e puro,
Dele emana em constante vibração.

Oh! benditos os que nesta dura lida,
Se consagram ao ensino tôda a vida.
Deles tenho a infinita gratidão!

CARLOS SOARES PEDROSA

Fonte: *Zodíaco*, ano 3, n.16, p.27, Teresina, 7 set. 1945.

Geração também se dedicou a dar visibilidade às produções intelectuais literárias e se constituiu em um veículo de motivação e propagação da cultura letrada, especialmente, as iniciativas de nova geração composta por jovens estudantes. Junto à produção desses jovens, a revista ainda estampou a escrita de literatos consagrados, revelando que havia um interesse em alcançar um público mais abrangente. Tinha o reconhecimento e forte trânsito entre a sociedade letrada local. "Grande parte dos conteúdos publicados pelos jovens homens de letras na revista *Geração* era demasiadamente repercutida no meio intelectual da cidade" (FARIAS 2015, p.157).

Essa revista, portanto, não priorizou a divulgação das atividades escolares, como síntese de aulas, programas e eventos escolares, matrizes curriculares, relação de notas,

relatos de férias, passeios escolares. Seu programa editorial revela um impresso com pretensões muito associadas à cultura literária. Sob essa perspectiva, registrou-se a ocorrência de um conjunto de produções de talentosos estudantes que, mais tarde, despontariam no cenário literário local. No primeiro número, além da produção poética, encontra-se "Susto", de Hindemburg Dobal Teixeira "Na noite da guerra", de Sousa Brito; "O guarda noturno", de Armando Gomes da Silva; "Página perdida", de C. P. Esse. Esses contos revelavam o talento daqueles estudantes que se aventuravam pelo mundo das letras através da ficção literária. O conhecimento literário expressava-se através de artigos de crítica como foi o caso de José Lustosa Cantarelli, que escreveu proposições biográficas sobre o poeta do amor e da saudade, Casemiro José Marques de Abreu.

Do ponto de vista de sua forma e conteúdo, a segunda edição de *Geração*, de 4 outubro de 1945, segue a mesma linha editorial do número anterior. Muitos dos textos impressos foram dedicados ao aniversário do centenário do Liceu Piauiense. "É esta efeméride, comemorada no Piauí, com calorosos aplausos e esfuziantes alegrias. Porque palpitam, uníssonos, os corações dos piauienses em fervorosa e espontânea saudação ao modelar estabelecimento de ensino" (BASTOS, 1945, p.5-6, grifos do autor).

Mesmo sendo uma edição elaborada para comemorar os 100 anos do Liceu Piauiense, a escrita literária tem lugar privilegiado. Um conjunto de contos, crônicas e poesias ocupam suas páginas. Entre as publicações, encontram-se os contos: "Geralda", de Jessé Ferry; "História de ontem", de Benedito Feitosa Cardoso; "Morreu de Saudade", de João Lustosa Catarelli; "Miséria", de B. Campos da Silva. Na crítica literária foram encontrados: "Para definir clássicos", de Clemente Fortes; "Crepúsculos Literários", de Vitor Gonçalves Neto; "Antônio de Castro Alves", de Alcebíades Vieira Chaves; "Euclides da Cunha: prosador e nacionalista", de José Camilo Filho; "O maior dos brasileiros", de Ribamar Freitas; Da Costa e Silva, de Wilson Costa. Entre as poesias, encontram-se: "Pau d'arco", de Brito Melo; "Menino", de Vitor Gonçalves Neto; "Cigarras", de Odete Vieira da Rocha; "Exortação", de Djalma Barbosa Sobrinho; "Pátria", de Guadalupe Lima; "Quando a noite cai", de Leão Santiago; "Integração", de Hudemburgo Dobal Teixeira; "FEB gloriosa FEB", de D. Brito.

Essa produção ilustra o modo como a literatura influenciou a formação daquela geração de estudantes e de jovens intelectuais dedicados ao cultivo das letras e da cultura piauiense. Entre os textos que inscrevem esses sujeitos na cena cultural e literária do Piauí, destaca-se "Gente moça da minha terra", assinado por Vitor Gonçalves Neto. Neste texto, "nomeia alguns dos estudantes que se destacaram nas letras, que ensaiaram seus escritos nas revistas estudantis que circularam na cidade no início da década de [19]40 e que depois

tiveram que deixar Teresina para dar continuidade aos estudos" (FARIAS, 2015, p.149). Entre os nomes mencionados estão Anísio Auto de Abreu, Humberto Teles, Jessé Ferry, Manoel Paulo Nunes, Ribamar Oliveira, Francelino Santos, Tobias Pinheiro Filho, José Newton de Freitas, Armandino Nunes, Valdemar Sandes, Ribamar Pacheco, Silva Junior, Melo Magalhães, Celso Barros, Hindemburgo Dobal Teixeira, Odete Vieira da Rocha e Guadalupe Lima.

Vitor Gonçalves Neto voltou a discutir sobre aqueles jovens dedicados às letras. Mas seu intento era rebater as críticas feitas por aqueles que não concordaram com os nomes mencionados como protagonistas da nova intelectualidade piauiense e que viam a crítica como uma tentativa de oprimir os novos talentos em favor daqueles que ocupavam posições privilegiadas. Sobre a polêmica, ele disse:

> Teresina vive atualmente num dos seus grandes momentos de oprimismo e pacatez: a maioria deixa se subjugar pela minoria; a inteligência rende homenagens a literários disfarçados em sabichões e a menestréis [...] ornamentados com anéis de pedras fulgurantemente falsas e títulos arranjados com poucos meses de estudos preparatórios e muitos contos de réis às bancas examinadoras. (GONÇALVES NETO, 1945, p.17).

A anunciação desses escritos movimentava a vida intelectual da cidade, cuja crítica positiva e negativa repercutia fortemente após o lançamento de cada edição. As páginas da revista eram lugar de formação e de propaganda dos investimentos intelectuais de literatos e jovens estudantes engajados no movimento das letras piauienses.

3.2.8 Imprensa e anúncios comerciais

Os anúncios comerciais, em maior ou menor proporção, encontram-se presentes nos periódicos estudados. A presença dessas propagandas revela, em primeiro plano, que a publicação dos periódicos escolares recebia o apoio financeiro do comércio local. Indica a ocorrência de uma rede de relações que a escolas estabelecia com esses estabelecimentos. Sinaliza ainda a credibilidade que esses veículos conquistaram entre o setor comercial no meio que circulavam. Para Gondra (2015, p.103) "a quarta função [da imprensa] se desenrolaria nas colunas de anúncios, na medida em que apresentavam novas informações, novas ofertas e comunicações".

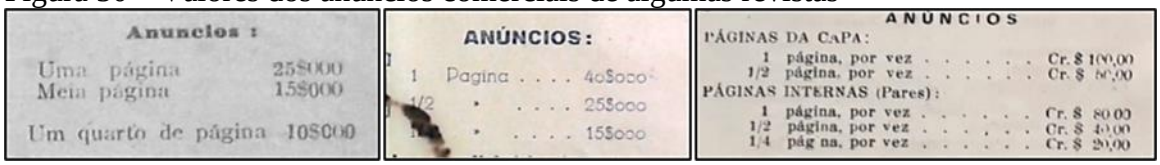
Percebe-se que as propagandas visavam divulgar produtos e serviços em revistas e jornais por serem dispositivos que transcendiam os limites de suas instituições e chegavam

aos lares e em outros espaços sociais, ocupados por sujeitos que tinham poder de compra. Os periódicos, por sua vez, precisavam de apoio financeiro para os custos de sua impressão. Para isso, era necessário arrecadar fundos e os espaços para as propagandas eram utilizados também para este fim. Dessa forma, revistas e anunciantes se beneficiavam mutuamente. Enquanto a primeira buscava garantir recursos para custear-se, o segundo procurava vender sua marca, produtos e serviços. Nesse sentido,

> [...] revista e publicidade, direcionavam-se para o mesmo propósito, qual seja: dar-se a conhecer, divulgar-se, produzir-se para vender-se, razão pela qual muitos periódicos revelaram-se viáveis, tão-só pela proposta de divulgação de produtos, isto é, pelo seu caráter publicitário. A revista, pois, era a publicidade; ou por outra, no periodismo da época, a revista transformou-se na embalagem ideal para o produto publicidade. (MARTINS, 2008, p.244).

Em alguns números, encontram-se os valores estabelecidos para os anúncios que dependiam de suas dimensões e do espaço que ocupavam nos periódicos. Esses critérios foram encontrados, pelo menos, em três revistas:

Figura 50 – Valores dos anúncios comerciais de algumas revistas



Fonte: *Panorama Estudantil* (1939); *Raios de Luz* (1940); *Zodíaco* (1945).

Mesmo dando publicidade a vários anunciantes, não foi possível identificar os preços cobrados por anúncios em todos os periódicos. Em um levantamento realizado foi verificado que o número de edições variou bastante, sendo que aqueles de caráter efêmero continham uma quantidade bem menor do que os que circulavam com maior regularidade.

De maneira geral, o anunciante utilizava a publicidade para identificar o produto ou serviço oferecido com o público leitor. Era uma vitrine que lhes dava visibilidade e possibilitava a ampliação dos negócios. Nesse sentido,

> A presença da propaganda em jornais e revistas abria novas perspectivas para ambos os lados: para a imprensa, como suporte econômico; para a indústria como veículo de ampliação do número de consumidores. Efeito de mão dupla que ampliou o papel transformador da imprensa numa sociedade que se constituía em novo patamar [...] (COHEN, 2018, p.106).

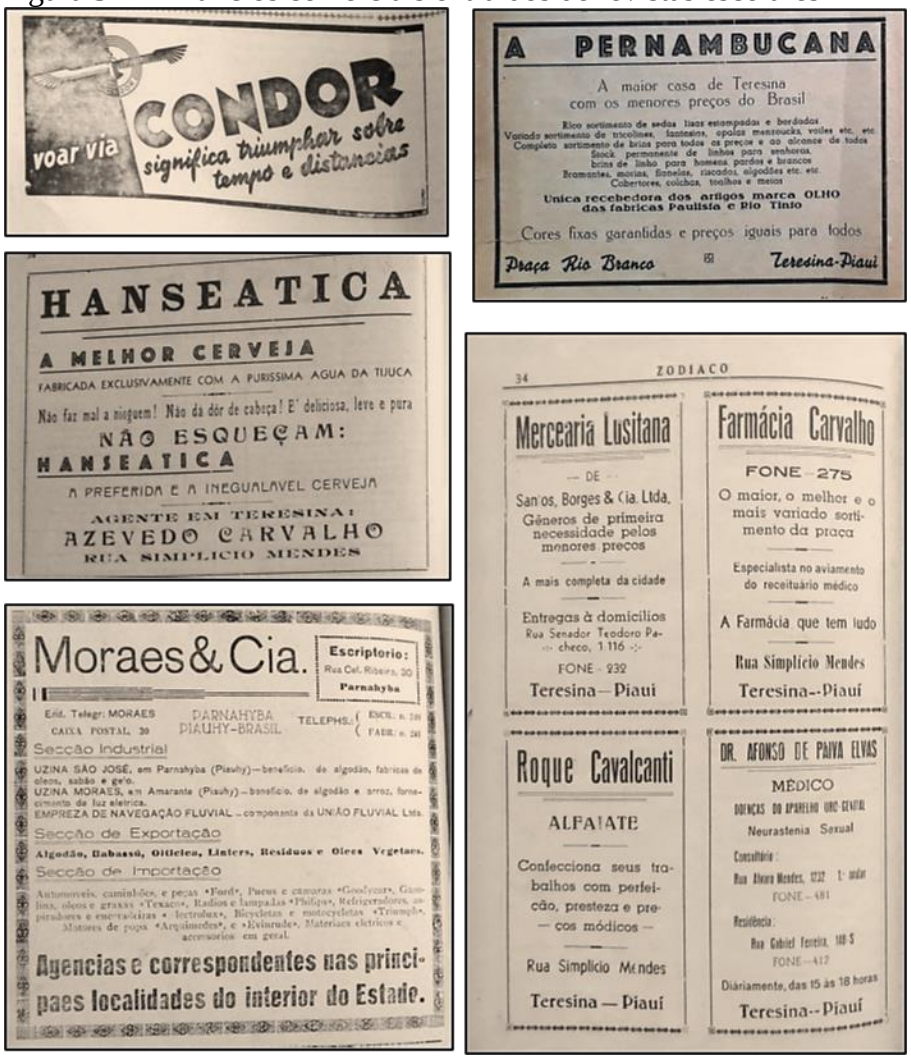
Mas que tipo de produtos e serviços eram anunciados? De maneira geral, eram propagadas naquelas páginas produtos e serviços dos espaços urbanos que, de certa forma,

atendia ao público citadino possuidor de maior poder de compra, sinalizando para o caráter mais elitizado daqueles que tinham acesso à escola. Assim, ao mesmo tempo que angariava recursos monetários para as despesas de produção, essa articulação com o setor também se encarregava de formar um público interessado naquele mercado. Os anunciantes foram patrocinadores dos periódicos interessados nas relações com a sociedade letrada (elite consumidora) que os consumia, composto pelas famílias do público escolar, entre as quais uma parcela considerável desfrutava de poder de consumo.

Além disso tudo, a aposta na propaganda comercial nesses veículos representava a confiabilidade e aproximação entre comércio e escolas. A propósito, os estabelecimentos de ensino, também, faziam uso da imprensa para divulgar os serviços que ofereciam. Em revistas e jornais escolares, encontram-se propagandas dos educandários aos quais estavam vinculados. Nesse caso, os anúncios eram feitos pelas escolas privadas que aproveitam tal espaço para divulgar os cursos que ofereciam, chamadas de matrícula, turnos de funcionamento etc.

A análise dessas propagandas sugere que não havia critérios específicos, estabelecimento de normas, sobre o que poderia ou não ser anunciado. De maneira geral, constava uma diversidade de produtos e serviços oferecidos. O setor lojista de variedades, serviços médicos, medicamentos, gêneros de primeira necessidade foram encontrados com grande frequência. Os artigos de luxo eram anunciados em relojoarias, perfumarias, chapelarias, alfaiatarias, lojas de tecidos e uma série de outros estabelecimentos que focavam sua propaganda em um público de maior poder de compra. A Figura 51 ajuda a compreender a diversidade publicitária presente nos impressos.

Figura 51 – Anúncios comerciais extraídos de revistas escolares



Fontes: *Educação* (1936); *4 de Outubro* (1936); *Raios de Luz* (1940); *Voz do Estudante* (1940); *Voz do Estudante* (1943); *Zodíaco* (1945).

Na figura, composta por anúncios[110] extraídos de algumas revistas estudadas, encontram-se propagandas de empresas aéreas, redes bancárias, casas de exportação, marcas de cerveja etc. Importante destacar a propaganda de cervejas e cigarros nos periódicos escolares, sugerindo o comportamento boêmio dos citadinos. Com relação à localização espacial, os estabelecimentos anunciados tinham logradouros nas áreas centrais das cidades, área na qual concorria as melhores casas comerciais, indicando seu prestígio naquele mercado.

[110] Voar via Condor (*Educação*, 1936, p.10); Hanseática (*4 de Outubro*, 1936, p.38); Morais e Cia (*Raios de Luz*, 1940, p.16); A Pernambucana (*Voz do Estudante*, ano 1, n.1, 1940, p.52); Banco do Brasil (*Voz do Estudante*, ano 3, n.12, 1943, p.20); Mercearia, *et al* (*Zodíaco*, ano 3, n.13, 1945, p.34).

Voz do Estudante e *Zodíaco* foram as revistas com maior ocorrência dessa prática. Nelas foi encontrada uma quantidade significativa de propagandas, transformando-as em importantes vitrines de divulgação comercial. Enquanto os números consultados de *Educação, 4 de Outubro, Primícias Literárias, Raios de Luz, Panorama Estudantil* e *Geração* registraram 9, 16, 5, 4, 14, 9 propagandas, *Voz do Estudante* chegou a anunciar 35 e *Zodíaco* 37 propagandas em um único número. Talvez essa maior ocorrência nas duas últimas tenha se dado em razão de sua maior regularidade e pela sua maior circulação no meio letrado piauiense.

Contudo, a relação entre imprensa escolar e o comércio local manifesta o modo como as escolas e seus agentes se articulavam com os setores produtivos economicamente, como forma de adquirir apoio para o desenvolvimento dos seus empreendimentos, assim como o setor comerciário enxergava nas escolas, em seus agentes e produções, instrumentos de grande potencial para anunciar e consumir suas ofertas. Portanto, ao imprimir a propaganda mercantil, os periódicos consultados colaboravam também para a formação de um público consumidor que incluía, de modo particular, os estudantes.

Diante do exposto, ao longo deste capítulo, analisei um conjunto de temas presentes nas revistas escolares, procurando ressaltar que os enunciados sobre educação, escola, ensino, atuação dos estudantes, civismo, educação feminina, escrita literária e anúncios comerciais foram produzidos com o objetivo de promover a formação de estudantes e leitores moldados conforme uma agenda estabelecida na qual as revistas escolares também serviam de canal de divulgação.

UMA PAUSA NAS NOTÍCIAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA

A decisão de interromper a escrita de uma pesquisa constitui-se em um momento difícil e permeado de interrogações a respeito do feito e do que a pesquisa descortina. No meu caso, me rodeia a impressão de que poderia ter feito outras escolhas, me aprofundado em outras abordagens, construído outras reflexões. Isso significa que a discussão que empreendi ao longo deste estudo não foi esgotada e reconheço que permanecem lacunas a serem preenchidas a partir de novos investimentos. Faço apenas uma pausa ou um ponto contínuo devido às exigências das normas que regulam e controlam a escrita de uma tese de doutoramento. Chegou a hora de estabelecer uma pausa e revisitar os resultados alcançados e, assim, concluir esse ciclo, chegar ao ilusório ponto final, posto que a pesquisa é algo infindável, conforme alerta De Certeau (2013).

Miranda Junior (2019), ao analisar alguns postulados de De Certeau, assinala que a construção da escrita retrata a passagem da prática ao texto. No caso desta tese, exprime as práticas de representação de questões da escola e da sociedade, por meio da imprensa escolar. Em um certo sentido, prossegue Miranda Junior (2019), a escrita histórica permanece controlada pelas experiências das quais resulta. Contudo, ela mesma é uma prática social que confere ao seu leitor um lugar bem determinado, redistribuindo o espaço de suas referências simbólicas. É nesse ponto que, segundo o autor supracitado, De Certeau (2013) atribui um importante papel à escrita histórica, pois entende que, ao funcionar como uma espécie de imagem invertida, ela oferece lugar à falta (a ausência do passado), mas ao mesmo tempo a esconde. Opera construindo representações outras, intermináveis, atribuindo sentido e pretendendo compreender o passado, que lhe está ausente. Simboliza a ausência, exorcizando-a por meio do discurso marcado pelos postulados e coordenadas do saber histórico. A história abre, assim, para o presente um espaço próprio em que se “marca” um passado. Marcar um passado é abrir lugar para esse “morto”, mas também redistribuir o espaço dos possíveis. O papel performativo da história ocorre na medida em que permite uma prática se situar em relação ao seu outro, o passado, no caso as experiências do jornalismo escolar no Piauí, nos anos 1930 e 1940.

É neste momento que olho para o feito e me pergunto se a aventura desafiante de historicizar aspectos da educação piauiense com base na imprensa escolar ocorreu de maneira satisfatória e capaz de contribuir para uma compreensão da história da educação do Estado e

suas conexões com o nacional e com o transnacional. Essa questão me acompanhou ao longo da pesquisa e, por isso, retomo aos pontos centrais que balizaram a pesquisa como forma de conferir e avaliar os resultados entregues ao leitor.

Esse receio resulta das dificuldades que se impuseram durante a travessia de autoformação e aproveito os últimos momentos desta escrita para registrá-las, por essas circunstâncias terem provocado profundas interferência nas escolhas e nos resultados alcançados devido ao fechamento de arquivos locais que, de certa forma, impediu a ampliação de temas abordados ou mesmo de fazer outras escolhas a partir do exame de outra massa documental.

No percurso deste estudo, estabeleci como questão central a imprensa escolar no Piauí privilegiando um conjunto de jornais e revistas produzidos por escolas e órgãos de representação de estudantes em Teresina, capital do Estado, e nas cidades de Parnaíba e Floriano, no período compreendido entre 1930 e 1948. Conforme foi visto, os limites temporais estabelecidos foram definidos, considerando a ocorrência da produção e circulação do conjunto de jornais e revistas mobilizados no estudo. Meu objetivo era investigar o processo de composição dessa imprensa a partir da análise do contexto em que se encontrava e das condições de produção deste tipo específico de artefato cultural. Busquei também discutir os aspectos de suas possíveis contribuições para a formação dos estudantes daquele período.

A composição do conjunto documental utilizado na pesquisa incluiu jornais de distintos níveis de ensino (primário, secundário, profissional) e de diferentes cidades (Teresina, Floriano e Parnaíba). A operação de análise desse material ocorreu de forma complexa por causa das lacunas existentes verificadas nas séries incompletas e no avançado estado de decomposição em que muitos deles se encontravam, sem que oferecessem condições adequadas de manuseio, consulta e leitura. De algum modo, a decisão de estudá-los também foi um ato de manter e atualizar seus enunciados e para assegurar que as evidências de sua existência não fossem silenciadas e apagadas pela ação corrosiva do tempo; para que o *morto* pudesse ter outro lugar.

Assumi, assim, a tarefa de problematizar uma documentação dispersa, lacunar e marcada essencialmente pela "falta" (FARGE, 2009), composta de jornais subestimados por pesquisadores do campo da história da educação e revistas pouco exploradas pelos estudiosos desse campo. Garimpando um e outro, reuni uma quantidade considerável de jornais e revistas que classifiquei como imprensa escolar, por terem sido elaborados com finalidade educativa nas escolas ou através de organizações de estudantes. Esse acervo permitiu perceber a

importância que esse tipo de veículo ocupou no meio educacional das cidades às quais pertenciam, onde foram utilizados como instrumentos a serviço de determinadas concepções políticas e pedagógicas, através da circulação de ideias, atividades, aspirações, normas, valores e uma agenda voltada para a formação dos estudantes em conformação com valores e interesses que transcendiam os muros das escolas.

As múltiplas abordagens noticiadas e discutidas indiciam posições e modos de conduzir os leitores para os temas que faziam imprimir, onde se percebia um flagrante interesse em contribuir para o desenvolvimento da instrução e para o combate ao analfabetismo ainda muito expressivo naquele presente. A discussão estabelecida mostrou que os periódicos procuraram ocupara um lugar fundamental e estratégico na formação escolar dos estudantes piauienses. Para compreender essa importância, discuti, inicialmente, como a produção da imprensa escolar se configurou no Piauí a partir das dimensões educacionais, políticas, econômicas e culturais, oportunidade em que enfatizei um conjunto de fatores que fizeram do período em estudo um tempo de profícua veiculação de periódicos no meio escolar do Estado. Naquela conjuntura, o Piauí testemunhou uma agenda de ações que procurou estabelecer um conjunto de mudanças estruturais, de modo a inserir o Estado na rota do progresso, alinhando-se, deste modo, ao discurso nacional que se instituiu a partir de 1930 com a chegada de Getúlio Vargas ao poder.

Durante o período getulista, o Piauí foi governado por dois interventores – Landri Sales (1931-1935) e Leônidas Melo (1935-1945) – que, aliados às municipalidades, empreenderam medidas de modernização urbana em Teresina e em outras cidades que despontavam como centros de civilidade, como foi o caso de Parnaíba e Floriano. Pavimentação, iluminação pública, construção e reformas de praças e de outros espaços de civilidade, construção de prédios públicos, aberturas de estradas, investimentos em transportes, comunicação e uma arrojada política de construção de prédios escolares marcaram a tônica do ensaio de desenvolvimento que se experimentava. A capital Teresina foi o espaço no qual se processaram os maiores investimentos estruturais, tornando-se uma vitrine da representação do desenvolvimento local, amplamente divulgada pelos agentes públicos. A “grande imprensa” noticiou tais avanços, exaltando os empreendimentos por eles desencadeados.

A educação assistiu a uma arrojada política de expansão através da construção de prédios escolares com o objetivo de ampliar a matrícula do ensino primário e combater o analfabetismo. Os grupos escolares alteraram a dinâmica da instrução piauiense por terem sido projetados exclusivamente para as atividades de ensino que, na maioria dos

estabelecimentos, ficava a cargo de professoras adeptas de metodologias modernas assimiladas nos cursos normais. Mesmo diante desses avanços, o analfabetismo ainda predominava na sociedade piauiense e a maior população escolarizada interrompia sua vida escolar com a conclusão do ensino primário. Isso significa dizer que o ensino secundário era restrito a uma parcela ainda menor da população constituída por filhos das camadas mais abastadas da sociedade local.

Foi nesse contexto que a produção de jornais e revistas se inscreveu em escolas e organizações estudantis como um tipo de artefato por meio do qual se buscava difundir convicções, valores formativos, práticas e atividades desenvolvidas nas instituições e nos espaços em que tais materiais circulavam. Influenciados pelos postulados da Escola Nova, a partir dos anos 1930, houve uma efervescência desses dispositivos, o que se estendeu também pela década seguinte. Contudo, os indícios apontam que a prática de produção de jornais nas escolas remonta ao final do século XIX e às primeiras décadas do século XX.

As escolas e/ou agremiações de estudantes de Teresina, Floriano e Parnaíba foram lugares de uma considerável produção de periódicos. Nesses espaços fizeram circular jornais nas escolas primárias, secundárias e de ensino profissional. Na capital, Escola Normal (*A Escola; Educação*), Colégio São Francisco Sales (*O Ginásio* e *Gente Nova*), Colégio Sagrado Coração de Jesus (*A Luz* e *Primícias Literárias*), Liceu Piauiense (*Piauí Novo; 4 de Outubro* e *Geração*), Ateneu Piauiense e Academia de Comércio do Piauí (*Voz do Estudante*); Ginásio Demóstenes Avelino (boletim e revista *Zodíaco*).

Ainda foi possível verificar a ocorrência de jornais de ensino primário produzidos nos grupos escolares: Grupo Escolar Barão de Gurguéia (*Era Uma Vez*), Grupo Escolar Engenheiro Sampaio e Escola Modelo Artur Pedreira (*Escolar Teresinense*) e Grupo Escolar Teodoro Pacheco (*O Estímulo* e *A Estrela*). Esses foram alguns dos educandários responsáveis pela escrita periódica escolar. No mesmo período, em Floriano, Liceu Municipal (*A Luz*), Instituto Santa Teresinha de Jesus (*O Astro),* Centro Estudantal Fernando Marques (*Voz Estudantal*) e Mocidade Estudiosa *(Estudante*). De modo semelhante, em Parnaíba se registou o lançamento de jornais ligados à Escola de Comércio da União Caixeiral (*Clarim*), ao Colégio Nossa Senhora das Graças (*Raios de Luz*) e ao Centro Estudantal Parnaibano (*Renascimento; Panorama Estudantil*).

Esse conjunto de publicações inscreveu a imprensa escolar como parte da cultura escolar de diversos estabelecimentos de ensino dos municípios que compuseram os lugares de pesquisa demarcados nesse trabalho, onde se analisou práticas, normas e indícios do cotidiano das escolas. A elaboração de cada impresso foi motivada pelo desejo de escolas e estudantes

em colaborar com a instrução piauiense. Em suas páginas pode ser visto um conjunto de enunciados destinado a divulgar as atividades escolares e posicionamentos de estudantes, professores, intelectuais e agentes públicos que as utilizavam para dar publicidade às suas produções e realizações.

Na análise dos jornais foram priorizados os enunciados publicados, com certa regularidade, relacionados ao debate sobre educação, escola, estudantes, as manifestações cívicas e os signos de modernidade. Foi possível enxergar que os jornais analisados foram lugar de reflexão sobre a situação educacional através de notícias que anunciam uma agenda que se efetivou através do engajamento dos setores competentes em favor da educação. Os jornais também discutiam a importância da educação como mecanismo capaz de promover os avanços necessários para fazer o Piauí superar as condições limitadas que predominaram até os tempos anteriores. Ainda assim, mesmo que a maioria dos jornais se mostrasse otimista, também circularam discursos que questionavam a propaganda empreendida pelas agências do governo.

Escolas, professores e alunos foram noticiados de diversos modos, prevalecendo a ideia de importância, engajamento e atuação em favor da causa da educação. As representações acerca das instituições de ensino e dos professores as colocavam em uma condição de elevado prestígio pelo importante papel que desempenhavam na formação da juventude, promovendo sua instrução e combatendo a ignorância e o analfabetismo ainda latentes no Piauí e no Brasil. Os jornais evidenciam ainda a atuação dos estudantes que se organizavam em associações como os grêmios, centros culturais e estudantis para lutar pelas questões que lhes interessavam. A mocidade estudiosa piauiense das décadas de 1930 e 1940 é percebida pela mobilização em torno de benefícios que pudessem contemplar a classe.

Os periódicos procuravam, assim, dar visibilidade aos assuntos que colaboraram com a causa da educação em seus diferentes contornos. Para isso, foram utilizados como recurso escolar e ferramenta pedagógica que, ao mesmo tempo, que divulgava atividades e posicionamentos dos sujeitos escolares, colaborava para a formação de editores, colaboradores e leitores. No entanto, não se pode esquecer que a escrita desses dispositivos era regida também pelo controle escolar que se articulava às condições impostas pelos jogos políticos e pedagógicos que cobriram a maior parte do recorte temporal da pesquisa. A exaltação à pátria e aos seus governantes, tão presente nas páginas deste impresso, configurou-se como uma forma utilizada para revelar sua aproximação com os interesses do Estado e da nação. Evocavam-se personagens e efemérides de um passado glorioso para modelar costumes, estimular o amor à pátria e sentimento de pertencimento à nação.

Nas revistas pode se perceber um projeto de formação que contemplava os mesmos objetivos idealizados pelos jornais. Mas o que se pôde ver foi um conjunto de produções mais amadurecidas com discussões mais avançadas e com a preocupação em formar uma elite intelectual através do gosto pela leitura e pelo refinamento da escrita em artigos e produções literárias em forma poesia, contos, crônicas e críticas. A credibilidade que desfrutavam junto à sociedade letrada foi observada nas muitas colaborações de homens das letras que fizeram desses periódicos um espaço de divulgação de suas produções. A preocupação de estudantes e professores com as demandas educacionais revelou o desejo de estender a educação a todas as classes e espaços. Discutiu-se ainda a necessidade de ensino rural para as populações do campo, de ensino industrial para qualificar os estudantes ao trabalho, bem como foi pautada temática dos jardins de infância. O ensino para adultos, que contemplasse aqueles que haviam interrompido a vida escolar para se dedicarem ao trabalho, também foi matéria regular nas folhas impressas analisadas neste estudo. A circulação e apropriação de princípios associados ao heterogêneo movimento da Escola Nova atravessa a discussão, marcando a prática de elaboração de jornais e revistas por escolas e estudantes e, da mesma forma, nas discussões sobre as escolas e os modos de ensinar.

Os festejos de aniversário das escolas estimularam a produção de periódicos que dedicavam números especiais que as homenageavam. Essa prática, ao mesmo tempo que reafirmava o caráter educativo e, nesses casos, efêmero, também colaborava para a construção da memória cívica dos estudantes e coletivos atingidos pela ação escolar. Com a mesma perspectiva, foram celebrados com regularidade personagens considerados como heróis da pátria e os eventos consagrados no calendário cívico da época.

A agenda ou linha editorial, tanto de revistas quanto jornais, adotou uma prática de homenagear as principais lideranças políticas como o chefe da nação e os gestores estaduais e municipais, servindo assim como mecanismo de adesão, legitimação e propagação dos seus programas e ações para, do mesmo modo, promover uma formação escolar disciplinada e em conformidade com as regulações impostas pelas instâncias nas esferas de governo. A regulação dos costumes pôde ser vista no debate em torno do comportamento feminino no qual consultei um conjunto de críticas direcionadas ao comportamento da mulher contemporânea do período, considerado transgressor dos paradigmas da tradição local.

A produção literária foi percebida como importante marca dos editoriais das revistas analisadas. Essas revistas designaram parte considerável de suas páginas para poemas, contos e crônicas de autoria de estudantes, de jovens intelectuais dedicados às letras e de literatos consagrados pela crítica local. Alguns desses artefatos, como *4 de outubro*, *Voz do Estudante*,

Zodíaco e *Geração,* se dedicaram de maneira especial à formação cultural e intelectual dos estudantes secundaristas e da sociedade letrada. Entre as práticas de escrita mais utilizadas destacaram-se os relatos de passeios, feiras e as lembranças dos lugares de origem de muitos estudantes que se transferiram para os centros educacionais para continuar seus itinerários escolares. Os registros dos passeios e das férias escolares revelaram o emprego de atividades que buscavam dinamizar as práticas escolares e aspectos da realidade piauiense fora dos maiores centros.

Além do estímulo das escolas e do apoio do poder público, ainda procurei demonstrar que a publicação desses artefatos também se dava mediante o patrocínio financeiro do comércio local que via, nas revistas e nos jornais, uma vitrine para divulgar produtos e serviços que se destinavam, sobretudo, a essa parcela da sociedade, que, de certa forma, possuía maior capacidade de consumo. Essa relação revelou também a aproximação existente entre aquele setor e a educação cujo interesse era colaborar para o desenvolvimento de um público ativo capaz de contribuir para o desenvolvimento piauiense.

A imprensa escolar mostrou-se diversa. Em razão das escolhas feitas nesta tese, muitas abordagens deixaram de ser verificadas com aprofundamento merecido. Nos jornais, por exemplo, além das questões que foram exploradas ao longo do trabalho, outros enunciados menos regulares também ocuparam suas páginas. Deram espaço para as notas de humor, como charadas, anedotas, sátiras e descrições cômicas de perfis de estudantes e, até mesmo, de alguns professores, aspectos analisados de forma menos profundada neste estudo.

Outro tema que se observou que merece ser melhor explorado, consiste na presença de textos reflexivos, muitos dos quais, com características melancólicas sinalizando, talvez para as angústias e dramas experimentados por aqueles, que, em muitos casos, deixavam suas famílias de distantes lugares para continuar seus itinerários de formação. Alia-se a esse tema a ocorrência, sobretudo nos jornais, de algumas correspondências que também dão conta dos sentimentos e das condições em que se encontravam, quando distantes de casa. Tais registros vinham, especialmente de estudantes que viviam sob o regime de internato em alguns estabelecimentos de ensino que ofereciam essa opção.

Embora tenha tido espaço nesta tese, a produção literária ainda demanda investimentos maiores devido ao volume e variedade desse campo. Contos, crônicas, poesias e crítica literária marcaram as páginas dos jornais, tiveram, porém, maior repercussão nas revistas sob exame. Além de muitos estudantes que debutaram no universo das letras, dando a perceber suas primeiras investidas no campo, sobretudo no campo da poesia, uma parcela das publicações foi assinada por colaboradores, com destaque para intelectuais e literatos já

reconhecidos no cenário local. Acredito que é uma produção vasta que possibilita análise de diversos ângulos e de maneira mais aprofundada. De modo semelhante, os anúncios comerciais ainda podem ser analisados a partir de outras entradas, como, por exemplo, buscando perceber se, além da propaganda, os anunciantes apoiavam outras atividades relacionadas à educação, ou ainda, como ela se estabelecia entre o público escolar e o comércio propagado.

Como foi trabalhado nesta tese, a circulação de periódicos escolares no Piauí não aconteceu exclusivamente no recorte estudado. Suas primeiras iniciativas remontam às décadas finais do século XIX e atravessaram as primeiras décadas do século XX. Até o momento foram localizados poucos indícios da materialidade desses impressos, permanecendo assim uma lacuna que pode servir de investimento para novos estudos. Os anos posteriores à década de 1940 também testemunharam efervescência desse tipo de imprensa. Essa ocorrência é percebida através de vestígios de alguns jornais da década de 1950, entre os quais: *O Colegial* (1950), *Geração* (1952), do Colégio Estadual do Piauí; *Flâmula* (1952), do Ginásio Estadual Picoense; *O Operário* (1953) e *O Régio* (1957), do Ginásio Des. Antônio Costa. Além desses, também existiram outros números esparsos de algumas das revistas estudadas.

Diante do que foi visto, pode-se concluir que a imprensa escolar, por meio de um conjunto de enunciados buscou informar, instruir e contribuir para a formação da mocidade estudiosa piauiense, estimulando as inteligências e a sua imersão na cultura letrada por intermédio da elaboração e produção escrita, dando a perceber determinados aspectos daquele contexto educacional. Os periódicos também procuraram contribuir para a construção do espírito cívico-patriótico por meio de um conjunto de produções que visavam impactar a formação das condutas e disciplinamento dos grupos aos quais se direcionavam.

Com isso tudo, quero dizer que, do ponto de vista historiográfico, esta tese focalizou apenas a ponta de um *iceberg* que ainda carrega amplas possibilidades de estudos a serem explorados acerca da imprensa escolar no Piauí, que podem produzir novas possibilidades para a compreensão do passado da história da educação local e ainda ampliar as discussões a respeito da importância dessa documentação para as pesquisas no campo da história da educação.

REFERÊNCIAS

Mensagens governamentais, relatórios, leis e decretos

BRASIL. *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil,* de 16 de Julho de 1934.

BRASIL. *Decreto de n. 19.488. de 15 de dezembro de 1930* (Declara os dias de festa Nacional).

BRASIL. *Decreto-lei n. 4.244, de 9 de abril de 1942* (Lei orgânica do ensino secundário).

PIAUÍ. *Decreto Estadual n. 1.438,* de 30 de janeiro de 1933. (Regulamento Geral de Ensino Piauiense).

PIAUÍ. *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Estado do Piauhy pelo Exmo. Sr. Governador Dr. Leônidas de Castro Melo.* Teresina, Imprensa Oficial, 1936.

PIAUÍ. *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Estado do Piauhy pelo Sr. Dr. Leônidas de Castro Melo, Governador do Estado.* Teresina, Imprensa Oficial, 1937.

PIAUÍ. *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa em 1949 pelo Governador José da Rocha Furtado.* Teresina: Imprensa Oficial, 1949.

PIAUÍ. *Mensagem apresentada à câmara legislativa pelo Governador João Luiz Ferreira.* Theresina, Typ. do "O Piauhy", 1921.

PIAUÍ. *Relatório apresentado ao Exmo. Getúlio Vargas M. D. Presidente da República pelo Cap. Landry Salles Gonçalves, interventor federal no Estado do Piauhy (1931-1935)***.** Teresina, Imprensa Oficial, 1935.

PIAUÍ. *Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da República pelo Interventor Leônidas de Castro Melo.* Teresina, Imprensa Oficial, 1938.

PIAUÍ. *Sinopse Estatística do Estado,* n. 3. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – Departamento Estadual de Estatística. Teresina, Imprensa Oficial, 1939.

Artigos de revistas e jornais do período estudado

12 DE OUTUBRO. *A Luz***,** ano 1, n.1, p.2, Floriano, 22 out. 1930.

2ª EXPOSIÇÃO de Imprensa Escolar do Brasil: a Sociedade de Amigos de Alberto Torres vai realiza-la em dezembro próximo em Belo Horizonte. *Correio da Manhã*, ano 34, n.12.250, p.9, Rio de Janeiro, 31 out. 1934.

7 DE SETEMBRO. *Renascimento,* Ano 3, n.9, p.1, Parnaíba, 7 set. 1948.

A CIDADE. *O Piauí,* ano 57, n.5, p.2, Teresina 7 out. 1945.

A COROAÇÃO da rainha. *Piauí Novo,* ano 1, n.8, p.1, Teresina, 4 out. 1939.

A DATA natalícia do Presidente Getúlio Vargas. *Zodíaco.* ano 2, n.6, p.3, Teresina,19 abr. 1944.

A DATA que festejamos. *A Escola,* ano 1, n.1, p.1, Teresina, 15 maio 1936.

A EDUCAÇÃO em Minas Gerais. *Correio da Manhã,* ano 33, n.11.998, p.5, Rio de Janeiro, 9 jan. 1934.

A ESCOLA. *A Escola*. ano 1, n.1, p.2, Teresina, 17 out. 1933.

A ESTRELA [expediente]. *A Estrela,* ano 1, n.1, p.2. Teresina, 13 maio 1946.

A ESTRELA. *A Estrela,* ano 1, n.1, p.1. Teresina, 13 maio 1946.

A INAUGURAÇÃO da Exposição de Imprensa Escolar. *Correio da Manhã,* ano 34, n.12.228, p.5, Rio de Janeiro, 5 out. 1934.

A INSTRUÇÃO no Brasil. *Voz Estudantal*. Ano 1, n.2, p.4, Floriano, 23 jul. 1936.

A LUZ e os três grandes órgãos locais. *A Luz***,** ano 1, n. 3, Teresina, 10 maio 1939.

À MOCIDADE. *Voz Estudantal,* ano 1, n.2, p.1, Floriano, 23 jul. 1936.

A MULHER e a guerra. *A Escola,* ano 6, n.9, p.8, Teresina, 15 de maio de 1943.

A NOSSA atuação política. *Renovação,* ano 1, n. 2. p.1, Teresina 26 ago. 1934.

A PÁTRIA. *O Livro,* ano 4, n.47, p.2, Floriano, 7 set. 1921.

A PRIMEIRA Exposição de jornais Escolares que se realiza no Brasil. *Correio da Manhã,* ano 33, n.11.982, p.3, Rio de Janeiro, 21 dez. 1933.

A QUESTÃO da nova disciplina. *A Escola*. ano 1, n.1, p.4, Teresina, 17 out. 1933.

A RAINHA do Estudante. *Renascimento,* ano 1, n.6, p.6, Parnaíba, 19 out. 1946.

ACADEMIA Liceísta de Letras. *4 de Outubro,* ano 3, n.2, p.14, Teresina, 1936.

AGRADECIMENTOS. *Renascimento,* ano I, n.6, p.6, Parnaíba, 19 out. 1946.

ALMANAQUE do Cariri. *Edição dedicada ao estado do Piauí,* em homenagem a sua capital, pela passagem do seu primeiro centenário (1852 – 1952), 1952.

ALMANAQUE do Cariri. *Primeiro centenário de Teresina (1852 – 1952)* – monografia da capital, reportagens dos municípios do interior e outras matérias próprias desta empresa Publicitária, 2 ed. 1952.

ANDRADE, Maria Alice. Hipocrisia, *A Luz,* ano 1, n.5, p.2, Teresina, 11 jul. 1939.

AO PÚBLICO. *A Estrela,* ano 1, n.1, p.1. Teresina, 13 maio 1946.

AO PÚBLICO. *Voz do Normalista.* Ano 1, n.1, p.1. Teresina, 15 maio 1937.

ARAÚJO, Aldeci. A Luz. *A Luz,* ano 1, n. 1, Teresina, 4 abri. 1939.

ARAÚJO, Aldeci. Carta aberta ao Alair Rocha. *Piauí Novo,* ano 1, n.8, p.7, Teresina, 4 out. 1939.

ARAÚJO, Francisco Cesar. Valor da mulher. *Voz do Estudante,* ano 2, n.4, p.30, Teresina, 25 dez. 1941.

ARAÚJO, Jesus. A mocidade de Teresina vive. *A Luz,* Ano 1, n.5, p.2, Teresina, 11 jun. 1939.

AS FESTAS de hoje. *4 de Outubro,* ano 3, nº 2, p.20, Teresina, 1936.

ATIVIDADES estudantis**.** *Folha Estudantal*, ano XI, n.1, p.3, Teresina, 20 out. 1946.

AVELINO, Lélia. A voz do mestre. *A Estrela,* ano 1, n.1, p.1/4. Teresina, 13 maio 1946.

AVELINO, Lélia. A voz do mestre: 15 de outubro. *A Estrela*, ano 1, n.6, p.1-2. Teresina, 15 out. 1946.

AVELINO, Lélia. A voz do mestre: ensinar para aprender. *A Estrela*, ano 1, n.3, p.1-2. Teresina, 30 jul. 1946.

AVELINO, Lélia. O valor da Escola primária. *A Estrela*, ano 1, n.4, p.1-2. Teresina, 25 ago. 1946.

AZEVEDO, James. A missão social do professor primário. *Educação*, p.5, Teresina, 25 dez. 1936.

AZEVEDO, James. Minhas excursões escolares. *Voz do Estudante,* ano 2, n.9, p.6-7, Teresina, 25 dez.1942.

BAPTISTA, Mário José. Depoimento. In: O desenvolvimento educacional piauiense na administração Leônidas Melo (Inquérito Zodíaco). *Zodíaco,* ano 2, n. 7, p.10-11, Teresina 3 maio 1944.

BARGUIL, Carmem Dolores. Getúlio Vargas – sua personalidade e administração *Zodíaco,* ano 2, n.6, p. 36-37. Teresina 19 abr. 1944.

BARRETO, Nicanor. Aos amigos de Panorama Estudantil. *Panorama Estudantil,* p.s/n, Parnaíba, jun. 1939.

BASTOS, João. Pela instrução no Piauí. *Zodíaco,* ano 1, n. 1, p.1-2, Teresina, 30 maio 1943.

BASTOS, Raldir. 1º centenário. *Geração*, ano 3, n.4, p.5-6, Teresina, 04 out. 1945.

BATISTA, Cícero Lages. José de Freitas. *Voz do Estudante*, ano 2, n.7, p.15, Teresina, 7 set. 1942.

BELTRONIO, Francisco. Em leilão. *Escolar Teresinense*, ano 1, n.1, p.3, Teresina, 3 maio 1940.

BRANDÃO, Alceu. Depoimento. In: O desenvolvimento educacional piauiense na administração Leônidas Melo (Inquérito Zodíaco). *Zodíaco*, ano 2, n. 7, p.8, Teresina 3 maio 1944.

BRITO, Itamar. O Sete de Setembro – dia da liberdade. *Geração*, ano 2, n.4, p.42-43, Teresina, 4 out. 1945.

BUCAR, Fauzer. Palavras proferidas no banquete oferecido pelos estudantes de Floriano aos professores e alunos do Ginásio Dr. Demóstenes, nos salões do Floriano Club. *Zodíaco*, ano 2, n.9, p.58, Teresina, 14 jul. 1944.

CADAH, Benedito. A bandeira nacional. *Era Uma Vez*, ano 2, n.2, p.1, Teresina, 19 nov. 1938.

CADAH, Moisés. Meu grupo. *Era Uma Vez*, ano 2, n.2, p.3, Teresina, 19 nov. 1938.

CADDAH, José P. T. O Piauí precisa de nós. *Gente Nova*, Ano II, n.22. Teresina, nov. 1947, p.4.

CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. Trad. Álvaro Lorencini, São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1999.

CARDOSO FILHO, Antero. 21 de abril. *Zodíaco*, ano 2, n. 7, p.14, Teresina 3 maio 1944.

CARTA ABERTA. *Voz Estudantal*, n.2, ano 1, p.1, Teresina, 23 jul. 1936.

CARVALHO, Cristóvão Alves de. O 11 de agosto. *Geração*, Ano 2, n.3, p.23, Teresina, 11 ago. 1945.

CARVALHO, Edsel Wall de Carvalho. 3 de maio. *Escolar Teresinense*, ano 1, n.2, p.1-2, Teresina 3 maio 1940.

CARVALHO, Norman Wall de. Apresentação. *Escolar Teresinense*, ano 1, n.2, p.1, Teresina 3 maio 1940.

CARVALHO, Olavo de. Amemos o nosso lar. *Gente Nova*, ano 1, n.4, p.2, Teresina, 20 jul.1946.

CARVALHO, Zelina Area Leão. Uma testemunha histórica. *Zodíaco*, ano 3, n.16, p.33. Teresina, 7 set. 1945.

CASTELLO BRANCO, Carlos. A luta pela abolição: Castro Alves – José do Patrocínio. *4 de Outubro,* ano 3, nº II, p.36-37, Teresina, 1936.

CASTELO BRANCO, José Ferreira. A escola. *A Escola,* Ano 6, n.9, p.5, Teresina,15 mai. 1943.

CASTRO, Antônio. O aniversário da Escola Normal Oficial. *Zodíaco,* ano 2, n.9, p.31, Teresina 14 jul. 1944.

CASTRO. Francisca das Chagas Fortes. O dia 19 de abril. *Escolar Teresinense,* ano 1, n.2, p.3, Teresina 3 maio 1940.

CAVALCANTI, J. Piauí. *Voz do Estudante.* ano 2, n.4, p.4, Teresina 25 dez. 1941.

CHAVES, Alcebíades Vieira. Página de recordação. *Geração,* ano 3, n.4, p.4, Teresina, 04 out. 1945.

CHAVES. A Pátria. *O Astro,* ano 1, n.1, p.4. Floriano, 21 de abril de 1937.

COELHO NETTO, Henrique Maximiano. Mandamentos cívicos. *Panorama Estudantil*. Ano. 1, n.2, p. s/n. Parnaíba, jun. 1939.

COELHO, Ozanan. Salve, Teresina! *Gente Nova*, ano 1, n.4, p.2, Teresina, 20 jul.1946.

COELHO, Salustiano. Conversando com Da Costa e Silva. *Voz do Estudante*. Ano 1, n.1, p. 22 – 25, Teresina 30 dez. 1940.

COLÉGIO Sagrado Coração de Jesus. *Primícias Literárias*, ano II, n.6, p.s/n, Teresina, 1938.

COLÉGIO São Francisco de Sales. *Gente Nova*, ano 1, n.8, p.1. Teresina, out. 1946.

CONCURSO para a rainha dos estudantes teresinenses. *O Ginásio,* ano 1, n.2, p.3, Teresina, 23 nov. 1933.

CONCURSO para rainha dos estudantes. *O Ginásio*, ano 1, n.1, p.1, Teresina, 25 out. 1933.

CORREIA, Benedito Jonas; LIMA, Benedito dos Santos (Org.). *O Livro do Centenário de Parnaíba* (1844 – dezembro – 1944). Estudo histórico, corográfico, estatístico e social do município de Parnaíba. Parnaíba, Gráfica Americana, 1945.

CORRESPONDÊNCIA do CEP. *Renascimento*, Ano I, n.2, p.10, Parnaíba, 10 fev. 1946.

COSTA, Albertina V. da. Minha cidade natal. *Primícias Literárias*, ano 2, n.6, p.s/n, Teresina, 1938.

COSTA, Falcão. Depoimento. In: O desenvolvimento educacional piauiense na administração Leônidas Melo (Inquérito Zodíaco). *Zodíaco,* ano 2, n. 7, p.10, Teresina 3 maio 1944.

COSTA, Francisco Carvalho. Parnaíba. *Panorama Estudantal,* Ano 1, n.2, Parnaíba, jun. 1939.

COUTO, Luís Castelo Branco. A mulher e sua evolução. *4 de Outubro***,** Ano 3, n.2, p.14, Teresina, 1936.

CRIANDO. *Getúlio Vargas – o amigo das crianças*. DIP. novembro de 1940.

CRUZADA Pró-casa do estudante. *Renovação*. Ano 1, n.1, p.1/4, Teresina, 19 ago. 1934.

CUNHA E SILVA. Grandiosa iniciativa. *Gente Nova*, ano 2, n.22, p.1. Teresina, nov. 1947.

CUNHA, Antônio. Apelo aos colegas. *Zodíaco*, Ano 1, n.2, p.4, Teresina, 11 jul. 1943.

CUNHA, Antônio. Uma feliz iniciativa. *Zodíaco*, ano 1, n.1, p.8, Teresina, 30 maio 1943.

CURSO de admissão aos cursos comercial, ginasial e o curso de licença ginasial noturno. *Voz do Estudante*. Ano 3, n.12, p. 27, Teresina, set. 1943.

CUSTÓDIO, J. Ao leitor. *Raios de Luz*, p.3, Parnaíba, 4 out. 1940.

DAMASCENO, David. A Luz. *A Luz***,** ano 1, n.2, p.1, Floriano, 5 nov. 1930.

DEMES, Josefina. Memorare. *Primícias Literárias*, ano II, n.6, p.s/n, Teresina, 1938.

DIA DA PÁTRIA. *A Escola*, ano 4, n.7, p.1, Teresina, 7 set. 1937.

DIÁRIO OFICIAL. Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (edição especial). *Diário Oficial*. ano 12, n.95, Teresina 3 maio 1942.

DISCURSO lido por Bernardino Viana, aluno da 4ª série do Ginásio Leão XIII, na sessão solene de comemoração do 5º aniversário do referido estabelecimento. *Voz do Estudante*, ano 3, n.12, p.15-16, Teresina, set. 1943.

DISCURSO proferido pelo Dr. Waldir Gonçalves, professor de História Geral e História do Brasil, na solenidade comemorativa do primeiro aniversário de fundação do Ginásio Dr. Demóstenes Avelino. *Zodíaco*, ano 2, n.6, p. 7-10, Teresina, 19 abr. 1944.

DISCURSO pronunciado na solenidade da inauguração do novo prédio do Lyceu Piauhyense, a 3 de maio de 1936, pelo diretor do mesmo estabelecimento Dr. João Pinheiro. *4 de Outubro*, ano 3, n.2, p.22, Teresina, 1936.

DISCURSO pronunciado pelo Presidente eleito da Diretoria do Centro Estudantal Piauiense. *Folha Estudantal*, Ano XI, n.1., p.1. Teresina, 20 out. 1946.

DONATIVOS para Odontologia e Farmácia. *Gente Nova*, ano 2, n.22, p.1. Teresina, nov. 1947.

E O CENTRO estudantal? *Renascimento*, Ano 3, n.9, p.4, Parnaíba, 7 set. 1948.

EDUCAÇÃO. 1936! mais professores para o Piauí! Nova turma... novas esperanças para o futuro de nossa terra!... *Educação*, p.28, Teresina, 25 dez. 1936.

ESTATUTO do Ginásio Dr. Demostenes Avelino. *Zodíaco,* ano 3, n.14, p. 19-27, Teresina 20 ma. 1945.

ESTATUTOS do Grêmio Literário Getúlio Vargas. *A Escola,* Ano 6 n.9, p. 10, Teresina 15 maio 1943.

EVANGELISTA, Maria de Jesus. Tiradentes, *A Estrela,* ano 1, n.2, p.4, Teresina 25. Ago. 1946.

EXPOSIÇÃO De Imprensa Escolar. *Jornal do Dia*, ano 1, n.221, p.5, Porto Alegre – RS, 18 out. 1947.

FAUSTINO, Mario. Teresina. *Escolar Teresinense*, ano 1, n.1. p.4, Teresina, 30 de maio de 1940.

FERRAZ, Oseas Pereira. Centro Cultural Lima Rebelo. *Zodíaco,* Ano 1, n.2, p.10, Teresina, 11 jul. 1943.

FERREIRA, A conquista Final. *Geração*, ano 3, n. 4, p.10, Teresina, 4 out. 1945.

FERREIRA, Álvaro. Depoimento. In: O desenvolvimento educacional piauiense na administração Leônidas Melo (Inquérito Zodíaco). *Zodíaco,* ano 2, n. 7, p.9, Teresina 3 maio 1944.

FERREIRA. Jonas Santana. Teresina e o ensino. *Zodíaco,* Ano 1, n.1, p.6, Teresina, 30 maio 1943.

FLORIANO no Piauí, sob a ação de um bom prefeito. *A Noite,* n.661, p.32, Rio de Janeiro, 2 dez. 1941.

FONTENELE, Isis Nogueira Paranaguá. 13 de maio. *Zodíaco*, ano 3, n.14, p.35, Teresina 20 maio 1945.

FONTES, Jerônimo. Psiu! *O Ginásio,* ano 1, n.1, p.2, Teresina, 25 out. 1933.

FOOT-BALL. *A Luz,* ano 1, n.3, p.3, Floriano, 4 dez. 1930.

FORTES, Teresinha de Jesus Vieira. À Getúlio Varga – o amigo das crianças, a minha modesta homenagem. *Zodíaco,* ano 2, n.6, p. 36. Teresina 19 abr. 1944.

FREITAS, Ferdinan. A preguiça. *A Estrela,* ano 1, n.4, p.2, Teresina, 15 out. 1946.

FREITAS, I. Instrucção. *A Luz,* ano 1, n, 2, p.2, Floriano, 5 nov. 1930.

FREITAS, Neusa de Oliveira. A verdade e a mentira, *Zodíaco,* ano 1, n.1, p.3, Teresina, 30 maio 1943.

FREITAS. Ida de. A professora: às minhas dedicadas mestras. *A Escola*. Ano 1, n.1, p.2, Teresina, 17 out. 1933.

GENTE NOVA. *Gente Nova*, ano 1, n.3, p.2, Teresina, 8 jun.1946.

GERAÇÃO. *Geração,* Ano 2, n.3, Teresina, 11 ago. 1945.

GINÁSIO Dr. Demóstenes Avelino. *Zodíaco,* ano 2, n.12, p.s/n, Teresina, 1 dez.1944.

GINÁSIO Leão XIII. As festas comemorativas do 15 de julho. *Voz do Estudante,* ano 3, n.12, p.23/26, Teresina, set. 1943.

GINÁSIO Leão XIII. *Voz do Estudante,* ano 3, n.12, p.23/26, Teresina, set. 1943.

GLÁUCIO. Tudo por ti, Brasil! *O Astro,* ano 1, n.1, p.1-2, Floriano, 21 abr. 1937.

GONÇALVES NETO, Vitor. Crepúsculos Literários. *Geração,* ano 2, n.4, p.17, Teresina, 4 out. 1945.

GONÇALVES NETO, Vitor. Oração ao Brasil. *Voz do Estudante,* ano 2, n. 7, Teresina 7 set. 1942, p. 30.

GONÇALVES, Waldir. Depoimento. In: O desenvolvimento educacional piauiense na administração Leônidas Melo (Inquérito Zodíaco). *Zodíaco,* ano 2, n. 7, p.7, Teresina 3 maio 1944.

GRAÇA, Maria do Socorro. A vida escolar. *Primícias Literárias*, ano 2, n.6, p.s/n, Teresina, jun. 1938.

GURIATHAN. 15 de novembro. *A Luz***,** ano 1, n., p.3, Floriano, 5 nov. 1930.

HONRA ao mérito. *Renascimento,* ano 3, n.9, p.2, Parnaíba, 7 set. 1948.

III Exposição de Imprensa Escolar. *Correio da Manhã*, ano 35, n.12.703, p.8, Rio de Janeiro, 14 abr. 1936.

PINHEIRO, Celso. Ainda aquele amor [poema]. *Voz do Estudante,* Ano 2, n.4, p.7, Teresina 25 dez. 1941.

LEILÃO dos segundanistas do Liceu de Floriano. *A Luz,* ano 1, n.4, p.3, Floriano, 16 jul. 1931.

LEMOS, Alberoni. Depoimento. In: O desenvolvimento educacional piauiense na administração Leônidas Melo (Inquérito Zodíaco). *Zodíaco,* ano 2, n. 7, p.8, Teresina 3 maio 1944.

LEMOS, Pedro Alvares. Moços, coragem! *Zodíaco,* Ano 1, n.2, p.11, Teresina, 11 jul. 1943.

LEVRINI, Maria Catarina. Depoimento. In: O desenvolvimento educacional piauiense na administração Leônidas Melo (Inquérito Zodíaco). *Zodíaco,* ano 2, n. 7, p.9, Teresina 3 maio 1944.

LIMA Rebelo. O educador. *Zodíaco,* ano 1, n.2, p.1-2, Teresina 11 jul.1943.

LIMA, Geralda.Teresina. *A Escola,* Ano 4 n.7, p.4, Teresina 7 set. 1937.

LIMA, Guadalupe. Pátria. *Geração,* ano 3, n.4, p.s/n. Teresina, 4 out. 1945.

LIMA, Iracema, R. Minha Terra. *Primícias Literárias,* ano II, n.6, p.s/n, Teresina, 1938.

LIMA, Olavo Correia. Como deve ser um jornal de estudante. *Zodíaco,* ano 2, n.6, p.24, Teresina, 19 abri. 1944.

LIMA, Olavo Correia. Jardins e mais jardins de infância, *Zodíaco,* ano 1, n. 5, p.8, Teresina, 1 dez. 1943.

LITERATURA. *Era Uma Vez,* ano 2, n.2, p.1, Teresina, 19 nov. 1938.

MACAGGI, Nenê. Em torno do Piauhy: sentindo a cidade verde. *Ilustração Brasileira,* ano XIX, n. 71, p.34-35, mar. 1941.

MAGALHÃES, Melo. Um ginásio modelar. *Zodíaco,* ano 2, n.12, p.7/9, Teresina, 1 dez.1944.

MAGALHÃES, Ribeiro. Uma grande data. *Zodíaco,* ano 3, n.16, p.15/17. Teresina, 7 set. 1945.

MARCHAMOS. *A Luz,* ano 1, n.2, p.1, Floriano, 5 nov. 1930.

MARINHO, João. A guerra e o seu próximo fim. *Zodíaco,* ano 2, n.11, p. 33-35, Teresina, 16 out. 1944.

MARQUES, Teresinha. *Escolar Teresinense,* ano 1, n.1. p.4, Teresina, 30 de maio de 1940.

MASCARENHAS, Benedita. A praça João Luís Ferreira. *A Estrela,* Ano I, n.1, p.4, Teresina, 13 maio 1946.

MATOS, João M. R. O berço de um gênio. *4 de Outubro, a*no 3, n.2, p. 32, Teresina, 1936.

MELO E FREITAS. Regresso dos heróis. *Zodíaco,* ano 3, n.16, p.17. Teresina, 7 set. 1945.

MELO, J. Machado. Em torno de um fato. *Voz do Estudante,* ano 2, n.2, p.27, Teresina, 14 abr. 1941.

MENSAGEM. *Zodíaco,* ano 1, n. 1, p.1, Teresina, 30 maio 1943.

MIRANDA, Maria Valmira. Ensino Rural. *Educação,* p.6, Teresina, 25 dez. 1936.

MIRANDA, Valmira. Os bons e os maus hábitos. *A Escola,* ano 2, n. 5, p.4, Teresina, 15 maio 1936.

MODESTO, Maria da Conceição. Duque de Caxias. *A Estrela*, ano 1, n.2, p.2, Teresina 25 ago. 1946.

MOREIRA, José Guimarães. Para o progresso. *A Luz*, ano 1, n.3, p.1, Floriano, 4 dez. 1930.

MOREIRA, Luiz Napoleão. Palavras proferidas no Baile oferecido pelos estudantes de Floriano aos professores e alunos do Ginásio Dr. Demóstenes, nos salões do Floriano Club. *Zodíaco,* ano 2, n.9, p.54, Teresina, 14 jul. 1944.

MOURA, Aldenôra R. de. Como surgiu a primeira escola normal. *A Escola,* Ano 6, n.9, p.7, Teresina,15 mai. 1943.

NO JARDIM das segundanistas da Escola Normal. *A Luz*, ano 1, n.4, p.3, Floriano, 16 jul. 1931.

NOBRE, Cláudia B. Teresina. *A Estrela,* Ano I, n.3, p.3, Teresina, 30 jul. 1946.

NOSSO aparecimento. *Educação,* Teresina, 25 dez. 1936.

NOSSO aparecimento. *O Astro*, ano 1, n.1, p.1. Floriano, 21 de abril de 1937.

NOSSO luto. *Clarim.* Ano I, n.6, p.1, Parnaíba, 22 jan. 1940.

NOSSO REAPARECIMENTO. *Era Uma Vez,* ano 2, n.2, p.1, Teresina, 19 nov. 1938.

NOSSOS confrades. *Zodíaco,* ano 3, n.16, p.38-39, Teresina, 7 set. 1945.

NOTA. *Renascimento,* ano 1, n.2, p.1, Parnaíba, 10 fev.1946.

NUNES, Helí da Rocha. Educação Brasileira. *Zodíaco,* ano 2, n.7, p.19-20. Teresina, 3 maio 1944.

NUNES, Hugo. O progresso do Piauhy. *Notícias*, p.7, São Luiz – MA, 11 maio 1934.

NUNES, M. Paulo. A educação no Brasil. *Gente Nova*, ano 1, n.3, p.1, Teresina, 8 jun. 1946.

NUNES, Manoel Paulo. Maio de 1945... *Zodíaco,* ano 3, n.14, p.3. Teresina, 20 maio 1945.

O 94º ANIVERSÁRIO do Liceu Piauiense. *Piauí Novo,* ano 1, n.8, p.1, Teresina 4 out. 1939.

O APARECIMENTO do O Ginásio. *O Ginásio*, ano 1, n.2, p. 2, Teresina 23 nov. 1933.

O CUMPRIMENTO do dever. *A Estrela,* ano 1, n.2, p.1, Teresina, 15 jun. 1946.

O DIA da Bandeira. *Zodíaco,* ano 1, n.5, p.6, Teresina, 1 dez, 1943.

O DIA do estudante. *Voz Estudantal*. Ano 1, n.2, p.3, Floriano, 23 jul. 1936.

O ESTADO do Piauí e a grande Obra do seu governo. *Nação Brasileira* [Revista]. Ano XX, n.221, p.13-22, Rio de Janeiro, 1942.

O GINÁSIO. *O Ginásio,* ano 1, n.1, p.1, Teresina, 25 out. 1933.

O GRITO do Ipiranga. *Zodíaco,* ano 2, n.10, p.3. Teresina 7 set. 1944.

O LIVRO. *O Livro*, ano 1, n.1, p.1, Floriano 19 nov. 1917.

O MUNICÍPIO de Teresina em face da realidade nacional. *Voz do Estudante,* ano 2, n.2, p.18-19, Teresina, 14 abr. 1941.

O NOSSO passeio a Campo Maior. *O Ginásio,* ano 1, n.2, p.2, Teresina, 23 nov. 1933.

O PERFUME da Praça Rio Branco. *O Piauí,* ano 57, n.5, p.4, Teresina 7 out. 1945.

O PIAUHY vive uma época próspera. *Correio do Paraná,* ano V, n.1.736, p.3, 22 set. 1937.

O PIAUÍ de hoje: fruto de uma patriótica e exemplar administração. *A Noite,* p.15, Rio de Janeiro, 18 nov. 1941.

O PIAUÍ e Getúlio Vargas. *O Malho,* [Edição comemorativa ao aniversário do Presidente Getúlio Vargas] ano XLII, n.36, p.175-176, janeiro 1943.

O PROBLEMA da educação no Brasil. *Educação,* p.12, Teresina, 25 dez. 1936.

O QUE DIZEM de nós. *Clarim.* Ano I, n.4, p.6, Parnaíba, 16 dez. 1939.

O QUE é de admirar. *O Ginásio,* ano 1, n.2, p.3, Teresina, 23 nov. 1933.

OBRAS públicas no Piauhy. *Gazeta de Notícias,* ano 66, n.124, p.7, Rio de Janeiro, 29 maio. 1940.

OLIVEIRA, Sérgio Nobrega de. Pétalas e espinhos. *Renascimento,* ano 1, n.4, p.1, Parnaíba, 17 mar. 1946.

OLIVEIROA, J. Ribamar de. A parada da nacionalidade. *Zodíaco,* ano 3, n.16, p.6-7. Teresina, 7 set. 1945.

OS ANORMAIS. Como educa-los. *Educação,* p.29, Teresina, 25 dez. 1936.

OS BONS governantes. *Zodíaco,* ano 2, n.7, p.s/n. Teresina, 3 maio 1944.
OS EXAMES preparatórios. *A Mocidade Piauhyense.* Ano II, n.15, p.1, Teresina, 31 jul.1884.

OS INCÊNDIOS de Teresina. *A Cruz,* ano. XXV, n. 52, p. s/n, Rio de Janeiro, 26 dez. 1943.

PANORAMA da administração Piauiense. *Voz do Estudante,* ano 2, n.7, p.51, Teresina, 7 set. 1942.

PARNAÍBA, cidade líder do progresso no Piauí. *A Noite,* n.664, p.30, Rio de Janeiro, 16 dez. 1941.

PARNAÍBA, terra privilegiada, e o seu progresso no Estado Novo. *Nação Brasileira* [Revista]. Ano XX, n.221, p.20, Rio de Janeiro, 1942.

PARNAÍBA. *Monitor Comercial*, p.16, out. 1937.

PEDROSA, Carlos Soares. Meu colégio. *Zodíaco,* ano 3, n.16, p.27, Teresina, 7 set. 1945.

PELO ESPORTE. *Renovação,* ano 1, n.1, p.3, Teresina, 19 ago. 1934.

PEREIRA, Mary A. A calúnia. *A Luz,* ano 1, n.1, p.4, Teresina, 4 abr. 1939.

PINHEIRO, Celso. Ainda aquele amor [poema]. *Voz do Estudante.* ano 2, n.4, p.7, Teresina 25 dez. 1941.

POLÍTICA da mocidade. *Renovação,* ano 1, n.1, p.1, Teresina, 19 ago. 1934.

PRELEÇÃO sobre psicologia. *Primícias Literárias,* ano 2, n.6, p.s/n, Teresina, 1938.

PRIMEIRA Exposição da Imprensa Escolar do Brasil. *Correio da Manhã,* ano 33, n.11.997, p.7, Rio de Janeiro, 7 jan. 1934.

PRIMEIRA Exposição de Imprensa Escolar. *Correio da Manhã,* ano 33, n.11.981, p.12, Rio de Janeiro, 20 dez. 1933.

PRIMEIRA Exposição de Imprensa Escolar. *Diário de Notícias,* ano XVI, n.7046, p.8, Rio de Janeiro, 11 de out. 1945.

PRIMÍCIAS literárias. *A Luz,* ano 1, n.3, p.3, Teresina, 10 maio 1939.

PROGRAMA da festa em comemoração à Semana da Pátria. *Primícias Literárias,* ano II, n.6, p.s/n, Teresina, 1938.

PROGRAMA das festas com que o Centro Estudantal Parnaibano em colaboração com a Prefeitura Municipal homenageará a maior data de nossa história. *Renascimento,* ano 3, n.9. p.5, Parnaíba, 7 set. 1948.

PROGRESSO que não nos chega. *Gazeta,* ano 28, n.1.212, p.1, Teresina, 25 nov. 1938.

PROVAS esportivas. *Piauí Novo,* ano 1, n.8, p.1, Teresina, 4 out. 1939.

RAMOS, Ribamar. Cousas da época. *O Estudante*, ano 1, n.3, p.2, Floriano, 19 set. 1931.

RAPOSO, Florice Torres. Quatro de outubro. *Raios de Luz,* p.6, Parnaíba, 4 out. 1940.

RED, Roger. Conselho. *A Estrela,* ano 1, n.3, p.2, Teresina, 30 jul. 1946.

REGULAMENTO do internato "São Vicente de Paula". *Voz do Estudante.* Ano 2, n.9, p. 17-18, Teresina 25 dez. 1942.

REIS, Raimunda Nonata dos. O mestre – artífice da educação. *A Escola*, Ano 6, n.9, p.1-2, Teresina,15 mai. 1943.

RENASCIMENTO [expediente]. *Renascimento,* Ano 1, n.2, p.2, Parnaíba, 10 fev. 1946.

RIBEIRO, Joca. Salve 21 de abril! *O Astro*, ano 1, n.1, p.4. Floriano, 21 abr. 1937.

RIBEIRO, Turene Queiroz. Para onde? *Estudante*, ano 1, n.3, p.1, Floriano, 19 de setembro de 1931.

ROCHA, José Virgílio. O Piauí por dentro. *O Piauí*, ano 57, n.5, p.3, Teresina, 7 out. 1945.

SALDANHA**,** Maria do Socorro Bastos. Heróis e santos. *Zodíaco,* ano 3, n.16, p.19. Teresina, 7 set. 1945.

SAMPAIO, Ângelo Gil. Passeio agradável. *Escolar Teresinense,* ano 1, n.2, p.3, Teresina 3 maio 1940.

SANDES, Valdemar. 7 de Setembro. *Voz do Estudante*. Ano 2, n.7, p.1, Teresina 7 set. 1942.

SANDES, Valdemar. *Labor omnia vincit improbus*. *Voz do Estudante.* Ano 1, n.1, p. 17-18

SANTOS, Orfila Lima dos. Quanto terá o Norte a sua universidade? *Renascimento*, ano 1, n.4, p.4, Parnaíba, 17 mar. 1946.

SEGUNDA Exposição de Imprensa Escolar. *Correio da Manhã*, ano 34, n.12.314, p.11, Rio de Janeiro, 13 jan. 1935a.

SEGUNDA Exposição de Imprensa Escolar. *Correio da Manhã*, ano 34, n.12.324, p.7, Rio de Janeiro, 25 jan. 1935b.

SEGUNDA Exposição de Imprensa Escolar. *Correio da Manhã*, ano 34, n.12.339, p.10, Rio de Janeiro, 12 fev. 1935c.

SILVA, Ana Maria da. O Nosso Grupo Escolar. *A Estrela*, ano 1, n.6, p.1, Teresina, 15 out. 1946.

SILVA, Antônio Alves da. O Dia do Piauí. *Renascimento*, ano 1, n.6, p.1, Parnaíba 19 out. 1946.

SILVA, Celina. Escola Modelo Artur Pedreira. *Escolar Teresinense*, ano 1, n.2, p.2, Teresina, 3 maio 1940.

SILVA, Djalma. Carta aberta aos alunos da Escola 1º de Maio. *Voz Estudantal.* ano 1, n.2, p.1, Floriano, 23 jul. 1936.

SILVA, Francisco Freire e. Palavras aos colegas. *Zodíaco*, ano 1, n.5, p.3, Teresina, 1 dez. 1943.

SILVA, Iracema Nunes da Costa e. As férias na fazenda. *Primícias Literárias,* ano II, n.6, p.s/n, Teresina, 1938.

SILVA, Iris P. da. Uma apreciação. *A Escola.* Ano I, n.1, p.2, Teresina,17 out. 1933.

SILVA, P. Pela Instrução. *A Luz*, ano 1, n.4, p.1, Floriano, 16 jul. 1931.

SILVA, Vilma Nunes da. 19 de abril. *Zodíaco,* ano 2, n.6, p.36. Teresina 19 abr. 1944.

SILVEIRA, Delza Batista da. Presidente Vargas (Secção infantil). *Zodíaco*, ano 2, n.6, p.35, Teresina 19 abril 1944.

SOARES, Maria Dina. Um governo brilhante e fecundo. *Zodíaco,* ano 2, n.7, p.28, Teresina, 3 maio 1944.

SOUSA, Melo. Em favor do CEP. *Renascimento,* ano 1, n.2, p.9, Parnaíba, 10 fev. 1946.

SPORT. *O Ginásio,* ano 1, n.1, p.2, Teresina, 25 out. 1933.

SUAS MAJESTADES as rainhas dos estudantes teresinenses e parnaibanas. *Piauí Novo*, ano 1, n.8, p.4, Teresina, 4 out. 1939.

SURGINDO. *O Estímulo,* ano 1, n.1, p.1, Teresina, 19 nov. 1938.

TERCEIRA Exposição de Imprensa Escolar. *Correio da Manhã*, ano 35, n.12.599, p.7, Rio de Janeiro, 13 dez. 1935.

TERCEIRA Exposição de Imprensa Escolar. *Correio da Manhã*, ano 35, n.12.651, p.3, Rio de Janeiro, 12 fev. 1936a.

TERCEIRA Exposição de Imprensa Escolar. *Correio da Manhã*, ano 35, n.12.658, p.2, Rio de Janeiro, 20 fev. 1936b.

TERESINA – A cidade dos incêndios. *Diretrizes,* ano VI. n.170, p.7/23. Rio de Janeiro, 30 set. 1943.

TERESINA – Capital do Estado. *Monitor Comercial,* p.20, Teresina, out. 1937.
Teresina 30 dez. 1940,

TERESINA cidade moça. *Ilustração Brasileira,* ano XIX, n. 74, p.90, jun.1941.

TIRADENTES. *Raios de Luz,* p.26, Parnaíba, 4 out. 1940.

TORRES, Rundolfe. Para rir. *A Estrela,* ano 1, n.4, p.3, Teresina, 25 ago. 1946.

TRÊS EFEMÉRIDES. *Zodíaco*, ano 1, n. 5, p.7. Teresina, 1 dez, 1943.

TREZE de maio. *A Estrela*, ano 1, n.1/3, p.1. Teresina, 13 maio 1946.

UM ADMINISTRADOR que se bate pela alfabetização de um povo (reportagem de Zodíaco). *Zodíaco,* ano 2, n.9, p.47-50, Teresina, 14 jul. 1944.

UM NOVO jornal. *O Ginásio,* ano 1, n.1, p.2, Teresina, 25 out. 1933.

UMA EXPOSIÇÃO de Imprensa Escolar, em Porto Alegre. *Correio da Manhã,* ano 35, n.12.485, p.5, Rio de Janeiro, 2 ago. 1935.

UMA TEMPORADA esportiva em Campo maior. *O Ginásio,* ano 1, n.1, p.3, Teresina, 25 out. 1933.

VASCONCELOS, Castelar. Martins Napoleão: seu novo livro de poesias. *Voz do Estudante*. Ano 2, n.4, p.16, Teresina 25 dez. 1941.

VIANA, Cícero Silveira. Um "bravo" ao CEP. *Renascimento,* ano 1, n.3, p.1. Parnaíba, 3 mar. 1946.

VIEIRA, Alencar. O ensino profissional (trecho de uma conferência). *Educação,* p.14-16, Teresina, 25 dez. 1936.

VILANOVA, Laura, Meu torrão natal. *Primícias Literárias,* ano 2, n.6, p.s/n, Teresina, jun. 1938.

VIRIANO NETO. Sete de Setembro. *Voz do Estudante*, ano 2, n.7, p.45, Teresina, 7 set. 1942.

VISITA. *O Ginásio,* ano 1, n.2, p.3, Teresina, 23 nov. 1933.

VOZ DO ESTUDANTE, a Biblioteca Macedo Soares e o Diário Oficial deste Estado. *Voz do Estudante*, ano 2, n.4, p.13, Teresina 25 dez. 1941.

VOZ DO ESTUDANTE. 7 de setembro. *Voz do Estudante*, ano 3, n.12, p.3, Teresina 7 set. 1943.

VOZ DO ESTUDANTE. *Voz do Estudante*, ano 1, n.1, p.5, Teresina 30 dez. 1940.

WERNZ, Sidney. Valioso inventário**.** *O Estímulo,* ano 1, n.1, p.3, Teresina, 19 nov. 1938.

WESER, Felismino de Freitas. Não basta instruir. É preciso educar. *Piauí Novo,* ano 1, n.8, p.3, Teresina, 1 out. 1939.

WESER, Felismino Freitas. A mulher e o século. *Voz do Estudante*, ano 2, n.2, p.9, Teresina, 14 abr. 1941.

WESER, Felismino Freitas. A mulher e o século. *Voz do Estudante*, ano 2, n.4, p.4, Teresina, 25 dez. 1941.

WESER, Felismino Freitas. A mulher e o século. *Voz do Estudante*, ano 2, n.7, p.42, Teresina, 7 set. 1942.

WESER, Felismino Freitas. A mulher e o século. *Voz do Estudante.* Ano 1, n.1, p.8, Teresina 30 dez. 1940.

ZODÍACO. 1945 trouxe ao mundo a paz. *Zodíaco,* ano 3, n.17, p.3. Teresina 24 out. 1945.

ZODÍACO. 7 de setembro**.** *Zodíaco,* ano 3, n.16, p.3. Teresina 7 set, 1945.

Referências

A ADMINISTRAÇÃO Leônidas Melo no Piauí – oito anos de governo (maio de 1935 – maio de 1943). Edição e homenagem do Centro Piauiense, Teresina, 1943.

A INSTRUÇÃO. *A instrução publica no Piauhy*. Publicação da Ditectoria da Sociedade Auxiliadora da Instrucção, Theresina, Papelaria Piauhyense, 1922.

AGUIAR, Cintia Medeiros Robles; ASSIS, Jacira Helena do Valle Pereira. Impresso jornalístico estudantil nas produções científicas em educação (2002-2017). *Revista Eletrônica de Educação*, v. 14, p.1-15, jan./dez. 2020.

ALMEIDA, Alberto de Jesus. Um exame de ideias. In: DÍAZ, José María Hernández (coord.). *La prensa de los estolares y Estudiantes. Su contribución AL patriminio histórico educativo.* Ediciones Universidad de Salamanca, 1. ed, Salamanca (España), 2015, p. 45-57)

ALVARENGA, Antônia Valéria Melo. *Nação, país moderno e povo saudável:* política de combate à lepra no Piauí. Teresina, EDUFPI, 2013.

AMARAL, Giana Lange do. *Gatos pelados x galinhas gordas:* desdobramentos da educação laica e da educação católica na cidade de Pelotas: décadas de 1930 a 1960. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

AMARAL, Giane Lange do. Os impressos estudantis em investigações da cultura escolar nas pesquisas histórico-educacionais. In: *História da educação*. ASPHE/FAE/UFPel, Pelotas, n. 11, p.117-130, abril, 2002.

AQUINO, Mary Jones Ferreira De Moura. *Organização e imprensa estudantil no Colégio de São Luiz e Liceu Maranhense:* processo de formação de uma elite letrada (1949-1958). São Paulo, 2016. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016.

ARAUJO, Maria Elita Santos de. *Parnaíba:* o espaço e o tempo. Parnaíba – PI, 2002.

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira.* 3 ed. rev. e ampliada. São Paulo, Editora Unesp, 2011.

BAPTISTA, Alessandro Cesar dos Santos. *Entre pedras e papéis:* da Escola Normal ao Instituto de Educação, identidades delineadas na construção de sua sede e nos periódicos estudantis *Pharol* (1880-1881) e *O Tangará* (1953-1957). 2019. 132 f. Dissertação (Mestrado

Profissional em Ensino de História) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa:* Brasil, 1900 – 2000. Rio de Janeiro, Mauad X, 2007 (versão digital).

BASTOS, Maria Helena Câmara. Apêndice – A imprensa periódica educacional no Brasil: de 1808 a 1944. In: CATANI, Denice Bárbara;_____; (org.). *Educação em revista:* a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo, Escrituras Editora, 2002, p 5 – 10.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Apresentação. Escritas estudantis em periódicos escolares (dossiê). *História da Educação* (Online), Porto Alegre, v. 17, n.40, p.7-10, maio/ago. 2013.

BASTOS, Maria Helena Câmara. As revistas pedagógicas e a atualização do professor: a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1951 – 1992). In: CATANI, Denice Bárbara; _____; (org.). *Educação em revista:* a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo, Escrituras Editora, 2002, p. 47 – 75.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Imprensa e cultura escolar: percurso da pesquisa sobre a imprensa estudantil no Brasil. In: DÍAZ, José María Hernández (coord.). *La prensa de los estolares y Estudiantes. Su contribución AL patriminio histórico educativo.* Ediciones Universidad de Salamanca, 1. ed, Salamanca (España), 2015, p. 21 – 43.

BELLO, Luiz. *Da Serra do Ibiapaba ao Campus da Ininga*. 373 anos de pedagogia no Piauí, Teresina, EDUFPI, 2021.

BIAZZETTO, Giovani. *Jovens e política na imprensa estudantil:* o periódico "O Julinho" (Porto Alegre/RS 1960). 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2016.

BICCAS, Maurilane de Souza. *O impresso como estratégia de formação*: Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1940), Belo Horizonte - MG, Argvmentvm, 2008.

BORBA, Francisco S. Revista [verbete]. In: BORBA, Francisco S (org.). *Dicionário Unesp do português contemporâneo*. Curitiba: Piá, 2011, p.1223.

BORGES, Angélica. *Ordem no ensino:* inspeção de professores primários na Capital do Império brasileiro (1854-1865). Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

BRITO, Itamar. *História da educação no Piauí.* Teresina, EDUFPI, 1996.

BUFFA, Ester. História e filosofia das instituições escolares. In: ARAUJO, José Carlos Souza; GATTI JÚNIOR, Décio. (Orgs.) *Novos temas em história da educação*: instituições escolares e educação na imprensa, Campinas – SP, Autores Associados, Uberlândia – MG, EDUFU, 2002, p.25-38. – (Coleção memória da educação).

CAMARGO, Maria Lucia de Barros. Sobre revistas, periódicos e qualis tais. *Travessia, 40/Outra Travessia 1*. p.21-36, Ilha de Santa Catarina, 2° semestre de 2003.

CAMPOS, Francisca das Chagas Lopes. *A universidade no Piauí, das faculdades isoladas a federalização:* um olhar através do seu primeiro quadro docente. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil.* São Paulo, Contexto/EDUSP, 1988.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena:* propaganda política no varguismo e no peronismo. 2.ed, São Paulo, Editora UNESP, 2009.

CARDOSO, Elizângela Barbosa. *Múltiplas e Singulares*: história e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930 – 1970). Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003.

CARVALHO, C. H.; INÁCIO FILHO, G. Debates educacionais na imprensa: republicanos e católicos no triângulo mineiro – MG (1892-1931). In: SCHELBAUER, A. R.; ARAÚJO, J. C. S. (Org.). *História da educação pela imprensa*. Campinas: Alínea, 2007. p. 53-84.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Pedagogia da Escola Nova e o uso dos impressos: itinerário de uma investigação. *Educação*, v.30, n.2, p.87-104, Santa Maria, 2005. Disponível em: http://www.ufsm.br/ce/revista. Acesso, 15 nov. 2021.

CARVALHO, Marta Susany Moura; FERRO, Maria do Amparo Borges. O professor Felismino Freitas na educação do Piauí-Brasil: história, memória e literatura (biográfica). In: *Narrativas (auto)biográficas*: educação, pesquisas e reflexões. (orgs): REIS, Amada de Cássia Campos; MONTI, Ednardo Gonzaga Monteiro; FERRO, Maria do Amparo Borges. Teresina: EDUFPI, 2019, p. 91 – 106.

CASASANTA, Guerino. *Jornais Escolares.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939. (Atualidades pedagógicas, v. 32).

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais*: a condição feminina na Primeira República, Teresina, Edições Bagaço, 2005.

CATANI, Denice B.; SOUSA, Cynthia P. (orgs.). *O catálogo da imprensa periódica educacional paulista (1890 – 1996):* um instrumento de pesquisa. Catálogo, SP, Plêiade, 1999, p. 9-23.

CATANI, Denice Bárbara. Memória e biografia: o poder do relato e o relato do poder na história da educação. In: *Pesquisa Histórica:* Retratos da Educação No Brasil Rio de Janeiro: UERJ, 1995, p.73-80.

CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Camâra. (org.). *Educação em revista:* a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo, Escrituras Editora, 2002.

CAVALCANTE, Luís Carlos Duarte. Parque Nacional de Sete Cidades, Piauí, Brasil: biodiversidade, arqueologia e conservação de arte rupestre. In: *Mneme – revista de humanidades*, Caicó, v.14, n.32, p.1-22, jan/jul, 2013. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/1708. Acesso em 3 jan.2022.

CHAVES, Monhesor. Teresina: subsídios para a história do Piauí. In: CHAVES, Monhesor. *Obra completa.* Fundação Cultural Monsenhor Chaves, Teresina, 1998, p. 23-122.

CHAVES, Monsenhor Joaquim. *O Piauí nas lutas de Independência do Brasil*. Teresina, Alínea Publicações Editora, 2005.

CHERVEL André. *História das disciplinas escolares*: reflexões sobre um campo de pesquisa. Teoria & Educação, n° 2, p. 177-229, 1990.

CIARLINI, Daniel Castelo Branco. *Literatura, imprensa e vida literária em Parnaíba.* Parnaíba, Gráfica e Editora Sieart, 2016.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (org.). *História da imprensa no Brasil*. 2. ed. São Paulo, Contexto, 2018, p.103-130.

COSTA FILHO, Alcebíades; BAPTISTA, Marcus Pierre de Carvalho, Os caminhos da história da educação no Piauí: pesquisas e textos. (Dossiê Temático: História e educação), *Vozes, Pretérito & Devir*, ano 8, vol. 12, n.2, p.3-27, 2021.

COSTA, Cristóvão Augusto Soares de Araújo (org.). *Coleção Florianense*, n.2, Teresina, Halley S.A. – Gráfica e Editoria, 2013.

COSTA, Eliezer Raimundo de. *Os grêmios escolares e os jornais estudantis*: práticas educativas na Era Vargas (1930 – 1945). Tese (Doutor em Educação). Programa de Pós-Graduação – Conhecimento e Inclusão Social, Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

COSTA, Marcia Cordeiro. *O Movimento estudantil acadêmico e a imprensa estudantil no Maranhão (1930 – 1950)*: uma contribuição à história da educação, 1 ed. Curitiba, Appris, 2014.

COSTA, Miguel Ângelo Silva da; SCHMITZ, Zenaide Inês; REMEDI, José Martinho Rodrigues. Cartilhas escolares e doutrinação infantil no contexto do Estado Novo (1937-1945). In: *Educação Unisinos*, vol. 21, num. 2, maio/ago. 2017.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*: mídia, cultura e revolução. Tradução Denise Bottman. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa.* Trad. Sonia Coutinho, Rio de Janeiro, Graal, 1986.

DE CERTEAU, Michel. *A escrita da história*; tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica [de] Arno Vogel. 3 ed. Rio de Janeiro, Forense, 2013.

DEMES, Josefina. *Floriano*: sua história, sua gente. Teresina, Halley, 2002.

DENIZOT, Nathalie. <*Transposition, scolarisation et culture escolaire*: la question de la construction des savoirs scolaires>, Pratique [Enligne], 189-190/2021, mis em ligne le 09

juillet 2020, consulte le 23 juillet 2020.URL: http//journals.openedition.org/pratiques/9470;DOI:http//doi.org/10.4000/pratiques.9470

DI GIORGI, Cristiano. *Escola Nova*, São Paulo, Ática, 1986 (Série Princípios).

DIAS, Claudete Maria Miranda. *Balaios e Bem-te-vis*: a guerrilha sertaneja. 2 ed. Teresina, Instituto Dom Barreto, 2002.

DÍAZ, José Maria Hernandes. (Org.). *La prensa de los escolares y estudiantes: sú contribuicion al patrinonio histórico educativo.* 1. ed. Salamanca: Aquilafuente, 2015.

DÍAZ, José Maria Hernandes. (Org.). *La prensa pedagógica de los profesores.* 1. ed., octubre 2018. Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca Ediciones, 2018.

DIAZ, José María Hernandez Díaz. (Org.). *Prensa pedagógica y patrimonio histórico educativo.* 1. ed.Salamanca: Aquilafuente. Ediciones Universidad de Salamanca Ediciones, 2013, v. 1, p. 1-10.

DUTRA, Eliana de Freitas. Cultura. In: GOMES, Ângela de Castro (coord.). *Olhando para dentro:* 1930-1964, vol. 4. 1.ed. Rio de Janeiro, Objetiva, 2013, p.230-274.
Editora da Universidade Federal da Paraíba, 1998.

FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo*. Trad. Fátima Murad, São Paulo: Edusp, 2009.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; GONÇALVES, Irlen Antônio; VIDAL, Diana Gonçalves; PAULILO, André Luiz. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.1, p. 139-159, jan./abr. 2004.

FARIAS, Vanessa Soares Negreiros. *Em busca da geração perdida*: formação escolar e intelectual de homens de letras em Teresina. Teresina, ADUFPI, 2015.

FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. Edições SPQRAFA books, 2013.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil.* 10 ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2002. – (Didática, 1).

FOUCAULT, Michel. O que são as luzes?" In: MOTTA, Manoel Barros da. (org.) *Michel Foucault*: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro, ed. Forense Universitária, 2000, p. 36-51. (Coleção Ditos & Escritos, v. II).

FRAGA, Andrea Silva de. *Imprensa estudantil e práticas de escrita e de leitura*: a revista O Estudo (Porto Alegre/RS, 1922 a 1931). Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS, 2012.

FREINET, Celestin. *As Técnicas Freinet da escola moderna.* Trad. Silva Letra. 4 ed, Editorial Estampa, Portugal, 1975. (Coleção Técnicas de Educação)

FREINET, Celestin. *O jornal escolar.* Tradução de Filomena Quadros Branco, Editorial Estampa, Portugal, 1974.

FREITAS, Maria Leonice; FREITAS, Francisco Newton; SOUSA, Francisco Antonio Freitas de. *Professor Felismino Freitas*: educação como missão e vocação. Teresina, Zodíaco, 2009.

FURTADO, Luciana Nathalia Morais. *A imprensa estudantil liceísta na Primeira República (1907-1930)*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2016.

GALVAO, A.; MORAES, D.; GONDRA, J. G.; BICCAS, M. Difusão, apropriação e produção do saber histórico: A Revista Brasileira de História da Educação (2002-2007). *Revista Brasileira de História da Educação,* v. 16, p.171-234, 2008.

GIL, Natália. "Interpretação das estatísticas de educação: um espaço de disputas simbólicas". *Revista Brasileira de História da Educação,* n.13, p. 121-151, jan.- abr. 2007.

GOMES, Ângela de Castro (coord.). *Olhando para dentro:* 1930-1964, vol. 4. 1.ed. Rio de Janeiro, Objetiva, 2013.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. Imprensa, civilização e educação: Uberlândia (MG) no início do século XX. In: ARAUJO, José Carlos Souza; GATTI JÚNIOR, Décio (Orgs.).*Novos temas em história da educação*: instituições escolares e educação na imprensa, Campinas – SP, Autores Associados, Uberlândia – MG, EDUFU, 2002, p.197-225 (Coleção memória da educação).

GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário enciplopédico piauiense ilustrado.* Ed. Ilustrada e comentada. Teresina, Halley, 2003.

GONDRA, José Gonçalves. "Soldados da instrução" e a emergência da imprensa pedagógica na capital do Brasil (1877-1878). *Revista Mexicana de História de la Educación*, vol. 3, n. 5, p. 97-117, 2015.

GONDRA, José Gonçalves. Imprensa pedagógica e profissionalização do magistério: o caso do *The American Journal of Education* (1855-1881). *Quaestio,* Sorocaba, SP, v. 22, n. 1, p. 15-37, jan./abr. 2020.

GONDRA, José Gonçalves. Imprensa periódica, profissionalização do magistério e construção da opinião pública: o caso do *The American Journal of Education* (1855 – 1881). In: DIAZ, José Maria Hernandez (Ed.). *La prensa pedagógica de los professores. 1. ed., octubre 2018, p. 65-83, Salamanca, Ediciones Universidadde Salamanca, 2018.*

GONDRA, José Gonçalves. O veículo de circulação da pedagogia oficial da República: a Revista Pedagógica. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos.* Brasília, v. 78, n. 188/189/190, p.374-395, 1997.

GONDRA, José Gonçalves. Revistas pedagógicas e governo dos professores no Brasil e nos Estados Unidos da América (1855-1881). In: NERY, Ana Claudia Bortoleto; GONDRA; José. *Imprensa pedagógica na ibero-américa* [recurso eletrônico]: local, nacional e transnacional. 1. ed. São Paulo, Alameda, 2018.

GOULART, Silvana. *Sob a verdade oficial*: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo. São Paulo, Editoria Marco Zero, 1990.

GOVERNADORES do Piauí: uma perspectiva histórica. Teresina, Fundação CEPRO, 1993. Graduação em Educação, Pró-Reitoria de Pós- Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, 2009.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva.* São Paulo, Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva.* Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

HAUER, Licia Maciel. *A imprensa estudantil no Colégio Pedro II dos anos 1930:* vozes dos estudantes secundaristas. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 2015.

HORTA, José Silvério Baia Horta. *O hino, o sermão e a ordem do dia*: regime autoritário e a educação no Brasil (1930 – 1945). 2. ed. ver. Campinas, SP. Autores Associados, 2012 (Coleção educação contemporânea).

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação,* n. 1, p. 9 – 43. jan./jun. 2001.

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flávia Galli. *A memória evanescente.* In: LUCA, Tania Regina de. (orgs.). O historiador e suas fontes. São Paulo, Contexto, 2009, p.9 – 27.

KRUEL, Kenard. *Genu Moraes*: a mulher e o tempo. Teresina, Zodíaco, 2015.

LAÍNEZ, Andrés García. *Vosso nome será: luz, civilização e progresso!:* o impresso "La Instrucción Primaria" e o espinhoso apostolado do ensino em Honduras (1895-1903). 2021. 532 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão [*et al*.], Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

LEGRAND, Louis. *Célestin Freinet.* Tradução e organização: José Gabriel Perissé. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

LIMA, Nilsângela Cardoso. Impresso estudantil e cultura Escolar no Piauí: análise do jornal "A Mocidade Piauhyense". *Revista Humanidades e Inovação,* v.7, n.7, p. 32-47, 2020.

LIMA, Nilsângela Cardoso; ALVES SOBRINHO, Francisca Stefanne Orana. Jornal A Mocidade Piauhyense e cultura escolar no Piauí do século XIX. In: LIMA, Nilsângela Cardoso. *Páginas da História do Piauí colonial e provincial,* Teresina: EDUFPI, 2020, p.221-251.

LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. (org.). *História de Instituições escolares:* sujeitos, práticas educacionais e cultura material. Teresina, EDUFPI, 2016, p.95-105.

LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. *Beneméritas da instrução*: a feminização do magistério primário piauiense. (Dissertação). Mestrado em Sociologia. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1996.

LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. Das escolas reunidas ao grupo escolar: a escola como repartição pública de verdade. In: VIDAL, Diana Gonçalves (org.). *Grupos Escolares:* cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006, p. 81-107.

LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. Expansão do ensino secundário no Piauí (1942 -1961): instituições escolares e corpo docente. In: PESSANHA Eurize Caldas; SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. (orgs). *Implantação e expansão regional do ensino secundário brasileiro.* (volume 1), Campo Grande, MS: Ed. Oeste, 2021.

LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. O jornal e a revista escolar: seu lugar nos projetos educativos das escolas e sua importância para a escrita da história das instituições escolares. In: LOPES, Antônio de Pádua Carvalho (org.): *História de Instituições Escolares:* sujeitos, práticas educacionais e cultura material, Teresina, EDUFPI, 2016, p.95-105.

LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. *Superando a pedagogia sertaneja*: grupo escolar, escola normal e modernização da escola primária pública piauiense (1908 – 1930). 289f (tese) Doutorado em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Território plural:* a pesquisa em história da educação. São Paulo: Ática, 2010.

LOPES, Luiz Paulo. *Flagrantes de uma cidade.* Teresina, Jolene, 1997.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). *Fontes históricas.* 2. ed, São Paulo, Contexto, 2008, p.111-153.

LUCA, Tânia Regina de. *Leitura, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944).* São Paulo, Editora Unesp Digital, 2017.

LUCA, Tania Regina de. Um repertório do Brasil: tradição e inovação na Revista Nova. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 8, n. 13, p. 97-107, jul.-dez. 2006.

MACHADO, Paulo. Prefácio. In: PINHEIRO FILHO, Celso. *História da imprensa no Piauí.* 3 ed. Teresina, Zodíaco Editora, 1997.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello; XAVIER, Libânia Nacif. Apresentação. In:_____. *Impressos e história da educação:* usos e destinos. Rio de Janeiro, 7Letras, 2008, p.9 – 14.

MARINHO, Joseanne Zingleara Soares. *"Manter sadia a criança sã"*: as políticas públicas de saúde materno-infantil no Piauí de 1930 a 1945. Jundiaí – SP, Paco Editorial, 2018.

MARINHO, Joseanne Zingleara Soares. *Entre letras e bordados:* o tecer das tramas na história das normalistas em Teresina (1930-1949). 2008. 183f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.

MARTINS, Ana Luiza. *Revista em revista:* imprensa e práticas culturais em tempos de república, São Paulo (1890 – 1922). 1 ed, 1 reimp, São Paulo, Editora da Universida de São Paulo, Fapesp, 2008.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *Imprensa e cidade*. São Paulo, Editora UNESP, 2006 (Coleção Paradidáticos).

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. Introdução: pelos caminhos da imprensa no Brasil. In: _____ (org.). *História da imprensa no Brasil*. 2. ed. São Paulo, Contexto, 2018, p.7-19.

MARTINS, Ana Maria Gomes de Sousa. *Os discursos sobre a educação no Piauí:* reflexos dos ideais da escola nova – 1920 a 1947. Dissertação (Mestrado em Educação), 157 fls. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2009.

MARTINS, Cintia Gonçalves; RABELO, Giani. Jornal Escolar na concepção de Célestin Freinet: diálogos com a legislação educacional catarinense – 1940. *Roteiro,* Joaçaba, v. 45, p. 1-22, jan./dez. 2020.

MARTINS, Paulo Henrique de Souza. Abolição e Pós-Abolição no Ceará: sobre silêncios e memórias de uma história laureada (1881-1934). *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, julho 2011, p.1-17.

MELO, Antônio Maureni Vaz Verçosa de. Difundir ideais é fortalecer o poder: a recepção do varguismo pelo Piauí (1930 a 1945). In: SOUSA NETO, Marcelo de; ALVARENGA, Antonia Valtéria Melo; FONTEINELES FILHO, Pedro Pio. (orgs). *A história sob múltiplos ângulos*: trajetórias de pesquisa e escrita – Volume 2, Teresina: EdUESPI, 2020. p.59-79.

MELO, Salânia Maria Barbosa. *A construção da memória cívica:* espetáculos de civilidade no Piauí (1930 – 1945). Teresina, EDUFPI, 2010.

MELO, Salânia Maria Barbosa. Educação pelo civismo: os desfiles patrióticos e as práticas educacionais. In: CASTRO, Cesar Augusto; CURY, Cláudia Engler (orgs.). *Objetos, práticas e sujeitos escolares no Norte e Nordeste.* São Luís, EDUFMA: UFPB: Café&Lapis, 2011. (Coleção tempos, memória e história da educação, v.2).

MENDES JUNIOR, Antônio. *Movimento estudantil no Brasil.* 2 ed. Brasiliense, São Paulo, 1982.

MENDES, Felipe. Formação econômica. In: SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. *Piauí*: formação, desenvolvimento, perspectivas. (orgs.). Teresina, Halley, 1995, p.55-81.

MENDES, Francisco Iweltman Vasconcelos. *Parnaíba:* educação e sociedade. Parnaíba, SIEART, 2007.

MENDES, Francisco Iweltman Vasconselos. *História da educação piauiense.* Sobral, EGUS, 2012.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blank; VIDAL, Diana Gonçalves; ARAUJO, José Carlos Souza (orgs.). *Reformas Educacionais:* as manifestações da Escola Nova no Brasil (1920 – 1946). Campinas – SP, Autores Associados; Uberlândia – MG, EDUFU, 2011 (Coleção Memoria da Educação).

MIRANDA JUNIOR, Robson Freitas de. A história como "logos do outro": Michel de Certeau e a operação historiográfica. *Temporalidades:* Revista de História, [*s. l.*], ano 98, v. 11, ed. 29, p. 122, Jan./Abr. 2019. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/12680/10013. Acesso em: 30 jan. 2022.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *A cidade sobre o fogo:* modernização e violência policial em Teresina (1947 – 1945). 2 ed. Teresina, EDUFPI, 2015.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *Cartografias sentimentais e narrativas historiográficas sobre Teresina e Oeiras.* Teresina: EdUESPI, 2021. E-book.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. O processo de modernização e violência policial em Teresina nos anos 1930 – 1940. In: EUGÊNIO, João Cândido. (org.): *Histórias de vário feitio e circunstância.* Teresina, Instituto Dom Barreto, 2001, p.129-151.

NERY, Ana Claudia Bortoleto; GONDRA; José. *Imprensa pedagógica na ibero-américa* [recurso eletrônico]: local, nacional e transnacional. 1. ed. São Paulo, Alameda, 2018.

NEVES, Abdias. *A guerra do Fidié.* 3. ed. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985.

NEVES, Camila Oliveira. *A expansão da escolarização primária pública piauiense (1900-1946).* 2017. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017.

NIUAIA, Sérgio Vieira. *Escola como campo de batalha:* impressos, formação de professores e psicologia da educação em Moçambique (1969–2010**)**. 2019. 383f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

NORA, Pierre. "Entre memória e história: a problemática dos lugares". *Projeto História*: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, v.10 p.7-28, jul/dez. 1993.

NÓVOA, Antonio. A imprensa de educação e ensino: concepção e organização do repertório portugues. In: CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara; (org.). *Educação em revista:* a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo, Escrituras Editora, 2002, p.11-31.

NUNES FILHO, Djalma José. *A cidade e o rio:* a navegação fluvial e o extrativismo vegetal na organização do espaço de Floriano-PI (1890 – 1950). Tese de Doutorado. Programa de

Pós-Graduação em Geografia (Instituto de Geociências), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

NUNES, Odilon. *Pesquisas para a história do Piauí.* Teresina, FUNDAPI; Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2007 (Coleção Grandes Textos, v. IV).

PARADA, Maurício. *Educando corpos e criando a nação:* cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo. Rio de Janeiro, Ed. PUC-Rio, Apicuri, 2009.

PERES, Eliane. Viagens e passeios familiares e escolares registrados em cadernos de alunos (1957-2015). In: *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica,* Salvador, v. 02, n. 05, p. 290-309, maio/ago. 2017.

PINHEIRO FILHO, Celso. *História da imprensa no Piauí.* 3 ed. Teresina, Zodíaco Editora, 1997.

PINHEIRO FILHO, Celso. *História da imprensa no Piauí.* 4 ed. Teresina, Bienal Editora, 2017.

PINHO, Silvia Oliveira Campos de. *Alberto Torres*: uma obra, várias leituras. Belo Horizonte, 2007. Dissertação [Mestrado]. Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Programa de Pós-Graduação em História, 2007.

QUEIROZ, Teresinha. *Educação no Piauí*: 1880 – 1930. 2. ed. Teresina, Academia Piauiense de Letras, 2017.

QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República:* Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 2. ed. Teresina, Editora da Universidade Federal do Piauí; João Pessoa,

REGO, Ana Regina. *Imprensa piauiense:* atuação política no século XX. Teresina, Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.

REIS, Amada de Cássia Campos. *História e memória da educação em Oeiras – Piauí:* de meados do século XVIII à primeira metade do século XX. Teresina, Expansão EDUFPI, 2009.

REVEL, Jacques. *História e historiografia:* exercícios críticos. Trad. Carmem Lúcia Druciak. Curitiba, Ed. UFPR, 2010.

ROCHA, Clara. Revistas literárias do século XX em Portugal, Lisboa, Imprensa/Casa da Moeda, 1985.

RODRIGUES, Cibele de Sousa. *O Porvir, jornal literário e recreativo:* propriedade de uma associação de estudantes do Atheneu Sergipense (1874). 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, 2016.

RODRIGUES, Elaine. A imprensa pedagógica como fonte, Tema e objeto para a história da educação. In: COSTA, Célio Juvenal; MELO, Joaquim José Pereira; FABIANO, Luiz Hermenegildo Fabiano. (orgs.): *Fontes e métodos em história da educação.* Dourados, MS, Ed.UFGD, 2010, p.311-325.

SAMPAIO, Antônio. *Velhas escolas – grandes mestres.* Teresina: COMEPI, 1996.

SANTIAGO, Fátima de Araújo Góes. *A educação intelectual, moral e física no jornal escolar O Aprendiz:* Escola Técnica de Salvador (1944-1947) / Santiago, Fátima de Araújo Góes. Tese (doutorado) –Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

SANTOS, Rodrigo Luís dos. *O nacionalismo brasileiro em uma área de imigração*: São Leopoldo e as ações da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, durante o Estado Novo (1937-1945). *MÉTIS*: história & cultura, p.217-231, jan./jun. 2015.

SCHELBAUER, Analete Regina; ARAÚJO, José Carlos Souza (orgs.). *História da Educação pela imprensa.* Campinas – SP, Alínea, 2007.

SCHMITZ, Zenaide Inês; COSTA, Miguel Ângelo Silva da. Educação, infância e nacionalismo: uma abordagem a partir das cartilhas escolares "Getúlio Vargas para crianças" e "Getúlio Vargas: o amigo das crianças". *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 18, n. 36, p.377-404, jan./abr. 2017. Disponível em: https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/19847238183620173 77/pdf . Acesso: 17 dez. 2021.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema.* São Paulo, Paz e Terra, Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SCHWETER, Isis Sanfins. *Organização e imprensa estudantil no Instituto de Educação Sud Mennucci (1952-1954).* 2015. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão:* tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo, Brasiliense,1995.

SILVA, Adriana Lima da; SALES, Maria da Conceição da Silva; ABREU, Jânio Jorge Vieira de Abreu. *Homens na escola normal e a profissionalização docente para os anos iniciais do ensino fundamental de Teresina (PI):* 1910 à 2000. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/fiped/2012/6403675579f6114559c90de0014cd3d6.pdf. Acesso: 5 out. 2021.

SILVA, Edilene Lima da. *Educação feminina no ensino secundário piauiense*: da escolarização à profissionalização (1960-1982). 2012. 121 f. Dissertação (Mestrado) – Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, 2012.

SILVA, Janaila dos Santos. *A concepção de mocidade no ensino secundário alagoano do século XIX*: reflexões entre o conhecimento psicológico e a educação. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2009.

SILVA, Zélia Maria Carvalho e; *História e memória da educação infantil em Teresina*: Piauí (1968 – 1996). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2008.

SOARES, Magda. *Letramento*: um tema em três gêneros. 4.ed. Belo Horizonte: Editora

Autêntica, 2010.

SOARES, Maria Alda Pinto. *"A Escola" em manchete:* educação e sociedade codoense (1916 – 1920). Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

SOARES, Norma Patricya Lopes. *Escola Normal em Teresina (1864 – 2003):* reconstruindo uma memória da formação de professores. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Piauí, Teresina – PI, 2004.

SOUSA, Cynthia Pereira; CATANI, Denice Bárbara. A imprensa periódica educacional e as fontes para a história da cultura escolar brasileira. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n.37, p.177-183, São Paulo, 1994.

SOUSA, Jane Bezerra de. *Instituições escolares no Piauí em páginas dos jornais (1961-1971)*. Curitiba, CRV, 2020.

SOUZA, Carla Zottolo Villanova. *No mundo das normalistas:* as representações da futura professora nas páginas das revistas Instituto e Normalista (1941-1953). Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio De Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SOUZA, Paulo Gutemberg de Carvalho. *Guilherme Müller e a invenção visual de Teresina*. Teresina, Livraria e Editoria Nova Aliança, 2017.

SOUZA, Rosa Fátima de. *História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX:* (ensino primário e secundário no Brasil). São Paulo, Cortez, 2008.

TEIXEIRA, Giselle Baptista. *A imprensa pedagógica no Rio de Janeiro:* os jornais e as revistas como agentes construtores da Escola (1870 - 1919). Tese (Doutorado). Programa De Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói - RJ, 2016.

THOMPSON John. *A mídia e a modernidade:* uma teoria social da mídia. Petrópolis; Vozes, 1998.

VALDEMARIM, Vera Teresa. *História dos métodos e materiais de ensino*: a escola nova e seus modos de uso. São Paulo, Cortez, 2010 (Biblioteca de história da educação básica, v.6).

VALE JUNIOR, João Batista. *Longe demais das capitais?* Cultura política, distinção social e Movimento Estudantil no Piauí (1935-1984). Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

VEIGA, Cynthia Greive. *História da educação.* São Paulo, Ática, 2007 (Ática Universidade).

VIDAL, Diana Gonçalves. 80 anos do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova: questões para debate. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 577-588, jul./set. 2013.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e processo educativo. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). *500 anos de educação no Brasil*, 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.497 – 517.

VIDAL, Diana Vidal. *Cultura Escolares*: estudo sobre prática de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX). Campinas, SP, Autores Associados, 2005 (Coleção Memória da Educação).

VIDAL, Valdevania Freitas dos Santos. *O Necydalus:* um jornal estudantil do Atheneu Sergipense (1909-1911). 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-

VIDAL; Diana Gonçalves; CAMARGO, Marilena Jorge Guedes de. A Imprensa Periódica Especializada e a Pesquisa Histórica: Estudos sobre o Boletim de Educação Pública e a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos.* Brasília, v. 73, n. 175, p. 407-430, set./dez, 1992.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. *A pesquisa em história.* 5ed, São Paulo, Ática, 2007.

VIEIRA, Patrícia Machado. *Psiu! Fermento!:* pastoral da juventude e imprensa estudantil nos anos 1980 a 1990. 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

VILANOVA, Francisco Gomes. Vestígios autobiográficos na imprensa periódica escolar no Piauí. In: REIS, Amada de Cássia Campos; MONTI, Ednardo Gonzaga Monteiro; FERRO, Maria do Amparo Borges. (orgs.) *Narrativas (auto)biográficas:* educação, pesquisas e reflexões, Teresina: EDUFPI, 2019. p.147 – 170.

ZANIN, Cristiane Antunes Stein. *A imprensa escolar no Paraná:* práticas escolares e cultura cívica no Estado Novo (1939-1942). 352 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná. Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Curitiba, 2020.